

MAINA MATTOS



RELUZIR



Amor Real

MAINA MATTOS

LIVRO 2
— RELUZIR —

REVISÃO:
Clys Oliveira

DIAGRAMAÇÃO:
Lilás Design

DESIGN DA CAPA:
Lilás Design

IMAGEM DA CAPA:
Esta capa foi projetada com
recursos do Freepick

CATEGORIA:
Ficção cristã

1ª EDIÇÃO:
setembro 2022

Amor Real Reluzir/ Maina Mattos
Caeté, 2022.
Esta é uma obra de publicação
independente.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode
ser reproduzida ou transmitida por
quaisquer meios sem permissão
por escrito dos editores, salvo em
breves citações, com indicação da
fonte.

Copyright © 2022 por
Ívina R. M. de C. Maiolo

[Amor e Fé](#)

[Prefácio](#)

[Mapa](#)

[Nota da autora:](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capí tulo 30](#)

[Capí tulo 31](#)

[Capí tulo 32](#)

[Capí tulo 33](#)

[Capí tulo 34](#)

[Capí tulo 35](#)

[Capí tulo 36](#)

[Capí tulo 37](#)

[Capí tulo 38](#)

[Capí tulo 39](#)

[Capí tulo 40](#)

[Capí tulo 41](#)

[Capí tulo 42](#)

[Capí tulo 43](#)

[Capí tulo 44](#)

[Capí tulo 45](#)

[Capí tulo 46](#)

[Capí tulo 47](#)

[Epí logo](#)

[Agradecimientos:](#)

[Amor e Fé](#)

[About The Author](#)

[Trilogia Amor Real](#)

[Books By This Author](#)

AMOR & FÉ

♥ COLETÂNEA ♥

Amor e Fé

A *Col et ânea* Amor & Fé nasceu quando, no coração de três amigas autoras, cresceu a vontade de levar para mais e mais pessoas uma mensagem do amor de Deus. Com o passar do tempo, mais duas autoras agregaram-se ao projeto.

A primeira edição da *Col et ânea* é composta por cinco romances cristãos que vão além da ambientação de igreja ou definição de religião. As histórias retratam mais que rotinas e costumes, mostram o agir de Deus na vida dos personagens, que da mesma forma acontece na vida real.

Com abordagens de temas diversos, mas com um único foco, o objetivo da *col et ânea* é disseminar para os mais diversos públicos mensagens de amor e fé que possam engrandecer de alguma forma, suas vidas.

Às mi nhas ami gas escri t or as e companhei ras da Col e

Amor e Fé, Cl ys, Al i ne, Dul ci e l

*À Al i ssa, mi nha pequena pri ncesa, que chegou no mei o
re vi são*

*Ao meu mar i do Fr anci sco, meu pri mei ro e úni co namo
ai nda que t enha est r agado meu sonho românt i co de um pri i
bei j o di gno de fi l mes e fot os do Pi ni*

*“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor,
estes três, mas o maior destes é o amor.”*

1 Coríntios 13:13

*“Mi nha conf i ança no f ut ur o descansa em mi nha conf i ar
Deus que cont r ol a a hi st óri*

R. C. Spr oul

Prefácio

Prefácio

Honrada com o convite de Maina Mattos para prefaci*ar Amor Real – Rel uzi*, asseguro que esta obra vai te transportar até Cibele e te envolver em uma escrita leve e fluída, que te prenderá do começo ao fim.

Maina Mattos une tudo o que há de melhor no universo literário, instigando-nos a adentrar cada vez mais no emaranhado de emoções, pelo qual ela nos conduz através das suas palavras, retendo, assim, toda a nossa atenção na sua narrativa.

Por sua explanação cativante, nos apresenta a personagens genuínos, gerando uma afeição instantânea para com cada um deles.

Com o casal, encontramos-nos deslumbrados com um romance cheio de princípios, que nos faz acreditar no amor puro, simples e verdadeiro. O jeito extrovertido e amável da moça conquista todos os corações imediatamente, arrancando-nos boas risadas, ao passo que o príncipe nos arranca suspiros com a sua postura serena.

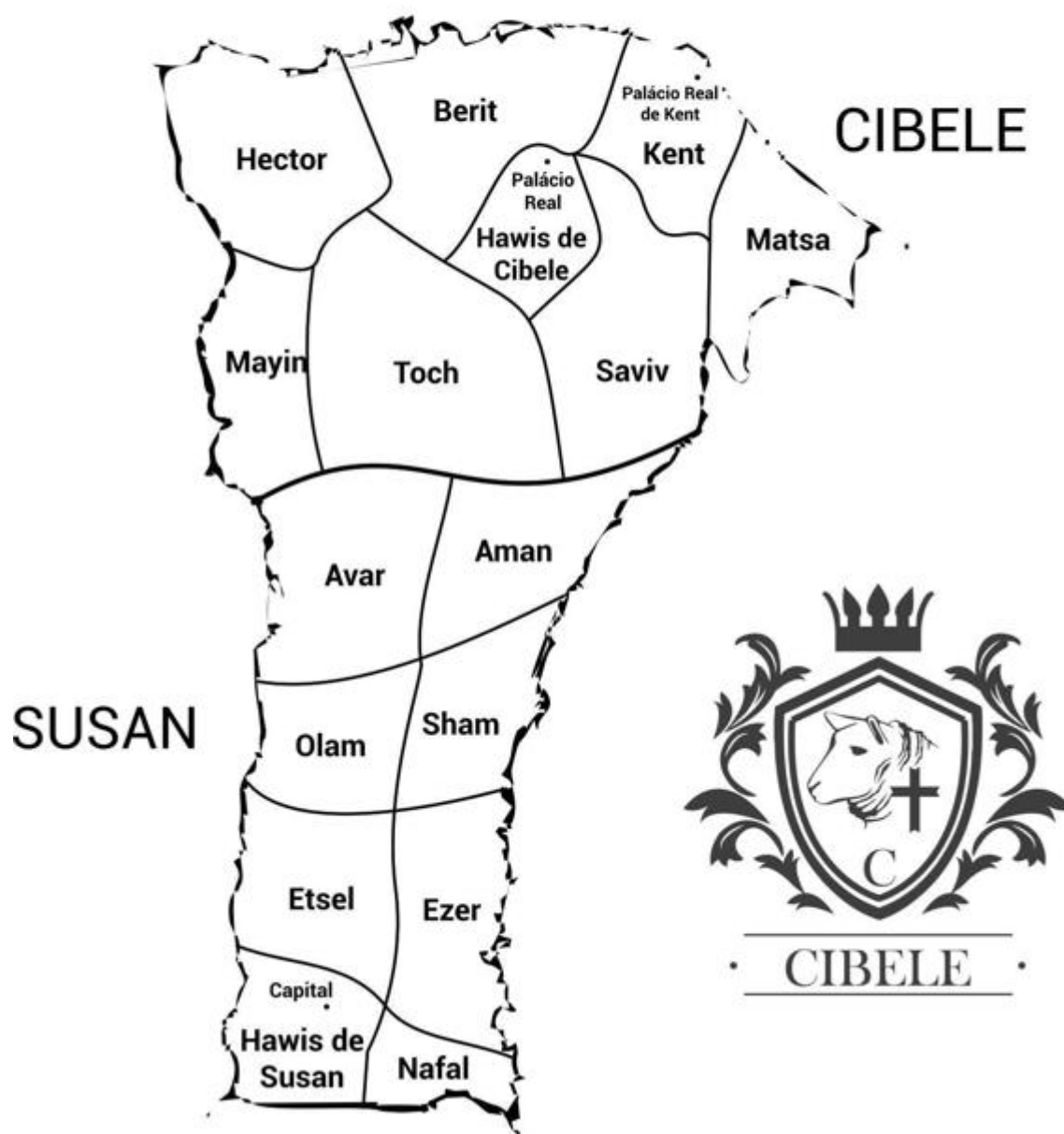
Com palavras certas, *Amor Real – Rel uzi* se tornou um canal do Espírito Santo para trazer renovo a cada um dos seus leitores, marcando-nos profundamente a cada ensinamento.

Por me considerar amiga da autora — e amar esse livro com tanto afinho, pois o vi nascer, dar os primeiros passos e crescer,

tornando-se um dos melhores livros de ficção cristã no mercado independente atual —, poderia ser suspeita em recomendar veementemente a obra. Porém, posso garantir que no fim da sua leitura você se sentirá, assim como eu, com o coração aquecido e desejosa por mais.

Kell Carvalho - autora de “Orei por você”

Ilha Hawis



Mapa
 Utilize esse mapa como auxílio para a compreensão do território do universo de Amor Real.

Hawis é uma ilha fictícia, composta por dois países, Cibebe e Susan. O primeiro é uma monarquia e o segundo, uma nação democrática. Ambos os países possuem acordos de livre acesso e comércio entre seus cidadãos. A ilha era, a princípio, uma colônia do Reino Integrado, país Europeu, igualmente fictício, tendo sua independência conquistada anos depois do início de sua colonização

Nota da autora

Nota da autora:

Antes de falar qualquer coisa sobre a obra, preciso alertar que você está prestes a iniciar a leitura do segundo livro de uma trilogia. Isso significa que, se você não leu o primeiro, eu aconselho a parar agora e buscar por *Amor Real - Despertar*. Temos aqui uma continuação, por esse motivo a leitura à parte do primeiro livro te deixará confuso(a) e sem compreender a história.

Tendo dito isso, quero registrar um pouco sobre o processo de escrita e revisão de *Amor Real - Reluzir*. Entre o término das postagens no *Wattpad* — onde eu sempre compartilho a escrita da primeira versão, o esqueleto da obra — e a revisão para a versão final e para o formato físico, houve um espaço de anos, nos quais muita coisa aconteceu. Sem prever, assim como a Anne que passou por algo semelhante, foi necessária uma pausa de alguns meses antes disso virar realidade. Aqui, agradeço a todos que aguardaram com paciência por esse processo. Ainda bem que uma das mensagens do livro é exatamente sobre o tempo de Deus, não o nosso — quase sempre apressado.

Bem, acontece que, nesses meses, tivemos a chegada imprevista de uma epidemia a nível mundial. Fomos obrigados a viver numa quarentena e isso mudou a rotina do meu lar, consequentemente, do meu tempo para a escrita. Esse é um acontecimento histórico para o mundo todo, que atingiu também o lançamento do livro dois da trilogia. Mas não para por aí: foi nesse

tempo que minha princesa foi enviada como presente de Deus — eu escrevo essa nota agora com ela no meu lado tentando arrancar os meus óculos. Minha quarta gravidez veio acompanhada de muito mal-estar, e os desafios de refazer a rotina agora com um bebê também fizeram parte desse período.

Contudo, com a graça de Deus, aqui estamos nós. Como a Anne, eu amadureci nesse tempo e aprendi coisas novas, pensei sobre o enredo e as mudanças que seriam necessárias. Por isso, se você leu a primeira versão no *Wattpad* perceberá como muitas coisas estão diferentes por aqui. Mas acredito que foram mudanças para melhor.

Por último, se você já conhece meu trabalho, deve imaginar o tipo de romance que verá nas próximas páginas. Se não, devo alertar que meus personagens vivem suas vidas amorosas segundo o que eu creio ser o viável para um cristão, no caso, o cortejo. Mas, já aviso, isso não será motivo para impedir você de ler esse livro com o coração quentinho, porque, vou prevenir, um pouco diferente do livro anterior, o tema central é o romance romântico, e nas entrelinhas você encontrará uma mensagem ainda maior, sobre alguém superior.

Ah, e por favor, não se esqueça de que há ainda mais um livro, o último da trilogia. Isso significa que algumas respostas, algumas verdades e algumas mensagens só serão reveladas na conclusão da saga de Anne Davies e seu lindo universo em Cibeles. Então, se acalme e aguarde porque a trama só será fechada em *Amor Real - Confimar*

Então, é isso. Espero que você goste da jornada adiante e aprecie esse conto de fadas moderno e cristão, porque foi exatamente essa ideia que gerou Cibeles, Anne, Edwin e tudo o mais que envolve *Amor Real*



Prólogo

Prólogo

I Iha Hawis, 1706.

— Majestade! Majestade!

Rei Charles Hawis desviou a atenção das duas pequenas princesas que naquele instante demonstravam um súbito interesse por uma borboleta das asas azuis celeste, cintilando sob a luz do sol, para virar-se em direção aos gritos agudos vindos de um indivíduo masculino arfante. Suas filhas corriam soltas pelo gramado e naquela altura já estavam descalças com os cabelos desalinhados, duas figuras completamente diferentes de como se portavam quando eram mantidas sobre os muros do Castelo de Flush, no Reino Integrado.

— Diga-me, Berick, existem mulheres mais belas do que Cibebe e Susan? — o rei questionou quando seu assistente se

aproximou. Ele preferiu ignorar a expressão de urgência no semblante do homem que fazia uma breve reverência.

— Com certeza não, Majestade. Quando forem mulheres feitas, Suas Altezas serão deveras admiradas. — Berick deu um pequeno intervalo para o rei apreciar seu elogio, antes de estender um envelope em direção ao monarca. — Notí cias do reino.

— Diga-me que são boas notí cias, Berick! — Charles abriu o envelope e, pelo sorriso do seu homem de confiança, imaginava o que encontraria descrito no papel.

— Lies retomou o poder, senhor. O Reino Integrado está de novo em nossas mãos.

Uma mistura de sentimentos surgiu e intensificou-se no coração do Rei. O momento já era esperado, desde o enfraquecimento dos grupos rebeldes nos meses anteriores. Era questão de tempo para extinguir de vez a desordem instalada pelos grupos separatistas do Norte que, aproveitando do momento da Grande Mudança, quando o Rei decretou o cristianismo como religião oficial do país, espalharam a discórdia e o caos para tentar tomar o trono.

— Lies já preparou todo o retorno da família real para o Reino Integrado, Majestade. O caminho está livre para assumirem o lugar que é seu por direito. O povo aguarda o retorno da monarquia com grande alegria.

Lies. O grande e confiável Lies. Um amigo pessoal, que poupou a vida da família real, arriscando a sua própria e assumindo o comando no cenário caótico instalado no país com a rebelião desencadeada após o anúncio do Rei. O cristão amável, responsável por fazer Charles enfim enxergar a verdade, e compreender os Caminhos do Alto, trilhados por sua amada esposa. Ah, como ele desejava retornar ao passado e ajoelhar-se com ela em oração em favor do Reino, ao invés de zombar de sua calorosa fé.

Charles suspirou. Há tempos ele esperava o momento chegar para dar o difícil veredito. Quando saíram as presas do Reino Integrado, na Europa, três anos antes, sabendo do iminente risco que corriam, visto que havia uma alta soma de riquezas oferecida

pela cabeça do Rei e de suas herdeiras, ele não tinha ideia de como sua vida se transformaria.

A pequena Ilha, descoberta anos antes pelo grande navegador integralense Robert Stuart, havia sido menosprezada pelo Reino, e Charles mal sabia da diversidade de riquezas daquela terra distante pertencente a sua nação. Mas agora, conhecendo de perto a sua colônia, Charles havia se apaixonado pelo lugar e lá teve a chance de recuperar tempos perdidos de sua vida com as constantes cobranças diárias sobre os problemas do país. Também havia em jogo a felicidade e liberdade de suas filhas, Cibeles e Susan.

— Papai! Olhe, eu consigo voar como a borboleta! — Cibeles gritou enquanto corria, balançando os braços e sentindo o vento tocar o seu rosto.

— Você é uma linda borboleta, Cibeles. E você também, querida Susan. — O rei sorriu e levantou-se do chão gramado, usando a mão de Berick como apoio. — Há tempos eu tenho orado por uma direção, Berick. Veja, percebe como elas são livres e felizes aqui?

— Sim, senhor. Suas Altezas estão radiantes. Elas amam a Ilha.

Charles manteve-se em silêncio observando as filhas por mais um instante, antes de assumir sua postura de Rei. Era hora de fazer o que foi preparado a vida toda para fazer: tomar decisões difíceis. Ele caminhou até seu escritório, onde a equipe já estava reunida, preparados para entrar em ação ao simples comando do monarca.

— Escreva agora mesmo para o Reino Integrado — ditou o Rei. — É com enorme alegria e satisfação que comemoro a vitória das forças aliadas contra essa terrível ameaça à nossa nação. A meu querido Lies, minha eterna gratidão. Informo que, depois de muito orar, decidi me estabelecer, junto com as Princesas Cibeles e Susan, aqui, na ilha Hawis, fazendo desse lugar o nosso lar.

Houve murmúrios pela sala, mas o monarca ignorou e continuou seu discurso, o qual havia sido transcrito para um papel por um de seus meticulosos assistentes.

— Assumirei minha posição de liderança da colônia e deixo o total comando do Reino Integrado sobre os ombros de meu fiel escudeiro, Lies Lumbb II, em quem eu confio ser capacitado a liderar em prol de nosso amado país. Aliançaremos um pacto duradouro entre o Reino Integrado e sua colônia, a Ilha Hawis, de comum acordo, responsabilizando o país pela prosperidade e demais necessidades do nosso atual lar, mesmo após a minha morte. Abriremos a colonização de povoamento da ilha para cristãos perseguidos em todo o mundo, que desejam a liberdade de cultuar ao nosso Deus sem represálias. Nós ofereceremos terra e juntos, com trabalho, esforço e dedicação, construiremos uma nação forte, autossustentável, onde o Senhor reinará eternamente.

O Rei olhou pela janela, onde suas filhas ainda brincavam. Elas haviam se transformado desde a chegada à ilha, e estavam constantemente sorrindo, livres e felizes.

— Já deixo testamentado a divisão da ilha Hawis, em dois reinos aliados. Ao norte, o controle ficará sobre a herança de Sua Alteza Cibebe, e, ao Sul, Sua Alteza Susan se tornará herdeira. Quando se casarem, o poder automaticamente será passado a sua família, mesmo se porventura eu ainda esteja vivo.

Havia mais a ser dito e muito mais a ser posto em prática. Seria necessário pedir tropas, pessoas dispostas a trabalharem para a expansão da colônia, firmar acordos, criar leis, investir e organizar, descrever detalhadamente os direitos e deveres entre os dois países, fixar a autoridade de Lies e detalhar como seria a atuação do amigo em relação à autoridade do atual Rei.

Charles sabia que havia renunciado ao seu posto. Sabia que estava abandonando sua antiga vida e entregando poderes maiores que o seu próprio nas mãos de seu mais querido amigo. Mas naquele momento, o Rei Charles Cohen Greent Hawis sentiu seu coração ser tomado por uma paz extraordinária e uma alegria sem fim o dominou.

Ele sabia que havia grandes planos para aquela ilha, não apenas em seu coração.



Capítulo 1

Capítulo 1

Susan, I Ilha Hawis; 2017

Há três meses que os dois países da Ilha Hawis, Cibeles e Susan, entram em completa euforia.

Em janeiro celebramos as Festas da Colheita, quando toda a população se une em ações de graça pela fartura produzida por nossa amada e rica terra. Durante uma semana, ambas as nações desencadeiam uma onda de alegria e festividades. Amigos e familiares compartilham a mesa, trocam presentes entre si e participam de diversas brincadeiras culturais, tradições criadas no princípio da colonização e mantidas anos a fio, produzindo um verdadeiro êxtase em qualquer ponto da Ilha Hawis. Cultos, louvores e orações são entoados por toda parte, e nós não nos esquecemos de agradecer pela bênção da prosperidade e desenvolvimento de nossos amados países.

Em março, durante três dias consecutivos, a alegria também se faz presente na Festa da Chegada, momento em que

relembramos o desembarque do Rei Charles Hawis e Suas Altezas Cibeles e Susan, ainda crianças, na província de Matsa, sendo o primeiro dia da nossa história da nossa grande nação. O que era para ser um lar provisório, passou a ser o tesouro do coração do nosso primeiro Rei, decidido a fixar sua morada para sempre na Ilha, fazendo-a progredir e abrindo as portas para cristãos do mundo inteiro. Após um árduo trabalho, nossa Ilha prosperou e virou o lar de milhares de pessoas, onde o Senhor ainda é declarado como o único e verdadeiro Deus.

A última grande festa se dá em novembro. É uma época quando se comemora a independência total da Ilha Hawis do pai europeu, o Reino Integrado. Econômica e politicamente, a Ilha tornou-se um país soberano, restando com o seu antigo colonizador apenas um tratado duradouro de acordos mútuos. A Ilha e o Reino mantêm suas alianças fortalecidas de diversas formas, uma delas se dá com casamentos estabelecidos entre os membros da família real dos dois países, como o caso da união entre o Príncipe Elliot, herdeiro do trono de Cibeles e a Princesa Cloe. É em novembro quando ocorrem as paradas militares, os desfiles, os hinos são cantados a plenos pulmões, quando o patriotismo chega ao clímax.

Eu costumava amar essas datas. Apreciava as festas e a emoção das doces recordações que elas nos arremetem. Seja as lembranças do passado e da linda história construída pela nossa pátria, seja dos momentos familiares, quando nos reuníamos, cheios de expectativas, júbilo e gratidão a Deus em cada comemoração. Ainda me lembro do dia em que papai se arriscou a entrar em uma competição da Festa da colheita, cultivando dentro do apartamento um pé de laranja em miniatura, torcendo para dar os frutos no momento certo. Mamãe ficava com os cabelos em pé devido à bagunça que ele fazia com seus fertilizantes malucos.

Entretanto, devido à grande reviravolta sucedida em minha vida, essas mesmas datas passaram a produzir memórias difíceis de lidar. As doces recordações se tornaram um pouco amargas, o regozijo foi substituído pelo pesar e a perda se tornava acentuada quando a realidade batia à porta e nossas reuniões se resumiam a Oliver e eu.

Claro, eu não podia ser ingrata com o Senhor. Ele ainda era nosso Pastor, cuidando de cada pequeno detalhe e necessidade. Mas esse fato não afastava as dificuldades e o sofrimento acentuado nessas épocas, quando tudo era tão vivo e doloroso.

E estávamos em março. Isso significava uma verdadeira euforia crescente pelas ruas de Susan, tendo seu ápice máximo no dia 19, quando o país seria tomado por shows, fogos, eventos e mais festividades.

— Nessas horas eu sinto muita falta de Cibele — murmurei para Melody após avistarmos a movimentação de trabalhadores em prol da publicidade de um grande show que ocorreria perto da minha casa. Como acontecia, rotineiramente, ela estava sentada no banco do passageiro do meu carro, pegando uma carona para o trabalho. — Lá, ao menos as festas costumam ser mais familiares. Não gosto da baderna e do aumento da promiscuidade.

— Sem dúvidas, amiga. E para nós, toda essa comemoração significa trabalho extra. Às vezes me pergunto o porquê de ainda estar presa àquele hotel — ela exprimiu com um suspiro dramático.

Eu ri. Com dada frequência, quando o hotel recebia uma grande soma de hóspedes, Mel fazia a mesma reclamação.

— Por que ganhamos muito bem? Por que você não tem outro emprego melhor em vista? Ou por que, de fato, gostamos do serviço?

— Graças a você, minha querida Anne. Se você não tivesse entrado naquele quarto e conhecido o Sr. Marfim, eu estaria até hoje trabalhando em uma micro recepção, atendendo hóspedes deselegantes e barraqueiros enquanto você limpava quartos. — Melody torceu o nariz, recordando-se de quando nosso trabalho era bem menos glamoroso.

— Mas lidamos com pessoas arrogantes muitas vezes.

Minha amiga e companheira fez a costumeira expressão de “me poupe das inconveniências”, como ela dizia. Nós caímos na gargalhada e eu pude me esquecer um pouquinho do peso das lembranças de Cibele.

Melody e eu nos conhecíamos desde a infância e ela havia se tornado como uma irmã para mim. Quando Oliver e eu precisamos sair às pressas rumo a Susan, ela nos acolheu, nos deu

abrigo em seu pequeno apartamento e intercedeu a meu favor no hotel onde trabalhava para me oferecerem a oportunidade de um emprego. Foi ela também quem me consolou, ouviu meus lamentos e suportou minhas crises de indecisões sobre o futuro, no momento mais complexo desde a morte dos meus pais, quando precisei enfrentar uma grande e difícil mudança, deixando para trás coisas preciosas aos meus olhos. Ela sempre estava pronta para ajudar, até mesmo com os trabalhos exaustivos do meu curso. E quando a oportunidade de uma promoção no hotel apareceu, eu a levei comigo para trabalharmos juntas.

— Hoje só temos um *hóspede especial* — ela informou após checar as fichas de reservas três vezes, lançando-me um sorrisinho cúmplice. Como de costume, assim que chegamos para o trabalho, ela corria em busca de informações para saber se atendemos alguém do interesse dela.

— Eu sei — respondi, jogando a minha bolsa dentro do armário na nossa ala. — Ele me mandou uma mensagem. Vou jantar com ele hoje. Sozinha, porque Oliver não animou, ele anda muito reservado com as coisas dele.

— Ah, e aonde irão? Eu queria ser protegida de um homem desses!

— Oh, Melody! — repreendi minha amiga, dando-lhe um tapa nos ombros. — Falando assim soa como algo inapropriado.

— Bom, não posso reclamar de sua sorte. Tenho certeza de que não teria agido como você. Se fosse eu, sairia rapidinho do quarto, morrendo de vergonha por ter interrompido um momento tão íntimo dele. — Mel olhou-se no espelho, conferindo se seu uniforme estava alinhado. — Eu nunca imaginaria recompensa tão grande por causa de um doce!

Não dei vazão para suas insinuações porque conhecia bem a tendência de Melody em render suas brincadeiras, principalmente quando eu era o centro da piada. Ela adorava pegar no meu pé. Sempre que podia, se esforçava para arrancar um sorrisinho do meu rosto, e eu a amava ainda mais por isso.

— No último jantar, eu derrubei uma taça de vinho, Mel. — Posicionei-me ao lado dela a fim de também observar meu reflexo no espelho e ajeitei meu cabelo. — Um vinho caríssimo A toalha

branca ficou em um estado deplorável. Oliver não parava de rir de mim. Eu imagino a senhora Abigail assistindo a cena.

— Anne, você é um desastre! — Melody imitou a voz cerimoniosa da mulher responsável por ensinar etiqueta e boas maneiras aos funcionários do hotel. — Você chama por problemas! Como pode uma jovem tão doce ser tão desastrada?

— Você se esqueceu do: “além de falar demais”. — Dei uma risadinha abafada me recordando de como eu demorei séculos para atingir um ní vel tolerável de bons modos para a Sra. Abigail.

— Ah, Anne! — Mel se virou e colocou a mão em meu braço direito. — Esse é o segredo da vida, achar graça de si própria.

Melody me afagou com carinho e nós terminamos aquele momento de irmandade, voltando nossa atenção ao trabalho. Desde nossa promoção para a ala presidencial do hotel, exercendo a função de *Maj or dome*^[4] na mordomia do *Grand Hot el de Hawi s* nosso foco eram os prestigiados hóspedes. Eram poucos os hotéis que ofereciam tal serviço diferenciado, atraindo, assim, a alta sociedade, as mais diversas celebridades e os turistas mais importantes. Em resumo, eles pagavam uma taxa altí ssima para serem bajulados e terem todas as suas vontades e extravagâncias atendidas. E éramos nós quem corrí amos atrás para atendê-las como possí vel — quando não, também fazendo o impossí vel.

Certa noite, recebemos a ligação de um ator famoso, hospedado com sua esposa mexicana grávida, cujo desejo de comer tacos surgiu às 3 horas da manhã. Eu e Melody corremos por toda a cidade durante a madrugada atrás do bendito pedido. Acabamos batendo na porta da casa de um chefe de um restaurante especializado e o tiramos da cama até conseguirmos sair com ao menos meia dúzia das iguarias bem recheadas. O resultado foi uma gestante satisfeita, um marido agradecido, e uma alta gorjeta para nós e para o cozinheiro da madrugada.

Nós colecionávamos histórias e situações inusitadas. Na maior parte delas, o momento era de grande tensão e um corre-corre louco, resultando em estresse para a parte dos envolvidos. Mas, depois, tudo virava motivo de risos e divertidas lembranças das nossas confusões e maluquices em prol de nossos clientes.

Entretanto, naquela noite, nada sairia do controle. Nosso hóspede preferido era pessoalmente íntimo e possui uma rotina fácil de agradar. Além do que, eu já o conhecia suficientemente para deixá-lo satisfeito, prevendo todas as suas necessidades e garantindo conforto e boa companhia: no caso, a minha.

Otto Marfim era um dos homens mais amáveis e gentis que eu conhecia e Deus havia unido nossos caminhos de uma forma inusitada.

— Já está tudo em ordem, Anne. O chá estará na mesa, fumegante, antes dele pensar em atravessar a porta do quarto. Já pedi os biscoitos de manteiga e fui informada sobre a limpeza impecável realizada, como ele gosta. — Mel conferiu a lista de afazeres mais uma vez para certificar-se do cumprimento de suas responsabilidades.

— Perfeito! Gosto de vê-lo sempre satisfeito.

Nós tínhamos uma pequena área de trabalho privativa, localizada na recepção presidencial, exclusiva para os hóspedes dos andares superiores. Às vezes, quando não recebíamos hóspedes exigentes, nosso trabalho era tranquilo e nos juntávamos a outros funcionários para jogar conversa fora ou ajudar em algo que porventura viesse a ser necessário.

Naquele dia em especial eu estava muito alegre. Em parte, por considerar o jantar agradável e a boa companhia da noite, parte por viver um dos dias quando Deus me dava uma graça especial sem motivo específico. Acabei trabalhando cheia de entusiasmo, distribuindo sorrisos e palavras animadas a todos à nossa volta, e me mostrando bastante tagarela no horário do nosso intervalo. Tal fato não passou despercebido aos olhos da minha melhor amiga.

— Hoje você está feliz, hein? — Melody deu um sorrisinho provocativo empurrando de leve o meu ombro quando retornávamos da lanchonete onde costumávamos fazer nossos lanches. — Raramente vejo você de tão bom humor estando nos dias próximos das comemorações.

— É verdade. — Olhei para ela de relance, concordando. Nós atravessamos a porta principal de entrada do hotel e depois de cumprimentar o simpático porteiro, eu suspirei pensativa. — Talvez,

enfim, esteja superando a dolorosa saudade de um passado que não retornará mais.

— Ou superando o coração partido por ter saído de Cibeles deixando para trás...

— Melody! — Parei de caminhar e a encarei com seriedade. — Por favor, não comece!

A mulher de volumosos e brilhantes cabelos cacheados fez um sinal com as mãos, se desculpando. Ela conhecia muito bem, até mais do que eu, as consequências e angústias de precisar negar uma paixão não correspondida ou, como no meu caso, não concretizada. Além do mais, há muito tempo evitávamos entrar naquele assunto. Melody havia sido meu ombro amigo e dispôs seus ouvidos quando precisei desabafar da dor da perda, da saudade e das minhas próprias dúvidas se estava agindo de maneira equivocada. Ela, inclusive, respeitou quando eu omiti a identidade do homem por quem meu coração havia se inclinado. Não que eu não confiasse nela para expor meus segredos, contudo, de algum modo, parecia que deixar aquele espaço em branco me poupava de aprofundar em questionamentos ainda mais desagradáveis.

Nós paramos por um momento na recepção principal e estávamos conversando com a Racielly, uma das recepcionistas, quando Mel me deu um cutucão e ajustou a postura subitamente.

— Não olhe agora, Anne, mas tem um homem maravilhoso vindo em nossa direção e ele parece estar com os olhos fixos na gente. Amiga — ela chamou impaciente quando percebeu a falta dos meus movimentos —, você não vai apreciar a imagem do deus grego vindo para cá?

— Você me mandou não olhar! — contestei para provocá-la. Quando a vi com a postura impecável, eu ri. — Mel, você não é nada sutil.

Lentamente levantei meus olhos e meu coração subiu até a boca quando eu vi quem era o homem caminhando com passos seguros até nós e um sorriso torto nos lábios.

— Zac? — o nome dele escapuliu da minha boca mais alto do que eu gostaria.

Instantes depois eu estava rodeada pelos braços dele, num amigável abraço.



Capítulo 2

Capítulo 2

Eu me lembro de uma época não muito distante, quando papai saía para longas viagens a negócios ou em missões. Como uma garotinha muito apegada a seu maior herói, eu não gostava nada de suas partidas, sabendo que só me restava esperar, tomada pela saudade e insegurança não o tendo por perto. Entretanto, também me recordo do momento exato de seu regresso, quando ele atravessava a porta de nossa casa e toda tristeza se dissipava enquanto ele me segurava firme em seus braços, por vezes me rodopiando no ar.

Tais memórias ainda eram muito vivas para mim, ainda que eu não pudesse vivenciá-las de novo. Certa vez, quando ainda era menina, ouvi uma conversa de meus pais e me atentei ao fato de mamãe mostrar preocupação com a segurança de papai em uma determinada viagem missionária. Eu vi a expressão de desassossego em seu rosto e, a partir daí, passei a suspeitar todas as vezes que ele viajava. Em uma determinada ocasião, ele não retornou no dia e horário previsto. Sentei-me no sofá, vigiando os ponteiros do relógio preso à parede, sentindo a aflição crescer a

cada segundo passando sem sinal dele. Mamãe tentou me consolar, garantindo que, embora atrasado, ele estaria presente para o jantar, mas nada parecia fazer efeito diante das preocupações de uma filha submersa em uma nuvem de medo. E quando eu pude vê-lo em segurança dentro de nosso lar, a sensação de alívio substituiu a tensão quando ele me pegou no colo e me apertou em seus braços.

— Eu estou aqui, minha boneca — com sua tranquilidade de sempre, afagou meus cabelos. — Eu senti muito sua falta.

— Ah, papai, eu estava com tanto medo de que algo tivesse acontecido com o senhor. Tive receio de não ver você novamente — respondi, chorosa, enquanto me contentava naquele lugar tão aconchegante e protetor.

Não compreendendo tamanha aflição me atormentando, ele me afastou um pouco para olhar dentro dos meus olhos.

— Anne, minha amada filha, eu sempre voltarei para casa, porque você, sua mãe e seu irmão são meus maiores tesouros. — Papai beijou minha bochecha molhada por algumas lágrimas e sorriu. — E, se porventura, algo me impedir de retornar, o Senhor nunca os abandonará e cuidará de você. Eu peço a Deus todos os dias para Ele se encarregar de guiar seus passos, dando-lhe a graça necessária para viver os planos Dele. E eu creio nisso, no cuidado Dele, como um Pai sempre presente, até quando esse pai aqui precisa dar uma volta — ele terminou fazendo cócegas em minha barriga, tirando sorrisos dos meus lábios.

Deus, na época, talvez estivesse me preparando para o dia quando papai não retornaria, e eu precisei me apegar, com desespero, àquelas palavras, às vezes um tanto vazias e distantes, sobre o cuidado do Senhor. Inúmeras vezes eu me sentei no sofá, observando o mesmo relógio, na esperança de que papai e mamãe entrassem de súbito pela porta e tudo não passasse de um sonho. A percepção do calor e proteção dos braços de meu pai me rodeando, e os sorrisos amáveis de mamãe trazendo de volta toda a alegria de nosso lar. Mas eles nunca voltaram e eu precisei seguir adiante, fixando minha certeza nas palavras de meu pai: Deus era por nós!

Talvez fosse esse o motivo de eu gostar tanto da sensação provocada por abraços.

— O que você está fazendo aqui? — questionei Zac assim que nos afastamos. Ele sorria e apesar de não ser tão enérgico como eu, parecia estar tão feliz quanto por me ver. — Ainda não acredito que você está aqui!

Abracei-o forte mais uma vez tentando sufocar um gritinho de alegria por vê-lo depois de tanto tempo.

— Anne, você não muda, não é? — ele afirmou com graça e nós desfizemos nosso contato. Erguendo as mãos em minha direção, um sorriso brincalhão iluminou o seu rosto. — Quase dois anos sem ver vocês, achei que era hora.

— Já passou da hora, na verdade.

Nós nos encaramos por alguns segundos em silêncio. Percebi as mudanças em seu físico. Estava mais forte, como era perceptível nos braços, fruto dos intensos treinamentos para seu novo cargo. Seu rosto, embora cuidadosamente barbeado, tinha perdido todo e qualquer traço juvenil; os cabelos não estavam mais tão longos, embora os fios ainda caiam sobre seu rosto. Ele tinha uma postura séria, mas, ao mesmo tempo, relaxada, deixando-o bastante charmoso; deveria estar arrancando suspiros das mulheres de Cibele.

Zac remexeu na alça de sua mochila e só então me dei conta da bagagem em suas costas.

— Você chegou agora de Cibele?

— Sim, desembarquei no aeroporto e vim direto para cá.

— E veio se hospedar aqui? — perguntei, com as mãos apoiadas na cintura.

— Bom, eu esperava receber um convite para passar a noite na sua casa — ele inclinou a cabeça se fazendo de inocente.

— A noite? Isso significa que vai partir amanhã? — Soltei meus braços e os deixei cair ao lado, plantando um pequeno bico nos lábios.

Zac assentiu.

— Estou a serviço, infelizmente.

— Zac! — protestei semicerrando os olhos. — Você disse que veio nos ver!

— Sim, vim vê-los. Aproveitei essa viagem de última hora para tirar um tempo para encontrar vocês. Você sabe como é difícil

sair de Cibebe nessa época do ano, tive uma grande sorte de conseguir fazer uma visita rápida. — Prevendo uma chuva de mais protestos, ele ergueu a mão direita com a palma da mão virada em minha direção. — Mas eu prometo que em minhas férias venho passar tempo suficiente para você e Oliver quererem me expulsar do apartamento.

— Oliver sabe que você está aqui?

— Não. — Ele moveu a cabeça em negativa. — Prefiro fazer uma surpresa.

Eu estava prestes a comentar sobre a alegria do meu irmão ao saber da novidade, quando Melody se aproximou trazendo em suas mãos um papel.

— Com licença, Anne, desculpe interrompê-la — ela falou exibindo uma postura profissional na frente de Zac, se esforçando para esconder a curiosidade sobre aquela visita inesperada —, mas tenho um recado importante.

— Ah, Melody! — Segurei no braço dela com uma mão e com a outra peguei o papel que ela me estendeu. — Me deixe apresentá-la a meu querido amigo e irmão, o Zac Samovier.

Zac se encontrava com uma pose quase de guarda, mas sorriu quando eu mencionei o seu nome.

— Então você é o famoso Zac! — Melody mudou sua postura, relaxando os ombros ao reconhecer o nome do amigo de quem eu tanto falava.

— E você é a famosa Melody! — Zac replicou, estendendo a mão em direção à jovem. Porém, ao invés de um aperto de mãos, ele deixou um beijo em seus dedos, levando Mel a corar o rosto, surpreendida com o gesto de cavalheirismo.

— Meus amigos mais queridos enfim estão se conhecendo! — exclamei, satisfeita, assistindo a cena de interação entre os dois.

— Bem — Melody recolheu a mão e entrelaçou ambas em frente ao corpo —, falta de ouvir sobre o famoso Zac, não foi. A Anne fala com muito carinho sobre você e sua mãe.

— O carinho é mútuo — Os olhos de Zac pareciam sorrir. — Ela e Oliver se tornaram nossa família.

— Deus é bom comigo, dando-me amigos tão amáveis que me acolheram como parte da família, quando e como eu precisava. E me refiro a vocês dois nesse caso.

Zac e Melody trocaram algumas palavras cordiais e eu dei atenção ao papel em minhas mãos. Com um rápido olhar, constatei que se tratava do cancelamento da reserva de Marfim. Minha preocupação ficou explícita, porque Mel logo veio esclarecer o motivo.

— Ele perdeu o voo — ela informou e, como eu, riu.

— De novo? — indaguei revirando os olhos. — Ele não aprende!

— Com certeza, não. — Mel deu uma risadinha contida.

— Eu tenho muito apreço por esse homem, mas às vezes ele é muito teimoso — confessei trazendo à tona meus sentimentos em relação às manias dele. — Ele vem amanhã?

— Não. — Mel apontou para outro papel anexado à reserva cancelada. Lá havia um pequeno bilhete escrito na letra da minha amiga, transcrevendo um recado de Marfim para mim. — Ele resolveu adiar a viagem para semana que vem. Já remarcou a estadia, inclusive. E ligará para você amanhã pela manhã.

Imaginando as desculpas que ele daria, dobrei o papel e entreguei de volta para minha amiga. Olhei de relance para Zac, depois para ela.

— Pode ir — Mel declarou parecendo ler meus pensamentos. Com um sorriso no rosto e um gesto de mãos indicou a saída. — Você tem a tarde e noite livres. Eu cubro o plantão, se precisar. Tenho certeza de que vocês dois tem muita conversa para colocar em dia.

— Ah, obrigada. — Beije a face de Melody e ela fingiu não gostar do ato, me afastando com as mãos. Ignorei sua brincadeira e a abracei. — Você é uma excelente amiga!

— Fazer o que, não é? É mais forte do que eu. — Melody deu de ombros fazendo nosso acompanhante rir.

Instruí Zac a aguardar e deixei-o na companhia de Mel para buscar os meus pertences. A ausência de Marfim vinha em boa hora, ainda que eu gostasse tanto de sua companhia e lamentasse perder um bom jantar. Despedi-me do pessoal, agradei Melody

mais uma vez e parti com meu amigo no meu carro tentando imaginar a cara de surpresa de Oliver quando o visse.

— Conte-me, como vai a sua mãe? E o pessoal? Por favor, não me deixe alheia às notícias — pedi assim que dei partida no carro.

— Mamãe quase teve um infarto quando contei que viria vê-la. Ela sente muito a sua falta. Estou cansado de vê-la reclamando que videochamada não é a mesma coisa de um contato íntimo, face a face, com abraços trocados.

— Ah, como sinto falta dela — confessei, sentindo o mesmo que Samovier.

No caminho Zac continuou a falar sobre os meus conhecidos do palácio, muito embora centralizasse todas as informações apenas nos funcionários, evitando mencionar a parte nobre. Soube sobre a mudança do chefe Harris, cuja proposta de emprego de um restaurante famoso o levou de Kent. Tive notícias das meninas da cozinha, da limpeza, dos guardas e até de gente que eu sequer me lembrava, mas segundo meu amigo, falavam muito sobre mim por lá.

Depois ele me descreveu, com minuciosos detalhes, sobre seu novo cargo, no qual ele era responsável direto pela segurança pessoal do Príncipe. Contou do intenso treinamento e exigente preparação, relatou sobre seus colegas de trabalho, apontando os divertidos com quem ele se dava bem e os problemáticos, pedras no sapato dele. Descreveu algumas situações que enfrentou, fazendo-me rir com sua forma bem-humorada de especificar inclusive os momentos puxados da difícil responsabilidade sobre seus ombros.

— O trabalho exige muito de mim. Mas, o que posso fazer? Eu jurei defender meu país e isso tomou todo o meu tempo.

— Primeiro agente da coroa. — Tirei os olhos alguns milésimos de segundos do trânsito e o mirei rápido, apertando meus lábios. — Quanta honra, hein?

— De Kent. — Ele frisou erguendo o dedo indicador. — Primeiro agente da coroa de Kent. E você? — Ele olhou para meu uniforme. — Pelo visto abandonou de vez a literatura.

— Não é bem assim. — Aproveitei a parada no sinal vermelho para encará-lo. Meus dedos se remexiam no volante de

maneira involuntária. — Eu amei meu curso e, para ser sincera, adoraria trabalhar na área. Amo tudo o que envolve a literatura histórica, as traduções... Aliás, ainda me pego orando a Deus, tentando entender o porquê de ter me dedicado dois anos com afinco e Ele simplesmente ter mudado meus planos. Ao que parece, Ele sempre arruma uma maneira de mostrar um caminho diferente do planejado.

Eu forcei um sorriso, mas tocar naquele assunto sempre me desarmava. Apesar de ter passado por um longo processo para compreender que a vontade de Deus continuava sendo boa, perfeita e agradável, mesmo quando para mim ela parecia sem sentido, vez ou outra eu ainda precisava lidar com questionamentos e clamar a Deus para renovar minha fé diante das situações adversas.

— E agora Anne Davies passa seus dias dedicando-se a servir celebridades em um hotel!

— Bem, a princípio eu aceitei o emprego de camareira porque precisava muito de uma renda. — Levantei um dos meus ombros e tentei relaxar esperando o sinal abrir. — Mas Deus interveio e mudou minha sorte.

— Senhor Marfim. — Zac já sabia a resposta. Ele estava bem inteirado de todas as partes da história. — Preciso conhecê-lo. Ele parece ser um homem divertido e atencioso.

— Ah, com certeza. Sistemático e ciumento também. Mas é amoroso e gentil.

— Como todo avô deve ser — Zac disse com certa seriedade. Nós dois conhecíamos muito bem a ausência das figuras paternas em nossa vida.

— É, como um avô. Eu e Oliver tivemos sorte. O renomado Otto Marfim apareceu na nossa vida e só Deus sabe o quanto ele foi importante para nós, e não só financeiramente. Sinto-me privilegiada de tê-lo como padrinho, como ele se propôs a ser.

— Deus e seus planos!

O sinal abriu e continuei a caminho de casa. Aproveitei para partilhar sobre mim e os acontecimentos desde a última visita de Zac, que ocorreu alguns meses depois de nos mudarmos. Contei como havia descoberto, através do serviço no hotel, que amava cuidar de pessoas, amava lidar com elas e poder servi-las. Não

pude deixar de falar sobre meus excessos de vexames, principalmente os do início. Como eu fiz inúmeras besteiras perto de pessoas importantes, muitas vezes levando-os a rir dos meus atos involuntários. Zac me garantiu que eu havia encontrado um emprego perfeito para a minha personalidade.

— Chegamos! — avisei fazendo a curva para entrar na garagem do prédio.

— O apartamento é do Sr. Marfim? — Zac indagou olhando pela janela a fachada azul do prédio.

— Sim, é dele. A princípio eu recusei sua proposta, mas ele insistiu por muitos meses até eu não aguentar mais a pressão e concordar em me mudar para cá. — Estacionei o carro na minha vaga e sorri. — Como ele não aceitou receber um aluguel, eu resolvi doar o valor correspondente para algum trabalho missionário.

Tranquei o carro e subimos pelo elevador até o andar de meu apartamento. Girei a chave na fechadura cheia de expectativa com a reação de Oliver. Abri a porta e ofereci a entrada para Zac.

— Oliver? — gritei imaginando que ele estivesse no quarto. — Oliver, cheguei!

Demoramos a ouvir o som dos passos dele. Dificilmente meu irmãozinho se levantaria para me receber, mas, como ele me esperava apenas tarde da noite, veio descobrir o motivo do meu retorno tão antes do previsto. E a surpresa dele foi grande.

— Zac?

Seria muito insensível de minha parte se não me emocionasse com o reencontro dos dois. Estava explicando a afeição de um pelo outro. Zac havia se tornado uma figura masculina de grande importância na vida de Oliver, tornando-se um exemplo para meu irmão. Ele o admirava como homem, cristão, professor, profissional e tantas outras qualidades que faziam de Zac digno do título emprestado de “nosso irmão mais velho”.

— Não acredito, cara. Meu Deus, que surpresa boa! — Oliver, com um dos braços sobre os ombros de Zac, deu alguns tapas no abdome do amigo.

— Sei que estou devendo uma visita há muito tempo. Consegui um tempinho para vir ver vocês e aqui estou eu!

— E me diga, conseguiu colocar juí z na cabeça da Anne, convencendo-a a retornar para Cibeles? Porque se conseguiu, devo parabenizá-lo. Eu tento todos os dias, mas ela é uma cabeça dura.

Alternei o olhar entre Oliver e Zac, não escondendo o meu desprezo pela união dos dois para pegar no meu pé. Era golpe baixo!

— Você ainda consegue tocar no assunto — interveio Zac, fingindo indignação. — Eu nem posso confidenciar como Cibeles está mais triste e vazia sem ela. Não posso abordar como a ausência dela é sentida nos corredores do Palácio, tampouco mencionar o quanto sua luz e alegria nos faz falta naquele lugar melancólico. Inclusive mamãe está sempre reclamando sobre isso.

— Ah, me poupe, vocês dois! — Me afastei apontando para Oliver. — Você, acomode Zac no seu quarto que vou preparar nosso jantar. Fique à vontade se quiser tomar um banho ou descansar, Zac. A casa é sua.

Me retirei, mas ainda a caminho do quarto ouvi Oliver fazer a pergunta que, obviamente, eu havia evitado até então.

— Como está o Príncipe Edwin, Zac? — Meu irmão perguntou alto o suficiente para que eu pudesse ouvir, numa provocação pela qual eu já estava acostumada.

Fechei a porta antes de ouvir qualquer resposta, mas confesso, meu coração deu uma modesta acelerada. Mais de dois anos haviam se passado desde o meu último encontro com Edwin e eu acreditava ter superado toda a história que nos envolvia. Bem, ao menos não pensar nela ajudava, e muito, a não alimentar uma saudade que eu fazia de tudo para fingir não existir.

Tomei um banho, troquei de roupa e quando voltei para a sala, encontrei os dois rapazes conversando animados. Pela mochila jogada no canto do sofá imaginei que Zac sequer havia saído dali. Fui para a cozinha, de onde podia acompanhar de longe a conversa deles e preparei uma refeição rápida. Os assuntos entre eles giravam, principalmente, em torno do trabalho da guarda real.

Quando a mesa estava posta, nós jantamos juntos e precisei ouvir a zombaria de Zac em relação ao meu bom desempenho como dona de casa e cozinheira. Senti-me grata por tê-lo ali e nossa refeição foi leve e divertida. Demoramos a deixar a mesa e só

fizemos isso quando eu praticamente obriguei meu amigo a tomar um banho para poder descansar.

Assim que ele voltou para a sala, de banho tomado e roupa trocada, Oliver foi para o chuveiro, prevendo a longa noite que teríamos pela frente. Zac e eu nos sentamos na sala e a conversa continuou tranquila até o temível momento, quando, por fim, ele mencionou Edwin.

— Ele não está muito bem, tem enfrentado muita pressão. Há uma crise instaurada em Cibeles atingindo à Realeza. Às vezes sinto que ele se sobrecarrega demais. Você deveria ligar para ele.

— Zac, nós já falamos sobre isso...

— Anne, isso é ridículo! É muita infantilidade de sua parte, você sabe, não?

— Eu sei — confessei e abracei uma das almofadas que enfeitavam o sofá cruzando os pés em cima do assento. — Mas eu não sei se conseguiria. Não estou pronta, acho que nunca estarei.

Zac não havia compreendido, a princípio, minha partida súbita de Cibeles, embora tivesse me auxiliado em todo o necessário. Ele me repreendeu, inclusive, por evitar conversar com Edwin, deixando apenas uma carta de despedida. E, para piorar, prometeu, a contragosto, não interferir nas minhas decisões e se meter no meu “relacionamento” com o Príncipe.

Na verdade, ninguém, tampouco eu mesma, conseguia compreender minha partida. Eu apenas sabia que havia tomado a decisão certa e tentava aceitar as consequências dela. Mas, na minha fraqueza, acabei escolhendo cortar todo o contato com Edwin, receando não conseguir superar a paixão e meu coração enganoso acabasse por fazer uma grande besteira.

Como eu temia, a menção do assunto trouxe o silêncio junto de si. Esse ponto já havia causado inúmeros desentendimentos entre nós dois no passado. Entramos em discussões algumas vezes, mas eu continuava não dando o braço a torcer. Havia decidido me resguardar e ninguém tirava a ideia da minha cabeça.

— Não acho que um contato tornaria as coisas diferentes agora. — Zac abaixou a cabeça e esfregou o rosto. Seu tom de voz estava alterado, denotando a impaciência de precisar discutir o assunto pela milésima vez. — Anne, por favor, você está sendo

irracional. Edwin não é um tirano que vai obrigá-la a voltar, tampouco vai agir de maneira insensata. Ele não te procurou durante esses anos, respeitou sua vontade.

— Ai, Zac, você não entende! — exprimi, desviando meu olhar para longe.

— Não entendo mesmo. Vocês são duas das pessoas que eu mais admiro na vida e, sinceramente, sei o quanto sentem falta um do outro. E pior, eu fico no meio de tudo isso, vendo os dois lados sem poder interferir. Sei o que prometi, mas acho injusto de sua parte não me deixar explicar a ele suas motivações.

— Claro que não! Você diria o que? — questionei, imaginando Zac dizendo a Edwin que eu havia me apaixonado perdidamente e precisei fugir dele, literalmente, para não dar asas ao sentimento impróprio, uma vez que eu compreendi que meu lugar não era na Realeza. Claro, eu nunca havia dito essas coisas abertamente para meu amigo, mas ficara implícito nas nossas diversas conversas.

Zac deixou o corpo relaxar no encosto do sofá e uniu as mãos. Olhou para o teto e suspirou.

— Deixe as coisas como estão, Zac — pedi com a voz fraca. — Agora que tudo está bem, eu consegui me encontrar, superar as mudanças e tudo o mais. Por favor, não foi fácil para mim, você sabe disso.

Ele se virou e segurou minha mão por um momento, ajustando a postura.

— Tudo bem. Não vamos falar mais disso.

— Obrigada. — Apertei a mão dele e ele se afastou.

Zac desviou o assunto e eu agradeci em silêncio pela sensibilidade dele. Oliver, pouco depois se juntou a nós e terminamos a noite como previsto, conversando até de madrugada, só nos rendendo à cama quando o sono reinou mais forte. Era como se não houvesse aquele espaço de tempo e de distância entre nós. Como se nada tivesse acontecido depois daquele baile e tudo fosse exatamente igual há mais de dois anos antes.

Já deitada, na solidão e no silêncio do meu quarto, fiquei um pouco angustiada. Eu não estava livre do desconforto por precisar encarar, mais uma vez, algumas lutas. Eu não gostava de quando a

dúvida me assolava, tampouco de precisar sufocar tudo para não ouvir a minha vontade em querer fazer como eu achava melhor. Eu precisava confiar em Deus e em Seus planos e caminhos, ainda que não os compreendesse. Mesmo sofrendo e não achando uma simples explicação para tantas perdas e desvios.

Oh, Senhor! Eu suplico e dei xeme t er paz. Não sei se consigo suportar a mudança, outra perda. O Senhor sabe o quanto foi difícil o quanto eu te enhonecessi t adde sua graça. Por isso eu te peço, dei xe as coisas como estão.

E antes mesmo de terminar minha oração, meu coração completou: *Atualmente, seja feita a tua vontade, não a minha.*



Capítulo 3

Capítulo 3

A semana seguinte após a partida de Zac foi agitada. Com a aproximação das festas, a cidade se tornava bastante movimentada e o hotel recebia muitos hóspedes. Todo o alvoroço acabou por manter minha cabeça focada no trabalho e eu mal tive tempo de pensar em certas emoções afloradas com a visita dele.

— Ele é muito interessante! — Mel tinha os cotovelos apoiados no balcão e as mãos sustentando o queixo, exibindo todas as características de uma jovem sonhadora. — Tem certeza de que não há chances de existir nada a mais entre vocês?

— Mel — ergui os olhos desviando-me do trabalho por um instante e a encarei —, eu já te disse, Zac é como um irmão para mim. Considerar uma possibilidade dessas seria como considerar um incesto. Além do mais, ele nunca demonstrou nenhum interesse.

A morena suspirou e ergueu o tronco, apoiando a mão sobre o balcão, pouco se importando em verificar as reservas, que, aliás, ela deveria estar fazendo naquele instante. Quase podia ver nosso gerente aparecendo de súbito cobrando serviço.

— Por um momento, quando ele chegou aqui na semana passada, eu pensei ser ele o tal...

— Não é ele — assegurei com firmeza e entreguei a ela uma prancheta com os documentos para conferência. — Temos três hóspedes por nossa conta hoje.

Mel pegou a prancheta e folheou os papéis, um tanto entediada.

— Mal posso esperar a próxima semana. Nosso trabalho vai ser dobrado. — Ela fez uma careta e cessou os movimentos de vai e vem com as folhas das reservas. — Suí te804, é a do Sr. Marfim. — Ela conferiu o relógio pendurado na parede de nossa salinha. — Pela hora informada de desembarque, ele deve estar chegando.

— Já chequei e está tudo como ele gosta. O chá já está pronto para ser servido, inclusive. — Sorri exibindo para ela a minha checklist completa. Marfim era um hóspede fácil de atender, já que eu conhecia bem as suas manias e ele, embora sistemático, não costumava surpreender com nada além da sua costumeira rotina. — Tudo sob controle. Ele já me mandou mensagem, como sempre.

Mel riu e passou para a próxima folha um pouco mais animada.

— Suí te808 é dos desconhecidos Sr. e Sra. Montenegro. O check-in está previsto para às 21 horas. — Ela leu as anotações e torceu o nariz. — A princípio pediram para disponibilizar no quarto, frutas orgânicas frescas e água em temperatura ambiente num jarro de vidro. Não sei, esse tipo me parece daqueles que pedem reservas de última hora em algum restaurante vegano.

Tomei a prancheta das mãos dela e dei uma avaliada, concordando.

— Já fique preparada. Liga no *Nat ur al læsonde* como está o movimento. Qualquer coisa, faça uma pré-reserva para um casal.

— Sim, senhora! — Mel bateu uma pequena continência e anotou em sua lista de afazeres.

Passei para a última e as informações contidas ali trouxeram uma mistura de curiosidade e de certeza de que terí amostrabalho à vista.

— Suí te presidencial, para variar, as meninas da recepção não identificaram o hóspede. E tem uma lista extensa de detalhes.

— Aponte para os registros convocando-a a me auxiliar a solucionar o mistério. — E veja, há quartos de apoio ligados a ela também.

Mel ergueu a cabeça de uma só vez, os olhos brilhando e a feição de um cérebro maquinando com rapidez.

— Anne! Anne! Acho que tenho minhas suspeitas!

— Tenho até medo de pedir para esclarecê-las — afirmei, apertando o braço dela, mas não querendo que prolongasse minha curiosidade. Melody era muito boa em desvendar hóspedes cuja identidade só nos era revelada na hora do *check-in* ajudando a prever muitas coisas, como uma boa *Maj or dom* deveria fazer.

— Bem, sabe qual show está em cartaz na *Tower Now*?

Meu queixo caiu.

— Você acha...

— Tudo aponta para isso! — Ela passou a marcar nos dedos os possí veismotivos de estar correta em sua suposição. — Pediram uma suíte presidencial isolada e reservaram um andar inteiro. De exigências, nada muito exagerado, apenas doces, mais toalhas e camas com muitos travesseiros. Além dos quartos auxiliares. Com todos esses dados, só consigo imaginar que ainda hoje receberemos a banda *Cal vi n and Fri ends*

Ela podia estar certa. Nosso histórico com essas reservas de identidades ocultas sempre indicava celebridades desejando esconder da mídia e dos fãs onde estavam hospedados, evitando assim vaziar alguma informação por meio de funcionários mal-intencionados.

— Ai, Mel! — exclamei, acompanhando as anotações nos documentos. — Você pode ter razão.

Ela uniu as mãos e as levou até o queixo.

— Amiga, se forem eles, seremos as mulheres mais sortudas da face dessa terra! Vamos ficar cara a cara com o Calvin! Você tem ideia de como aquele homem é bonito de perto? E crente, solteiro, ai... — Melody levou a mão ao coração e suspirou, já premeditando o encontro ao vivo com o *crush* dos sonhos dela. Conhecendo-a como conhecia, sabia muito bem que ela já havia criado diversas teorias de como eles se apaixonariam à primeira vista.

— Imagina se, atendendo-os muito bem, ganhamos entradas VIPs para o show? — Aproveitei a deixa, também dando asas à minha imaginação. — Banda *Calvi and Friend* sinceramente, até eu me sinto com disposição para enfrentar festas se for para vê-los tocar.

— Precisamos nos apressar. — Melody reagiu, pegando sua lista e se organizando para iniciar sua pesquisa. — Descobrirei as preferências e estaremos preparadas. Ofereceremos o melhor serviço que apenas o *Grand Hotel de Hawa* com as *Major domos* mais eficientes pode oferecer.

— Faça isso e logo — aconselhei entusiasmada. — Pelo horário, estarão aqui quando menos esperarmos. Enquanto isso, vou me certificar da organização dos quartos.

— Amo ver você animada assim. — Ela beijou minha bochecha. — Você é muito boa no que faz e merece ser feliz. — A jovem olhou para mim e seus olhos brincaram antes dela começar a falar. — Eu deixo o Calvin para você! Você é digna de tal conquista.

— Ah, sua boba! — Tentei acertá-la, mas a agilidade para fugir de meu alcance foi maior. Ela saiu dançando e me provocando. — Tomara que ele se apaixone *mesmo* por mim!

Menos de meia hora depois, tínhamos em mãos uma lista com curiosidades sobre a banda e dados, principalmente, sobre o cantor. Descobrimos as comidas preferidas, entre outros gostos particulares, detalhes que nos ajudariam a “mimar” nossos hóspedes, caso nosso palpite estivesse certo. Melody criava planos mirabolantes e teorias inusitadas de como Calvin se apaixonaria por mim à primeira vista me fazendo rir até minha barriga doer. Ela até envolveu outros funcionários na nossa brincadeira. Só interrompemos a conversa divertida quando precisamos substituir a postura de amigas travessas fantasiando amores impossíveis, pela de funcionárias exemplares com a chegada de nosso primeiro hóspede.

— Anne, minha querida menina! — Marfim caminhou até mim com os braços abertos e o olhar carinhoso e paternal de sempre. — Graças ao bom Deus a encontro com saúde. Como vai meu menino?

— Estamos bem — respondi, recebendo dele um abraço saudoso. — O senhor chegou mais cedo dessa vez.

— Sim, sim — Marfim se afastou, mas manteve minhas mãos nas dele. Os olhos encheram-se de vida. — Bons negócios!

— Bons mesmo? — Apertei sua mão. Eu conhecia bem os negócios do senhor a quem eu havia me afeiçoado como um avô. Havia dois tipos nos quais ele estava envolvido, e os bons se referiam aos do Reino dos céus.

— Excelentes! Excelentes! — Marfim me puxou pela mão e se sentou no sofá da recepção sem nenhuma cerimônia, sentindo-se em casa. — Graças ao bom Deus!

Melody se adiantou e depois de ser recebida com entusiasmo pelo senhor de cabelos grisalhos e ganhar elogios por sua aparência elegante, pegou os documentos dele para dar a entrada e fazer o check-in.

— Rapidinho retorno com sua chave, senhor. Vou cobrar eficiência das meninas — Mel garantiu sabendo bem como agradar Marfim.

Aproveitei para servir uma taça de água e o entreguei antes de me sentar e fazer companhia a ele.

— Tem muitos hóspedes hoje? — ele questionou, dando uma palmadinha carinhosa no dorso da minha mão. — Deveria ter vindo semana passada, eu sei. Não gosto de toda essa movimentação nessa época do ano. Prefiro calma à confusão, você sabe. Minha querida Sarah me repreenderia por ter perdido o voo e acredito que você também faria isso se não estivesse cumprindo seu dever como funcionária do hotel.

— O senhor sabe que eu nunca o repreenderia. — Lancei um sorriso peralta para ele. — Temos dois outros hóspedes hoje. Um deles da suíte presidencial. Mas o senhor conhece Melody, ela é capaz de cuidar deles em minha ausência, além de ter as outras meninas que sempre oferecem suporte quando precisamos. Poderemos jantar tranquilos essa noite. Estou curiosa para ouvir as novidades.

Marfim bebeu um pouco de água e me entregou a taça, apontando para a mesinha à nossa frente para que eu pudesse descartá-la ali.

— Não tive tantos avanços como eu gostaria, mas, de pouco em pouco, alcançamos aqueles que necessitam. Estou aguardando informações sobre uma remessa grande do *l i vr pr oi bi d* para uma das nossas vilas na África.

— Isso é maravilhoso! Como é bom ver nosso Deus trabalhando.

— Bem, eu também tenho trabalho a fazer. Tenho uma reunião ainda hoje, antes do nosso jantar e preciso de um cochilo, pois estou exausto. Essas viagens são longas demais para mim. — Ele se levantou e eu fiz o mesmo. — Vamos jantar em um restaurante cuja recomendação foi feita por um amigo. É um lugar mais aconchegante e privado, estaremos longe do tumulto da cidade. A comida, ele me disse, é excelente.

— Não tenho dúvidas, o senhor sempre me surpreende. Vamos, vou pegar sua chave e acompanhá-lo até a suíte.

Melody surgiu com as chaves e me entregou assim que viu nossa movimentação.

— Não, não, não precisa me acompanhar, menina — Marfim movimentou as mãos de maneira frenética. — Aquele rapazinho, como é o nome dele? — Ele estalou os dedos tentando buscar em sua memória o nome do jovem em questão. — O que carrega minhas malas.

— Joseph.

— Sim, é verdade! Joseph. — O senhor estalou a língua, satisfeito por eu solucionar seu problema de perda de memória. — Ele é um bom rapaz e muito eficiente. Além do mais, gosta de ouvir quando falo das Escrituras para ele. Deixe-o, ele consegue guiar um velho como eu.

— Otto Marfim! — protestei colocando as duas mãos na cintura. — Primeiro, o senhor está longe de estar velho para necessitar desse tipo de auxílio. Segundo, estou mesmo sendo substituída?

— Bobagem, bobagem. — Ele desfez do meu comentário com um aceno de mão. — Já estou próximo de chegar ao meu verdadeiro lar e encontrar minha estimada e amada Sarah.

Cruzei os braços observando enquanto seus olhos brilhavam com a recordação de sua querida e saudosa esposa. Por um

momento ele embarcou em doces lembranças, mas retornou a si, sorrindo e se despediu, saindo acompanhado do tal funcionário já convocado, conversando sobre as coisas do Alto com sua alegria de sempre.

— Ele é um querido — Melody confessou quando o elevador se fechou levando de nossa presença o amável senhor.

Concordei e nós fomos comunicadas por uma das recepcionistas a respeito da ligação recebida do estacionamento, alertando sobre a chegada de nossos próximos hóspedes. Foi uma pequena correria na recepção até estarmos prontos para receber os clientes cuja identidade era desconhecida, mas a grande importância não.

— Está tudo em ordem — Mel garantiu posicionando-se ao meu lado com a postura incorrigível. — Como sou uma boa amiga, deixarei para você fazer a acolhida e ficarei com a burocracia. Daí, se o Calvin não der atenção para você já não será minha culpa.

— Melody! — Abri a boca, mas desisti de protestar, fechando os olhos e apertando os lábios para me concentrar e não cair na risada. Voltei minha atenção para a porta e, assim como ela, mantive as costas eretas e as mãos para trás.

Aguardamos até que o porteiro abriu as portas de vidro dando passagem a uma elegante mulher trajando um vestido preto, acompanhada de mais três homens, igualmente vestidos com ternos escuros e com postura de guarda. Melody, como combinado, adiantou-se até a mulher, levando-a com todo profissionalismo até a bancada da recepção. A mulher retirou papéis de uma pasta e entregou à recepcionista, sob os cuidados de minha amiga, enquanto eu aguardava a entrada dos hóspedes.

Senti minhas mãos suarem frio e ri por dentro do meu aparente nervosismo. Era comum ficarmos na expectativa quando na chegada de uma celebridade, principalmente pela cobrança de atendermos de maneira satisfatória, já que tais personalidades davam grande prestígio e lucro para o hotel.

Estava atenta quando mais dois homens atravessaram as portas, pararam e deram passagem para um terceiro passar entre eles.

A minha reação foi instantânea. Senti meus batimentos cardíacos acelerarem de modo tão intenso que meu coração parecia estar tocando em meu peito. Minha boca ficou seca, minhas pernas bambearam e meu estômago se revirou. Puxei o ar de uma só vez e aguardei o homem se aproximar distraído.

Cada vez mais perto.

— Alteza. — Me curvei numa reverência, mantendo minha cabeça baixa o maior tempo possível, tentando postergar o momento quando ele me reconheceria.

Tal vez ele não se lembre de você, Anne! Faz tanto tempo — Tentei me convencer erguendo outra vez a cabeça.

O sorriso dele misturado com o olhar folgaz provou o contrário, ele se lembrava, sim, de mim. E não só isso, estava se divertindo com o encontro.

— Ora, se não temos aqui uma conterrânea — Príncipe Esra declarou de maneira bastante espirituosa para meu gosto.

Conhecendo bem a personalidade do Príncipe mais novo, temendo que ele fizesse algum gracejo que me colocasse em maus lençóis, apressei-me em recebê-lo como faria com qualquer hóspede, muito embora reconhecesse a falta de estabilidade de minhas pernas.

— Seja bem-vindo ao *Grand Hotel de Hawaí* Alteza. É uma honra recebê-lo. Estou aqui para servi-lo e tornar sua estadia o mais agradável possível. — E apontando para uma das luxuosas poltronas da área, instruí: — Por favor, gostaria de se sentar enquanto concluímos o check-in? Posso servi-lo com alguma bebida, senhor?

De maneira inesperada, Esra tomou a minha mão na sua e deixou um beijo entre meus dedos. Se ele queria me deixar ainda mais desconcertada, estava conseguindo, principalmente porque reconheci aquela antiga expressão jovial e o charme sem igual exalando de seus movimentos. Foi inevitável, as lembranças dos tempos no castelo, de certo baile, de uma descoberta na biblioteca e de outros momentos felizes se tornaram vívidas.

— A honra é toda minha, senhorita. — Esra desviou o olhar por um instante, observando a sala ao nosso redor antes de voltar seu olhar penetrante. — Será uma estadia muito emocionante.

Ele soltou minha mão e eu fiquei petrificada, sem saber como reagir.

— Um suco seria maravilhoso — ele disse, vindo em minha defesa. — Limonada, por favor. Acho que vou me sentar ali e aguardar.

Fiz um sinal para um dos funcionários que se apressou em atender o desejo do Príncipe. Depois, com uma medida, me retirei. Não que eu precisasse fazer alguma coisa, de fato, uma vez que deveria estar disponível para prestar qualquer assistência, mas me senti inquieta o bastante para desejar fugir da presença dele o mais rápido possível.

Fui de encontro a Melody, que auxiliava a recepcionista na conclusão do check-in com a mulher que agora reconhecemos sendo uma das assessoras do Príncipe. Procurei, perturbada, fazer algo para ajudar, tentando não pensar nas consequências daquele encontro. Esra não esconderia de Edwin tal evento e eu não sabia bem o que pensar a respeito.

Ah não! Ah não! O que o Príncipe Esra está fazendo aqui

— As chaves — ouvi a recepcionista dizer com gentileza e acordei dos meus devaneios, vendo-a entregar para Melody os cartões que davam acesso aos quartos.

Sem dar vazão aos meus pensamentos, pedi as chaves para Mel e, ainda sentindo meu corpo bagunçado, retornei para onde o Príncipe Esra desfrutava do seu suco e de alguns chocolates providenciados. Eu precisava agir como uma profissional e não só servir bem o meu hóspede, como também fazer de tudo para agradá-lo. Era essa a minha função.

Si m,pr of i ssi ona! Anne Davi es!Sej apr of i ssi ona!Você é uma Maj or dome pr ont a para ser vi r

Percebi meus dedos apertando aqueles cartões chaves com mais força do que o necessário.

— Alteza, as suas chaves. — Estendi os objetos na direção dele forçando um sorriso simpático. Esra os pegou e colocou dentro do bolso dianteiro do casaco, sem mudar em nada sua postura relaxada. — Há algo mais que posso fazer pelo senhor? Posso acompanhá-lo até o quarto, se desejar.

— Ah! — Ele exclamou e cruzou os braços em frente ao peito. — Acho que não. Vou ficar por aqui mais um tempinho.

Por um instante eu fui envolvida pelo bom humor do homem sentado na poltrona. Ele mal conseguia conter o sorriso, embora aparentasse estar tentando. Ainda estava em pé, à sua frente, quando ele desviou sua atenção de mim e pigarreou antes de dizer em alto e bom som.

— Esse hotel tem um excelente atendimento, Edwin.



Capítulo 4

Capítulo 4

Difícil colocar em palavras e explicar o que se sucedeu nos milésimos de segundos depois de eu ouvir a simples menção daquele nome. Um emaranhado de lembranças e cenas suprimidas de um passado feliz me atingiram de súbito, tornando tudo palpável; de olhos fechados, eu quase podia ouvir a voz carinhosa de Edwin dirigindo-se a mim e por um instante pude ver seu sorriso sincero, aquele cujas covinhas ficavam a mostra, apesar de tudo não se passar de meras recordações.

Mas, o cenário foi substituído depressa. Os sorrisos, os olhares, as palavras, a cumplicidade, toda felicidade momentânea converteu-se em uma melancolia causada por uma despedida inevitável.

Ainda estava de costas para a entrada quando ouvi a resposta desinteressada de Edwin encher o ambiente. Esra tinha os olhos iluminados por um brilho travesso e sequer podia imaginar a sensação de aperto em meu peito. Ele deu uma piscadela e levando um pedaço de chocolate até a boca, recostou-se na poltrona e

cruzou as pernas, pronto para assistir o episódio de um longa-metragem da vida real.

Instintivamente eu me virei. Minhas mãos alcançaram com agilidade o pingente de coroa pendendo em meu pescoço. Um nó se formou em minha garganta e o ar se tornou escasso.

Concentrado na tela de seu celular, Edwin não notou a minha presença. Isso me deu o tempo necessário para tentar me recompor. Meus olhos não resistiram ao anseio de explorar a imagem ao vivo e em cores que há tantos meses eu havia privado de minhas vistas. Ele estava estonteante, ainda mais bonito do que meu coração insinuava através das lembranças guardadas a sete chaves.

Eu me forcei a não me encolher, tampouco ceder ao desejo arrebatador de fugir. Permaneci imóvel, aguardando o momento quando ele desprenderia sua atenção do aparelho e, fazendo contato visual, notasse à sua frente a jovem covarde que um dia fez pouco caso de seus sentimentos e sumiu sem dar muitas explicações.

Esperei angustiada, despreparada para a enxurrada de emoções que me atingiriam. Quando, por fim, Edwin ergueu os olhos, me apressei a fazer uma reverência profunda, inclinando ao máximo a cabeça, como se eu pudesse me livrar do inevitável encontro.

Embora eu tenha tentado bloquear do meu coração a existência de uma real possibilidade de um dia o reencontrar, nos períodos de solidão, eu acabava me rendendo e idealizando esse momento diversas vezes. Quando mais esperançosa, fantasiava ele me brindando com o seu sorriso de covinhas. Quando melancólica, imaginava a frieza em suas feições, fruto de uma grande frustração. Quando carente, me rendia à ideia de que ele ainda me amava e abriria os braços para me receber sem reservas. Claro, tudo não passava de bobagens de uma mente fértil e não me prepararam para a dura realidade estampada no rosto inexpressivo de Edwin. Os olhos castanhos que eu tanto amava pareciam escuros e misteriosos, um tanto surpresos talvez.

Me senti totalmente impotente. Parecia que um enorme buraco havia se erguido entre nós, nos separando em dois mundos

distantes. E eu sabia, era a culpada por ter sustentado a distância por tanto tempo. E então me encontrei constrangida, completamente constrangida.

— Excelente atendimento, estou impressionado. — A voz de Esra cortou no ar e fui desperta do lapso de choque. — Não poderí amos ter aceitado indicação melhor

Edwin me pareceu bastante desconfortável. Sem responder ao irmão, guardou o telefone no bolso e desviou o olhar, muito mais interessado nas pessoas ao nosso redor do que em tentar manter o contato visual comigo.

Melody se aproximou com sua costumeira simpatia e conseguiu, sem perceber, quebrar a tensão existente. Depois de fazer uma pequena reverência para os dois Príncipes, ela terminou dirigindo-se a Esra, cujo sorriso foi mais convidativo do que a expressão sóbria de Edwin.

— Já estão liberados, senhores — ela informou segurando o cartão chave que deveria ser entregue a Edwin.

Esra bebeu um pouco mais de suco, entregou a taça ao rapaz que o servia e se levantou.

— Excelente — ele disse, mantendo o fluxo de conversa. — Acho bom nos acomodarmos de uma vez, não, Edwin?

— Claro — ele respondeu um pouco sem jeito, os olhos ainda fugindo dos meus.

Melody, sorridente, quando voltou a mim percebeu a minha inércia. Dei graças a Deus por ela me conhecer muito bem, porque bastou um olhar suplicante para ela tomar frente da situação.

— Anne, se não se importa, acompanharei nossos hóspedes até a suíte. Há algumas solicitações na reserva, você pode providenciar que sejam resolvidas?

— Claro. — Forcei meu corpo a reagir buscando lá de dentro a Anne simpática e profissional que eu costumava ser. — Sejam bem-vindos ao *Grand Hôtel* Esperamos que sua estadia seja satisfatória e estamos disponíveis para atender qualquer necessidade. Tenham um bom dia.

Abaixei minha cabeça e saí o mais apressada que minha delicadeza permitiu.

Sorradeira, entrei na nossa pequena sala reservada sentindo uma pressão no peito, algo engasgado em minha garganta, mas não chorei. Peguei alguns papéis quaisquer sobre a mesa e os folheei buscando dispersar a nuvem ameaçadora sob meus olhos, mas não chorei. Respirei fundo algumas vezes e procurei concentrar no meu trabalho, chegando à conclusão de que deveria conferir se as reservas para o restaurante do casal Montenegro haviam sido feitas. Larguei as folhas e peguei o meu telefone, quando, distraído, bati o braço na quina de um dos móveis e uma dor terrível, por fim, me arrancou as lágrimas suprimidas.

E eu chorei. Com um pouco mais de intensidade do que a dor no braço exigia.

— Oh, Senhor! — murmurei lastimosa. — Por quê? Por quê?

Deixei meu corpo desabar em uma cadeira segurando meu braço dolorido, ergui a cabeça e respirei fundo tentando controlar minhas emoções. De olhos fechados, flashes intrusos invadiram meus pensamentos. Momentos tão especiais misturavam-se à realidade de que eu era incapaz de tornar as coisas diferentes. O que estava feito, estava feito. Eu havia escolhido, tinha deixado muito para trás, desfeito um vínculo, mesmo a despeito dos meus sentimentos — e dos dele — e sabia que ser ignorada poderia ser uma possibilidade.

Não que ignorar alguém fosse, exatamente, algo característico da personalidade de Edwin. Não do Edwin que eu conhecia. Amoroso, atencioso, preocupado...

Céus! No que eu estou pensando? Sossega, Anne Davies! — Limpei as lágrimas, retirei meus óculos por um momento, esfreguei o meu rosto e pressionei a cabeça com as mãos, soltando um gemido abafado.

Mel chegou alguns minutos depois. As lágrimas já tinham cessado, mas o rosto marcado denunciava a presença inconfundível delas.

— O que houve? — ela indagou com uma ruga entre os olhos.

— Bati meu braço na quina da estante — contei e avaliei se havia alguma marca local.

— Oh, amiga. — Mel se compadeceu. — Vou providenciar gelo. — Então, mordeu o lábio inferior. — Odeio quando acerto uma quina. Ainda bem que não foi o dedinho do pé.

Ela conseguiu me fazer rir e se retirou, retornando com o gelo prometido. Claro, ele aliviou a dor no meu braço, mas não era possí vel usá-lo contra a dor do coração.

Melody, ignorando o fato de que as cadeiras ali dispostas eram para um determinado fim, sentou-se na beirada da mesa, os pés balançando, as mãos apoiadas enquanto observava meu esforço para amenizar ao menos a dor fí sica.

— O que deu em você ali na recepção? — ela questionou. Quando a fitei esperando melhor explicação, Mel levantou uma das mãos. — Parece que você avistou um fantasma. Tudo bem, eu também quase desmaiei quando constatei quem eram nossos hóspedes, mas, sinceramente, até onde te conheço, raramente você se deixa abalar tanto por uma celebridade.

— Eles não são celebridades, Mel. São Prí ncipes, governantes do nosso paí snatal — tentei desconversar, corrigindo-a.

Mel suspirou e eu reconheci os seus modos de jovem emocionada.

— É verdade. E, Anne, como eles são lindos! — Ela fez um movimento com as mãos, se abanando. — Quando entrei no elevador e me dei conta de que estava na presença dos dois Prí ncipessolteiros de Cibebe, precisei me controlar. Sabe como eu sou, não é?

De novo ela me arrancou outro sorriso.

— Olha, sem dúvidas os dois são lindos, mas o Prí ncipe Esra... Ele tem o rosto iluminado, não sei. Parece tão de bem com a vida. Você acredita que ele conversou comigo? — Ela levou uma das mãos ao peito. — Amiga, eu estava me controlando, como uma boa profissional, calada, e ele quem puxou conversa, falando sobre as atrações da cidade. O que, posso garantir, foi ótimo, porque o Prí ncipe Edwin, apesar de ser um gato, parece sério demais. Não sei se ele estava gostando muito da minha companhia. Sei lá.

— Eles fizeram alguma exigência? — indaguei concentrando minha atenção no meu braço.

— Não, não. Eu apresentei os aposentos, depois de alguns seguranças terem entrado para se certificar de que não havia nenhum assassino à espreita. Me senti em uma cena de filme. — O rosto de Melody se abriu, os olhos se iluminaram. — Bem, gostaria muito que fosse um de romance e eu pudesse protagonizar a plebeia por quem Sua Alteza Real se apaixona.

Engoli em seco sentindo a espinha enrijecer. Aquele era, de longe, um assunto no qual eu gostaria de entrar. Disse qualquer coisa sem saber como mudar o rumo da conversa e sem querer alertar Melody de que algo estava errado.

— Dessa vez nos enganamos. Não era o Calvin da banda *Cal vi nand Fri ends* entretanto, não estamos em desvantagem. Agora serão *doi* pedaços de mau caminho — ela fez o número dois com os dedos — para o deleite de nossos olhos.

— Melody, ouvindo isso, parece até que você é uma dessas mulheres atiradas e não uma menina ingênua! — brinquei. — Nem mesmo parece que não tem nenhuma experiência com um homem real.

— Ingênua, inexperiente, sim, mas não cega!

— Tudo bem, você tem razão — eu concordei. — Aliás — umedeci os lábios —, você fica responsável pelos *Prí ncipes*. Eu pretendo jantar com Marfim, então, seria melhor você assumir tudo em relação às reservas deles.

Mel deixou o queixo cair de maneira exagerada.

— Anne Davies, você vai me entregar aqueles dois verdadeiros *Prí ncipes* assim, de bandeja? — ela questionou, chocada, frisando bem a palavra *Prí ncipes*.

Deixei a sacola com o gelo na mesa, me levantei e dei de ombros.

— Você pode...

Contudo, fomos interrompidas com o bip do aparelho de celular. Era um recado vindo diretamente do aplicativo do hotel que conectava os hóspedes aos nossos serviços. Peguei o aparelho, abri na mensagem e meu coração disparou quando li de onde era o remetente.

Suí te presidencial.

Melody tomou o celular das minhas mãos quando percebeu minha incapacidade de comunicar a ela o que estava escrito ali. Ela leu a mensagem em voz alta.

— O Príncipe solicita a presença da senhorita Davies imediatamente. — Mel arregalou os olhos bastante intrigada. — Anne Davies, como assim? Qual o segredo para conseguir atrair sempre os melhores hóspedes? Primeiro o senhor Marfim, agora os Príncipes.

— Eu não fiz nada, Mel. Nem sei o que eles podem estar querendo. — Reagi, apressada em negar.

— Você é muito sortuda, isso sim!

Não demos continuidade à conversa, porque fomos interrompidas por uma das recepcionistas avisando que um homem de terno preto — e músculos bastante avantajados, frisou ela — estava me aguardando na recepção. Deixei Melody com as sobrancelhas franzidas e olhar indagador, e fui descobrir o que queriam de mim.

— Senhorita Davies — o homem disse em tom interrogativo quando me avistou esperando eu concordar com um aceno de cabeça. — Sua Alteza requer sua presença com urgência — ele replicou com calma, transmitindo a ordem recebida.

— Qual deles? — arrisquei perguntar.

O homem pareceu inspecionar a recepção, onde as meninas demonstravam bastante curiosidade com a movimentação. Quando ele voltou seu olhar para mim, eu já não precisava de mais explicações.

— Tudo bem. — Assenti com um leve balançar de cabeça.

Tudo bem? Anne? Tudo bem? Você vai vê-lo! Não está nada bem! Nada bem!

Como se estivesse sendo escoltada, o homem me conduziu até o elevador. Ele apertou o botão e me tratou como uma convidada no lugar onde eu deveria estar servindo. Senti uma enorme pressão nos ouvidos enquanto subíamos cada andar, até chegar ao vigésimo quinto, onde se situava a nossa melhor suíte presidencial. Quando saltamos do elevador, me vi planejando uma fuga pelas escadas, como se isso fosse de algum modo sensato. Entretanto, eu continuei andando, como se algo estivesse me

levando por um caminho desconhecido, sem me apresentar uma prévia do que aconteceria quando eu adentrasse naquela suíte luxuosa.

A porta principal do aposento estava aberta, com dois homens de guarda ao lado. Fui conduzida para dentro.

— Vou avisá-lo de sua chegada — alguém, que não fazia ideia quem era, me informou, me deixando sozinha na pequena sala de recepção.

Meu coração batia tão forte contra a caixa torácica que eu mal conseguia distinguir o som de vozes distantes. Só era capaz de ouvir o ritmo acelerado de cada batida, a respiração ofegante e mais uma vez senti o constrangimento voltando.

O que eu vou dizer a ele? Como reagir? Deus, me dê sabedoria!

Dois toques na porta antecederam a abertura do único objeto que me separava do tão temível velencontro. Edwin estaria ali, face a face comigo e eu precisaria dar explicações. Ao menos era a ideia mais óbvia que me ocorria.

Apertei as mãos suadas uma contra a outra, e aguardei.

A figura de Edwin surgiu no marco da porta que fazia a divisa com um dos quartos da suíte. Ele tinha as mãos no bolso da calça, o corpo rígido, aquela postura imponente que sustentava para pessoas desconhecidas. Ele dispensou alguém que falava com ele e deu uma ordem, algo sobre não querer ser interrompido.

Então, avançou alguns passos e eu segurei a respiração quando ele ergueu os olhos e sustentou o olhar no meu.

Senhor, ajude-me!



Capítulo 5

Capítulo 5

Estávamos a uns quatro metros afastados um do outro e Edwin caminhava em minha direção. Isso me deu tempo suficiente para avaliar o seu semblante com cautela na esperança de encontrar qualquer traço que pudesse denunciar o sentimento a dominá-lo. Entretanto, o Príncipe, como me contara em certa ocasião, aprendera desde cedo a arte de reprimir suas emoções e sabia disfarçá-las muito bem. Não havia em sua conduta nada a entregar para satisfazer minha busca por impressões.

Quando seus passos encurtaram a distância entre nós, senti-me incapaz de sustentar o olhar e, sem ter certeza de como proceder, optei pelo óbvio, mantendo a formalidade e me curvando em uma desajeitada reverência. Quando voltei a erguer a cabeça, fui surpreendida por sua presença tão próxima e o olhar penetrante, contudo, sem nenhum sorriso ou covinhas à mostra.

Ponderei se, naquele momento, ele estava lutando contra a mágoa, talvez com a raiva ou ainda com a decepção. Poderia estar lembrando-se da rejeição sofrida diante da minha imprevisível partida, uma vez que ele não estaria errado em me considerar

insensível por desprezar nossa cumplicidade adquirida em tão pouco tempo de amizade. Ou, quem sabe, havia me chamado apenas para tornar conhecida sua indiferença em relação a mim após nosso distanciamento.

Fosse qual fosse a resposta, era certo que ela me abateria, e a espera fez meus músculos se retraírem. Eu não fazia ideia do que diria se, de fato, ele estivesse em busca de alguma explicação. Tive medo de encarar a realidade, sabendo o quanto meu coração já havia sido quebrado por causa da minha escolha no passado. Não tinha sido fácil lidar com as consequências, e explicar minhas motivações só abriria um buraco na armadura com a qual eu havia me revestido para superar mais uma vez a perda.

— Senhorita Davies. — A voz dele, consistente, mas também suave, reverberou até os meus ouvidos, criando um alvoroço em meu estômago.

— Príncipe Edwin. — Hesitante, inclinei a cabeça apenas o suficiente para demonstrar respeito, mas me senti obrigada a encará-lo depois.

E então, indo contra qualquer previsão, os lábios dele se moveram lentamente, curvando-se num sorriso travesso, e a brandura em seus olhos me fez prender a respiração por um instante.

— Pensei que já tivéssemos superado essa fase — dirigiu-se a mim sem esconder o leve toque de gracejo no tom de sua voz.

— Fase? — indaguei um pouco transtornada com sua reação, buscando palavras conexas para dizer.

— Da formalidade — ele respondeu e tirou a mão do bolso, cruzando os braços em frente ao peitoral, ainda exibindo seu sorriso recheado de bom humor. — Se me lembro bem, tínhamos um acordo. Nada de Príncipe, senhoritas ou reverências.

Abri a boca para responder, mas acabei cedendo os lábios para um sorriso. Ele recebeu minha reação de bom grado, sentindo-se estimulado a continuar.

— E também não havia um tratamento tão respeitoso para com minha pessoa — ele completou.

Umedeci os lábios e forcei meu corpo a reagir à mistura de choque e agitação diante do comportamento desavisado e amistoso

do Príncipe. Precisava responder, mas temia denunciar meus reais sentimentos se minha fala soasse falha e insegura.

— Alteza, estou a serviço e seria duramente repreendida por meu gerente se ele soubesse que eu faltei com o respeito com um dos hóspedes mais importantes de nosso hotel. — E antes que eu pudesse pensar nas próximas palavras, elas saíram num rompante bastante informal. — Lamento se o decepcionei.

— Ah! — ele exclamou, animado, e soltou os braços, deixando-os cair ao lado do corpo. — Uma funcionária exemplar!

Então, como num piscar de olhos, toda tensão se dispersou do ambiente. Edwin me encarava com o mesmo olhar de antigamente e a voz denotava o carinho no qual eu havia me acostumado a encontrar em seu tratamento comigo. Qualquer resquício do medo de ser destrutada foi arrancado de mim e eu senti as amarras se desfazendo, provando que nossa cumplicidade ainda existia, apesar dos acontecimentos de dois anos atrás. O sorriso intrometeu-se em nosso meio, sem encontrar qualquer resistência e nossos olhos conversaram, como se não houvesse existido um longo tempo de distância entre nós.

Não sei exatamente qual reação se mostrou convidativa para um abraço, mas Edwin sentiu liberdade para isso, ainda que estivesse contido. Retribui, um pouco sem jeito, ciente do quanto aquele contato, embora curto e sóbrio, teria um enorme poder de bagunçar um pouco mais adentro.

— Anne — ele simplesmente disse e notei algo diferente, uma espécie de alegria em pronunciar o meu nome.

Eu dei um pequeno passo para trás, mantive a cabeça erguida e, desprevenida, me afundei na profundidade de seu olhar, sem conseguir decifrar o que eles queriam me dizer.

— Sou eu. — Pressionei os lábios, ergui as sobrancelhas e uni as mãos, não sabendo bem o que fazer com elas.

— Você não faz ideia do quanto estou feliz de te encontrar. — Ele passou a mão nos cabelos e voltou a cruzar os braços. Eu não queria ter constatado o quanto eu ainda o achava lindo, assim de perto, mas já era tarde demais. — Foi uma surpresa muito boa depois de tanto, tanto tempo. — Parecendo despertar de um choque, olhou para os lados e apontou para um dos sofás do

aposento. — Por favor, sente-se. Temos muito para conversar. Quero saber como você está, como passou os últimos dois anos.

A menção do tempo provocou um frio em minha barriga, mas quando a mão dele tocou minhas costas com gentileza, me senti estranhamente confortável. Permiti que ele me conduzisse até o sofá e me sentei, ele assumiu o lugar ao meu lado.

— Eu não tenho muito tempo. — Ele conferiu as horas no relógio de pulso. — Tenho uma reunião importante daqui a pouco.

— Tudo bem, eu não vou te segurar por aqui, não se preocupe.

Edwin me encarou por alguns segundos causando em meu estômago um verdadeiro rebuliço. Com o brilho de entusiasmo nos olhos, saudou-me com mais um sorriso.

Seria possí velque, depois de tudo, ele ainda sustentasse o mesmo sentimento confessado ao irmão naquela biblioteca? Eu não queria encontrar a resposta, temendo que ela pudesse estragar aquele momento tão singular.

— Não consigo acreditar, mais de dois anos sem ver você e agora... E você está aqui agora... Exatamente como eu me lembrava. — As mãos dele se uniram e percebi a inquietação de seus dedos sobre a calça preta do terno. — Eu senti muito sua falta, Anne.

Embora ele apresentasse uma notória dificuldade em manter o fluxo das frases, as palavras tinham uma profundidade verdadeira. E, diante de uma confissão tão sincera, eu não podia deixar de declarar a reciprocidade dos nossos sentimentos.

— Eu também senti sua falta. — Então, temi ter sido direta demais e continuei: — Sua, do Palácio, das pessoas de lá. Aliás, sinto tantas saudades de Cibebe.

— Posso garantir que o Palácio e as pessoas de lá também sentiram sua ausência. — Os segundos de silêncio a seguir intensificaram a sentença dita com tanta segurança. Ele abriu outro sorriso e, desunindo as mãos, inclinou o corpo um pouco para frente sem desviar de mim sua atenção. — Mas, me diga, como você está? Quais as novidades? E esse trabalho, você gosta do que faz? Eu tenho tantas perguntas!

Quando as covinhas apareceram em seu rosto iluminado, senti-me fragilizada. Não, diferente do que previ, não havia mágoa, indiferença, tampouco raiva. Pelo contrário, parecia haver exatamente o oposto e aquilo me deixou instável, quase apavorada. Era Edwin ali, do meu lado, tão próximo. Era sua voz reconfortante, seu olhar sincero. Era Edwin, o homem que eu amara anos atrás e que, atordoada, constatei, nunca o havia deixado de amar, apesar dos meus grandes esforços, a cada dia, para tentar esquecê-lo.

Reprimi a descoberta de imediato, convencendo-me de que não era hora de pensar em meus sentimentos. Eu precisava manter o curso da conversa, apesar de ter plena convicção da minha deficiência emocional.

— Não tenho tantas novidades — respondi, erguendo um dos ombros e ajustando os óculos, tentando parecer natural. — Minha vida é... Comum. Eu gosto do trabalho, tem seus prós e contras, mas, no geral, é divertido.

— Você não parecia estar se divertindo lá embaixo — ele exprimiu sem rodeios.

— E você não parecia estar feliz em me ver — respondi, semicerrando os olhos, também sem rodeios.

Edwin riu e uniu novamente as mãos, entrelaçando os dedos, mantendo os cotovelos apoiados nas pernas.

— Bem, eu confesso, primeiro fiquei bastante surpreso. Não esperava encontrá-la e temi que minha reação pudesse causar algum problema. Havia muita gente naquela recepção, não poderia colocar em risco sua reputação.

— Minha reputação? Edwin, você quase me matou do coração! — exclamei com sinceridade, sentindo o olhar dele me inspecionar. — Eu pensei que você estivesse chateado comigo — relatei e pressionei meus lábios um contra o outro.

— E por que eu estaria chateado com você? — ele questionou, sem mudar nada sua expressão ou tom de voz.

Dei de ombros sem saber como responder. Edwin me encarou de forma expressiva. Ele parecia querer dizer muitas coisas ao mesmo tempo, porém, manteve-se contido, escondido atrás de sua feição branda e de seus sorrisos acolhedores.

— Diga-me, como vai Oliver? — Edwin perguntou, recostando-se no sofá.

Fiquei satisfeita por ele mudar de assunto, ainda que estivesse evidente o quanto aquela resposta seria necessária, cedo ou tarde. Por isso, senti-me grata por sua sensibilidade em adiar o momento.

— Ele está bem. Amadureceu muito desde quando nos mudamos, como se tivesse assumido a responsabilidade como homem. A isso, devo agradecer muito a você, Edwin. Sua intervenção possibilitou, se não causou, esse crescimento dele.

— Fico feliz em saber. Sempre enxerguei um grande potencial nele. Oliver é um jovem com muitos talentos.

Meu instinto maternal despertou com aquele comentário, principalmente por saber que Edwin estava sendo sincero, não dizia aquilo meramente para me agradar. Sendo atingida por uma nova torrente de emoções eu sorri concordando com um aceno de cabeça.

— Seria muito bom se pudéssemos ter um tempo para conversar melhor. — Ele voltou a conferir o relógio. — Porém, está na minha hora. Mas estou livre à noite. Talvez você pudesse me fazer companhia para o jantar.

— Eu não posso — lamentei. — Eu tenho um compromisso com outra pessoa.

Edwin tentou manter a postura, mas eu consegui identificar um traço de decepção momentânea atravessando sua feição.

— Perdão — sua voz oscilou cheia de incerteza e hesitação —, eu não sabia que você tinha alguém. — Ele inspecionou minhas mãos por um instante antes de voltar ao meu rosto.

Percebendo que ele tinha compreendido mal, me apressei a esclarecer as coisas.

— Não, não é o que você está pensando. Não é isso, eu não tenho ninguém. — Senti-me constrangida depois de afirmar com tanta veemência. — Quero dizer... Meu compromisso é jantar, não... Não de outra maneira.

A esperança pareceu retornar em seu olhar e ele não fez nenhum esforço para escondê-la, deixando-me ainda mais

constrangida. Pude sentir o rubor apressando-se de minhas bochechas.

— Não quero atrapalhar seus compromissos. Se sua noite está comprometida, talvez possamos...

De súbito uma ideia me ocorreu e o cortei, não permitindo que ele completasse a fala.

— Nós podemos jantar juntos, se você não se importar de ter mais uma pessoa como companhia. Aliás, poderia levar o Príncipe Esra com você também. Seria maravilhoso!

— Esra?

Eu mal ouvi sua indagação. Minha mente já estava trabalhando a todo vapor.

— Na verdade, se não se importa, eu gostaria de convidá-los para jantar. Isso não é algo muito tradicional, eu sei, mas eu garanto, é por uma boa causa. — Parei por um momento pensando como aquela situação era conveniente. — Você pode me passar o número do seu celular? — questionei, já retirando o meu aparelho do bolso, pronta a salvar o número dele, sem me dar conta da minha repentina animação.

Edwin me encarou atônito. Só, então, me dei conta da minha imprudência, afinal, ele ainda era o Príncipe de Cibele.

— Claro, se isso não for um problema. Eu imagino que um Príncipe não sai por aí passando o número de celular pessoal para qualquer um. — Abaixei a mão com o celular, um pouco arrependida com o pedido repentino.

Os olhos de Edwin sorriram enquanto rugas de expressões surgiram junto com as covinhas em seu rosto.

— Você não é qualquer uma, Anne. — Ele me ditou o número antes que eu pudesse me dar conta do significado de suas palavras. — E, por favor, me passe o seu. Não sei se me sinto seguro em me comunicar com você pelo aplicativo do hotel. — Ele fez uma pausa significativa. — Claro, se não for um problema. Imagino que a senhorita não sai por aí passando seu número pessoal para qualquer um.

— Eu hesitaria em passar meu número para o Príncipe de Cibele — respondi, séria, evitando a todo custo interpretar o

significado de suas palavras iniciais. — Seria muito imprudente de minha parte, você não acha?

— Muito imprudente. Ele pode atormentar sua vida daqui para frente.

Nós dois nos entreolhamos e caímos na gargalhada. Eu nunca poderia imaginar que nossa ligação de antes pudesse não só ainda existir, como passear livremente entre nós, transformando tudo de uma maneira tão bela. Aquilo deveria ser graça do Senhor, não havia outra explicação. Uma verdadeira intervenção divina. Meus olhos marejaram de tanto rir, mas não me impediram de admirar Edwin com o rosto corado e os olhos ainda mais luminosos a me encarar.

— Isso soou como uma ameaça — brinquei quando consegui me recompor um pouco.

— Pense como quiser — ele respondeu e, apesar de falar com firmeza, pouco se importou em demonstrar sua diversão.

Edwin também registrou meu número e eu expliquei que enviaria instruções sobre o restaurante onde nos reuniremos mais tarde. A verdade era que eu mesma não fazia ideia onde Marfim havia feito nossas reservas e precisava arrancar tais informações dele. Contudo, já tinha me decidido a não revelar a meu padrinho quem seria nossa companhia, divagando em como ele ficaria surpreso.

— Você está muito misteriosa, senhorita Anne Davies — Edwin disse quando me recusei a dar maiores explicações sobre nosso encontro noturno.

— Apreendi com certo Princípe por aí.

— É justo. Eu mereço a acusação.

Vi a necessidade de preencher o silêncio inquietante que surgiu. Desviei o olhar por um momento, fixando-os em um ponto qualquer à frente.

— Eu não sabia que vocês se hospedavam em hotéis. Vocês não costumam se estabelecer na Casa Real?

— Sim, sempre quando viemos a Susan temos a Casa Real à nossa disposição. — Edwin franziu a testa antes de continuar. — Mas, nesse exato momento, eu e Esra queríamos distância de lá. Há políticos intrometidos com quem não gostaríamos de nos

relacionar hospedados no casarão. — O semblante dele se abriu mais uma vez e ele apoiou a mão em um dos joelhos. — E Zac foi muito solícito em nos ajudar a encontrar um hotel onde poderíamos nos hospedar com total privacidade, garantindo nossa segurança e conforto.

— Ah, claro! Ele foi muito solícito... — Balancei a cabeça, incrédula com a genialidade de meu amigo, encontrando uma forma de forçar nosso encontro sem quebrar a promessa de não se intrometer, ao menos não diretamente. — Ele esteve aqui na semana passada e agora faz muito sentido o fato dele ter estado tão interessado no meu trabalho. Fez muitas perguntas. Não me surpreenderia se ele tivesse pedido para fazer uma checagem no esquema de segurança do hotel.

— Ele estava cuidando de *interesses* — Edwin deu de ombros e tentou permanecer sério, mas os lábios tremiam, denunciando o sorriso contido e muitas outras coisas que eu não desejava explorar o significado naquele instante. — Mas eu não sabia de nada — defendeu-se. — Apesar de não poder esconder o quanto fiquei satisfeito com o esquema dele.

Meu coração parou de bater por um instante. Respirei fundo quando ele arriscou pegar minha mão esquerda e segurá-la com delicadeza.

— Eu estou muito feliz de revê-la, Anne. Orei muito a Deus pedindo por isso.

Ele tinha orado a Deus? Isso significava alguma coisa? Eu poderia compreender aquilo como um sinal de que tudo permanecia igual? Não seria possível, seria?

— Edwin, eu...

Memórias da noite do baile surgiram de repente, sem avisos. Eu tinha certeza de que, apesar do sofrimento, eu tinha tomado a decisão correta e minha nova vida era prova disso. Eu enxergava a providência de Deus em cada detalhe desde minha chegada a Susan. Por isso, me calei, intimidada pela ideia de que estava prestes a dar espaço ao meu coração e sofreria mais uma vez os efeitos da privação. Não, não suportaria a ideia de alimentar esperanças falsas e passar por tudo de novo. O terreno mais seguro

chamava-se impessoalidade, e eu estava certa da necessidade de conter qualquer vestígio de paixão.

Edwin avaliava minhas reações. Sua mão ainda mantinha a minha resguardada. As palavras simplesmente me faltaram e os meus olhos arderam, contendo o choro que de súbito travou em minha garganta.

— Alteza — uma voz ressoou na sala, trazendo um alívio momentâneo para a pressão em meu peito. Nós dois olhamos em direção ao homem vestido de preto, em frente à porta, fazendo uma pequena mesura. — Está na hora. O Príncipe Esra pediu para chamá-lo, senhor.

— Dê-me dois minutos — Edwin instruiu e o homem, sem dizer mais nada, retirou-se.

Aproveitei a deixa e recolhi minha mão, sabendo que seria muito mais difícil negar minha vontade estando tão próxima dele.

— Acho melhor você ir. — Eu me levantei e alisei a minha saia. — Nos veremos à noite.

Edwin também se levantou e num gesto elegante apontou para a porta.

— Deixe-me acompanhá-la — ele disse, sua mão encontrando novamente as minhas costas.

Assenti e quando estávamos diante da saída, ele segurou mais uma vez a minha mão e me encarou em silêncio por um tempo, apertando meus dedos entre os seus antes de me deixar partir.



Capítulo 6

Capítulo 6

— Quando você vai me explicar exatamente o que está acontecendo? — Melody questionou pela quinta vez consecutiva após fechar o zíper traseiro do meu vestido. — E não me venha com essa história de “não é nada importante”, porque eu a conheço muito bem, Anne Davies!

— Mel. — Me virei de modo a encarar seu semblante impaciente, torcendo para que meu olhar suplicante pudesse convencê-la. — Eu prometo contar tudo, mas não agora...

— E você pretende deixar sua melhor amiga se contorcendo de curiosidade?

Olhei para as mãos dela na cintura, o nariz empinado e a postura aberta, impondo suas vontades, e desejei que nós não fôssemos tão transparentes uma com a outra, porque ela compreendeu com maestria minhas intenções.

— Ah, não, Anne! — ela protestou, inflando ainda mais o peito. — Isso deveria ser considerado crime, no mínimo uma maldade muito grande.

— Mel, é complicado. — Me virei inventando a necessidade súbita de buscar alguma coisa que deveria estar na minha bolsa do outro lado da sala.

Melody foi rápida e se colocou na minha frente.

— Primeiro você fez aquela cena na recepção. Conheço você muito bem e nunca a tinha visto reagir de modo tão estranho diante de um hóspede. Nem quando recebemos os *Brooks*— ela começou o discurso e tenho certeza de que ela se controlava para não se abanar com as mãos. — Então, foi escolhida para subir até a suíte presidencial e retornou de lá parecendo que esteve diante de um fantasma. Ficou silenciosa por um bom tempo, para em seguida virar um papagaio procurando mil coisas para fazer.

Estreitei os olhos e cruzei os braços em frente ao peito. Melody suspirou pesadamente, colocou a mão sobre a minha e me encarou com aquele olhar amoroso capaz de abalar as estruturas de qualquer pessoa, principalmente as fragilizadas.

— Você sabe que pode contar comigo. Sabe o quanto eu me preocupo com você. E sabe muito bem que precisa colocar para fora o que está te atormentando.

Soltei meus braços de modo a me livrar da capacidade que ela tinha de alcançar meus sentimentos trancafiados. Ela respeitou meu espaço, não dizendo mais nada. Eu me afastei, fui até o espelho e encarei a minha imagem refletida. O vestido preto era modesto, sofisticado, mas nem um pouco espalhafatoso. Graças a Marfim e seus jantares em restaurantes chiques, eu havia adquirido uma meia dúzia de roupas adequadas para a ocasião, e naquela noite eu não me vestiria diferente.

Um pensamento intruso questionou se eu estaria à altura da elegância e beleza de Edwin, mas eu o afastei imediatamente, fingindo que não me importava com sua opinião sobre a minha aparência. Agarrei o pingente de coroa, fitei mais uma vez o penteado, as mechas de cabelo soltas caindo sobre meus ombros e apreciei o que vi. Eu estava pronta e embelezada, contudo, meu coração estava longe de estar preparado, repleto de medos e receios. Me sentia como uma pequena criança diante de um gigante emocional ameaçador e não possuí a nenhum traço da valentia de

Davi, cuja confiança estava depositada em Deus e nos seus planos diante da iminente batalha.

O olhar de Melody cruzou com o meu pelo espelho e ela não precisava dizer mais nada. Eu sabia que ela tinha razão. Enjaular a ansiedade não me faria bem, muito pelo contrário.

— Você se lembra de quando me mudei e confessei ter abandonado tantas coisas e renunciei ao sentimento que eu tinha por uma pessoa?

— E como poderia me esquecer? Você ficou por meses mal, tentando superar, toda tristonha. — Mel adiantou alguns passos em minha direção, a curiosidade atizada. — Apesar de nunca ter me revelado quem...

Melody virou a cabeça bruscamente me forçando a encará-la. Quase foi possível ouvir o “clique” em seu cérebro. Os olhos se arregalaram e a mão direita dela tampou a boca por um momento.

— Qual deles? — indagou perplexa demais para confirmar de antemão se sua suspeita estava correta.

Dei um longo suspiro.

— Edwin.

Eu já estava acostumada com os constantes exageros por parte dela quando queria se expressar, mas ela foi tão intensa em sua reação, que me fez querer rir. A mão foi parar no peito, ela puxou o ar de uma só vez e o segurou, mantendo a boca aberta e soltando um gemido comedido. Parecia atônita, surpreendida, mas não deixou o brilho fugir do olhar, a conhecida fantasia sobre um futuro glorioso refletindo em seus olhos escuros.

— Você é apaixonada pelo Príncipe Edwin? — por fim ela conseguiu emitir a pergunta. Mas antes de eu ser capaz de me manifestar, ela segurou meus ombros e sorrindo, concluiu. — E ele por você!

— Ao menos ele era, algo assim — respondi, erguendo o ombro esquerdo.

— Minha amiga será uma princesa! Como assim? — Sem avisos prévios, começou a comemorar, numa espécie de dança, pulos e mãos agitadas para todos os lados. — Ah! Ah! — Quando ela conseguiu externar todo seu júbilo e se aquietar, parou em

minha frente e segurou minhas mãos. — Promete nunca se esquecer de mim quando for famosa e rica?

— Melody! — Tentei me esquivar de suas mãos, mas ela me segurou com força. Esforcei-me para parecer indignada, contudo, era impossível resistir à empolgação transbordando em seus olhos. — Não começa! O fato de eu ter me apaixonado não significa muita coisa, pelo contrário. Estou longe de ser a garota mais cotada para assumir uma posição dessas.

— Anne! Anne! — Mel não se deu ao trabalho de sequer considerar minhas palavras. — Eu, como melhor amiga de Vossa Alteza, preciso saber de todos os detalhes.

— Depois. — Consegui me desviar de suas mãos e expectativas, aproveitando para pegar minha bolsa em cima da mesa. — Estou atrasada, o Sr. Marfim está me esperando.

— Tudo bem. É melhor que vá mesmo. — Ela se sentou na beira da mesa e cruzou as pernas numa postura bem informal, aparentando tranquilidade, nem de longe se parecendo com a menina afobada de momentos antes. — Mas assim que possí vel você me colocará a par de todos, eu disse *todos* os detalhes dessa história — concluiu irradiando ameaças.

— Ore por mim — pedi antes de abrir a porta e segui rumo à recepção onde Marfim já me aguardava.

Se havia aflição refletida em meus atos, Marfim pareceu não notar. Cumprimentou-me como de costume, elogiou minha aparência e fez uma série de recomendações em prol da minha saúde e de Oliver. Permiti me deixar ser contagiada por seu bom-humor e, tentando não pensar muito no que me esperava logo mais, adentrei na conversação com o bondoso senhor.

Fomos conduzidos por James, motorista particular de Otto, num carro alugado para esse fim. O fato de ele manter aquele senhor como seu motorista, ainda quando suas estadias em Susan não alcançavam a frequência maior do que um fim de semana por mês, revelava que o homem era só mais um dos protegidos de Marfim.

O restaurante escolhido por ele não era longe, como havia me dito. Logo que chegamos, o alí vio suavizou um pouco a minha preocupação com a segurança dos Príncipes. O lugar era chique,

aconchegante e dividido em áreas particulares, algo feito para sugerir uma atmosfera familiar. As mesas eram dispostas em ambientes separados por plantas, paredes ou decoração, mantendo a privacidade tão bem quista naquele momento.

Marfim foi recebido com excelência e seu pedido por um espaço privado, quando na alteração da reserva, prontamente atendido. Fomos acolhidos em uma salinha particular com uma mesa azul redonda de quatro lugares no centro. Havia algumas poltronas ao lado de uma mesa de chá e um pequeno buffet no canto da sala.

— Ainda não compreendo por que tanto mistério de sua parte hoje — Marfim confessou quando fomos deixados a sós. Ele puxou a cadeira para eu poder me acomodar e eu agradei sua gentileza.

— Surpresas costumam estar acompanhadas de uma pitada de mistério. — Uni os lábios quando o olhar incisivo dele atravessou o meu, cheio de interesse silencioso. — Prometo que o senhor vai gostar.

Ele assumiu uma das cadeiras ao meu lado e logo a animação envolveu outra vez suas palavras.

— Bem, você me conhece muito bem, é verdade. Desde a minha querida Sarah, não houve outro alguém em quem eu pudesse confiar tanto como eu confio em você, como a filha que nunca tive.

Eu sabia que as palavras dele não eram a mais pura verdade, uma vez que ele tinha vários amigos de confiança espalhados pelo mundo, mas considere o que disse.

— Eu quem devo gratidão a você, Marfim. Sempre farei o que estiver ao meu alcance para retribuir todo o seu auxílio. Eu e Oliver nunca seremos gratos o suficiente.

— Bobagem. Todo mérito é de Cristo. Somos da mesma família e aprendi com meu Senhor que não devemos desamparar os de casa, principalmente os órfãos.

Aquele dia estava sendo tumultuado demais para uma alma vulnerável como a minha, e o assunto sensível apenas contribuiu com mais uma parcela na carga de emoção. Cocei o nariz buscando evitar me desestabilizar. Eu não queria me apresentar tão dramática durante o jantar.

Para minha sorte, fomos interrompidos por um dos garçons que anunciou a chegada de nossos acompanhantes. Marfim me olhou questionador e eu apenas sorri em resposta.

Quando os Príncipes Edwin e Esra foram introduzidos no ambiente, quase pude ver a palavra “Como?” se formando nos lábios do senhor de cabelos brancos ao meu lado. E quando eu me coloquei de pé e fiz uma reverência programada, a surpresa cresceu ainda mais no rosto dele.

— Altezas.

Inevitavelmente, meus olhos foram atraídos até Edwin e foram recebidos com ternura; como se cordas invisíveis pudessem puxar meu coração ao comando da presença dele. Ele estava muito bem-apresentado com seu terno slim azul marinho escuro, a gravata vinho e o sapato marrom. As palavras quiseram fugir de minha boca, principalmente quando considerei Esra ao seu lado, igualmente elegante.

— Obrigada por terem aceitado o convite — eu disse.

Marfim, contemplando a cena e compreendendo que o fato de duas das maiores autoridades de Cibele estarem ali não era mera coincidência, levantou-se e se moveu até o meu lado. Edwin e Esra adiantaram mais alguns passos, enquanto três seguranças permaneceram na porta.

Fiz as apresentações com grande esforço para não manter toda a minha atenção em Edwin.

— É uma honra conhecê-los. — Marfim se adiantou e cumprimentou os dois com um aperto de mão. — Não sabia que teríamos uma companhia tão ilustre hoje.

— Acredito que a senhorita Davies surpreendeu a todos nós. — Esra não perdeu a chance de deixar um de seus comentários sarcásticos. — Senhorita, está belíssima.

Esra beijou minha mão trêmula e deu espaço para Edwin se aproximar.

— Como vai, Anne? — Ele me chamou propositalmente pelo primeiro nome, a voz cheia de gentileza e, diferente do irmão, não beijou minha mão, mas a manteve na sua por tempo suficiente para eu desejar que ele nunca mais a largasse.

Marfim sugeriu que nos acomodássemos. Edwin se ofereceu para puxar a cadeira para mim, e só depois de me sentar é que percebi o quanto minhas pernas estavam instáveis.

Esra sentou-se à minha frente, deixando o lugar vago ao meu lado para o irmão. Eu estava bastante consciente da presença de Edwin e isso era uma ameaça muito grande para a conduta calma esperada para a ocasião.

Logo, o chefe e dono do restaurante em pessoa apareceu para dar boas-vindas aos prestigiados clientes. Muito emocionado, sugeriu o prato da casa, sendo acatada sua sugestão. Quando ele nos deixou, eu sabia que precisava introduzir o assunto que me levou a reunir os três. Otto, claro, estava bastante entusiasmado. Ele compreendia a oportunidade única de estar frente a frente com os dois Príncipes de Cibele.

— Altezas, o senhor Marfim é fundador e presidente da *High Flying Eagle* especializada em relações internacionais, principalmente comerciais. É muito bem relacionado em várias nações. — Prefiro encarar Esra para tentar manter tudo sob controle. — Ele tem excelentes propostas que visam beneficiar Cibele.

— Obviamente eu não sabia que você também era tão bem relacionada como eu, menina — Marfim declarou descontraído, arrancando sorrisos de todos à mesa.

— E como ela é! — Esra zombou alternado o olhar entre mim e Edwin, conferindo o efeito de suas palavras.

Meu rosto rubro, claro, denunciou a compreensão de sua indireta.

— Eu tenho um carinho especial por Cibele — Marfim confessou com uma olhadela para mim. — Enviei algumas propostas, mas tenho ciência de que papéis nunca terão o efeito de uma reunião cara a cara.

Edwin, até então calado, inclinou-se um pouco sobre a mesa, concentrando sua atenção em meu padrinho.

— Creio ser intenção da Anne tornar essa refeição em um jantar de negócios. E se ela confia nessa ideia, estou pronto para ouvir suas propostas, senhor — Edwin afirmou com seriedade.

A partir daí me vi cercada de uma conversação política e econômica cujo teor eu não compreendia praticamente nada. Os três passaram a discutir vários assuntos dentro da esfera das propostas de Marfim. Ele era excepcional na sua área e conseguiu cativar o interesse dos Príncipes. Nem mesmo a comida servida teve o poder de mudar o rumo da conversa, e eu temi que eles acabassem degustando o prato já frio.

A conversa sobre negócios findou-se de maneira que, tanto Marfim, quanto Edwin, reconheceram um no outro além de apenas interesses por Cibele. Estava claro que o amor pelo Reino era o principal ponto em comum entre eles. Isso me deixou ainda mais ansiosa para tratar do segundo tema que eu planejei para aquela noite.

Mas havia Esra e eu não tinha certeza se poderia confiar a ele consideráveis assuntos. E como fruto da Provisão divina, Esra retirou-se por um momento para ir ao *toilette*.

— Edwin, há outro serviço prestado por Marfim que, creio eu, também seja de seu interesse.

Edwin, que até então me dispensara apenas alguns olhares à espreita, me encarou curioso. Pareceu-me que ele estava satisfeito por eu me dirigir a ele, principalmente em termos tão informais.

— Anne! — Marfim me repreendeu, estupefato.

— Está tudo bem, Marfim. — Apertei sua mão, garantindo saber onde estava me metendo. Eu sabia como era de suma importância manter sua identidade em segredo, não deixando nenhuma suspeita sobre seu verdadeiro interesse em grande parte de suas relações internacionais. — Eu conheço Edwin. Sei que ele pode agregar e muito aos seus planos.

Edwin aguardava maiores esclarecimentos, enquanto Otto processava se deveria ou não expor seus serviços ao Reino, um pouco desconfiado se confiava ou não na minha própria confiança no Príncipe.

— Eu faço alguns outros tipos de trabalhos internacionais — ele disse por fim, um pouco hesitante.

Resolvi intervir.

— Marfim, Edwin conhece a história do meu pai e foi ele quem investigou para saber se eu e Oliver estávamos em

segurança. Ele possui grande apreço pela causa dos cristãos perseguidos no mundo. Tenho certeza, essa troca será muito útil. — E, para completar, sentindo meu olhar atraído pelo do Príncipe, afirmei com convicção: — Eu confio inteiramente nele.

Havia uma emoção forte saindo daqueles olhos castanhos claros e ela me atingiu em cheio. Manter meu olhar no dele tornou-se uma tarefa bastante difícil, principalmente porque Edwin aparentava possuir a capacidade de desvendar toda a minha alma e eu tinha medo do que exatamente ele pudesse descobrir.

— Anne está certa. — Ele voltou-se a Marfim com a seriedade de um negociador. — Eu estou disponível para ser útil como puder.

Marfim estava pronto para falar mais, quando Esra retornou. Em um instante a conversa cessou e o silêncio roubou o lugar do assunto evitado diante do Príncipe mais novo.

— Está tudo bem — Edwin declarou sem pestanejar. — Esra também se interessa pela mesma causa.

— Causa? Que causa? — Esra, de volta a seu assento, cruzou as pernas e encarou a todos nós, curioso.

— Do Reino — Edwin explicou. — E de nossos irmãos espalhados pelo mundo.

Vi a expressão do Príncipe mais novo mudar sorrateiramente. Seu sorriso apareceu por inteiro.

— Ora, acredito que a Anne não sabe da minha drástica mudança. Presumo que ela ainda tenha uma ideia errônea sobre meu caráter, irmão. — Esra pousou sua mão no ombro direito de Edwin. — Não sou mais o Esra que a senhorita conheceu há dois anos. Fui encontrado.

Dito isso, Edwin sorriu, Marfim revezou o olhar entre nós três, para, por fim, terminar me encarando, abrindo um sorriso sugestivo de quem estava começando a ligar os fatos.

— Esra é um de nós agora. — Edwin encontrou meus olhos e sorriu. Eu sabia o quanto ele era apegado ao caçula e me recordei das muitas vezes em que compartilhou sobre suas orações em favor do irmão.

— Deus é bom! — exclamei, num misto de surpresa e felicidade.

— Ainda sou um cristão engatinhando no Caminho e precisando de muita graça para mudar... Ah, bem... certos aspectos da minha vida e do meu passado desagradável. — Esra sorriu e exalou seu costumeiro charme.

— Bem, creio que estamos em família aqui. — Marfim se inclinou para frente, como se fosse capaz de nos isolar do restante do mundo. — Contudo, não acredito ser esse um lugar apropriado para discutir os negócios do Reino.

— O senhor está certo. — Edwin assumiu a postura de líder ponderado. — Sendo assim, será uma honra recebê-lo em Kent, para uma reunião privada. Lá poderemos tratar dos diversos aspectos de nossas negociações, referente aos dois reinos.

— Santo Deus! — Marfim levantou as mãos, agradecendo ao Senhor por aquele convite tão desejado. — Seria provisão do Senhor!

— Para todos os efeitos, trataremos de assuntos comerciais. O senhor conseguiu atrair minha atenção.

Fomos interrompidos com a chegada da sobremesa. Enquanto Esra e Marfim entraram numa conversação entusiasmada sobre um dos esportes tradicionais de Cibeles, Edwin preferiu dedicar sua atenção a mim, embora não utilizasse palavras para isso.

Minha mente me alertava sobre os perigos de deixar meus sentimentos retornarem e assumirem o controle. Mas eu estava caindo nas armadilhas do meu próprio coração. Era Edwin ali, cativando minha afeição a cada mudança de expressão de seu rosto, a cada olhar, a cada gesto, a cada palavra. Por mais que tentasse, com muito afinco, era impossível cerrar a fonte das torrentes sensações ressurgindo devido a nossa proximidade.

E como se tudo conspirasse a nosso favor, assim que a conta foi paga e o jantar oficialmente encerrado, Esra ficou de pé e colocou a mão no ombro do irmão.

— Senhor Marfim, acredito que o Edwin e a Anne têm alguns assuntos a tratar em particular. Se não se importa, gostaria de solicitar uma carona para mim e meu segurança de volta até o hotel.

Edwin me encarou e encontrou em mim uma Anne assustada. A simples ideia de uma conversa franca entre nós fez a ansiedade aumentar. Não que eu não apreciasse a possibilidade de

conversar com ele, de ter um tempo com ele, mas sim porque eu não estava preparada para a extensão do que aquilo pudesse se tornar.

— Não será preciso — ele disse após ler minha reação. — Não quero incomodar...

— Tenho certeza de que não será incomodo nenhum, não é, Marfim? — Esra declarou fazendo certa força com as mãos, impedindo que o irmão se levantasse.

— Nenhum! — Marfim afirmou e se levantou. — Claro, se Sua Alteza se responsabilizar em deixar a Anne em casa. Anne, minha filha, você se importa se mudarmos os planos?

— Eu estou de plantão hoje — respondi. Então, quando vi dúvidas pairando sobre o semblante de Edwin, compreendi que precisava dar uma resposta rápida. — Sendo assim, Edwin só precisa me dar uma carona até o hotel. Vou passar a noite por lá.

— Então está tudo perfeito! — Esra tirou a mão do ombro do irmão e apontou para a saída. — Podemos partir, Marfim. E continuamos nosso papo no caminho.

Marfim relançou sobre mim um último olhar. Abri um sorriso incerto para tranquilizá-lo e funcionou, porque depressa ele se retirou na companhia de Esra.

— Você está bem? — Edwin analisou o meu rosto em busca de um sinal de consentimento. Estava claro que minha reação o fez recuar um pouco.

— Claro! — Respirei duas vezes antes de continuar. — Estou muito feliz por poder reunir vocês. O desfecho do jantar foi um pouco inesperado, mas não significa que foi desagradável.

O que eu estou falando? Isso soou um pouco diferente demais.

— É bom saber que você se agrada da minha presença, então. — Sua expressão se alterou de séria para divertida. Ele se levantou e estendeu a mão para mim. — Mas acho que aqui não é o lugar adequado para uma conversa franca.

Sem capacidade para dizer algo, apenas aceitei a sua mão. O prazer daquele contato penetrou através dos poros de minha pele e se espalhou até chegar ao coração. Toda a minha capacidade de pensar racionalmente parecia estar fugindo de mim, ainda que uma

luzinha lá no fundo estivesse piscando, avisando que era tudo ilusão, apenas o prenúncio de mais sofrimento.

Edwin soltou minha mão quando saí mosda sala e escoltado por dois dos seguranças caminhamos lado a lado até o carro preto parado no estacionamento. Eu entrei primeiro no banco de trás, ele se sentou do meu lado. Sobressaltei quando a porta se fechou e sorri para tentar espantar o aspecto de nervosismo que assumia meu rosto.

— O jantar estava delicioso. — Usei a tática de assuntos banais para puxar uma conversa quando o carro deu partida. — A sobremesa então...

— Sabe do que me lembro? — Edwin virou o corpo em minha direção. — Você trombando em mim no Palácio, de olhos fechados e a boca cheia de torta.

— Ah! — Coloquei as duas mãos na face, recordando-me bem de quando ele me impediu de cair. — Sim, foi quando você me chamou de desastrada.

— Não, não. Você quem disse, eu apenas confirmei sua sugestão.

— E você não estaria errado se tivesse sugerido primeiro. — Dei de ombros, reconhecendo minha personalidade nada delicada.

Edwin permaneceu olhando para mim, pensativo.

— Bem, você está mudada. Parece que resolveu se entender com os talheres — ele afirmou, brincando, se referindo ao fato de termos comido seguindo as regras de etiqueta dos utensílios durante o jantar.

— Fui obrigada a aprender — confessei. — Quando entrei no hotel, precisei fazer vários cursos, e um deles era de etiqueta. Mas não se engane, eu lutei muito contra eles antes de conseguir vencer a batalha.

— Você se saiu muito bem. — De repente o olhar dele assumiu um aspecto diferente. — A propósito, você está linda!

Apertei minhas mãos tentando aliviar a tensão, surpreendida com o elogio.

— Obrigada.

Mais um momento de silêncio se seguiu. Aproveitei para apreciar a paisagem das ruas do lado de fora da janela, ao menos

tentava me convencer que elas tinham algo de agradável a ser vista.

— Você parece gostar muito do seu trabalho. Vi pela maneira como fala, com entusiasmo. — Quando ele se certificou de que eu me virei e dava atenção a ele, continuou. — Aliás, corrigindo, você sempre fala com entusiasmo de tudo. E estou feliz por não ter mudado isso. Eu amo sua espontaneidade e seu jeito de ser.

A palavra “amo” acrescentada a algo da minha personalidade surtiu efeito sobre mim. Meu coração acelerou o ritmo, minha respiração também. Fiquei esperando que ele dissesse algo mais, numa torturante expectativa, embora, ao mesmo tempo, eu desejasse que ele não dissesse nada mais.

Um longo instante se estendeu entre nós, um silêncio tão intenso que tive medo de que ele pudesse ouvir as batidas de meu coração contra o peito.

— Esra tem razão. — As palavras dele rompeu o silêncio. — Embora eu não tenha combinado com ele nada disso, eu de fato tenho algo para conversar com você. Na verdade, passei a tarde toda pensando nisso.

Fiquei imóvel, o coração na garganta, as mãos trêmulas, os pensamentos indo e vindo tentando descobrir de antemão quais seriam suas palavras e como eu deveria reagir a elas.

— Você se lembra da última vez que nos vimos? — ele perguntou e eu apenas assenti com a cabeça. — Foi no baile. — Ele deu um riso incerto. — Você estava linda naquela noite.

Eu baixei meu olhar. Ele remexia as mãos, alisando uma na outra.

— Eu queria ter dito algo, confessado algo, mas não foi possível. Não foi o momento certo e, sinceramente, nem sei se é agora. — Embora eu não estivesse olhando em seus olhos, soube que ele me olhava. — Não aqui, no banco de trás de um carro em movimento. Mas eu esperei tempo demais para te dizer isso e eu não sei se quero esperar mais. Nem sei se devo esperar mais.

A mão dele se moveu em direção a minha e a segurou. Eu sabia que precisava erguer meu olhar e encarar o momento. Lentamente, levantei minha cabeça e encontrei nos olhos dele todas as respostas que eu precisava.

— Anne, naquela noite eu estava pronto para revelar a você meus sentimentos. Eu já não suportava mais aprisioná-los em silêncio. E, embora eu desejasse muito dar esse passo, sentia como se algo me impedisse, a todo o momento, alertando que ainda não era o tempo. Por isso, temeroso, não consegui ser aberto o suficiente quando nos despedimos. — Ele me ofereceu um sorriso fraco. — A verdade é que eu não imaginava que não a veria mais por tantos meses. Sinceramente, eu esperava prolongar o discurso apenas por mais alguns dias, não anos.

— Edwin, eu...

— Por favor, me deixe terminar, sim?

Apertei meus olhos e lábios e movi a cabeça em afirmativa.

— Eu senti tanto sua falta. Os dias em que você esteve no Palácio foram um alento para mim, um alento que eu sequer sabia da necessidade.

Segurei a respiração ao ouvir o assunto temido ser mencionado. Edwin, entretanto, sorriu.

— Mas eu orei a Deus e confiei a Ele meus sentimentos, minha vontade de ir atrás de você e tentar mudar a forma como tudo aconteceu. Eu compreendi, Anne, que todo esse processo pelo qual passamos era intervenção do Senhor. Ele precisava agir em meu coração, em minhas emoções e me ensinou a descansar na vontade Dele. Mas a verdade é que, nunca perdi a esperança de te reencontrar um dia e dizer, Anne Davies, o quanto você bagunçou minha vida, meu coração, os meus dias.

Eu estava processando cada palavra sem conseguir reagir. Mas meus olhos continuavam presos aos dele.

— Eu amei você há dois anos e meus sentimentos continuam exatamente iguais quando você partiu, deixando-me só com a esperança de te reencontrar logo. Eu ainda a amo e precisava confessar isso. Reconheço que falhei não tendo sido claro o suficiente da última vez. Eu deveria ter exposto minhas intenções com você, e peço perdão por tê-la colocado numa situação desagradável sem uma segurança prévia sobre o que eu queria e quero te oferecer.

Suas palavras puxaram as grades frágeis que seguravam minhas emoções no lugar. Eu já o ouvira confessar seu amor por

mim, naquela mesma noite mencionada, na biblioteca. Contudo, não era a mesma coisa ouvir olhando em seus olhos, segurando sua mão e percebendo a firmeza de cada palavra dita.

— Você entende o que eu estou dizendo? Entende o significado de eu estar aqui, abrindo meu coração a você?

Assenti com a cabeça. Eu entendia bem, sim, o significado e era quase aterrorizante pensar o que ele representava.

Amor, casamento e uma tiara de princesa.

Sentimentos mistos se fundiam dentro da minha alma, impedindo-me de sequer dizer a ele que eu sentia o mesmo. Uma mescla de prazer, alívio, apreensão, incertezas e certezas, medo e anseio impulsionaram algumas lágrimas até que Edwin me puxou para mais perto e me abraçou, aconchegando-me.

O momento era doce demais para eu estragar balbuciando qualquer coisa, apenas por me sentir forçada a dizer algo. Deixei-me ser amparada por seu amor e me esforcei a não pensar em nada, não naquele momento. As dúvidas viriam, o medo me atormentaria, mas eu os deixaria para mais tarde. Meu coração batia no ritmo de aceitação. Aceitação do amor que ele me oferecia. Do amor pelo qual tanto ansiei e foi tirado de mim. O amor que acalentava aquele momento tão inesperado.

Quando o carro parou no estacionamento do hotel, havia uma agradável serenidade entre nós. Aos poucos os braços de Edwin me soltaram e eu ergui a cabeça para encará-lo.

— Você pode passar o dia comigo amanhã? — ele perguntou diretamente. — Eu preciso de mais tempo para explicar tudo. Eu não quero partir sem ter a certeza de esclarecer o passado, o presente e o futuro. E então, se você estiver disposta a responder, a se abrir, eu estarei pronto para ouvir.

— Eu vou falar, claro que eu vou falar. — Parei por um momento tentando formular a frase certa. — É só que...

— Tudo bem, Anne. Tome seu tempo. Eu não quero pressioná-la a nada. — Então ele sorriu. — Mas eu precisava fazer isso tão logo fosse possível.

A porta do carro se abriu ao meu lado. Edwin desfez todo o contato entre nós.

— Amanhã, creio que Melody consegue me cobrir.

Na verdade, Mel me empurraria de uma escada se eu não aceitasse aquela proposta, e ela faria o que fosse possível para me deixar livre o dia e a noite inteira.

— Então, eu espero uma mensagem sua, tudo bem?

Assenti e me preparei para sair.

— E, Anne — ele chamou e eu voltei a olhar para ele —, eu vou orar por nós.

Edwin, naquela noite, subiu para seus aposentos e eu desci ao chão, de joelhos, em frente à cama onde eu passaria minha noite, pedindo a Deus a condução de nossas vidas, ciente de como tudo poderia mudar no dia seguinte.



Capítulo 7

Capítulo 7

Minha cabeça estava inclinada em direção ao volante, meus dedos tamborilavam sobre a minha perna. Toda a tensão da noite mal dormida, as expectativas diante do que estava prestes a acontecer e as lembranças da noite anterior comprimiam meu peito.

Eu ainda estava incrédula com todo o significado daquele reencontro. Além disso, minhas emoções estavam instáveis, embora, devo reconhecer, meu coração disparava em contentamento quando me recordava das sinceras e profundas palavras de Edwin confessadas a mim; para, então, dar um salto em direção a angústia, parte por me lembrar de ter sido incapaz de dizer o mesmo, parte por saber o que significava aquela declaração.

Admito, eu estava apreensiva. Tinha medo do futuro, temor da decisão que me importunava, principalmente quando me recordava do passado, da ocasião em que toda a minha vida mudou de rumo.

Senhor, por favor me ajude! Eu estou perdida, confusa, preocupada! Ajude-me!

Depois de orar pela milésima vez naquela manhã, ajeitei meus óculos e peguei meu celular para conferir as horas. Fiquei tentada em abrir a conversa virtual que tive com Edwin, quando combinamos nosso passeio para o dia. Ficou acordado que, embora ainda existisse o medo da exposição, o melhor seria nos encontrarmos ao ar livre, onde poderíamos conversar “e esclarecer todos os pontos”, como ele disse.

Devolvi o celular na bolsa e apertei minhas mãos molhadas de suor. Estava prestes a descer do carro quando houve uma pequena movimentação na entrada do estacionamento. Edwin vinha acompanhado de quatro seguranças e conversava seriamente com eles, que pareciam concordar com as ordens dadas. As roupas informais que o Príncipe vestia, diferentes do habitual, arrancaram um sorriso bastante apaixonado do meu rosto.

Acenei quando ele estava próximo e recebi como resposta um pequeno gesto de mãos, pedindo-me alguns segundos a mais. Ele parou, terminou sua conversa com os homens que se dispersaram em direção a outro veículo e com uma das mãos no bolso terminou a trajetória até o meu carro.

— Entre! — instrui, fazendo de tudo para manter uma interação natural.

Ele abriu a porta, abaixou-se e sorriu. O sorriso mais lindo do mundo, constatei mais uma vez.

— Não sei quando foi a última vez que andei no banco da frente de um automóvel. — Sem nenhuma cerimônia e parecendo totalmente à vontade, ele entrou e fechou a porta.

— Bom dia, Edwin — saudei e fiz mais uma avaliação de suas vestes. Ele usava calça jeans e camiseta azul com detalhes em vermelho. Nos pés um tênis esportivo. — Você está muito bem disfarçado, nunca pensei que o veria assim, tão descolado!

— Você deve imaginar que não tinha me prevenido para essa situação e não havia roupa apropriada para nossa *pequena aventura*. Foi bastante complicado explicar para Henri o motivo de me vestir assim para um compromisso importante. Quase podia ver o desgosto estampado em seu rosto. — Ele deu uma risadinha abafada. — Eu evitei dar mais detalhes sobre essa saída repentina e fora dos protocolos.

— É quase como uma fantasia. Pessoas normais se vestem de príncipes, e príncipes se vestem de pessoas normais. Então, para completar o disfarce perfeito... — Virei-me em direção ao banco de trás e peguei um boné e os óculos escuros de Oliver, cuja função seria mascarar totalmente a aparência do Príncipe.— Hoje, Vossa Alteza se tornará um legítimo plebeu.

Edwin aceitou minha oferta, ajeitou os cabelos com as mãos e enfiou o boné da cabeça. Olhando sua imagem refletida no espelho do retrovisor, sorrindo, colocou os óculos escuros. Quando se voltou para mim, relaxou um pouco o corpo no banco e cruzando os dois braços em frente ao peito, indagou:

— Como eu estou?

Lindo, lindíssimo, era o que eu queria responder. Porém, fui inteligente em pensar melhor antes de abrir a boca.

— Longe de parecer o Príncipe. Ficou perfeito!

— É bom que funcione — declarou passando o cinto de segurança pelo corpo. — Se meu pai souber dessa minha extravagância, vai ficar muito irado. Vai me chamar de inconsequente, posso imaginar ele me comparando com Esra. Anne, eu corro algum risco com você na direção?

— Edwin! — exclamei, abismada, com sua insinuação. — Eu dirijo muito bem, se quer saber. Tirei minha carta de primeira e recebi muitos elogios.

— Eu não quis ofendê-la, longe de mim, mas, imagine se sofremos um acidente? Como o noticiário vai informar à população que seu Príncipe estava em um carro popular, em trajes informais, ao lado de uma plebeia desconhecida? Eu provocaria a morte de meu pai antes da hora com tamanho escândalo e quebra de protocolo.

— Você pode assumir o volante, se quiser! — sugeri e ele torceu o nariz, parecendo encarnar bem o papel de um homem simples.

— E perder a oportunidade de vê-la em ação? — Ele balançou a cabeça em negativa. — Estragaria toda a diversão. — E percebendo que eu estava prestes a responder sua provocação, ele sorriu e se apressou a completar. — Não que eu duvide de suas habilidades.

Meu rosto estampou meus pensamentos exasperados diante de tamanha insolência, e Edwin retribuiu com um sorriso contagiante, o que acabou por encobrir minha tensão.

Quando liguei o carro, percebi que outro fez o mesmo. Edwin olhou para trás, conferindo se tudo estava de acordo com seu esquema.

— Teremos companhia — explicou. — Esra tentou me convencer de uma saída furtiva, mas achei audacioso demais. Não gostaria de colocar em risco nossa segurança apenas em busca de mais privacidade. Contudo, eles foram orientados a manter distância e tenho certeza de que cumprirão seu dever.

— Não me restam dúvidas de estar plenamente segura em sua companhia, Príncipe Edwin.

Arrisquei encará-lo e fiquei decepcionada por ele estar com os óculos escuros, o que me deixava cega a seu olhar. Por alguma razão, eu desejava ler nele um pouco mais dos sentimentos confessados na noite anterior.

— Podemos ir, então — ele orientou, me trazendo de volta à realidade. — Não vejo a hora de me sentir na pele de um plebeu. E que o Senhor nos ajude!

Eu não era de me gabar como motorista, mas podia afirmar que sempre fui prudente no trânsito. Entretanto, dirigi com o dobro de cautela dos dias normais. Eu não estava disposta a fazer parte dos noticiários, muito menos estragar aquela oportunidade única.

Eu já tinha pensado bastante sobre todas as possibilidades da nossa conversa e tinha me decidido por ser sincera. Eu podia confiar em Edwin, sabia que ele me entenderia. Porém, isso não afastava o medo e a agonia de estar dando um passo grande demais para as minhas pernas.

Era um fato que meus sentimentos comemoravam, desimpedidos, aguardando o momento quando receberiam autonomia para realizar suas vontades. Mas havia tantos “e se” na minha mente, que volta e meia eu me deparava com questionamentos sobre até onde eu usava a razão. Era difícil confiar de que o nosso encontro não havia sido em vão e de que poderia haver ali um propósito do Senhor, quando, em outro momento, eu cria que Ele próprio tinha me levado por outro caminho.

Durante o caminho até o parque *Chant* e conversamos sobre os pontos turísticos de Susan. Quando estacionei no nosso destino, era como se um peso tivesse saído de minhas costas. Sentia-me mais leve. Edwin era alguém especial e querido e nossa intimidade permanecia intacta, como a de dois anos antes. Nada parecia estar fora do lugar e isso era estranho.

Edwin deu uma boa olhada a nossa volta quando descemos do carro. Havia uma nota de tensão nas linhas de seu rosto, se tornando ainda mais visível quando ele encarou os seguranças que já estavam a postos a certa distância.

— Nós podemos dar uma volta pela pista da borda — sugeri apontando para o local onde apenas alguns atletas se exercitavam. — E quando chegarmos ao centro da praça, vamos encontrar atividades divertidas para turistas comuns.

— Perfeito! — Edwin se aproximou. — Não seria apropriado oferecer meu braço, não é?

— Não, não seria. É um ato muito principesco. E queremos de você atitudes de homens comuns.

— Sou um homem comum. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Com um cargo bastante importante, mas continuo sendo comum. Apenas um pecador redimido.

Edwin gesticulou em direção ao parque e nós caminhamos lado a lado. A pista lateral era larga, ladeada de árvores e campos gramados com alguns jardins floridos salpicando aqui e ali. Havia caminhos adjacentes que se iniciavam e terminavam nela, cujo trajeto total circuncidava todo o parque. O dia estava fresco, embora o sol dominasse o céu ausente de nuvens e, apesar do parque ser uma atração turística bastante requisitada, principalmente estando tão perto das comemorações, por possuir uma área tão extensa, acabava por dividir bem os frequentadores, nunca parecendo cheio como de fato se encontrava.

Demos alguns passos em silêncio. Eu apreciava a vista, da qual nunca me cansava, por mais que estivesse ali uma dúzia de vezes. Já ele se mantinha alerta, as costas eretas, a pose de autoridade habitual, olhando a todo instante ao redor, avaliando todas as pessoas que vinham em nossa direção, ainda que tentasse disfarçar sua inquietação.

— Fique tranquilo, Ed. — Encostei de leve meu ombro no dele. — Você está irreconhecível. Relaxa, ou vão achar que há algo estranho com você.

— Ed? — Ele riu, pego de surpresa, e relaxou a postura enfiando as mãos no bolso da calça jeans.

— É melhor não ficar pronunciando seu nome por aqui. Além do mais, acho um apelido fofinho.

Um sorriso tímido surgiu nos lábios dele.

— É como minha mãe costuma chamar meu pai na intimidade, mesmo sabendo o quanto o desagrada. — Ele balançou a cabeça. — Certa vez, ela se esqueceu de que estava no meio de pessoas importantes e acabou soltando o apelido. Foi engraçada a reação das pessoas, enquanto meu pai ficava vermelho como um tomate e ela tentava contornar a situação, mas se enrolando cada vez mais.

— Ah! — Eu estava me contorcendo para tentar manter a discrição e não dar uma gargalhada. — Sem dúvidas, essa é uma atitude típica para uma Anne da vida, mas eu não consigo imaginar sua mãe protagonizando uma cena tão constrangedora. Ela é sempre tão elegante, parece saber exatamente como agir em cada ocasião.

— Pois sim, aconteceu, pode acreditar. A majestosa Rainha Margareth cometeu um grande deslize, e foi memorável.

— É bom saber que inclusive os nossos soberanos estão sujeitos a cometer erros, isso os torna mais humanos e menos... — Levantei as mãos em busca de uma palavra certa. Dei de ombros. — Menos soberanos.

Um traço de divertimento brincou em sua expressão, ainda que seus olhos estivessem ocultos pelos óculos escuros.

— Acho que deve ser um grande alívio para a senhorita constatar, então, que eu sou humano e menos príncipe também.

Recebendo de bom grado a brincadeira, retorci os lábios.

— Não, não. — Neguei com a cabeça. — Infelizmente, você é muito perfeito, dificilmente cometeria erros como os nossos, meros mortais.

— Mas, se eu me lembro bem, em certa ocasião fui injustamente denominado como orgulhoso, insensível e mais uma

diversidade de adjetivos próprios dos seres humanos caí dos da graça.

Mesmo sem poder ver, soube de imediato que minhas bochechas coraram.

— Bem, em minha defesa, naquela ocasião eu ainda não conhecia a lagarta por trás da borboleta.

Ele sorriu ao captar minha referência. Eu nunca tinha me esquecido daquele dia quando me dei conta da importância da “Sociedade das lagartas”. E ali pareceu fazer ainda mais sentido.

— Eu não posso acusá-la por sua impressão inicial em relação a minha pessoa. Talvez eu tenha me comportado como uma autoridade prepotente.

— Talvez? — Um olhar intimidador atravessou as lentes dos meus óculos. — Você me deu medo, de verdade.

— Sinto muito por isso — ele se desculpou, mas não parecia arrependido. Depois, ficou reflexivo por um momento. — Durante toda a minha vida me concentrei em manter as aparências, seguir os protocolos, cuidar para não fazer nada que pudesse escandalizar, em sustentar a conduta recomendada à autoridade atribuí da ao meu cargo. Nesse processo, provavelmente eu acabei me esquecendo um pouco da essência de quem eu sou.

— E quem o senhor é? — perguntei e me arrependi ao me dar conta para onde eu estava levando a conversa.

Edwin me encarou e voltou a olhar para o caminho a frente. Ele demorou a responder e, por um instante, pensei que não o fosse fazer, até cruzar as mãos atrás das costas.

— No momento, um homem com temores e questões em aberto, que estaria perdido se não pudesse colocar sua confiança e esperança em Cristo e na vontade Dele. Alguém aprendendo a ser como o seu Senhor e lutando grandes batalhas interiores enquanto é sustentado pela graça por esse mesmo Deus. — Ele sorriu. — Tudo isso encoberto pelo encanto da coroa, do título e do poder

Senti uma arrebatadora vontade de abraçá-lo. Era nítida sua sinceridade em me revelar suas lutas. Eu não poderia admirar Edwin ainda mais. Até na hora de confessar suas limitações ele continuava sendo perfeito.

— E você? Quem a senhorita é?

— Uma jovem desastrada com grande tendência a falar e agir sem medir os atos de antemão. — Dei de ombros, admitindo a realidade. — Embora, devo admitir que eu melhorei bastante desde quando estive no Palácio. — Levei a mão até a testa e abaixei a cabeça. — Às vezes eu morro de vergonha ao recordar de certas atitudes minha do passado. — Estalei a língua e voltei a erguer a cabeça. — Mas eu precisei aprender a exercitar meu autocontrole depois de entrar no hotel. E tem funcionado, ao menos quando estou envolvida no trabalho.

— Eu posso confidenciar que senti falta disso? — ele disse e ficou clara a indagação no meu semblante. — Da sua personalidade, sua alegria contagiante e seu modo diferente de me tratar, sem se preocupar em parecer ser outra pessoa ao meu lado só porque eu sou o Príncipe de Cibele.

— Quanto a isso, devo dar parte dos créditos a você. Ao menos comigo você mostrou um pouco de quem é de verdade, sem se importar por eu ser apenas uma plebeia... desastrada. E, bem, entendo a importância de manter as aparências, afinal, quem temerá um Príncipe bonzinho demais? — E sabendo que ele me permitiria ir além, arrisquei brincar. — Só não precisa ser tão, tão, tão... sisudo.

— Vou anotar o seu conselho!

Nos rendemos às risadas, ainda que aquele assunto abordasse uma profundidade real.

À medida que caminhávamos, a praça principal do parque se aproximava. Toda calçada de pedras, buscando manter traços da clássica arquitetura de quando o lugar foi inaugurado há muitos anos, abrigava diversas lojinhas temáticas, cuja intenção era cativar o interesse dos turistas; uma praça de alimentação e decoração planejada com muitas esculturas que contavam a história da nação, muito apropriado para tirar fotos e registrar belos momentos. Mais à frente, um dos pontos turísticos mais conhecido de Susan, a Lagoa dos Amores, onde, dizia a lenda, Robert havia declarado seu mais profundo amor à Rainha Susan, unindo-se a ela através da promessa de matrimônio.

— O que você acha de tomarmos um sorvete? — sugeri quando alcançamos a entrada da praça.

— Excelente ideia. O tempo está ideal para isso.

Tomei a frente e mostrei o caminho de uma das minhas sorveterias preferidas. Eu precisei segurar o riso diante da falta de familiaridade de Edwin com as pequenas atitudes comuns do dia a dia, como comprar um simples sorvete no meio de uma infinidade de pessoas alheias a quem ele era.

Com sorvetes em mãos, resolvemos nos afastar um pouco da multidão, pegando a rota que agora circundava a Lagoa dos Amores.



Capítulo 8

Capítulo 8

Enquanto caminhávamos, observei Edwin levar a colher com sorvete até a boca com toda a elegância de um nobre. Não pude ocultar o humor por testemunhar seus modos tão elegantes e apertei os lábios sugestiva.

— O que foi? — ele perguntou, intrigado.

— Você nunca saberá a melhor maneira de apreciar um sorvete se continuar se portando como um distinto cavalheiro. — Movi o doce até meus lábios e o lambi, deliciando-me como uma criança, sem dissimular minha provocação. — Colher é coisa de... frescos da nobreza!

— *Há – Há – Há.* — Com determinação ele jogou a colher na lixeira mais próxima e se lançou de boca ao desafio. Depois, balançou a cabeça, como se estivesse de concordância com algum pensamento. — Onde eu estive toda a minha vida que nunca havia lambido um sorvete?

— Mas isso só não basta! Precisa se lambuzar e deixar a parte derretida escorrer até sujar sua camisa, ou não será uma

experiência genuína.— Brinquei com sua falta de prática para com pequenos desastres.

— Talvez eu não seja um bom plebeu — ele respondeu e riu.

— Nisso estamos de total acordo — repliquei acompanhando-o na risada.

Mantivemos os passos lentos, apreciando a vista ao nosso redor. As exuberantes árvores à direita do lago, no ponto onde estávamos, fabricavam um verdadeiro espetáculo para os visitantes. As sombras das copas produziam aconchegantes áreas sobre a grama, onde famílias, amigos e casais se reuniam, alguns fazendo um piquenique, outros lendo, outros apenas desfrutando da beleza da natureza.

— O que acha de nos sentarmos ali? É reservado, poderemos conversar tranquilamente — Edwin sugeriu, apontando para um espaço de relva verde entre muitas árvores. Havia algumas flores amarelas espalhadas pelo local onde o sol ainda conseguia acesso, tornando o espaço convidativo para contemplação.

— Concordo — respondi e fiz uma pausa voltando-me a ele —, *Ed*.

O sorriso dele se abriu. Olhou discretamente para trás e com um gesto sutil da cabeça se comunicou com seus seguranças. Nós terminamos nossos sorvetes exatamente quando encontramos o lugar ideal. Segurei o meu vestido e desci até o chão, me acomodando sobre a grama macia e ajustando a saia ao redor das pernas. Ele me acompanhou e já não parecia em nada o Príncipe preocupado de antes. Estava à vontade e relaxado, flexionou um dos joelhos e apoiou ali seu braço.

Eu apreciava a sensação de estar ao lado dele e fiz uma avaliação silenciosa de minhas emoções. Comparei com nossos últimos encontros, ainda em Cibebe, quando um peso estava sobre meu coração parecendo me alertar a não me iludir quanto a nossa união. Ao contrário do sentimento de outrora, não parecia, naquele momento, haver nenhuma perturbação na minha alma. Existia entre nós uma tranquilidade aparente, como se eu estivesse sendo conduzida a um lugar desconhecido, mas em segurança.

Edwin suspirou, se preparando para dar a partida a uma séria e longa conversa.

— Eu passei a noite remoendo as minhas palavras de ontem e imaginando como você estava reagindo a todas as informações repassadas, assim, de uma vez. Talvez eu devesse ir com mais calma, mas, sinceramente, também não sei se deveria continuar esperando, pois eu tenho certeza do que quero. Entretanto, eu não sei se *você* deseja o mesmo.

— Você me surpreendeu, isso é verdade. — Eu sabia que deveria deixar claro a ele meus sentimentos, embora quisesse adiar a responsabilidade de tomar uma decisão. — Mas foi uma doce surpresa.

— Não tão surpresa assim. Você já tinha certeza dos meus sentimentos — ele falou e eu franzi a testa. — Na noite do baile, na biblioteca.

— Ah! — Senti um pouco de constrangimento por me lembrar do mencionado dia. — Então você também sabe da minha peripécia, pensei que Esra guardaria nosso segredo.

— Ele guardou por um tempo, mas precisou me contar quando eu quis vir atrás de você. Sim, eu pensei várias vezes nisso, desde quando recebi sua carta. Eu desejei muito agir no impulso, queria que você soubesse quais eram meus planos para o futuro. De certa forma, me senti culpado por sua partida. Eu não fui claro sobre as minhas intenções e isso, na minha cabeça, tinha ofendido você ou te deixado confusa.

Engoli em seco sabendo o quanto eu precisava me justificar. Apesar de estar certa de ter tomado a decisão correta por não estar pronta para dar um passo tão sério naquela época, eu não sabia se havia algum outro propósito divino para a minha partida. E constatar o quanto eu ainda tinha medo de seguir adiante, tornava qualquer explicação um pouco complexa.

— Edwin, eu sei que devo um esclarecimento. Fui eu que agi no impulso indo embora depressa. — Abaixei a cabeça e encarei minhas mãos apoiadas sobre meu colo. — A verdade é que eu não conseguiria partir se você me explicasse sobre seus planos para o futuro.

O pequeno espaço de silêncio entre nós foi invadido pelo canto de um pássaro numa árvore próxima. Ergui a cabeça atraído pelo som, mas acabei presa pela expressão de Edwin, que havia tirado os óculos por um momento e me encarava com os gentis olhos castanhos.

— Isso significa que você correspondia aos meus sentimentos, Anne?

— E você tem alguma dúvida sobre isso? Você é a pessoa mais incrível que eu conheci até hoje, como eu poderia não... — Era a hora. Eu sabia disso. *Coragem, Anne, coragem!* — Amar você?

Toda a feição do Príncipe se transformou numa lenta e prazerosa alegria. As covinhas apareceram e após alguns segundos quando nossos olhares se comunicaram sem ser preciso emitir qualquer som, ele colocou os óculos de volta.

— Eu precisava confirmar se eu não estava enganado.

Cocei a testa, depois ajeitei uma mecha do meu cabelo e acabei mudando a posição das minhas pernas.

— E agora? — indaguei sem pensar, invadida por muitas dúvidas de repente.

— Eu quero ser claro sobre os meus desejos e planos para o futuro, e por isso eu não suportei adiar nossa conversa. Quando a vi ontem, apesar de surpreso, soube que não estive errado em esperar por você durante esses meses. E apesar da ajudinha do Zac, eu sinto que foi na hora certa.

— Isso está mesmo acontecendo? — perguntei, sentindo aquela conhecida sensação de frio na barriga.

— Eu quero oficializar meu pedido, mas antes, vamos conversar, resolver todas nossas pendências, responder todas as perguntas que precisam ser feitas. Mas, entenda, senhorita Davies, minhas intenções são sérias e eu estaria diante de seu pai agora pedindo permissão para cortejá-la se isso fosse possível. Eu não quero repetir o erro do passado de não ter sido claro quando passei a demonstrar meu afeto por você.

Eu não queria chorar. Claro que não queria. Não era hora de chorar. Mas a menção do meu pai, a emoção do momento, a grandeza daquela revelação, tudo aquilo era muita informação para

mim. Meus olhos lacrimejaram, mas foram acompanhados de um sorriso genuíno.

— Eu não sei o que falar. Isso tudo é uma loucura. Edwin, você é o Príncipe de Cibele! Não pode ser simples assim.

— Não é simples! Pelo contrário! Vou confessar a você, quanto a esse assunto de relacionamento, é tudo muito mais fácil na teoria. Quando chegou a hora de pôr em prática, nada do que planejei deu certo. Eu esperava fazer tudo diferente.

Eu ri e aproveitei o momento para enxugar os olhos com a manga do meu vestido.

— É, concordo. É muito mais fácil mudar de país.

Suspirei e ergui os meus joelhos, deitando a cabeça ali, meu olhar em direção a ele.

— Sinto muito que as coisas tenham acontecido da maneira como foram — declarei sincera.

— Não vou negar que fiquei chateado. Eu fiquei bravo, depois inconformado, então, triste. Mais por você não ter se despedido, conversado comigo. Quando Zac me informou da sua partida e me entregou a carta, eu a li muitas vezes, um pouco abismado. Ponderei quais foram as suas motivações, se eu não tinha sido claro o suficiente sobre sua importância para mim. Então, um dos trechos chamou minha atenção.

Edwin limpou a garganta antes de declamar:

— “Diversas vezes não compreendemos os caminhos do Senhor, nem Seus planos para o nosso futuro, mas eu acredito que Ele está me guiando para um novo tempo e lugar. Peço perdão por não esperar seu retorno, mas as circunstâncias não me permitiram.”

— Você decorou? — indaguei abismada, visto que eu mesma não me recordava detalhadamente de todo o conteúdo.

— Sim! Eu a li e reli tantas vezes que memorizei cada mancha da tinta no papel, cada detalhe e curvatura de sua letra. — Para meu alívio ele riu, apesar de todo o peso por trás daquela confissão. — E esse ponto, em específico, abriu meus olhos por eu não ter sido claro sobre as minhas intenções. Foi quando eu coloquei na cabeça que deveria vir atrás de você e confessar meus sentimentos. E fui alertado por Esra.

— Ele te contou da biblioteca — completei chegando à conclusão óbvia.

Edwin balançou a cabeça em afirmativa.

— Então, ficou claro que, na verdade, você estava fugindo de mim. E todo o restante da carta fez sentido, inclusive o fato de você ocultar para onde estava se mudando, tudo foi esclarecido.

Senti um aperto no peito, pensando em como eu fui tão insensível com ele. Ali, tanto tempo depois, era fácil enxergar como eu deveria ter sido mais madura e deixado as coisas mais claras. Eu havia sido frouxa, essa era a verdade.

Mas, como poderia olhar nos olhos dele e simplesmente dizer: “Oh, Príncipe Edwin, eu fui bisbilhoteira, ouvi a conversa com seu irmão, sei do seu amor e é recíproco. Porém, não estou pronta para entrar em um relacionamento com Sua Alteza, até porque você nem me pediu em casamento. E eu acredito que, de alguma forma, Deus está confirmando minha incapacidade de ser sua esposa e Princesa de Cibele e devo me mudar para bem longe de você”?

Isso, ligado ao fato de que se esperasse para revê-lo, seria muito, *mui to* mais difícil deixar tudo para trás depois de uma despedida. Quanto a carta, ela havia sido escrita às pressas, regada de lágrimas, cujo conteúdo falava da realidade, no entanto, escondia a exatidão do significado por trás de cada palavra.

— Eu não sei o que dizer, porque você está certo, eu estava fugindo. Apenas posso afirmar o quanto foi duro tomar uma decisão. — Levantei a cabeça e olhei para um ponto distante, recordando-me de dias nublados. — Foi tão difícil. Não só por precisar partir, mas por sentir que, mais uma vez, as pessoas que eu amo não poderiam mais fazer parte da minha vida. Na verdade, eu não queria deixar você, o Palácio, as amizades construídas... Eu estava feliz e foi preciso renunciar coisas importantes. — Balancei a cabeça tentando dispersar o aperto no peito. — Mas eu não podia ficar.

Edwin mudou as pernas de posição e o tom de voz, tornando-se mais sério.

— Você pensou que eu a obrigaria a ficar? Ou forçaria algo contra sua vontade?

— Não, claro que não — respondi depressa, assustada por ter dado aquela impressão.

— Posso perguntar, o porquê então, de não querer ter contato comigo durante esse tempo? — Ele ergueu os ombros, desconfortável. — Não foi apenas a carta, Zac me passou seu recado e, embora tenha me mantido informado sobre seu paradeiro e bem-estar, também me comunicou que eu não era a pessoa a quem você queria por perto.

Fiquei em silêncio, ponderando o que dizer, sentindo muito por tê-lo magoado e o afastado tão bruscamente.

— Você sabia dos meus sentimentos, disse que correspondia a eles, e eu imaginei que sim, que eu não era indiferente a você. Por que, então, se afastou? Eu entendo, você não se sentia preparada, e deixou claro várias vezes o quanto reprovava a ideia de ser uma princesa, mas eu estava disposto a esperar, como acabei fazendo no final das contas.

— Não tem nada a ver com você, Edwin, mas comigo. Eu sou uma covarde e a ideia de entrar para seu mundo faz todo o meu corpo tremer de pavor. Olha para mim, sou uma garota comum, desastrada, sem nada a oferecer. Eu não tive forças para lutar contra tudo e todos e, bem, a verdade é que de alguma forma fui conduzida para cá e eu temi não conseguir seguir em frente se mantivesse contato. Eu cederia aos meus sentimentos, cedo ou tarde e colocaria tudo a perder.

Percebi que ele queria dizer algo, mas as palavras pararam antes dele as proferir. Pressionou os lábios e esfregou as mãos, evitando me encarar por um momento.

— Eu tenho uma pergunta — declarei e ele se voltou a mim. — Você sabia onde eu estava? Sabia do hotel e tudo o mais?

— Sim e não. Sabia que se mudou para cá, morou com sua amiga e tive algumas informações sobre a situação de vocês. Soube quando concluiu seu curso e conseguiu um emprego. Mas eu tentei respeitar sua vontade e decidi apenas entregar ao Senhor meus sentimentos e meu desejo de me casar com você. Eu pedi a Ele para que, se houvesse um futuro para nós, providenciasse nosso reencontro e conduzisse não conforme o meu querer. Bem, e aqui estamos.

Eu queria entender os motivos dele pensar que agora a situação tinha mudado, porque, apesar de estar feliz e perceber algo

diferente entre nós, eu não conseguia enxergar com clareza se eu deveria tomar aquela direção para minha vida, ou era só uma coincidência e eu estava sendo tentada por meus sentimentos.

Edwin me esclareceu sem eu perguntar.

— Eu preciso me casar, mas quero tratar esse assunto em conformidade com as Escrituras, antes de tudo, antes do dever com meu pai e a pressão da minha família. Não posso me relacionar com alguém com os princípios diferentes dos meus. Quero uma esposa cujo coração e olhos estejam voltados ao Senhor, em primeiro lugar e que O ame a ponto de abandonar suas inclinações para segui-lo; e que se importe com o próximo. Uma mulher para ser minha auxiliadora, que estará ao meu lado, caso eu precise tomar uma decisão difícil entre obedecer a Lei de Deus ou satisfazer os interesses dos homens. Alguém a quem eu possa amar como Deus instruiu. E, de preferência, uma mulher com o gosto literário semelhante ao meu.

Ele deixou claro que tratava aquele assunto com seriedade. Contudo, sorriu na última parte.

— Podem até existir outras mulheres cujo caráter se encaixe nessas qualificações, mas, reconheço, o Senhor mandou uma jovem assim para o Palácio. Ela cumpria todos os requisitos e meu coração decidiu amá-la. Essa moça comum e desastrada marcou minha vida e seria difícil ignorar isso, embora eu estivesse disposto a renunciar tudo se Deus me guiasse por outro caminho. E então, você está aqui, na minha frente. Como eu posso achar que não é você, Anne, a quem eu devo escolher para estar para sempre ao meu lado, servindo a Deus, juntos? Claro, isso se você me aceitar antes.

Abaixei a cabeça por um instante para esconder o sorriso tímido dominando meu rosto.

— Para você é muito mais difícil tomar essa decisão, eu reconheço. Há uma enorme possibilidade de você encontrar muitos bons rapazes cristãos solteiros que não te oferecem junto uma vida pública e difícil. Mas, se eu não for o homem certo para você, estarei numa enrascada, confesso, porque não tenho a oportunidade de me relacionar nem com meia dúzia de mulheres piedosas de modo a ter algumas possibilidades na minha lista.

Quando Deus me deu a graça de conhecê-la, ficou ainda mais difícil querer outra mulher.

Certo. Eu estava desestabilizada depois do discurso. E isso poderia ser perigoso.

— Eu espero não estar assustando você. Não quero pressioná-la a nada, mas preciso deixar tudo às claras dessa vez. Até porque eu não tenho muito tempo.

— É claro que eu estou assustada! Não esperava você falando assim, abertamente! Onde foi parar o Príncipe fechado e misterioso?

— Você não disse, certa vez, que eu precisava mostrar mais quem eu era de verdade? Esse sou eu, um Príncipe decidido a fazer você me aceitar em sua vida.

— Você já faz parte da minha vida, Edwin. Há muito tempo. Nunca deixou de fazer, essa é a verdade. E eu estaria mentindo se afirmasse que tenho outras opções, porque, sinceramente, hoje em dia não está fácil encontrar homens piedosos por aí. A maioria dos bons rapazes que conheço já tem sua parceira. E, bem, seria inútil dizer que não sinto o mesmo, depois de ter um verdadeiro Príncipe dizendo essas coisas fofas para mim. Isso é um golpe baixo, jogo sujo de sua parte, Alteza.

É claro que eu apreciei o sorriso em seu rosto. Porém, para manter a razão, voltei a olhar para meus pés balançando.

— Mas é muito difícil, porque não envolve só você e eu. Sei da seriedade do que se tornaria minha vida com você. E acho que é por isso que eu fugi, me perdoe. Fui uma tola imatura — confessei e dei de ombros.

— Eu entendo.

Edwin mudou a posição e se aproximou mais, ficando lado a lado comigo, as pernas na mesma direção.

— Mas vai dar tudo certo — ele falou com convicção e mexeu os pés.



Capítulo 9

Capítulo 9

— Você disse que precisava se casar — rompi o silêncio entre nós, ainda balançando os pés. — Há algo além do fato de ser um Príncipe solteirão de 28 anos tão cobiçado pelas moças de Cibele? — brinquei e ousei dar uma leve batidinha no ombro dele, mas, quando ele olhou para minha mão com um sorriso, a recolhi depressa.

Edwin pensou por um momento antes de responder.

— Além das minhas próprias necessidades em construir uma família, sim, o dever me chama. Como segundo na sucessão ao trono, todos, e quando digo *todos* não estou brincando, estão impacientes para que eu me case. Há uma pressão enorme nas minhas costas e meus pais me deram um ultimato. Eu estou encurralado.

— Acho que entendo.

Edwin suspirou e sua feição se tornou séria. Havia um traço de preocupação em sua testa e mais uma vez lamentei a presença daqueles óculos escuros.

— Esses últimos anos não tem sido fácil para a monarquia. Estamos enfrentando uma resistência às leis conservadoras de nosso país. Há um pequeno grupo oposicionista, embora uma minoria, tentando fazer barulho para derrubar a atual legislação que eles consideram antiquadas, empregando até mesmo de violência como meio para atingir seus fins. Não preciso explicar a você como nossa vida e proceder impactam a nação, a realeza tranquiliza os súditos em tempos de crise, e meus pais, em conformidade com seus conselheiros, acreditam que um casamento com todo o direito à exaltação a família e ao amor seria uma saída e tanto para aumentar nossa popularidade diante dos desafios. Basicamente, é isso.

Eu sabia o quanto Edwin desejava que sua vida fosse usada para o bem das pessoas, isso era algo que eu tanto admirava nele. Não me esquecia de seus pequenos gestos de bondade, muitos dos quais eu presenciei e fui beneficiada. Até quando decidiu não punir Oliver, dando-lhe uma chance de se arrepender e amadurecer, era um sinal de sua boa vontade para com o próximo. Então, podia imaginar como ele deveria estar preocupado, e não me refiro ao fato de ser pressionado a se casar.

— Eu sinto muito que você seja colocado nessa situação e por toda pressão.

Minha mente passou a trabalhar depressa. Lembranças da noite do baile brotaram num solo fértil para todo tipo de receio sobre o futuro. Minhas mãos suaram e minha inquietação se estabeleceu entre nós até eu conseguir colocar para fora minhas dúvidas. Distraída, peguei uma folha seca no chão ao meu lado e passei a cortá-la em pequenos pedaços.

— Já que entramos nesse assunto, eu tenho outra pergunta.
— Recorri à pouca coragem que surgiu, porque se eu fosse levar aquilo adiante, precisava colocar tudo às claras, como ele havia sugerido.

— Estou te ouvindo.

Pensei com cuidado nas palavras porque eu não queria dar a entender como uma resposta negativa, tampouco gostaria de parecer estar com ciúmes da portadora das notícias que sem querer tomei conhecimento.

— Quando eu estava em Cibeles, ouvi uma conversa relacionada a você e um possível casamento. A pessoa foi bastante efusiva quando declarou a impossibilidade da união entre o Príncipe e alguém que não fizesse parte da nobreza, devido às cobranças sobre suas relações. Ela também enfatizou a necessidade de criar laços entre Cibeles e outros países através de um casamento político. E fez muito sentido para mim na época.

Edwin tombou a cabeça para o lado e franziu a testa enquanto me encarava um pouco surpreso.

— Espera! — ele falou, chegando a alguma conclusão em seus pensamentos. — Quem disse isso para você?

— Não disseram exatamente para mim. Eu não estava bisbilhotando, mas ouvi uma conversa. Bem, basicamente, foi bastante claro para mim a impossibilidade de... — Umedeci os lábios na tentativa de adiar a sentença. — De você se casar com uma plebeia.

— Foi a Estela? — ele perguntou. Assenti com a cabeça e Edwin deu uma risada se sentindo vitorioso por desvendar o mistério. — Ela estava certa, naquele tempo o casamento com uma plebeia seria visto com pouca importância para as mesmas pessoas que hoje me cobram uma esposa. Seria um desperdício, na visão deles, já que fortalecer alianças políticas parecia determinante. Esse foi um dos motivos de eu aceitar melhor meu afastamento.

Não consegui sustentar meu olhar em seu rosto e passei a observar o movimento ao redor, apesar de ali estarmos refugiados na parte menos tumultuada do parque. As pessoas caminhando na pista mais à frente, alheias à nossa vida complicada e a difícil escolha pairando sobre minha cabeça naquele instante.

Tomei um susto quando ele tocou em minha mão e a envolveu na dele por poucos segundos, mas suficiente para conseguir a minha atenção.

— A situação agora mudou, Anne. Na verdade, estamos vivendo o oposto. Um casamento por laços políticos não teria tanto impacto quanto um construído por duas pessoas que se amam de verdade, mesmo havendo um grande abismo entre seus estilos de vida. As pessoas anseiam por bonitas histórias de amor para se inspirar.

Fazia sentido, claro. Os membros da realeza de Cibele sempre tiveram suas vidas monitoradas por uma plateia ávida em descobrir seus segredos mais íntimos. Todos os passos dos membros da família real eram vigiados e a depender da conduta, poderia influenciar para bem ou para mal. Essa visibilidade era um dos principais fatores para eu ficar tão receosa ao lado de Edwin.

Eles eram uma família, mas também uma espécie de empresa. Havia muito mais em jogo do que apenas comandar um país, do que seu serviço público. Eles também tinham uma imagem, não só a zelar, mas a repassar seus valores através dela.

Lembrei-me dos enredos dos meus livros de romance e sorri, tentando deixar o ambiente mais leve.

— Como a história do Príncipe solitário e sério se casando com uma órfã com aparência desamparada e nenhuma experiência com o público? Isso dá um verdadeiro clichê de conto de fadas.

— Você se esqueceu da parte em que eles foram afastados durante longos dois anos devido às suas obrigações.

É, uma história inspiradora para o romance de plantão. Será que eu vi ver a minha filha ao lado do Príncipe aqui? Não, só mais um capítulo nas páginas das dramáticas da minha vida?

Meu coração se voltou ao Senhor, clamando em silêncio por uma luz. Mas Edwin interrompeu minha conversa paralela com Deus.

— Eu estava pensando em vir atrás de você, apesar de temer sofrer uma grande decepção. Porém, estou feliz como as coisas aconteceram. Do jeito do Zac foi melhor. Me deu tempo para avaliar suas reações e quando você se mostrou receptiva, eu tive esperança.

— Eu ainda não disse que eu pretendo aceitar sua proposta, aliás, proposta que você ainda não fez — reagi num tom brincalhão.

— Eu conheço você, tem um coração mole. Não seria tão insensível má, me deixando nessa situação complicada. Salve-me de um casamento político, Anne Davies — pediu em tom de súplica exagerada.

— Eu vou orar a esse respeito, Príncipe Edwin Hawis.

Edwin olhou para os lados e mais uma vez o vi se comunicando com seus homens de maneira discreta. Um deles,

sentado mais próximo, moveu a cabeça e voltou a olhar ao redor, como se estivesse apenas apreciando a natureza.

— O que acha de andarmos mais um pouco? — Edwin perguntou já se levantando. — Devo seguir as recomendações da minha equipe de não permanecer muito tempo em um só lugar.

Eu assenti e ele me deu a mão, auxiliando-me a ficar de pé. Limpamos os vestígios da natureza de nossas roupas e abandonamos aquele lugar. Eu olhei para trás uma vez antes de o perder de vista, tentando guardar com precisão a localização, porque eu sabia que nunca esqueceria as confissões feitas ali. E quase morri de vergonha quando acabei encarando um dos seguranças atrás da gente, como se ele tivesse o poder de ler meus pensamentos naquele instante.

— Estou curioso para saber como você conheceu o Sr. Marfim. Ontem à noite era nítido o respeito de um pelo outro — Edwin falou.

Meus lábios reagiram imediatamente, movendo-se num sorriso, porque era impossível não me alegrar ao me lembrar de como Deus havia providenciado nosso encontro.

— Eu ainda era camareira no hotel, trabalhava duro na limpeza dos quartos. Um belo dia, sem querer, eu fui surpreendida por um hóspede melancólico sentado em uma cadeira olhando para o horizonte através da janela. A princípio me assustei, porque não era para ter ninguém ali, então me desculpei e me preparei para sair dos aposentos, chateada por terem me passado a informação errada sobre o quarto a ser limpo.

Ainda podia enxergar a cena com clareza em minha mente. Nunca me esqueci da expressão triste no rosto dele.

— Quando estava prestes a sair, senti-me impelida a perguntar se ele se sentia bem, porque estava claro que não. Marfim suspirou e me confessou sua tristeza. Aquele dia era o aniversário da morte de sua querida esposa, Sarah. Seus olhos se encheram de lágrimas e eu, sem ponderar os riscos, comecei a conversar com ele para tentar distraí-lo. Pessoalmente, sei como essas datas são difíceis de passar, e ficar sozinho, como ele se encontrava, nem sempre é uma boa opção.

Eu, melhor do que ninguém, sabia que a solidão em dias tristes, quando o luto é mais forte, nos deixava vulneráveis a todo tipo de pensamento infeliz.

— Então, tentei consolá-lo com a Palavra. Quando meus pais morreram, uma senhora da Igreja me deu uma lista com alguns versículos que poderiam ajudar nos dias maus. Eu decorei muitos deles e passei a recitar ao senhor que aos poucos se sentiu confortado pelas Escrituras. Nós conversamos e eu compartilhei da minha perda e criamos um vínculo instantâneo ali.

Edwin não disse nada, continuava a me observar atento e curioso.

— Eu fiquei tagarelando com ele até perceber a mudança em seu estado. No fim, quando me despedi, após ele me agradecer pela companhia e conversa, eu perguntei se poderia fazer algo para deixá-lo mais animado. Veja só, ele brincou, dizendo que só se eu conseguisse um Pączki^[2], doce especialidade de sua esposa, que ela fazia nos dias nublados e chuvosos.

— Que doce é esse? Nunca ouvi falar.

— Eu também não. Mas, depois de sair do quarto, aquilo ficou insistindo na minha cabeça. Eu tinha gostado tanto do velho senhor, fiquei pensando se não seria capaz de encontrar a iguaria para deixar o dia dele mais feliz. Fui ao Google, descobri que se tratava de um doce polonês cujos ingredientes eram fáceis de encontrar. É aqui que entra a descoberta dos meus dons como uma *Maj or dome*.

Dei uma risadinha ao me recordar do meu pequeno momento como chefe de cozinha internacional.

— Eu recrutei a Mel, minha amiga, e quando terminou nosso expediente resolvemos preparar o bendito doce e, seguindo o passo a passo, alcançamos êxito na tarefa. Mesmo não tendo a mesma aparência da foto da receita original, na verdade, nem ficou muito bonito, levamos até o hotel e fizemos chegar nas mãos de Otto Marfim, sem sequer ter ideia da importância do homem.

— Faça o melhor, de todo coração, como para o Senhor.

— Foi exatamente isso — falei satisfeita por Edwin captar a nossa intenção. — Eu estava feliz e grata por poder ser um instrumento nas mãos de Deus para levar um pouco de conforto a

um irmão sofrendo. E isso teve um efeito positivo na vida dele, que automaticamente retornou para nós. Ele ficou tão sensibilizado com nosso ato, com minha eficiência e tudo o mais, que fez questão de me elogiar para o gerente.

Sim, as bênçãos muitas vezes retornam para casa.

— O que eu não sabia era o quão influente ele era, um dos ilustres hóspedes. O elogio resultou em uma bela promoção para um cargo muito mais agradável. Além disso, Marfim passou a exigir sempre eu como responsável por sua hospedagem. Ele é um pouco cabeça dura às vezes, e não gosta de ouvir uma negativa a seus desejos. — Dei de ombros. — Todo bom homem tem seus defeitos.

Resisti a vontade de dizer que Edwin era uma exceção, porque ele não tinha defeitos. Preferi manter a narrativa ao invés da brincadeira.

— Com nossa aproximação, compartilhamos mais de nossas vidas e ele passou a me levar para jantar, reclamando que não gostava de se sentir solitário. Na medida em que nossa confiança foi se desenvolvendo, Marfim foi se abrindo, revelando sobre o seu trabalho para o Reino e encontrou em mim uma ouvinte empolgada e encorajadora. E aí, criamos um vínculo. Ele conheceu Oliver, nos auxiliou, inclusive quanto aos nossos interesses financeiros, alegando ser sua responsabilidade cuidar dos órfãos filhos de cristãos. Ele é naturalmente bondoso, tem um enorme coração e ajuda a todos. — Sorri com sinceridade, porque eu aprendi a respeitá-lo e ser grata por seu cuidado. — Não vou negar que a ajuda financeira foi mais do que precisávamos, mas o suporte emocional foi muito mais relevante para nós. Deus nos deu mais um integrante da família da fé. É isso.

Edwin colocou as mãos para trás das costas, satisfeito com meu minucioso relato.

— É bom ver como o Senhor cuida dos seus filhos e não os desampara. E é reconfortante reconhecer a importância da família da fé, a presença da igreja na nossa vida.

Aquele comentário despertou minha curiosidade. No passado Edwin confessou se sentir solitário, lutando sozinho. Eu sabia que, assim como todos os outros membros da família real, ele frequentava a igreja tradicional de Cibele, a mesma de seus pais.

No entanto, não me lembrava de ele mencionar nenhuma aproximação com ninguém, com exceção do Samovier.

Nessa altura nós estávamos em um ponto turístico do Lago dos Amores. Era possível ver a ponte principal cheia de fitinhas coloridas dançando ao toque do vento.

Edwin tinha uma expressão aberta quando me voltou a me encarar.

— As pulseiras do amor! — ele declarou insinuante, apontando para onde centenas de pontos coloridos faziam um contraste com a paisagem natural que nos cercava. — Nunca consegui me aproximar o suficiente para ver de perto como funciona.

— As pessoas daqui acreditam que amarrar as pulseiras traz sorte para o amor. É uma linda história, convenhamos. O Rei Robert, quando ainda era apenas o General do exército de Sua Majestade, apaixonado pela então Princesa Susan, sabendo do iminente risco de ser forçada a se casar por conveniência, pede a mão da amada em casamento — narrei com a ênfase de uma romântica nata. — Era um dia ensolarado, os pássaros cantavam ao redor. A natureza exuberante do local, um lago como cenário. Ele se ajoelha, confessa seu amor e é aceito sem nenhuma reserva. Então, retira o lenço do pescoço e amarra no braço de sua noiva, para selar o compromisso de uma maneira bem inovadora. Faz uma bela oração e promete ser o melhor marido para ela.

Edwin estava muito interessado no que eu dizia, mesmo eu tendo a plena certeza de ser ele um forte conhecedor da história.

— Uma pena que ele não tenha vivido tanto tempo, tornando o tão sonhado “viveram felizes para sempre” da Rainha Susan num doloroso e extenso luto — lamentei.

— Não é à toa que a história dos dois inspira tantos enredos de romances em nossa ilha. Temos uma boa dose de amor, drama e intrigas.

— É verdade. Mas, confesso, gosto mais da história da Rainha Cibele e do Rei Hector. — Olhei para as fitinhas e sorri tímidamente. — Já assisti alguns pedidos de casamentos aqui. Muitos casais se inspiram e aproveitam o clima romântico no ar. Eu acho legal que sigam tradições, mesmo não acreditando na sorte do ato

em si de amarrar as pulseiras. — Dei de ombros, pensando se eu não estava parecendo uma boba. — É fofinho! E relembra a história do país.

Edwin parou e me olhou, depois voltou o olhar para um dos vendedores locais que deixavam várias pulseiras expostas à venda ao redor, então virou-se novamente para mim.

— Nós podemos?

Meu coração deu um pulo dentro do peito. Pensei por um segundo se ele tinha entendido minha fala como uma insinuação. Entretanto, seu semblante demonstrava um sincero interesse em fazer aquilo.

— Por que não?

Ele tocou na curva do meu braço e me levou até onde a vendedora mais próxima esperava sorridente por clientes.

— Olá, casal! Gostariam de uma pulseira para selar o amor de vocês? — ela questionou, alternando o olhar entre nós dois e estendeu uma cesta cheia de pulseiras coloridas em direção a Edwin.

— Por favor, quero duas — ele respondeu e voltou-se para mim desempenhando um bom papel de noivo apaixonado. — Escolha as cores, querida.

Puxei o ar, travei os lábios e tentei me concentrar para não ficar vermelha e denunciar o quanto eu havia gostado daquilo. A mulher, muito satisfeita com a decisão de Edwin, dedicou sua atenção para mim, mostrando as várias opções disponíveis.

— Escolha as mais bonitas — ele recomendou ainda segurando meu braço.

Assenti em silêncio e depois de vasculhar melhor o cesto, decidi por uma lilás com desenhos de delicadas borboletas e outra rosa, cheia de flores e corações. Edwin, que outrora parecia com dificuldades de modificar sua pose, estava muito despreocupado e descontraído. A vendedora entregou as duas nas mãos dele e estendeu uma caneta, explicando que deveríamos escrever os nomes nas extremidades das pulseiras antes de amarrá-las, como todos faziam.

Edwin soltou meu braço, pegou a caneta, pediu licença e usando minhas costas como apoio, fez como a mulher recomendou.

Quando terminou, a vendedora recebeu das mãos dele a caneta, o pagamento e se mostrou satisfeita por presenciar a cena de mais um casal apaixonado, rendendo-lhe também o lucro de seu trabalho.

— Nós precisamos amarrar ali — ele informou indicando um ponto onde os objetos de amor coloriam a vista da lagoa.

Ainda sem conseguir acreditar estar vivenciando algo tão romântico com ele, concordei e caminhamos a passos lentos, lado a lado, até chegarmos diante do local onde deveríamos amarrar a fitinha.

— Qual você gostou mais? — ele questionou, mostrando as duas pulseiras em suas mãos.

— Essa — aponte para a lilás.

— Perfeito! Bem, não acredito que isso traga sorte, mas espero que atraia a benção do Senhor para nós.

Apertei as mãos, um pouco nervosa, e assisti Edwin amarrar a outra pulseira no cabo instalado para tal propósito, dando alguns nós até ela estar presa no meio de tantas outras, nossos nomes balançando no ritmo do vento.

Quantas vezes eu tinha sonhado em viver algo assim? E agora, ali estava Edwin, o homem a quem eu amava, o Príncipe de Cibele, num gesto tão simples enchendo minha alma de alegria. Era meu nome, junto com o dele, numa silenciosa expressão de amor, mas que, ao mesmo tempo, gritava aos meus ouvidos e coração que eu era amada por um homem tão piedoso.

Ele levantou minha mão, posicionando meu braço na altura de seu peito.

— Anne, sei que estou pedindo algo difícil por isso não vou pressioná-la a dar uma resposta agora. Quero que ore a respeito, pense bem sobre o significado de se casar comigo. Mas... — Sorrindo, ele passou a pulseira lilás ao redor do meu pulso, apertando os dois nós, deixando nossos nomes visíveis nas pontas do tecido que sobrou. — Eu sei o que eu quero, e peço que considere isso como prova do meu sentimento e das minhas intenções. Tome sua decisão, quando você estiver pronta, estarei esperando por você. Só não me faça esperar por mais dois anos, por favor.

Edwin segurou minha mão como o portador de um tesouro. Seu sorriso era gentil e eu fiquei tentada a jogar para o alto todas as minhas resoluções de orar a respeito, usar a razão, pensar e ponderar bem antes de dar uma resposta, mesmo ela seguindo cada vez mais o caminho do “sim”, e com isso fazer parte do time de casais que se comprometeram ali. E se ele não tivesse sido tão sensível me dar espaço, eu teria me rendido. Contudo, aquele passo era importante demais para eu me deixar levar pelo calor da emoção, e eu gostaria de responder sabendo bem onde estava entrando, para não me arrepender no futuro de ter escolhido levada apenas pelos meus sentimentos.

Edwin era um Príncipe, respondê-lo como desejava meu coração não me faria apenas sua futura esposa, mas me transformaria em uma figura pública de Cibele. E isso era tão importante e sério quanto à primeira opção.

— Obrigada, de verdade. — Acariciei a pulseira, ajeitando-a de maneira que ficasse confortável e visível. — Isso significa muito para mim.

— Posso orar por isso?

— Claro!

Ainda segurando minha mão, fechamos os olhos e ele proferiu uma rápida oração, pedindo a Deus discernimento, sabedoria e direção para nós. Expressou sua gratidão por ter me encontrado e seu desejo de o Senhor o abençoar com uma esposa virtuosa.

Quando abrimos os olhos, não foi preciso palavras. Tudo parecia claro, como nunca havia sido.

Nosso momento só foi interrompido porque um dos seguranças se aproximou, com a expressão preocupada, alertando Edwin de algo. Eu não entendia como, mas o Príncipe compreendia os pequenos sinais dado pelo homem.

— Precisamos ir — o Príncipe me disse e sem me dar mais detalhes nós pegamos o caminho mais curto para o carro, os seguranças mais próximos dessa vez.

Já dentro do automóvel estacionado, um dos homens que nos escoltava aproximou-se da janela e se inclinou com seriedade, passando as diretrizes para o Príncipe.

— Alteza, presença de possí veis paparazzis. Aconselho seguir o protocolo e fazer o deslocamento imediato.

— Obrigado, Shan.

— Senhor, permita-me recomendar o retorno para o hotel — o segurança completou.

Edwin tirou o boné da cabeça e bagunçou os cabelos com as mãos, tentando tomar uma decisão. Eu sabia que ele não era de arriscar fazer qualquer coisa guiado apenas por seus desejos, porém, estava claro que ele não queria voltar ainda. Havia mais a ser dito e talvez o hotel não fosse o melhor lugar para isso.

— Edwin, posso sugerir um lugar discreto? — perguntei quando a ideia me surgiu. — Sei de alguém que ficaria muito feliz em revê-lo e seria uma honra recebê-lo.

Edwin sorriu, captando minha sugestão. Ele deu ordens aos seus homens para nos seguirem, colocou o cinto de segurança e ajustou os óculos escuros, deixando o boné de lado.

— Vamos!

Poucos quilômetros depois, eu estava entrando na garagem do meu apartamento.

— É melhor colocar o boné. O porteiro é cidadão de Cibele e, apesar de muito atencioso, gosta de saber tudo sobre a vida dos moradores — aconselhei, sendo atendida prontamente. — Se ele te vir, ficará curioso, principalmente por estar acompanhada de um homem.

Edwin afundou o boné um pouco mais na cabeça, escondendo os olhos. O senhor Romuel já andava curioso sobre a visita de Zac, na semana anterior. O fato de estar acompanhada por — mais um — homem jovem e bonito não passaria despercebido, já que ele era um fuxiqueiro nato.

Como previsto, quando cruzamos o Hall, eu ouvi os passos do porteiro vindo me oferecer o cumprimento, como sempre fazia.

— Anne! Anne! Boa tarde. Você não deveria estar no hotel? — ele perguntou com seu jeitinho de sempre, soando como uma intromissão, mas que eu já estava acostumada.

— Saí mais cedo hoje.

O homem avaliou Edwin do meu lado, calado, com a cabeça baixa.

— Esse é mais um amigo de longa data meu e de Oliver — conhecendo bem a personalidade do senhor, esclareci. Edwin acenou com uma das mãos. — É uma visita surpresa para meu irmão.

— Ah, sim, sim. Oliver está em casa. — O homem deu um sorriso de satisfação por estar inteirado sobre o visitante. — Tenha um excelente fim de dia, menina.

Agradei e sem demora conduzi Edwin, ainda calado e cabisbaixo até o elevador. Apertei o botão e entramos apressados quando a porta abriu, numa atitude tão suspeita que nos fez cair na gargalhada quando o elevador subia em segurança para o quarto andar.

— Isso sim é que eu chamo de aventura. Se seu porteiro for um Sherlock Holmes, descobrirá fácil nosso segredo com o rastro de indiscrição deixado por nós — ele comentou quando o elevador iniciou a subida.

— Espero que ele não fique intrigado por meu convidado ser tão calado.

— Apenas um introspectivo. — Ele arrumou o boné na cabeça.

— Um pouco autoritário também.

A porta do elevador abriu quando chegamos ao andar da minha casa. Abri a bolsa para procurar a chave de casa, pensando mais uma vez em como eu deveria providenciar um chaveiro maior. Vasculhei os bolsos internos e a encontrei perdida entre minha carteira e um bloco que eu usava para fazer anotações, mania adquirida na época do meu curso.

Percebi estar um pouco inquieta quando coloquei a chave na fechadura. Eu não imaginava o que Edwin ia pensar da minha casa, tão simples e comum, tão diferente dos lugares onde ele vivia. Mas, ao encarar seu rosto, vi ali muita expectativa. Talvez porque é possí vel saber muito de uma pessoa conhecendo seu lar. Nossa habitação exibe um pouco de nossa personalidade. Pode-se concluir se o indiví duoé bagunceiro ou organizado, se é minimalista ou acumulador, se tem uma melhor condição de vida, ou se o dinheiro foi gasto com muita economia. Descobre-se o gosto da pessoa transmitido pela decoração e invade-se um espaço í ntimo

com peças fundamentais que constroem um lugar para se chamar de lar.

Me lembrei de quando eu estive no Palácio, no escritório pessoal dele e em seu quarto. A sensação talvez fosse diferente, já que havia uma emoção gerada pelos contos de princesas da minha infância, ou talvez não. Edwin poderia estar tão fascinado como eu, porque ele também nunca tinha experimentado uma vida simples como a minha.

Ele tirou os óculos e os manteve nas mãos, aguardando.

— Como se sente prestes a desbravar o lugar onde os Davies se escondem? — brinquei girando a chave.

— Sinto que estou cumprindo uma promessa feita há algum tempo — respondeu, de imediato, como se aquela frase já estivesse em seus pensamentos.

Terminei de dar duas voltas completas, coloquei a mão na maçaneta e fazendo um pouco de suspense, deixei nossos olhos se encontrarem.

— Então, seja bem-vindo ao nosso lar — declarei abrindo a porta por completo e apontando para o interior do apartamento.



Capítulo 10

Capítulo 10

Edwin entrou e parou na sala do meu apartamento, analisando o ambiente ao redor. Fechei a porta com a cabeça cheia de pensamentos aleatórios, típicos de alguém dominada pelo nervosismo.

O apartamento não era muito grande, mas confortável. A sala era interligada a uma cozinha, sendo separada por uma ilha adjunta à mesa de jantar. Havia uma sacada onde eu amava ver o pôr do sol enquanto lia um livro. Dois quartos e um banheiro completavam os cômodos da nossa habitação.

Edwin tinha uma das mãos no bolso da calça, a outra ainda segurava os óculos e ele fazia uma inspeção de tudo, considerando cada detalhe, até que repousou o olhar no quadro com a foto dos meus pais, bem no centro, acima do sofá.

— Você se parece muito com sua mãe — atestou sorrindo afetuosamente. — Mas os olhos são do seu pai.

— Mamãe sempre dizia que eu me parecia com ela, mas tinha a personalidade dele. Nós éramos muito ligados. Ele sempre foi meu porto seguro.

— Gostaria de tê-lo conhecido.

— Ele ia gostar de você, tenho certeza. Ele amava Cibele, e possuí amuito respeito pela realeza. E minha mãe, se soubesse que eu... — As palavras cessaram antes de eu completar a frase e me calei envergonhada.

— Que você está prestes a se tornar uma Princesa? — Edwin não deixou o assunto morrer e completou à sua maneira, fazendo-me corar.

— Eu não diria com essas palavras, exatamente. Mas está no caminho certo.

Ele sorriu e voltou a se concentrar no quadro.

— Ela aprovaria?

A pergunta me pegou de surpresa. Confesso que eu já havia pensado sobre essa questão algumas vezes, principalmente na ocasião quando me mudei para Susan. Questionava quais conselhos meus pais me dariam, se apoiariam minha decisão, e a resposta que eu encontrava sempre dizia respeito a “tudo seria diferente com eles aqui”.

— Eu não sei — confessei e me concentrei na foto pendurada na parede, sentido o conhecido aperto no peito ocasionado pela falta deles. — Quando completei quatorze anos, minha mãe passou a falar comigo mais abertamente e com mais frequência sobre os rapazes. Sempre tivemos um bom diálogo. Desde a infância fui ensinada a compreender o sentido do casamento e da família segundo as Escrituras.

O sorriso de minha mãe gravado na fotografia era contagiante, abraçada ao meu pai, ela exalava aquele amor entre os dois que sempre me inspirou.

— E me lembro quando mamãe organizou um dia de meninas. — A recordação arrancou um sorriso sincero dos meus lábios e eu olhei para Edwin de relance, como se eu pudesse fazê-lo entender a importância do passeio. — E das muitas coisas felizes desse dia, uma das que ficou gravada em minha mente foi a instrução dada sobre tentar guardar meu coração e entregá-lo somente ao homem com quem eu quisesse construir uma família. Ela me passou várias dicas de como eu poderia identificar sinais claros de um rapaz piedoso.

Voltei a concentrar meu foco na fotografia, mas dessa vez, visualizava meu pai.

— Um homem piedoso deve amar a Deus e demonstrar esse amor em seus atos. Ele irá falhar, como todo e qualquer ser humano caí do, cuja natureza continua corrompida, ainda que justificada por Cristo. Uma árvore se conhece pelos frutos, e são os atos deles, não apenas as palavras, que dirão se ele é um cristão verdadeiro. E arrepender-se quando errar faz parte do processo — recitei tentando repetir as palavras exatas de mamãe, apesar de não estarem na mesma ordem. — Não espere um homem perfeito, nem pronto. E aqui ela me contou vários defeitos do meu pai.

Eu ri de novo, porque minha mãe tinha tornado o momento engraçado, ao invés de murmurar contra os pecados dele, ou me fazer vê-lo de maneira diferente.

— Eu deveria priorizar, acima de tudo, essas características. Mas também não deveria relevar o respeito dele para comigo. Deveria observar se compreendia seus papéis como homem e cabeça do lar, tentando desempenhar, com a graça de Deus, suas funções. Um homem que fugisse das paixões da mocidade. E então, viriam as questões secundárias, que tem a ver com meus gostos e as lutas que eu estava disposta a enfrentar.

— Como se casar com um Príncipe e se tornar uma figura pública, como você disse? — ele perguntou, retórico, mas não num tom sério.

— E se eu estava disposta a morar num Palácio — brinquei ainda sem desviar o olhar do quadro na parede.

O nó se formou na garganta, os olhos se umedeceram e a resposta veio de súbito. Voltei-me a Edwin, evitando seu olhar.

— Você se parece com meu pai, em muitos aspectos. Nesse caso, ela te aprovaria. Você cumpre os requisitos inegociáveis. — Eu não esperava ficar tão feliz por ver a reação positiva dele. Ainda emocionada, continuei falando. — Quanto às questões secundárias, creio que ela me faria perguntas, as mesmas perguntas que eu faço para mim mesma desde quando te conheci e que me levaram a me afastar e a ficar tão indecisa como estou agora.

— Eu entendo.

Ele continuou a examinar o cômodo. Deu alguns passos, analisou os poucos porta-retratos e enfeites na estante, passeou os olhos pelos livros, escolheu algum e folheou com interesse. Eu o observava à distância.

— Vou chamar Oliver. Ele deve estar com os fones nos ouvidos. Você quer alguma coisa?

Edwin colocou o livro de volta no lugar, tirou o boné e passou a mão nos cabelos.

— Gostaria de usar o banheiro, por favor.

Instrui ele a me seguir. O nosso apartamento tinha um pequeno corredor. De um lado ficava o quarto de Oliver, cuja porta estava fechada. Do outro, o meu quarto. No meio, o banheiro. Parei na porta do *toilet* e estendi a mão lá dentro depois de dar uma conferida se não estava bagunçado ou se havia alguma roupa do meu irmão jogada no chão.

— Longe de ser como o banheiro do palácio.

Edwin riu, mas ao invés de entrar lá, ele parou na frente da porta dos meus aposentos e espiou lá dentro.

— Seu quarto?

— É. Meu refúgio.

Ele deu um passo a mais, chegando mais perto e parecia se divertir com a descoberta. O cômodo era pequeno, uma colcha de retalhos costurada por minha mãe cobria a cama e minha cenoura de estimação estava deitada no meu travesseiro. Lá dentro, ocupando o pouco espaço restante, havia um guarda-roupa branco cheio de fotos minhas coladas — inclusive com alguns famosos que eu atendi no hotel — e uma cômoda com um espelho grande em cima.

— É um ambiente muito aconchegante e agradável — ele afirmou.

— Deve ter o tamanho do seu banheiro — brinquei e, parecendo se lembrar de seu objetivo, se afastou do quarto e resolveu seguir a rota inicial.

Quando Edwin se fechou no meu minúsculo banheiro, dei duas batidas de leve na porta de Oliver e a abri, encontrando meu irmão deitado na cama lendo um livro de teologia enquanto ouvia

música pelos fones de ouvido, uma mania literária dele. Quando me viu, tirou os fones e se mostrou surpreso.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

Resisti a vontade de dizer que sim, tinha acontecido muitas coisas, mas só sorri, para desfazer qualquer má impressão de imediato.

— Temos uma visita. Arrume esse seu cabelo e venha, por favor. Te espero na sala. — Mandeí um beijo provocador e fechei a porta.

Voltei para sala e parei em frente à mesa, meio inerte, sem saber o que fazer.

— Onde está o Marfim? — Oliver apareceu, deduzindo ter acertado a identidade da nossa visita. Ele se jogou no sofá e, não encontrando ninguém, ergueu uma das sobancelhas. — Você não me chamou à toa, não é?

— Claro que não. — Olhei em direção a porta do banheiro, onde Edwin ainda se encontrava. — Não é o Marfim. — Esfreguei as mãos no rosto, pensando se havia feito bem em envolver Oliver naquilo de novo. Ele havia sofrido, tanto como eu, em renunciar um futuro no Palácio onde ele havia se encontrado.

Alheio à ilustre presença no nosso apartamento, ele se encostou no sofá, relaxado.

— Você vai cozinhar ou vamos comer fora?

— Vou cozinhar — respondi e notei a porta do banheiro abrir.

Oliver só conseguiu ver Edwin quando o Príncipe parou do meu lado. Meu irmão soltou uma exclamação alta.

— Edwin?

— Como vai, Oliver?

O menino se levantou com a mão na boca, segurando o riso enquanto arregalava os olhos.

— É sério? — Oliver perguntou para mim e depois apontou para nós dois. — Vocês se resolveram? Isso significa que vamos voltar? — ele quase gritou com entusiasmo a última parte.

— Estou tentando convencer sua irmã — Edwin disse.

Oliver se aproximou e eu assisti o cumprimento masculino trocado entre os dois.

— Oliver, não está se esquecendo de nada? — perguntei e ele me encarou com as sobrancelhas unidas. Apontei para o Príncipe. — Sua falta de educação na presença de Sua Alteza. Ele ainda é nossa autoridade. Por favor, a reverência.

Oliver voltou-se a Edwin e fez uma mesura, porém, após o ato forçado, com uma risadinha, afirmou: — Aposto que você não foi nada cortês.

Edwin gargalhou, aumentando o ego do jovem, que tomou distância de meu alcance o mais rápido possível.

— Eu ainda sou sua irmã e você me deve respeito, mesmo você tendo dezoito anos, rapazinho — gritei com uma falsa indignação.

— Preciso ser justo com sua irmã — Edwin disse após se recuperar da risada. — Dessa vez ela foi formal, até demais.

— Viu? — Ergui o ombro direito e joguei os cabelos para trás vitoriosa.

Instruí Edwin a se sentar no nosso sofá e Oliver deu início a uma série de perguntas. Eles começaram a trocar informações sobre funcionários do palácio, sobre a guarda real e outros assuntos. Aproveitei o momento e me retirei, a fim de usar o banheiro e avaliar meu estado.

Quando cheguei ao meu quarto, em frente ao espelho, um choque de realidade me abateu. Aquilo tudo era real, não se tratava só de um sonho, ou de ilusões fantasiosas da minha cabeça apaixonada. Edwin estava no meu apartamento, aguardando uma resposta. E eu não sabia qual daria.

O medo chegou e deu as mãos à desconfiança sobre minha capacidade de enfrentar tudo.

Princesa de Cibele! Princesa de Cibele!

Avaliei meu reflexo no espelho e vi nos meus olhos a luta sendo travada dentro de mim. Meu desejo por dar uma resposta positiva e o receio tentando preencher o espaço maior na mente, um buscando abater o outro com mais força.

E se eu precisasse dizer não? O pavor de me ver passar por tudo outra vez quase me tirou o ar. Então eu soube, não poderia enfrentar aquilo sozinha. Eu precisava de ajuda.

Sentei-me na cama e, me esforçando para não chorar, eu orei.

— Eu estou com medo, Senhor! Não sei se consigo passar por tudo de novo. Meu coração se aperta só de pensar na possibilidade de vê-lo partir. Não compreendo, Deus! O Senhor sabe o quanto eu precisei de Tua graça nesses últimos anos, e agora Edwin está aqui comigo outra vez. Para ser sincera, não quero perdê-lo, não quero deixá-lo partir da minha vida mais uma vez. Contudo, Pai, clamo a Ti que me auxilie e me ajude a tomar a melhor decisão. O Senhor diz em Sua Palavra que dá sabedoria a quem pedir com fé, e é esse meu anseio, sabedoria para fazer a escolha certa. Ajude-me, Senhor, porque eu não posso sozinha. E se o melhor for acabar com qualquer esperança — suspirei sabendo o quanto aquilo seria penoso —, seja minha força, como foi durante todo o tempo quando meu coração esteve quebrado.

Respirei fundo e notei a ansiedade partindo aos poucos. Eu havia aprendido, durante minha terrível experiência do luto, como o Senhor era real e Sua Palavra verdadeira. O sofrimento era um poderoso aliado Dele para trabalhar em nossos corações, para nos moldar à imagem de Cristo. Por experiência própria eu sabia, a dor exigia algumas lágrimas, mas ela também ensinava sobre Aquele que conforta.

Eu não gostava do sofrimento, mas foi através dele que experimentei o consolo que excede todo entendimento, foi ele que me fez entender que eu poderia me aproximar do trono da graça com toda a confiança, a fim de receber misericórdia e encontrar graça para me ajudar no momento da necessidade. Foi o sofrimento o meu professor que ministrou a matéria da oração e do descanso no Senhor.

Sim, eu podia confiar no agir de Deus, e ainda que tudo aquilo doesse, eu sabia, Ele não desperdiça sofrimento na vida de seus amados. Se por acaso tudo terminasse em pesar, mais uma vez, Ele não me abandonaria e usaria a situação para meu bem.

Mais calma, crendo que Deus me ajudaria, me levantei e retornei para a sala, onde o segundo herdeiro ao trono conversava animadamente com o meu irmão.

— Vou fazer o jantar — falei.

— Posso te ajudar? — Edwin perguntou e ficou de pé, nem esperou minha resposta.

— Vamos ver se o Príncipe sai bem na cozinha — brinquei e aponte para o local.

Edwin passou por mim. Já Oliver continuou sentado, buscando uma clara resposta às suas perguntas em meus olhos, mas eu não tinha o que oferecer, estando tão no escuro quanto ele.

Tomei meu posto de cozinheira e dei alguns comandos para Edwin, muito disposto a mostrar seus atributos como ajudante. Coloquei o avental e passei a fazer minha parte.

— Por que será que não estou surpresa?

Edwin sorriu ao constatar o tom crítico presente em meu comentário. Os tomates milimetricamente cortados em cubos, só poderiam ter sido obra do Príncipe, sempre tão aplicado em cumprir seu dever, minuciosamente, zeloso em cada detalhe.

— Sou um excelente cozinheiro, já lhe disse — contestou e repousou a faca ao lado da tábua, observando com orgulho o trabalho realizado. — É uma verdade universalmente conhecida, nós comemos primeiramente com os olhos.

— Alteza, os tomates vão se dissolver na panela e se tornarão um delicioso molho ao sugo — ironizei, recebendo em troca um olhar falsamente indignado.

— E irão se dissolver por igualdade! — Edwin sorriu, ciente da falta de coerência em sua justificativa, entregando-me o recipiente contendo as hortaliças. — Quando sua massa estiver pronta, você verá como meus tomates cortados com maestria fizeram a diferença no resultado.

Eu resisti à vontade de revirar os olhos. Ele aproveitou a deixa, provocando-me um pouco mais, não soltando de imediato a vasilha. Quando por fim cansou da brincadeira, enxugou as mãos em uma toalha de cozinha e se recostou na bancada da pia, de braços cruzados em frente ao peito, observando os ingredientes serem despejados na panela onde seriam refogados.

Nossa conversa até ali seguiu sendo puramente superficial, os assuntos sempre girando em torno da culinária. O Príncipe tentava dar alguns palpites no preparo do meu molho, enquanto

compartilhava lembranças de suas aventuras na cozinha do palácio, fazendo scones^[3].

Quando a massa estava no ponto, Edwin sustentava um sorrisinho presunçoso no rosto, aprovando minha maneira de cozinhar. Alcançando o objetivo de sua provocação, me voltei para onde ele estava.

— Vossa Alteza, pode tirar o seu traseiro real da minha pia?

— Apontei o dedo para o lado, claramente mandando-o se afastar do bloqueio que impedia meu trabalho de ser realizado.

Edwin soltou uma gargalhada alta e longa, mas não se moveu.

— Eu já disse que amo esse seu jeito! — exclamou, descruzando os braços e me olhando com afeto.

— Meu jeito? — perguntei, suspeitando do possí vel elogio.

— Sim, seu jeito espontâneo. — Edwin colocou as mãos no bolso da frente de seu jeans.

— Pois então trate de dar licença, porque meu jeito espontâneo está prestes a te dar um sermão.

— Oh, me rendo — ele disse e deu espaço para eu passar.

Ele se manteve a observar meu trabalho em silêncio, até que sorriu.

— O que foi?

— Quem me vê assim, tão ansioso por um jantar, não acreditaria que na próxima semana estarei enfadado com tantos bailes e comemorações.

— Consigo imaginar um pouco da sua alegria. Aliás, conhecendo seu anseio por ser o centro das atenções e amando estar cheio de pessoas ao redor fazendo de tudo para conseguir sua consideração, você deve ficar exausto.

Ele ficou em silêncio, cruzou os braços e relaxou os ombros.

— Pode ser diferente se você comparecer a pelo menos um desses bailes como minha acompanhante.

Parei de mexer nas panelas e o encarei de imediato.

— Você está louco, né? Eu fugi, literalmente, do último baile que fui. Seria um desastre. Além do mais, está muito em cima da hora para eu sair e largar todo o trabalho nas costas da Melody. Nunca conseguiria uma folga, o hotel fica cheio nessa época.

— Deveres do trabalho. Eu compreendo bem. — Ele deu de ombros. — Mas estou sendo sincero, gostaria de ter a honra de sua presença, ao menos no baile de Kent.

Dei mais uma olhadela incrédula para ele e voltei a me concentrar na comida, que àquela altura já estava quase pronta.

*! ra um bai l eom acompanhant edel e!Sem nenhum pr epar o!
Er a uma pi ada?*

— O cheiro está muito bom! — meu irmão declarou chegando na cozinha um pouco impaciente. — Vai demorar muito?

— Está pronto. Você pode colocar a mesa, Oliver? — pedi.

— Sim, senhora.

— Eu te ajudo! — Edwin se ofereceu e ambos pegaram os pratos e demais utensílios levando-os à mesa.

Quando nos sentamos para comer eu estava um pouco aérea. Oliver quem comandou a conversa, sempre lembrando da nossa estadia no Palácio. Eu seguia o fluxo dos assuntos, mas a cabeça sempre parecia perdida em algum pensamento aleatório, grande parte relacionado a suposições sobre como seria minha vida sendo uma princesa.

Já estávamos satisfeitos e a conversa empolgada foi cessando, dando espaço para pequenos espaços de uma quietude incômoda.

— Eu vou lavar a louça — informei e me levantei. Edwin, como de costume, levantou-se junto.

— Eu ajudo você — ele afirmou, já retirando das minhas mãos os pratos sujos recolhidos na mesa.

— Eu não vou me oferecer para atrapalhar o trabalho de vocês — Oliver disse insinuando várias coisas em seu tom de voz. — Vou aproveitar para fazer alguma coisa importante no meu celular.

Edwin e eu nos posicionamos, lado a lado, em frente a pia. Ele me surpreendeu sugerindo trabalho em conjunto: eu lavava os pratos e ele enxaguava.

— Oliver é um jovem muito inteligente — falou. — Eu esperava por ele depois de se formar no colégio. Estranhei o fato de não ter querido manter a ideia inicial que me confidenciou.

— Como assim? — indaguei sem compreender ao que exatamente ele se referia.

— Eu prometi a ele treinamento militar. A vaga ainda está esperando por ele. — Edwin esclareceu e eu balancei a cabeça, deixando clara a falta do meu conhecimento com aquele assunto. — Ele não te contou?

— Contou o quê?

— Quando vocês estavam no Palácio, nós tivemos uma conversa muito séria. Ele me revelou sobre as circunstâncias que o levaram ao ato de vandalismo. Eu questionei como ele havia conseguido chegar até meu quarto e ele me relatou algumas falhas na vigilância. Eu o coloquei em contato com o chefe da segurança, e todos ficaram impressionados com a astúcia de seu irmão. — Edwin ponderou um pouco, antes de continuar. — Oliver tem um dom. Ele enxerga com uma perspectiva diferente, e acabou encontrando imprecisões e descuidos por parte da equipe.

— Eu não sabia disso!

— Estou impressionado com o fato dele não ter te contado. Ele parecia tão seguro naquele tempo. Eu ofereci uma vaga na escola militar, para ele concluir os estudos, já iniciando a preparação física e ir se familiarizando até poder se alistar oficialmente. Oliver manifestou o desejo de entrar para a polícia secreta, comentei com meu chefe de segurança da época e achamos uma excelente oportunidade. Ele se comprometeu a estudar e se preparar fisicamente.

— Por isso, então... Claro, por isso ele me avisou que retornaria a Cibebe quando fizesse dezoito anos. E os treinos, os esportes... Ele estava se preparando! — Espiei meu irmão jogado no sofá. Seus ombros estavam largos, nem de longe tinha o mesmo físico do garoto magro que chegou em Susan.

— Apesar do nosso afastamento, garanti a Zac que seu irmão era bem-vindo, eu cumpria meu acordo. — Edwin também olhou em direção a Oliver. — Mas ele completou a idade requisitada e desistiu.

— Ele não desistiu — neguei com a cabeça. — Ele renunciou por mim.

Lembranças de uma discussão, dias depois do décimo oitavo aniversário dele surgiram em minha mente. Na briga, Oliver havia deixado claro que partiria para longe e iniciaria a sua vida na ausência de minha proteção. Eu zombei, perguntando como se sustentaria sozinho e ele simplesmente esbravejou sua capacidade e desejo de independência. No dia seguinte, arrependido, ele me procurou. Havia tristeza em sua voz quando ele me pediu perdão usando palavras tão sinceras.

“Como eu posso te abandonar, depois de tudo que você fez por mim? Eu não posso deixá-lo só. Nunca farei isso. Me perdoe por te ferir com minhas palavras!”

— Ele decidiu ficar por mim — declarei comovida.

Edwin sorriu.

— Uma grande prova de maturidade — alegou, voltando a se concentrar na louça.

As palavras de Edwin permaneceram ecoando em minha mente. A responsabilidade e o ato de amor de Oliver tocaram meu coração, mostrando mais uma vez como o Senhor cuidava de tudo, nos mínimos detalhes. A renúncia de um de seus sonhos para estar ao meu lado me levou a constatar como os ensinamentos de nossos pais ainda estavam vivos, nos guiando a fazer o correto, mesmo quando isso implicava em perdas. Meu irmão buscava viver o Evangelho, como um homem honrado e piedoso.

Nós terminamos de lavar a louça em silêncio. O Príncipe enxugou as mãos na toalha.

— Eu vou voltar para Cibeles amanhã pela manhã. Infelizmente. Você se importaria de nos acompanhar até o aeroporto?

— Claro que não. — Balancei a cabeça. — Digo, claro que eu vou, não me importo.

Ele pegou o celular, conferiu as horas e leu uma mensagem.

— Infelizmente, eu preciso partir — alegou depois de guardar o aparelho no bolso. — Eu gostaria de poder desfrutar mais da presença de vocês, mas o dever me chama.

— Tudo bem.

— Estarei orando — disse apenas isso, mas foi suficiente para eu entender tudo. Oração era o que precisávamos naquele

momento.

Nós voltamos para a sala e Edwin ainda trocou mais algumas palavras com Oliver antes de se despedir. Questionei se deveria levá-lo de volta para o hotel, mas ele me tranquilizou, dizendo que um carro já o esperava na rua. Meu irmão se ofereceu para descer com ele.

Combinamos mais ou menos nosso encontro para a manhã seguinte, a tristeza que acompanha as despedidas me assaltando. Ele segurou uma das minhas mãos.

— Eu estou muito feliz com a oportunidade que tivemos no dia de hoje — falou.

— Eu também! Foi um dia surpreendente.

— Muito obrigada por sua companhia e pelo jantar. Eu fiquei lisonjeado com o convite, apesar da falta de modos ao se referir ao meu... traseiro real.

— Alteza, o senhor está muito desinibido!

Após as gargalhadas, Edwin se aproximou e me abraçou de lado. Oliver apareceu com os objetos de disfarce do príncipe e não escondeu o riso por presenciar a cena íntima entre nós.

Nos despedimos. Com a cordialidade rotineira, Edwin partiu “fantasiado”, acompanhado por Oliver.

Corri para meu quarto, jogando-me na cama. Levei a mão até meu peito, apertando firmemente o local, como se pudesse aquietar meu coração. Pouco a pouco, o sorriso foi se irradiando em minha face, minha alma parecia flutuar e eu me encontrei em um lugar onde a paz me fazia sentir absorta, longe de qualquer dúvida e preocupação. O medo, pouco a pouco foi me deixando, sendo substituído por uma alegria renovada, com uma pitada de satisfação causada por um amor correspondido.

Fechei meus olhos, imaginando um futuro talvez não tão distante, se meus desejos fossem realizados. E, como se numa resposta de alguma oração silenciosa, os versos de Eclesiastes tomaram os meus pensamentos. Alcancei minha Bíblia e abri naquelas palavras parecendo vindas diretamente de Deus.

“Tudo tem o seu tempo de ~~tr~~ e ~~mi~~ nado, e há tempo para ~~a~~ todo propósito ~~de~~baixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer tempo de ~~pl~~antar e tempo de ~~ar~~rancar o que se ~~pl~~antou e tempo de

*mat ar e t empo de cur ar ;t empo de der ri baæ t empo de edi fi ca
t empode chor are t empode ri rt;empode pr ant eaæ t empode sal t a
de al egr i æ;empode espal lãr pedr as e t empo de aj unãr pedr as;
t empo de abraçar e t empo de afast ase de abraçar ;t empo de
buscar e t empode per der ,t empode guar dare t empode dei t af or a;
t empode rasgare t empode coser ;t empode est ar cal adoe t empo
de fal ar ;t empode amar e t empode abor r ecer ;t empode guer r æ
t empo de paz.”*

Eclesiastes 3: 1 a 8



Capítulo 11

Capítulo 11

— Anne! Que cara é essa? — Mel me interrogou logo quando coloquei os pés no hotel, encontrando-a no dia seguinte.

— Eu não dormi direito — respondi, já me direcionando ao espelho atrás de um milagre para ficar mais apresentável.

— Ah, mas é claro! Quem dormiria direito depois de passar o dia na companhia daquele Príncipe maravilhoso? — Mel provocou, tomando as mechas dos meus cabelos nas mãos, assumindo a tarefa de cuidar dos fios, até então negligenciados.

Olhei minha aparência no espelho e fiz uma careta.

— Edwin me encontrará daqui a pouco — murmurei ajustando o vestido. — E eu estou péssima.

— Edwin? É sério isso? Toda essa intimidade? Amiga — ela largou meu cabelo por um momento, se posicionou à minha frente e colocou as mãos nos meus ombros —, você é a protagonista de um conto de fadas!

— Não exagere! Não sei se será um conto de fadas quando eu precisar me portar na frente de pessoas importantes... — Deparei-me com o olhar sugestivo dela. — O que foi agora?

— Você já deu como certo esse relacionamento! — Mel assegurou e soltou meus ombros. Ela não esperou minha defesa, voltou para minhas costas sorrindo e se concentrou em trançar meus cabelos em um penteado bem elaborado.

Escolhi não responder. No meu íntimo, eu ainda carregava um enorme medo de aceitar toda aquela loucura e virar minha vida do lado avesso. Igualmente, temia estar me confundindo e tomando uma decisão precipitada que dizia respeito não apenas à minha vida amorosa, mas à drástica mudança que se sucederia caso eu dissesse o tão desejado “sim”.

Mas a quem eu queria enganar? Havia entre mim e Edwin um espaço de dias, meses e anos, quando busquei evitar a todo custo agir de forma imprudente e, ainda assim, lá estava eu, clamando a Deus por uma direção. E se não fosse apenas uma mera coincidência? Nesse caso, eu não estaria sendo sensata, mas uma bela de uma covarde, criando muitos empecilhos para não aceitar a realidade.

— Você se decidiu? — Mel interrompeu meus devaneios, concluindo sua tarefa nos meus cabelos.

— Ontem à noite eu estava mais determinada, mas agora estou muito apreensiva. Eu queria uma resposta clara e concreta, sabe? Tipo uma placa indicativa com os dizeres “Edwin é seu futuro marido”.

Mel assentiu, compreendendo bem meus anseios. Sentei-me na cadeira mais próxima, encontrando-me derrotada.

— Por que tudo precisa ser tão complicado?

Eu sentia frustração por não saber conduzir a minha vida. Era difícil descansar em Deus quando pesava em minhas costas tomar a decisão final. Como eu desejava meu pai comigo naquele momento!

— Não sou a mais cotada para dar um conselho, mas, se você não está convicta, não tenha pressa em dar uma resposta. O Príncipe pode muito bem esperar, ele não garantiu que esperaria?

— De onde saiu toda essa calma? — indaguei perplexa. — Depois de passar a noite escutando seus gritos de emoção pelo telefone, imaginei que você já estaria organizando minha despedida de solteira.

— Meu lado amiga quer muito, *mui t*amesmo comemorar e gritar para todo mundo que eu sou a melhor amiga da futura princesa. — Os olhos de Melody brilharam ao confessar em voz alta seus pensamentos. — Porém, eu compreendo perfeitamente sua luta e aprovo sua cautela. Casamento é para a vida toda. Deixar-se levar só porque ele é o Príncipe de Cibele! Ah! — Mel não conseguiu conter sua empolgação e eu precisei repreendê-la para evitar um anúncio público da minha condição. — Anne, ele é o Príncipe! E um verdadeiro Príncipe. Um Príncipe!

— Ele é muito mais que isso, já te disse. E o mais importante é que ele ama a Deus.

— Promete me apresentar ao seu cunhado solteiro? Quem sabe eu também não sou a escolhida perdida de um Príncipe?

— Você está brincando, não está? — perguntei, semicerrando os olhos. — Porque se não está, ele ainda é um recém-convertido e você sabe bem que é melhor não entrar em um relacionamento com novos na fé.

Lembrei-me do relato de Edwin sobre a conversão do irmão. Oliver, quando soube, fez várias perguntas e o Príncipe acabou contando como nosso afastamento, de certa forma, abriu uma pequena brecha para Edwin compartilhar do Evangelho de maneira mais real para Esra. Ao explicar sobre como podia descansar na Soberania de Deus em relação aos acontecimentos, o assunto fluíu e pela primeira vez o Príncipecaçula se abriu, porque dessa vez havia o trabalho do Espírito, regenerando um coração. E com a conversão, houve arrependimento sobre sua conduta imprópria em relação às mulheres, e ele andava fugindo das paixões que outrora o dominara.

— Você pode fazer isso no futuro, quando ele estiver maduro o suficiente. — Ela não deixou passar o assunto, embora estivesse brincando.

Peguei meu celular e conferi tanto as horas quanto as mensagens, mas minha caixa de entrada estava vazia.

— Eu estou me sentindo mal por deixá-la sozinha. Durante toda à tarde de ontem, à noite e agora...

— Pode parar, ou vou pensar que você me considera uma incapaz!

— Não é isso! Mas...

— Você está sendo dramática. Marfim já partiu, temos apenas um casal, além dos Príncipes, sob nossa responsabilidade, e eles não me deram nenhum trabalho. Eu estou praticamente à toa aqui. — Melody analisou as unhas, como se quisesse confirmar seu tédio momentâneo. — E a Sharon tem se saído uma excelente profissional. Ela é muito eficiente e eu já estou treinando-a para te substituir quando você for viver no Palácio de Cibele.

Resisti à vontade de responder Melody com sarcasmo, oferecendo no lugar meu olhar afetuosos. O que teria sido de mim sem ela quando embarquei para Susan, tão triste que apenas ela conseguia me fazer esquecer os problemas e me alegrar um pouco? Mel continuava provando ser uma amiga e tanto, mesmo com seu excesso de euforia em horas impróprias.

Aguardamos por mais vinte minutos, até eu ser chamada por um dos seguranças de Edwin. Ele me encaminhou até um carro preto, luxuoso, diferente do usado na ocasião do jantar, parado no estacionamento.

— Por favor, senhorita. Sua Alteza em breve descerá — esclareceu um dos homens, abrindo a porta do carro.

A porta se fechou do meu lado e eu avalei o interior do automóvel. Cada detalhe requintado era um indicativo da posição de quem estaria dentro dele. As poltronas de couro creme eram largas e as mais confortáveis que eu havia sentado em toda a minha vida. Os bancos traseiros eram separados dos da frente por um vidro. Uma mesa portátil, com espaço disponível para um executivo trabalhar, separava os dois assentos de trás.

Estava ainda contemplando o teto solar quando atinei para a movimentação do lado de fora. Meu coração disparou pensando na aparição de Edwin a qualquer momento. Quando a porta do lado contrário abriu, eu segurei a respiração por alguns segundos. O Príncipe entrou e, antes de me dar qualquer atenção, recebeu em suas mãos alguns documentos e instruções de Henri, seu assessor pessoal, parado à porta. Atenta, ouvi as diretrizes de segurança explicadas ao Príncipe, na tentativa de evitar qualquer tipo de problema, e alguma delas envolviam a minha presença.

Com as mãos suando, passei a considerar meu lugar de honra, como convidada do Príncipe e previ todos os tipos de desastres de minha parte. Eu costumava ser a que agradava e servia as pessoas importantes, por isso fiquei pensando como seria ser a figura de destaque como companhia de um nobre.

E agora está ou pensando em fazer parte disso para sempre?

Após o término das instruções e orientações, a porta se fechou e Edwin me ofereceu seu sorriso gentil, mas diplomático.

— Bom dia. Deixei você esperando por muito tempo?

— Não, não, não. — Neguei com a cabeça. — Está tudo bem.

O movimento do carro aumentou minha tensão. Alisei a saia do vestido, tentando secar as mãos e achar algo interessante para fazer diante da minha timidez imprevista.

— Onde está o Príncipe Esra?

— No veículo de trás. Você está bem? — O olhar inquisitivo de Edwin me forçou a sorrir.

— Estou nervosa — confessei. — Não costumo me sair bem estando fora da minha zona de conforto.

— Vai dar tudo certo, fique calma. — Ele estendeu a mão e segurou a minha por um momento, tentando me oferecer apoio e me deixar mais segura. — E Oliver?

— Ah! Ele pediu para transmitir o agradecimento por sua gentileza ontem. E, embora meu amado irmão não tenha querido me contar, ainda que sob forte ameaça, qual foi o teor da conversa entre vocês ao se despedirem, eu estou bastante curiosa.

Ele soltou minha mão e riu.

— Tem certeza de que deseja saber? — Edwin perguntou, se divertindo às minhas custas.

Imaginando algum assunto constrangedor, ou próprio dos homens, dei de ombros.

— Sinceramente, é melhor eu permanecer apenas na curiosidade.

Edwin desviou os olhos e se concentrou no papel em seu colo. Ele se dedicou à leitura, e sua testa enrugou um pouco, tornando-o sério, como era na maior parte do tempo, ao menos em público.

— Essa é a vida de um Príncipe — explicou quando notou que eu o observava trabalhando. — Não tenho descanso nem a caminho do aeroporto.

— Que encantador vislumbre do futuro você está me oferecendo! — declarei, irônica.

— Você não romantiza mesmo a vida de uma princesa — ele afirmou, um pouco brincalhão, e me olhou. — Mas acho que gostaria de algumas regalias, como ter uma biblioteca toda para você.

— Esse é um golpe muito baixo, Príncipe Edwin! Você quer usar minha fraqueza contra mim. — Cruzei os braços como uma criança birrenta. — Fica muito difícil negar seu pedido quando ele vem acompanhado de uma chantagem dessas.

— Bem, case-se comigo e terá acesso ilimitado a qualquer biblioteca real, quando desejar. E poderá organizar a de Kent como bem entender.

Eu deveria responder “sim” naquele momento, ou o “pedido” ainda era parte da brincadeira? Com medo de me adiantar, ergui a cabeça e empinei o nariz, como se ele estivesse diante da rainha das bibliotecas.

Ele balançou a cabeça e voltou a se dedicar aos papéis. Eu pretendia deixá-lo trabalhar em paz, mas eu estava agitada demais para me manter calada.

— O Príncipe Esra também está sofrendo a mesma pressão que você para se casar?

— O Príncipe Esra é considerado um caso perdido — Edwin brincou ainda cuidando de seus documentos. — A natureza independente do meu irmão impede as pessoas de esperarem algo dele. E depois que ele passou a declarar aos quatro pontos cardeais sua pretensão de se manter solteiro, não há uma alma viva disposta a enfrentá-lo. — Ele fez uma pausa, pensativo e ergueu a cabeça. — Exceto, é claro, minha mãe.

— Pensando por um lado, não acho que ele fez uma má escolha. Digo, vocês têm tantas burocracias, tantas responsabilidades, tanto serviço! Talvez servir solteiro fosse uma boa opção.

— Não é tão simples assim. — Edwin ponderou por um tempo, antes de me oferecer explicações. — Felizmente ou não, nós, da realeza, já nascemos com nosso destino traçado e nossa vida é oferecida à nação desde o nosso nascimento. Não há como correr das responsabilidades. E é tradição, nós devemos nos unir em matrimônio e providenciar herdeiros legítimos. A hora de Esra chegará e ele não terá como correr. Enquanto isso, estão empenhando esforços em me fazerem um homem casado.

— E você se empenhando em me fazer uma mulher casada.

Senti um frio na barriga ao dizer em voz alta. Ainda havia medo, não posso negar, além do mais, eu me iludia na esperança de receber milagrosamente um sinal, como nos tempos dos profetas. Ou, quem sabe, ouvir a direção de Deus em voz audível, como Samuel. Talvez uma visão, se no corpo ou fora dele, não sei, mas revelando o futuro? Ou um sonho, como José — se bem que se eu não tivesse o dom de interpretar, não adiantaria muito. Deixemos os sonhos de José de lado, não seria útil, no caso.

Eu orei mais uma vez em silêncio, pedindo a Deus uma direção clara, entretanto, no lugar de um raio rasgando os céus seguido de um estrondoso “case-se com ele, Anne Davies!”, eu encontrei uma paz serena clareando meus pensamentos. Edwin era um homem de Deus e havia dado provas de sua piedade, ele demonstrava seu desejo em fazer as coisas do modo certo e para ele minha incapacidade não era um impedimento. E, diferente do passado, eu constatei como tudo parecia fluir na mais completa naturalidade, sem forçar caminhos, sem esmurrar portas, sem aquela tensão de que algo não estava certo. A meu ver, parecia que Deus estava conduzindo nossa vida, traçando tudo na mais completa perfeição, algo tão próprio de Sua Providência, de Seu cuidado para com seus filhos.

Mas, como uma filha incrédula, eu resolvi não dizer nada. Seria eu como Gideão, nunca satisfeita com a resposta da minha oração a Deus?

— Tenho por mim que várias pessoas estão próximas de alcançar seus objetivos — Edwin declarou me trazendo se volta para a realidade. Ele exibia um sorriso presunçoso, me forçando a revidar com um revirar de olhos.

— Talvez eu opte por seguir o exemplo do Príncipe Esra. Sempre me identifiquei mais com ele.

Edwin não pareceu se abalar com meu comentário. Pelo contrário, ele riu, mas não disse nada. O silêncio advindo da concentração dele com o trabalho me forçou a ficar quieta. Esperei com paciência até ele juntar as folhas de maneira organizada e guardá-las na mesa entre nós.

— Estamos quase chegando — comentei e o peso de uma saudade antecipada assaltou meu coração.

— Infelizmente. Gostaria de ter mais tempo. Porém, pretendo retornar o mais breve possível. No mais tardar, uma semana após o fechamento das festas e comemorações. E conseguirei um tempo livre maior na minha agenda, dessa forma, poderemos nos reaproximar com mais calma, se achar melhor. — Edwin parecia um diplomático em negociação com toda a sua formalidade.

— Sim, senhor! — Bati uma continência, zombando o aspecto sério dele.

— Mas o que... — Captando a minha brincadeira, ele ajustou a postura e manteve o olhar elevado.

— Não adianta, eu já conheço sua personalidade, Sua Alteza Real. Sua seriedade não me comove. — Desviei o olhar para frente e concentrei em um ponto qualquer, antes de soltar as palavras lentamente. — Nem me intimida.

— Perdi todo o meu poder de persuasão com você, então.

Dei de ombros e me forcei a não rir. Minha mente me traiu e trouxe à tona as recordações dos momentos autodenominados como “recaídas”, quando não conseguia resistir à minha própria resolução de cortar meu vínculo, e acabava procurando qualquer indício da presença do Príncipe nos noticiários, na internet e em revistas de fofoca. Incontáveis foram as vezes que, mesmo vendo-o tão formal, eu permanecia horas imaginando quais eram seus verdadeiros pensamentos enquanto sustentava sua pose intimidadora. E sem nenhuma permissão, as lembranças dos nossos momentos juntos se soltavam das algemas que a mantinham presas num lugar seguro, longe das loucuras de uma alma apaixonada e vagavam como quem acabou de conseguir a tão sonhada liberdade.

Como eu já havia me culpado por não conseguir me desligar por completo de Edwin, para então estar na frente dele fazendo brincadeiras sobre nossa intimidade.

— Eu prendendo comunicar aos meus pais apenas quando — ele parou como se lembrasse de algo — e se você me der uma resposta positiva.

— E se eles não gostarem de mim? Não acharem que eu sou a pessoa ideal para isso? Aí ,Edwin! — murmurei levando a mão até a testa. — Isso tudo é complicado demais!

— Eles sabem de você.

— Como assim? — Arregalei os olhos e a outra mão também foi parar na cabeça.

— Esra. — Edwin riu. — Ele contou.

— Ah, seu irmão tem se saído um verdadeiro noticiarista de segredos alheios.

— É verdade! — Edwin exclamou, divertido. — Mas devemos perdoá-lo, não fez por maldade. Acontece que ele soltou um gracejo sobre meu coração ter uma dona e minha mãe, ouvindo, não deu sossego até ele contar quem era a felizarda.

— Não sei se quero continuar a ouvir essa história.

— Ah, mas tem mais. Eles fizeram um levantamento completo sobre você, e eu fui obrigado a oferecer algumas explicações. Dentre elas, o porquê eu tinha sido rejeitado antes de propor um casamento.

Minhas bochechas estavam ficando vermelhas, eu podia sentir elas ardendo.

— Então, minha mãe foi misericordiosa e parou de insistir no assunto. Mas ela aprovou você e meu pai não ofereceu nenhuma resistência, embora, como deve imaginar, não teve a mesma empolgação da minha mãe.

Quis me afundar na poltrona do automóvel. Tive pena de Edwin, tive vergonha daquela exposição, e só conseguia ver os pais dele como o soberano da nação e sua auxiliadora. Rei e Rainha sabendo da audácia de uma plebeia recusando o Príncipe, filho deles.

— Não fique assim, está tudo bem — Edwin disse e eu fiquei ainda mais envergonhada por deixar tão claro meus sentimentos.

— Mudei de ideia, não quero mais me identificar com Esra. — Falar demais, com certeza colocava as pessoas em apuros. Já dizia o provérbio, até um tolo, estando calado, é tido por sábio^[4].

Chegando ao aeroporto, conheci uma entrada diferente, exclusiva para os célebres viajantes, que precisavam de privacidade e segurança para o embarque. O carro estacionou na frente da porta de entrada numa ala distinta, cheia de seguranças e alguns funcionários.

Assim que desembarcamos, uma assistente se aproximou e me orientou a segui-la mantendo distância dos Príncipes. Esra se encontrou com o irmão e ambos caminharam na frente, bastante acostumados com o esquema, sendo conduzidos como se nada demais estivesse acontecendo. Fui atrás, ao lado da mulher, e nós cruzamos um extenso corredor onde havia uma modesta movimentação. É claro que a presença dos dois gerou curiosidade entre as pessoas, mas nada de anormal aconteceu até estarmos seguros dentro de uma sala de espera VIP onde a vida particular era preservada.

— Logo você será a mais nova famosa entre nós — Esra comentou sorrindo, depois de me cumprimentar e demonstrar sua alegria por eu estar lá com eles. — A ilustre Princesa Anne.

— Alteza? — indaguei abismada com a insinuação tão clara.

— Esra, por favor, você não precisa fazer algum relatório ou colocar em dia seu estudo bíblico? — Edwin apontou para o outro lado da sala.

— Tudo bem, reconheço quando não sou bem-vindo! Vou deixá-los a sós. — Esra conferiu as horas em seu relógio antes de alertar. — Mas vocês não têm muito tempo, em menos de dez minutos estaremos embarcando.

Eu e Edwin observamos o Príncipe caçula se afastar, sentando-se exatamente onde o irmão apontara. Então ficamos a sós, embora não tão a sós, uma vez que havia muitos funcionários ao nosso redor. Apesar de se manterem discretos e distantes e evitarem olhares curiosos, vez ou outra era possível perceber alguém espionando nossa interação.

Edwin permaneceu mais sério, com sua postura de Príncipe, e eu me encontrei perdida se deveria contar que achava estar

pronta para embarcar ao lado dele, não no avião que o levaria a Cibele, mas em uma nova vida a dois. Fiquei aguardando uma brecha, ou até um pedido final, mas ele não veio. Talvez Edwin quisesse respeitar meu tempo, ou estivesse aguardando eu me manifestar antes. Nós não tínhamos combinado como funcionaria aquilo e no fim, percebi que ele tinha razão. Relacionamentos são algo muito difícil de lidar

O tempo passou rápido, mesmo que não tivéssemos falado nada demais, apenas aproveitando a presença um do outro. A partida foi anunciada, e a movimentação começou na sala. Esra foi o primeiro a se despedir, gastando toda sua habilidade e simpatia para me fazer sentir querida. Ele saiu na frente e ficamos eu e Edwin, cara a cara.

Senti o nervosismo incitar as batidas aceleradas do meu coração.

— Entrarei em contato em breve, e retornarei assim que possível.

— Eu aguardarei, Alteza. — Fiz uma reverência. — Você pode me ligar, quando desejar.

— Farei isso.

— Vou aguardar. Embora, nessa época do ano, acredito que não haverá tempo nem para você me mandar um “oi”.

— É difícil argumentar contra isso. — Ele olhou para os lados, de onde acenavam para ele. — Eu preciso ir agora.

— Boa viagem, então.

— Qualquer coisa que precisar, por favor, não deixe de me contatar, se preciso, fale com o Zac.

— Edwin, eu acho que consigo viver alguns dias sem me comunicar com você — brinquei.

— É, acredito que sim. Tenho que embarcar.

— Sim.

Ele ainda ficou parado, me olhando, como se quisesse postergar a partida. Falou mais uma vez da necessidade de ir e me convidou a segui-lo até mais além. Caminhei ao lado do Príncipe. Seguimos por um corredor lateral, no fim dele havia uma porta dando acesso direto a pista, onde homens protegiam o perímetro até o jatinho oficial de Cibele, há aproximadamente 200 metros.

— A senhorita não pode passar daqui — informou um dos homens trajando sua farda vermelha, bloqueando minha passagem na metade do corredor. — Protocolo de segurança.

— Tudo bem! Boa viagem, Alteza.

Edwin acenou e, auxiliado por um funcionário, continuou o seu trajeto rumo ao avião, olhando para trás uma vez. Esra o aguardava na porta que dava para o exterior e eu assisti, com o coração apertado, o homem a quem eu amava partir para longe de mim de novo.

E sem eu dizer nada do que havia programado.

Oh, Deus! Por favor eu te peço, me ajude a entender o que devo fazer. O que eu faço, Senhor? Me dê uma direção!

Meu celular apitou ao término da minha oração, indicando a chegada de uma mensagem de Oliver. Ainda absorta a minha oração, peguei o celular e toquei na notificação.

“Anne, me diz, por favor, que você aceitou o pedido de Edwin e vai se casar com ele! Diga-me que vamos voltar para Cibeles! Eu sei o quanto você está preocupada, conheço bem aquela sua cara de ontem, mas por favor, minha irmã, tome uma atitude. Todos nós sabemos o que deve ser feito. Eu vou estar do seu lado, sempre. Você tem minha benção — e não adianta rir disso, sou o homem da família.”

Naquele instante, apesar de estar ciente de todos os problemas que se sucederia ao nosso provável relacionamento, não fui mais capaz de resistir.

— EDWIN! — sem planejar, gritei seu nome, sentindo a adrenalina se espalhar pela minha corrente sanguínea.

Ele estava quase passando pela porta de acesso, mas parou sua caminhada, olhou para trás um pouco surpreso e me encontrou com os olhos suplicando, a vontade de enfim liberar toda angústia presa no meu peito. Com um gesto, ele permitiu minha passagem. A contragosto, o guarda que outrora havia bloqueado meu caminho, deixou o espaço livre para que eu pudesse colocar um fim a toda aquela espera.

Em passos acelerados eu avancei em direção a Edwin, terminando meu percurso rodeando meus braços em seu pescoço.

— Eu amo você, Edwin — confessei sem medo. — Você precisa partir sabendo que sim. É sim. Eu aceito.

— Ah, Anne! — Senti seus braços me rodeando num abraço. Depois, ele se afastou um pouco para me encarar. — Você tem certeza?

— Não, mas não importa. — Dei um sorriso divertido. — Eu aceito.

— Eu não quero interromper esse momento que, aliás, é muito lindo, mas vocês estão correndo muito risco se expondo dessa maneira. — Nós ouvimos a voz de Esra nos alertando.

A contragosto, Edwin se afastou. A alegria irradiava por nossos sorrisos e olhares. Quando desfizemos todo nosso contato, ele voltou-se ao irmão, a dois passos de distância de nós.

— Você consegue uns minutos para a gente, Esra?

— Claro! — respondeu. Com um de seus sorrisos galantes, Esra piscou com um olho só e saiu pela porta em direção a aeronave.

Edwin puxou minha mão e retornamos pelo caminho de onde viemos. Ele deu ordens e fomos inseridos em um espaço particular, onde tivemos privacidade, mesmo tendo dois seguranças na porta. Sentamo-nos num sofá vermelho.

— Não tenho muito tempo. — Ele segurou minhas mãos entre as dele. — Mas as coisas mudaram agora.

Eu apenas sorri, concordando.

— Você me fez o homem mais feliz desse mundo. — Edwin beijou minha mão. — Quando chegar em Cibeles, informarei meus pais do nosso compromisso. Eles vão pedir para conhecê-la antes de tornar o noivado oficial. Precisamos seguir o protocolo.

— Você só está me deixando mais nervosa, não estava me lembrando dessa parte. Acho que me precipitei. Podemos voltar alguns minutos atrás, antes de eu dar meu sim, e esquecemos tudo isso? — brinquei ciente da minha falta de noção quando se tratava de precisar me portar com decência.

— Não, o que está feito, está feito. Além do mais, tenho testemunhas. — Ele riu e ficou me olhando, analisando meu rosto em silêncio, conseguindo acelerar ainda mais as batidas do meu

coração e aumentar o frio na minha barriga. — Você tem certeza da impossibilidade de comparecer ao baile?

— Sim, é impossível. É a época de maior movimento no hotel. Eu nunca conseguiria uma permissão do meu chefe.

Naquele momento eu ainda não tinha me dado conta da posição na qual eu estava me colocando. Eu havia acabado de selar um compromisso com o Príncipe e isso resultaria no meu retorno para Cibeles e abandono de tudo, inclusive do meu trabalho. Edwin deve ter achado graça, mas nada disse.

— Na terça eu tenho um horário livre à tarde, vou providenciar uma maneira de vir vê-la. — Edwin retirou o celular do bolso, digitou algo e, espiando, o vi colocar uma nota em sua agenda pessoal, adicionando meu nome do dia proposto por ele.

— Eu espero você na terça, então. Até lá vou me preparar emocionalmente para suportar essas informações.

Mais uma vez, nos olhamos, ambos irradiando a felicidade própria de um casal apaixonado, aparente nos olhares, no sorriso, nas mãos unidas. Alguém bateu na porta e entendemos que era hora da despedida. Eu fiz menção de me levantar, mas ele segurou minha mão, impedindo-me.

— Deixe-me orar por nós antes.

Edwin orou. Com sinceridade, ambos declaramos nossa dependência a Cristo e nossa renúncia a qualquer tipo de sentimento que não fosse do agrado de Deus. Ele agradeceu por nossas vidas, nosso reencontro e pela bondade e graça concedida.

Depois de dizermos “amém”, ele chamou um de seus homens e deu ordens, pedindo total discrição para seguir com os protocolos e algo sobre um plano de ação de segurança para mim e Oliver. Orientou que providenciasse uma linha segura pela qual eu pudesse me comunicar diretamente com ele.

Sem entender nada, confiei que Edwin sabia o que estava fazendo. O Príncipe não evitou um abraço de despedida, e assegurou de novo seu amor e alegria. Eu ainda não estava muito ciente de onde eu estava me enfiando, apenas desfrutava o prazer de poder compartilhar nosso amor abertamente, agora com mais seriedade.

Edwin partiu pelo corredor. Pela janela, acompanhei o embarque e a decolagem do avião e fui levada para casa escoltada por Shan, sem me preocupar muito com algumas observações que ele me fez.

Todos os meus pensamentos só giravam em uma direção.
Se Deus permitisse, eu ia me casar com Edwin!



Capítulo 12

Capítulo 12

Naquela tarde de quinta-feira, a sala do meu apartamento se tornou um notável gabinete de reuniões com pautas importantes sendo discutidas, decisões cruciais sobre o futuro — no caso o meu — em jogo. Oliver e Melody se encontravam sentados no sofá, ao passo que Samovier e Zac, através da tela do meu computador, participavam da chamada de vídeo.

Eu não conseguia concordar com o plano arquitetado, por esse motivo, caminhava de um lado ao outro da sala buscando bons argumentos para adiar um pouco mais a mudança porvir.

— Não acho uma boa ideia. — Balancei a cabeça em negativa evitando encarar qualquer um dos meus companheiros. — Isso tudo é uma loucura sem cabimento! Ainda prefiro esperar por Edwin, sem apressar as coisas como vocês querem. — Joguei-me no sofá, ao lado de Melody e Oliver, exausta mentalmente.

— Anne, minha querida, ouça nosso conselho. Você está prestes a se tornar princesa de Cibele. Seria o momento ideal para uma aparição extraoficial — Samovier dissertou com calma, tentando apaziguar a discussão anterior, quando os ânimos estavam

mais exaltados após compartilharem o esquema organizado entre os Samovier e meu irmão, após sugestão do Príncipe Esra.

Olhei para Melody, pronta para usar meu melhor argumento de defesa, mas ela levantou uma das mãos em minha direção, crispou os olhos e falou com bastante ênfase.

— Nem comece com essa ladainha de *não posso abandonar a Mel!* Eu já lhe informei sobre a existência de um plano B, e o colocarei em ação quando sair do seu apartamento. Anne, cedo ou tarde, eu não terei mais você do meu lado e eu prefiro, sinceramente, que isso aconteça logo.

Sem sair da sala, voltei-me a Oliver, procurando encontrar qualquer outra desculpa plausível para justificar o adiamento da ideia que me sentia pressionada a acatar.

— Seria impossível conseguir um voo de última hora para Cibeles. Estamos na época mais movimentada do ano, com certeza todas as passagens estarão esgotadas. E se não querem deixar Edwin a par desse plano maluco, eu não tenho como atravessar os dois países a tempo para o baile — articulei satisfeita por encontrar uma solução para meus problemas.

— Para isso, minha irmã, temos o senhor Marfim. Ele já providenciou seu transporte. Amanhã de manhã você zarpa para Cibeles — Oliver informou fazendo um movimento com as mãos, imitando um avião em pleno voo, desfazendo meu sorriso vitorioso.

— Até Marfim está envolvido nisso? — questionei, começando a me perturbar. Levantei e voltei a caminhar pela sala. — Vocês estão conspirando contra mim!

— Muito pelo contrário, Anne. Estamos conspirando a seu favor. — Zac não escondeu a diversão por me ver tão alterada.

— Ah, claro! Sugerindo que eu chegue de supetão em uma festa onde todas as pessoas importantes do país estarão? — Apontei o dedo ameaçador em direção a tela do meu computador. — Muito animador de sua parte, amigo.

Continuei a me deslocar para um lado e outro murmurando baixinho o quanto todos estavam loucos e não se importavam comigo.

— Minha pequena, volte aqui e ouça com atenção. — Samovier, com toda sua calma tomou as rédeas e me obrigou a

parar para escutá-la. — Você será uma figura pública assim que oficializarem o relacionamento...

— Um relacionamento até o momento inexistente para o mundo. Nem sequer os pais dele deram sua bênção oficialmente, tampouco foi anunciado qualquer compromisso. Sendo assim, não há noivado e não podemos tratar essas coisas de maneira leviana. Isso tudo pode estar sendo desnecessário, caso nossa união não se concretize.

Sim, eu estava apelando para o pessimismo, mesmo sabendo que nosso noivado já era quase uma certeza. E para meu horror, os quatro riram como se eu tivesse acabado de falar um completo absurdo. Oliver e Zac, especialmente, gastaram um tempo zombando de minha ingenuidade.

Depois de muitos bicos e olhos revirados, Samovier se adiantou mais uma vez e pediu para eu acompanhar seu raciocínio

— Minha menina, vocês já são um casal, há um comprometimento entre vocês com o consentimento de Sua Majestade, ainda que isso não tenha se tornado público. Você tem de compreender que sua vida não será a mesma. Suas ações, sua conduta, seus atos, todos eles serão traçados sempre com alguma finalidade. Uma aparição gloriosa, no dia do baile, despertará todo tipo de especulações ao redor da sua identidade.

— Querem transformar minha vida em uma exposição pública? — bufei de braços cruzados.

— Onde você está com a cabeça, Anne? — Oliver deu um tapa na própria testa, o som do estalo agregando ênfase a sua repreensão. — Você será a Princesa de Cibele, tudo na sua vida será público a partir de agora.

Zac estava rindo, mas conteve-se quando assimilou em meu olhar uma genuína agonia.

— Sei o quanto isso soa desagradável, mas não será sempre assim. Haverá muitos assessores te assistindo e aconselhando daqui para frente e aos poucos a exposição deixará de ser um incômodo. Todos da família real aprendem a lidar bem com a exibição, e a melhor maneira é usá-la a seu favor. — Zac tentou me consolar, enquanto se esforçava para desfazer minhas objeções. — Por isso, repito, seria um verdadeiro triunfo sua aparição repentina.

— E vestida apropriadamente — completou Samovier, tentando em vão esconder sua empolgação.

— Eu não sei se estou pronta para isso! Nós podemos adiar o anúncio da nossa relação — sugeri, olhando para os quatro em busca de qualquer sombra de apoio à minha ideia. — Assim eu ganho tempo para organizar minha vida melhor.

— Você não quer ser útil para Cibele, Anne? Não quer ajudar o seu pai e seu Príncipe? — Oliver questionou, apertando meu ombro levemente. — Sua atitude pode fazer a diferença nesse momento. Além do mais, duvido que Edwin vai festejar a sugestão de postergar mais o casamento de vocês.

— Vocês não querem que ele saiba de nada! Aliás, por que ele não pode saber e opinar se devo ou não aparecer?

A pergunta soou bastante inocente de minha parte, já que ele havia me convidado mais de uma vez para acompanhá-lo no baile.

— Porque se ele souber, deixará de ser surpresa. E queremos justamente assaltá-lo com a imagem de sua amada surgindo sem aviso. — Oliver se levantou e resolveu representar o momento. — Todos os presentes captando o olhar apaixonado de Sua Alteza. “Quem é aquela que cativa o sorriso do Príncipe Edwin, até então um homem incapaz de demonstrar qualquer traço de paixão?”, eles indagarão.

Só uma pessoa muito insensível e apática não cairia na risada vendo Oliver em sua melhor performance de convidados mexeriqueiros. O humor da sala mudou e diante daquela encenação toda, até eu precisei admitir que eles estavam certos.

— Eu não sei onde estou lançando minhas sementes — declarei sendo coagida a concordar com a estratégia.

— No Palácio Real de Kent! — Oliver completou, conseguindo me fazer rir mais uma vez depois de tanta tensão.

— Tudo bem, eu me rendo! — Levantei as duas mãos, declarando minha derrota. — Mas já vou advertir, se eu arruinar tudo, a culpa é de vocês! Eu não sei dançar, não sei me portar, não sei me vestir e estou apavorada.

Melody foi a primeira a manifestar sua alegria, embora um pouco contida, já que Zac era um dos espectadores e ela achou por bem causar uma boa impressão. A assembleia presente passou a

planejar os detalhes da minha partida. Eu estava lá, mas minha mente me pregou uma peça, impedindo-me de absorver qualquer informação da conversa animada no cômodo. Me encontrava distante, como se em outra galáxia, ouvindo, vez ou outra, palavras como vestido, dança, avião, baile, joias e algo mais.

Agarrei o meu pingente, tentando reviver a sensação de estar ao lado de Edwin, enquanto apreciava no meu pulso direito a pulseira com nossos nomes amarrados um ao outro. Até então, não tinha me dado conta da responsabilidade recaí dasobre mim desde quando assegurei a Edwin estar pronta para enfrentar os desafios da nossa nova vida a dois.

Pronta! Definitivamente, eu não estava pronta coisa nenhuma! Onde eu estava com a cabeça quando aceitei esse presente de grego?

— Anne, estou indo. — Ouvi a voz de Melody e a encarei, tentando me situar no mundo real. Há quanto tempo eu estava embarcada em meus devaneios? — Preciso colocar meu trabalho em ação e encarar nosso gerente. Eu te ligo mais tarde dando notícias do desenrolar dos fatos. Oliver vai levar sua carta de demissão amanhã antes de partirem.

— Tudo bem, Mel. — Levantei e abracei minha amiga. — Obrigada pelo apoio.

— Ah, eu estou tão emocionada! Eu conto muito com sua felicidade.

Os olhos de Melody brilharam e eu tinha ciência da sinceridade dela. Ela havia acompanhado todo o meu drama dos últimos meses e compreendia a seriedade do desenrolar dos acontecimentos.

— Eu amo você! Por favor, não se esqueça da sua amiga quando for uma Princesa requisitada — pediu com a voz chorosa, abraçando-me com força.

— Nunca! Nunca me esquecerei de você. Obrigada por tudo.

A agitação continuou após a partida dela. Oliver discutia algo pelo telefone, Samovier tentava me passar algumas instruções, mas minha mente recusava a se concentrar, apenas desejando vaguear para um lugar onde eu poderia me proteger de todo o falatório. Por fim, cada um foi cumprir suas obrigações. Eu me refugiei em meu

quarto, deitei-me na cama e encarei meu armário com fotos que representavam minha vida até ali.

— Amanhã nada mais será como é! — declarei em voz alta, cobrindo meu rosto com um dos braços, procurando pensar na parte boa da minha decisão, que, é claro, chamava-se Edwin.

Permaneci inerte por meia hora, simplesmente não conseguia reagir. Estagnei diante da necessidade de me preparar para assumir o cargo de esposa e o título de Princesa de uma só vez, e para piorar, sujeita a receber críticas a cada movimento incerto meu.

— Você precisa fazer sua mala. — Oliver apareceu na porta do quarto. Sua voz carinhosa demonstrava apoio, apesar de ele não ocultar estar se divertindo às minhas custas. — Não precisa levar muita coisa, apenas o essencial. Com toda certeza ganhará um novo guarda-roupa, *Al t eza*

Não movi nenhuma parte do meu corpo, apesar de concordar com ele. Eu precisava arrumar meus pertences.

— Partiremos amanhã às oito horas. — Oliver avançou e se sentou na cama ao meu lado. — Marfim já confirmou o voo.

Encarei Oliver a tempo de presenciar um visível sinal de preocupação na testa dele. Suspirei e tomei sua mão, segurando-a firmemente.

— Eu amo você, Oli, e sou muito grata a Deus por ter você ao meu lado.

— Não apele para o sentimentalismo comigo. Não permitirei sua desistência, mesmo sob forte pressão emocional. — Oliver advertiu com seriedade, forçando-me a rir. — Também amo você, por mais que seja uma irmã velha e chata a maior parte do tempo.

— Apenas quando você se comporta como um adolescente imaturo — retruquei acariciando sua mão e nós rimos em cumplicidade.

Oliver baixou o olhar, umedeceu os lábios e havia uma nota de emoção em sua voz quando voltou a falar.

— Sinto falta da mamãe, ela teria palavras de sabedoria tão próprias de vocês mulheres quando ajudam umas às outras. Posso parecer insensível, mas eu admiro sua coragem. Sinto que se estivesse no seu lugar, não estaria tão seguro como estou, vendo tudo por fora.

Momentos como aquele eram raros, por isso, aproveitei a brecha e me deitei no colo do meu irmão, permitindo-me ser a consolada da vez.

— Eu nunca estarei à altura do papai, mas gostaria de te falar algo. — Um pequeno espaço de tempo foi necessário para Oliver organizar seus pensamentos e continuar, com seriedade. — Apesar de precisar lidar com o ciúme dentro de mim ao admitir que perdi você para outro homem, eu estou muito contente por saber que você se casará com Edwin.

— Ah, Oliver! Que bonitinho! — Estiquei meu braço e toquei na bochecha dele. — Não sabia desse seu ciúme por mim.

— Eu disfarço bem. — Ele deu de ombros e afastou minha mão do seu rosto tentando esconder sua sensibilidade com uma careta forçada. — Não posso deixar isso explícito, ou você usaria meus sentimentos contra mim. — Balançou a cabeça e conteve a expressão, voltando a ficar sério. — Eu não deveria ser a pessoa a fazer isso, mas na ausência de nosso pai e como o homem da casa, gostaria de dar minha benção a vocês. Se você precisa de uma autorização, você a tem.

— Ah, baixinho! — Baguncei os cabelos dele, meu peito inflado de orgulho. — É sim, muito, muito importante para mim. Agradeço por isso. Você tem se revelado um homem honrado.

— Não deveria dizer isso em voz alta, mas eu tive a sorte de ter uma boa influência — confessou, dando um soco de leve no meu braço.

— Amo você.

Rolei para a cama e Oliver aproveitou para se apoiar nos travesseiros ao meu lado. O armário ainda estava fechado, todas as roupas lá dentro, nenhum indício de mudança por ali.

— Eu liguei para o pastor Johnny, expliquei a nossa situação, embora tenha ocultado a parte em que seu pretendente é o Príncipe. — Oliver riu. — Ele ficou perplexo, mas prometeu orar por nós e pediu para darmos notícias tão logo estivermos acomodados.

— E lá vamos nós, mais uma mudança brusca. Gostaria de ter tido a chance de me despedir da Igreja. Eles foram tão bons conosco desde quando chegamos.

Encarei o teto, pensativa. Tudo mudaria com o anúncio do meu noivado, isso tornaria difícil inclusive visitar os irmãos por quem nós tínhamos um enorme carinho.

— Você está com medo?

— Apavorada! — confessei e ri. Levei o dedo indicador ao queixo fingindo bolar um plano. — Pensando seriamente em fugir de Hawis e ir para a Europa, para um lugar bem distante dessa ilha.

— Ah, Jonas, Jonas! — Diante da devida comparação, só pude reagir usando uma almofada próxima para acertá-lo. Se esquivando do meu ataque, ele riu. — Sabe, há uma pequena controvérsia por aqui. Você chorou quando saímos de Cibele por precisar se afastar do amor da sua vida e agora está em pânico por ficar para sempre ao lado do amor da sua vida.

— É o meu drama! — Dei de ombros sem poder oferecer melhor defesa.

— Bem, se posso dar um conselho é: segura nas mãos de Deus e vai! Não fomos chamados para uma vida fácil. Sei que você deve estar criando mil teorias de como será seu futuro, mas, lembre-se de olhar para o passado. Nós não fomos poupados de sofrimento. Às vezes eu me pego pensando em como sendo ainda tão novo, já passei pela experiência de um duplo luto, tendo que lidar com a perda das pessoas mais importantes na vida de uma criança.

Segurei a mão dele, compreensiva. Não era fácil falar certas coisas em voz alta.

— Apesar disso, nós somos testemunhas vivas de como Deus cuida dos seus filhos. Nesses anos, Ele sempre nos socorreu, mesmo quando os dias eram nublados. No meio do vale da sombra da morte, Cristo foi nosso pastor e nos segurou pela mão, às vezes levou você no colo. Talvez, no momento da angústia, nós não tivemos força e fé para aceitar e enfrentar tudo de peito aberto; tantas vezes nós questionamos, tivemos medo, buscamos afastar as causas do nosso sofrimento, não enxergamos o cuidado de Deus estando tão fracos e abatidos.

Oliver sorriu.

— Mas, pela graça de Deus, estamos aqui hoje. Olhando para trás, agora nós podemos contemplar com clareza o agir do

Senhor, às vezes de forma sutil, às vezes se manifestando milagrosamente em nosso favor. Ele sempre esteve presente, mesmo quando não vimos, sentimos ou compreendemos. E se Ele fez isso até hoje, por que deixará de fazer a partir de agora, se Ele não muda?

— Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre.

Meu irmão concordou.

— Qual o fim principal do homem? — ele perguntou com um olhar cúmplice de quem foi obrigado a decorar aquilo por uma irmã mais velha dedicada. — O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. E, minha irmã, você me ensinou que pode glorificá-lo como funcionária de um hotel, como dona de uma livraria, como estudante, como missionária ou sendo a esposa do Príncipe de Cibeles. Além do mais, embora as noites de choro existam, há também os momentos de consolo, de refrigério da alma, instantes em que Ele nos oferece descanso nos verdes pastos e nas águas tranquilas.

Meu rosto se iluminou ao ouvir palavras tão sábias vindas dele. O sermão já estava completo, mas ele tinha algo a acrescentar.

— Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal — concluiu, citando Mateus 6, versículo 34.

— Você se tornou um homem piedoso, Oliver. Papai ficaria orgulhoso.

Ele tentou despistar o sorriso modesto, mas eu vi como gostou do elogio.

— Faremos o certo, não importa as consequências — recitou colocando a mão no meu ombro.

Oliver se levantou espantando qualquer vestígio solene, resultado do nosso diálogo, e ficou claro quando assumiu a postura juvenil de novo. Balançou a cabeça e apontou para meu guarda-roupa.

— E agora, engula seu drama e faça suas malas porque partiremos amanhã cedo.

— Se eu fosse você, teria mais cautela com a forma de se referir a mim, senhor Davies. Seu futuro será me reverenciando

constantemente — respondi, jogando um travesseiro nele. Oliver se esquivou, fez uma medida exagerada e saiu do quarto correndo, temendo pelo seu próprio bem-estar.

Encurralada e com as forças renovadas, organizei meus objetos pessoais, colocando dentro de uma bolsa de viagem o que era essencial e importante. Acabei, sem ter certeza de como minha vida se desenrolaria dali para frente, entretanto, estava mais contente. Quando o telefone tocou e o visor indicou quem era do outro lado da linha, eu esqueci minhas dúvidas por um momento.

— Edwin? — quase sussurrei o nome dele quando atendi, tomada pela satisfação de ouvir sua voz.

— Consegui cinco minutos para você na minha agenda — brincou. — Como você está?

— Ah! Nervosa, tensa, ansiosa, embora também muito feliz. Onde você está?

— Estou esperando meu voo. Partindo para Kent com a família. Amanhã começa a saga dos bailes.

— Então você deve estar bem animado — graciei.

— Nervoso, tenso, ansioso, mas muito feliz. — Ele fez uma pausa antes de continuar com entusiasmo contido. — A cada minuto que passa, é um a menos para eu reencontrá-la.

— Ah... — Temendo denunciar nossos planos, apenas murmurei apaixonada.

— Minha mãe não para de fazer perguntas pessoais sobre você. Ela não pode me ver ao telefone que já questiona se estou falando com minha escolhida, como ela te chama. Ela está me vigiando de longe agora, com aquele olhar suspeito.

— Ainda não me conformo com o fato de sua mãe ser a Rainha Margareth e ser tão matriarca como qualquer outra mãe.

— Como qualquer outra não, ela consegue ser pior. — Ele riu. — Mas é amorosa e compreensiva, vocês se darão bem.

— Ela só está feliz por ver o filho solteirão, enfim, comprometido.

— E esse filho desfruta da mesma alegria, talvez até com mais intensidade.

Mordi os lábios em contentamento.

— E seu pai?

— Era de se esperar que não fosse tão efusivo com seus sentimentos, mas ele já se refere a nosso casamento como um evento próximo e de grande importância para Cibele. — Uma pausa antecedeu a próxima fala dele. — Talvez você mesma não saiba da relevância da sua vida agora, entretanto, nosso relacionamento foi providencial para minha família.

Eu não soube como responder. O tópico era apenas uma confirmação dos argumentos levantados antes pelos meus amigos.

— Preciso desligar, vou embarcar.

— Tudo bem. Apenas avise Sua Alteza que eu também faço parte do time dos alegres com a nova condição dele.

— Com toda certeza, eu o mantereí inteirado. — Após breve silêncio, quando eu fechei meus olhos imaginando um lindo sorriso do outro lado, ele se despediu. — Falo com você depois.

— Boa viagem!

Eu desliguei o telefone e fui inundada por uma coragem inesperada. Não me importava quais seriam os desafios, eu seguiria em frente, mesmo que para isso eu precisasse fazer exatamente o oposto do que um dia eu havia planejado para meu futuro.



Capítulo 13

Capítulo 13

Ver Oliver tão elegante, vestindo um terno preto, com o cabelo cuidadosamente penteado para trás e a barba feita, aflorou ainda mais minhas emoções já tão instáveis.

— Você a cada dia se parece mais com o papai. Sinto tanto orgulho de ser sua irmã! — afirmei quando ele atravessou a porta do quarto onde eu estava cercada por várias mulheres que trabalhavam arduamente para me deixar à altura do Baile Real. — Está um gato!

— Olha quem está falando! A futura princesa de Cibeles! — exclamou, provocando risadinhas tímidas nas meninas e me forçando a parecer natural mesmo estando apavorada. — Você está simplesmente deslumbrante.

— Obra dessas pessoas talentosas — expressei minha gratidão, lançando um olhar sugestivo para Madame Samovier, que naquele momento estava dando os últimos ajustes no meu vestido. — Não consigo encontrar nenhum traço meu nessa Anne cheia de pompa. Pareço outra mulher.

— Bobagem! — Samovier alisou a saia do meu vestido, finalizando o árduo trabalho daquela tarde. — Você continua sendo

você, mas com um toque da realeza. Por favor, Helen, pegue aquela caixinha de joias — pediu apontando para uma pequena maleta em cima do aparador.

— Não, não. Eu não abro mão do meu colar. — Prendi o objeto entre os dedos. — Já não basta ter sido obrigada a tirar a minha pulseira — declarei sentida por ter de guardá-la entre meus pertences valiosos.

— Tudo bem, minha querida. Você pode continuar com seu valioso colar. — Samovier deu um sorriso maternal. — Vamos apenas complementar. Chamo de *toques finais*.

Samovier recebeu da moça a caixinha de joias e me entregou, orientando-me a abri-la. Fiquei encantada com o que vi. Um par de brincos de ouro com uma pequena pedra pendendo, simples e romântico, fazia conjunto com uma delicada pulseira do mesmo material.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, passeando os dedos pelo adorno precioso.

— Presente de alguém especial para uma senhora que não teve muita oportunidade de usá-lo. Será muito mais útil para você hoje. — Madame retirou as peças do estojo e sorriu. — Veja, combinam perfeitamente com seu precioso colar.

— São lindos! Mas não posso aceitar.

— Pare já com isso! Não há nada de errado em aceitar um empréstimo de alguém que se sentirá honrada em ter algo dela com você nesse notável dia.

Imaginei que ela estivesse fazendo uma espécie de chantagem emocional, mas acabei aceitando a oferta. Coloquei os últimos acessórios e caminhei pelo quarto me sentindo como uma modelo, exibindo a todos o resultado do meu dia de princesa. Parei em frente ao espelho e a imagem da Anne refletida nem de longe se parecia com a moça que entrou horas antes naquele cômodo. Eu estava linda!

— Oh! — Tampei a boca com a mão e respirei fundo, me esforçando para segurar as lágrimas. — Eu não mereço tudo isso. Olhem para mim! Eu não consigo compreender como o Senhor pode ser tão misericordioso comigo. — Virei-me para poder olhar nos olhos de todas ali para demonstrar minha gratidão e encontrei

Zac parado à porta, assistindo a tudo de braços cruzados. — Eu não sei como agradecer o cuidado recebido. Vejo a bondade de Deus e o zelo Dele através da vida de cada um aqui.

— Pois agradeça tratando de não despejar nenhuma lágrima. Não vamos correr o risco de borrar a sua maquiagem, tampouco queremos que você apareça com o rosto inchado. Mas saiba que nós te amamos e fazemos tudo com o maior prazer e alegria. — Samovier segurou minha mão e a apertou com gentileza. — Agora, chega de emoções porque você já está atrasada.

— Tem razão. Eu também amo vocês. São minha família. — Fiz questão de frisar olhando para Oliver, Samovier e Zac. Os três eram aquilo que meu irmão chamava de *cui dado do Senhor*

Disposto a terminar com o momento meloso, Oliver bateu palmas, despertando a todos para iniciarmos uma verdadeira força tarefa para minha partida. Agradei mais uma vez as meninas responsáveis por me embelezar, todas elas funcionárias do Palácio, e recebi em troca palavras de incentivo.

Em cumplicidade com Shan, que desde o aeroporto fazia minha segurança de maneira bem discreta, Zac organizou minha viagem e o trajeto até o Palácio, cuja distância era de um quilômetro a partir da casa dos Samovier, onde eu estava hospedada.

— Não sei o porquê de tudo isso! — reclamei quando estava dentro do carro luxuoso dirigido por Zac, acompanhada de Oliver e mais um guarda.

— Protocolo de segurança. A partir do momento em que você se tornou candidata à realeza, sua proteção deve ser garantida como um patrimônio nacional — Zac explicou, sem deixar o tom brincalhão de lado. — E Edwin me mataria se soubesse que eu não cuidei de cada passo seu. Eu zelo pelo meu emprego.

— Ah, claro. Ainda não me acostumei com essa vida de exposição. — Virei para a janela, suspirei e declarei baixinho. — Nem sei se um dia vou me acostumar.

Optei pelo silêncio, enquanto Oliver e Zac conversavam animados. A noite já tinha chegado, o movimento de carros transitando na rua era grande e eu admirava os altos postes de iluminação gerando um espetáculo de luzes na via. Provei novamente a mesma sensação de quando desembarquei pela

manhã em Cibebe. Era um misto de uma alegria inexplicável por estar de novo em casa, com nostalgia e ansiedade pelo futuro ainda desconhecido.

Passei a imaginar as possíveis reações de Edwin ao me ver invadindo o baile. Ele iria ao meu encontro? Fingiria não notar minha presença? Eu levaria uma bronca ou veria aquele lindo sorriso brilhando de felicidade, unindo-se ao meu coração?

O carro parou no portão principal do Palácio. Alguém se aproximou para checar a nossa identidade e permitiu a entrada. Zac estacionou um pouco distante da entrada do baile e virou o corpo todo para trás, em minha direção.

— Você precisa repassar alguma coisa?

— Não, mas estou nervosa, muito nervosa. E morrendo de medo de Edwin achar ruim da minha aparição repentina sem ter sido informado — revelei apertando os dedos com força sobre o colo.

Zac riu.

— Anne, nos últimos dias, em todas as minhas conversas com o Príncipe, a cada dez palavras, ao menos metade te envolviam de alguma forma. Você acha que ele vai se importar por adiantar aquilo que ele tanto quer? — Zac crispou os olhos.

Sendo homem e prático, talvez ele não compreendesse os temores de uma mulher emocionalmente abalada.

— Tudo bem. Eu vou ficar bem e seguirei todas as suas instruções — respondi, afastando de mim as preocupações que me cercavam.

Oliver deu um exagerado suspiro.

— Então, chegou a hora — Zac olhou no relógio. — A realza já deve estar no salão.

— Vai dar tudo certo — Oliver me tranquilizou. — E se não der, nós tentamos.

— Ah, quão animador isso soa!

O carro voltou a andar e só parou no local destinado para o desembarque dos convidados para o baile. Oliver desceu primeiro e me ofereceu a mão, como um verdadeiro cavalheiro. Meus olhos passearam pela fachada do Palácio Real de Kent e eu tive um pequeno relance nostálgico. Minhas recordações geraram um doce

sentimento. Ali eu havia sido feliz e tinha descoberto o significado de amar. Não poderia ser tão ruim assim como eu estava prevendo.

Ajeitei a postura e esperei a instrução de Zac. Enquanto aguardava, fechei meus olhos recordando do que vi na imagem refletida pelo espelho. Meu vestido, de um tom entre o roxo e o lilás, era glamouroso. Romântico e clássico, o modelo longo godê me deixava muito feminina. O corpete modesto e justo na medida certa era ornado com um toque de renda. A saia se abria aos poucos, presa por uma pequena faixa que acentuava um pouco minha cintura, com aplicações florais em fios lilás por toda a extensão. Tinha nos pés uma elegante sandália de salto baixo e meus cabelos estavam com algumas mechas presas e outras soltas, dando-me uma aparência mais requintada.

— Senhorita — Oliver tocou nas minhas costas. — Está pronta?

Como resposta entreguei a ele um sorriso e segurei no braço que me ofereceu. A cada passo dado, meu coração acelerava um pouquinho. Zac foi a frente e conversou com um funcionário, segundo Oliver, para se certificar de que Edwin estava presente e ouviria a anúncio da nossa chegada. O rapaz saiu apressado com um papel em mãos. Minutos depois, ele apareceu na porta e fez um sinal para Zac.

— Divirtam-se — aconselhou meu amigo com a mão apontada em direção ao baile.

Havia um casal na nossa frente, por isso, precisamos aguardar um espaço de tempo após a entrada deles. Quando chegou nossa vez, atravessamos a porta e fui acometida pela mesma sensação da primeira vez quando estive ali. E no meio de tudo, eu tive medo. Medo de falhar, medo de estar enganada, medo de não conseguir ser aquilo que seria exigido de mim. Eu temi a possibilidade de tudo dar para trás e minhas expectativas serem frustradas causando mais dor e angústia às nossas vidas. Então, me lembrei dos altos postes iluminando a via e pedi numa oração silenciosa que o Senhor fizesse o mesmo, sendo luz em meio aos meus pensamentos obscuros.

— Senhor e senhorita Davies — o recepcionista anunciou nossos nomes em alta voz.

Como da outra vez, nosso sobrenome não causou nenhum alvoroço nos convidados. Poucos olharam, embora curiosos, mas não desprenderam muito de sua atenção para nós. Contudo, apenas um olhar me interessava. E eu o identifiquei facilmente do outro lado do salão. Edwin virou-se, de imediato, quando reconheceu o sobrenome divulgado. A princípio, perplexo, procurou meu olhar e encontrando ali contentamento, me permitiu vislumbrar um sorriso contido em seu rosto. Tentei manter a mesma expressão, sustentando a pose ensaiada durante toda a tarde na casa de Samovier, parecendo desafetada, mas só Deus sabe o quanto eu estava desestabilizada.

Oliver nos guiou pela lateral, ao lado direito da pista de dança.

— Ele não parece nem um pouco chateado com sua aparição repentina — Oliver fez a observação após certificar-se de estarmos seguros. — Daqui a pouco as pessoas notarão como o Príncipe está tentando a todo custo não demonstrar sua satisfação ante a entrada de sua convidada de honra. Quase posso vê-lo segurando os pés para não correr até aqui.

Mesmo que tentasse, não consegui desviar minha atenção de Edwin, vigiando os seus movimentos. Oliver não estava errado, o Príncipe parecia estar distante da conversa trocada com um homem de aparência notável. Ele balançava a cabeça em afirmativa, mas vez ou outra lançava um olhar furtivo em minha direção, e eu retribuí a com recatados sorrisos.

O medo da exposição sumiu por um instante, ofuscado pelo desejo de me aproximar de Edwin, de sentir o toque da mão dele na minha, ouvir sua voz e ser livre para apreciar sua companhia.

Porém, ao invés de Edwin, foi outro Príncipe quem se aproximou com um sorriso sensual e um olhar conquistador. Senti meu estômago revirar ao perceber seu jogo de caça, no qual eu parecia ser a presa.

— Senhorita Davies, não é verdade? — Príncipe Devon perguntou, tomando minha mão na sua. Alarmada, confirmei que sim. — Não esqueço do rosto de belas mulheres. Como está encantadora! — Senti repulsa pelo toque dos lábios dele na minha

mão. — Nunca mais a vi desde quando fui deixado de forma desleal como acompanhante de seu querido irmão.

Ele encarou Oliver ao meu lado, cujo olhar era uma ameaça direta aos galanteios do nobre. Puxei minha mão com agilidade e a mantive segura perto do meu corpo. O Príncipe cumprimentou meu irmão tentando manter uma postura mais informal, mas não conseguiu muita coisa em troca do meu acompanhante, além de uma cara de poucos amigos.

— Eu espero ter o prazer de tirá-la para uma dança e não aceito um não como resposta.

— Sinto muito, mas ela já tem um Príncipe para acompanhá-la, Devon.

A aparição de Esra me trouxe alívio instantâneo. Eu e Oliver fizemos uma reverência, mas Devon não pareceu nem um pouco afetado com o comentário do anfitrião.

— Esra, Esra. Sempre tentando ganhar vantagem quando o assunto são as mulheres — ele provocou, dando uma piscadela ao Príncipe como se eu não estivesse ali ouvindo a declaração repulsiva.

Esra ignorou o comentário, fazendo pouco caso do herdeiro ao trono do Reino Integrado, e me ofereceu o braço direito. Sem hesitar, apoiei minha mão em seu cotovelo.

— Com licença, senhor Davies, mas roubarei sua irmã por um tempo.

— Fique à vontade, Alteza.

Ele me levou consigo e iniciou um passeio pelo salão.

— Acredito que meu irmão não tinha conhecimento da ilustre presença de vocês — ele fingiu surpresa, apesar de ser cúmplice daquele esquema.

— Desconfio que não — respondi, bem-humorada.

— Viu como ele sorriu? Muita gente viu, tenho certeza.

Entendendo a referência, aproveitei para espiar Edwin, ainda parado no mesmo lugar de antes. Esra percebeu a direção do meu olhar e esboçou um sorriso.

— É uma conversa de negócios. O homem ao lado é o senhor Martinez, gigante da indústria daqui de Cibeles. É bom que você se inteire sobre o significado dos bailes para nós. Não são

apenas danças e diversão, encontramos excelentes oportunidades de fazer contatos e negociações — o Príncipe explicou com calma, como se eu merecesse algum esclarecimento. — Enquanto Edwin não fechar um acordo, não poderá vir ao seu encontro

— Ah, eu não esperava ter a atenção dele toda para mim. Sei da importância de seus compromissos.

— Não? — Esra me encarou, as sobrancelhas unidas e o olhar inquisitivo. — Chegando assim, vestida dessa maneira, você não esperava ter a atenção de Edwin?

Fiquei sem saída e precisei admitir a minha derrota diante das especulações de Esra. Constrangida, meu rosto rubro denunciou a minha admissão de culpa.

— Não se preocupe, por enquanto, cuidarei da joia preciosa de meu irmão — falou num tom galante.

Cedi ao encanto do meu ainda não oficial cunhado, e deixei que me conduzisse. Com calma, ele foi nomeando as pessoas à nossa volta, sempre contando algum escândalo encoberto sobre os nobres, segredos ocultos para grande parte da população.

— Aquela ali — apontou discretamente com a cabeça para uma mulher ruiva, se exibindo com um vestido vermelho muito sensual para meu gosto —, é Lady Lancaster. Ela é casada com um dos homens de mais influência em Cibeles. Porém, ele é cego sobre as aventuras secretas de sua jovem esposa. Já precisei me fazer de tolo diante das insinuações dela.

Esra me encarou e pareceu ler meus pensamentos.

— Não, ela não faz parte das mulheres com quem eu tive a infelicidade de me relacionar. Mesmo quando era um homem promíscuo, não me envolvia com mulheres casadas. Hoje não me orgulho do meu comportamento.

— Sua mudança é visível. — Apesar de Esra ser portador de um charme inigualável, era notório como tentava fugir das investidas das lindas mulheres. Ele desviava o olhar e se concentrava em mim, e sua atitude para comigo era sempre muito respeitosa. — Estou começando a achar que Vossa Alteza está aproveitando da minha companhia para se livrar de certos infortúnios.

— E você está certíssima, minha cara. Enquanto meu irmão não pode tomá-la para si, aproveito a sua presença para me deixar

afastado de confusões.

Mas não era só isso. Esra fez questão de me exhibir. Demorei a perceber que o Príncipe estava me expondo aos convidados. Ele passou a me apresentar às pessoas na medida em que se aproximavam de nós. Vez ou outra, respondia por mim sobre quem eu era, criando uma espécie de mistério sobre a minha identidade e importância, provocando comentários discretos sobre a protegida do Príncipe.

Estava me divertindo ao lado de Esra, no meio de pessoas, até então, tão diferentes das quais eu estava acostumada a conviver.

Depois de andar meio sem rumo, ele mudou nossa rota, tomando um caminho certo, sem desvio. Quando eu compreendi para onde ele estava me levando, concentrei meu esforço em manter a expressão suave e contida.

— Cloe, já conhece a senhorita Davies? — Esra segurou minha mão e me colocou de frente para a futura rainha de Cibeles.

A Princesa mudou seu estado de evidente interesse para empolgação.

— Anne? — perguntou e Esra confirmou. Ela esticou as mãos e segurou as minhas como se não houvesse nenhuma formalidade entre nós. — É um grande prazer conhecê-la, querida. Já estava ansiosa para sermos apresentadas.

— O prazer é todo meu, Alteza — respondi e fiz uma reverência. Quando me endireitei, encontrei um sorriso iluminando o rosto dela. Incrivelmente bela, usava uma tiara de princesa e os cabelos loiros presos em um coque elegante combinavam com a pele de porcelana e os olhos claros. — A senhora é muito mais bonita pessoalmente. É lindíssima, na verdade.

— Ah! — O sorriso se abriu ainda mais e ela pareceu apreciar minha sinceridade. — Já gostei dela, Esra! Gostei muito dela. Seus pais já a conheceram?

— Acho que deixarei essa honra para Edwin — Esra respondeu, descontraindo.

— É verdade. — Cloe deu uma risadinha meiga e encarou o cunhado. — Seria inconveniente de sua parte tomar essa liberdade.

Apesar de esperar isso de você, principalmente se for com o único intuito de irritar seu irmão.

Olhei mais uma vez para onde Edwin estava, dessa vez mais próximo de nós. Mordi o lábio inferior e uni as mãos.

— Não se preocupe. — Esra me tranquilizou inclinando-se ligeiramente para mais perto. — Hoje não estou predisposto a irritá-lo.

Cloe olhou por cima de meus ombros e pareceu reconhecer alguém.

— Minha prima Estela — ela comentou fazendo um gesto com as mãos. Senti uma timidez repentina, principalmente quando me dei conta de que a Princesa não estava alheia à natureza dos sentimentos de Estela em relação a Edwin. — Perdoem minha inconveniência, mas eu prometi apresentá-la a um dos duques do Reino Integrado.

Esra, bastante desinibido, não escondeu sua diversão por entender a intenção de Cloe.

— Ela precisa de um marido. Faz bem em tentar ajudá-la — ele respondeu com bom humor.

Cloe demonstrou muito pouco constrangimento. Parecia, na verdade, manifestar alguma compaixão pela prima. Ela colocou a mão no braço de Esra quase clamando para ele também se compadecer.

— Deixe a pobrezinha. — Então, voltou-se a mim. — Perdoe-me, não quero parecer indelicada.

— Ah, não, de maneira nenhuma — assegurei movimentando uma das mãos e recebi outro gentil sorriso em troca. — Nunca pensaria isso a respeito da senhora! — expressei com ênfase.

— Nós nos veremos logo mais e poderemos conversar. Teremos tempo longe dessa confusão. — Cloe olhou para onde Estela estava à sua espera. — Com licença, preciso ir.

Esra reverenciou a Princesa herdeira e eu o imitei.

Cloe se retirou, com seu caminhar requintado exalando graciosidade, e eu não consegui evitar observar seus passos, pensando no que eu poderia imitá-la. Ela era simpática com todos, sempre distribuindo sorrisos e palavras gentis. Quando chegou ao lado da prima, avalei Estela discretamente; ela parecia ainda mais

bonita de quando havíamos nos encontrado pela última vez. Era notável, apenas pela maneira de vestir e se portar, tão ajustada ao ambiente, como ela pertencia àquele círculo social.

Me recordei do passado, de como Estela havia assegurado sobre seu futuro casamento com Edwin. E lá estava eu, atrapalhando os planos da garota. Senti pena, porque, embora eu não tivesse as melhores boas impressões sobre sua pessoa, sabia como era difícil lidar com questões do coração.

Esra havia se distraído com alguém ao seu lado e eu continuei observando a conversa da Estela com a princesa. As duas trocaram poucas palavras e Cloe se retirou deixando a prima na companhia de uma amiga. Virei meu corpo na tentativa de ignorar a presença da jovem loira, mas ficou difícil não ouvir a conversa paralela, já que estavam tão próximas.

Por um momento, quando elas fizeram silêncio, pensei que tinham saído dali, mas logo a voz inquieta de Estela denunciou sua empolgação com a aproximação do Príncipe Edwin.

— Oh, até que enfim, ele está vindo para cá.

Foi o que eu ouvi antes de erguer meus olhos e assistir os firmes passos de Edwin em minha direção.



Capítulo 14

Capítulo 14

O Príncipe caminhava o mais depressa possível dentro do salão cheio. Vinha com determinação, impaciente, depois da longa espera a que foi submetido desde minha chegada. Estela, entretanto, não se conteve, moveu-se até que sua figura estivesse dentro do campo de visão de Edwin de modo que ignorá-la seria deselegante da parte dele, até porque havia olhos curiosos à espreita. Ele hesitou, na dúvida se mantinha o objetivo de me encontrar, ou parava para dar atenção a ela, sendo forçado a escolher a segunda opção.

— Edwin, querido! — Estela o chamou usando o tom um pouco mais alto do apropriado a uma dama naquelas condições. — Estava esperando por você.

Edwin evitou me olhar e mudou sua trajetória, indo até as duas mulheres paradas ao nosso lado.

— Como vai, Estela? — ele cumprimentou, diplomático.

Ela imediatamente estendeu a mão em direção ao Príncipe, obrigando-o a segurá-la.

— Sempre tão gentil. Estou bem, muito obrigada — Estela disse se esforçando para ser meiga.

— Kate. — Edwin se voltou para a mulher ao lado que manteve as mãos onde estavam, oferecendo apenas uma mesura em saudação. — Estão aproveitando o baile?

— Com certeza, está magnífico, como sempre — Kate respondeu com neutralidade.

— Está tudo perfeito, Edwin. Mas, confesso, não vejo a hora do início das danças. Amo assistir o Príncipe Elliot e a Princesa Cloe, eles dançam com tanta intimidade e graciosidade. E, claro, tenho uma alta expectativa em relação a nossa dança. — Estela usava um tom carinhoso, tentando forçar uma ligação com Edwin, cuja pose era a de autoridade de sempre. — Papai me disse que ouviu vários convidados comentando que formamos um belo casal, quando dançamos, claro. Temos que dançar, já é uma tradição!

Esra, que àquela altura também acompanhava a conversa alheia ao lado, revirou os olhos.

— Não entendo por que uma mulher se rebaixa a esse nível! — o Príncipe mais novo exclamou de modo que apenas eu consegui ouvir. — Edwin deu indícios claros de que não havia chance para ela.

Eu queria responder, mas a voz séria de Edwin me impediu.

— Faremos isso. Agora, se me dão licença, preciso receber uma convidada.

Estela agradeceu com entusiasmo o “convite” e ainda teceu alguns elogios a Edwin, tentando mantê-lo próximo por mais tempo.

Quando ele conseguiu se esquivar das investidas da loira, voltou para seu plano original, deslocando-se até onde eu estava acompanhada do irmão dele.

— Senhorita Davies! Sinto que não fui informado sobre sua presença nesse baile.

Edwin abriu um de seus sorrisos especiais e seus olhos se iluminaram, irradiando alegria. As famosas borboletas bateram asas dentro do meu estômago.

— Acredito que não era importante tornar esse fato público para você — Esra se adiantou para responder e entregou minha mão para o irmão, praticamente nos empurrando um para o outro.

Edwin pegou minha mão e de modo discreto fez um afago nela. Meu rosto corou, o coração se deleitando por ter o amor

correspondido.

— Vossa Alteza. — Fiz uma reverência, sabendo que precisava manter a compostura. — Foi algo decidido de última hora.

— E mesmo assim eu não fui avisado? — Edwin crispou os olhos e se recusou a soltar minha mão.

Escondi o sorriso abaixando a cabeça.

— Agora que ela está entregue e é toda sua, vou avisar a Rainha para preparar a abertura das danças — Esra disse e se despediu, partindo para bem longe.

Edwin sugeriu nos afastarmos um pouco até um lugar estratégico mais reservado ao nosso lado direito. Sem planejar, quando me virei, acabei encontrando o olhar inquiridor de Estela. Kate parecia pronta para consolá-la quando o Príncipe me levou com ele, e eu tive pena de seu semblante derrotado.

— Você chegou hoje? — Edwin questionou num tom controlado.

— Sim, pela manhã.

Ele estudou meu rosto com a dedicação de um artista após finalizar um trabalho.

— Passei o dia pensando em como gostaria de ter você aqui comigo, sem sequer sonhar que isso seria possível. Consegue imaginar minha adorável surpresa quando te vi?

— Pude presumir alguma coisa pelo seu olhar.

— Creio que me concederá a honra de dançar comigo. — Eu abri a boca para negar, mas o movimento da cabeça dele me impediu de prosseguir. — Eu não fiz uma pergunta, por isso não aceito sua recusa. — Ele se inclinou para mais perto e sussurrou. — E a vontade de um Príncipe deve sempre ser concedida.

— A minha completa humilhação será sua responsabilidade então.

— Verdade? Se me lembro bem, você é uma dançarina exemplar.

— Você está zombando de mim? — perguntei, suspeitando de seu elogio.

— De maneira nenhuma, querida. — Ele se defendeu sorrindo ainda mais quando notou o efeito que seu modo carinhoso

causou em minhas bochechas. — Mas, se está insegura, não se preocupe. Eu tenho um plano. Por favor, aceite meu braço.

Obedeci e segurei ali. Edwin me tirou de lá, garantindo me levar para um lugar mais reservado. Porém, à medida que andávamos entre as pessoas, mais e mais olhares eram atraídos para nós. Senti que as coisas não estavam indo muito bem quando minhas mãos tremeram um pouco.

— Eu estou muito nervosa, Edwin. Eu não sei se consigo dar mais nenhum passo — falei de maneira exagerada.

Edwin parou quando me ouviu e eu não tive certeza se aquela era uma boa opção. Por isso, voltei a andar, praticamente arrastando o Príncipe pelo braço.

— Aonde nós vamos, senhorita? — Edwin perguntou, bem-humorado, quando senti minha mão puxando seu braço.

— Ah! — Desfiz a força exercida, olhei para os lados e depois o encarei. — Me perdoe, mas sinto que todos estão olhando para mim.

— É porque provavelmente eles estão olhando para você. — Edwin voltou a andar. — Mas tente se acalmar, vai ficar tudo bem.

Trançando no meio dos convidados, ele me levou para uma das extremidades do salão. Após contornar uma pilastra, passamos para a área reservada apenas para a realeza e seus convidados. Com um gesto de cabeça do Príncipe, guardas reais nos guiaram para dentro de uma sala luxuosa onde, segundo Edwin, quando necessário, os membros reais se refugiavam no meio de eventos.

— Será que alguém nos viu? — questionei quando entramos, soltando-me do braço dele. Eu ainda sentia meu corpo instável.

— É provável. — Edwin se aproximou e tocou meu rosto. — Mas não se preocupe com isso agora. Aqui você pode respirar com tranquilidade. — A mão dele desceu, encontrando a minha. Nós entrelaçamos os dedos e ele sorriu. — Senti sua falta.

O momento seguinte era a prova de que Edwin estava errado. Eu não podia, de maneira alguma, respirar com mais tranquilidade. Não quando os olhos dele brilhavam e as covinhas surgiram unidas a um sorriso capaz de fazer qualquer mulher apaixonada como eu se derreter. Eu estava muito ciente do contato

de nossas mãos, a troca de olhar e o sentimento falando sem precisar dizer muitas palavras.

— Lembra quando dançamos na varanda? — Edwin questionou, carinhoso, e eu assenti. — Você deve me deixar conduzi-la, apenas me deixe levá-la. — Ele posicionou minha mão no ombro dele, depois segurou na minha cintura. — Mantenha os braços elevados. Agora, vamos para a direita juntos.

Com calma nos deslocamos no primeiro passo. Ele sorriu e eu também. Depois, mais algumas instruções e uma contagem em voz alta.

— Vamos manter os passos mais básicos e simples — ele disse enquanto me guiava. — Vai ser mais fácil do que imagina. Apenas mantenha os braços elevados, assim.

Por alguns minutos nós ensaiamos na sala, sem música, apenas guiados pelo ritmo dos nossos corações. E eu ficaria ali eternamente, se não fosse pela interrupção de Esra. Ele entrou afoito, dizendo que estavam atrasados. Edwin se afastou e me explicou que precisava trocar o casaco.

— E colocar a coroa — disse e apontou para a cabeça, fazendo uma careta. — Eu já retorno, tudo bem?

Os dois Príncipes partiram por uma porta lateral adjacente à sala onde estávamos. Fiquei esperando na companhia de dois guardas silenciosos e dos meus pensamentos férteis.

Será que a real ezã o da entrar por essa porta? O Rei e a Rainha?

Olhei em direção a porta, depois comecei a caminhar pela sala, pensando nas possibilidades de ser pega desacompanhada pelas pessoas mais importantes do país naquele lugar reservado. Notei como eu estava desestabilizada quando ponderei se havia algum lugar onde eu poderia me esconder.

Atrás das cortinas, talvez.

Anne, acalme-se! Olhe onde você está! Lembre-se do seu futuro. Futuro esse que será ao lado do Príncipe.

Meu raciocínio não estava me ajudando, pelo contrário, a simples ideia de me casar com Edwin atíçou o frio na minha barriga. Parei no meio da sala e petrifiquei os pés no chão quando ouvi o som de uma porta se abrir. Fechei meus olhos.

Que não sej a o Rei ! Que não sej a o Rei !

— Senhorita...

Virei-me num impulso e consegui promover uma verdadeira desordem no local. Em segundos, bandeja, taça e água se espalharam pelo chão, molhando o tapete que parecia custar uma fortuna, enquanto cacos de vidro se dispersaram por todo lugar.

— Ai, como eu sou desastrada! Me perdoe... — Me abaixei para tentar catar os pedaços de vidro, mas meu vestido se mostrou impróprio para tal tipo de movimento.

— Senhorita, por favor, não se preocupe. — O homem, que estava ali para me oferecer água seguindo as ordens do Príncipe, parecia mais nervoso do que eu. — Foi minha culpa, eu não deveria tê-la assustado.

— Eu vou ajudá-lo assim que eu descobrir como faço para me abaixar com esse vestido — levantei e coloquei as mãos na cintura.

— Não, por favor, senhorita. Seria uma vergonha. Deixe-me limpar essa bagunça. A senhorita se machucou ou se sujou?

Olhei para baixo e só então pensei na possibilidade de ter molhado minha roupa. Para meu alívio, estava tudo no lugar. Dei alguns passos para trás, afastando-me do tapete encharcado, permitindo ao rapaz realizar a limpeza. Coloquei a mão na testa pensando em como poderia ser capaz de agir com graciosidade no meio de tantas pessoas se era incapaz de me manter longe de confusões no privado. Era nítido como minhas emoções estavam alteradas.

Lembrei-me de alguns conselhos de Samovier sobre tentar não pensar no futuro e viver o momento, aguardando para ver como o Senhor interviria em meu favor. Recordei também de Edwin, anos antes, contando-me de como ele fazia para manter a sanidade em momentos de aflição.

Eu orei e pedi graça. Caminhei até a janela e observei a noite estrelada. Aos poucos fui deixando a tensão, sentindo meus músculos relaxarem e a respiração se acalmar.

— O que aconteceu aqui? — Ouvi a voz do Príncipe ressoar atrás de mim.

Mordi os lábios e me virei, a culpa estampada no meu rosto. Encontrei meu Príncipe um pouco confuso ao avistar a pequena movimentação de limpeza na área do meu “acidente”. Ele vestia o tradicional casaco vermelho, o cabelo havia sido alinhado novamente e a coroa reluzia na cabeça.

— Um pequeno descuido meu. — Dei de ombros quando percebi que ele queria rir. — Você sabe como eu tenho tendência para fazer bobagens.

— Ei pessoal, vamos? — Esra surgiu atrás do irmão e nos apressou. — Mamãe vai pirar se você demorar mais um segundo, Edwin! E você sabe como ela é. Elliot e Cloe já nos esperam.

Edwin estendeu a mão e eu a segurei. Nós três saímos da sala e caminhamos por um corredor que dava acesso ao salão principal, onde o Príncipe Elliot estava de braços dados com a esposa. Uma jovem esperava por Esra no meio do caminho.

— É nossa prima — Edwin disse baixinho. — Esra anda muito radical quando o assunto são as mulheres.

Olhei para trás e vi o Príncipe caçula cumprimentar com intimidade a menina aparentando mal ter saído da adolescência. Continuamos caminhando até encontrarmos o casal mais à frente. Fui brevemente apresentada ao irmão mais velho cuja postura era jovial. Estava explícito em sua feição e sorriso debochado o quanto ele se divertia com a situação.

Os três casais assumiram suas posições para aguardar o início da dança. Os herdeiros na dianteira, eu e Edwin no meio e Esra com a prima logo atrás.

— Seus pais não dançarão? — perguntei, curiosa.

— Não, eles dançam sozinhos. Parte da tradição da festa da chegada consiste na dança dos herdeiros. — Ele tocou em minha mão que segurava o braço dele. — E eu estou muito feliz por tê-la aqui comigo.

O Príncipe Elliot não deixou de mostrar que havia escutado a declaração de Edwin e pigarreou. Havia um sorrisinho malicioso nos lábios dele. Eu não estava enganada, ele estava zombando do irmão. E numa atitude inusitada, vi Edwin dar um tapa na nuca do irmão mais velho.

— Também é tradição não aceitar atitudes inapropriadas do herdeiro ao trono! — Edwin falou alto. Apertei meus lábios, tentando segurar a risada.

— Pode rir, Anne. — Esra declarou inclinando-se para frente. — O herdeiro anda muito engraçadinho ultimamente!

— Bem, eu só me pergunto como as coisas podem ter se tornado tão confusas por aqui — Elliot, recuperado do tapa anterior, falou com seriedade. — Edwin apaixonado e Esra fugindo das mulheres. — Ele balançou a cabeça em negativa. — O que está acontecendo com o mundo?

Dessa vez, o príncipe herdeiro recebeu dois tapas na nuca, mas, ao invés de se defender, ele caiu na risada, levando os irmãos a rirem com ele. Cloe, insatisfeita com as atitudes infantis dos três, virou-se para mim.

— Uma hora você se acostuma. Sempre, antes de qualquer aparição importante, esses três aprontam alguma. Nem parecem — ela encarou o marido com um olhar ameaçador — homens, e homens importantes. Parecem três crianças.

Elliot não se defendeu, contudo, deu uma piscadela para mim, provocando o rubor que atingiu minhas bochechas.

— E lá vamos nós! — Esra, por fim, disse, alertando-nos do início da valsa.

Elliot e Cloe entraram primeiro. Eu estava bem mais tranquila devido à descontração anterior. Edwin apertou minha mão e sorriu oferecendo-me apoio. O mestre de cerimônia alertou para nossa entrada e nós demos nossos primeiros passos.

Logo que entramos no salão com centenas de pessoas esperando ansiosos para assistir a tradicional valsa real, eu tive um pequeno *dej avu*. Era como se já tivesse vivenciado cada passo dado até o centro da pista de dança onde nos dispomos um de frente para o outro. Aquela sensação me deu segurança e eu me perdi nos olhos de Edwin a minha frente, enquanto aguardávamos a entrada de Esra e sua acompanhante.

— Você não cansa de me surpreender! — ele falou com seriedade mantendo sua postura intacta.

— Do que Vossa Alteza está falando? — questionei, imitando a pose da Princesa Cloe ao nosso lado.

— De sua aparição, da forma como está vestida. — Edwin continuou sério.

— Há algo de errado? — Tentei esconder minha hesitação, mas eu não era boa nisso como ele.

— De maneira nenhuma, pelo contrário.

Edwin deu um passo para frente, aproximando-se mais, quando o som do piano avisou do breve início da dança.

— A ideia como chegou de surpresa, a escolha do seu vestido...

Ao ouvir ele se referir mais uma vez à minha vestimenta, olhei para baixo e depois para ele, um pouco confusa.

— Não compreendo, há algo de errado com meu vestido?

Edwin sorriu e as primeiras notas ressoaram. Eu já nem me lembrava de que havia vários olhos nos observando. Ele se inclinou e ofereceu uma das mãos, quando aceitei, em um único movimento corrigiu minha posição. No instinto, minha mão repousou em seu ombro quando ele tocou nas minhas costas.

— Não há nada de errado, Anne. Você está linda! — Ele sorriu. — Apesar de minha opinião ser um pouco suspeita, já que acho você linda até com seu pijama de bolinhas.

— Você quer me deixar vermelha na frente de todos aqui?

Nós ainda estávamos parados, esperando a valsa iniciar.

— Você quis me surpreender no meio de todos, acho justo — ele brincou.

— Na verdade, a ideia não foi minha.

— Suspeito que não. Acredito que eu tenho uma equipe muito eficiente trabalhando a nosso favor.

Não evitei o sorriso. É claro que ele já tinha compreendido tudo.

— Acho que você mesma não sabe o impacto que causou. Nem sequer deve ter se atentado para a escolha da cor do seu vestido.

— A cor? Como assim, o que tem a cor?

Como se disposto a fazer suspense, ele segurou o sorriso no rosto por um tempo para explicar apenas segundos antes de me puxar para os primeiros passos da dança.

— Roxa é a cor do segundo Príncipe. É a minha cor, futura Princesa.

E sem poder responder, senti a mão firme de Edwin a me guiar, rodando pela pista de dança.

Roxo.

Olhei para a coroa na cabeça dele e avistei uma safira roxa bem ao centro, reluzindo ao lado de outros brilhantes. Tudo havia sido planejado, nos mínimos detalhes para que minha aparição provocasse repercussão.

Fixei meus olhos no dele e me deixei ser levada. Em sincronia, nós dançamos. Edwin foi cuidadoso, escolhendo passos mais simples e me sustentando, avisando antes de qualquer movimento mais ousado, como havíamos ensaiado. Sem mais palavras, eu apenas senti o prazer por fazer parte do mundo dele sem destruir tudo com minha falta de experiência. Nossos pés se movimentavam e eu me recordei do meu tempo em Susan, das minhas aulas de etiquetas, da cobrança pela postura perfeita, das exigências da minha professora para aprender algumas regras que, naquele momento, eu havia achado desnecessárias. E tudo pareceu fazer sentido e se encaixar, não havia sido em vão.

— Deixe-me fazer mais uma pergunta. — Edwin quebrou o silêncio entre nós. — Sua vinda para Cibeles, é algo permanente ou passageiro?

— Cibeles é meu lar. Além do mais, há algo muito precioso que me prende aqui na nossa nação, Alteza. Temo nunca mais partir.

Edwin pareceu provar da mesma onda de felicidade que eu após dizer aquelas palavras, porque ele não fez nenhuma questão de esconder em sua expressão e em seu olhar seus sentimentos. Logo os nossos movimentos desacelerados anunciaram o fim da dança.

— Você está preparada? — Edwin sussurrou quando paramos. Ele fez uma reverência e me encarou, sério.

— Preparada para que?

— Para se tornar notícia nos jornais de amanhã.

E, antes sequer de eu compreender o que ele estava falando, Edwin segurou minhas duas mãos e beijou minha testa, num gesto

íntimo e carinhoso. Eu fechei meus olhos e compreendi o que aquele ato significava.

Um burburinho de indagação tomou conta de todo o salão. Edwin me levou dali em direção aos seus pais. A música voltou a tocar, convidando os casais para a dança, embora a maioria dos presentes estivesse interessado em ver o desenrolar dos fatos.

Eu, contudo, só conseguia pensar que, a partir de então, meu destino estava traçado.

Capítulo 15

Capítulo 15

— Você é maluco? Eu não estava pronta não — reclamei baixinho pressionando o braço de Edwin com força suficiente para deixar a marca dos meus dedos.

— Você nunca estaria pronta — Edwin respondeu, bem-humorado. — Agora, sorria, você está sendo observada.

Apertei propositalmente o braço do Príncipe com um pouco mais de pressão. Ele se manteve sério e eu me mantive desesperada até chegarmos à frente do Rei e da Rainha. Respirei fundo, tentando encontrar o ar. Estar perante as duas pessoas mais poderosas da nação, aliada ao fato de estar sendo avaliada por outras inúmeras pessoas importantes, não facilitava muito o cenário.

— Fique calma. Aja naturalmente, como faz quando está comigo — ele aconselhou.

— É diferente, conheço você intimamente, além do título. Sua pose de autoridade não me causa o mesmo tremor que a do seu pai me provoca.

Ele riu. Quando chegamos na frente dos pais dele, que estavam cercados por guardas, Edwin fez uma mesura.

— Majestades. Por favor, gostaria de apresentá-los à senhorita Anne Davies.

Eu estava ciente da análise na qual seria submetida. Eu já havia captado os olhares de ambos, sondando-nos desde quando entramos de braços dados na pista de dança. A Rainha sorriu discretamente e eu fiz uma reverência, demorando a me levantar, tentando assim provar meu total respeito para com eles.

— Anne, querida. — Sem muitos rodeios, ela se aproximou e segurou minhas mãos. Sorrindo se desculpou. — Sinto muito, sei que já nos conhecemos em outra ocasião, mas minha memória não é mais a mesma de quando jovem. Edwin tentou me fazer recordar de nosso primeiro contato, mas, apesar de me lembrar vagamente de nossa anterior apresentação, sua imagem não me vinha à mente. — Ela sorriu abertamente. — Então, sinto como se fosse nosso primeiro contato. E estava ansiosa depois de ouvir tantos comentários dos meus filhos a seu respeito.

Senti minha face começar a arder com a simples menção de meu nome estar presente na conversa entre os membros da realeza. O Rei voltou-se a mim com sua cortesia e seriedade.

— Muito prazer, Anne. É uma satisfação conhecê-la.

— O prazer é todo meu, Majestade — reagi de imediato com um meneio de cabeça, aproveitando para esconder um pouco meu constrangimento.

— Muito pertinente sua atitude, Edwin — o Rei expressou, direcionando-se ao filho com um leve tom de divertimento. — Porém, agora temo que a senhorita Davies não consiga permanecer no salão sem ser incomodada.

— Por isso vim diretamente até vocês. Mamãe pode certificar-se de uma retirada discreta — Edwin esclareceu e a mãe retribuiu o sorriso do filho.

— Será um enorme prazer. — A rainha tocou o braço do marido e, com muita elegância, questionou: — A senhorita está acompanhada?

— Sim, com meu irmão, Oliver — respondi e notei como não tinha a mínima ideia do que fazer com minhas mãos.

— Creio ser melhor retirá-la sozinha. Eu providenciarei um carro para Oliver partir em seguida — Edwin aconselhou, esperando

a aprovação do pai.

— Sim, concordo — o Rei afirmou e, apenas com um movimento de cabeça, a rainha compreendeu o desejo do marido.

— Acompanha-me, Anne? — ela convidou, estendendo uma das mãos.

Olhei para Edwin em busca de orientação e o sorriso dele trouxe paz para minha alma ansiosa.

— Desculpe-me, mas você precisa ir. — Edwin segurou minha mão e levou aos lábios, deixando um beijo ali. — Entrarei em contato.

— Até breve, Alteza.

Aceitei a mão oferecida pela rainha. Ela se agarrou ao meu braço e, escoltadas por alguns guardas, nos dirigimos até a mesma sala onde antes eu havia estado com Edwin. Eu olhei para trás antes de atravessar a porta de acesso e encontrei o olhar do Príncipe, ainda vigiando meus passos enquanto era possível.

— Pode parecer um pouco indelicado da nossa parte dispensá-la antes do final do baile, mas sua permanência aqui seria dificultosa — a Rainha declarou quando estávamos seguras na privacidade da sala.

— Não, por favor, não se preocupe — respondi imediatamente, temendo aparentar incompreensão.

— Você seria excessivamente assediada — a Rainha continuou a explicar. — E como Edwin ainda não pode assumi-la publicamente, seria deselegante da parte dele se manter ao seu lado durante todo o evento.

A Rainha deu um sorriso tão largo, que me fez descobrir de onde Edwin havia herdado as lindas covinhas.

— Estou tão feliz por ter você aqui. Deus ouviu minhas preces! Edwin tomou juízo e arrumou uma pretendente, escolheu uma moça tão linda. Também ouvi falar muitas coisas boas sobre você. Venha, sente-se aqui comigo.

A Rainha me puxou até o sofá. Eu devia estar vermelha como um tomate, até minhas orelhas ardiam.

— Você não sabe o que tenho passado nos últimos tempos. Os três tem me deixado maluca. — Numa cumplicidade recém-adquirida ela passou a falar com liberdade. — O primeiro foge de

suas responsabilidades para providenciar um herdeiro. Edwin, sempre muito sério, não dava nenhum sinal de estar cogitando o casamento. Esra — ela apertou os lábios e suspirou —, não sei o que esperar daquele menino. Um dia está me dando trabalho paquerando todas as mulheres do país, no outro diz que vai viver no celibato.

Não consegui deixar de rir. A imagem de uma família, como qualquer outra, fez as coisas se tornarem mais leves. A rainha riu também e repousou a mão carinhosamente sobre a minha.

— Teremos muito tempo para nos conhecermos melhor. Compreendo como você se sente nesse momento e como tantas informações tendem a fazer esse relacionamento parecer complicado. Mas, eu garanto, tudo se encaixará e você chegará à conclusão de que é mais fácil do que parece.

— Muito obrigada — agradei emotiva. — Fico feliz em ouvir isso de alguém que já esteve no meu lugar.

Nesse momento Zac surgiu, colocou-se diante da rainha, fez uma reverência e, muito respeitoso, fez uma breve mesura para mim.

— Mandou me chamar, Majestade?

— Zac, por favor, retire a senhorita Davies do Palácio com discrição. — A Rainha largou a minha mão e observou o rosto dele com atenção. — Soube que você está recebendo-a em sua casa.

— Sim, senhora. Anne e Oliver se tornaram parte da nossa família — Zac respondeu um tanto solene, diferente de como eu estava acostumada a vê-lo.

— Creio que a senhorita Davies deve estar cansada. — Nós duas nos levantamos. — Leve-a e peça Samovier para fazer um bom chá para essa menina. A partir de agora a vida dela se tornará como uma tempestade em alto mar.

— Oh! Isso não é muito animador! — respondi sem pensar e pressionei os lábios depois. Contudo, a risadinha da rainha me deixou mais à vontade.

— Mas existe a calma após a tormenta, não se preocupe. — A Rainha tocou meu braço com leveza e ordenou: — Leve-a, Zac! E se certifique de fazê-la descansar.

— Sim, Majestade. Eu providenciarei para que suas ordens sejam cumpridas à risca, assim como todas as ordens do Príncipe Edwin — Zac respondeu, provocando a risada da Rainha.

— Lógico, Edwin já está a cinco passos na minha frente. Anne, querida, em breve nos veremos de novo. — E num gesto materno, ela balançou o dedo indicador na frente do meu rosto. — Trate de obedecer a todas as ordens do Zac, ele sabe o que faz.

— Eu prometo, Majestade.

Eu não sabia se existia algum protocolo que impedia um contato íntimo com a Rainha logo no nosso primeiro — ou segundo — encontro, mas, se havia, foi quebrado naquele dia. Ela me abraçou gentilmente. Havia aceitação no seu gesto.

Quando nos afastamos, Zac tocou minhas costas e me instruiu a segui-lo. Pegamos um caminho por um corredor estreito enquanto Zac falava algo em código pelo seu rádio de comunicação. Saímos por uma porta de acesso à área externa, distante da entrada principal. Não trocamos nenhuma palavra até ele me colocar em segurança dentro de um carro preto e se sentar ao meu lado, ordenando ao motorista dar a partida.

— Estou impressionada com sua postura de guarda real — falei admirando a seriedade dele ao conduzir a operação de retirada.

— Levo meu trabalho a sério. — Zac curvou os lábios num sorriso e desviou o olhar, mantendo-o fixo na estrada à nossa frente. — E o Príncipe me ameaçou de morte caso algo acontecesse com a sua futura Princesa.

— Há! — Bati na minha perna sem acreditar no gracejo dele. — Edwin seria incapaz de ameaçar alguém de morte! Ele nunca faria isso.

— Bem, ele me ameaçou. Não com palavras, mas com o olhar. A advertência foi suficiente para eu compreender como você é preciosa para ele.

— Zac! — Dei um soco no ombro dele, indignada. — Isso não é algo que deveria falar abertamente comigo. Você está me deixando com vergonha.

— E essa não é a atitude de uma Princesa — ele replicou sério, massageando o lugar onde eu o atingi.

— Ah, nem responderei sua provocação. — Cruzei os braços e virei meu corpo na direção oposta a dele.

Depois de alguns minutos de silêncio, Zac inclinou-se em minha direção e gabou-se.

— Eu disse que funcionaria, não disse? Amanhã sua foto estará estampando todos os jornais de Cibeles.

Lembrei da limpeza que a equipe de Zac tinha feito na internet, excluindo praticamente todos os rastros da antiga Anne Davies, incluindo minhas redes sociais. Temendo a exposição vindoura, dei o aval para desfazer de tudo.

— Amanhã a família real parte para Matsa, depois para Hawis, finalizando os compromissos da agenda de comemorações. — Zac cruzou os braços em frente ao peito e exibiu um sorriso vitorioso. — O Rei deve estar muito satisfeito ao supor que o empenho dos jornais nesse fim de semana será descobrir a identidade da jovem responsável por roubar o coração do Príncipe mais reservado de Cibeles.

Me recusei a responder, sabendo que se rendesse o assunto, as provocações seriam ainda maiores.

Quando chegamos ao nosso destino, eu estava exausta. O dia havia sido intenso demais. Samovier me obrigou a tomar um banho relaxante e vestir um pijama confortável antes de ouvir qualquer comentário acerca do baile. Depois, nós nos sentamos à mesa e, desfrutando de um delicioso chá, eu descrevi como tudo correu, tendo como ouvinte uma senhora empolgada. Após contar sobre os conselhos da Rainha, ela decidiu colocá-los em prática, despejando-me para a cama sem encontrar nenhuma oposição a suas ordens.

Eu demorei a pegar no sono. Minha mente vagava a todo o momento, visitando perfeitamente cada lembrança, com riqueza de detalhes, daquela noite tão perfeita. Tudo se assemelhava a um conto de fadas. Eu parecia anestesiada, como se estivesse enxergando os acontecimentos como uma mera expectadora.

Eu não sei quando consegui dormir, nem por quanto tempo, até ser acordada por Samovier.

— Anne! Anne! — ela chamou ansiosa. Eu abri os olhos lentamente, tentando me situar se era um sonho ou se eu estava de

fato vendo Samovier de camisola chamando o meu nome. — Anne, minha querida, acorde.

— O quê? — balbuciei, esfregando os olhos embaçados devido ao sono e à miopia.

Samovier caminhou até o cabideiro e pegou o meu robe. Alcancei meus óculos no móvel ao lado, conferi no celular as horas e estranhei o fato de ser acordada às duas e meia da manhã.

— Levante-se, ele está aí para vê-la.

— Ele quem? — Sentei-me na cama sentindo o cansaço pesar no meu corpo.

— Como “ele quem”? — Samovier replicou impaciente. — O Príncipe, oras! Vamos, não o deixe esperando.

— Edwin? — perguntei e Samovier assentiu já me ajudando a vestir a peça por cima do meu pijama. — Aconteceu alguma coisa?

— Ele não disse. Apenas pediu para eu acordar você. — Ela deu uma inspecionada no meu estado e apontou para meu cabelo. — É melhor prendê-lo, está uma bagunça. Eu vou avisá-lo que você já está indo.

Senti um aperto no peito imaginando diversos motivos para levarem o Príncipe até ali àquela hora. Ajeitei como pude meus cabelos, amarrei o cinto do robe e, abraçando meus próprios braços, caminhei apressadamente até a sala.

Edwin estava olhando pela janela e se virou quando ouviu minha aproximação. O sorriso estampado no rosto dele fez meu corpo relaxar. Ele estava com os cabelos bagunçados, não vestia mais o paletó nem a gravata, e a camisa branca já se encontrava desalinhada.

— Não queria acordá-la, mas não pude resistir — ele falou quando parei atrás do sofá, apreensiva.

— Aconteceu algo?

— Não, não se preocupe. — Edwin caminhou até meu encontro e segurou minha mão. — Se importa de conversarmos? Prometo não demorar muito.

— Você está me deixando ansiosa.

Ele me conduziu até o sofá. Eu me sentei um pouco contrariada por não obter uma resposta rápida sobre os motivos de

ele aparecer assim, do nada, querendo conversar. Edwin sentou-se ao meu lado e Samovier aproximou-se de nós.

— Aceita um chá, Edwin querido?

— Sim, Samovier, por favor. Seria uma providência após uma noite exaustiva — Edwin respondeu gentilmente.

— Vou preparar e torna-los à vontade.

Samovier saiu em direção à cozinha e eu encarei Edwin com um olhar inquisitivo, as sobrancelhas unidas e os braços cruzados em frente ao peito.

— Vai me contar o que houve, ou vai me deixar morrendo de curiosidade?

— O Rei quer vê-la o mais breve possível para oficializar nosso noivado e torna-lo público.

Eu me perdi na profundidade do olhar apaixonado de Edwin, sem saber o que dizer.

— Eu poderia esperar até segunda, mas não consegui. Precisava fazer isso antes.

Ele segurou minha mão e com o semblante sério buscou meus olhos, até ter a certeza de obter minha completa atenção para si.

— Anne, nós já demos um passo grande e, sinceramente, voltar atrás agora seria bastante delicado. Porém, eu sinto que preciso fazer isso. Entrar no meu mundo acarretará uma série de inconveniências e não posso te prometer uma utopia. Sei o quanto você amava seus pais e é visível quanto os admira e os tem como exemplo. Mas, Anne, minha amada e querida Anne — ele acariciou minha mão sustentando seu olhar no meu —, eu não posso oferecer a você uma vida simples, um lar comum. Você teve apenas um vislumbre de como será daqui para frente. Sua adaptação não será fácil, eu sei da sua dificuldade com mais de uma dúzia de regras e protocolos aos quais terá que se submeter.

Edwin apertou minha mão com mais força e umedeceu os lábios, fazendo uma pequena pausa.

— Nossa vida não será tranquila, não teremos a privacidade como você está acostumada, sua rotina não será mais a mesma, provavelmente não haverá tanto tempo para ficarmos juntos como gostaríamos. Prevejo lutas, desafios, dificuldades, talvez mais do

que casais normais costumam ter. Eu sei o quanto eu estou sendo egoísta em pedir a você para abrir mão de tudo para entrar no meu mundo complexo, mas estou aqui para perguntar se você quer fazer parte da minha vida e do meu futuro, como minha esposa, companheira, auxiliadora, como minha princesa. E se aceitar, a única promessa que posso fazer é me esforçar para tornar sua vida leve, feliz e o mais normal possível dentro das nossas possibilidades.

Pela primeira vez pude distinguir a ansiedade e o nervosismo transparecendo no rosto de Edwin. Ele estava tenso quando suspirou e fez a pergunta que se tornaria uma das mais importantes da minha vida.

— Então, Anne Davies, ciente das privações e provações que te esperam, você aceita se casar comigo?

Fui inundada por uma espécie de contentamento que só corações que já experimentaram o amor são capazes de compreender.

— Você está querendo me fazer desistir? — questionei com um sorriso tímido. — Eu já estava preocupada em como minha vida seria ao seu lado, agora você me deu uma lista completa dessas implicações?

— Achei que seria o mais sensato a se fazer. — Ele sorriu nervoso.

— Bem, deixe-me pensar. — Fiz um bico e coloquei o dedo na testa, fingindo ponderar no que ele havia dito. — Eu nunca quis ser uma princesa, sabe? Mas, ao que parece, os planos de Deus para minha vida estavam muito distantes dos meus próprios planos. E eu conheci um homem incrível, cujo amor pelo Senhor me constrange de tal forma que seria difícil não ficar muito tentada a dizer sim, mesmo ele sendo um Príncipe.

Edwin abriu mais o sorriso, até chegar aos olhos.

— Estou ciente de todos os desafios, eu não posso ser egoísta ao ponto de dizer não apenas pelo medo das lutas. Eu aceito, Alteza. — Fiz uma pequena reverência, brincando com nossa formalidade. — Será uma honra ser sua esposa.

— Eu amo você, Anne. Não consigo expressar o quanto eu estou feliz por estar aqui ouvindo isso.

Ele não precisava descrever. A carga de alegria a qual foi submetido era da mesma intensidade da que eu mesma recebi, digna das páginas dos mais belos romances.

— Eu preciso fazer a petição em frente ao Rei, com ao menos cinco testemunhas presentes antes de podermos tornar pública nossa relação. Faremos isso na segunda, como meu pai deseja.

— Tudo bem. Nós já esperamos tanto tempo, não é mesmo?

— Dei de ombros e Edwin concordou. Nosso amor já havia passado pela prova do tempo, e mais alguns dias não mudariam nada dos nossos sentimentos.

— Não esperamos tanto mais — ele afirmou com segurança e eu senti um frio na barriga ao pensar que logo eu estaria dizendo sim para sempre. Edwin apalpou o bolso da caça e retirou algo de dentro, mas não me deixou ver, mantendo-o oculto entre os dedos da mão. — Eu estava despreparado para hoje, mas... Sei que parecerá bobo, mas gostaria de fazer algo.

— O que é? — questionei, tentando desvendar o que ele estava escondendo.

— Quando eu era criança, a *DulceBel* lançou uma linha de doces recheados com brinquedos surpresas. Eram bugigangas, na verdade, mas eu e meus irmãos não tínhamos acesso a esses doces, minha mãe era bem rígida em relação a nossa alimentação, por isso, ficamos sonhando com eles por um bom tempo. — Edwin deu um sorriso nostálgico. — Certa vez, o Sr. Samovier presenteou algumas crianças do Palácio com alguns desses doces e fez com que eles chegassem às nossas mãos. Você consegue imaginar a alegria de três jovens rapazes escondendo um tesouro até poder abrir em um lugar seguro longe das vistas de qualquer um que poderia estragar nossa felicidade?

Senti uma onda de emoção estranha ao ouvir aquele relato íntimo.

— Os doces eram divididos por cor. Os rosas continham brinquedos para meninas, e os azuis, para meninos. Eu me lembro que a surpresa mais desejada era um avião azul de plástico, tinha as asas verdes e quando era arremessado, ele planava por um tempo no ar. Acontece que quando eu desembulhei o meu doce,

cheio de expectativas, houve um engano e eu fiquei um pouco decepcionado.

Edwin abriu a mão e revelou um anel de brinquedo da cor rosa. Era de plástico, mas se assemelhava a um anel de vidro. Levei minha mão à boca pensando na reação dele ao deparar com a surpresa feminina.

— Eu fui motivo de chacota, como você deve imaginar — Edwin falou e eu ri apesar de ficar com pena, imaginando a criança frustrada tendo que lidar com a zombaria dos irmãos. — Então, decidido e disposto a não manchar minha masculinidade, eu disse a eles que eu guardaria esse anel e o colocaria no dedo da minha esposa. Claro, eu fui ainda mais ridicularizado, como se era de esperar.

— Ai, que fofo, Edwin. E você guardou até hoje?

— Eu precisei fazer isso, pelo bem da minha dignidade. Depois de tantos comentários maldosos, eu ergui a cabeça, saí de lá com o anel e o guardei em uma caixa onde costumava colecionar coisas que tem algum valor para mim. Eu não me lembrava mais dele, confesso. Mas estava no meu quarto pensando se viria ou não aqui hoje, quando vi a caixa e me lembrei da joia rara guardada. Para minha sorte ele ainda estava conservado após todos esses anos. Sendo assim — Edwin pegou a minha mão e colocou o anelzinho na entrada do meu dedo —, deixe-me cumprir com a minha palavra de menino.

O anel era pequeno demais e não serviu no dedo anelar. Ele precisou improvisar e o encaixou no meu dedo mindinho. Depois, beijou minha mão e sorriu.

— É provisório, eu prometo. Eu não estava de todo preparado para esse momento e precisamos seguir as tradições antes de poder colocar no seu dedo a aliança oficial.

— Sinceramente, graças a Deus por você não estar preparado, ou não teria desculpa para me dar esse anel. Foi pelo bem da sua dignidade. — Contemplei aquele anelzinho de brinquedo no dedo errado e meu coração se encheu de amor e alegria. — É bem mais significativo para mim.

— Eu preciso, claro, mostrar para meus irmãos como fui fiel à minha palavra.

— Nós os faremos tomarem nota do fato.

Nosso amor se fez presente na simplicidade do momento. Ainda era difícil de acreditar no significado por trás daquele brinquedinho rosa no meu dedo mindinho.

— Então, eu sou a noiva do Príncipe?

— Aparentemente, sim.

— E agora?

Edwin abriu aquele sorriso que eu mais amava. Ele me puxou para um abraço e deixou um beijo sobre os meus cabelos. Em uma breve oração, ele entregou nossas vidas diante do altar do Senhor e fez sua petição, para que Deus conduzisse cada passo nosso. Permanecemos unidos por um tempo, até Samovier aparecer na sala munida de uma bandeja com o chá fervendo na chaleira.

— O cheiro está maravilhoso, Madame Samovier. — Edwin se afastou e auxiliou a senhora a colocar a bandeja na mesa. — Seus chás são santos remédios.

— Gentileza sua, menino.

— Eu não posso demorar muito. Daqui a poucas horas meu voo parte para Matsa. — Edwin aceitou a xícara oferecida por Samovier.

— E você vai assim, sem descansar? — questionei, um pouco enérgica. — Pois trate de tomar esse chá rápido e voltar para o Palácio para dormir um pouco!

— Ela nem bem se tornou Princesa e já está dando ordens — Edwin brincou fazendo Samovier rir e meu rosto corar. — Mas você está certa, eu preciso descansar. Não irei demorar.

Edwin cumpriu sua palavra e foi breve. Bebeu o chá em poucos goles e se levantou. Eu o acompanhei e Samovier se retirou com a desculpa de levar as xícaras para a cozinha, nos deixando a sós.

— Volto na segunda. Aproveite esses dias para descansar.

— Sua mãe me disse a mesma coisa — contei. Edwin levantou as sobrancelhas quando me encarou. — Ela é um amor!

— Ela viveu na pele o mesmo que você. — O Príncipe cruzou os braços. — É melhor seguir os conselhos dela.

— Eu seguirei, não se preocupe — garanti, com o semblante de uma criança desobediente.

— Zac ficará responsável por sua segurança. Qualquer necessidade, converse com ele, tudo bem?

— Certo. Eu já sei que ele não vai me deixar em paz.

— Então, adeus.

Aproximei timidamente de Edwin e deixei um beijo rápido na face dele, recebendo em troca outro de seus maravilhosos sorrisos. Encostada no batente da porta, eu o vi entrar em um carro oficial, escoltado por seguranças. Fechei a porta e encontrei Samovier sorrindo, satisfeita. Em cumplicidade, beijei a bochecha dela e me retirei, mas ao invés de ir até ao meu quarto, eu abri a porta do quarto onde estava Oliver e me deitei na cama com ele.

— Oliver! Oliver!

Ele abriu um olho só, fitou meu rosto sorridente, voltou a fechar os olhos e murmurou qualquer coisa virando a cabeça para o lado oposto de onde eu estava.

— Eu estou noiva do Príncipe Edwin! Noiva, Oliver!

Meu irmão se interessou pelo assunto e despertou do sono profundo. Ele se virou na cama, ficando de frente para mim. Levantei a mão onde o anel de plástico estava e ele fez uma careta.

— Um anel de brinquedo?

— Possui um valor sentimental, não julgue — afirmei, segurando minha mão como se aquele anel fosse a mais valiosa das joias. — Eu estou tão feliz!

Oliver me aconchegou nos braços dele e soltou um gemido de satisfação.

— Graças a Deus! Há tempos não via algo tão verdadeiro brilhando em seu rosto.

— O que será que mamãe e papai pensariam se soubessem disso? Eu, noiva do Príncipe Edwin!

— Bem, sabendo como eles amavam você, e comparando ao meu sentimento de irmão caçula, acredito que eles estariam contentes por ver você tão feliz.

— Ah, Oliver!

Abracei meu irmão e fiquei alguns minutos ali, apalpando aquela espécie de felicidade atribuída a almas pequeninas e apaixonadas como a minha.



Capítulo 16

Capítulo 16

— Está pronta, futura princesa? — Zac questionou com um leve gracejo.

— Por que todo mundo fica me perguntando se eu estou pronta? — Cruzei os braços e encarei meu amigo, indignada por ouvir mais uma vez a pergunta desnecessária, cuja resposta todos sabiam. — É claro que eu não estou pronta! Nem se passasse a minha vida toda me preparando eu estaria pronta, quando mais tendo apenas três dias para me acostumar com a ideia.

— Acalme-se — Zac tocou no meu ombro com gentileza.

Respirei fundo algumas vezes e Zac, munido de paciência, esperou ao meu lado até eu estar em certo grau *pront a*. Havi amos acabado de chegar no Palácio de Kent. A porta principal se encontrava aberta, com alguns homens de guarda. Eu estava apreensiva, mas sabia que era preciso enfrentar meus temores.

Acompanhada por Zac, que estava de serviço, dei os primeiros passos a caminho da minha entrada na realeza. Já no hall, localizei Edwin compenetrado, conversando com o Príncipe Elliot perto da escadaria. Foi o herdeiro do trono quem, a princípio, percebeu nossa aproximação. Com um gesto de cabeça ele alertou

o irmão sobre a minha chegada. Edwin se virou e sorriu. Parada no centro do salão eu aguardava, um pouco perdida, instruções sobre o que deveria fazer. Os irmãos se despediram. Elliot, ainda de longe, me cumprimentou com um aceno de cabeça e se retirou pelo corredor dos fundos.

Observei, encantada, Edwin vindo em minha direção. As mãos estavam para trás das costas e os olhos fixos nos meus, mantendo-nos inteiramente ligados, embora distantes. Mordi meu lábio inferior aguardando sua aproximação, em dúvida se deveria me conter, ou podia demonstrar sem reservas minha alegria por reencontrá-lo. Olhei ao redor e obtive a resposta ao contar ao menos uma dúzia de funcionários no local, exigindo assim, um comportamento mais formal e adequado da minha parte.

— Senhorita Davies! — Edwin estendeu uma das mãos em minha direção.

— Príncipe Edwin! — Repousei a minha mão sobre a dele. Aquele simples contato foi suficiente para arrebatá-lo meu coração e alma.

— Ora, vejam só! — Edwin expressou admirado quando avistou o pequeno anel de plástico no mesmo lugar onde ele tinha colocado. — Você ainda está usando?

— Ela não tirou do dedo em momento algum — Zac inclinou-se em nossa direção e me denunciou. Tentei ignorar sua presença, mas ele prosseguiu. — E passou horas e horas contemplando a própria mão, como uma legítima jovem sonhadora.

— Alteza, o senhor poderia dispensar o senhor Samovier? Eu, definitivamente, não o quero na minha cola. — Lancei um olhar furioso para meu amigo e me indignei um pouco mais quando percebi que Edwin se divertia à custa daquele gracejo.

— Não conheço ninguém de maior confiança para fazer sua segurança — Edwin respondeu e, para acalmar meus ânimos, beijou minha mão com ternura. — Contudo, certificarei de dar ordens para ele não a irritar. — Ele olhou para Zac e advertiu: — Não mais do que a Anne pode suportar.

— Cumprirei com meu dever — Zac falou como um funcionário exemplar, sustentando um olhar vitorioso.

Abri a boca exasperada e me calei, disposta a não responder a provocação deles. Edwin entrelaçou nossos dedos, sorrindo. Zac, querendo nos dar privacidade, se despediu.

— Aguardarei por vocês na sala vermelha. — Alternando o olhar entre nós dois, ele se curvou e nos reverenciou: — Altezas.

Zac seguiu na direção do corredor por onde o Príncipe Elliot havia se retirado minutos antes, sumindo de nossas vistas. Não consegui manter minha expressão de revolta diante dos olhos apaixonados de Edwin.

— Você realmente passou horas olhando para esse anel? — ele questionou. De mãos dadas, saímos do hall.

— Em minha defesa, não foram horas. Mas, sim, preciso admitir, talvez eu tenha considerado muito esse pequeno objeto cor de rosa no meu dedinho. — Dei de ombros, precisando assumir a verdade. — Além do mais, você disse que seus irmãos precisavam ficar cientes do cumprimento da sua promessa.

Olhei de relance para meu Príncipe e me perguntei se era possível ficar mais apaixonada diante de seu encantador sorriso. Ainda não havia me conformado por ter sido escolhida por ele, sendo tão comum, e não me referia apenas aos aspectos físicos.

— Para onde nós estamos indo? — temendo dar voz aos meus pensamentos, questionei após virarmos à direita no corredor.

— Meus irmãos precisam ver o anel no seu dedo, não é verdade?

Era óbvio que esse não era o motivo dele estar me levando para uma reunião. Por isso, apenas o encarei esperando que ele dissesse mais.

— A família real já está reunida na sala vermelha com alguns funcionários para acertarmos nosso futuro. É para lá que estamos indo.

Eu travei os pés no chão e forcei o homem ao meu lado a parar comigo. Ele não parecia admirado com minha atitude, pelo contrário, aparentava estar esperando exatamente por ela.

— Claro, uma reunião com toda a família real presente! Eu pareço nervosa? — Apontei para meu rosto forçando uma expressão de quietude. — Porque você está enganado. Estou tão tranquila como uma criança serena descansando no colo da mãe.

— Claro, eu não tenho nenhuma dúvida da sua despreocupação.

— Afinal, o que poderia dar errado, não é verdade? No máximo, eu vou derrubar uma taça de água no colo do Rei, falar alguma bobagem em alto e bom som, sentar quando não deveria e, se bobear, fazer uma reverência a um funcionário desavisado, confundindo-o com um membro da família real. — Apertei os lábios e movimente as mãos dando fim a minha explicação de possíveis desastres. — Estou muito despreocupada.

Edwin deu uma risadinha baixa, soltou nossas mãos e se colocou à minha frente de forma diplomática. Depois, me encarou com uma falsa seriedade.

— Tenho certeza de que se sairá perfeitamente bem! Você só precisa se acalmar e *pensar* — ele frisou — antes de falar.

— Ah! — Indignada, cruzei os braços em frente ao meu tronco. — Você duvida da minha capacidade em permanecer calada sob grande pressão?

— É para responder a verdade? — Edwin tentou, a todo custo, permanecer sério.

— Edwin! — Sem pensar, confirmando a afirmação de Edwin sobre a maneira que eu estava acostumada a agir, parti para cima dele e soquei o seu ombro direito algumas vezes. — Como você ousa?

O Príncipe tentou se desviar do meu ataque impetuoso. Em meio às nossas risadas, ele segurou meus punhos e, inesperadamente, me puxou e me envolveu nos seus braços, mas mantendo uma distância respeitosa. Retribuí o gesto carinhoso, bem feliz.

— Queria fazer isso desde quando te vi — ele confessou baixinho. — Você me faz falta.

Senti um frio na barriga considerando que eu também esperava por aquilo. Não era nosso primeiro abraço, mas as coisas tinham mudado e agora eu era a noiva dele. Essa nova perspectiva dava ainda mais emoção a um simples gesto trocado entre duas pessoas que se amam. E ainda rodeada por seus braços, desfrutando de nossa proximidade, tive a plena certeza de que meu

lugar era ali, ao lado do meu Príncipe, e de lá, eu não queria sair nunca mais.

Edwin se afastou e sorriu.

— Eu não fazia ideia do quanto é agradável estar apaixonado pela minha noiva. — Ele observou com satisfação meu sorriso surgindo diante da sinceridade expressa. — E eu estou muito apaixonado.

Pressionei os lábios e senti minha bochecha enrubescer. Tudo era muito novo para mim, Edwin era o primeiro homem com quem eu me envolvia. A maioria das minhas paixões da adolescência foram platônicas, quando não se tratava de homens puramente literários. Eu nunca havia chegado próximo a um sentimento tão profundo e real como desfrutava naquele instante e estava perdida em saber como lidar com eles.

— Fico feliz por esse casamento não ser mera conveniência — brinquei, tentando afastar o intruso constrangimento.

— É muito mais do que isso — ele respondeu com meio sorriso.

Olhando dentro dos olhos de Edwin naquele momento, eu entendi, pela primeira vez, porque os casais se beijavam.

— Acho melhor nos adiantarmos ou vão mandar uma escolta à nossa procura. — Ele desviou o olhar e voltou a segurar minha mão.

— Ah! Dessa forma seria ainda mais emocionante!

— Com certeza, seria. Mas temos uma reputação a zelar, então, melhor chegarmos da maneira tradicional.

Voltamos a caminhar, mas sem muita pressa. Era uma grande novidade ser movida pela vontade de estar tão perto de alguém.

— Sabe, ainda estou indignada, me perguntando o que você quis dizer com pensar antes de falar — confessei desafiando-o a reafirmar seu gracejo.

— Disse exatamente o que quis dizer. — Ele me olhou à espreita.

— Você duvida mesmo que eu consiga?

— O que? Ficar calada? Sob pressão? — perguntou, eu assenti com a cabeça e ele riu. — Sim, eu duvido.

— Pois eu vou provar a você minha capacidade! — repliquei com muita convicção.

— Você vai ficar calada? Durante toda a reunião? — Edwin questionou, incrédulo.

— Hunrum — murmurei tentando parecer desafetada com a incerteza dele. — Vou me portar como uma verdadeira dama e não abrirei a boca para nada. Apenas falarei o estritamente necessário, por educação. Serei uma Lady.

— Interessante. — Edwin refletiu um pouco e depois, brincando, encarou meu rosto. — Eu não consigo acreditar nisso, me perdoe.

— Quer apostar?

Foi Edwin quem freou nossos passos dessa vez. Ele se colocou na minha frente e cruzou os braços instigando-me.

— Acho uma excelente ideia! — afirmou, sério, levantando as sobrancelhas.

— Tudo bem, então, Alteza. — Imittei a pose dele e com bastante desdém, incitei. — O que você quer como prêmio caso eu não me porte como deveria?

— Uau! Deixe-me ver. — Ele levou o dedo até a testa e pensou um pouco antes de responder com bastante gracejo. — Essa é fácil, se eu ganhar, quero que se case comigo amanhã.

— Está maluco? — Descruzei os braços, indignada. — Não pode pedir isso!

— Foi você quem começou. A aposta já está feita. Se desistir agora, vamos nos casar amanhã. Não que eu me importe ou faça alguma objeção. — Ele quicou os ombros, fazendo-se de desentendido.

— Você não acredita em mim, não é verdade? Pois eu vou provar! — De nariz em pé, avisei. — E eu vou querer algo em troca também, caso e *quando* eu vencer.

— Peça o que quiser, até metade do reino, se desejar. Tenho a certeza da minha vitória. — Edwin tocou na ponta do meu nariz apenas para me provocar.

— Tudo bem, então. — Retirei a mão dele com certa força calculada, joguei meus cabelos para o lado e empinei o nariz. Pressionada, não conseguia pensar em nada a altura do desafio. —

Se eu ganhar... Hum... Se eu ganhar você vai ter que me ajudar a arrumar a biblioteca do Palácio.

Tá, não era lá um grande prêmio perto do que ele exigiu, mas eu não conseguia pensar em nada no momento.

— Negócio fechado — ele declarou e estendeu a mão.

Mantendo uma falsa indignação em minha postura, ignorei a mão dele e dei alguns passos. Ouvi a risada de Edwin atrás de mim, antes dele se adiantar até meu lado e unir nossas mãos novamente.

Já na porta de entrada da sala vermelha, ouvi amos uma conversa animada vinda do interior do cômodo. Edwin soltou nossas mãos, sustentou um sorriso presunçoso e falou bem próximo do meu ouvido.

— Amanhã serei um homem casado!



Capítulo 17

Capítulo 17

Eu ainda não tinha tido a honra de estar em um lugar privado e de uso exclusivo da Família Real — à exceção dos aposentos de Edwin —, por isso, fui surpreendida ao conhecer a sala vermelha. Não apenas por sua beleza arquitetônica, mas também por quem eram as pessoas reunidas ali.

Lembro-me de quando meu pai contou como foi a primeira visita à casa dos meus avós, quando foi pedir a minha mãe em namoro. Ele afirmou que estava nervoso, principalmente por ser um estrangeiro sem muito a oferecer, além de uma vida de trabalho duro e honesto. Meus avós já tinham uma idade mais avançada, minha mãe havia sido gerada tardiamente, por isso, vovô, a quem não tive a honra de conhecer, era um homem de aparência fria, embora escondesse um coração mole por trás de sua fachada de pai durão. E se Paul Davies se sentiu pressionado e avaliado em frente a um casal de idosos, a minha situação era ainda mais complicada. Eu não estava sendo apresentada apenas para uma família, mas para a família mais reconhecida do país.

Estavam lá o Rei, a Rainha, os Príncipes e a Princesa Cloe, além de dois chefes da segurança pessoal da realeza, Zac e

Samovier, Helena e mais algumas pessoas que eu não conhecia, mas pareciam ser de extrema confiança. Para minha surpresa, Oliver também se encontrava sentado ao lado de Esra.

— Ah, eles chegaram! — A rainha declarou unindo as mãos em frente ao corpo, lançando um olhar de repreensão para o filho.

Eu estava perdida, sem saber quantas reverências deveria fazer com tanta gente importante reunida em um só lugar. Edwin parou para reverenciar seus pais, eu o imitei e depois fiz uma pequena mesura em direção ao herdeiro do trono e ao Príncipe Esra.

— Por favor, sentem-se — instruiu o Rei com toda a sua autoridade indicando um sofá ao lado direito.

— Majestade, antes gostaria de formalizar minha petição — Edwin informou com a voz grave.

Ao constatar os tímidos sorrisos surgindo nos lábios da Rainha e da Princesa Cloe, meu coração disparou.

— Muito bem. — O Rei não parecia nem um pouco surpreso com o pedido do filho. A grande verdade era que tudo não passava de uma encenação para seguir a tradição e os protocolos.

— Senhor, solicito a autorização e sua bênção para me unir à senhorita Davies em matrimônio. Visto que, infelizmente, seus pais são falecidos, obtive o consentimento por parte do irmão dela. — Edwin olhou para Oliver que, com um gesto de cabeça, anuiu.

Minhas mãos suavam, meu rosto corou, havia pressão nos meus ouvidos e meu coração batia tão forte que parecia estar a ponto de escapular para fora do meu corpo. Enquanto Edwin falava, eu, que vinha mantendo os olhos fixos em um ponto logo atrás da cabeça de Sua Majestade, avalei discretamente as reações ao redor.

A Rainha, a Princesa e Samovier suspiraram satisfeitas. Esra não perdeu a oportunidade de dar uma risadinha charmosa e o Príncipe Elliot encarava Edwin de forma bastante provocativa. Porém, o comportamento que mais me chamou atenção foi o da Helena, governanta de Kent. Captei a boca semiaberta, a inquietação das mãos, a surpresa estampada nos olhos dela.

— Vocês têm minha bênção — respondeu o Rei com seriedade. Levantou-se e caminhou até nós. — Senhorita Davies,

está ciente das responsabilidades que acometerão sua vida diante do compromisso estabelecido no dia de hoje?

Previendo a voz falha, respirei fundo e balancei a cabeça em afirmativa.

— Sim — respondi.

— Compreende que após a minha benção, a senhorita pertencerá à família Real de Cibele e deve se comprometer, sob juramento, a desempenhar com diligência seu papel como esposa do Príncipe, a partir da manifestação dos votos?

— Sim — repeti.

O Rei tomou minha mão e eu torci internamente para que ele não notasse o tremor dela. Em seguida, ele a entregou a Edwin. O Príncipe manteve-se sério, mas seus olhos amorosos conversavam com os meus. Com a postura rígida, segurando a minha mão esquerda, ele virou-se de frente para mim.

— Diante do único e verdadeiro Deus, do seu Rei, dos seus Príncipes e das testemunhas aqui presentes, vocês assumem o compromisso de buscarem um breve matrimônio e de obedecerem a todas as leis divinas acerca dessa união sagrada? — o Rei Edmund perguntou, colocando uma mão em meu ombro, a outra no de Edwin.

— Sim, Majestade — Edwin respondeu primeiro, e eu, em seguida.

— Pela autoridade a mim conferida, oficializo e abençoo a união de vocês — o Rei declarou com a voz firme. — Como noiva do Príncipe Edwin Stephen James Clarke De Mooris Hawis, condecoro a senhorita Anne Davies como Princesa Interina de Hawis.

Engoli em seco entendendo bem o peso do título que eu recebia naquele momento. Edwin sorriu e se inclinou para me beijar. Fechei os olhos ao toque dos lábios dele na minha testa e agradei a Deus em silêncio por não me desamparar.

— Tem um anel? — o Rei questionou o filho num tom mais informal.

— Não está aqui comigo — Edwin se virou ao pai, mas manteve nossas mãos bem unidas. — Eu entregarei para a Anne depois.

— Na ver... — Quando percebi estar prestes a revelar sobre o anel de plástico no meu dedo, fechei a boca e apertei os dentes. Edwin tinha uma expressão divertida. Me fazendo de desentendida, sorri para o Rei.

— Então não vamos perder mais tempo! — a Rainha se manifestou empolgada, fazendo rir o marido que se acomodou ao seu lado, deixando-a assumir o lugar dele na reunião.

— Vamos nos sentar — Edwin orientou.

Sentamo-nos no sofá indicado pelo Rei e, curiosa, me senti impelida a olhar para Helena. A mulher, entretanto, já tinha se recomposto do aparente susto e agia como qualquer outra funcionária exemplar.

Uma verdadeira força tarefa foi formada na sala. Uma funcionária entregou um caderno muito elegante nas mãos da Rainha e algo parecido com uma agenda ao Rei. Oliver e Esra conversavam entre si e eu não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo.

— O baile de noivado poderá ser sábado — o meu sogro, já mais informal, declarou. Eu ainda estava digerindo a informação quando ele se virou para sua esposa, tocou na mão dela e questionou como quem já sabia a resposta. — Consegue organizar o noivado para o sábado e o casamento para daqui a três semanas?

Meu peito inflou na mesma hora.

Três semanas! Três semanas para eu me casar?

Abri a boca e fechei ao menos três vezes sem deixar de notar como Edwin me espiava, apenas esperando eu falhar na nossa aposta.

— Já organizei festas com menos tempo — a Rainha respondeu e olhou para Cloe. — O casamento de vocês foi ainda mais rápido, já que pegaram a todos de surpresa.

O Príncipe mais velho demonstrou não se agradar do comentário, lançando para a mãe um olhar de censura. A Rainha ignorou a repreensão silenciosa do filho e analisou o caderno dela.

— Precisamos iniciar de imediato o treinamento da Anne, antes dela ser apresentada — disse a Rainha.

— Eu posso sugerir um nome para a *personalist* ⁵ *yl i st* — a princesa Cloe falou entusiasmada. — Adoraria ajudá-la nessa parte!

Analisei as roupas luxuosas dela, com um estilo tão distinto do meu e tive vontade de negar o auxílio. Porém, fiquei calada, sabendo que Edwin apenas esperava um deslize meu. Remexi no assento tentando me manter quieta diante das suposições que vinham à minha mente.

— Obrigada, Cloe — Margareth agradeceu e fez uma anotação no caderno.

— Será uma honra ajudar a senhorita Davies a se estabelecer nesse nosso mundo diferente — ela declarou com tanta gentileza que eu já não conseguiria recusar, mesmo se pudesse.

— Agradeço por sua solicitude para com minha noiva, Cloe, entretanto, eu já providenciei alguns funcionários e encontrei alguém perfeito para trabalhar com a Anne. Iremos com calma, deixando-a se vestir como gosta — Edwin falou, surpreendendo a todos, inclusive a mim. Vendo o olhar questionador da mãe, ele completou: — Claro, seguindo os padrões e protocolos reais de vestimenta.

Suspirei, denunciando meu alívio, e senti uma leve pressão da mão de Edwin na minha. Claro, ele estava se divertindo muito me vendo ser torturada pelo anseio de falar além do que deveria.

A Rainha enumerou as necessidades mais urgentes, entre elas aulas de etiqueta, comportamento, tradições, conhecimento da monarquia e legislação. Aos poucos, foi delegando funções.

— Mandarei Georgia, mas, enquanto isso, creio que Helena possa se responsabilizar por ensinar alguns protocolos, iniciando de imediato — a Rainha sugeriu e olhou diretamente para a mulher.

— Será um prazer servir, Majestade — Helena se prontificou, mas sua feição não fez jus a resposta dada. Ela fez anotações em suas folhas, evitando a todo custo olhar para nós.

Edwin interferiu em alguns aspectos, como delegar minha segurança pessoal, deixando-a sob os cuidados de Zac. Ele também se responsabilizou por me ajudar com a parte da história e leis, o que me agradou muito.

Discutiram sobre minhas acomodações, sobre as aparições e eventos que deveríamos comparecer antes e depois do noivado e como seria a minha relação com a imprensa. Para a minha sorte, todos preferiram me manter mais afastada dos holofotes até conseguir me acostumar com a ideia de ser uma figura pública. O

Rei, porém, manifestou seu interesse de que nosso relacionamento fosse colocado em foco, explorando a situação de modo a gerar especulações sobre mim, principalmente.

— Algumas aparições extraoficiais serão suficientes — o Rei disse.

— Um passeio na casa de praia seria interessante — sugeriu Esra, olhando para o irmão mais velho. — É tradição da família ser pego pelos paparazzi com uma pretendente por lá.

— Ah, começou! — Elliot revirou os olhos e encarou o irmão com deboche. — Você não perde uma! Um dia, senhor *Príncipe do cel i bat*, eu vou dar a revanche e eu tenho dó da sua pretendente.

— Meninos! Vamos voltar ao foco, que é o casamento do Edwin e da Anne — a Rainha, com sua autoridade materna, repreendeu os dois. Edwin estava rindo da troca de farpas dos irmãos, mas parou no instante que ouviu a admoestação da mãe. — Aliás, acho uma excelente ideia, Esra.

Ninguém se opôs à fala da Rainha.

Era estranho ver minha vida sendo discutida, meu futuro sendo traçado e eu apenas observando, parte por não ter ideia de nada relacionado à realeza, parte por medo de falar bobagem. Eu permaneci lá, sentada, ouvindo e respondendo mentalmente todas as sugestões feitas — e me dando conta de que se eu tivesse falado em voz alta o que se passava em meus pensamentos, com toda certeza teria dito bobagem —, esperando, ansiosa, o fim da reunião. Meu nervosismo era visível e Edwin não ajudava, se divertindo com meu comportamento anormal. Porém, quando era preciso, ele também interferia a meu favor, deixando tudo o mais simples e prático possível, falando por mim, de forma sábia. Era como se ele pudesse ler minha mente e filtrar apenas o que importava e, com sua autoridade, impunha sem aceitar discussões.

— Quanto à tiara...

— Eu já providenciei, mamãe. Não precisa se preocupar com isso — Edwin declarou sem dar espaço para perguntas.

— Sendo assim — a Rainha deu uma risadinha e olhou para o filho com carinho —, por hora, acho que está tudo acertado, não é verdade? Imagino que você também já tomou providências sobre a equipe que servirá a Anne.

Edwin assentiu sério apesar de a mãe falar com um pouco de gracejo.

— Está tudo resolvido — ele disse.

— Ah, então, até que enfim, estou livre! — o Príncipe Elliot se levantou satisfeito por poder sair da reunião tediosa.

— Eu também acredito que não há nada mais para mim aqui — o Rei, pegando a brecha do filho, levantou-se.

— Ah, certo! — A Rainha, sentindo-se pressionada, falou e se levantou também. — Estão todos liberados.

Colocando um fim ao meu estado de opressão, os funcionários saíram da sala com tarefas delegadas a eles. Zac e Samovier falaram muito através da troca de olhares comigo antes de partir, eu teria bastante assunto para conversar com eles mais tarde. Encostei-me ao sofá observando o Rei e Elliot dialogando entre si. Edwin se aproximou, inclinando-se para mais perto.

— Você se saiu muito bem — ele elogiou com um sorriso provocativo.

— Eu avisei que venceria — respondi, me gabando.

— Meus queridos — a Rainha interrompeu nossa conversa, se colocando à nossa frente. Nos levantamos. — Estou tão feliz com essa união! Eu desejo a vocês um casamento abençoado.

— Obrigada, Majestade — agradei. — Me sinto muito acolhida.

— Parabéns, meu irmão! — Esra aproximou-se acompanhado de Oliver e colocou o braço sobre o ombro de Edwin. — Eu estou muito feliz por você ter encontrado a mulher certa. Com certeza vocês dois foram feitos um para o outro.

Senti minhas bochechas esquentarem e abaixei um pouco a cabeça.

— Edwin fez a coisa certa, encontrando uma mulher para ter ao seu lado como esposa. Não consigo entender *certos* Príncipes que decidem por livre e espontânea vontade permanecer solteiro. Essa ideia de celibato é inadmissível. — A Rainha aproveitou a oportunidade para cobrar o filho, mantendo sua rigidez.

— Antes celibatário do que libertino — falei em alto e bom som. Quando percebi as palavras saindo da minha boca com total

liberdade, puxei todo o ar de uma só vez, ciente da minha insensatez.

— Por isso eu amo minha cunhada! Ela me entende!

Eu ainda estava em choque quando Esra se desviou de Edwin e me abraçou de lado.

— Desculpe, eu não queria... — Tentei me justificar com a Rainha que me olhava com suspeita.

Diante do clima tenso, Margareth buscou parecer mais natural e menos surpresa. Olhei para o lado e me arrependi quando Edwin deu de ombros, declarando sua vitória.

— Mãe, eu estive pensando — ele começou sério, ignorando minhas súplicas silenciosas. — Eu e a Anne achamos melhor marcar o casamento logo para amanhã. Assim evitamos todas essas preocupações recorrentes de um noivado.

— Amanhã? — A Rainha olhou para o filho, abismada. — Você está maluco, Edwin? Por que um casamento tão rápido? — ela questionou, estreitando os olhos em direção a ele.

— Já esperamos muito tempo para ficarmos juntos. — Ele enfiou as mãos no bolso da calça. — Por que esperar mais?

A mulher limpou a garganta, reteve a expressão de curiosidade, inclinou o corpo em nossa direção e perguntou em um tom muito baixo:

— A Anne está grávida?

— Ai, não! — murmurei escondendo o rosto nas mãos. Ouvi a risada de Esra ao nosso lado e torci para aquele momento ser apenas fruto da minha fértil imaginação.

— Só se for um milagre, um fenômeno sobrenatural! — foi Esra quem respondeu, fazendo graça. — Até parece que a senhora não conhece seu filho casto e certinho. Se bobear — ele falou baixinho — eles nem devem ter se beijado.

— Sendo assim — eu ainda estava com o rosto escondido nas mãos, mas percebi o alívio contido na voz da minha sogra —, não há motivos para apressar nada. Manteremos o cronograma inicial.

Levantei um pouco o rosto, mas deixei minha mão na testa. Edwin tocou nas minhas costas, oferecendo algum conforto para

minha timidez. A rainha, querendo nos livrar do embaraço, deu um abraço apertado em nós dois, oferecendo suas felicitações.

Depois dela, Esra fez o mesmo. Oliver foi o próximo. Ele nos parabenizou, brincou com minha nova condição jogando indiretas que apenas eu compreendi e fez algumas ameaças a Edwin, algo relacionado a minha felicidade e trocas de socos caso ele não fosse um bom marido. O Rei, Elliot e Cloe também manifestaram seus votos, e só fiquei aliviada quando todos partiram, restando apenas eu, Edwin, e os guardas de sempre.

— Você deu sorte por minha mãe ser difícil de driblar — Edwin falou após a última pessoa deixar a sala.

— Ai, que vergonha — respondi e escondi meu rosto, inclinando-me, descansei a testa na altura do coração dele.

— Você se saiu muito bem. Eu sabia, não duvidava de sua capacidade. — Ele me abraçou.

— Não? — Levantei minha cabeça e o encarei.

— Não! — ele negou, balançando a cabeça. — Você acha que se não soubesse de sua capacidade teria escolhido você para ficar comigo para sempre? Você é uma mulher forte, Anne. Certa vez você me disse que eu era forte porque o Senhor estava comigo, e eu digo o mesmo para você. Eu vejo o Senhor em sua vida, eu O vejo em você e isso me faz amá-la mais a cada instante.

— Eu também amo você, Edwin.

Fechei os olhos para aproveitar por completo a sensação de ser amada. Assim, só nós dois, tudo parecia mais simples. Ele deu um passo para trás, se afastando e segurou minha mão.

— Vem, vou levar você ao seu novo quarto, onde poderei substituir definitivamente esse anel.



Capítulo 18

Capítulo 18

Tudo era uma grande novidade para mim, inclusive o quarto concedido para meu uso pessoal, no terceiro pavimento, no andar da realeza. Edwin riu quando eu reagi pasma a essa informação. As pessoas poderiam até me ver como a tal Princesa Interina, mas eu não, eu ainda estava na fase de aceitação, fascinada com pequenas coisas grandiosas demais para mim.

De mãos dadas — gesto que também me provou ter um enorme valor — eu e Edwin subimos os degraus a caminho dos meus novos aposentos.

— Três semanas? — questionei, numa mistura de animação e ansiedade. — Você não acha rápido demais, não?

— Tecnicamente, deverí amosnos casar amanhã. — Ele quis rir, mas conseguiu se controlar.

— Você se arrependeria amargamente — retruquei ajustando os meus óculos, como se estivesse inabalável aos gracejos dele. — Aliás, ainda temo o dia quando você se dará conta do quanto foi uma péssima escolha me ter como sua futura esposa. Deixe-me ver! — Fingi estar refletindo até encontrar uma resposta. — Ah, sim!

Talvez antes do nosso noivado, no instante em que eu fizer alguma besteira e envergonhar a todos vocês.

Edwin riu e, ao invés de me responder, voltou a olhar para frente, claramente me provocando, como se dispusesse da mesma opinião.

— Edwin! — exclamei, indignada.

— Vossa Alteza, para você — ele disse, fingindo reprovação.

— Vossa Alteza! — retruquei com o mesmo tom de voz anterior.

Nós chegamos ao terceiro andar e Helena estava à espera no topo da escada. Embora eu ainda estivesse desconfiada, induzindo que ela não estava gostando muito da minha nova condição, ela se comportou com profissionalismo, informando a Edwin de que o quarto estava pronto e suas ordens haviam sido cumpridas. Fiquei aliviada quando ele a dispensou e nós dois seguimos sozinhos pela ala do lado oposto de onde ficava o quarto dele.

Quando chegamos à frente de uma porta branca e ampla, reconheci os dois homens de guarda vestindo a farda vermelha.

— John! Stevan! — declarei empolgada.

Eu quis apertar as mãos dos dois homens com quem eu havia construído uma boa relação no passado, porém, sabia que tal gesto não seria apropriado e eu precisava controlar meus impulsos. Edwin os liberou com um aceno e, com educação, eles fizeram uma reverência. Sorrindo, me deram as boas-vindas.

— Eles estão liberados para conversar comigo, não estão? — perguntei a Edwin.

— Mas é claro — ele respondeu com um meneio de cabeça, confirmando suas ordens para os dois. — Agora, vamos?

Edwin se adiantou, abrindo a porta de acesso ao lugar onde eu seria acomodada até o casamento.

— Bem-vinda aos seus aposentos. — Ele olhou para mim cheio de expectativas nos olhos e sorriu. — Provisoriamente.

— Uau! — soltei um grunhido encantada.

Larguei a mão de Edwin e atravessei a antessala, entrando admirada no meu quarto. Se o anterior já era lindo e luxuoso, aquele era majestoso! Explorei a imensidão do lugar composto por três

ambientes, além do banheiro e closet, o último era maior que minha antiga sala de televisão. Toda a decoração era delicada e romântica e eu suspeitei que houvesse sido planejada de acordo com meus gostos pessoais. As grandes janelas tinham uma vista linda do jardim.

Uma funcionária tinha acabado de colocar flores recém-colhidas em vários jarros espalhados por ali e se encontrava na entrada da primeira sala, discreta e de prontidão.

— Gostou? — Edwin perguntou e se aproximou esfregando as mãos.

— E tem como não gostar? É maravilhoso!

Dei mais uma volta e meus olhos foram atraídos para a imensa cama de dossel, digna de uma princesa. O enxoval era branco com pequenas flores na cor lilás. Segurei um sorriso, encarei Edwin e ele compreendeu minhas intenções.

— Ela é toda sua! — Ele apontou em direção ao móvel e sorriu. — Experimente!

Sem mais delongas e pouco me importando com o que pensariam de mim, corri e me joguei na cama como uma criança festiva, sentindo a suavidade dos lençóis e a maciez do colchão. Fechei os olhos e elevei os braços acima da minha cabeça, sentindo a plena satisfação por saber que a partir dali teria noites muito confortáveis.

— Alteza — Henri, assessor de Edwin, chamou-o com discrição.

— Ah, entre, por favor — Edwin instruiu.

Me sentei na cama, ajeitei meu cabelo e a saia longa do meu vestido. O Príncipe foi até Henri e recebeu das mãos dele um pacote. Agradeceu a amabilidade do funcionário e o dispensou. Eu já estava imaginando o conteúdo dentro do objeto nas mãos do meu noivo, mas, mesmo assim, meu coração acelerou quando pensei nos acontecimentos seguintes.

Edwin me chamou para fazer companhia a ele no sofá da sala. Ele não disse, entretanto, não havia como esconder: os olhos do Príncipe, brilhando ao encontrar os meus, denunciavam o quanto ele havia esperado por aquele momento. Já acomodados no sofá, ele abriu cuidadosamente o pacote, revelando uma caixinha de

veludo da cor lilás, que por si só já era o prenúncio do riquíssimo conteúdo do seu interior.

— Primeiramente, vamos tirar esse aqui.

Edwin equilibrou a caixinha em cima da sua perna, pegou a minha mão e retirou com delicadeza — e certa dificuldade —, o anel de plástico do meu dedo.

— Eu gosto dele! — Dei de ombros.

— Não duvido.

Quando meu dedo mindinho estava livre, ele abriu a caixinha e virou de modo que eu pudesse contemplar a joia.

— Edwin! Estou sem palavras! — exclamei, tocando no anel. A peça de ouro era delicada e tinha uma pedra de tom roxo cravada no centro, adornada com pequenos detalhes em arabesco e pedrinhas brancas que eu deduzi serem diamantes.

— Eu espero que não se importe, mas escolhi a cor lilás para você. — Ele retirou o anel da caixinha e colocou o de plástico no lugar. — Por isso, uma safira violeta.

— Eu amei, na verdade — informei e estendi a mão trêmula para ele.

Edwin a segurou carinhosamente e com cuidado deslizou o anel pelo meu dedo anelar. Depois, envolveu toda a minha mão com a dele, ergueu a cabeça e permitiu que seu olhar dissesse tanto quanto suas palavras.

— Eu amo você, minha noiva preciosa.

— Também amo você.

Edwin beijou minha mão e o silêncio nos envolveu, tornando qualquer palavra desnecessária. Estávamos envoltos por aquele sentimento puro e doce. Finalmente, após mais de dois anos, vivíamos a realidade do nosso amor. Depois de um tempo, Edwin sorriu e relaxou no sofá, embora continuasse a segurar minha mão.

— Sabe, eu estava orando hoje e terminei pensando nesses últimos anos e em tudo que aconteceu com a gente. Hoje consigo ver a bondade e sabedoria de Deus em nos afastar. Esse tempo foi de grande crescimento e preparação para o dia de hoje, tanto para você, quanto para mim.

— Para você? — perguntei, desconfiada.

— Sim. Não sei se você se lembra das coisas que me disse quando estive hospedada aqui, porém, suas palavras foram encorajadoras e essenciais para eu enxergar a necessidade de firmar minha vida em Cristo, posicionando-me, independente do que me aconteceria ou pensariam de mim. Eu estava andando sozinho, pensando que dava conta desse modo, esquecendo-me de coisas importantes sobre ser um cristão.

— Eu sempre te admirei, desde quando conheci quem você é de verdade. É até engraçado ouvir isso.

— Mas são verdades que antes eram difíceis de admitir. Você foi embora justo quando eu considerei tê-la ao meu lado, e eu creio que na minha solidão Deus estava me chamando para Ele. Eu precisava ser desperto, como fui quando você me confrontou sem perceber, mas deveria buscar Nele as respostas, não em um casamento. E eu vivi situações pelas quais nunca imaginei viver, e quero te contar cada uma delas, na hora certa. Você, minha Princesa, acrescentou à minha vida muito mais do que imagina.

Como era agradável ouvir aquilo, saber como o Senhor orquestrava tudo. Pensei por um momento, lembrando das minhas próprias experiências, frutos da minha partida.

— Acredito que estávamos sendo preparados, não é? — Corrigi minha postura para ficar de frente para ele. — Olhe só para mim, o quanto eu aprendi e amadureci desde quando fui embora. Você está certo! Deus me ensinou a confiar e entregar nas mãos Dele o meu futuro para viver o presente com fé. — Eu sorri ponderando o que revelaria a ele e senti um frio na minha barriga depois de dizer. — Mas eu nunca deixei de pensar em você.

— E pensava em mim enquanto tinha aulas sobre etiqueta.

— E convivia com pessoas importantes — completei batendo uma palma. — Era isso! Eu fui preparada para chegar aqui hoje.

Me controlei para não dar alguns pulinhos enérgicos mesmo estando sentada. Contudo, logo a realidade dissipou a alegria momentânea.

— Se bem que, preciso confessar, estou com medo de não dar conta. Sei o quão importante é esse passo que estamos dando. E se eu colocar tudo a perder? — Previ uma advertência a caminho pelo olhar dele. Por isso, ergui uma mão, buscando abertura para

me justificar. — Eu sei, sei o que vai dizer. É um drama meu? Sim, é. Mas eu carrego comigo alguns traumas, não posso esconder. Não é simples saber que a qualquer momento a vida pode nos dar uma rasteira, que tudo pode mudar em instantes. Sei que posso confiar em Deus, mas isso não me impede de precisar lutar contra a incredulidade.

Edwin virou-se um pouco para poder olhar dentro dos meus olhos.

— Anne, John Owen, certa vez disse: “Tentações, provações, tristezas, temores, medos e doenças são parte desta vida presente. Todas as nossas ocupações têm problemas e tristezas nelas. Se considerarmos, porém, a glória de Cristo que iremos compartilhar, podemos obter alí viade todos esses males e ganhar a vitória sobre eles.” — Edwin recitou as palavras que pareciam ser vida para ele, levando-me a crer que elas haviam sido consolo nos momentos difíceis. — Em qualquer lugar, posição, situação, passaremos por lutas. E veja só! Você enfrentou tantas batalhas e o Senhor te sustentou em graça até hoje, mesmo sendo tão nova. E, a partir de agora, você me terá sempre ao seu lado.

— Você é tão fofo! — elogiei com uma expressão doce, tentada a apertar suas bochechas.

— Veremos o quanto você manterá esse pensamento quando estivermos casados. Eu tenho uma leve tendência a ser chato.

— Impossível! — brinquei e descansei minhas costas no encosto do sofá.

Edwin puxou minha mão para a dele e eu fiquei observando o anel em meu dedo. Eu ainda não conseguia acreditar que estava noiva de um homem como ele. Na minha cabeça a conta não fechava, ele era incrível demais e eu pequena demais.

— Você acha que seus pais gostaram de mim? — perguntei, ainda me rendendo à dúvida sobre minha capacidade de ocupar o lugar de Princesa.

— Acredito que sim.

Esperei alguns segundos, mas ele não disse mais nada.

— Só isso? Apenas essa resposta vaga? — Ergui a cabeça e ofereci meu olhar mais intimidador.

Edwin riu.

— Há algo que você deve se empenhar para aprender como Princesa: às vezes é melhor responder ocultando detalhes, assim você evita falar além do necessário — desconversou.

— E há algo que você já pode aprender como futuro marido: não vai funcionar comigo!

Ele soltou uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

— Está certo, está certo. — Respirou fundo para se concentrar. — Sim, minha mãe está encantada com você, talvez porque a senhorita Davies salvou o filho dela de *uma vi* ~~da~~ *sol i trãæ vazi* ~~asegundo~~ as palavras dela.

— E seu pai? Não acho que ele estava preocupado com o vazio e a solidão da sua vida.

— Não, ele é mesmo mais racional. — Edwin fez uma pequena pausa, provavelmente agindo diferente de mim e pensando nas palavras que usaria para me responder. — Eu tive uma conversa séria com o Rei quando falei de você e fui bastante sincero, contando suas muitas qualidades e seus defeitos.

— Tenho até medo de saber o que você disse — respondi, imaginando a quantidade de vezes que algo relacionado a *desast r es* possa ter saído da boca dele.

— Mas ele esteve sempre receptivo. Meu pai considera minha opinião para algumas coisas, ele conhecia meu ponto sobre casamento e confiou na minha decisão. Posso adiantar que ele elogiou sua beleza e ficou impressionado com sua aparição no baile. No mais, ele está pensando no quanto nosso casamento será benéfico nesse momento, e isso para ele é suficiente.

Meu noivo estava refletindo em algo, o que despertou minha curiosidade.

— O que foi?

— Estava pensando se te conto como ele conduziu a investigação sobre você, sua família e seu passado, nos mínimos detalhes. Inclusive, a equipe dele está trabalhando para ocultar qualquer vestígio da verdadeira identidade do seu pai, para preservar vocês.

— Então ele chegou à conclusão de que não sou uma assassina perigosa, ou uma louca tentando dar um golpe no filho dele? — brinquei.

— Mais ou menos isso.

Desdenhei da informação e quiquei um dos ombros.

— Aposto que ele não tem as informações corretas sobre os meus delitos. Quando eu tinha 15 anos, por exemplo, fugi da escola uma manhã inteira para poder terminar de ler um livro que eu não conseguia largar. Duvido que saiba do dia quando eu me reuni com algumas amigas na casa de uma colega para assistir a um filme proibido pelos meus pais. E teve também a vez que eu esquentei o termômetro para fingir estar com febre de uma doença inexistente, cujo nome era preguiça de acordar cedo. — Claro que eu não me orgulhava dos meus erros, mas eu não contive a risada.

— Quem diria, hein? A senhorita é uma criminosa de primeira. Posso enquadrar como falso testemunho, formação de quadrilha e fuga. — Edwin estalou a língua várias vezes. — E eu achando que você tinha uma conduta irrepreensível.

— Ah, não, não tenho. E ainda por cima fui cuidadosamente disciplinada por cada um desses graves erros.

Ouvimos barulho de vozes vindo da antessala. Edwin não estava surpreso com a movimentação ao lado.

— Vamos, quero te apresentar sua nova equipe. Conversaremos depois sobre *seus graves erros* não posso deixar isso passar.

Me sentindo uma criminosa de primeira, eu acompanhei Edwin até o local onde várias pessoas estavam reunidas, algumas eu já conhecia, outras eu nunca havia sequer visto no Palácio. Fomos recebidos com reverência, mas Edwin dispensou a formalidade.

— Anne, essas pessoas serão de grande auxílio para você a partir de hoje.

— Olá, pessoal! — cumprimentei alegre e fiz um gesto com as mãos bem próprio de uma Princesa tão diferente do padrão.

— Vou começar pela sua segurança. Zac é o responsável por chefiar a equipe que cuidará da nossa proteção. — Edwin me encarou e falou com firmeza e seriedade. — Você deve sempre obedecer a todas as ordens dele. Por favor, confie sempre no que ele diz, como eu confio.

— Isso não será difícil para mim, garanto! — respondi com convicção, mas Edwin não pareceu acreditar muito na minha afirmação.

— Nossa escolta, a princípio, está sob a responsabilidade de Luke, Avril, George e Gregory — Edwin apresentou apontando para os quatro homens no canto, com a postura séria. — Eles estão habilitados a instruí-la em todos os momentos, principalmente se algo colocar sua vida em risco.

Fiz uma mesura enquanto observava os homens. Dos quatro, apenas Avril era um antigo conhecido. Dois dos jovens pareciam irmãos, eram ruivos dos olhos claros e aparentavam ser mais fortes do que os outros. Todos eram bem apessoados, tinham porte de lutadores e não sorriram por nenhum momento, tratando-me com cordialidade.

— Rachel será sua consultora de imagem e *personalstylist*. — Edwin falou e eu mudei o meu foco, dando atenção a uma jovem loira dos olhos azuis. Ao contrário dos rapazes, ela irradiava alegria com seu sorriso. — Ela auxiliará com sua aparência, vestuário e imagem pessoal.

— É um prazer conhecê-la, Rachel. Acho que darei bastante trabalho para você — falei apontando para minhas roupas.

— Desculpe discordar, mas a senhorita é linda. Não será um trabalho árduo, pelo contrário. — Rachel com poucas palavras e um belo sorriso conseguiu alcançar aquele espaço reservado para pessoas que nos encantam à primeira vista. — Permita-me esclarecer, somos uma equipe. Temos uma modista, três costureiras e quatro aparadoras para auxiliar vossa Alteza a se vestir. Há também uma maquiadora e uma pessoa encarregada de cuidar dos seus cabelos.

— Rachel ficará com a incumbência de apresentá-la ao restante da equipe — Edwin informou.

— Eu devo ter uma aparência muito ruim para precisar de uma equipe tão grande assim — declarei brincando e vi o esforço de alguns para não rir do meu gracejo. — Vocês têm autorização para rir das minhas piadas, até quando elas forem sem graça.

— Deus nos ajude! — Zac declarou e foi impossível segurar o riso dessa vez.

— Continuando — Edwin disse, tentando se manter sério e diplomata. — Essa é Milena, sua assistente pessoal. Ela ficará responsável por tudo que diz respeito a você, sua agenda e suas tarefas. É alguém de muita confiança, espero que vocês se deem bem.

— Prazer, Milena. — Observei a mulher carregando um tablet nas mãos. Ela era magra, mas não aparentava ser frágil, pelo contrário. Era morena, tinha os cabelos lisos, cortados na altura dos ombros. Pela expressão, considereei que era uma profissional disposta a desempenhar bem seu trabalho.

— Obrigada, Alteza — ela respondeu, inclinando a cabeça.

— Ainda não me acostumei com esse negócio de “Alteza”. — Olhei para Edwin prevendo se ele acharia ruim o que eualaria em seguida. — No âmbito pessoal, prefiro ser chamada de Anne.

Espiei mais uma vez o Príncipe e ele não demonstrou desagrado com o que eu disse.

— E por último, não menos importante, Samovier. — Edwin perdeu a pose de autoridade quando mencionou a senhora com gentileza extra na voz.

— Eu serei sua criada pessoal, minha querida. O Príncipe pode dar um nome bonito para minha função, mas estarei pronta para servir você sempre.

— E sempre próxima, como sei que você gostaria — Edwin falou baixinho, próximo ao meu ouvido.

Supus que o cargo de Samovier era puramente uma desculpa criada para ela estar sempre por perto. Edwin sabia da minha relação íntima com ela, cuja admiração dele a senhora também possuía. Fiquei encantada com a sensibilidade dele por fornecer a oportunidade para nós duas.

Com as apresentações feitas, todos se retiraram dos meus aposentos, com exceção de Zac. Ele me entregou um telefone celular.

— Seu novo aparelho. Tem criptografia anti-hacker e é protegido pela agência de inteligência para evitar que alguém possa invadir o sistema — Zac explicou.

— Ele é todo personalizado para nós — Edwin informou, apontando para a tela do objeto. — Aqui você fala diretamente

comigo, seja por mensagem, seja por ligação.

— E com todos os membros da família real — Zac completou.

— Não quero precisar ligar para seu pai nunca — brinquei estremeando só de pensar na possibilidade.

— Esse aplicativo conecta você com toda a sua equipe. Se precisar, é só chamar. — Zac mostrou mais algumas funcionalidades do aparelho e como eu podia usar com segurança.

Quando ele terminou a aula, aproveitei a chance de alfinetar meu amigo.

— Este botão aqui, Zac, eu uso quando precisar de ajuda? — Mostrei o contato dele aparecendo na tela. Ele me encarou desconfiado. — Por exemplo, se eu quiser muito comer um doce, basta mandar uma mensagem e sou atendida? Acho que sim, não é? Afinal, agora eu sou a Princesa Interina de Cibele.

Zac revirou os olhos e se retirou, não se dando o trabalho de responder ou ver o sorriso no meu rosto.



Capítulo 19

Capítulo 19

Deitada na minha nova e luxuosa cama, uma batalha violenta estava sendo travada entre meus sentimentos desde quando eu acordei, meia hora antes. Sem me mover, com os olhos fixos num ponto da parede, a melancolia estava ganhando. Eu tentava ser firme e não retornar correndo para Susan, para a segurança do meu antigo emprego e para uma vida da qual eu já conhecia bem, sem protocolos, sem coroas e tiaras e sem aquele monte de regras com as quais eu não estava acostumada.

Olhei outra vez para o meu anel e me virei na cama, sentindo-me exausta emocionalmente. Eu não conseguia compreender como eu poderia continuar fazendo aquilo, ainda que Edwin tivesse me assegurado, no dia anterior, que ele tinha fé na minha adaptação.

Eu havia me comportado bem o dia inteiro, evitando ao máximo abrir a boca perto da família dele, contudo, estava tão nervosa na hora do jantar, que acabei derrubando uma taça de suco de uva na mesa. Para piorar, a toalha era de renda branca. E para piorar um pouco mais, eu tentei limpar a bagunça com o guardanapo enquanto falava sem parar de como eu era desastrada.

Edwin precisou segurar minha mão e me levantar da mesa para que um funcionário pudesse limpar a bagunça.

Depois disso, minha frustração só aumentava, aliando-se aos meus temores constantes. Eu estava apenas esperando a hora em que nosso noivado e casamento seriam adiados, quando todos percebessem o óbvio: eu nunca estaria pronta a tempo.

Deitei-me de bruços e afundei a cara no travesseiro.

— Anne, minha querida — ouvi a voz suave de Samovier vindo da sala. — Está acordada?

Murmurei qualquer coisa sem sentido e ela compreendeu como uma resposta positiva. Ainda com a cabeça enfiada entre os travesseiros, ouvi a porta abrir e os passos dela se aproximando.

— Você está bem? — ela questionou com a voz preocupada.

— Não! Como eu posso estar bem? Oh, Samovier, o que eu fiz com a minha vida? — resmunguei sem ter ânimo sequer para erguer minha cabeça, quanto mais para as longas tarefas daquele dia exaustivo. — Eu sou uma negação! Vou arruinar tudo!

— É normal sentir-se assim. Lembro-me bem de ficar em pânico, exatamente como você. — Ouvi uma voz gentil e fui pega de surpresa por não se tratar de Samovier. Ergui a cabeça e me surpreendi ao ver a Rainha. — Eu chamo essa fase de negação, quando não queremos aceitar o fato de que nossa vida está prestes a mudar.

Constrangida, me sentei na cama e alisei os fios de cabelos desordenados.

— Majestade, me perdoe, não sabia que estava aqui. Desculpe minha falta de modos. — Puxei um dos travesseiros para o colo.

— Ah, minha querida, você será como uma filha, não precisamos desses modos formais — ela respondeu e se sentou na beirada da cama. — Edwin me pediu para vir e conversar com você.

Eu não deveria estar tão abismada com o fato da Rainha de Cibele estar sentada na minha cama, afinal, ela era a mãe de Edwin, mas eu estava sim, desconcertada.

— Por que ele pediu isso? — questionei, já pensando que meu noivo estava sem graça de me corrigir depois das minhas mancadas no jantar com a família real na noite anterior

— Ele está preocupado. — A Rainha abriu um sorriso precioso. — Acho que está com medo de você desistir do casamento.

— Eu? — Neguei com a cabeça. — Na verdade eu quem estou esperando se darem conta de que isso não vai funcionar. A senhora viu como eu sou?

Ela não me respondeu de imediato, no lugar, deu algumas batidinhas de leve na minha mão.

— Agradeça porque Edwin não é o primogênito. Eu me casei com o cargo de esposa do Rei garantido. — Os olhos dela se prenderam num ponto, a feição denunciando os pensamentos vagando para um lugar distante. — Lembro muito bem do dia em que fomos a uma reunião internacional... Onde era mesmo? — Ela pensou só por um instante. — Ah, não importa! Mas me lembro de que a comida era muito apimentada e eu não fui avisada. Quando eu coloquei um pedaço daquela mistura na boca, minha língua pegou fogo. Ah, céus!

Eu me virei para contemplar o belo rosto de Margareth que estava se contorcendo de rir.

— Ah, minha querida! Eu, no desespero, acabei me confundindo e tomando a água que era colocada ao lado do prato para lavar os dedos. — Ela me encarou sem conseguir esconder a diversão. — Foi um enorme vexame!

— Não consigo imaginar a senhora passando por isso — afirmei, porque não entrava na minha cabeça que ela pudesse ser protagonista de casos como os meus.

— Ah, eu cometi *mui to*s muitos deslizes até conseguir me encaixar nesse mundo. Eu recebi tantas repreensões dos meus sogros que perdi as contas. Eu dificilmente me lembrava dos protocolos, esquecia os nomes de pessoas importantes, fazia coisas que a realeza não tinha o costume de fazer.

Eu estava com as sobrancelhas levantadas e os olhos arregalados. Ela percebeu a minha surpresa e esperou um tempo, antes de falar com sua voz maternal e carinhosa.

— Sei como se sente. Não posso mentir para você, não é fácil. Sobretudo para nós, que viemos de uma família simples. Meus

pais eram humildes, nunca imaginaram um futuro desses para a filha.

— Eu estou assustada. E envergonhada. — Olhei para os meus pés que se moviam freneticamente sem eu me dar conta. — Eu não sei se Edwin contou, mas tenho a tendência de agir no impulso. Eu não quero prejudicar ninguém, muito menos a ele, que sempre faz tudo correto. Tenho tentado me controlar, e eu melhorei muito, mas não o suficiente para me considerar apta a enfrentar as responsabilidades de estar entre vocês.

— Sabe... — Ela se levantou e deu alguns passos até a escrivaninha ao lado da minha cama. Minha Bíblia estava lá e a Rainha tocou gentilmente nela, antes de se virar e me encarar com compaixão. — Essa família está precisando de um pouco de entusiasmo. — Ela parou e fixou os olhos sobre minha mão onde a aliança estava. — Meu filho precisa experimentar uma boa dose de aventura e animação, ele precisa de um impulso para viver além das obrigações e do trabalho.

Ela voltou a andar, deslocando-se em silêncio até a beirada da cama, dando tempo para que aquelas palavras se assentassem no meu coração.

— Além do que, um pouco de inocente alegria e algumas atitudes inusitadas não farão mal a ninguém. Às vezes, é justamente essa imagem que está em falta na nossa família.— A mão dela era um convite para eu me levantar da cama e deixar de lado minha prostração. — Edwin é muito centrado, eu sempre confiei nas decisões dele, dificilmente ele daria um passo sem ter certeza do que está fazendo.

Já de pé, sentindo os meus ânimos se renovarem, eu a abracei, pegando a mulher de surpresa com o meu carinho.

— Obrigada! Eu fico muito feliz em saber que terei a senhora por perto.

O abraço foi rápido, mas me alegrei por ter sido acolhida de bom grado.

Enquanto eu recebia encorajamento, Samovier estava montando a mesa do café da manhã junto com uma funcionária, para que Margareth me fizesse companhia na minha primeira refeição do dia. Ainda de pijama, me juntei a ela e comemos. Ela

aproveitou o momento para contar mais algumas situações engraçadas.

Milena e Rachel apareceram, como já era previsto.

— Hoje começamos a sua preparação e o primeiro passo é o mais delicioso de todos eles! — Margareth me encarou com os olhos brilhando de satisfação. — Seu novo guarda-roupa!

Eu ainda não tinha terminado de comer meu bolinho de amora, mas fui obrigada a deixá-lo de lado diante do entusiasmo da Rainha.

— Edwin me deu claras instruções para não me empolgar demais e tentar enfiar em você um estilo muito diferente do que gosta. — Margareth olhou para Rachel, depois para os meus pés. — E me pediu para riscar os saltos altos da lista.

Ela estreitou os olhos, esperando-me confidenciar o porquê de haver um sorriso tão peralta em meu rosto.

— Talvez eu tenha frisado muitas vezes para ele o quanto abomino a ideia de usá-los. — Rindo ainda mais, completei: — E posso ter dito que esse era um grande empecilho para eu querer ser uma Princesa.

— Acharemos uma solução — a Rainha declarou olhando para Rachel, jogando a responsabilidade de resolver a questão para ela.

Rachel abriu uma pequena maleta e Milena se sentou numa das poltronas, colocando seu tablet sobre o colo.

— A Princesa Cloe não estaria presente? — perguntei quando notei a ausência dela. Ela era a mais empolgada de todas quando o assunto eram minhas roupas novas.

— Ah, sim, ela deveria. — Margareth fechou os olhos por um momento e tentando esconder o desconforto relatou: — Ela e Elliot tiveram um compromisso de última hora e partiram de imediato para Hawis. Infelizmente, ela não estará presente e pediu para eu manifestar a você sinceras desculpas.

— Que pena! — respondi e comprimi os lábios. Apesar de ter ficado aliviada pela não interferência da Princesa, eu percebi como a Rainha estava incomodada com alguma coisa.

— Vamos resolver isso de uma vez. — A Rainha ocupou a poltrona ao lado de Milena. — Rachel, estamos esperando.

A jovem loira demonstrou sua eficiência. Todas as minhas medidas foram tiradas. Depois, outras mulheres chegaram e enquanto eu passava por uma verdadeira transformação: cabelo, unhas, sobrancelhas e maquiagem, Rachel foi me apresentando inúmeros modelos de vestidos de autoria dela e de sua equipe, além de peças de grife já previamente selecionadas. Não pude me conter de gratidão por ela captar meu estilo e apresentar peças sofisticadas, mas todas dentro do meu gosto pessoal. Não obstante, sobre minha dificuldade com saltos, apresentou-me uma coleção de sapatos finos desenvolvidos para proporcionar conforto e precisão aos meus — desengonçados — passos. Milena era quem tomava nota de tudo.

A Rainha dava sua opinião e foram poucos os vestidos que ela reprovou, sempre deixando clara a motivação em fazê-lo. Eu acatei todos os conselhos e me senti grata por poder passar um tempo produtivo com a minha futura sogra. Naquele momento, tudo pareceu mais leve e me levou a pensar como o Senhor proporciona ajuda de maneira ordinária, como na imagem da mulher que estava lá, me apoiando apenas com sua presença e palavras.

Passamos toda a manhã lidando com aspectos referentes a minha fisionomia. Enquanto cuidavam do meu visual, eu recebia dicas também. Eu nunca havia dado muita importância à minha aparência e não era muito vaidosa, mas precisei compreender que a partir de então era essencial prestar atenção em tudo o que estavam me ensinando.

Quando fomos informadas sobre o almoço, eu trajava um vestido novo, tinha um salto confortável nos pés, estava com os cabelos hidratados e penteados formando ondas perfeitas caindo sobre meus ombros e com a maquiagem bem natural, uma das minhas únicas exigências — odiava a ideia de me pintarem até eu parecer outra pessoa.

Diante do espelho, fiquei abismada em constatar como um trato transformava uma mulher e tinha o poder de aumentar a nossa autoestima. Preparada para ser a Princesa que deveria ser, tive medo de cair na tentação de confiar na figura refletida à minha frente.

Oh, Senhor, ajude-me a ser humilde e reconhecer sempre que minha força vem de Ti, e sem o Senhor, tudo isso não passa de trapo. Ensi na-me a glori fi cá-l o t ambém com mi nha apar ênci a

— Nada como uma Princesa devidamente vestida! — Samovier observou com alegria e um tanto de emoção.

— Você ficou lindíssima! — A Rainha se posicionou ao meu lado e sorriu maternal. — Eu disse que essa parte é maravilhosa, não é?

Assenti com a cabeça ainda sem acreditar em como aquelas mulheres tiveram um poder sobrenatural para me transformar em tão pouco tempo. Eu estava meio *bobi fi ca* de que era eu aquela mulher elegante, ainda que num vestido “simples”.

— Eu estou impressionada! Muito obrigada pelo carinho e eficiência de todas vocês — agradei à equipe.

— Alteza — Milena me chamou depois de conferir as horas no relógio. — Vocês estão atrasadas para o almoço. Sua aula de etiqueta começará às 14 horas.

A Rainha pediu para uma das meninas informar a Edwin que eu estava pronta e se retirou, indo encontrar o marido. Enquanto aguardava meu noivo, Milena me passou a agenda do dia e repassou algumas informações referente às minhas obrigações na semana.

Eu já estava nervosa e apreensiva sobre como Edwin reagiria à minha mudança. Ao ouvir os passos que anunciavam a aproximação dele, me desloquei até a porta e o aguardei, tensa demais para lembrar de manter a postura.

Edwin se mostrou surpreso ao me ver. Colocou-se diante de mim com um braço para trás das costas, estufou o peito e limpou a garganta.

— Alteza. — Ele fez uma reverência cheio de formalidade.

— Nem pense em começar com isso! — exclamei, levantando a mão em sua direção.

Ele se ergueu, manteve a expressão neutra por alguns segundos, mas depois sorriu.

— Você está lindíssima! Permita-me? — ele elogiou, pedindo minha mão sem largar a formalidade.

As borboletas se agitaram mais uma vez na minha barriga quando ele beijou minha mão com muito respeito. Edwin era perfeito demais em todos os aspectos e eu estava ciente de que ele era meu noivo e em breve seríamos um só, desfrutando da beleza do casamento em todos os sentidos.

— Não se anime demais! — disse para afastar de mim qualquer pensamento que ainda deveria manter adormecido. — São só roupas e uma boa produção. A velha e desastrada Anne ainda está aqui. — Edwin se atentou ao meu rosto e manteve a expressão inflexível. — Eu estou tão envergonhada por ontem.

— Eu já te disse para não se preocupar com isso. Acidentes acontecem.

— Não foi um acidente ocasional, mas usual. — Eu resolvi me render e parar de pensar nos meus erros. Suspirei antes de enlaçar meu braço ao dele, pegando-o de surpresa. — Não vamos dar mais motivos para pensarem mal de mim devido ao nosso atraso.

— Meu bem — Edwin disse quando começamos a caminhar e eu na mesma hora me virei a ele, surpreendida com a forma carinhosa pela qual ele se referiu a mim —, você precisa apoiar com menos vontade em meu braço.

— Ah! — Voltei a mim com a repreensão dele e me dei conta de como eu estava pendurada no braço dele. — Vou tentar caminhar como uma dama.

Ajeitei minha postura e imitei os modos da Princesa Cloe, tentando parecer o mais elegante possível.

— Por um momento você me convenceu de que foi criada como uma Princesa — ele falou ao ver meus modos.

— Criada não, mas, quem sabe, *transformada* numa Princesa?

Nós iniciamos a descida das escadas sem pressa. Ambos sabíamos que não teríamos muito tempo juntos até nosso casamento, então, aproveitávamos cada momento a sós.

— Você ficou satisfeita com sua equipe?

— Está brincando? Olha no que elas me transformaram! Agora sim, eu posso andar ao seu lado sem medo de envergonhar você.

— Você nunca me envergonhou, Anne — Edwin disse sério, mesmo sabendo que se tratava de uma brincadeira da minha parte. — Eu sempre me senti honrado por ter você ao meu lado e terei orgulho de ser seu marido.

— E eu sempre serei grata por ser sua esposa!



Capítulo 20

Capítulo 20

— Anne, você está prestando atenção? — Edwin perguntou pela segunda vez após erguer os olhos de seu livro e me encontrar com o olhar perdido.

— Eu estou sim — respondi como alguém pega no flagra no meio de algum delito, ajeitando meu corpo na poltrona.

Meu noivo, percebendo minha falta de interesse com nossos estudos, deixou o livro e as folhas que tinha nas mãos de lado e ergueu as sobrancelhas.

— O que aconteceu?

— Nada. — Dei de ombros, desviando meu olhar.

— Meu bem, se há algo que você ainda não dominou é a arte de esconder seus sentimentos — Edwin falou e eu ri, concordando. — Sente-se aqui do meu lado.

Eu olhei para o lugar vazio ao lado dele e não resisti à oportunidade de poder ficar mais perto. Obedeci a ordem dada e apenas com o olhar ele me instruiu a dizer a verdade.

— Eu sinto que não estou chegando a lugar nenhum com essas aulas. Nosso noivado é daqui a dois dias. Eu nunca vou estar

pronta! — expliquei vagamente, cruzando os braços e permiti que minhas costas encontrassem o encosto do sofá.

— Eu sou um professor tão ruim assim? — ele questionou, um pouco intrigado, semicerrando os olhos, tentando me intimidar.

— Não é isso! — Parei para pensar um pouco e então aproveitei a deixa. — Quer dizer, eu já tive professores melhores, é verdade.

— Ah, então é assim que você me retribui, caríssima Princesa Anne?

Eu me derreti inteira ao ouvi-lo me chamar daquela maneira. Era errado eu achar fofo demais? Ser a Princesa de Edwin não parecia ser tão penoso.

— Perdoe-me, mas o senhor me pediu sinceridade em todo o tempo — respondi com cordialidade. Em seguida, peguei os papéis onde estavam os esboços dos nossos estudos. — Nada disso é muita novidade para mim.

Edwin ergueu a cabeça e me lançou um olhar como de um pai quando reprova o comportamento do filho travesso, o que acabou me levando a rir ao invés de temer.

— Por que, então, estamos perdendo tempo com isso? — ele indagou com muita seriedade.

Mordi o lábio e fiz minha melhor cara de cachorro pedinte.

— Primeiro — eu enumerei nos dedos as minhas motivações —, porque eu amo a história de Cibele e é maravilhoso ver você falando sobre esse assunto, tão compenetrado e fofo. Segundo, porque assim podemos ter um tempo juntos. Na correria desses dias eu mal consigo ver você e essa é uma ótima desculpa para burlar nossas obrigações. — Edwin sorriu. — Por último, eu estava esperando que no meio de tudo isso aí, você revelasse ou confirmasse para mim algum dos segredos sombrios da família Hawis.

— Então, como eu não trouxe nada novo, você está desanimada com meus ensinamentos? Por esse motivo não está achando suas aulas produtivas?

— Não! — Neguei com a cabeça muitas vezes e apertei minhas mãos sobre o colo. — Não é isso.

Assumindo uma postura de derrota, soltei o ar de uma só vez. Claro, aquela era de longe uma maneira elegante de me comportar e isso me lembrava ainda mais meus contratempos. O problema era que eu não sabia como abordar o assunto com Edwin.

— Anne, seja clara, por favor — ele pediu, tocando na minha mão.

— É a Helena! Pronto, é isso. Ela, obviamente, não gosta de mim...

— Ah! — Ouvindo minhas poucas palavras, ele abandonou a expressão preocupada. — A Helena parece não gostar de ninguém, essa é a verdade. Não é algo pessoal, é o jeito dela de ser. Porém, é uma excelente profissional, trabalha há muito tempo com nossa família. Basta relevar os modos rudes e terá muito a ganhar com os ensinamentos dela.

— Esse é o problema! Eu não estou chegando a lugar nenhum. Ela insiste em focar em assuntos irrelevantes quando temos tão pouco tempo. E, pior, se eu tenho uma dúvida ou quero esclarecer algo, ela não me permite perguntar ou simplesmente ignora minhas palavras. — Eu estava começando a ficar chateada demais com aquilo, e ver que ele não levava muito a sério o que eu relatava não ajudava muito. — Não estarei pronta para o baile.

Eu estava esperançosa de que a tal Georgia chegaria a tempo antes da festa do noivado e substituí sse a minha professora carrancuda, mas fui informada que os planos tinham mudado e Helena quem assumiria as aulas até o noivado. A minha sorte era que Milena, Rachel e Samovier passaram a me ajudar como podiam durante os poucos intervalos que eu tinha.

— Anne — ele falou num tom carinhoso —, é normal você se sentir pressionada, já conversamos sobre isso antes. Aconteça o que acontecer, estarei do seu lado, tudo bem?

— Tudo bem — murmurei, sem muita convicção. Pela expressão dele, eu entendi o recado. Me corrigi e respondi um pouco mais enérgica. — Ainda bem que eu tenho você!

Ponderando bem cheguei à conclusão de que seria melhor não expor outra vez meus argumentos e ficar sobrecarregando Edwin com mais problemas. Eu mesma estava intrigada e com medo de que minhas ideias sobre a indiferença da Helena em me

ensinar fossem meramente coisas da minha cabeça. Porém, ao me lembrar das últimas aulas e da maneira como ela havia me ignorado, eu não conseguia deixar para lá. Ela estava me impedindo de aprender o que era necessário.

— Agora, me diga, o que você quer saber sobre o passado obscuro da monarquia? — Edwin perguntou, fazendo graça das minhas expectativas sobre a dura e efetiva realidade da vida dos nossos líderes.

Retomando a minha animação habitual, imaginando a possibilidade de descobrir alguns segredos e assuntos proibidos, esfreguei as mãos tentando conter minha agitação.

— É verdade que o Príncipe Baker não era filho do Rei Richard? — perguntei, animada, sobre uma das minhas maiores suspeitas em relação aos antepassados da minha nova família.

Edwin olhou em direção ao guarda de prontidão na porta há alguns metros de nós antes de falar num tom mais baixo.

— Há uma grande especulação em cima desse delicado assunto. Contudo, o fato de Baker ser o último na sucessão ao trono, o oitavo filho, ninguém investigou mais a fundo a hipótese — Edwin respondeu, tentando segurar o riso. — Mas é fato que o rei não era mais um jovem rapaz quando o Príncipe foi gerado e dizem as más línguas que o menino era a cara do guarda pessoal da Rainha.

— Eu sabia! — Bati as duas mãos e fiz uma das minhas dancinhas com os ombros e braços, contando vantagens por ter desconfiado da verdade. — Nós sempre debatíamos esse assunto na faculdade e eu sempre soube quem era o verdadeiro pai.

— É especulação — Edwin declarou rindo de mim. — Nunca foi investigado e não devemos afirmar nada se não pode ser comprovado, além do mais, faz tantos anos desde a morte de Richard e do próprio Baker, que não tem sentido trazer o assunto à tona. Ninguém se orgulha do pecado da infidelidade manchando o nome da nossa família. E, também, até onde se sabe é o único caso provável de adultério. Nós levamos a fidelidade muito a sério. — Ele deu uma pausa e me ofereceu um meio sorriso brincalhão. — Sobretudo, eu.

— Você é perfeitinho demais para conseguir fazer alguma coisa errada — zombei e aproveitei que ele estava relaxado e me aproximei mais, deitando minha cabeça no ombro dele. — Eu confio em você.

— Qual a próxima pergunta?

— Posso perguntar qualquer coisa? — Ergui a cabeça por um momento. A expressão dele entregou sua curiosidade e ele assentiu. — Qualquer coisa mesmo? Até da monarquia atual?

Edwin franziu a testa e me encarou tentando descobrir de antemão qual o teor da próxima pergunta. Percebendo que ele não havia negado meu pedido, resolvi arriscar.

— O que aconteceu entre seu irmão e a Cloe?

Edwin já deveria estar esperando o dia que eu faria aquela pergunta. Com tranquilidade, ele olhou para nossas mãos unidas e começou a fazer carinho na palma da minha mão com o polegar dele.

— Lembra-se de quando você me perguntou, na biblioteca, se o casamento deles tinha sido um acordo?

— Claro! Nunca vou me esquecer desse dia — respondi, apaixonada, já que aquele foi o nosso primeiro contato mais íntimo.

— Há algumas coisas a mais por trás dessa história.

— Estou ouvindo e muito curiosa! — declarei sem conseguir me conter. Ele me olhou de soslaio antes de começar a contar o caso complicado do herdeiro do trono.

— Elliot sofreu a mesma pressão que eu e Esra. Aliás, bem mais, uma vez que ele precisava de uma esposa para assumir o trono. Meus pais não deram sossego até conseguir encontrar uma pretendente para ele. Ele era um pouco parecido com Esra, porém, sabia deixar seus atos encobertos.

— O Príncipe Elliot? — Arregalei os olhos. Apesar do jeito despojado, ele nunca havia tido fama de mulherengo, nunca soube de nenhuma prova sobre atos libertinos dele.

— Ele era terrível, estava sempre envolvido com alguma mulher. Elliot é muito astuto. Eu oro muito para que ele use isso para Deus e para o bem da nossa nação.

— A Cloe sabe disso?

— Não sei bem até onde ela sabe. Aliás, ninguém, além da nossa família e uns poucos funcionários de confiança, sabem do que vou te contar. É uma história complicada demais para correr o risco de vazar.

— Ah, não! Você sabe me deixar curiosa. — Afastei-me um pouco de Edwin e segurei em seu braço. — Eu prometo não revelar para ninguém.

Ele deu uma risadinha ao perceber minha empolgação, então, para minha surpresa, abriu os braços me convidando para um abraço. Aceitei a oferta, claro.

— Eu não quero que haja segredos entre nós. Você será minha esposa, então, eu não me importo em dividir isso com você. — Ele apertou os braços um pouco mais antes de me soltar.

— Eu vou me lembrar disso, viu?

— Sei que vai.

Ele tocou na minha bochecha, mas depois se afastou um pouco, mudando sua posição no sofá.

— Meus pais sugeriram o relacionamento dele com Cloe. Por ela ser princesa do Reino Integrado, fortaleceria mais nossos acordos políticos. Elliot estava saturado de tantas cobranças e eu o entendo nesse ponto. Quando ele a conheceu, não preciso explicar por que ele se impressionou com a beleza dela. Resolveu se aproximar, para conhecê-la melhor e tentar apaziguar os ânimos dos meus pais. Eu sei que Cloe se apaixonou e eles se envolveram. Não sei por quanto tempo, nem como as coisas aconteceram, mas a Cloe engravidou.

— O que? — Levei as duas mãos até a boca, impressionada por nunca sequer ter imaginado aquilo. — Como ninguém soube disso?

— Já havia especulações sobre um possível relacionamento entre eles, fato que meus pais não fizeram questão nenhuma de desmentir. Além do mais, é difícil suspeitar dos casamentos relâmpagos acontecendo na realeza. Já é tradição, breves noivados como o nosso. O deles aconteceu ainda mais rápido, embora poucos soubessem as motivações por trás.

— Estou com medo de saber o resto da história. Seu irmão não tem cara de quem aceita numa boa uma imposição como essa.

— Ele não teve nem escolha, precisou arcar com as consequências. Seria um escândalo grande demais e uma falta de caráter se ele a abandonasse grávida. Mas, olha, ele até ficou bem tranquilo. Aceitou o futuro imposto, parecia se agradar da Cloe e os dois teriam um filho. — Edwin pensou um pouco antes de afirmar: — Eu acho que ele gostava dela de verdade. Não foi algo sem sentimentos envolvidos.

— Você fala no passado, como se ele não gostasse mais.

Pelo pouco contato que eu tive com os herdeiros, eles pareciam sempre frios e distantes um com o outro, muito embora a Princesa olhasse para o marido com um olhar triste, mas apaixonado.

Mas a Rainha não cobrava sempre o casal por um herdeiro? Naquela altura não foi difícil compreender que a Cloe não gestou uma criança, já que não havia nenhum filho.

— Duas semanas depois do casamento, a Cloe teve um aborto espontâneo. Foi um duro choque de realidade para eles. — Edwin respondeu meus questionamentos silenciosos. — Ela sofreu muito, e Elliot, embora tenha parecido não se importar, sofreu também. Eu o conheço o suficiente para perceber o baque na vida dele.

— Que tristeza!

— Mas não para por aí. Elliot, abalado pela perda do bebê, se convenceu de que ela o enganou para poder se casar. Eu não sei de onde ele tirou isso, pois estavam juntos quando ela passou mal. Mas como é um cabeça dura, ele acreditou em si mesmo. — Edwin reprovava muito a atitude do irmão. — Meus pais ficaram preocupados com a acusação dele, entretanto, o médico do palácio ratificou o aborto espontâneo, mostrou todos os exames realizados, inclusive a ultrassonografia atestando a morte do feto. Foi uma triste fatalidade.

— Não deve ter sido fácil para eles.

— Não, não foi. E isso gerou muitos problemas no casamento deles.

— E esse aborto afetou a possibilidade de ela ter filhos? — perguntei, afinal, já haviam se passado anos e nada de um herdeiro.

Edwin negou com a cabeça.

— Não. Ela foi submetida a uma infinidade de exames e consultas e não foi constatada nenhuma anormalidade, nada que possa interferir na possibilidade de outra gestação. Contudo, como ela não engravidou desde então, isso me leva a crer que meu irmão ainda está, de alguma forma, punindo-a pelo que aconteceu.

— Isso soa tão cruel!

— Infelizmente, Anne, Elliot não quer voltar sua vida para Deus — Edwin lamentou e deu um suspiro cansado. — Ele confia em si próprio e vive de acordo com sua vaidade, ainda que seja um homem de boa moral. Sem Cristo, é difícil crer que o casamento deles dará certo.

— Você acha que ele é infiel? — falei sem pensar na ousadia da minha pergunta.

— Acredito que não. Ele não seria idiota a esse ponto. Não, não seria. Ao menos juízo na cabeça ele tem. — Ele pensou um pouco e balançou a cabeça com a expressão de incerteza. — Ninguém sabe o que se passa entre eles.

— Ela o ama, mesmo ele a desprezando. Eu vejo nos olhos dela.

Ele moveu a cabeça em afirmativa, concordando comigo.

— Eu acho que ele também gosta dela. Porém, é orgulhoso demais para reconhecer o próprio sentimento.

— Vamos orar por eles!

Tendo tomado conhecimento da triste história, consegui entender por que a Princesa era sempre tão discreta e o casal não era flagrado junto, as aparições eram sempre no âmbito dos compromissos oficiais. Era óbvio que para as câmeras Elliot comportava-se como um marido exemplar, entretanto, só Deus sabia o que de fato acontecia na intimidade do casamento.

Compadecida com a história da minha futura Rainha e quase concunhada, fixei uma nota mental para me lembrar de orar por ela. Eu estava pensando nisso, quando algo me ocorreu.

— Espera aí! — eu exprimi, me levantando em um sobressalto, as mãos para o alto. — Se seu irmão continuar com essa ideia absurda de não fabricar um herdeiro, então... — Apontei para Edwin, depois para mim. — Você seria o próximo? Assim, seu destino seria ser o Rei e eu a Rainha?

— Sim — ele respondeu com naturalidade. — Eu, depois nosso primogênito e assim sucessivamente. Na verdade, se Elliot morresse agora e a Cloe não estivesse grávida, eu herdaria o trono.

— Meu Deus! Não sei se eu quero isso! — Balancei as mãos muitas vezes, num movimento frenético, como se pudesse afastar aquela ideia absurda. — Não mesmo!

— Acalme-se! Elliot não é burro e sabe dos deveres dele como sucessor. Isso é uma infantilidade sem tamanho da parte dele, mas, na hora certa, ele vai cumprir com sua obrigação. — Edwin se levantou também e segurou minha mão. — Não se preocupe. Você não vai se tornar Rainha do dia para a noite. Numa pequena probabilidade de isso acontecer, meu pai e meu irmão teriam que morrer nas condições atuais. É muito improvável que aconteça.

— Eu não quero que eles morram!

— Nem eu — ele retrucou achando graça da forma que eu expus. — Não se preocupe, minha Princesa. Daqui alguns anos, meu irmão encherá a casa dele de crianças e nós poderemos criar nossos filhos longe da tensão de um dia serem o governante da nossa nação.

— Assim eu espero!



Capítulo 21

Capítulo 21

Eu sustentava a coluna ereta, tentando ao máximo manter a elegância requerida, mas era difícil, uma vez que Helena criticava todos os meus movimentos. Quando eu consertava a cabeça, ela exigia que mudasse a posição das pernas. Depois, implicou com meus braços para, em seguida, com certa ironia, afirmar que uma lady não dava passos tão largos.

Contei até dez em silêncio, pensando em como estávamos perdendo tempo com o baile prestes a acontecer no dia seguinte. Embarcaríamos para Hawis e eu ainda não tinha ideia dos protocolos a serem cumpridos porque ela teimava em implicar apenas com minha postura, me tratava como alguém sem importância e se recusava a me responder quando surgia uma dúvida.

— Então, você deve permanecer sempre atrás de todos os membros da realeza — ela explicou, caminhando à minha frente, colocando-se no lugar da Rainha. — Lembre-se sempre da expressa subordinação à sua autoridade. — Ela continuou andando até estar próxima de uma cadeira colocada ali para representar a

figura do monarca. — Quando chegar junto ao Rei Edmund, mantenha o olhar sempre baixo.

— Eu tenho uma pergunta, Helena — expressei com humildade e ela parou de imediato, ainda de costas, demonstrando a falta de paciência por eu interrompê-la outra vez. — Se em alguma ocasião, como será no nosso casamento, o Rei ou os Príncipes do Reino Integrado estiverem ao lado, eu preciso seguir os mesmos protocolos?

Helena suspirou irritada.

— Eu me recuso a responder essa pergunta! A senhorita precisa... — Helena se virou rígida, entretanto, conteve-se, titubeou por um instante e seu rosto ficou branco como a neve. Terminou se inclinando em uma reverência.

Também me virei de súbito e encontrei Edwin com as costas eretas, o olhar altivo e a postura inflexível. Ele caminhou determinado até chegar ao meu lado, sem desviar os olhos de Helena.

— Na verdade, querida — só então Edwin me deu atenção e respondeu com firmeza —, nós mantemos a cordialidade e fazemos uma pequena mesura como sinal de respeito, ainda que de fato não seja obrigatório.

— Obrigada — respondi, feliz por ele ter aparecido quando eu estava prestes a presenciar mais um ataque de Helena.

— Alteza, não sabia que o senhor nos daria a honra de participar da aula de hoje. — Helena se recompôs com agilidade, como se nada tivesse acontecido.

— Apenas vim buscar minha noiva — ele respondeu sem nenhum interesse em dar satisfações a ela e eu senti alívio por poder fugir daquela aula cansativa e nada produtiva.

— Claro — ela assentiu e meneou a cabeça.

Edwin olhou para mim, estendeu o braço e com certa ironia, esclareceu:

— A partir de agora, sempre, quando estivermos caminhando juntos, você deve estar ao meu lado esquerdo. Não atrás, mas bem aqui — ele esclareceu demonstrando o meu lugar de honra.

— Sim, senhor! — Segurei no braço dele, não vendo a hora de sair dali.

Sem nenhuma palavra a mais, ele me tirou da sala e pegou o caminho para o seu escritório. Havia um silêncio tão grave entre nós que me intimidou e me impediu de pedir explicações. Apenas quando entramos na sala vazia, depois dele me instruir a sentar na cadeira em frente à mesa, me atrevi a dizer algo.

— O que houve?

Edwin deu a volta na mesa, se sentou, encostou-se à cadeira, uniu as mãos em frente ao rosto com um dedo tocando os lábios. Sua feição distante e reflexiva me deixou ainda mais intrigada. Como alguém que viaja para outro mundo e retorna em segundos, ele reagiu e pegou alguns papéis na mesa.

— Precisamos resolver alguns assuntos com urgência — ele pronunciou circunspecto.

— Tudo bem — falei num fio de voz.

Sem delongas, Edwin explicou detalhadamente como aconteceria nossa primeira aparição pública, no aeroporto. Apesar da nossa foto no dia do baile estampar a maioria dos jornais de Cibeles, junto com diversas especulações se eu seria a escolhida do Príncipe *série e reservado*, além das revistas de fofoca que conseguiram em primeira mão informações confidenciais de um suposto baile de noivado, nossa união não tinha sido oficializada formalmente para o público.

Eu reparei a seriedade do meu noivo explicando sobre os procedimentos de segurança, como eu deveria agir em frente a população e não falar com a imprensa. Depois, deu alguns detalhes sobre o baile e eu percebi como ele aparentava estar indisposto, tão diferente do que eu estava acostumada a ver.

— Está claro para você? — ele indagou e eu me senti uma insubordinada devido ao tom de voz empregado por ele.

— Sim — respondi em monossílabo, sem compreender o porquê daquela frieza comigo.

Cruzei as mãos e desviei meu olhar para os meus pés, buscando um interesse na fivela de meu sapato. O silêncio intruso pairou sobre nós e, por um momento, eu estranhei aquela sensação de distância.

— Temos mais um assunto para tratar — ele falou ainda um pouco incomodado.

Levantei o olhar me sentindo sufocada.

— O que está acontecendo? Eu fiz algo errado?

Edwin franziu a testa e arqueou a sobrancelha, tornando sua expressão ainda mais carrancuda.

— Você está distante, sério, parecendo nervoso e insatisfeito.

— Estou chateado, só isso. Mas não é com você — justificou.

Eu senti o clima tenso. Embora ele afirmasse não estar bravo comigo, não encontrei liberdade para fazer mais perguntas. Prefiri ficar calada, esperando-o me mandar sair da sala. Porém, ele se levantou e caminhou até a porta, convidando Oliver a entrar.

Meu irmão cumprimentou Edwin com cordialidade e depois beijou o topo da minha cabeça, encontrando no meu rosto apenas um sorriso fraco dedicado a ele. Depois de se sentar ao meu lado, ele aguardou Edwin voltar para o seu lugar.

— Oliver me fez um pedido e ele quer revelar a você os planos dele.

— Hum... O que você aprontou? — questionei, cruzando os braços, tentando desviar aquela sensação ruim de antes.

— Na verdade, o que eu quero aprontar. — Oliver me ofereceu seu sorrisinho de irmão prestes a cometer um delito. — Edwin me convidou a fazer parte da Polícia Real Secreta, e já não é novidade para você meu desejo de estar trabalhando em prol da nossa amada Cibele.

— Hum...

— Essa semana, enquanto você se preparava, eu também fiz o mesmo. Tive algumas aulas e participei de umas reuniões.

— Oliver tem aptidão, está claro para toda a equipe. Ele consegue avaliar os esquemas de segurança com uma destreza peculiar — Edwin explicou ainda muito sério, mas encheu meu coração de orgulho pelo meu irmão.

— Destreza de um adolescente rebelde que sempre gostou de desvendar mistérios — Oliver falou com diversão, me cutucando por pegar no pé dele quando aprontava.

— Eu espero, então, que seu cunhado coloque você para trabalhar ao lado da Princesa, protegendo-a de todo tipo de perigo — discurssei tentando fazer uma pressão psicológica em tom de brincadeira.

Os dois se entreolharam e ficaram em silêncio. Eu percebi que não seria como eu pensava, inclusive antes de Edwin esclarecer.

— Na verdade, ele precisará ir a Hawis, passar por um treinamento intenso por algumas semanas.

Voltei-me para Oliver com a expressão em choque, pensando como conseguiria ficar longe dele, principalmente naquele momento de tamanha mudança da minha vida.

— Eu não vou abandoná-la — Oliver falou ao compreender meus anseios. Segurando minha mão, buscou meus olhos. — Mas eu quero muito isso. Você vai formar uma família e eu preciso seguir meu caminho, buscar construir o meu futuro.

Engoli em seco. Mesmo querendo ignorar a verdade, eu precisava admitir que ele estava certo. Não poderia impedir Oliver de viver sua vida, mantendo-o eternamente debaixo das minhas asas. Ele não era mais uma criança. Soltei a mão dele e virei meu rosto para o outro lado, tentando digerir aquilo. Eu sabia que isso aconteceria um dia e não demoraria, contudo, era difícil pensar em quebrar nosso vínculo de imediato e tão bruscamente.

— Eu te amo, Anne. Estarei sempre ao seu lado, mas preciso desse tempo agora. É importante para mim correr atrás da minha independência, construir minha própria história. Por mais que você não tivesse se tornado Princesa, uma hora ou outra isso aconteceria. Essa oportunidade é algo que eu sempre sonhei, não posso desperdiçá-la. E o fato de estarmos afastados não vai mudar nossa união. Olha para mim, minha irmã.

Relutante, ergui a cabeça e movi o olhar, pensando em como Oliver havia se tornado um homem tão de repente.

— Eu sempre serei seu irmão mais novo chato e você sempre será minha irmã-mãe. Tudo bem?

Eu concordei e Oliver me abraçou de um modo como nunca havia feito. Ficamos por um tempo unidos, desfrutando daquele momento só nosso, que provavelmente se tornaria mais escasso a partir de então. Ainda emocionada, me esforcei para parecer interessada enquanto eles me relatavam como seria parte do treinamento dele. A ideia inicial era aproveitar o nosso casamento para inseri-lo nos bastidores do esquema de segurança para a

cerimônia, por isso a pressa em capacitá-lo para tal evento. Depois ele continuaria com os treinamentos e estudos.

— Mas não se preocupe, Oliver sempre terá um quarto à disposição no Palácio. Se ele mudar de ideia e quiser voltar, nós o receberemos — Edwin falou e eu percebi como estava menos severo.

— O quarto será útil para quando eu quiser fazer uma visita — Oliver declarou convicto de sua decisão e se levantou. — Se estamos resolvidos, eu já estou de partida. Vejo vocês em Hawis amanhã.

— Você não vai com a gente? — Fiz um biquinho sentido.

— Não, vou partir ainda hoje.

Rendida, me levantei para me despedir. Depois de me abraçar e receber uma série de instruções da minha parte, inclusive para tomar juízo, Oliver cumprimentou meu noivo, agradeceu novamente pela oportunidade e se retirou.

Acompanhei meu irmão com o olhar até ele sumir das minhas vistas. Me virei em direção a Edwin, mas não me sentei. Estava muito incomodada com a postura dele para desejar permanecer.

— Eu vou também. Helena deve estar me esperando muito nervosa.

O semblante de Edwin denunciou sua insatisfação mais uma vez. Sem entender o que estava acontecendo, fiquei indefesa diante dos olhos aflitos dele. Depois de pigarrear, ele se sentou e abaixou a cabeça, se concentrando nos papéis em cima da mesa.

— Creio que será melhor finalizar suas aulas com a Helena. Soube que sua equipe tem te auxiliado, talvez você prefira receber ajuda de Milena e Samovier, embora elas não sejam as pessoas mais apropriadas para isso.

—Sério? Seria maravilhoso! — respondi, batendo palmas de contentamento e provoquei um sorrisinho nos lábios dele, me fazendo derreter por vê-lo um pouco menos carrancudo. — Posso ir agora?

Ele assentiu.

— Vou comunicar a ela nossa decisão.

Mal esperei ele terminar de responder, dei a volta na mesa para me aproximar. Com um sorriso pedi permissão para dar um

beijo no rosto dele em agradecimento e obtive sucesso. Depois de demonstrar meu afeto, eu admiti:

— Faz parte do plano não ter essas reações excessivas — eu disse e Edwin segurou minhas mãos. — Entretanto, na sua frente eu posso me manifestar corretamente, de acordo com minhas necessidades.

— Sempre, querida. Sempre.

Me senti menos afetada depois daquele pequeno gesto de carinho por parte dele e, mesmo intrigada, resolvi correr para o meu quarto tentar recuperar o tempo perdido e aprender algo.

Milena se encontrava nos meus aposentos, auxiliando Rachel na organização das minhas roupas.

— Meninas, excelentes notí cias! Eu fui poupada das aulas com Helena e Edwin orientou que vocês me ajudassem — falei afobada me encostando em uma das prateleiras do closet.

— Que boa notí cia, Anne — foi Rachel quem se pronunciou primeiro.

A jovem era muito simpática e logo criamos um vínculo afetivo. No pouco tempo de convivência nos tornamos amigas e isso era precioso para o desenrolar de um bom trabalho entre nós. Rachel era quem me contava as coisas mais interessantes acerca da Realeza em geral. Ela estava a par das mais diversas histórias sobre a nobreza.

— O Príncipe é um homem sábio, Alteza — Milena, com sua seriedade característica, disse com exatidão. — Ele sabe o que é melhor para a senhorita.

— Engraçado — toquei em um lindo vestido azul que estava separado para a viagem —, quando eu contei a ele sobre a falta de dedicação de Helena, aparentou não acreditar. Contudo, deve ter visto com os próprios olhos toda a humildade dela como professora.

Divaguei por um instante, imaginando se esse era o motivo do distanciamento dele no escritório, mas logo me agitei por dentro e voltei à minha espontaneidade.

— Não importa! Amanhã será o grande dia e eu estou muito nervosa!

— Você se sairá bem, tenho certeza! — Rachel me incentivou. — Não tenho dúvidas de que todos amarão a nova

Princesa.

— Você é uma fofa! O Senhor tem sido bom comigo.

Nós ouvimos uma batida forte na porta. Samovier entrava logo depois de bater, e como isso não aconteceu, Milena se prontificou a ir receber seja lá quem fosse. Eu permaneci no closet com Rachel, mas, ouvindo um burburinho na entrada, saí para ver o que estava acontecendo.

— Ah, Anne! — Era Zac. Ao me ver, deu um passo para dentro dos meus aposentos.

— É Alteza — Milena o corrigiu de maneira ríspida.

Zac segurou um sorriso e ignorou a menina, contudo, fez uma reverência bem exagerada para mim.

— Sua Alteza Real, Príncipe Edwin Hawis me pediu para repassar com você todos os seus passos de amanhã.

— Ah, Zac, eu estou muito ocupada agora. Tenho pouco tempo para terminar minha preparação. Edwin não te informou?

Samovier, nesse momento, apareceu na porta toda alegre. Ela aparentava ter gostado da novidade, principalmente porque foi ela quem ouvia meus lamentos sobre as aulas e sabia que eu não estava exagerando. Parei, pensando em como resolver aquele problema e me vi como uma Princesa precisando tomar decisões, ainda que de pequeno porte como era aquela.

— Eu vou com sua mãe e você passa tudo para Milena. Amanhã ela estará comigo e me auxilia no que for necessário.

O semblante de Milena murchou imediatamente. Entretanto, Zac parecia mesmo estar se divertindo com minha decisão.

— Será uma honra, Alteza. Irei deixar a senhorita Milena a par de tudo.

Sem me dar conta de como havia algo errado entre aqueles dois, eu segui Samovier até uma sala e sem demora começamos o trabalho árduo para recuperar o tempo perdido da semana. Samovier não tinha cursos e, de fato, não era a pessoa mais capacitada para me instruir, mas tinha boa vontade, conhecia de perto a Realeza, já que servia há tantos anos no Palácio. Milena apareceu pouco depois, com um pouco de mau humor, mas também foi muito útil. Ela chegou com uma lista cheia de anotações e um livro que serviram de grande auxílio. Neguei acompanhar meu noivo

no jantar e nós aproveitamos a refeição reservada para repassar mais alguns conceitos à mesa.

No final daquela noite, já era tarde quando eu me deitei na cama exausta, pensando em como os dias haviam passado tão rápido e meu noivado, no dia seguinte, marcaria um novo tempo em minha vida. E foi apegada à parte romântica da história que adormeci, considerando o grande presente que eu havia recebido como dádiva do Senhor. Apesar do pequeno momento de distanciamento e estranheza com Edwin naquela tarde, eu estava muito feliz pelo caráter do meu futuro marido, e ele ainda continuava sendo a melhor parte.



Capítulo 22

Capítulo 22

Olhei para a entrada do aeroporto de Kent através do vidro escuro da janela e segurei a respiração por alguns segundos. Minhas mãos suadas estavam unidas sobre meu colo e eu as apertava com força num ato involuntário. A hora havia chegado e eu teria que colocar à prova, pela primeira vez, minha capacidade de me relacionar com o público. Eu seria minuciosamente estudada. Qualquer atitude minha renderia motivos para julgamentos, fossem eles bons, fossem ruins.

Não é fácil colocar-se à disposição da crítica, ser exposta como uma obra de arte inédita, para as pessoas contemplarem e darem o veredito se era do agrado delas ou não. Com certeza, no mundo havia uma infinidade de pessoas que não gostariam de estar no meu lugar — e, lamentavelmente, suspeito que eu fazia parte desse grupo.

Edwin tocou minha mão. Eu me agarrei à dele, buscando apoio. Ele também parecia um pouco tenso, e isso me deixou mais apavorada. Ele tinha aquela maneira singular de esconder seus sentimentos — algo que eu precisava aprender com urgência — mas estava muito concentrado e com o rosto rígido.

O carro parou.

— Está na hora — apenas essas palavras ditas com um pouco de cautela prosseguindo um aperto em minha mão.

Eu o encarei com as sobrelanceiras erguidas, esperando alguma coisa a mais. Palavras de apoio seriam bem-vindas, afinal.

— E se eu fizer tudo errado? Você me conhece. Eu estou com medo, Edwin.

Era isso, eu estava com medo. Criando suposições em minha mente sobre situações que poderiam ocorrer, mas pelas quais eu teria ao menos me preparado para tentar evitar. Lembrei-me das palavras de Spurgeon: “Nossos medos infundados são nossos principais algozes”.

Ponderei se meus medos eram ao menos razoáveis.

Eu estava prestes a encarar algumas mulheres cibelianas descontentes por terem a possibilidade de tornarem seus sonhos de princesa real jogadas no mar do esquecimento. E o fã clube do Príncipe do meio não era pequeno, embora não chegasse perto do número de fãs do Príncipe mais novo. Muitas mulheres eram atraídas pelo jeito sério e respeitável do meu noivo. E eu não as culpava, pois também me chamava atenção. Mas isso não era suficiente para me paralisar.

Havia também o grupo opositor à monarquia, nem um pouco contente com as notícias de um casamento real, quando o maior desejo deles era manchar a dignidade da realeza, provocando insatisfação e não uma comoção geral, como era de costume numa recente história de romance. Contudo, a ideia era justamente ser útil ao meu país e era o que eu tinha decidido fazer.

E, claro, não poderia me esquecer dos repórteres de plantão, fazendo o possível e impossível para conseguir qualquer notícia sensacionalista. Tinha uma grande probabilidade de meus descuidos e falhas se tornarem notícias com repercussão nacional. Sim, essa era uma possibilidade real que acarretaria problemas futuros, mas eu não tinha nenhuma prova concreta de que ia cometer um deslize. Era apenas uma suposição. Eu deveria considerar esse temor e transformá-lo num impulso para dar o meu melhor.

— Quando eu ficar com medo, hei de confiar em ti [Z] — Edwin recitou o Salmo jogando luz aos meus questionamentos. — Você

não estará protegida de julgamentos. Não há como agradar a todos, mesmo se essa fosse sua intenção. Por isso, meu único conselho é, confie no Senhor, faça o seu melhor e seja você mesma.

— Então não preciso seguir aquela lista de protocolos? — inclinei minha cabeça e franzi a testa. — Porque se eu for eu mesma, adeus movimentos precisos e femininos.

Edwin riu com minha imitação de *I ady* acenando com o rosto moldado em um sorriso falso. Depois, nossos olhos se encontraram e eu agradei porque ele conseguiu me passar um pouco de segurança. Ele orou, pedindo graça do Senhor e deu dois toques na janela, indicando que estávamos *pr ont os*

As portas se abriram e nós saí mos do carro. Olhei ao redor em busca de Milena, mas não a vi. Zac se aproximou com tanto profissionalismo, que era impossível velum desavisado desconfiar de nossa amizade.

— Alteza, por favor, por aqui — Zac instruiu, tocando levemente minhas costas, indicando o caminho por onde deverí amos ir

Procurei por Edwin, mas ele estava ocupado ouvindo alguma coisa de seu assessor, ficando para trás. Segui Zac até uma sala reservada, onde Milena estava à minha espera, acompanhada de Rachel. Enquanto a primeira repassava comigo o esquema para a viagem, a segunda ajustava meu vestido e cabelos, dando alguma instrução sobre minha aparência. Algo como “não passe as mãos no cabelo” havia sido dito, mas eu achei uma informação desnecessária para minha cabeça guardar.

— Eu posso conversar com as pessoas? — Quis confirmar mais uma vez, evitando assim alguma atitude inapropriada. Milena levantou os olhos e parecia comovida com minha apreensão.

— Sim, mas não responda perguntas, principalmente de repórteres. Eu estarei ao seu lado, caso tenha algum problema — ela respondeu, bastante solí cita.

— Não se preocupe, *Anne* — Zac, que ouvia a conversa ao lado, disse e eu percebi o tom provocativo ao me chamar pelo primeiro nome enquanto olhava de relance para Milena. — Se for preciso, nós saberemos como agir.

Eu pude jurar que Milena estava se segurando para não revirar os olhos, mas, como excelente profissional, manteve-se firme, apenas conferindo o horário no relógio.

Eu me levantei, recusei água ou qualquer outra bebida e passei a andar pela sala, sem ter certeza se aquilo aliviava alguma tensão. Edwin entrou, acompanhado de Henri e Esra, os três concentrados enquanto conversavam.

Permaneci de longe, contemplando meu noivo ajustando o paletó do terno com os olhos focados no rosto do irmão. A cada dia ficava mais apaixonada e já conseguia identificar algumas manias dele, como a de enfiar a mão esquerda no bolso da calça enquanto rodava um dos botões de sua camisa quando estava ansioso. Sempre que arrumava a gravata, é porque se sentia pressionado e toda vez que conferia se o terno estava alinhado, ele estava se preparando para algo que o deixaria um pouco nervoso.

Caminhei até eles temendo interromper algum assunto particular, entretanto, Edwin sorriu quando me viu aproximar e estendeu o braço esquerdo, onde eu deveria me posicionar a partir de então.

Senti um frio na barriga e me lembrei de algumas situações que me fizeram ter a mesma sensação. Certa vez, antes de apresentar um trabalho na escola; quando mamãe me deixou cuidando sozinha da livraria pela primeira vez; quando precisei ter uma conversa com Oliver sobre assuntos delicados sem ter ideia de como fazê-lo; e ainda quando eu estava prestes a aceitar o pedido de Edwin. Eu sorri, pensando em como no final de cada uma dessas situações tudo havia corrido bem e minha apreensão pareceu boba depois.

Pensei no Senhor, que outorga graça e sabedoria a seus filhos quando eles precisam, e muitas vezes não as dá preventivamente, antecedendo as nossas necessidades. Sua graça é derramada na medida em que precisamos, no decorrer das dificuldades. Não havia por que ficar sofrendo de antemão. Se até ali Ele havia nos ajudado, eu precisava descansar Nele e em sua providência.

— Vamos? — Edwin indagou retórico e iniciou seu caminhar, sustentado sua famosa pose de *Príncipe poderoso*.

E eu? Parecia uma criança indefesa agarrada à manga da blusa do pai, tentando a todo custo se esconder de olhares curiosos. Respirei fundo, lembrei-me das aulas, inclusive da implicância de Helena com minha postura e ergui a cabeça e o olhar, pensando que aquela seria a minha melhor atuação. A menina medrosa seria vista como uma destemida mulher.

Havia dezenas de pessoas se espremendo ao lado de duas bases de ferro que formavam um corredor extenso no caminho até a área restrita do embarque. Era real. Todos estavam ali para conhecer a nova e futura Princesa de Cibele, já que alguém, a mando do Rei, deixou a notícia vazara para os jornais.

Quando percebi os olhares das pessoas, curiosos sim, mas também gentis e cheios de expectativas, compreendi algo que Samovier tentara me explicar. No geral, as pessoas tendem a se impressionar com a possibilidade de conhecer uma figura pública e sentiam-se agraciadas com a oportunidade. Depois, iriam repetir a história para os amigos e familiares, contar como receberam um olhar da Princesa, ou ouviram sua voz, sempre tendendo a exagerar um pouco mais.

E foi por isso que eu sorri. Meu rosto se iluminou e eu me dei conta de como estava sensibilizada, devolvendo acenos frenéticos e ouvindo meu nome sendo chamado. “Princesa Anne”, eles gritavam. Era hora de ser muito mais do que só um nome ou uma especulação de uma revista de fofoca.

— Princesa! — Uma jovem mulher, carregando uma criança no colo, tentava conseguir minha atenção. — Alteza, ela colheu para a senhorita!

Com um olhar, Edwin me encorajou a ir até onde a pequena dos cabelos encaracolados da cor de chocolate segurava um ramo de flores com a expressão inocente típica das crianças.

— Essas flores são para mim? — perguntei, exagerando na expressão de surpresa. A garotinha balançou a cabeça dizendo “sim”, contudo, não estendeu as flores.

— Entregue a ela, Ana! — a mãe instruiu, porém, antes que a menina pudesse obedecer, Zac se manifestou.

— Deixe-me trazê-la para cá — ele disse, estendendo o braço para a criança.

A pequena Ana foi carregada por cima da barra de proteção e colocada na minha frente. Eu me abaixei até ficar na altura dela e esperei, paciente, ela me explicar sobre seus planos em relação às flores.

— Eu colhi na casa da vovó! Essa — ela estendeu uma florzinha branca que se destacava das demais amarelas — é para o Príncipe Edwin. E essas outras para você, Princesa.

— Aposto que o canteiro da sua avó deve ser florido e perfumado. Acertei?

— Sim! Papai diz que vovó não tem mais onde plantar flores. — Como se fosse revelar um segredo, ela deu uma risadinha e com os olhos brilhantes contou: — Ela tem algumas plantadas até num penico antigo do Richard.

— Oh! Deve ser um penico bem cheiroso, então!

Nós duas caímos na gargalhada, sendo vigiadas pelo olhar orgulhoso da mãe da pequena. Trocamos mais algumas palavras, ela me contou que tinha quase 7 anos e que gostava de morangos. Uma cena e tanto para os fotógrafos de plantão. Depois, Zac devolveu a criança à segurança do colo da mãe. Eu me levantei e Milena se adiantou para pegar as flores, porém, eu não entreguei a branca, mantendo-a comigo, garanti:

— Não se preocupe! Essa eu vou entregar ao Príncipe!

— Obrigada, Alteza — a mãe agradeceu amável.

— Quando eu crescer, vou querer ser uma princesa também — a pequena Ana declarou sem receio de ter seus planos frustrados.

— Bem, então vamos garantir para que o Príncipe Esra continue solteiro até lá!

Por um instante, depois das palavras terem escapulado da minha boca, tive medo de como as pessoas receberiam minha resposta, imaginando a mulher contando aos vizinhos a falta de traquejo social da nova Princesa. Mas, ao ouvir as risadas ao nosso redor, eu ri junto, lançando um olhar para o meu cunhado preferido, que atendia alguns súditos — do sexo masculino — mais atrás.

Depois de agradecer o carinho das pessoas, me juntei ao meu noivo. Fiz um sinal para Ana e coloquei a pequena flor branca dentro do bolso frontal do paletó do terno de Edwin. Ele me olhou

inquisitivo, sem entender o motivo daquele novo enfeite se destacando em sua roupa preta.

— Guarde para mim, por favor.

Dei uma piscadela para a menina e continuei ao lado dele. Um pouco mais à frente, havia um bebê lindo vestido a caráter com a cor vermelha, destacando-se no meio dos adultos.

— Olha que lindeza, Edwin — falei baixinho, apontando com a cabeça aquele projeto de fofura.

— Sabe que eu não levo jeito com crianças, não é? — ele falou, já prevendo minha sugestão.

— Se vai ser pai dos nossos filhos, precisará aprender mais cedo ou mais tarde.

Vendo seus olhos arregalados e a boca parecendo se contorcer para não responder, eu fiz uma medida com a cabeça.

— Com licença, Alteza.

Uma coisa era certa, eu não sabia me conter quando o assunto era criança. Já me aproximei fazendo aquelas caras e bocas, utilizando uma voz desproporcional à minha idade, como se a linguagem para se conversar com bebê precisasse ser um tanto quanto infantil — e talvez idiota. Minhas brincadeiras provocaram a risada do pequeno, não resistindo as cosquinhas que, atrevida, eu ousei fazer em sua barriga. Aquela gargalhada infantil era deliciosa, e o bebê se empolgou tanto que a chupeta caiu no chão. Naturalmente, me abaixei e peguei o objeto, devolvendo-o ao pai babão. Perguntei a idade e o nome. A emoção foi certa ao descobrir que ele se chamava Paul.

Depois, Milena me convocou até a área restrita de embarque, onde Edwin já me aguardava. Deslizei minha mão pelo braço dele e uni nossas mãos.

— Foi mais fácil do que eu pensei. Não imaginei que seria recebida com tanto carinho assim.

Olhei para Edwin e as covinhas estavam lá. Ele também havia ficado satisfeito com nosso primeiro contato público e provou isso apertando meu nariz.

— Você temeu à toa, eu te disse que daria tudo certo.

Muito feliz, embarcamos no avião com Esra e com a nossa equipe. Terá amosuma recepção parecida no aeroporto de Hawis de

Cibele, a capital do país, a cidade onde o esplendoroso Palácio Real seria palco da festa de noivado e do casamento mais esperado do ano.

Edwin apontou para uma poltrona luxuosa e se sentou do meu lado. Havia uma pequena movimentação no avião, pessoas embarcando e outras trabalhando para a decolagem. Uma jovem mulher, vestida impecavelmente com um uniforme dos funcionários reais, se aproximou.

— Alteza, o de sempre? — ela questionou com a voz *mui t c suave* e um sorriso informal demais para meu gosto.

I sso é coi sa da sua cabeça, Anne. Não sej a neur ót i ca!

— Obrigada, Jeniffer — Edwin segurou minha mão. — Quer um chá, querida?

— Não, agora não. Obrigada.

A mulher foi atender o Príncipe Esra, sentado ao lado. Naquele momento de pausa, admirei o luxo da aeronave. Era diferente do que eu estava acostumada. As poltronas da área reservada para nós não estavam dispostas como em um avião comum. Parecia uma sala, com mesas de apoio. Edwin me contou que possuí a até mesmo uma suíte para uso privado dos membros da família real.

— Está tudo bem?

— Sim.

— Estava com o olhar distante.

— Estou um pouco cansada, só isso. Não dormi direito essa noite — confessei.

— Aproveite para dormir um pouco no caminho.

A porta do avião foi fechada. A aeromoça muito simpática chegou com um copo e uma garrafa de água para meu noivo, além de uma pasta vermelha elegante com alguns papéis dentro. Parecia que Edwin já esperava por ela, porque ele nem perguntou do que se tratava.

— Vamos decolar. Por favor, coloquem os cintos de segurança e permaneçam sentados — ela instruiu.

Eu estava um pouco tensa quando o barulho da turbina soou alto ao lado. Edwin abriu a pasta e folheou os papéis, passando o

olho no conteúdo. Reparei que ele franziu a testa enquanto lia e meus olhos curiosos percorreram a página do documento.

Hill Ward, George Ward, Barney Morgan. Aqueles três nomes estavam destacados e havia alguma palavra sem sentido logo depois na frente de cada um deles. Eu sabia que Hill era o Ministro do Governo de Mayn, mas não sabia quem eram os outros.

Edwin fechou a pasta e a colocou de lado, como se aquilo não tivesse alterado seu estado de espírito, porém, eu percebi que se tratava de algo sério.

— E lá vamos nós — ele disse quando o avião começou a andar, sentido a mão de uma noiva nervosa repousar sobre a sua.



Capítulo 23

Capítulo 23

Edwin foi um perfeito cavalheiro e nada disse sobre minha mão pressionando a dele. Eu só me atinei da minha atitude nada delicada quando contemplei algo parecendo um sorriso zombeteiro surgir nos lábios dele.

— Ah, me desculpa — eu pedi, soltando de imediato a mão do meu noivo e notando uma área avermelhada onde meus dedos tocaram. — Não devia ter apertado tanto. Você podia ter me alertado. — Suspirei. — Você vai aproveitar a viagem para me dar mais uma aula cansativa sobre exportação?

Ele conteve o sorriso e balançou a cabeça pensativo.

— Há outras coisas mais sérias a serem discutidas, na verdade.

— Há? — Imaginei o que viria a seguir. Eram tantas cobranças, não dava para prever o assunto.

— Ora, minha Princesa, estou muito preocupado com nosso futuro. Por exemplo, estou profundamente atormentado com a ideia de dividir minha cama com outra pessoa após o casamento. Estou acostumado a dormir me servindo de todo o espaço do colchão. — Ele parou para apreciar minha boca aberta, exasperada, e ponderou

com a testa franzida antes de sugerir: — Talvez você se acomode bem na poltrona.

— Se sua individualidade é tão preciosa para você, podemos aceitar a realidade e cancelar essa ideia maluca de casamento. Aliás, o senhor pode pedir ao piloto para dar meia volta, porque eu não vou renunciar às mordomias da vida de uma princesa, não. — Cruzei os braços, empinei o nariz e resmunguei — Dormir no sofá! Hunf.

— Você fica linda quando está nervosa, sabia? — Edwin afirmou, se inclinando em direção a minha poltrona. — Minha nova meta de vida será irritar você, todos os dias, só para ver essa sua expressão enraivecida.

Fui pega de surpresa e as palavras me faltaram. Ele bem merecia uma resposta adequada, mas quando pensei em como retrucar à altura, o beijo dele na minha face me fez perder de vez a voz.

— Você se importa se eu te deixar sozinha por um tempo? — ele perguntou com gentileza, considerando minha reação. — Eu preciso trocar algumas palavras com Esra.

Olhei de relance para o lugar onde o Príncipe mais novo estava e ele parecia aguardar Edwin se livrar de mim.

— Não, tudo bem. Vai lá!

Edwin desatou o cinto e pegou a pasta de documentos.

— Volto logo, eu prometo! Aproveite e descanse.

Esra e Edwin se retiraram juntos para uma espécie de gabinete particular. Os dois se encontravam bem apreensivos, alguma preocupação pairando sobre eles. Esra tinha uma fisionomia séria, diferente do costumeiro jeito descontraído.

Comecei a experimentar um pouco de ansiedade quando fui deixada sozinha. Todo aquele luxo ao meu redor tornava o local menos acolhedor e não ajudava muito na tarefa de me deixar mais à vontade. Ainda me considerava uma intrusa dentro do avião oficial da realeza de Cibele. Não conseguia me sentir parte daquilo, ainda que estivesse começando a me acostumar com o modo formal de me tratarem.

Olhei para a porta fechada da sala onde os dois Príncipes estavam em reunião. Havia algo estranho relacionado àqueles

papéis e àqueles nomes. Minha curiosidade aguçada me deixou ainda mais inquieta.

Decidi ir atrás de Milena e Rachel, na área dos fundos da aeronave. Talvez pudesse conseguir me acalmar na companhia delas. Elas sempre me faziam ver as coisas por outro ângulo. No caminho, passei pela cozinha. A aeromoça, Jeniffer, se assustou quando me viu.

— Alteza, a senhorita deseja algo? — perguntou, um pouco deslocada. — Não precisava vir até aqui, bastava me chamar e eu a atenderia prontamente.

— Ah, na verdade, desejo sim. Você pode preparar três chás pretos bem quentes e servir ali — instrui apontando para uma mesa um pouco mais à frente.

— O Príncipe Esra não toma chá preto, senhorita — ela me informou um pouco constrangida.

— Não, não é para ele. É para servir a mim, Rachel e Milena. Aliás, seria possível providenciar também alguns biscoitos? — pedi unindo minhas mãos.

— Alteza, quer que sirva a senhorita e suas funcionárias? — A aeromoça se mostrou impressionada. Estava claro seu desdém por minha atitude até pica.

Uma pequena indignação tomou conta de mim. Qual era o problema de eu me relacionar com pessoas queridas, apenas por que elas trabalhavam para mim? Eu estava prestes a iniciar meu falatório — e com certeza acabaria dizendo besteira porque me encontrava bem alterada e o sorrisinho dela para meu noivo ainda estava fresco na minha memória — quando me lembrei de uma conversa com Edwin naquela semana, no meio de uma das nossas aulas sobre política. Nós havíamos brincado sobre a maneira dele de conseguir fazer as pessoas se calarem e obedecê-lo apenas usando seu melhor olhar autoritário e sua postura rígida.

Respirei fundo, alinhei minha coluna, ergui a cabeça e imitei o olhar do meu Príncipe.

— Por quê? Alguma dificuldade de sua parte para entender minha ordem?

— Não, Alteza. Perdoe-me — ela pediu abaixando a cabeça admitindo sua falta. — Providenciarei tudo agora mesmo.

Mantive a expressão séria até me virar de costas para ela, então, eu ri, um pouco abismada, refletindo sobre o poder que foi colocado nas minhas mãos. Eu estava começando a gostar do conceito de ser uma Princesa.

Atravessei a porta divisória entre a cozinha e a parte traseira, onde os assentos eram semelhantes aos de um avião comum, e lá viajavam os funcionários. Zac se levantou quando me viu.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não se preocupe! — Movi a mão no ar buscando parecer desafetada. — Apenas vim pedir a Milena e Rachel para me acompanharem no chá.

Fui até a poltrona onde as duas mulheres descansavam e fiz meu convite. Elas também se manifestaram surpreendidas.

— Ah, qual é? — Coloquei as mãos na cintura e balancei a cabeça. — Não sei por que esse espanto todo! Até parece que vocês já não sabem que eu não sou uma princesa comum. Venham logo — ordenei fazendo um sinal com as mãos.

Milena e Rachel não ousaram me desobedecer. Eu indiquei as cadeiras onde elas deveriam se sentar. Um pouco depois, a jovem aeromoça serviu nossos chás e agora muito atenciosa, trouxe uma bandeja repleta de biscoitinhos diversos para degustarmos juntas.

— Graças a Deus! Estou faminta — Rachel se adiantou se servindo de um biscoito e recebeu um olhar severo de reprovação da Milena.

— Deixe-a, Milena. — Empurrei a bandeja para mais perto de Rachel e sorri. — Nós já nos tornamos amigas e não suporto vê-las retraí dasperto de mim. Até onde sei, vocês estarão comigo por um longo tempo e espero que ele seja agradável para todas nós. — Peguei um biscoito e apreciei o cheiro do chá quente. — Deliciem-se com a parte boa da nobreza comigo.

Rachel foi a primeira a bebericar o chá, puxando conversa com assuntos triviais, como se fôssemos velhas amigas apreciando um *t ê t e - à - t ê t e*^[8]. Milena demorou um pouco para se soltar. Com dificuldade de sair do padrão e quebrar protocolos, suas atitudes e expressões geravam motivos para pegarmos no pé dela.

— Um chá forte é exatamente o que eu precisava para me ajudar a relaxar — comentei depois de dar um gole na minha bebida. Aproveitando o clima mais informal, resolvi sondar sobre alguns nomes do meu interesse. — Meninas, quem são George Ward e Barney Morgan.

— Ora, Anne! São do Parlamento — Rachel respondeu com os olhos arregalados. — Você deveria saber disso! Estarão presentes hoje à noite.

— Aliás, todo o Parlamento estará presente. Anne! — Milena exclamou, agitada. — Você deveria estar a par disso.

— Claro! George Ward é o irmão do ministro de Mayin. Agora me lembrei! — respondi, fazendo uma cara de inocência para evitar alguma repreensão.

— Sim, e Barney Morgan é aquele ministro invocado. Ninguém gosta dele! — Milena torceu o nariz.

— O da boca suja? — perguntei, associando o nome às manchetes de jornais sensacionalistas que aproveitavam a maneira nada educada do ministro careca ao se direcionar aos repórteres para compor suas reportagens.

— Ele mesmo — Rachel disse e deu uma risadinha. — É um tremendo de um encostado^[9] do Rei. Só falta lambar o chão onde ele pisa.

— Rachel, você é a melhor! — brinquei tocando na mão dela e em seguida olhei para minha assessora. — Você também, não precisa ter ciúme, Milena.

— Eu não estou com ciúme!

Nós rimos da forçada indiferença dela e eu dei mais um gole no meu chá. Rachel terminou o dela e retirou o celular do bolso.

— Anne, veja isso!

Ela mexeu no aparelho celular e depois me estendeu. Havia muitas fotos minhas num site, tiradas durante o nosso embarque em Kent.

— Eles são rápidos! — brinquei enquanto passava o meu dedo na tela para ver todas as fotos. A maioria estava focada nas minhas reações, mas me achei muito bonita em todas elas. — Isso é bom ou ruim?

— São do *Ci bel* ~~e~~ *Agora* não vão publicar notícias falsas ou sensacionalistas, não se preocupe — Milena explicou, espiando a reportagem comigo.

— Olha essa! — Rachel apontou para uma foto minha, agachada, pegando o bico do bebê. Eu ri, pensando como eu poderia ser tão diferente da Cloe. — Nunca vi uma princesa tão espontânea! Preciso me concentrar em roupas que permitam seus movimentos sem colocá-la numa situação constrangedora.

— Por favor, faça isso, Rachel — eu pedi quase implorando. — Vejamos. “Princesa Interina distribui simpatia e já se mostra queridinha do povo” — li uma das legendas e aproveitei para brincar. — Uau! Já conquistei as pessoas assim?

— Ah, depende — Milena quem falou e parecia estar se divertindo naquele momento. — Se você abrir o *Livre*, provavelmente as coisas serão bem diferentes.

— Edwin me instruiu a não acompanhar nada deles. — Olhei para as duas e não seguramos o riso. Elas já me conheciam o suficiente para saber o que eu confessaria depois. — Eu não sei se consigo obedecê-lo.

— No seu lugar, eu seguiria o conselho. Eles nunca publicam a verdade, distorcem tudo para ir contra a monarquia. É perda de tempo. — Rachel aconselhou.

— Mas muitos cidadãos de Cibeles leem o *Livre* — retruquei pensativa. — Não é bom ignorar...

— Eu garanto, o Rei não ignora. — Milena contrapôs. — Não se preocupe com essas coisas, você pode acabar se ferindo com as palavras inúteis deles.

— Pelo visto vocês já leram a matéria deles sobre mim, não é? — Olhei para elas e Rachel fez que sim.

— Pura bobagem, não se preocupe com isso — Milena garantiu.

Entreguei o celular para Rachel. Parecia ser mais prudente seguir os conselhos de Edwin e das meninas. Milena aproveitou o momento para repassar mais alguns detalhes sobre os acontecimentos da noite. O frio na barriga se manifestou, como sempre acontecia quando o assunto do noivado vinha à tona, falar disso me deixava ansiosa. Acabei perdendo o apetite, abandonando

o restante do meu chá e os biscoitos de nozes deliciosos. Não se passaram nem cinco minutos, e Edwin apareceu acompanhado do irmão.

— Reunião das mulheres? — Esra apoiou a mão na mesa, depois se sentou ao lado de Rachel, deixando a menina vermelha de vergonha.

— Pois é. Fui abandonada pelo meu noivo, então, decidi convidar minhas amigas para o chá. Querem um pouco?

Os dois negaram. Edwin estava sorrindo, aparentava estar mais tranquilo. Diferente do irmão, ele não se sentou, então, entendendo que ele esperava por mim, me despedi das duas que ficaram perdidas na presença do príncipe caçula.

Eu e Edwin voltamos para os nossos assentos. Ele cruzou uma das pernas, apoiou os cotovelos nos braços da poltrona e colocou a mão direita no queixo. Era impossível, estando apaixonada, não admirar o sorriso que, aos poucos, foi crescendo no rosto dele. É claro que a beleza não foi o fator principal e determinante para eu desejar construir uma família com Edwin. Eu sabia, aparência física era um atributo frágil demais para me apoiar usando como base de um relacionamento, era passageiro e tudo poderia mudar de um minuto para outro. Havia mais e era esse mais presente na vida dele que me conquistou. Entretanto, aos meus olhos ele era tão lindo, tão perfeito. Eu amava até as linhas de expressão, cada detalhe parecia ter sido esculpido para eu admirar. E eu me considerava uma mulher de sorte por achar meu noivo o homem mais lindo do mundo.

— O que foi? — ele questionou, retirando a mão do queixo e franzindo a testa.

— Eu estou tão apaixonada! — confessei e Edwin riu da minha resposta sincera. — Eu não consigo parar de apreciar o quanto você é lindo.

— O que eu posso fazer se sou irresistível? — Ele provocou ajeitando a gravata.

— Olha, olha, seu convencido! Você tem andado muito com Esra ultimamente. — Dei um tapa no ombro dele.

— Não, sou realista. Sei do poder que um Príncipe tem para encantar donzelas. — Ele olhou para minha boca entreaberta e meu

olhar indignado. — Não é você a grande leitora de romances? Não sabe como são contadas histórias assim?

— Acho que você está muito enganado. — Cruzei os braços, corrigindo-o. — São as donzelas que encantam os Príncipes.

Edwin exagerou em sua expressão pensativa. Depois, ele se inclinou e fingiu contar um segredo.

— Talvez você esteja certa quanto a isso. — Ele me fez soltar os braços e deixou um beijo na minha mão. — Mas, sabe, dizem que é necessário um beijo do amor verdadeiro para se quebrar os feitiços das bruxas más.

Minhas bochechas assumiram uma cor rubra não desejada ao entender a referência.

— Nem ousou responder ao senhor, Príncipe Edwin. Você está misturando as histórias.

— Só saberemos se eu sou seu amor verdadeiro no dia do nosso casamento. Aí, Princesa Anne, será tarde demais para voltar atrás.

Revirei os olhos, propositalmente, de maneira exagerada. Ele não se intimidou e voltou a apoiar os cotovelos no braço da poltrona.

— Falta muito ainda? — perguntei.

— Não, estamos chegando. Mas temos uns minutinhos para ficarmos juntos.

Agradei a Deus por aquele tempo precioso para nós, quando passamos conversando coisas nossas. Aos poucos meu corpo ficou mais relaxado, as horas mal dormidas daquela noite estavam cobrando os juros, deixando-me sonolenta. Eu bocejei e Edwin percebeu. Ele encostou-se à poltrona de uma maneira que eu pudesse deitar minha cabeça em seu ombro. Fechei meus olhos, mas não tive muito tempo para descansar. Fomos avisados do pouso, havíamos chegado em Hawis de Cibele. Edwin apontou para a janela, mostrando a multidão aglomerada no aeroporto. Fiz esforço para conseguir abrir os olhos, a luz do dia parecia forçar minhas pálpebras para baixo.

— Muita gente! Bem mais que em Kent! — exclamei quando vi a multidão.

— As notícias correm. — Ele me olhou solidário. — Todos querem conhecer você, querida.

Eu forcei o sorriso e aproveitei a descida do avião para cochilar por mais um momento. O avião tocou o solo e freou, diminuindo a velocidade até parar por completo. Edwin se levantou, mas eu não. Tirei os óculos e apertei os olhos. Zac surgiu acompanhado de outros funcionários, inclusive Milena e Rachel.

O Príncipe me estendeu a mão, me auxiliando a levantar. Depois ele se afastou, dando espaço para Rachel trabalhar. Ela arrumou meu cabelo e estranhou a expressão em meu rosto. Eu estava muito cansada, o corpo mole, os passos pesados.

— Você está bem, Anne?

— Sim, só exausta. Eu borrei a maquiagem? — perguntei.

— Não, não se preocupe. Vou trazer uma xícara de café para te ajudar a despertar.

— Obrigada.

Rachel saiu e eu me apoiei em uma mesa.

Edwin estava bem agitado, falando com Zac e Esra, preocupado em checar se tudo ocorria conforme o esperado. Rachel retornou com o café forte e eu me sentei, temendo não conseguir sustentar o peso do corpo fadigado. Minhas mãos estavam frias e suadas, a boca seca desejava o café, mas meu estômago o rejeitava.

— Anne, você não parece bem — Rachel disse quando meu corpo estremeceu com calafrio. — Vou chamar a Milena.

Fui deixada sozinha e apoiei meu rosto nas mãos, descansando. Ouvi um burburinho, depois, Edwin se aproximando. Ele tocou nas minhas costas, eu pisquei algumas vezes e ergui a cabeça. Sorri para meu noivo e me levantei outra vez, mesmo estranhando o fato de aquele ato requerer um esforço muito grande da minha parte.

Esra desembarcou primeiro, sendo recebido com euforia lá fora. Nós deveríamos ser os próximos, mas já à porta do avião, antes de descer os degraus e encarar as centenas de pessoas aglomeradas e os muitos fotógrafos preparados para registrar nossa chegada, tudo falhou. A luminosidade era demais para meus olhos, que arderam e teimaram em se fechar sozinhos. Estava perdendo os sentidos, minhas pernas não suportavam bem o meu peso e eu parecia prestes a apagar.

— Anne, você está bem? — Mais uma vez alguém me fez a mesma pergunta. Dessa vez era Zac ao meu lado, a voz carregada de preocupação.

— Não, acho que não — confessei.

Edwin também percebeu o óbvio. Sua expressão mudou e seu semblante estava sério. Me agarrei ao braço dele, usando-o como sustento. Eu estava muito mole e tonta.

— Vou providenciar um carro — Zac disse após seu olhar praticamente *trocar pal avres* com o do Príncipe.

— O que houve? Você consegue andar? — meu noivo perguntou.

— Não sei, eu devo estar muito cansada, tive um mal-estar súbito. — Respirei fundo e sorri. — Mas acho que consigo sim.

Embora ele tenha desconfiado da minha resposta, nós descemos lentamente os degraus e eu me mantive firme, acenando para a multidão, distribuindo sorrisos. Edwin também fez o mesmo, muito embora olhasse a todo instante para mim, procurando garantir que eu não cairia a qualquer momento. A descida foi vencida com muito esforço. Ouvi as pessoas gritarem nosso nome, contudo, Edwin não deu um passo adiante. Pouco depois, Zac se aproximou, apreensivo.

— O veículo está à esquerda, Edwin. — Ele apontou para o lado, onde um automóvel preto estava estacionado sendo escoltado por ao menos dez guardas reais. — Acho melhor se apressarem. A assessoria de imprensa cuida do resto.

Edwin olhou em direção a Esra trocando palavras com os súditos e jornalistas, depois se voltou a mim.

— Tudo bem, vamos.

Nós acenamos mais algumas vezes para a multidão, mas desviamos da rota, indo para o carro. Zac abriu a porta e eu agradei por poder me sentar dentro do automóvel.

— O que você está sentindo? — Edwin questionou, tocando meu ombro assim que o carro deu partida e estávamos longe de olhares curiosos. — Você está pálida.

— Não sei. — Abaixei a cabeça e esfreguei meu rosto erguendo os óculos. — Estou com muito sono. Com uma moleza, me sentindo um pouco enjoada.

Respirei fundo e me encostei ao banco aproveitando para relaxar embalada pelo balançar do carro. Porém, não pude aproveitar muito, porque paramos e a porta se abriu ao meu lado. Eu precisei me esforçar mais uma vez para parecer bem, pois sabia que ainda poderí amosestar sendo vigiados enquanto caminhamos em direção ao helicóptero no meio da pista.

Eu e Edwin embarcamos e eu vi Zac praticamente arrastar Milena pelo braço e enfiar ela dentro do helicóptero com a gente. Minha assessora parecia brava, contudo, também muito preocupada. Olhei para ela e dei de ombros, sem ter uma explicação plausí vel para a minha conduta, enquanto ouvia Edwin resmungar baixinho.

— Meu pai vai me matar!

Edwin, apreensivo, segurou minha mão. Após o helicóptero levantar voo me rendi à escuridão.



Capítulo 24

Capítulo 24

Eu abri meus olhos e vi a imensidão branca desfalcada de um teto antes de fechá-los novamente. Minhas pálpebras pesavam e eu desejei voltar para o mundo dos sonhos. Esfreguei meu rosto e senti falta dos meus óculos. Com a visão embaçada, procurei por eles em algum móvel ao lado da cama, e me localizei onde estava: numa enfermaria.

Suspirei, imaginando como eu fui parar ali. Sem saber quanto tempo havia se passado, comecei a ficar apavorada com o pensamento de ter estragado meu noivado. Inspecionei o lugar, procurando uma resposta, e acabei encontrando meus óculos em uma mesinha na outra extremidade do quarto.

Sentei-me na cama, depois coloquei os pés para fora, na dúvida se eu deveria me levantar. Notei um curativo no braço, indicando que uma agulha havia colhido uma possí vel amostra de sangue. Identifiquei o som de uma conversa vinda do outro lado da porta. Quando uma das vozes se pronunciou, reconheci pertencer a Edwin.

Desci da cama e, com passos incertos, me desloquei até a porta depois de pegar meus óculos. O som das vozes ficou mais nítido ali e acompanhei uma pequena discussão acontecendo no

cômodo adjacente. Edwin e o Rei estavam conversando e os ânimos não eram nada brandos.

— Se ela não consegue enfrentar uma multidão, como será daqui em diante? Vai desmaiar sempre quando estiver na frente de um aglomerado de pessoas? — o Rei questionou com a voz carregada de ironia.

Engoli em seco ao constatar que o assunto da conversa era a minha conduta e, pelo visto, não tinha tido um bom desfecho.

— Pai, você sabe melhor do que ninguém que a pressão é grande, não é simples para alguém que cresceu numa realidade tão distinta. Tudo aconteceu muito rápido, ela não teve tempo suficiente para se acostumar — Edwin me defendeu com firmeza na voz.

— Pois você deveria ter pensado nisso! — O Rei sequer considerou o argumento do filho. — Se ela aceitou estar ao seu lado, deveria estar no mínimo ciente da vida que levará.

— Ah, por favor! O senhor costumava ser mais tolerante! Parece que se esqueceu como a mamãe...

— Sua mãe se saiu perfeitamente bem desde a primeira aparição pública, mesmo sendo a filha de um feirante — o Rei discursou, interrompendo Edwin. Ele não estava muito contente. — E pelo que fui informado, não é a primeira vez que sua noiva tem uma crise emocional assim.

Para minha infelicidade, a menção ao assunto provou que o Rei não estava errado. Meu coração disparou, a respiração ficou ofegante e meu corpo deu sinal de um descontrole emocional à vista. Respirei fundo e me encostei à parede, buscando trazer à memória o que me dava esperança.

— Ela quase foi violentada! — Nunca havia visto Edwin falar naquele tom, parecendo ter perdido o controle. — Você tem noção do que é isso?

Forcei minha mente a não trazer à tona lembranças de um dia que eu nunca quis viver. Continuei puxando o ar profunda e lentamente, pensando em retornar para a cama.

— Não, não tenho. Mas eu sei como é a pressão de governar um país. E também sei onde sua noiva está se metendo. Ela será uma figura pública e se não está pronta para enfrentar essa posição de cabeça erguida, você nem deveria ter proposto casamento a ela.

Levei a mão até a minha boca e apertei os lábios, temendo soltar o soluço formado na minha garganta. As lágrimas arderam em meus olhos.

Será que eu fiz errado em aceitar me casar com ele?

— Você precisa de uma mulher preparada. Seu irmão não tem herdeiros, você pode assumir o trono. — Depois de uma pausa, sarcástico, o Rei expôs: — Imagine uma rainha desmaiando sempre que a tensão a pressionar.

Houve um intervalo na discussão. Eu me perguntei se o silêncio de Edwin significava que ele concordava com o pai, porque eu mesma já estava pensando na impossibilidade de manter nosso compromisso.

— Você não está sendo razoável — Edwin falou. Ele tinha a voz mais branda. — Você e minha mãe são um exemplo para mim. Eu entendo que há mais além de um lar e uma família a ser considerado por minha noiva, e garanto, ela considerou cada ponto antes de me aceitar. Mas *sua* esposa foi e é um modelo de que isso pode dar certo comigo e *minha* esposa. Entendo também que a situação fugiu do controle, mas eu preciso lembrá-lo o que a Anne representa para nós agora. Na minha concepção, o senhor deveria estar agradecendo por meu casamento vir em boa hora.

— Suas concepções? — O Rei zombou. — Você foi um irresponsável hoje não aparecendo durante o almoço. Nós estamos recebendo dezenas de convidados no Palácio e só tivemos uma desculpa qualquer a oferecer pelo sumiço dos noivos na hora da refeição.

Silêncio novamente. Eu ainda estava em choque, digerindo todas aquelas informações. A tristeza por decepcionar a todos, inclusive Edwin, se misturou à mágoa pela maneira como o Rei parecia querer me acusar.

— Eu não vou ficar discutindo com o senhor minhas motivações por não ter aparecido sozinho nesse almoço. Minha atitude pareceu ser a mais correta diante do ocorrido. E não vou ocupar mais do seu tempo para ficar discutindo algo que não chegaremos em um consenso. — Edwin parecia impaciente. — Agora eu vou perguntar uma última vez, porque dependendo da sua resposta, nós mudaremos o rumo dessa conversa. Você deu sua

permissão para o meu casamento com a Anne, o senhor manterá sua benção?

Levei a mão até o coração, temendo a resposta. Se o Rei dissesse não, eu não seguiria em frente e me veria pressionada a abandonar o homem a quem eu amava. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e caiu no chão.

— Não há como desfazer isso, você sabe muito bem — o Rei respondeu.

— Não perguntei isso, pai. Responda à minha pergunta, o senhor manterá a sua benção?

— Sim.

— Então eu peço com gentileza que respeite minha noiva e não insinua mais nada em relação a ela, tampouco venha desqualificá-la para estar do meu lado. Eu não vou tolerar isso. Sei dos nossos problemas, mas eles não podem ser jogados nas costas da Anne como se ela fosse a culpada.

Me afastei da parede disposta a voltar para a cama. Minha cabeça dói a, meus sentimentos pressionavam meu peito. Mas a voz do Rei me prendeu no lugar.

— Então lide você com as consequências dos atos dela. — O Rei jogou as palavras para o filho como quem lava suas mãos. — Com licença, Edwin. Tenho que me preparar para o seu noivado.

Ouvi uma porta se fechar no outro cômodo. Voltei para a cama, me sentei e limpei o rosto com as costas da minha mão. Respirei fundo várias vezes tentando me restabelecer, temendo que alguém pudesse entrar e me encontrar naquele estado. Para minha consternação, ouvi passos e Edwin abriu a porta. Abaixei a cabeça desejando fugir daquele Palácio e daquela desastrosa situação.

—Anne? — A voz de Edwin soou insegura. — Está acordada?

Eu sabia que aquela pergunta retórica significava outra coisa. Ergui o rosto avermelhado e a resposta foi entregue: eu ouvi tudo.

— Você está se sentindo bem? — ele perguntou.

— Estou — respondi sem fazer questão de provar a veracidade daquela afirmação.

Edwin parou a alguns metros de distância e estava um pouco perdido, talvez ponderando o que dizer.

— A quem queremos enganar, Edwin? — perguntei, sentindo as palavras rasgarem meu coração.

Ele permaneceu inerte, sem saber como reagir. Não consegui assimilar nada, me sentia sufocada e precisava sair dali o quanto antes. Levantei e me adiantei em direção a porta sem conseguir encará-lo, porém, ele segurou meu braço, me impedindo de continuar.

— Anne, por favor, vamos conversar.

— Não. — Balancei a cabeça em negativa e me desvencilhei dele. Eu estava muito magoada e ainda mais nervosa por saber que eram verdadeiras todas as acusações do rei. — Isso tudo é ridículo. Ele está certo, eu não sou a pessoa capacitada para ser sua esposa. É simples assim. Nós nos precipitamos ao levar isso adiante.

— Não, isso não é verdade. — Ele umedeceu os lábios e coçou a parte de trás da cabeça. — Ele está nervoso, você não deve assumir nada do que ouviu como verdade. Aliás, não era nem para você ter ouvido. Foi irracional da parte dele, mas não é o que ele acha de verdade.

Senti a raiva me dominando ainda mais, mesmo sem entender o motivo. Edwin não era culpado, porém, só havia ele ali presente e minha vontade era despejar em qualquer um a ira crescente dentro de mim. Respirei fundo, buscando me controlar e não cair no choro, temendo piorar ainda mais o meu estado de nervos. Ciente de que estava prestes a explodir, quis manter distância de todo o mundo.

— Com licença, Alteza.

Fiz uma reverência e me virei, seguindo rumo à porta. Atravessei a primeira e a culpa pela minha atitude infantil começou a manifestar seus sinais. Atravessei a segunda sem sequer prestar atenção no consultório médico ficando para trás e precisei parar diante da majestosa visão à minha frente. A beleza daquele extenso corredor com imensas janelas revelando um jardim glorioso ao fundo me tirou o ar e desviou o foco dos meus sentimentos.

Eu não fazia a mínima ideia onde eu estava e para onde deveria ir.

Havia vários guardas de prontidão e eu pensei em solicitar a alguns deles orientação sobre como chegar à saída, porém, constatei a tempo como pioraria ainda mais a situação se acabasse me deparando com algum convidado na condição deplorável em que me encontrava. Meus cabelos deveriam estar bagunçados, o vestido, desalinhado, e meu rosto, todo borrado.

Parei em frente a porta, cruzei os braços e tentei usar a razão. Eu estava magoada e não sem motivos. Entretanto, eu não poderia deixar minhas emoções me dominarem daquela maneira. Eu precisava ao menos tentar fazer as coisas do modo correto. Além do mais, Edwin não merecia minha fúria. Eu estava sendo injusta, uma vez que ele havia me defendido.

Julgando ser mais sensato retornar para dentro da enfermaria — e sabendo como eu não tinha outra escolha — engoli todo o meu orgulho e dei meia volta.

Quando atravesssei a porta, encontrei Edwin reclinado sobre o encosto de uma cadeira com a cabeça baixa. Ele se assustou com minha entrada repentina e seus olhos buscaram uma resposta.

— Não sei para onde ir — declarei, tentando parecer indiferente.

Os lábios do Príncipe se curvaram num sorriso brincalhão, derrubando todas as muralhas erguidas de uma só vez.

— É injusto, eu me sinto como uma prisioneira. Eu não posso nem me rebelar um pouco em paz.

Meu noivo endireitou o corpo, deu a volta na cadeira e me recebeu com um abraço reconfortante. Eu aproveitei o aconchego e descansei minha cabeça no peito dele, acompanhando o ritmo das batidas do seu coração. Ele não disse nada e eu achei bem melhor assim. Não queria discutir mais e não haveria argumentos que me convenceriam naquele momento, de que minha reação não tivesse de fato me incriminado como uma imatura despreparada.

— Você está melhor agora? — Edwin perguntou sem se afastar, afagando meus cabelos. Eu assenti.

— Me pergunto por que o Rei pode se descontrolar emocionalmente e falar suas bobagens e eu não.

— É verdade. — Ele riu. — E injusto. Mas eu te defendi.

— Eu sei. — Suspirei. — Ainda estou cansada, queria dormir até amanhã e acordar apenas quando tudo tivesse acabado. Dá para fazer um noivado sem a noiva?

— Aí sim terí amos um escândalo.

— Eu poderia ser a Princesa Bela Adormecida. Combinaria bem comigo depois do meu vexame de hoje. — Eu mordi o lábio inferior e fechei os olhos. — Me perdoe pelo meu comportamento, não sei o que deu em mim.

Edwin beijou minha testa e apertou um pouco mais o abraço.

— O médico perguntou se você ingeriu algum medicamento. Algum remédio para conseguir dormir?

— Não, não tomei nada.

— Eu disse a ele que provavelmente não. Então, a segunda opção foi uma crise desencadeada por estresse e cansaço. Milena me informou que você quase não dormiu essa noite.

— Eu estava nervosa, não foi minha culpa. O sono não vinha.

Edwin afagou mais uma vez meus cabelos.

— Eu te amo, Anne. Hoje é um dia importante e quero você restabelecida até de noite. Depois, se desejar, conversaremos sobre o episódio de hoje.

— Chega de vexames! Já bati minha cota diária — eu proferi como uma oração, clamando a Deus para não deixar as coisas saí rem mais do controle.

Nós interrompemos nosso abraço e eu me sentei, ainda cansada. O médico chegou um pouco depois e me reavaliou. Minha pressão ainda estava um pouco alterada, um pouco mais baixa do que deveria, mas nada grave. Os resultados de alguns exames não indicaram nada anormal e a conclusão foi que eu deveria tentar me acalmar e descansar. Fui liberada com a promessa de Edwin me poupar de mais tensão durante o dia, já que havia uma grande me esperando naquela noite.

De mãos dadas e em silêncio, Edwin me conduziu pelos corredores do Palácio Real de Hawis, bem maior do que o de Kent. Eu me perderia facilmente naquele local com tantas portas, escadas, corredores e pessoas transitando e fazendo reverências para nós. Depois de subir por um elevador, nós chegamos ao andar onde ficavam os aposentos da família real e havia muitos guardas

por lá. Caminhamos um pouco mais, ele parou em frente a uma porta e a abriu. Era meu quarto.

Rachel e Milena se manifestaram, aliviadas, por me verem de pé e restabelecida. Depois de se certificarem que eu estava bem, Rachel passou a falar sobre como estávamos atrasadas e eu deveria me alimentar para dar início à sessão de beleza para estar apresentável à noite. Edwin as advertiu que eu deveria descansar o máximo possível e, antes de partir, me pediu mais um momento comigo. As meninas foram para a sala ao lado, mas deixaram a porta do quarto escancarada.

— Tenho um presente para hoje à noite — falou, andando até um dos móveis. Havia uma caixa preta em cima e ele a pegou.

— Você não cansa de me surpreender?

— Faz parte da tradição dos Príncipes encantar a noiva.

Edwin me ajudou a abrir a caixa, revelando uma linda tiara digna de uma princesa.

— Edwin, ela é linda! Que coisa mais delicada.

Peguei a joia nas mãos e apreciei as minúcias dela. Era pequena, prateada e com pedras cravejadas no centro. Havia alguns detalhes em arabesco.

— Não estou merecendo recompensas, mas obrigada. Eu amo!

— Você ficará linda com ela. — Ele ajeitou o meu cabelo e encaixou a tiara na minha cabeça. — Encantadora!

O sorriso de Edwin me atingiu em cheio. Pela primeira vez eu tive um desejo imenso, quase incontável, de ser beijada por ele, assustando-me com aquela reação. Envergonhada com o sentimento, me afastei e fui até o espelho com a desculpa de ver como a tiara havia ficado e encontrei uma Anne com as bochechas coradas. Edwin apareceu por trás, alheio ao meu constrangimento e com o olhar fixo no objeto de ouro, questionou:

— Gostou?

— É linda!

— Eu que desenhei — ele revelou, encontrando os meus olhos através do espelho. — Especialmente para você.

Me virei, mas não me aproximei, mantendo uma distância segura, temerosa com o que eu poderia sentir de novo.

— Pare de ser fofo assim ou eu vou me apaixonar ainda mais!

— É o mínimo que eu posso fazer sabendo tudo o que você está renunciando por minha causa. Embora essa seja uma linda tiara, o seu valor, Anne, excede o de muitas finas joias.

Eu ri, compreendendo a referência. Virei-me até ficar de frente para ele.

— Você me faz bem e não mal, todos os dias da minha vida.

Edwin segurou minhas mãos.

— E lembre-se, enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada.^[10]

Ao ouvir a menção sobre temer o Senhor, meu coração afundou no meu peito.

Onde estava minha confiança em Deus? Por que não havia procurado Nele o consolo e auxílio necessário ao invés de confiar nos meus sentimentos enganosos? E quanto tempo eu havia dedicado ao Senhor naquela semana agitada?

Me perdoe, Senhor — pedi em silêncio, reconhecendo a minha pequenez.

Edwin fechou os olhos e fez uma oração por nós.



Capítulo 25

Capítulo 25

Quando Rachel me aconselhou a dar alguns passos no quarto para me acostumar com o caimento do vestido, entendi a real motivação de terem abolido a dança do casal durante as festas de noivado na realeza cibeliana. Se eu conseguisse me locomover sem pisar em parte da minha saia estaria no lucro, como, em sã consciência, alguém seria capaz de rodopiar com aquela vestimenta?

Rachel havia se superado transformando o modelo clássico do vestido de minha sogra em um traje moderno e romântico para mim. Seguindo a tradição da monarquia, o vestido de apresentação no baile de noivado deveria ser uma adaptação do vestido da Rainha. Além disso, outro estranho costume iniciado desde o baile da Rainha Charlotte — e sem um motivo específico para isso além de manter o legado iniciado por ela — todos eles dispunham de uma extensa cauda.

E lá estava eu com aquele excesso de tule emaranhado entre minhas pernas, acarretando ainda mais dificuldades à vida de Princesa. O vestido, da cor branco gelo, apresentava as mangas rendadas, bem como todo o corpete, local de onde desprendia a saia tule — muito mais longa do que o necessário. Meu cabelo

estava parcialmente preso, finalizado com a delicada tiara, presente de Edwin. Eu consegui manter meu colar e o pingente de coroa em meu colo e um par de óculos novos, já que a minha intolerância com as lentes de contato não me permitiu largar o acessório. Claro, a pior parte de toda a produção eram os saltos altos desconfortáveis.

— Não consigo andar com tudo isso — reclamei nos ouvidos de Milena como uma criança birrenta antes de sair do quarto. — Será que algum dia irei me acostumar?

— Deixe-me auxiliá-la, Alteza — Milena falou sorrindo e se adiantou para juntar o tecido sobressalente.

Sem paciência, embolei o restante da saia e segurei com as mãos enquanto caminhávamos em direção ao salão onde Edwin já me aguardava. Por causa de outra tradição inexplicável, deveria me dirigir até lá desacompanhada, embora estivesse rodeada de ao menos seis guardas reais e minha fiel assistente. Depois de escadas, elevador e corredores, chegamos à antessala do salão principal.

— Há muitos convidados? — questionei ao guarda de prontidão na porta.

— Sim, senhorita, o salão está cheio — ele respondeu, parecendo orgulhoso por ser útil.

Agradei a informação e ele abriu a porta. Milena não entrou, mas antes me ajudou a soltar a saia e colocar a cauda do vestido no lugar. Edwin parou sua caminhada solitária pelo cômodo quando me viu. Ergueu as costas, colocou os braços para trás e apenas sorriu, exibindo suas lindas covinhas. Com passos curtos e lentos, fui até o encontro dele. Cada vez mais próxima, seu olhar iluminado demonstrou contentamento. Aparentemente eu era uma visão agradável para ele.

— Você me surpreende a cada dia. Quando penso que não é possível achá-la ainda mais linda, a senhorita me aparece simplesmente estonteante. — Ele se adiantou com passos largos.

— Ora, o senhor ainda não me viu logo pela manhã, acordando com os cabelos desalinados e o rosto amassado. Eu garanto, não é uma cena muito bonita de se contemplar — rebati tentando acrescentar um toque de realidade para a nossa conversa.

— Resposta errada. Eu já vi você de pijama e descabelada certa madrugada. E em ambas as situações te achei encantadora. — Ele ajustou o casaco vermelho com um movimento muito preciso sem esconder o quanto gostou do meu sorriso tímido. — Também estou na mesma situação. Nem sempre sou tão charmoso e elegante quanto me apresento agora.

— Acho que conseguiremos superar isso.

— Na verdade, não vejo a hora de acordar todos os dias ao seu lado — ele confessou e para minha sorte beijou minha testa, não notando o leve rubor presente nas minhas bochechas. Quando me encarou, havia preocupação em seu semblante. — Você se sente melhor?

— Agora, bastante agitada. As meninas me forçaram a beber tanto café forte que o cansaço foi embora, em compensação, estou muito enérgica! — Balancei a cabeça e mordi os lábios. — Sim, estou morrendo de medo de fazer besteira.

— Vamos repassar o cronograma e tudo dará certo. Após nossa entrada triunfal, ocuparemos o lugar ao lado dos meus pais. Oliver já deve estar lá também. Depois do discurso do Rei, receberemos os cumprimentos dos nossos convidados. Minha recomendação é simples: sempre, antes de você se expressar, pense nas palavras que deve usar. Não haverá erro se você parar por alguns segundos antes de exprimir suas opiniões, pelo contrário, é um ato prudente.

Edwin esperou por minha reação após seu conselho. Aproveitando a oportunidade para um gracejo, eu aguardei um intervalo de tempo antes de sorrir e responder com calma e delicadeza.

— Compreendido, Alteza.

— Está vendo? Não é tão difícil assim!

— Claro, para quem passa por isso há vinte e oito anos! Eu estou tentando há uma semana. — Olhei para a porta de acesso que nos levaria para o salão e senti um frio na barriga. — Vai demorar muito ainda?

— Não. — Edwin olhou as horas no relógio de pulso e fez uma conta mental. — Mas ainda temos alguns minutinhos. Há algo que eu deva saber antes de assinar o contrato de noivado?

Ele estava brincando e a prova disso era o sorriso exibido, responsável por harmonizar ainda mais a perfeição de seu rosto. Os tais harmônios estavam fazendo um intenso estrago nas minhas emoções. Eu estava assustada por descobrir aquela montanha-russa de sentimentos. Era tudo novo e quando eu menos esperava, sensações como aquele frio na barriga surgiam sem anúncio pelo simples fato de eu apreciar o sorriso de Edwin.

— Eu não sabia que ficar apaixonada era tão agradável — declarei e mordi meu lábio percebendo, tardiamente, a intrepidez da minha declaração.

— Esse é o tipo de comentário que comprometeria você, meu amor. — Edwin apertou meu nariz como se eu fosse uma criança arteira. — No entanto, eu sinto o mesmo em relação a você.

— Estou começando a entender por que papai me prevenia tanto sobre os garotos — repliquei e senti uma súbita saudade dele e de minha mãe. Meu semblante mudou de alegre para entristecida. — Como gostaria de tê-los comigo hoje. Parece que há um buraco, um vazio que nunca será preenchido, tamanha a falta que me fazem.

— Oh, Anne — Edwin me abraçou de lado —, como eu gostaria de poder trazê-los de volta só para ver você feliz e completa.

Como eu quis tantas vezes ter o poder de mudar tudo. Se pudesse voltar no tempo eu os impediria de sequer entrar naquele carro. Porém, havia aprendido a confiar no Senhor e na Sua Soberania, apesar de nunca deixar de sentir a partida deles.

— Se eles estivessem vivos, provavelmente não estarei amos juntos aqui, agora. Oliver não teria se metido em confusão, eu não acabaria no palácio de Kent convivendo com você e nunca teria tido a oportunidade de ser escolhida como sua noiva. — Levantei a cabeça e forcei um sorriso porque, apesar da saudade, eu estava grata por Deus ter me colocado ao lado de Edwin. Eu tentava focar nas coisas boas para não deixar o sentimento da perda ser ainda maior. — Então, é hora de crer que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus.

— Deus tem sido bom conosco.

Vestindo um terno todo preto e com o cabelo penteado para trás, Zac entrou na sala segurando um *walk talk*. Do aparelho, recebeu alguma informação e nos alertou estar na hora. Milena chegou logo depois e era visível como o chefe de nossa segurança causava um grande desconforto nela. Ignorando-o, ela posicionou a cauda do vestido como Rachel havia instruído. Eu segurei o braço do meu noivo e após alertá-lo muitas vezes para não se apressar, avançamos em direção ao salão.

Descer as escadas de salto e vestido de gala já não era uma tarefa muito fácil. Descer desse modo tendo centenas de pares de olhos examinando minha desenvoltura tornava ainda mais complicada a missão. Agarrei com força o braço de Edwin e sem pressa descemos degrau por degrau.

— Você está nervoso — constatei após dar uma espiada no rosto do Príncipe. — Quem diria, não é mesmo?

— O baile do meu noivado é uma novidade para mim também — ele respondeu com calma e tocou minha mão sobre o braço dele. — Mas me considero um homem muito abençoado.

Após o término da escada, caminhamos no meio de um corredor formado por convidados até onde o Rei, a Rainha e meu irmão se encontravam. Fizemos a reverência ao monarca, depois Edwin cumprimentou Oliver, responsável por formalizar a nossa aliança uma vez que meu pai não estava mais presente entre nós. Meu irmão deixou um beijo em minha mão aumentando minha felicidade por ele estar celebrando comigo minha nova vida.

Posteriormente, assumimos o lugar reservado para os noivos. O hino de Cibebe foi entoado pelo salão, depois o Rei fez um pequeno discurso sobre o nosso país, dando ênfase à importância da monarquia e celebrando a união do Príncipe com uma cidadã da nação, lembrando quando ele havia tomado a mesma decisão e se casado com a mulher por quem ele havia se apaixonado. Foi um belo discurso, na verdade, que me proporcionou um pouco de paz através das palavras dele, tão diferente das de mais cedo.

Após o anúncio público do nosso casamento, todos os convidados presentes gritaram, em uníssono:

“Vida longa ao casal! Que o Senhor abençoe Vossas Altezas, Príncipe Edwin e Princesa Anne”.

Murmurei um “amém” e esperamos o início da sessão de cumprimentos. Eu estava tensa quando os primeiros convidados se aproximaram, temendo não saber me conduzir de maneira apropriada, mas logo percebi que bastava sorrir, fazer uma mesura e agradecer os votos de felicidade oferecidos. Aos poucos compreendi a crítica de Edwin sobre as pessoas fazerem de tudo pela nossa atenção, principalmente ouvindo tantos elogios sobre as minhas qualidades por parte de quem nunca havia me visto antes. Era um verdadeiro teatro de vaidades, uma busca de quem conseguiria o título de maior lambudo^[11].

Quase uma hora depois, eu já estava exausta, com a musculatura do rosto tensa de tanto sorrir e sentindo os efeitos do salto alto. Os convidados foram se dispersando e nos permitindo um tempo para respirar e descansar os lábios.

— Temo que meu rosto fique para sempre com essa expressão — comentei e estampeei o rosto com um sorriso bem forçado, voltando-me a Edwin. — Você nunca mais saberá quando estou feliz ou triste.

Edwin fez grande esforço para não rir, mas seus olhos denunciavam sua diversão. Ele se aproximou um pouco mais e tocou discretamente em minha mão.

— Você é a princesa mais encantadora que Cibele já teve — ele se apossou de um dos elogios que eu recebi para se divertir. — Até quando faz caretas.

Desfiz o sorriso na hora e reproduzindo na mente a imagem do meu rosto quando faço gracinhas, olhei ao redor para me assegurar que ninguém tinha visto, ou pior, fotografado meu momento expansivo.

Edwin uniu a ponta dos nossos dedos escondidos atrás do monte de tecido da minha saia. Aquele singelo gesto era tão sutil, mas também tão agradável. Não era sem motivo que meus pais foram tão cuidadosos de me instruir sobre buscar a pureza dentro de um relacionamento pré-nupcial. Infelizmente, como acontecia com certa frequência, até mesmo os jovens cristãos estavam sendo contaminados com a influência do pecado e conduzindo seus relacionamentos sem o zelo de buscarem no Senhor direção sobre

o que a Palavra instruí asobre esse assunto, apenas reproduzindo o que viam, ouviam, assistiam.

E como se para ilustrar os meus pensamentos, Esra apareceu subitamente ao nosso lado, me recordando também que muitos cristãos nominais e professos sequer conheciam a Deus e Sua Palavra e não estavam dispostos a viver uma vida de renúncia e santidade.

— Presumo que a senhorita esteja precisando, cunhadinha — Esra me entregou uma taça de água.

— Obrigada, Esra. Você é um amor.

Esra subiu e desceu as sobancelhas várias vezes numa tentativa de provocar o irmão.

— Fique alerta, Edwin, Esra não me engana com essa conversa de *sou avesso às mul heres* — Elliot disse, juntando-se a nós.

— Pelo contrário, irmão, eu não sou *avesso* a elas. É por isso que eu estou *correndo* delas.

Constrangida com o assunto, virei a taça na boca e bebi todo o conteúdo.

— Agora, só mais três semanas, Edwin — Elliot falou, gracejando, e deu alguns tapinhas nas costas do meu noivo.

Edwin ignorou o comentário para não render a zombaria. Nesse momento, ainda num clima descontraído entre irmãos, um senhor de terno cinza e cabelos castanhos salpicado de fios grisalhos se aproximava conduzindo uma bela jovem dos cabelos loiros encaracolados, com os olhos azuis como o céu mais límpido de um dia de inverno. A garota de curvas perfeitas trajava um vestido longo da cor rosê, tinha uma beleza incomum e ainda por cima caminhava com toda a graça de uma dama muito bem-educada.

— Ora, ora, quem vem lá! — Elliot disse com um sorrisinho maroto. — Veio analisar de perto o que perdeu.

Olhei em direção a Elliot, mas acabei pegando no ar certa inquietação por parte de Edwin. Ele abaixou o olhar por alguns segundos antes de erguer a cabeça já com a expressão moderada e segurou a minha mão.

— Não sei quem deve estar mais decepcionado no momento, o Duque Bonneville ou Madeline — Elliot refletiu em voz alta.

— Eu ousa afirmar que seja o Duque — Esra palpitou. — Ele deve sempre se remoer quando pensa no desperdício da única chance que tiveram de assumir um lugar na família real de Cibele.

Mordi a boca, incerta sobre o que eles estavam falando, enquanto via uma das mulheres mais lindas do mundo chegando.

— Cloe me contou que Madeline estava pensando em se reaproximar de Edwin, arrependida da recusa passada. — Elliot tentou segurar uma risada. — Se eles tivessem comparecido ao baile do ano passado, talvez ela tivesse tido alguma chance. Agora, só lhe resta chorar os arrependimentos.

Umedeci meus lábios percebendo como era eu quem estava desconfortável naquele instante.

— Ah não, Edwin não ia dar bola, ele estava esperando...

Esra se calou, parte obrigado pela aproximação dos convidados, parte movido pelo olhar fulminante de Edwin para ele. Eu estava confusa e sem entender por que ele nunca tinha mencionado sobre um provável envolvimento com outra pessoa. Soltei nossas mãos quando eles pararam à nossa frente.

— Altezas — foi o Duque quem disse, com um sorriso afável no rosto. — Perdoem nossa demora em vir desejar nossas felicitações, mas estávamos esperando a movimentação diminuir.

O Duque fez uma breve mesura para Elliot e um movimento sutil da cabeça para os outros dois Príncipes. Ele tinha a feição aberta e parecia bastante simpático.

— Cloe me informou que viriam, apesar do convite ter sido de última hora — Elliot declarou estendendo a mão para cumprimentar o Duque. Em seguida, ele tomou a mão da jovem de maneira respeitosa. — Como vai, Madeline?

— Muito bem, obrigada — ela respondeu e eu fui atingida pelo som daquela voz doce e suave, de quem sabia exatamente como e o que falar.

— Sua irmã não veio? — Elliot questionou, olhando com discrição ao redor.

— Sinto muito, ela tinha compromissos importantes, ficou impossibilitada de nos acompanhar.

Ouvi um murmúrio quase imperceptível velvindo de Esra do meu lado, contudo, eu estava mais interessada em observar a reação do meu noivo ante aquela mulher tão cheia de dotes.

— Não obstante, ela mandou votos de felicidade, Alteza. — O Duque interpelou apertando a mão de Edwin. — Que o Senhor abençoe a união de vocês e abra a madre de sua futura esposa, para ela dar à luz a muitos herdeiros.

Apertei a boca para não rir de um voto tão inusitado como aquele.

— Seja como o Senhor quiser — Edwin respondeu, sereno. — Leve, por favor, palavras de agradecimento à senhorita Bonneville.

Esra se adiantou e cumprimentou o Duque com mais informalidade, para em seguida beijar discretamente a mão de Madeline.

— Há tempos não vejo você, jovem Esra. Está nos devendo uma visita — o Duque declarou demonstrando certa intimidade com o Príncipe.

— Na minha próxima viagem ao Reino Integrado, agendarei uma visita à família. Por favor, peça a Duquesa para preparar aqueles bolinhos cuja receita é secreta. Nunca provei algo tão delicioso.

— Na verdade, Lauren faz alguns de canela melhor que os da mamãe — Madeline, graciosa, informou com uma risadinha meiga. — Tenho certeza de que o senhor aprovará, Alteza.

— Não vejo a hora de experimentar e confirmar suas recomendações — Esra respondeu com seu bom e velho jeito charmoso.

Um pequeno silêncio, um tanto constrangedor, se colocou entre nós. Elliot precisou dar um cutucão em Edwin para ele reagir.

— Por favor, deixem-me apresentá-los, essa é Anne, minha noiva — ele olhou para mim e sorriu. — Anne, esses são o Duque Bonneville e a senhorita Madeline Bonneville. Eles são parte de uma família muito querida para nós, ocupam uma importante posição na nobreza do Reino Integrado.

Eu fiz uma mesura com a cabeça após o cumprimento de pai e filha

— Muito prazer em conhecê-los. Se quiserem estender o convite para nós, eu também aprecio uma boa culinária — brinquei.

As risadinhas surpresas me levaram a crer que eu, obviamente, tinha falado uma bobagem. Eu iria tentar corrigir, mas o Duque abriu um grande sorriso me impedindo de dizer algo.

— Seria uma honra ter vocês na minha casa. O convite está estendido à senhorita e ao Príncipe.

A conversa rendeu um pouco mais, com Esra, Elliot e o Duque dominando os assuntos. Edwin estava muito mais quieto do que o normal, pouco disse além do necessário. Apertos de mãos de despedida foram trocados.

— Agradeço por terem vindo — Edwin disse, pela primeira vez, se voltando para Madeline. — Esperamos vocês no nosso casamento.

Ela deu seu melhor sorriso de princesa dos contos de fadas.

— Nós faremos o possível para vir. Desejo muitas felicidades ao casal — ela disse e se curvou.

Nós agradecemos e eles se afastaram.

— A irmã estava impossibilitada de vir — Elliot gracejou e lançou um olhar cúmplice para os irmãos.

— Não compreendo, Madeline é tão doce e o pai tão simpático e gentil. — Esra balançou a cabeça.

Sem entender a referência, fiquei ainda mais curiosa para saber o real envolvimento de Edwin com a jovem de aparência e modos tão perfeitos.

— Eles são parentes da Cloe, Elliot? — questionei e o príncipe pareceu surpreso com a minha falta de formalidade. Eu ainda não tinha criado nenhuma intimidade com ele.

— Não, não — ele negou. — A filha mais velha do Duque é uma das amigas mais próximas da Cloe. A Família Real Integrada é bem próxima dos Bonneville, então, os conhecemos desde crianças. Sempre estivemos nos mesmos eventos e em visitas íntimas da família.

— Crescemos nos encontrando muitas vezes por ano — Esra contou.

— Edwin se apaixonou por Madeline e a pediu em casamento, porém, na época ela não deu valor para o amor dele.

Depois do fora, Edwin nunca mais quis se aproximar de nenhuma garota.

— Não foi por isso — Edwin por fim se defendeu rígido, o rosto tensionado. — Você sabe que não e não tem o direito de dizer essas coisas.

— Ah, claro! Você se tornou um fanático religioso — Elliot debochou.

Edwin preferiu não se intimidar com o comentário sarcástico do irmão. Ele o ignorou e segurou minha mão.

— Você está cansada, meu bem? — questionou, dando as costas para o irmão mais velho.

— Um pouco, mas estou bem.

Não precisava ser um grande conhecedor sobre interação humana para perceber que ele estava, na verdade, sondando como eu havia recebido aquela nova delação. De certo, não estava nem um pouco feliz em descobrir daquela maneira sobre outra mulher na vida do meu Príncipe, mas eu não poderia me deixar alterar, não ali, em público. Já bastava meu descontrole no aeroporto. Pensaria nisso posteriormente.

Mais tarde, o Rei e a Rainha se aproximaram e nos convidaram a segui-los. Caminhamos até uma sala onde, para minha surpresa, estavam presentes todas as autoridades de Cibele.



Capítulo 26

Capítulo 26

Eu me prendi à mão de Edwin para garantir o equilíbrio, mas também buscando por alguma sensação de segurança. À nossa frente, todos os ministros de Cibele se portavam como notáveis espectadores com expressões que variavam de curiosidade sobre a personalidade da nova Princesa, a desconfiança. Eu quis me encolher até desaparecer por completo, contudo, precisava ser forte. Não poderia me render à pressão, não duas vezes no mesmo dia.

— Boa noite, senhores — o Rei deu início ao seu discurso e sorriu antes de completar olhando para sua esposa —, e senhoras.

Houve um murmurinho de resposta e risadas. Senti-me confortada com o aparente bom humor do meu sogro. As duras palavras dele ainda estavam bem vividas na minha memória.

— Há alguns dias, fui pego de surpresa ao ser informado pelo meu filho, Príncipe Edwin Hawis, sobre o nobre e sincero sentimento que manifestava em favor de uma garota filha de nossa nação. Com imensa alegria, estendi a minha bênção e meus votos de que o relacionamento deles possa refletir a todos o que Cibele é desde a sua fundação: um país forte, como o mais puro amor, firme, como

um lar deve ser e com Deus no centro, a única maneira de funcionar.

Eu era a mais nova garota propaganda de Cibele, e assimilar isso não me ajudou muito. Envergonhada com tanta notabilidade e pressionada pela responsabilidade, num lapso de segundos, eu decidi deixar a sala correndo, contudo, a minha boa consciência travou meus pés no chão e me manteve ali. Não ouvi mais nenhuma palavra do discurso do Rei, minha mente estava ocupada repassando todas as instruções de como evitar transparecer meus sentimentos. Mantive a cabeça elevada, o olhar firme, e as mãos quietas.

E de repente ouvi meu nome ser dito ao final de uma frase que eu não tinha prestado atenção.

— ... Anne Davies!

Aplausos. Mesuras e murmúrios.

Olhei para Edwin e ele sorria, mas não disse nada. Sem saber o que fazer, a minha única saída era sorrir, torcendo para que eu não tivesse sido convocada para dizer ou fazer algo.

— Vamos — Edwin disse apontando para onde o pai dele estava.

Consegui me situar quando o Rei pegou uma caneta. Estávamos prestes a assinar os papéis do noivado. Edwin me levou até o pai. Primeiro, meu sogro e Oliver assinaram uma espécie de contrato, meu irmão representando meu pai. Depois, Edwin e eu nos comprometemos em público e deixamos nossos nomes na folha, o meu, bem mais tremido do que o normal.

Enquanto o documento era selado, aproveitei para sondar cada um dos rostos, parando, propositalmente, para observar bem as expressões de dois dos homens cujos nomes estavam nos papéis que vi no avião. Não achei nada de diferente e fiquei frustrada por não desvendar nada do mistério.

Depois, iniciamos uma maratona de sessão fotográfica. Enquanto o registro de imagem era feito, alguns poucos repórteres escolhidos a dedo cobriam o momento. O discurso do Rei faria legenda com nossas fotos, estampadas por alguns jornais com exclusividade no dia seguinte. Tiramos fotos com toda a família real, quando eu tive a oportunidade de conhecer os tios, tias e primos de

Edwin. Tiramos foto com o Rei e seus descendentes. Com meu irmão. Só nós dois.

Eu iludida, pensei que havia acabado.

Todo o parlamento, em busca de elevar sua popularidade entre os súditos, pousou para fotos conosco. Subdividido em classes, não perderam a chance de aparecer na mí dia ao lado do casal de noivos, figuras em destaque do momento.

Quando finalizamos aquela exaustiva sessão, eu literalmente suspirei aliviada. O Rei dispensou a todos com palavras de sinceros agradecimentos e saiu acompanhado de sua esposa, retornando para o salão. Era notório como a maioria dos ministros desejava gozar dos prazeres oferecidos na festa e em pouco tempo a sala estava vazia, restando apenas eu, Edwin e alguns fotógrafos, que ficaram para registrar as últimas fotos oficiais. Até poderia ser um momento agradável, só nosso, enquanto casal, se não tivesse que obedecer a tantas ordens dos profissionais, em busca de retratarem o casal Real no melhor ângulo, e não da nossa maneira.

— Estou exausta. Acho que ainda não me recuperei totalmente — declarei quando tudo acabou, morrendo de vontade de cair na cama e dormir.

Edwin colocou as mãos para trás e sua expressão denunciou que ele estava aprontando alguma coisa.

— O que foi? Qual o motivo desse olhar maroto?

Sem responder, ele pegou minha mão e a ergueu, como cavalheiros faziam antes de levar a dama para a pista de dança.

— Estamos liberados, todavia, não permitirei que você desfrute do conforto de sua cama.

— O que está aprontando?

— Confie em mim — ele pediu e depositou a minha mão na curva do braço dele.

Partimos, mas pegamos outra saída, indo em direção contrária ao nosso baile de noivado.

— Aonde vamos? — questionei quando estávamos a sós, ou nem tanto, já que havia guardas de olho em cada passo nosso.

Edwin parou, virou-se para mim e com um olhar espirituoso, sorriu até formar linhas em torno dos olhos.

— Eu disse, confie em mim, Princesa.

Perdida naquele olhar, permiti que ele me levasse sem oferecer mais explicações. Ele segurou minha mão e começou a me puxar com pressa, cheio de animação e ansiedade.

— Edwin! Amor! — protestei afobada. — Eu vou cair.

Edwin parou ao meu chamado e eu mostrei a ele um dos meus pés calçado com aquele salto altíssimo e o tecido da saia já embolando entre as minhas pernas.

— Desculpe. — Ele mordeu o lábio com o olhar distante. Voltou a si, abaixou-se na minha frente e pegou delicadamente um dos meus pés. — Vamos nos livrar disso aqui.

— Você está maluco? — Tentei afastar o pé, mas ele o segurou firme.

— Confia em mim, você não vai precisar mais deles — pediu, mas não aguardou minha resposta, desabotoando a minha sandália.

Foi um enorme alívio sentir a planta dos meus pés tocarem o chão gelado. A sensação de liberdade era maravilhosa, não obstante, eu tinha uma reputação a zelar.

— Eu não vou andar descalça pelo Palácio, Edwin! — Cruzei os braços. — E se alguém me vir assim? Já refletiu no que pensarão disso?

Ele não desviou os olhos dos meus e, sem pressa, retirou os sapatos dele também.

— Pensarão que se trata de uma nova moda em Cibeles, uma vez que Suas Altezas estavam ambos circulando pelo palácio com os pés livres de sapatos.

Ele se abaixou, pegou os dois pares de calçados e colocou na mão de um dos guardas, dando ordem para dar um fim neles. Balancei a cabeça em negativa, sorrindo. Era demais achar a atitude dele muito fofa?

Edwin se inclinou e me ajudou a juntar todo aquele tecido da cauda do vestido, levando consigo a parte sobressalente. Segurou novamente a minha mão e me guiou, com agilidade, pelos corredores do enorme Palácio. Eu estava me remoendo de curiosidade, contudo, sabia que ele não me diria nada, por isso resolvi apenas aproveitar o momento.

— Boa noite, senhores — o Príncipe cumprimentou os guardas parados em frente à porta do elevador. — Um excelente dia

para andar descalço pelo Palácio, não acham?

— Sim, Alteza — um deles respondeu no automático, como se fosse treinado a concordar com tudo que o Príncipe dissesse.

A porta do elevador abriu e nós entramos. Edwin apertou o botão do andar desejado e quando a porta se fechou, nós caímos na risada.

— Você anda muito engraçadinho! — afirmei, sentindo algo gostoso dominar meu coração.

— Dizem que quando um casal passa determinado tempo juntos, eles acabam por herdar certas características e manias do outro. Talvez eu tenha adquirido um pouco de sua personalidade.

— Ah, então me resta um futuro de seriedade e olhares superiores? — provoquei.

— Sabe que não seria de todo mal? Talvez eu coloque um pouco de juízo.. — Ele interrompeu a sentença para me lançar um olhar desafiador. — Nas suas palavras.

Dei um passo para longe dele e cruzei os braços encarando-o.

— Você sabia bem como eu era quando me pediu em casamento! — protestei. — Sempre enfatizei sobre minha tendência ao desastre.

Edwin não mudou a expressão brincalhona e de posse do tecido da cauda do meu vestido, ainda enrolado em sua mão, deu um puxão, obrigando-me a desfazer a pose de durona.

— E faria tudo novamente, quantas vezes me fossem permitidas.

— Você, definitivamente, é muito bom em fazer as pessoas se apaixonarem por você — respondi, rendida, e dei um passo para mais perto. — E isso é um perigo para as mulheres desavisadas.

— Não. — Edwin negou com a cabeça e sua mão tocou meu braço. — Não, porque apenas o sorriso, o olhar, a presença, o amor e a paixão de uma única mulher me importam, senhorita. Não tenho a mínima intenção de usar minhas armas de persuasão com outra mulher que não seja minha esposa.

Eu estava na dúvida se ele tinha conhecimento do poder que aquelas palavras tiveram sobre mim. Quando um sinal sonoro nos avisou da parada do elevador no andar determinado, meu coração

transbordava da mais doce emoção. Alheio ao quanto ele havia mexido comigo, o Príncipe apontou para o lado de fora, instruindo-me a seguir.

— Onde estamos? — sondei ao reparar no corredor com muitos quadros nas paredes.

— No andar do monarca — Edwin explicou sinalizando o fim do corredor. — Ali são os quartos do Rei e da Rainha e do Príncipe herdeiro.

No lugar para onde ele apontou se encontravam dezenas de guardas de prontidão, mantendo o local isolado, não admitindo a presença de nenhum intruso.

— Ninguém entra sem autorização — Edwin contou e puxou minha mão, levando-me para a direção contrária. — Até mesmo a minha presença pode ser vetada, se assim for do interesse do Rei.

— Quando seu irmão assumir, seus pais deixarão o quarto principal? — Como sempre, minha curiosidade falou mais alto.

— Não exatamente. Enquanto estiver vivo, ainda que meu pai passe o governo para Elliot, ele mantém seu status e tudo o que lhe é de direito como Rei.

Nós caminhamos mais um pouco e depois de fazer a curva no corredor, fiquei paralisada diante do espetáculo da vista preenchendo todo o meu campo de visão. Atrás de altas paredes de vidro, um jardim de inverno estendia-se do interior do Palácio até a varanda, revelando diversas folhagens em meio a mesas e bancos de estilo provençal.

— Uau, Edwin! — exclamei, fascinada. — Nunca imaginei que pudesse haver algo assim *dentro* do palácio.

Edwin estava exultante diante da minha reação. Acelerou nossos passos e eu fiquei com expectativas do que mais haveria para ser mostrado.

— Senhorita. — Ele fez uma reverência, soltou o tecido do meu vestido e me direcionou para o interior das portas de vidro.

— Seu pai não ficará furioso com nosso sumiço?

— Não, fomos liberados. Algo a ver com uma mãe interferindo a favor de um casal, já que ela concorda comigo que temos direito, hoje, a um momento só nosso.

Eu olhei para ele de relance e sorri. De imediato, eu descartei a ideia de um momento só nosso, porque havia mais gente por lá, o que já tinha se tornado comum para mim, e era mais prudente. Além dos guardas na porta, dentro do interior do jardim se encontravam outros e mais dois funcionários a postos.

O chão era de madeira e o local era dividido em duas áreas, a interna, coberta por uma espécie de telhado de vidro, como uma grande estufa e a externa que lembrava um jardim flutuante com um gramado bem cuidado e flores coloridas espalhadas em meio a românticos bancos de madeira.

— Quando a Rainha Suzette começou a perder gradativamente suas forças devido a sua doença, o Rei Cohen, sentindo a tristeza de sua esposa e tendo conhecimento de seu singular interesse pelas plantas, projetou esse lugar para trazer os jardins para mais perto de sua amada, facilitando assim sua locomoção. — Edwin fez uma pausa e eu absorvi o significado e importância de cada plantinha ali. Ele me olhou dentro dos olhos e havia emoção refletida. — Dizem que eles passaram os últimos dias dela aqui, buscando o consolo do Senhor. Desde então, o jardim tem sido mantido por todos seus descendentes.

— Sua tataravó.

— Sim. — Edwin permaneceu um pouco reflexivo, mas logo voltou a si, sorriu para mim e me guiou para a parte exterior. — Venha, tenho uma surpresa.

— Edwin! Você não existe! — afirmei quando me deparei com o tecido xadrez estendido sobre a grama com uma grande cesta sobre ele.

— Se um dia por infelicidade me tornar o Rei, meu primeiro decreto será para estabelecer o *di a naci onal do pi quení queem* homenagem a minha Rainha. — Edwin gesticulou com as mãos, movendo-as no ar como se fixando um cartaz enquanto contava suas ideias malucas. — Já consigo imaginar todas as famílias se unindo num só dia para apreciarem uma refeição, espalhados por cada jardim de Cibeles.

— Eu espero que você não se torne Rei e não seja necessário estabelecer nada. — Eu segurei as duas mãos dele e o

encarei emocionada. — Mas podemos estipular o *di a f a m i l i a l o p i q u e n i q u e* entre os nossos.

— Será suficiente.

Edwin levou cada uma das minhas mãos até os lábios e as beijou de modo formal, como um perfeito cavalheiro. Depois, me conduziu até o pano sobre a grama. Eu me sentei e ajeitei o tecido sobressalente da saia ao meu redor e me surpreendi com Edwin conversando através de sinais com um dos guardas. Os dois se entendiam perfeitamente e fiquei surpresa por desconhecer aquela habilidade especial do meu Príncipe.

— Você sabe a língua de sinais, Edwin? — perguntei quando ele se sentou ao meu lado após terminar seu animado diálogo.

— Sim. Aprendi a língua quando estava em treinamento militar. — Edwin olhou para o homem de uniforme vermelho, posicionado rigidamente em pé a alguns metros de distância da gente. — Na verdade, meu interesse surgiu ao conhecer o Nathan.

— Esse guarda?

— Exato. Fizemos o treinamento juntos e eu fiquei curioso vendo-o se comunicar usando as mãos. Ele fará parte do nosso grupo de segurança em Kent, já pedi autorização ao Rei para levá-lo. — Edwin fez um sinal e os dois funcionários serviram comidas e bebidas para nós. — Temos vários homens de confiança surdos. Eles podem não ouvir, mas desenvolvem os outros sentidos como nenhum outro soldado.

Após todo o alimento ser servido, Edwin dispensou os funcionários, que foram orientados a tirar o restante da noite de folga. Edwin pegou duas taças de dentro da cesta e me entregou uma, servindo-me suco de morango.

— Além do mais, há anos os monarcas conservam a tradição de manter guardas surdos, principalmente quando precisam de discrição e sigilo. Eles são extremamente zelosos e atentos e dificilmente ficam a par da conversa discutida no recinto. Mas não se engane, eles são excelentes em leitura labial e farão isso se a boca estiver à vista. — Edwin repousou a taça dele no chão e elevou um dos joelhos. — Se a intenção é boa ou não, eu não posso dizer, mas eles são muito valorizados neste cargo. Nathan,

por exemplo, é um dos melhores agentes que eu tive a honra de conviver, e não foi fácil convencer meu pai de me permitir levá-lo.

Dei um gole no meu suco apreciando a expressão do rosto de Edwin se abrindo comigo. Ele fez uma pequena oração e me serviu um dos pratos com sanduíches de azeitonas. Minha boca salivou porque eu estava faminta. Diferente dos convidados, não tínhamos comido nada na festa.

— Quando eu conheci Nathan, a história dele e de alguns outros homens e mulheres da comunidade surda, fui atingido pela dura realidade. Basicamente, um surdo sem boas condições financeiras, até alguns anos atrás, tinha duas opções na vida: entrar para o exército e se destacar para conseguir um cargo de confiança, ou viver eternamente à custa de outras pessoas. Eu e Nathan nos tornamos amigos enquanto ele me ensinava a linguagem de sinais e eu fiquei por meses pensando como poderia ajudar pessoas como ele.

— Você e seu grande coração — declarei, sabendo da propensão de meu noivo em ser útil.

— O Senhor me colocou nessa posição e eu creio que é minha obrigação amparar os necessitados. E enquanto eu puder e estiver ao meu alcance, farei isso. Por Deus e pelo nosso povo.

— E eu amo você por isso. Por ser quem é e como é. E pelo que você faz.

Edwin desviou os olhos, incomodado.

— Não sou eu, mas o Senhor em mim. Ai de mim, a Glória deve ser Dele, sempre. E eu me alegro por Ele ter me dado a oportunidade de mudar a sorte de algumas pessoas como Nathan.

— Ele encarou os próprios pés. — Hoje, o Centro Educacional Mãos que Apoiam é uma referência na preparação pedagógica e profissional para surdos e cegos.

— Obra sua, creio eu — disse apontando meu bolinho de canela para ele.

— Planos do Senhor, concretizados através da minha vida. — Edwin olhou mais uma vez para Nathan e depois sorriu para mim. — Eu me alegro muito com eles. Sei que ainda não é o suficiente, mas é um grande passo.

Ele relatou como havia sido todo o processo para dar vida ao projeto de assistência àquelas pessoas. Desde o plano inicial, até a

conclusão da obra, a capacitação dos voluntários e profissionais e a grande tarefa de encontrar os necessitados em cada canto do país. E por esse motivo, o Príncipe me revelou um pouco embaraçado, ele era muito apreciado pelas pessoas da comunidade surda e cega.

A comida ficou em segundo plano diante daquele momento particular nosso. Mas, como uma boa apreciadora de doces, fiz questão de provar todos os quitutes. Já saciada, abandonei minha taça e estiquei minhas pernas, ouvindo-o relatar, empolgado, histórias de sua infância e adolescência.



Capítulo 27

Capítulo 27

— E lá estava o Duque, aplicando uma lição de moral sobre como um cavalheiro deveria proceder diante de uma dama, defendendo-a e não criando armadilhas para colocá-las em situações embaraçosas. Ele articulou um sermão bastante enérgico e se estenderia com palavras menos amigáveis, caso meus pais não tivessem surgido no jardim no momento em que proferia as palavras “príncipes” e “mimados”. — Edwin parecia se divertir com as lembranças enquanto me contava um dos muitos casos de seu passado. — Pobre Duque, ele não sabia como se explicar.

— Conheço bem essa sensação. Não é nada agradável ser pega no flagra quando está falando bobagens.

Edwin, que naquela altura já não vestia mais seu casaco vermelho e estava livre da gravata, riu, compreendo a referência.

— Ao que parece, você se apaixonou pelo príncipe insensível e autoritário. Que mulher horrível você é, senhorita Davies! — Edwin me repreendeu. — Como pode se casar com um monstro?

— Para minha defesa, eu nunca o retratei como um monstro! — Inclinei meu corpo para trás e o fuzilei com o olhar. — E a culpa é unicamente sua, você quem amedronta as pessoas desconhecidas

com sua severidade. E veja só! Um Príncipe que jogava sapos em garotas quando mais jovem.

Edwin deu de ombros, não se abalando com minha acusação ou se sentindo culpado.

— Éramos garotos, desconhecíamos sobre a realidade das mulheres, seres extremamente sensíveis quando se trata de animais asquerosos. Foi difícil assimilar que elas não achavam graça aquela inocente brincadeira.

— Homens!

— Não se preocupe, meu amor. O discurso do Duque não foi em vão, eu considerei muito a *breve exposição a respeito da delicadeza e fragilidade das mulheres*. Eu garanto, eu quem a protegerei dos animais asquerosos agora — Edwin afirmou, fazendo um gesto de juramento com as mãos.

Puxei minha perna elevando meus joelhos e os abracei, repousando minha cabeça ali, sem desviar os olhos de Edwin. Na verdade, eu estava me corroendo por dentro desejando saber mais sobre um assunto relevante que dizia respeito a certa loira e um pedido de casamento no passado. É, eu estava com ciúme.

— Há algo mais que queira conhecer sobre meu passado? — Edwin também mudou de posição, beneficiando-se do banco de madeira atrás dele para apoiar suas costas. — Aproveite enquanto eu estou aberto a conversar.

Umedeci os lábios, pensando como abordar o assunto. Levantei a cabeça, mas hesitei por um momento. Por fim, achei melhor ir direto ao ponto.

— Porque nunca me contou sobre a Madeline?

Edwin parecia já estar aguardando o momento em que eu faria aquela pergunta, mesmo assim ele ficou desconcertado.

— Pensei que você não se sentiria bem em falar sobre isso.

— Eu não me sinto bem falando sobre isso, mas seria melhor ouvir do meu noivo sobre o passado dele, do que descobrir por relatos de outros em situações embaraçosas. — Desviei meus olhos para um ponto bem distante do olhar dele. — Não foi divertido descobrir sobre outra mulher a quem você amou quando ela se encontrava bem a nossa frente.

— Eu nunca amei outra mulher, Anne — Edwin afirmou, convicto. — Eu não menti quando disse que você é e foi meu único amor.

— E a Madeline? — questionei e, num ímpeto de coragem, encarei-o. Para minha surpresa, Edwin riu.

— Nunca foi amor, eram apenas hormônios. — Ele flexionou um dos joelhos e repousou sua mão ali. — Eu era um pirralho na fase das descobertas, convivendo com uma garota bastante cobiçada por outros meninos. Eu tinha treze anos, mal sabia o que estava fazendo da vida. Era imaturo, Madeline era uma das poucas meninas de boa posição do nosso círculo de amizade e eu, ingênuo, pensei que ela seria a mulher certa. Não foi nada sério, coisa de criança.

— Ah, sim, coisa de criança. O pedido de casamento também foi fruto dessa ingenuidade? — perguntei, sem fazer questão de esconder meu desagrado.

— Não foi, exatamente, um pedido de casamento. — Edwin passou a mão pelos cabelos algumas vezes. — Eu me confundi todo ao revelar a ela meus sentimentos e acabei me embolando, dizendo algo sobre firmar um acordo matrimonial para quando estivéssemos na idade correta. Anne, eu não fazia ideia do quão sério era propor algo assim para uma mulher, mas mesmo se ela tivesse aceitado aquele absurdo, não daria em nada, porque eu não tinha idade para tomar uma decisão dessas. Eu estava iludido, uma criança acreditando que os sentimentos eram suficientes para me fazer tomar a decisão de com quem eu deveria passar o resto da minha vida.

— Então não eram apenas hormônios, havia sentimentos envolvidos. — Cruzei as mãos e encarei meus pés.

— Paixão, algo sem profundidade, falso. — Edwin tocou em meu rosto e me obrigou a encará-lo. — É diferente agora, eu garanto.

Senti a fidelidade da alegação dele ser refletida nos olhos. Ele não estava mentindo. Me movi até ficar do lado do Príncipe, com as costas repousada no banco e entreguei a ele minha mão. Edwin envolveu meus dedos com carinho.

— Eu reconheço seus defeitos, bem como suas qualidades; sei das lutas porvir, mas, ainda assim, não há nada que me faça querer desistir de passar o resto da minha vida ao seu lado. Não é por eu simplesmente achá-la a mulher mais linda do mundo, ou por me sentir igual um menino bobo apaixonado quando estou com você. Há sentimentos envolvidos, Anne, mas há uma certeza racional sobre seu caráter, sobre a mulher cristã que você é, sobre suas capacidades, sua doçura, sua gentileza, seu amor ao próximo. Eu vejo Cristo em você e em seus gestos. — Edwin perdeu o interesse em nossas mãos e me encarou, seus olhos castanhos estavam vivos e brilhantes. — Amo você e mal posso esperar para amá-la como minha esposa.

A honestidade presente no olhar, na fala e no carinho delicado de Edwin me desarmou por completo. Sem palavras para retribuir à altura, eu deitei a cabeça no ombro dele e suspirei.

— Também amo você. E, do mesmo modo, nunca havia me deparado com esse sentimento, não da maneira como eu o sinto hoje.

Edwin beijou a parte da minha cabeça ao alcance de seus lábios e eu me inteirei um pouco mais sobre o vínculo de um casal. O amor, aquele sentimento imponente, mesmo manifestando-se puro e íntegro, motivava o desejo de uma intimidade mais profunda que poderia ser perigosa ainda longe da segurança do casamento, gerando o anseio de estar cada vez mais perto, mais junto, mais colado. Mas ele ainda não era meu marido. Depois de um tempo, resolvi me afastar, mudando a posição de minhas pernas de modo a poder ficar de frente para ele, mas a uma boa distância.

— Como seus pais se conheceram? — Edwin perguntou. — Você sempre menciona algo sobre o casamento deles, mas nunca me contou como tudo começou.

— Eles se conheceram na igreja. — Sorri satisfeita por poder trazer eles para a nossa conversa. — Meu pai sempre contava sobre aquela quinta-feira ensolarada, quando desembarcou em Cibeles. Mesmo exausto da longa viagem, a primeira coisa que ele fez foi procurar uma Igreja. Para ele, a sensação de poder atravessar a porta do salão e assistir a um culto, apesar de não entender praticamente nenhuma palavra, orar e louvar a Deus com

seus irmãos sem precisar se esconder, sem o receio de ser preso, foi algo inexplicável. Ele sempre foi grato a Deus por poder cultivar sem preocupação após aquele dia. Depois de tantos anos vivendo aqui, ainda se emocionava quando recitava em voz alta, livremente, para outra pessoa os versículos da Bíblia ou quando mencionava sobre a liberdade de andar com ela a vista pela cidade.

— Nós não temos a noção do quanto abençoados somos por usufruímos dessa liberdade. Infelizmente, muitos cristãos não dão o devido valor à preciosidade de ter em suas mãos a revelação do próprio Deus, falando e se manifestando com cada um. Muitos sequer abrem suas Bíblias durante dias, às vezes durante semanas. Se de fato compreendessem o valor de ter a Palavra do nosso Senhor tão acessível, talvez não tivéssemos tantas Bíblias empoeiradas por falta de manuseio.

— Minha mãe contava como meu pai ficava perplexo com a confissão de cristãos professos há tantos anos revelando discretamente nunca terem lido a Bíblia inteira. Meu pai ficava chateado por ver tamanha falta de interesse. Ele vivia citando uma frase de Spurgeon: “Há pó suficiente sobre algumas de suas Bíblias que dá para escrever 'condenação' com os dedos!” — Olhei para Edwin sentindo-me grata por ele me fazer lembrar da história dos meus pais e me permitir fazer algumas comparações entre nós. — Ela sempre disse que se apaixonou pelo amor dele ao Senhor antes de se apaixonar pela pessoa que era Paul Davies. Mesmo antes de conseguirem se comunicar com efetividade, ela conseguiu enxergar claramente o amor dele por Cristo.

— E como eles se comunicavam? — indagou o Príncipe, tentando juntar as peças daquela união inusitada.

Eu ofereci um sorriso aberto ao meu noivo.

— Engraçado, porque foi exatamente a comunicação, ou a falta dela, a causa principal que os aproximou. Quando meu pai procurou o pastor, ele sabia muito pouco da nossa língua então dá para se ter uma ideia de como foi a comunicação dos dois. Consegue imaginar um cidadão de Kendra e um cibeliiano tentando se entender? E não havia internet como hoje para se usar um tradutor online.

Edwin riu, imaginando comigo a cena, provavelmente repleta de gestos e risadas.

— Mas o pastor logo percebeu a necessidade do meu pai, tanto em relação à compreensão da nossa língua, quanto ao discipulado. Até então, ele havia estudado a Bíblia sozinho e estava carente de algumas respostas.

— Ele estava morando no abrigo nesse tempo, não é? — Edwin perguntou e, diante do meu olhar surpreso, ele deu de ombros. — Eu li o relatório dele mais de uma vez.

Eu poderia me apaixonar ainda mais por um homem denotando um real interesse pelas pessoas mais importantes da minha vida até então, ainda que nunca tivesse a oportunidade de conhecê-los? Sim, poderia, e estava acontecendo exatamente isso naquele momento.

— Ele não conseguia trabalho por conta da comunicação. Contudo, encontrou uma maneira de ajudar como podia na igreja. Ele seguia o pastor por todos os lugares, sendo útil apesar das circunstâncias.

— Eu já estive em lugares onde não compreendia a conversa ao redor e me senti extremamente desconfortável.

— O problema não parou por aí. Ele teve problemas para criar vínculos, pois, além da aparência que denunciava seu passado de fugitivo, com marcas e cicatrizes do espancamento, ninguém entendia o que ele falava. Ele ficava sempre sozinho, em pé, observando tudo ao redor.

— Então sua mãe entrou em cena! — Edwin concluiu inclinando a cabeça para o lado.

— É. Ela já tinha se formado, dava aulas nessa época e sempre amou literatura, livros e tudo relacionado à linguagem. Ela se ofereceu para ajudá-lo com aulas particulares e eles se apaixonaram à medida que foram passando mais e mais tempo juntos, se conhecendo e descobrindo alguns gostos em comum, entre eles, o amor por Cristo e pela leitura.

— Algo que você herdou também.

Eu sorri porque a afirmação soava como um elogio.

— Eles sempre nos incentivaram muito em relação à leitura, embora Oliver seja o leitor menos assíduo de nossa família. Graças

a Deus, ele ao menos herdou o hábito da leitura bíblica, que é o principal. E ultimamente tem gastado seu tempo estudando teologia e lendo muitas biografias de missionários.

— Oliver se tornou um homem notável, é nítido o amadurecimento dele.

— Você tem participação nesse processo, sabe disso, não é? Desde quando deu oportunidade para ele consertar os erros, tudo mudou. Seus atos fizeram diferença na nossa vida.

Edwin cruzou os braços em frente ao peito, mas não disse nada, apenas sorriu.

— Aliás, você e Zac são os maiores exemplos e inspiração na vida do meu irmão. Ele sempre relaciona vocês quando quer demonstrar algum valor e eu me alegro em ver o quanto essa influência tem sido importante para ele. Sempre temi a falta da presença do meu pai. Ainda que não seja exatamente a mesma coisa de tê-lo por perto, vocês têm sido uma referência masculina. Infelizmente, Oliver não teve a mesma percepção que eu sobre nossos pais, ele era uma criança quando morreram e o modo como ele se lembra é diferente do meu.

Trazer à memória lembranças sobre o amor dos meus pais, sobre nossa família quando ainda unida reavivou sentimentos bons relacionados ao passado. Não era sobre superar a perda deles, mas reconhecer que mesmo não estando presentes, eles ainda influenciavam minha vida.

— Eu me lembro dos dois sentados no sofá da sala, ela deitada nos braços dele, bem aqui. — Com a mão apontei para a parte entre o meu ombro e o coração, onde ela costumava se deitar. Fechei meus olhos reproduzindo a cena em minhas lembranças. — Havia aquela garantia do amor deles, de uma aliança sólida que nos dava segurança. De alguma maneira eu sabia que um nunca deixaria o outro. E eles não deixaram, foram embora juntos. Ah, me desculpe... — As palavras travaram na minha garganta.

Algumas lágrimas surgiram nos meus olhos, mas elas não eram só de tristeza pela falta. Era também emoção por saber que o casamento deles era uma inspiração para mim. Eu os vi daquela maneira, no dia a dia, longe de câmeras ou exposição de redes sociais. Eu os vi na vida real, se amando, se apoiando em Cristo

quando os dias eram maus, perdendo e pedindo perdão quando falhavam. Eles eram, pela graça de Deus, uma representação clara de Efésios 5 para mim.

Eu desejava ter o mesmo no futuro.

— Não se preocupe, eu estou bem, só me emocionei — afirmei, limpando o rosto assim que percebi ele se movendo para se aproximar. Eu abri um sorriso e estendi minha mão para que ele a segurasse. — É bom saber que eu ainda tenho tudo isso vívido aqui dentro. — A outra mão tocou no meu coração.

— Isso é bom — ele disse e apertou minha mão. — Meus pais se amam, não tenho dúvida. Mas não é a mesma coisa. Há algo sobre uma polidez e formalidade por parte do meu pai, que foi aumentando à medida em que nós crescemos. Ele respeita minha mãe, a trata com carinho, e a elogia sempre, mas não nos permite vivenciar a intimidade deles como um casal amoroso. Mas, no fim, acho que eles também me influenciaram. Como meu pai, me apaixonei por uma plebeia e vou torná-la minha Princesa, não é verdade?

As engrenagens do meu cérebro foram ativadas e de comovida saltei para uma garota empolgada. Sim, assim como nossos pais, nossa história estava sendo escrita naquele momento, embora diferente do que um dia eu havia imaginado.

— Edwin — eu ergui meu corpo e endireitei a coluna, os olhos arregalados —, isso é loucura e, ao mesmo tempo, incrível! Nós também estamos escrevendo a nossa história! — Apontei para ele, depois para mim.

— E um dia vamos contar aos nossos filhos como a mãe deles fugiu deixando o papai de coração partido sem maiores explicações — Edwin aproveitou para se divertir diante da minha empolgação.

— Mas eu voltei!

— Sim, graças a Deus você voltou.

— Não é lindo isso? Você e eu, aqui, agora, falando do passado e do futuro, vivendo o presente. Isso é muito louco! Sério, pense comigo. Nós éramos dois desconhecidos... Bem, você nem tanto, eu sabia da sua existência. — Mexi a cabeça tentando organizar o raciocínio. — Mas, sim, desconhecidos. E de repente,

puff— minhas mãos e braços fizeram um movimento de explosão — tudo mudou. Você percebe? Nós éramos dois estranhos, e agora estamos aqui, compartilhando nossas histórias e ainda longe de saber tudo um do outro. Mesmo assim, *mesmo assim* em poucos dias vamos nos casar, nos tornaremos um só. Tudo vai mudar! Tudo! E, à medida que isso me dá medo, eu também mal posso esperar. E enquanto eu lamento por não saber tudo sobre você, parece também que conheço você a minha vida toda. Isso é quase mágico! É tipo um mistério de Deus.

Ele estava sorrindo com as covinhas à mostra.

— Edwin! — Bati as mãos uma na outra. — Teremos uma linda história de amor para contar! Um amor real, verdadeiro, sincero e da realeza!

Olhei para ele e mais uma vez fiquei abismada com a conclusão que cheguei na minha cabeça.

— Eu vou me casar com você! Você não entende! Casar com um Príncipe soava para mim da mesma maneira que soa dizer que vou me casar com um alienígena.

Edwin tremeu os ombros e os lábios, então soltou uma gargalhada contagiante que me deixou aliviada por não ter ofendido ele, afinal, eu tinha o comparado com um ET. Ele demorou a conseguir se acalmar.

— Ah, como amo estar e construir minha história com você. Mal posso esperar pelos capítulos a serem escritos.

A afirmação serviu como um calmante instantâneo. Minhas emoções repousaram numa superfície sólida e ali ficaram. A quietude chegou e com ela o cansaço causado por um dia exaustivo. Ainda não tinha descansado o suficiente e meu corpo começou a dar sinais disso. Mas a conversa ainda rendeu passeando por outros assuntos, até que ele foi chamado por um funcionário trazendo um recado em um bilhete.

— Preciso resolver um probleminha — ele informou. — Mas não vou demorar. Você me aguarda aqui?

— Claro. É alguma coisa séria?

— Não. — Ele riu. — Te conto quando voltar.

Ele saiu apressado e eu esperei paciente por sua volta. Os minutos foram passando, eu me deitei e passei a olhar as estrelas.



— Anne!

Abri os olhos e enxerguei a figura do meu noivo ajoelhado ao meu lado. O cabelo dele estava bagunçado e sua blusa branca amassada.

— Já amanheceu e precisamos nos preparar para o café da manhã — Edwin informou.

Ergui meu corpo e me apoiei nos cotovelos. Para minha surpresa, além de estar no jardim, não havia um ou dois guardas ali presentes, mas ao menos dez homens trajando suas fardas vermelhas. Pisquei algumas vezes forçando as vistas para tentar entender melhor porque havia tanta gente vigiando meu sono.

— Você dormiu profundamente, não quis acordá-la. — Ele olhou para os lados e deu de ombros. — Eu precisava garantir nossa integridade.

Eu ainda usava o vestido do baile. Edwin me entregou os meus óculos. Sentei-me no colchão e notei estar resguardada por um cobertor da cintura para baixo. Havia um colchão recém abandonado na outra extremidade do jardim.

— Nós dormimos aqui?

— Sim. Ontem à noite eu descii porque um dos nossos convidados, o Sr. Murchadh, exigiu que eu estivesse lá para ajudá-lo a fechar um acordo, mas na verdade, ele queira me entregar um presente, pessoalmente. — Edwin tirou do bolso um relógio antigo. — Ele é um cristão especial, por quem tenho apreço. Ele disse que é uma herança familiar e como não tem filhos, quis deixar para mim agora que serei um homem de família.

Peguei o objeto e fiquei impressionada com a beleza, uma antiguidade feita a mão, com a letra M marcada no metal. Edwin se levantou e me ofereceu a mão.

— Eu demorei porque me lembrei que precisava dos meus sapatos. — Ele riu e me ajudou a levantar, recebendo de volta o relógio. — Quando cheguei você estava em sono profundo. Eu te chamei, você me respondeu, mas não estava em seu juízo perfeito. Achei mais adequado deixá-la aqui do que correr o risco de me deparar com alguém e chegar aos ouvidos do meu pai que a Princesa estava sendo amparada pelo noivo nos corredores do Palácio.

— Seu pai arrumaria uma maneira de cancelar nosso casamento!

— Foi melhor poupá-lo dessa incumbência — ele brincou. — Obviamente eu não a deixaria sozinha, mas também não seria prudente... — Edwin coçou a nuca e olhou para os colchões distantes um do outro e depois para os guardas. — Quis me certificar de não dar nenhum motivo para que qualquer boato corra pelo Palácio. Nossa reputação estará intacta.

— Já compreendi. — Ajeitei meu vestido embolado e vi a tiara repousada no chão. — Devo estar descabelada! — exclamei e passei a alisar os fios com as mãos.

— Se serve de consolo, para mim, você continua linda. Sua teoria foi reprovada, Princesa. Se existe mulher mais perfeita acordando, eu desconheço.

Tentei não sorrir, mas a satisfação venceu a batalha e externou em minha expressão.

— Nós precisamos ir. Não quero me atrasar para o café, a família toda estará lá e não vamos dar mais um motivo para meu pai reprovar nosso comportamento.

— De jeito nenhum!

— Temos uma hora e meia. — Edwin pegou o casaco vermelho e colocou nos ombros. — E vocês, mulheres, demoram muito para se arrumar.

Apressado, ele me ajudou a juntar o tecido da saia, levando a cauda para mim. Quando esticou a postura, sorriu.

— A propósito, bom dia, minha noiva. Vamos! Hoje você conhecerá toda a família.

— Mal posso esperar — respondi, irônica.



Capítulo 28

Capítulo 28

Eu estava pronta, esperando Edwin, quando a chegada de Oliver fez um sorriso verdadeiro se abrir no meu rosto. Ele estava acompanhado de Zac, ambos bem-vestidos em seus ternos pretos.

— Podemos entrar?

— Claro! — Deixei o ar sair da minha boca lentamente olhando para meu irmão. — Quanta elegância!

— Precisamos falar a sós com você, Anne — Zac se manifestou olhando discretamente para Milena e Rachel. — Assunto confidencial. — Depois, encarou minha assistente. — Vamos tratar de uma questão sigilosa, que faz parte da segurança da Princesa.

Me encontrei no meio daquela troca de olhares altivos entres meus dois queridos amigos. Era claro que Zac tinha a intenção de provocar Milena.

— Por favor, nos deem privacidade. — Ele foi enfático.

Sem se abalar e sorrindo, Rachel se retirou. Milena, entretanto, tinha a tendência em transparecer como a presença de Zac a deixava fora de si, irritada e desnorteada. Quando ela passou por ele de cabeça baixa, havia um sorrisinho contido no rosto do chefe da minha segurança.

— Não entendo essa implicância com minha assistente, Zac — o repreendi caminhando até Oliver para contemplá-lo mais de perto.

— Minha? Você não vê? — Zac se defendeu prontamente. — Ela quem faz questão de demonstrar o desprazer por me ver aproximar de você. E, gostando ou não, isso acontecerá regularmente.

— Vocês parecem duas crianças! — ralhei balançando o dedo indicador na frente do rosto dele. — Não me obrigue a ter que interferir nesse joguinho infantil.

Zac cruzou os braços e se encostou à parede, comportando-se como um menino malcriado deixando claro para a mãe que não se afetaria com ameaças ou sermões. O ignorei e ajeitei a gravata do meu irmão, questionando:

— Já estão indo?

— Sim — Oliver quem me respondeu e eu olhei para Zac a tempo de ver seu sorrisinho deslavado. — Mas quis passar para dar um beijo em você. Estou sentindo sua falta, agora que não tem mais tempo para sua família.

— Só porque agora virou um rapazinho e está trabalhando para o serviço secreto da coroa cibeliana, acha que pode me recriminar? Aliás, é você quem está fugindo de se apresentar do meu lado.

— Não, obrigada, mas prefiro enfrentar um intenso treinamento militar a ter de posar como um enfeite para distração do povo.

— Ah, eu entendo, eu mesmo, se pudesse, manteria distância de toda essa exposição. — Toquei nos braços do meu irmão e apertei os músculos avantajados sobressaindo-se ali. — E você está bem fortinho, hein, garoto?

— Ah, não! — Zac bateu a mão na testa, provocando um estalo. — Eu deveria ter ficado lá fora. Melhor do que testemunhar essa *mel* *ação* entre vocês.

Oliver exibiu os braços um pouco antes de sorrir e deixar um beijo na minha testa. Ele estava participando de reuniões da guarda real. Eu não podia ser egoísta de pedi-lo para ficar do meu lado, quando se encontrava tão feliz, em busca do próprio caminho. Só

me restava lamentar sua ausência, mas me alegrar com sua felicidade.

— Marfim me ligou, porque não quis te incomodar. Ele lamenta não ter vindo para o noivado, está em terras distantes, mas garantiu comparecer ao seu casamento. Ele também me informou ter cuidado de tudo referente à nossa partida de Susan.

Eu havia sentido a falta dele e de Melody, mas estava feliz porque ambos estariam no dia do meu casamento, convidados de honra da minha minúscula lista.

— Marfim e Edwin parecem ter se entendido, ele demonstrou expressa alegria com a recepção do seu noivo — Oliver completou.

— Ora, ora, você está mesmo por dentro dos acontecimentos. Nem eu sabia disso. — Mordi um dos lábios e fiquei um pouco pensativa. — Falta comunicação no meu relacionamento.

— Ah, céus! Agora eu não estou disposto a ouvir sobre seus problemas conjugais! — Zac alegou e colocou uma mão no ombro do meu irmão. — Por favor, Oliver, me poupe disso.

Espremi os olhos e balancei a cabeça, incrédula com a petulância do jovem.

— Tenho que ir agora, não posso me atrasar.

— Tudo bem. Vão com Deus, que o Senhor guarde você, baixinho.

Os dois se despediram e só quando estavam longe eu me dei conta de que não havia assunto confidencial nenhum e ri. As meninas retornaram, Milena mais silenciosa do que o normal e eu não quis aumentar a tensão entre ela e Zac, fingindo naturalidade com o que aconteceu.

Eu estava pronta, descansada e bem-vestida, porém, me encontrava nervosa. Temia a minha boca grande, a minha falta de jeito com o ilustre mundo aristocrático. A família de Edwin não era só a família dele, eram também as pessoas de maior prestígio do país. Como resposta a minha ansiedade, eu tinha feito acordos comigo mesma. Observaria as ações à minha volta e não reagiria antes de ter certeza de estar fazendo a coisa correta. Pensaria antes de falar e me manteria o mais quieta possível. Também estava contente porque participaria do meu primeiro culto ao lado do meu

noivo. Ainda que fosse algo bem formal dentro do Palácio, como ele me alertou, era algo importante para mim.

— Bom dia, Alteza. — Edwin entrou no quarto e meneou a cabeça, escondendo um sorriso atrevido. — Como foi sua noite?

— Ah, me poupe de suas gracinhas porque estou nervosa! — exclamei, passando por ele e indo direto para a porta.

— Essa não é a conduta correta de uma princesa. — Edwin se aproximou e continuou com o sorriso brincalhão. Ele segurou minha mão, a repousou no seu braço e seguimos nosso caminho. — Se você agir assim, dará mais motivos para especulações.

— Você tirou o dia para zombar de mim? — questionei, me dedicando a manter uma expressão séria e carrancuda.

— Não, meu bem, assim não. — Edwin parou e com os dedos pressionou a pele do meu rosto, como se estivesse esculpindo uma estátua de barro. — Para ficar ameaçadora precisa tensionar um pouco mais aqui.

— Edwin! — Retirei as mãos dele do meu rosto e não resisti ao seu sorriso, estragando toda a minha encenação revoltada sorrindo de volta.

— Só quero deixar você mais tranquila. Vai dar tudo certo, minha princesa!

Ele me deu a mão e eu suspirei tentando afastar de mim as previsões de todas as surpresas que me esperavam. Edwin fez o percurso tagarelando sobre diversos assuntos diferentes, até mesmo chegou a mencionar algo sobre as pinturas de uma das paredes do Palácio. Deixei-me envolver por nossa conversa até chegarmos à antessala do salão de refeição principal.

Quando entramos, eu contemplei dezenas de Hawis distribuídos em pequenos grupos pelo cômodo. Embora todos mantivessem posturas perfeitas e fossem muito elegantes, eles pareciam à vontade enquanto conversavam, como qualquer outra família quando se reúne.

— Ah! Aí estão eles! — um homem bradou anunciando nossa presença. Meu coração batia freneticamente e eu reconheci imediatamente o homem. Era Enny Hawis, Sua Alteza Real, tio de Edwin.

Um burburinho pela sala, sorrisos e olhares em nossa direção, porém, Enny quem se aproximou primeiro, apertando a mão do sobrinho com bastante entusiasmo, sem esconder a curiosidade em relação a mim.

— Então, essa é a senhorita que roubou o coração desse homem solitário? — ele estampou um sorriso exagerado na face, segurando minha mão com delicadeza.

— Não se exceda, tio — Edwin alertou, mas não parecia ofendido com a brincadeira.

— Acredito que foi ele quem roubou o meu, Alteza. — Eu fiz uma reverência, mas ele a rejeitou com um gesto de mão, deixando claro achar desnecessário meu ato. — Príncipes encantados são conquistadores natos, irresistíveis para plebeias como eu.

— Ora, ora, Edwin! Temos senso de humor aqui — Enny declarou e abriu ainda mais seu sorriso, lembrando-me um pouco a expressão do Príncipe Esra, que naquele instante estava entretido conversando em um grupo de jovens afastado de nós. — Porém, ele te enganou, minha querida. Esse rapaz aqui não é tão encantador assim. Ele já te contou sobre a neurose dele com os travesseiros?

— Tio Enny, não comece! — Edwin o repreendeu, incentivando ainda mais o homem a seguir adiante no relato.

— Desde quando era pequeno...

O homem foi interrompido com a chegada de seu irmão caçula, Príncipe Egberto, dando alguns tapas — bem fortes — nas costas de Enny.

— Eu acabei de informar a Edmund a alegria de enfim estarmos reunidos novamente em família e para uma boa ocasião. — Egberto deu uma olhadela para mim, mas preferiu falar encarando o sobrinho. — Estávamos todos curiosos para conhecer a jovem que retirou das nossas costas todas as suspeitas em relação à verdadeira masculinidade de Edwin.

— O que? Vocês estão terríveis hoje! — Edwin protestou enquanto eu me segurava para não cair na gargalhada.

— Ah, filho, era de se admirar um homem a vinte oito anos sem nenhuma namoradinha! — Egberto comentou deixando Edwin um pouco constrangido.

— Eu estava esperando a mulher certa. Aliás, observando o casamento de vocês, vi a necessidade de escolher muito bem, como meus ancestrais, antes de sair fazendo besteira — Edwin respondeu, sério, tentando dar um fim na conversa.

— Príncipe Enny — eu pedi, interrompendo a troca de olhares dos três homens, parecendo prontos a entrar numa batalha cujas armas eram a zombaria —, conte-me sobre os travesseiros.

— Você também, Anne? — Edwin se virou para mim, indignado. — Não entre na deles, eles desconhecem limites.

— Edwin e os travesseiros. — Egberto deu uma risada.

— Desde bem pequeno, ele sempre teve neura com travesseiros. Eles precisavam ser de um tamanho certo, não só na altura, mas no comprimento. E só dormia se tivesse exatamente três na cama, colocados milimetricamente um ao lado do outro — Enny contou com ênfase nas expressões e gestos. — Não sei se ele faz isso hoje em dia, porém, era uma importunação tão grande no passado, que eu não duvido que ele tenha dado continuidade.

— Não se preocupem, em breve descobrirei! — garanti.

— Isso era coisa de criança! — Edwin se defendeu e segurou minha mão. — Vocês dois, nos dão licença, temos ainda mais parentes para cumprimentar.

Embora Edwin se fizesse de difícil, era claro, pela cumplicidade, como ele gostava de seus tios. O mais novo, Egberto, estava prestes a continuar o falatório, quando foi interrompido por sua esposa, a Princesa Jeane.

— Querido, deixe Edwin em paz — ela defendeu o sobrinho com um sorriso muito carinhoso. — Nós conhecemos sua integridade, Edwin. Nunca duvidamos de sua masculinidade.

— Não fale por mim — Enny declarou erguendo as duas mãos.

Enquanto a Princesa dava uma lição de moral nos dois irmãos, eu fiquei admirada por perceber como eram pessoas reais, uma família como qualquer outra. Uma chama de esperança se acendeu dentro de mim, torcendo para que eu e Edwin pudéssemos ter uma vida ao menos em partes um pouco comum.

Enquanto a Princesa tentava contornar a situação outras mulheres se aproximaram, entre elas a Rainha, acompanhada da

princesa Thayla, esposa do Príncipe Enny e a Princesa Eve.

— Vejam se esses dois não estão aprontando mais uma vez, tentando assustar a pobrezinha da noiva — Jeane falou direcionando seu olhar principalmente a esposa do outro Príncipe brincalhão.

— Vocês não aprenderam a lição? — Eve ralhou como uma verdadeira irmã mais velha. Depois, com um aceno de cabeça ela me cumprimentou. — Não dê atenção a nada que eles falam. São mestres em inventar histórias.

— Oh, não, Eve. Isso ficou para trás. Nós apenas estávamos falando sobre Edwin e os travesseiros — Enny se defendeu cruzando os braços.

— Ah, os travesseiros — Margareth falou demonstrando conhecimento da causa. — Nesse caso, lamento dizer que eles não devem estar exagerando.

— Mãe! — Edwin protestou. Depois, olhou para a tia com súplica.

Eve tocou no braço de Margareth.

— Anne tem sorte de ser a noiva, não é verdade, Margareth? Os meninos respeitam vocês. Mas, oh, coitado do meu pobre Aiken. — Ela se voltou para mim e fez seu discurso com um tom ameaçador na voz. — Enny e Egberto contaram a meu marido, logo no início de nosso noivado, que havia uma tradição muito estimada para nossa família.

Todos ao meu lado estavam rindo, principalmente os dois homens mencionados.

— Meu pobre esposo acreditou e tentando agradar nossos pais, entregou a eles uma caixa cheia de minhocas — ela concluiu.

— Ah, que culpa nós temos se o Aiken era tão fácil de persuadir? — Egberto falou em meio a risadas.

— O pobrezinho estava apaixonado, coitado — Margareth me explicou. — Pensou que estava agradando a família.

— Ah, imagino a cena! — falei me divertindo com a conversa.

— E a cena ao vivo valeu cada segundo do castigo que nós recebemos — Enny afirmou.

— Você não deveria se orgulhar disso, Enny — Thayla repreendeu o esposo.

Fomos interrompidos com o aviso de que a refeição seria servida e deveríamos ir para o salão. No caminho, Edwin ainda me apresentou a alguns de seus primos e todos foram acolhedores. Eu estava feliz pela recepção bem mais amigável do que eu esperava.

O salão de refeição possuía uma mesa gigante, que comportava com tranquilidade todos os membros da família, além dos Conselheiros do Estado, acompanhado de suas esposas. Um buffet tinha sido montado do lado direito e os lugares eram previamente demarcados. Fomos conduzidos por um dos funcionários até o assento reservado para nós e meu noivo fez as honras com a cadeira, antes de se sentar ao meu lado direito.

Cada convidado assumiu seu lugar. O Rei se sentou na extremidade da mesa e ao seu lado os homens que ocupavam os cargos da mais alta confiança do Monarca de Cibele. À direita, Elliot e os tios, à esquerda, os Conselheiros. Um, em especial, chamou minha atenção. Mesmo de longe, o senhor Patel fez questão de cumprimentar Edwin com um olhar afetuoso e um aceno de cabeça, sendo retribuído com um sorriso de Edwin. Os dois pareciam ter uma ligação mais íntima, por isso, fiz uma anotação mental para depois sondar informações a respeito.

— Seus tios me lembram seu irmão — iniciei um diálogo com Edwin num tom mais baixo. — Eu gostei deles.

Edwin sorriu e se inclinou para responder no mesmo tom.

— Você precisa ver quando eles tiram um tempo para se divertirem à custa do meu pai. Eles tiram o Rei do sério. Eles são terríveis, não perdem uma chance.

— Engraçado, seu pai é tão sério. Não consigo imaginar ele entrando em brincadeiras assim — falei e só percebi minha falta de noção, depois que as palavras tinham saído.

Era para você ser mais sensata, Anne! Desastrosa! Desastrosa!

— Sei que vocês não tiveram um bom começo, mas ele não é um homem ruim e não está o tempo todo tão carrancudo — Edwin falou depois de pensar um pouco no que eu havia dito. — São muitos anos de reinado, sem poder descansar em paz, sempre tendo sobre seus ombros a tensão do trono, a responsabilidade do cargo, um país para governar, um povo distinto para cuidar dos

interesses. É difícil eu o respeito por isso. Ele está muito cansado, mesmo assim não quer passar o comando para Elliot, não sente que meu irmão esteja preparado.

— E você acha que ele está? — questionei.

Edwin foi pego de surpresa por minha pergunta. Ele franziu a testa e abriu a boca para responder, contudo, o Rei havia se levantado e todos se calaram, em respeito.

— Conversamos sobre isso depois — Edwin sussurrou.

O Rei fez uma oração em agradecimento pela família, pela comida e pela vida do casal de noivos. Depois, fez um breve discurso tendo como base o Salmo 143, e nos desejou uma boa refeição.

Enquanto saboreávamos a comida servida durante nossa refeição matinal, pequenos grupos de conversação foram se formando à mesa. Como era de se esperar, entre o Rei e seus Conselheiros a política tornou-se o assunto principal. Parecia uma reunião do Parlamento Supremo. Havia uma verdadeira ligação entre aqueles homens, demonstrada durante a conversa dinâmica sobre a economia e a safra da estação passada. Esra estava à nossa frente, ao lado da mãe, de Cloe e das tias. Edwin estava tranquilo, mais calado do que eu normalmente o via, conversando com um primo e me dando atenção sempre. Foi a prima de Edwin, Helen, quem estava sentada à minha esquerda. Nós duas mantivemos uma amistosa conversa acerca dos mais diversos temas, desde natureza até sobre a comida típica da nossa região.

Ao final da refeição, o Rei se levantou e finalizou o momento, direcionando a todos para a capela onde teríamos o culto matinal.

Junto com Edwin, entrei pela primeira vez na capela do Palácio de Hawis. Não era aberta ao público em geral e o culto seria uma reunião intimista. Além da família e dos convidados, todos os funcionários eram bem-vindos e havia um pouco mais deles do que o normal naquela manhã. Edwin já havia me alertado sobre a solenidade e liturgia do culto, e mesmo assim eu gostei muito da experiência de cultuar ao lado dele. Cantamos o Salmo 128 e a palavra do Reverendo, embora bem cerimoniosa, foi uma exposição sobre Amós 5.

Ao final da reunião, eu estava louca por um momento a sós com o Príncipe para comentar com ele todas as minhas impressões, mas a voz firme do Rei, ao nosso lado, frustrou todas as minhas expectativas.

— Edwin, por favor, aguardo você na sala de reuniões— ordenou sem esperar resposta.

Capítulo 29

Capítulo 29

Para uma jovem comum, acostumada com uma vida simples, aquele até pico fim de semana havia sido intenso. Muitas novidades e muita pressão fizeram emergir emoções que eu lutava para ignorar. O medo, a incerteza, a angústia, a ansiedade e a minha não tida incapacidade, eram sentimentos tão reais, que eu quase poderia tocá-los.

Depois da partida dos tios e primos de Edwin, logo após o chá da tarde, fiquei aliviada quando meu noivo sugeriu que eu fosse para o quarto aproveitar o resto da noite descansando. A verdade era que desde quando fui para o Palácio, a correria me impediu de me dedicar como deveria aos meus devocionais, e eu precisava de um tempo de qualidade a sós com o Senhor, encontrando na Palavra e na oração o consolo de que Ele estava comigo e que Ele sabia do futuro, até então nebuloso para mim. Sim, O Senhor é bom, ele serve de fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele^[12]. Mesmo temendo o meu destino incerto, eu me lembrava constantemente das palavras do Salmista: Em qualquer tempo em que eu temer, confiarei em ti.^[13]

Já com o coração descansado em Deus, fui dormir cedo e por muito mais horas do que tinha conseguido desde o meu retorno para Cibeles.

Na manhã seguinte, sentada no sofá da antessala do meu quarto, eu aguardava Edwin e me beneficiava de uma agradável conversa com Milena e Rachel. Passar tanto tempo na companhia delas fez com que nossa relação se estreitasse cada vez mais e, àquela altura, já as considerava minhas amigas íntimas. Edwin me garantiu que eu poderia confiar nas duas e me aconselhou a estar atenta a opinião e conselhos delas, sobretudo, os de Milena, sempre eficaz ao desempenhar seu trabalho.

— Então eu disse a ele: Rapaz, você pulou uma parte muito importante, não acha? — Rachel estava de pé, relatando de modo teatral e divertido sobre a paixão avassaladora de um dos guardas. — Eu comecei a explicar as exigências do meu pai a respeito de qualquer homem cuja pretensão fosse se casar comigo. Disse que ele era severo e esperava que tal rapaz honrasse a autoridade dele, pedindo permissão para me cortejar antes mesmo de eu dar qualquer resposta concreta. Vocês precisavam ver, o coitado foi murchando aos poucos.

— E eu aposto que a senhorita aumentou bastante as exigências dessa lista — Milena expos balançando o dedo indicador em direção à loira, chegando a óbvia conclusão da falta de interesse de Rachel no rapaz em questão.

— Mas é claro! Ele não se encaixava nem na minha mais básica exigência, que é a piedade. Aquele libertino! — Ela deu uma risadinha meiga e ergueu os ombros. — Mas era mais fácil colocar a culpa no meu pai, um homem do interior de Hector, fazendeiro, progenitor de seis filhas. Não é qualquer homem que aceitará o desafio, ele precisará estar de fato muito interessado.

— Nada como dispensar um rapaz com classe. — Eu me recostei no sofá rindo da perspicácia de Rachel. — No fundo, você o fez pensar que ele é quem havia desistido de você.

— Um homem terá que ser muito homem para enfrentar o senhor Josias. — Rachel se sentou na cadeira e apoiou os cotovelos na perna, descansando sua cabeça nas mãos. — E para

conseguir conquistar meu coração. Sou uma romântica incurável, não aceitarei menos do que você e o Príncipe tem, Anne.

— Eu fui agraciada por Deus, essa é a verdade. Eu orei e esperei com paciência no Senhor, e Ele inclinou seus ouvidos para mim^[14].

— Eu também vou orar por isso — Rachel falou descontraindo. — Porque no meu caso só tem aparecido lobos em pele de cordeiro, e eu estou muito atenta para não me casar com um lobo, porque eu sou a ovelha do meu bom pastor.

Achando graça da comparação dela, inclinei meu corpo para frente e falei com diversão:

— Já pararam para pensar como essa coisa de amor é loucura? Eu mal conheço o Príncipe direito e aceitei confiar no nosso futuro. Imagina se me caso e descubro que Edwin é uma farsa ao demonstrar um caráter altivo, grosseiro, cruel e desonesto já na lua de mel?

Milena se engasgou e começou a tossir com os olhos arregalados. Ela limpou a garganta, tocou na nuca e abaixou a cabeça. Entendendo o motivo de seu ataque súbito, olhei para trás.

— Eu ainda me surpreendo com sua imaginação fértil, senhorita Davies — Edwin estava na porta com a postura rígida e as mãos unidas, me encarando com seriedade.

Rachel se levantou de imediato e, acompanhada de Milena, cumprimentaram o Príncipe. Ele se moveu dando passagem para elas, que foram ágeis em nos deixar a sós. Eu fui até ele com o sorriso no rosto de quem foi pega no flagra — de novo.

— Culpada! — Tentando diminuir a intensidade do meu delito, eu segurei no ombro dele e deixei um beijo delicado em seu rosto. — Eu tenho certeza de que não estou enganada e você é o homem incrível que demonstra ser

Edwin manteve a mesma expressão por um momento.

— Você deveria ser mais cuidadosa, as pessoas podem não interpretar bem suas falas.

Dei um passo para trás e franzi a testa, estranhando o comportamento dele. Percebendo minha reação, ele soltou os braços e colocou a mão no bolso.

— É sério! Tenha cautela, poderia ser outra pessoa a entrar por essa porta e considerar suas palavras como uma afronta — alertou num tom menos grave. Suspirou e estendeu a mão para que eu a segurasse. — Me desculpe pelo atraso, não consegui me livrar de Henri a tempo.

— Você sabe que eu estava brincando, não sabe? — perguntei, aflita. Ele deu um sorriso, embora não fosse dos mais intensos. — Saiba, então, que o senhor é muito bom em se passar por um Príncipe autoritário e rí gido.

— Faz parte dos encargos, só assim impomos respeito.

— Não é assim que vai conseguir o meu respeito. — Ergui a cabeça desafetada. — Aonde nós vamos?

Edwin riu da minha encenação de mulher autoritária e me guiou rumo ao elevador.

— Vamos regressar a Kent hoje no início da tarde, contudo, há algo aqui em Hawis que talvez você aprecie ver antes de partirmos. E poderemos passar um tempo juntos como eu prometi. As próximas semanas serão imprevisíveis.

Eu estremeci só de me lembrar do que estava por vir. Ele me olhou de soslaio, como quem analisa algo, hesitante antes de fazer uma pergunta

— Não conversamos ontem. Como foi seu tempo com as mulheres? Você conseguiu se enturmar? — ele perguntou.

Neguei com a cabeça várias vezes e mordi os lábios ao me recordar daquele dia estranho. Quando Edwin tinha se ausentado na companhia do pai, dos irmãos e dos outros homens do Conselho para a reunião imprevista, eu temi ficar sozinha. Mas os primos dele foram simpáticos, fazendo muitas perguntas pessoais e isso foi bom. Mas, depois do almoço, quando Margareth me convidou a acompanhá-la com todas as mulheres até a sala da Rainha, ficar longe do meu noivo não tinha sido uma boa ideia, apesar dele ter me incentivado a ir.

— Elas foram muito atenciosas e me incluíram no passeio e nas conversas, fazendo diversas perguntas. Porém, eu não sei explicar o que aconteceu.

Edwin arqueou as duas sobrancelhas, aguardando eu dar mais detalhes.

— Eu não sei o que deu em mim, mas não consegui pronunciar uma palavra. Eu fui tomada por uma timidez imprevisível e não pude reagir. Tudo o que fiz foi ficar sentada no canto contando os minutos para sair correndo dali.

— Você? Tí mida? — Edwin tentou não rir enquanto perguntava, incrédulo. — Até onde eu sei, seu problema é justamente a dificuldade em se manter calada e não desatar a falar. Era, inclusive, para estarmos casados devido a isso, se me lembro bem.

Balancei a cabeça percebendo o tom de divertimento dele. Sim, ele estava certo quanto àquelas constatações e eu parecia outra Anne durante a tarde, encolhida e apavorada, sentindo as mãos trêmulas e o suor evidenciado na testa.

— Nem eu mesma compreendi minha reação. Quando elas começaram a falar sobre moda, bailes e pessoas importantes, eu me senti deslocada. Não fui capaz de formular uma frase e passei a responder em monossílabos sim ou não. Por fim, já nem tentaram me incluir na conversa.

Nós entramos no elevador e Edwin apertou o botão do andar desejado. Depois, ele se virou para mim, ainda achando graça do que eu relatava. Contudo, quando ele percebeu a minha expressão distante, pensativa, ele tentou ser mais compreensivo.

— Você vai se adaptar, logo, logo. Não se preocupe.

Suspirei e levei minha mão livre até meu braço e o segurei, como se pudesse me resguardar de alguma forma. Eu estava ciente do significado de parte do incômodo e era algo que eu preferia não mencionar, mantendo muito bem escondido nas profundezas do meu coração. Mas eu havia aprendido através de nossa amizade, que às vezes me abrir em relação a certos sentimentos trazia uma espécie de alívio imediato.

— Eu nunca tive uma família, Edwin. Não assim, como a sua. Nunca tive tios, primos ou familiares com quem pudesse comentar da terceira gravidez de outro parente ainda mais distante. — Senti um nó se formar na minha garganta. Era muito difícil falar do passado e ainda mais complicado constatar a realidade do presente. — Eu não sei como é isso, sabe? Sempre fomos só nós quatro e agora...

Abaixei minha cabeça e minha mão alcançou o pingente em meu pescoço, prendendo-o dentro dos meus dedos. Não deu tempo de Edwin dizer nada, a porta do elevador se abriu e nós caminhamos por um corredor onde alguns funcionários transitavam apressados para cumprir seus deveres.

— Por isso você estava mais quieta ontem? — ele perguntou após um pequeno momento de silêncio. — Você estava muito abatida ao final do dia. Fiquei preocupado.

— Também. — Forcei um sorriso e tentei afastar da minha mente aquelas lembranças angustiantes. — Não é todo dia que uma jovem dama precisa se preparar para um casamento às pressas com o Príncipe da nação. Isso ainda está sendo bastante assustador para mim, essa é a verdade.

Ele apertou os lábios e estava prestes a dizer algo, talvez uma palavra de apoio, ou mesmo de incentivo. Entretanto, hesitou e preferiu se manter calado. Eu ia insistir para ele me falar o que era, mas o nosso destino logo à frente me fez esquecer qualquer curiosidade anterior.

Com toda a agitação dos últimos dias, eu sequer havia parado para pensar que estava hospedada no Palácio de Hawis, lugar que abrigava uma das maiores e mais completas bibliotecas do país. E ela estava a poucos passos de distância, além da porta.

— Edwin, aqui é enorme! Muito maior do que eu imaginava! — Minha gratidão à percepção de meu noivo em planejar o passeio se externou nos beijos que deixei na face dele, bastante empolgada.

Eu contemplei, fascinada, aquele maravilhoso e imenso salão, repleto de prateleiras entupidas de livros. Havia uma escada ao fundo, dando acesso a outro andar, onde mais e mais livros estavam dispostos, de todas as cores e tamanhos, gêneros e temáticas. A decoração do espaço, mais elegante e minimalista, destacava os detalhes das prateleiras entalhadas à mão, com pequenos arabescos nas extremidades.

— Vou te apresentar as sessões, você vai se encantar! — Edwin falou e me conduziu à primeira, bem à nossa direita. — E aqui tudo está organizado, muito embora eu creia que em breve nossa biblioteca, em Kent, estará em excelentes mãos.

O olhar apaixonado dele foi suficiente para me fazer derreter. Aliado a ideia de poder ter uma biblioteca “só” para mim, meu coração disparou e apenas foi se acalmando na medida em que ele ia indicando os gêneros de cada sessão. Mesmo sob meus protestos para permanecer mais tempo analisando cada uma, Edwin não me deixava apreciar devidamente aquela riqueza, apenas me mostrando do que se tratavam os livros das prateleiras. Quando eu o forcei a parar para contemplar uma parte toda dedicada a enciclopédias, inclusive algumas datadas de quase cento e cinquenta anos antes, ele pareceu não se impressionar com minha empolgação.

— Isso aqui é incrível! — Minhas mãos, involuntariamente, tocaram nos livros enquanto meus olhos passeavam pelos títulos. — Olha só, aqui temos registrado a evolução do conhecimento científico, geográfico, biológico e tudo o mais, e esse progresso faz parte da nossa história. Por favor, eu quero muito poder vê-los de perto — discurssei, mas aquilo soou mais como a súplica de uma criança desesperada para brincar com um brinquedo novo na hora de ir para a cama.

— Depois — ele respondeu e segurou minha mão me impedindo de ser feliz naquela sessão. — Você terá tempo para desfrutar de todas essas obras depois do nosso casamento. Hoje quero te mostrar outra coisa.

Como se ele não tivesse compreendido o quão extraordinário era ter acesso àquele acervo, ele me arrastou dali até próximo à escada; eu pensei que subiríamos, mas estava enganada. Edwin parou de frente a uma porta larga fechada, e deu alguns toques na madeira. Um minuto depois, a porta se abriu e um senhor de idade, baixinho, cabelos grisalhos e despenteados surgiu com um largo sorriso no rosto.

— Alteza, eu estava esperando por vocês! — ele declarou, fez uma reverência e nos deu espaço para passar. — Por favor, fiquem à vontade.

Nós entramos em uma sala que na verdade era um escritório. No fundo, havia estantes com alguns livros, à esquerda, uma mesa com vários papéis e canetas e duas poltronas grandes e

confortáveis no canto direito. Para minha surpresa, dois homens faziam guarda diante de outra porta dentro do cômodo.

— Então essa é a nova Princesa! — o homem exclamou, ajeitando os cabelos. — Ouvi falar coisas boas da senhorita.

— Bondade sua, senhor — agradezi.

— Anne, o senhor Liels é o chefe bibliotecário do palácio.

Meu sorriso se abriu de uma orelha a outra. Eu amava bibliotecários e aquele senhor, em especial, parecia ser bem atencioso e simpático. Edwin captou, em meus olhinhos brilhantes, meus planos de pedir muitas e muitas informações assim que me fosse permitido. Contudo, naquele instante, eu estava muito curiosa para desvendar qual era o objetivo do Príncipe ao me levar até lá.

Liels tirou uma chave da gaveta da mesinha e caminhou até a porta à nossa frente, demonstrando bastante animação.

Gostei dela! Vamos nos dar bem, senhor Liels!

— O senhor disse que a Princesa gosta muito de livros — ele falou e eu olhei para Edwin admirada. Liels digitou uma senha em um aparelho na parede, parte de um sistema de segurança, depois enfiou a chave na fechadura e olhou para Edwin antes de girá-la. — O senhor sempre gostou de leitura, mas nunca demonstrou muito interesse em fazer pesquisas por aqui, nem mesmo quando precisava de respostas em seus estudos.

— Para que perder tempo com pesquisas quando se pode recorrer a um bibliotecário muito bem instruído para nos dar as respostas corretas? — Edwin brincou e o homem balançou a cabeça desacreditado.

Eu achei graça do comentário e minha curiosidade foi despertada, desejando saber mais sobre aquela parte da vida de Edwin. Porém, quando a porta se abriu e fomos instruídos a entrar, minha mente se concentrou no momento presente. Era uma sala branca, com duas prateleiras ao fundo e alguns livros dispostos sobre elas indiscriminadamente, além de duas mesas de estudos. Nas paredes, quadros com recortes de jornais, mapas e algumas anotações.

— Eu passei muitas tardes estudando aqui com meu tutor quando era menino — Edwin se inclinou para mais perto e me contou nostálgico.

— Menino estudioso! — Dei alguns tapinhas no ombro dele e ele deu uma piscadinha para mim.

Liels digitou a senha em outro aparelho de segurança e caminhou até um alçapão no chão; puxando uma pequena alavanca, deslocou a pesada porta que obstruí a a passagem.

— Vamos, agora estamos chegando ao nosso destino final!
— Edwin falou, puxando minha mão e eu senti minhas pernas fraquejarem imaginando as diversas possibilidades que nos esperavam.



Capítulo 30

Capítulo 30

Em frente ao alçapão aberto, nos deparamos com uma escada de acesso ao andar inferior, semelhante a um sótão, ou algo do tipo. Apesar de parecer um lugar em desuso, não emanava nenhum cheiro ruim que indicasse má conservação comumente nesses tipos de cômodos. Descemos as escadas lentamente, atrás do bibliotecário e de um guarda. Quando chegamos ao final do último degrau, confirmei minha constatação, não havia nenhum indício de deterioração. Ao contrário, era de uma impecável limpeza e organização.

O cômodo lembrava uma pequena biblioteca, não possuía janelas e tinha um moderno sistema de ventilação, cuja uma das funções era manter a temperatura e umidade local amena. A luminosidade era baixa e a luz não incidia diretamente nas estantes de ferro brancas que formavam três longos corredores com livros muito antigos, cuidadosamente dispostos nelas. No fundo da sala, havia uma estante trancada, embora as grades deixassem espaço suficiente para se ver o conteúdo lá de dentro.

— Bem-vinda ao arquivo histórico de Cibele. — Edwin abriu os dois braços com as palmas das mãos voltadas para cima. — Você está diante da história de nosso país!

— Eu não acredito! — exclamei e não consegui reprimir os gritinhos e pulinhos provocados pela minha euforia incomum. — Isso aqui... Isso é real? Digo, são os arquivos originais? — questionei, com as mãos se revezando entre minha boca e meu coração.

— Sim, Alteza — Liels quem respondeu, apreciando minhas reações exageradas. Ele apontou para o início de uma das prateleiras. — As crônicas de Cibeles. Desde 1703 até 2016. — Terminou apontando para a outra extremidade da sala. — Toda a história da monarquia, ao menos os assuntos mais relevantes, todos eles estão relatados nesses livros.

— Eu não sabia que ficavam aqui — respondi ainda sem conseguir me mover devido à emoção. — Em Susan, os documentos importantes estão espalhados pelos diversos Museus do país. Tive acesso a alguns, principalmente na época do nosso projeto, mas eu nunca imaginei... — Soltei o ar pela boca. — Uau.

— Mantemos todos os originais aqui. Contudo, temos cópias em vários museus e bibliotecas de Cibeles — Edwin contou e se inclinou apoiando as mãos em uma mesinha branca no centro da entrada da sala. Em cima dela havia um livro fechado. — Em Kent, temos algumas cópias também.

Analisei o livro na mesa onde Edwin estava, era um índice com as informações dos documentos do arquivo. Caminhei entre as estantes e parei, olhando emocionada para meu noivo.

— Eu posso? — questionei, estendendo a mão para a prateleira, mas parei, lembrando-me de todo o processo a se seguir para cuidar da preservação de livros e documentos antigos.

— Claro! — Edwin respondeu com o sorriso de quem sabia o bem que acabava de fazer a alguém. — Mas antes, vamos higienizar nossas mãos.

Fomos instruídos com muitas recomendações por parte de Liels acerca da maneira correta de retirar o livro da estante, como posicioná-los sobre a mesa, como virar a página, não molhar os dedos, entre outras dicas preciosas. Mesmo conhecendo muito bem os cuidados necessários, eu permaneci atenta, considerando todas as palavras dele. Lavamos as mãos em um lavatório próprio e depois de estarem devidamente secas retornamos ao arquivo.

Tirei o primeiro livro logo à minha frente e o abri com muito cuidado. Sua capa era marrom, estava datado de 1818 e se mantinha muito conservado, embora as páginas estivessem amareladas. Folheei-o e me deparei com extensos números, era um livro de contabilidade. Devolvi ao lugar e estava prestes a alcançar o próximo, mas a movimentação dos dois homens ao meu lado chamou minha atenção.

Liels segurava uma chave e parecia temeroso em entregá-la a Edwin, que, com a mão estendida à frente, esperava a reação do senhor bibliotecário.

— Não se preocupe, Liels. A Princesa sabe muito bem o valor desses documentos, ela se formou em História Literária, compreende o quão preciosos são e como devem ser devidamente preservados. Eu o garanto, dou minha palavra, ela cuidará ainda melhor do que qualquer outra pessoa deste Palácio o faria — Edwin garantiu e balançou a cabeça em afirmativa.

— Perdoe-me, Alteza, é apenas o zelo extremo. — O homem estendeu a ele a chave. — Vou deixá-los. Fecharei a porta do salão superior, quando desejarem sair, basta tocar o interfone.

— Muito obrigada, Liels — Edwin respondeu com um sorriso sincero e grato.

O senhor fez uma reverência e subiu os degraus. Edwin olhou para o guarda estático ao lado da escada, fez um gesto com a cabeça e me provocando apontou para a estante trancada.

— Por favor, senhorita, me acompanhe.

Pela expressão dele, imaginei que eu me surpreenderia — ainda mais —, por isso senti meu coração dar uma leve disparada quando ele me levou até aquela prateleira bem protegida ao fundo. Ele a abriu com calma e deu um passo ao lado, dando-me acesso aos arquivos bem-organizados.

— Contemple os documentos pessoais de nossos antepassados, inclusive, da Rainha Cibeles. Se não me engano — ele levou a mão ao queixo enquanto seus olhos vasculhavam os livros da prateleira superior —, o diário pessoal dela é aquele da capa vermelha.

— Você está brincando comigo, Edwin! — exclamei, em choque. — Isso não pode ser verdade!

— E eu mentiria para você, meu bem?

Eu o abracei com força, extravasando a emoção despertada desde o mais íntimo da minha alma. Aquilo, sem dúvidas, era uma dádiva, um tesouro de valor imensurável, apenas aguardando para ser explorado por uma jovem curiosa. Me senti como uma historiadora entusiasmada em frente à descoberta do século, prestes a desvendar segredos e mistérios até então ocultos para todos os povos.

Depois de me desprender dos braços de Edwin, e claro, fazer uma dancinha de comemoração, ele me incentivou a prosseguir com minhas intenções. Minha mão seguiu a direção do livro de capa vermelha e a adrenalina percorreu minhas veias quando o toquei. Só Deus — e mais meia dúzia de pessoas — compreendia o significado e o valor daquela oportunidade única para mim.

Antes de abrir o livro, meus dedos passearam gentilmente pela capa e analisaram cada detalhe. O objeto, apesar das marcas que indicavam leve degradação, parecia bem preservado. De certo, o trabalho de restauração e conservação foi muito bem executado, garantindo aquele presente à nossa história. Eu estava segurando algo que nossa querida Rainha havia não só segurado, mas escrito, a próprio punho. A sensação superou e muito a de quando segurei as cópias das cartas da Rainha Susan pela primeira vez no meu curso.

Eu me afastei um pouco, ainda segurando aquele diário como se fosse a coisa mais valiosa do mundo e o repousei na mesinha do canto, uma superfície própria para manusear o livro. Sentei-me na cadeira e gentilmente o abri sentindo a respiração se alterar.

É incrível poder caracterizar a individualidade das pessoas e o valor daquilo que achamos importantes, que apreciamos de verdade, que amamos. O contato com aqueles documentos foi capaz de despertar reações físicas no meu corpo. Para muitos, ter em mãos o diário da Rainha Cibele poderia ser algo importante sim, mas sem sentido. Entretanto, não para mim. Eu havia dedicado alguns anos de estudos e muita leitura sobre a história de Hawis, a ponto de me identificar sobremaneira com nosso primeiro Rei e suas filhas. Eu tinha um amor especial por eles e, aquele objeto em mãos

me ligava intimamente a alguém que mesmo nunca conhecendo de fato, eu admirava e a considerava quase como uma amiga.

Edwin sentou-se ao meu lado apreciando minha reação de deleite diante daquela preciosidade. Eu não consegui prosseguir. Ainda com o livro aberto, as folhas amareladas, deveras manchadas a ponto de atrapalhar, inclusive, a leitura do manuscrito, me inundaram de lembranças de dois anos antes.

— O que foi? — Edwin questionou e tocou minha mão direita imóvel ao lado do livro.

— Como eu fui idiota! — Balancei a cabeça muitas vezes incrédula com minha escolha de anos antes. Fechei os olhos e levei a mão esquerda até a testa. — Ah! Se eu soubesse que estaria aqui hoje, eu nunca teria escolhido Susan.

— Do que você está falando, Anne? — Edwin perguntou, muito confuso.

Eu fechei o livro ainda me condenando por dentro. Sentindo-me imerecida de estar ali, me levantei, guardei o diário no lugar e encarei Edwin com a culpa estampada em meus olhos.

— Na época do meu curso, surgiu uma oportunidade incrível para alguns alunos selecionados, entre eles, eu. Nós trabalharíamos com nossos professores e outros profissionais de restauração em um projeto de tradução, atualização e imersão histórica através das cartas trocadas entre Cibele e Susan. São cartas muito antigas, datadas desde a morte de Charles, até alguns anos após a morte do Rei Robert.

— Sim, temos muitas delas no nosso arquivo também — Edwin afirmou, apontando para a prateleira, porém, vendo que me interrompeu, repousou a mão na mesa. — Mas, continue.

— Os alunos tiveram a oportunidade de escolher qual das duas Rainhas seria o foco do seu trabalho, nos repartindo assim, em dois grupos. — Encarei Edwin e me recordei muito bem quais foram as motivações que me levaram a tomar minha decisão. — Eu escolhi Susan.

Edwin franziu a testa e cruzou as mãos ainda sobre a mesa. Ele deu de ombros, sem entender meu ponto. Eu me sentei novamente ao lado dele e fixando meus olhos em um livro qualquer, comecei a contar.

— Eu não queria me comprometer com nada que envolvesse Cibele. Tudo me lembrava você. — Suspirei alto e me levantei, irritadiça, cruzando os braços. — Se eu tivesse me dedicado com tanto afinho a Cibele, como fiz em relação à Susan, isso seria de grande valor para nós agora. A verdade é que eu me distanciei de tudo e qualquer coisa que me torturasse com as lembranças do nosso tempo juntos.

— Não se culpe, você não sabia. — Edwin sorriu, mantendo sua calma habitual. — Na verdade, nem eu conseguia imaginar que esse dia chegaria e a teria ao meu lado, Princesa Anne.

— Eu sei! — falei um tanto áspera. — Porém, se eu não tivesse sido uma garota birrenta, teria escolhido o óbvio! Me dedicaria a Rainha da minha nação e me aprofundaria ainda mais na nossa história. Mas, não, de que me adianta agora ter no meu currículo uma nota extra por especialização sendo essa toda dedicada a Susan? — Tentando afastar minha própria indignação andei pelas prateleiras e acabei escolhendo um livro aleatório das crônicas e voltei a me sentar ao lado de Edwin.

Quantos pontos eu ganharia com o Rei se tivesse agido com a razão, me dedicando ainda mais à minha nação? Quanto, o fato de ter escolhido Susan, me prejudicaria pela falta de patriotismo pelo meu país?

Uma princesa que nega suas raízes! — Balancei a cabeça me condenando interiormente.

— Não se martirize, querida. — Edwin tocou em meu cabelo e o afastou do meu rosto, tentando conseguir minha atenção e, lógico, minha calma de volta. — Você estudou, se dedicou e isso também é importante. Eu queria alegrar você trazendo-a aqui, não te ver com esse bico.

— Eu sei. Mas não consigo aceitar minha burrice — respondi, abrindo o livro e fazendo esforço para ser delicada com as páginas.

— Não vai querer ler o diário de Cibele? — Edwin afastou-se um pouco, recostando-se na cadeira.

Neguei com a cabeça com o olhar preso às páginas amareladas do livro de crônicas.

— Não na minha condição. Você me disse que eu poderia apreciar isso depois, não? Prefiro me dedicar quando não estiver

tão indignada comigo mesma, dando o devido respeito à Cibele e a nossa história. — Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás. — Como eu fui idiota!

— Bom — Edwin segurou minha mão e me forçou a virar e aquietar meus sentimentos —, se serve de consolo, posso conseguir uma cópia de qualquer um desses livros, diários ou cartas daqui. Você me diz qual deseja e eu encaminharei para Kent, para que você possa examinar com calma e estudar o quanto desejar com o devido estí mulo ao seu paí s.

— Calma? Do jeito que nossa vida está? Onde existe calma? — questionei e ri de nervoso. — Sério, de todos os planos mais férteis que um dia eu fiz sobre o meu futuro, eu nunca imaginaria algo como tudo isso! — E para frisar, com bastante expressão, declarei: — Nunca, nunca, nunca!

Edwin se rendeu e sorriu. Ele parecia gostar de meus súbitos ataques de excessiva expressividade, e como resposta, ele passou um dos braços em cima dos meus ombros e me abraçou.

— Eu te amo. Obrigada por aceitar o que você *nunca* planejou.

Lógico que aquelas palavras de afeto me tranquilizaram um pouco, junto com o abraço reconfortante dele. Nós resolvemos nos dedicar ao livro de crônicas que eu havia pegado. Folheeí algumas páginas e encontramos a data. Vinte e três de outubro de 1897. Li em voz alta algumas folhas dos relatos descritos ali precisando me concentrar devido às palavras rebuscadas. Muitos, um tanto quanto engraçados.

— Era uma tradição. Os homens precisavam atestar que seriam excelentes provedores e nada deixariam faltar a suas noivas — Edwin comentou apontando para um desenho feito em uma das páginas, ao lado da narrativa de um dia de caça, protagonizado por um dos conselheiros do Rei. — Ele precisava solidificar seu valor aos pais da noiva.

Nós apreciamos um pouco mais o desenho, ilustrando aquele que foi o dia chave da vida do ministro que saiu da sua caçada com a aprovação dos pais de sua futura esposa.

— Até hoje, no interior de Saviv, há algumas tradições como essa, principalmente no campo. — Recordei-me de algumas

histórias narradas a nossa mesa aos domingos. — Meu pai já esteve presente em festas pré-nupciais e testemunhou vários casos engraçados, como o de um noivo que precisou carregar a noiva munida de três bonecos no colo. Os bonecos eram recheados de pedras e meu pai contou que a pretendente era um pouco mais gordinha; o rapaz suou muito, mas conseguiu carregá-la pelo caminho estipulado e provou que daria sua vida pela família.

Edwin riu comigo, imaginando a cena.

— Eu amo essas tradições, amo conhecer a história do povo — afirmei e voltei a folhear as páginas do livro.

— Nem deu para perceber — ele brincou.

— Há alguma tradição para Príncipes, atualmente, que não é do meu conhecimento? — eu perguntei e senti um frio na barriga quando vi a expressão de Edwin mudar. Ele umedeceu os lábios várias vezes e os olhos ficaram distantes.

— Há protocolos que seguiremos — ele falou bem lentamente. — Diversos protocolos, na verdade.

— Ah, isso eu já esperava. Milena já me deu alguns detalhes da cerimônia de casamento e da concessão do título. Você está livre, então, de precisar seguir costumes antigos e constrangedores. Não precisará me carregar com três bonecos no colo — brinquei, mas ele continuou com a mesma expressão, o rosto ainda mais sério.

— Na verdade... — Edwin me encarou e engoliu em seco, demonstrando bastante constrangimento. — Há, sim, uma tradição bem... Não é uma situação agradável, com certeza não. — Ele desviou os olhos.

— O que é? — Cruzei os braços e me inclinei, curiosa, esperando que ele me contasse ao que precisaria se expor.

O Príncipe esfregou as mãos e mordeu os lábios. Me olhou umas três vezes e desviou os olhos antes de pronunciar as palavras, um tanto inibido.

— No dia seguinte à cerimônia. — Ele fez uma pausa e eu comecei a ficar nervosa, imaginando o que poderia vir depois. — Após a lua de mel...

Eu olhei para o guarda quando a palavra *lua de mel* foi pronunciada e fiquei aliviada por perceber que ele não demonstrou

interesse na nossa conversa.

— Me conte logo, Edwin! — supliquei ansiosa, ainda que temesse o que viria depois.

— Eu preciso atestar, entende? Para o Rei e a Rainha — Ele coçou a cabeça e falou baixo — que foi consumado e garantir que minha esposa... — Ele franziu a sobrancelha. — É uma tradição antiga para evitar...

— Ai, não! Pare! Não precisa me falar sobre isso! — Tampei o rosto e senti minhas bochechas arderem. Nunca, em toda a minha vida, imaginei precisar passar por algo assim.

— Você perguntou! — ele se defendeu e eu ouvi o suspiro dele.

Como seria? O que ele falaria? Quem mais ouviria? Precisar de alguma prova? Mas que espécie de gente ainda mantinha tradições como aquela? — Na medida em que as dúvidas surgiam e as perguntas se formavam, meu rosto ardia ainda mais.

— Eu vou precisar estar presente? — questionei, ainda escondendo o rosto entre as mãos.

— Não, não se preocupe. A imposição é feita aos Príncipes apenas.

A cena de Edwin na frente dos pais falando sobre nossa intimidade — e só de pensar na nossa futura intimidade, meu estômago se revirava — veio a minha mente e eu fiquei completamente envergonhada. Levantei-me de uma só vez sentindo as pernas tremerem e meu coração batendo freneticamente e devolvi o livro na estante.

— Acho que podemos ir — comuniquei, imaginando onde mais aquela pesquisa poderia nos levar. — Terei muitos anos pela frente para aproveitar disso aqui.

— Tem certeza? — Edwin se limitou a perguntar enquanto se levantava, ciente de meu embaraço.

— Absoluta! — respondi depressa e juntei as duas mãos em frente ao meu corpo. — Acho que as emoções por hoje já foram suficientes. Além do mais, você disse que enviaria cópias para Kent, não é verdade?

Edwin assentiu, atendeu meu pedido e não fez mais perguntas.



Capítulo 31

Capítulo 31

Eu estava feliz por poder retornar a Kent. Apesar de nossa rápida estadia em Hawis ter me acarretado incríveis momentos ao lado de Edwin, eu me sentia pressionada e vigiada no Palácio. Vivia angustiada durante as refeições; tensa, esperava a qualquer instante ser recriminada, ou pior, cometer algum deslize na frente dos meus sogros. E longe de mim querer me meter em mais confusão com o Rei.

De mãos dadas a Edwin, fizemos o trajeto até o heliporto caminhando. Eu ainda não conhecia todas as belezas do Palácio e aquela era uma ótima oportunidade para apreciar os lindos jardins. Havia um lago no caminho e eu tinha perdido a oportunidade de contemplar na ocasião de nossa chegada, uma vez que eu estava praticamente desacordada.

— Graças a Deus estamos partindo — comentei com Milena e Rachel que caminhavam ao nosso lado. — Não vejo a hora de me sentar para fazer uma refeição em segurança, sem ter um batalhão de nobres me reprimindo. Foram dias tensos.

Pude notar o sorriso contido de Edwin, mas ele não quis entrar na conversa.

— É verdade — Rachel abriu seu sorriso singelo. — Temos muito o que organizar até o casamento. Quanto ao vestido, se quisermos ele pronto a tempo, será necessário tomar uma decisão hoje.

— Vou encaixar um horário na agenda da Princesa — Milena informou e eficiente como sempre, registrou um lembrete em seu celular. — Creio que já temos um preferido — ela falou baixinho, como se pudesse esconder o assunto de Edwin.

Eu já havia, sim, escolhido um dentre as cinco opções de desenhos elaborados por Rachel e aprovados de antemão por minha sogra. Graças a Deus, meus temores de precisar me casar trajando um vestido que não tivesse nada a ver com a minha personalidade havia cessado quando Rachel me apresentou o esboço de um deles que encheu meus olhos e conquistou meu coração. Ciente da presença de Edwin ao meu lado, eu apenas assenti.

— Menos de três semanas! É insano imaginar que é possível organizar um casamento em tão pouco tempo, ainda mais com tanta pompa como exige a ocasião. Só mesmo nas circunstâncias de um casamento real — eu comentei num tom de voz entre o divertimento e o pânico pela constatação.

— Duas semanas — Milena me corrigiu naturalmente.

— Não, não. — Neguei com a cabeça sentindo um frio na barriga quando me recordei como estava cada vez mais próximo. — Três semanas. Lembro-me muito bem de ter ficado acordado a data no dia daquela reunião assombrosa — afirmei e olhei para o lado, buscando em Edwin a confirmação e, quem sabe, a cumplicidade da lembrança de nossa aposta. Porém, tudo o que encontrei foi um Príncipe calado e sério, olhando para frente enquanto nos guiava em passos firmes.

De repente, o silêncio que nos cercou me pareceu, de certa forma, incriminador. Virei-me para Milena e a encontrei de cabeça baixa, me evitando a todo custo. Rachel mantinha-se discreta e calada logo atrás.

— Não é daqui três semanas, Milena?

Minha assessora considerou primeiramente a posição tácita do Príncipe antes de negar com a cabeça e falar num tom de voz

mais baixo.

— O casamento foi marcado para o dia oito de abril, daqui a pouco menos de duas semanas.

As palavras de Milena demoraram a fazer sentido, enquanto eu avaliava se minha mente não havia me pregado uma peça, levando-me a crer em uma data posterior. Entretanto, imediatamente, a imagem de Edwin saindo da reunião no dia anterior, após o café da manhã, me sobreveio como um lampejo de luz na escuridão. Na ocasião, ele estava agitado e demonstrava um pouco de nervosismo contido. Eu nem me preocupei em questionar o motivo de sua aparente perturbação, visto que havia tido provas suficientes de quão terrível poderia ser um encontro com o Rei e seus Conselheiros.

— Você sabia disso, Edwin? — questionei e firmei meus pés no chão impedindo-o de continuar a andar. Ele não tinha escolha a não ser se atentar a uma noiva ainda em choque com a descoberta.

O Príncipe tentou manter a postura régia, mas hesitou antes de responder.

— Sim, fui informado ontem.

— E você não me contou? — Meu questionamento saiu um pouco mais alto do que o adequado para uma Princesa e nele se fazia visível o meu desapontamento. De alguma maneira, eu me senti enganada.

Edwin olhou de soslaio para as duas funcionárias, que entenderam o recado e apressaram os passos, embaraçadas.

— Não tive oportunidade — ele respondeu, indeciso se rendia ou não o assunto.

— Não teve oportunidade? — indaguei, percebendo o meu tom de voz aumentar. Forcei um sorriso amargo e soltei minha mão da dele. — Você passou várias horas ontem e hoje na minha companhia e não teve oportunidade de me deixar a par de um assunto desse?

Edwin se calou. Obviamente, não havia nenhuma desculpa plausível para sua falta de consideração comigo. Ele enfiou uma das mãos no bolso e insistiu em manter aquela pose severa e régia de quem não queria ser intimidado com perguntas. De repente, me vi presa em um mundo onde meus sentimentos pareciam não ter valor,

enquanto percebia cada vez mais minha vida saindo do controle das minhas mãos.

— Claro, claro. Não devem dar muita importância a uma mulher comum como eu, desprovida dos encantos e habilidades das mulheres nobres. Por que a noiva deveria ser informada sobre um casamento antecipado? — Balancei a cabeça, frustrada, e senti um nó na garganta ao ver a expressão inerte dele. — Isso também é minha vida! Minha vida!

Senti a amargura irrompendo minha alma, como se o sentimento pudesse circular por minhas veias, inundando cada espaço do meu corpo com uma contrição silenciosa.

Anne Davi es é mer ament e um f ant oche nas mãos da real

Cerrei os punhos e adiantei meus passos, querendo me afastar de Edwin, do palácio e de qualquer traço que pudesse me ligar à monarquia.

— Anne, pare! — Edwin ordenou com a autoridade de quem sabe dar ordens.

Parei de imediato, obedecendo-o, insatisfeita. Não obstante, sua conduta rigorosa só serviu para aumentar um grau a mais a tensão entre nós.

— Sei que está chateada — ele disse e parou ao meu lado, tocando em meu braço.

— Chateada? — indaguei, irônica, dando um passo para trás para me desfazer do contato dele. — Você tem noção do que isso representa para mim? Não estamos falando de uma festa qualquer, é sobre o meu casamento! — Toquei o meu peito com o dedo indicador. — O *meu* casamento! E ninguém se importa se isso significa menos tempo para me preparar? Ou menos tempo para lidar com a ideia de que em poucos dias eu serei uma esposa e uma Princesa? Isso não é fácil de assimilar.

— Eu não tive escolha — ele confessou baixinho, mas sua voz estava rí gida.

— Não teve escolha? — Soltei um sorriso debochado, ainda sem acreditar em como já estava sendo privada de assuntos tão importantes e delicados, mesmo sendo também tão í ntimo para mim. Cruzei os braços e o encarei. — Vão nos dizer quando e quantos filhos deveremos ter também? Ou quem sabe queiram

participar da nossa lua de mel e intervir em como devemos conduzir nosso relacionamento?

A imagem de meu sogro sentado, opinando em como deveria ser nossa convivência particular veio a minha mente e me fez estremecer. Seria meu futuro fadado a apenas obedecer a ordens sem ter nenhuma participação nas decisões pessoais?

Eu sabia, no fundo, que não estava sendo sensata, mesmo não sendo sem motivo minha chateação, contudo, a ira crescente pulsava em minhas veias e não me permitia enxergar nada além da minha mágoa e justiça própria.

— Anne, eu não estou entendendo por que está tão furiosa.
— Edwin não negou sua frustração com minha reação impulsiva.

— Ah, você não está entendendo? — Soltei os meus braços e, endurecida, ironizei: — Sim, você não está entendendo.

Dei as costas para Edwin e estava prestes a sair quando senti sua mão segurar meu braço com firmeza.

— Anne, comporte-se! — Edwin nunca havia alterado a voz comigo daquela maneira. Perturbada, deixei que a mão dele me fizesse voltar a ele. O Príncipe respirou fundo, olhou discretamente para os lados, recuperando um pouco de sua calma e alertou com mais delicadeza. — Nós estamos em público. Por favor.

Engoli toda a minha indignação e me calei. Fechei os olhos e tentei controlar a respiração, sentindo as lágrimas arderem em busca da saída. Em meio a um silêncio doloroso, Edwin pegou minha mão frouxa e retomou a caminhada. O que antes seria um momento prazeroso havia se transformado em uma tortura e meu desejo era desaparecer, desistir de tudo e voltar a segurança de uma vida pacata.

Encarando o chão, senti uma saudade absurda de meus pais. Momentos como aquele, quando me sentia solitária e incapaz de enxergar com clareza, a privação da sabedoria e do consolo daqueles que mais me amaram transformava-se em uma consternação insuportável.

Segurei como podia o choro, evitando a todo custo pensar na realidade e nos sabores da minha decisão. Aquilo era apenas uma centelha da vida ainda obscura de uma Princesa.

A vida muito além do romance com um Príncipe. Tantas regras, tantas burocracias, tudo tão frio. Não era em nada parecido com um conto de fadas.

Entramos em uma sala reservada em frente ao heliporto, onde o helicóptero permanecia pousado, com as hélices inertes. Soltei-me de Edwin quando vi a oportunidade de me sentar em um sofá próximo, torcendo para que minha expressão não evidenciasse tanto a minha fúria interna. Entretanto, o fato de nenhum funcionário se aproximar, deixando-me em minhas divagações absurdas, apenas confirmou minhas suspeitas de que eu era uma péssima atriz quando o assunto era suprimir minhas emoções.

A musculatura tensa e a agitação interna me fizeram temer uma conhecida crise. Constatar a possibilidade me deixou ainda mais em pânico e comecei a colocar em prática meu exercício de respiração. Soltei as mãos e tentei ao máximo relaxar meu corpo.

De onde eu estava, podia ver Zac conversando com Edwin e, ou meu noivo não estava muito satisfeito com as informações recebidas, ou ele também estava falhando em esconder sua tensão.

Quando Zac se retirou apressado, Edwin ajeitou o paletó do terno e se aproximou, estendendo sua mão.

— Tivemos um problema com a aeronave, o voo foi cancelado, vamos precisar fazer a viagem de carro — informou, controlando o tom de voz.

Eu aceitei sua mão e me levantei, entretanto, não consegui deixar de murmurar baixinho.

— É tão bom ser informada sobre as mudanças de planos.

Eu pude ver Edwin se segurando para não reagir à minha afronta. Porém, eu estava tão afundada em minha amargura que não me importei nem um pouco com sua atitude.

Enquanto esperava pela nossa nova condução, em silêncio, sentia um incômodo no meu íntimo. A razão queria encontrar espaço e me conduzir para uma atitude mais equilibrada, mas eu a ignorei mais uma vez. Em pouco tempo, alguns carros estacionavam em frente ao heliporto e fomos acomodados dentro de um dos luxuosos automóveis. Pareci aos dois completos estranhos viajando juntos. Eu evitei fazer contato visual com Edwin, temendo me decepcionar ainda mais com sua frieza.

Quando o carro entrou na estrada principal, Edwin tocou em minha mão, porém, eu me esquivei, repousando-a sobre meu colo.

— Eu ia te contar — revelou, buscando de alguma forma, apaziguar os ânimos.

— Ia? — Ironizei e meu olhar fuzilou o dele. — Quando? Um dia antes de nos casarmos?

Edwin passou uma das mãos no cabelo e afrouxou a gravata um pouco, pensando na melhor maneira para se justificar.

— Ontem, quando eu saí da reunião, percebi como você estava deprimida e eu temi deixá-la ainda mais desanimada com a notícia. Hoje, na biblioteca, eu consegui ver seus sorrisos espontâneos e sinceros como quase não aconteceu desde quando chegamos em Hawis. Não quis estragar o momento e acabei adiando demais.

Fui incapaz de responder. A justificativa era válida, embora eu não concordasse com ela, e isso me confrontava ainda mais. Fiz o que pude para me agarrar à minha penosa lástima, evitando me compadecer diante do relato dele. Eu havia sido alertada de como seria a minha vida, mas era diferente imaginar e passar por algumas situações. E eu não queria aceitar tão fácil a vida cheia de imposições.

— Eu não tive escolhas, Anne — Edwin lamentou.

— Por quê? — Minha voz soou fria. Quando percebi que ele não tinha compreendido o teor da minha pergunta, falei novamente. — Por que adiantaram o casamento?

O Príncipe assentiu compreendendo meu ponto, disposto a esclarecer as minhas dúvidas e evitar mais desentendimentos.

— A oposição está fazendo pressão para tentar aprovar leis liberais. Você sabe, eles fazem barulho, ameaçam e usam a mídia, principalmente, para tentar manipular o povo a enxergar através da ótica deles e gerar insatisfação com o governo. — Edwin esfregou todo o rosto mostrando sua perturbação com o assunto. — Na sexta, dia sete, será discutido um desses projetos de lei, o mais absurdo deles. Eles querem transformar tudo em um espetáculo. A ideia de remarcar o casamento para o sábado se dá para desviar a atenção, tornando a cobertura da cerimônia o foco principal dos

meios de comunicação e do povo, dado a comoção nacional diante do nosso enlace.

Eu balancei a cabeça sem acreditar na destreza da armação.

— Nosso casamento será uma distração para que essa votação aconteça sem alardes na imprensa e os projetos serão derrubados facilmente — Edwin explicou, como um político nato, sem transparecer qualquer incômodo em deixar nossa união em segundo plano.

— Então é assim? Nossa aliança pouco importa, o que vale é a estratégia para conseguir alcançar o objetivo do Parlamento? O que mais vão fazer com nossa vida, Edwin?

— Anne...

— Não! — Fechei os olhos e soltei o ar, pesarosa, conseguindo enxergar, pela primeira vez, tudo pela ótica correta. — Ninguém se importa com nossos sentimentos, não é? Minha vida está fora dos eixos. Desde quando eu disse sim, acatei todos os protocolos, tenho me esforçado ao máximo para ser aquilo que esperam de mim, apesar de não ter a mínima ideia do dia de amanhã. E, mesmo assim, eu não tenho o direito de ser informada, tampouco consultada sobre uma mudança drástica de planos. É do meu casamento que estamos falando! Além do mais, seu pai exige minha perfeita conduta, mas encurta meu tempo, é isso?

Edwin permaneceu em silêncio, permitindo que eu demonstrasse minha fragilidade enquanto deixava as palavras irromperem em minha boca.

— Não tem um mês, Edwin! Nem um mês que te reencontrei e fiquei noiva. Você não entende a pressão disso aqui. — Coloquei as duas mãos na cabeça. — Parece que eu não tenho mais minha vida, sabe? Tudo o que eu faço agora é me esforçar para agradar as pessoas ao redor, tentando não ser eu mesma e me comportar como uma dessas damas perfeitas. Mas, sinceramente, eu não sei se eu consigo ser uma delas. Não sei se sou capaz de viver dessa maneira para sempre.

Eu me calei por um instante, ponderando quantas verdades saiam dos meus lábios.

— Toda garota sonha com o dia do seu casamento, e tudo bem, eu não fiz nenhuma exigência, aceitando todas as imposições,

ciente de não entender nada do *seu* mundo — falei, tentando esconder meus receios e inquieta demais para conseguir enfrentá-los de frente. — Porém, esperava ao menos um pouquinho de sensibilidade, que se importassem comigo e me vissem como uma mulher, um ser humano, e não apenas como parte de um esquema, sendo jogada para cá e para lá, sem se darem conta de que eu tenho sentimentos!

Minha mão massageou minha nuca e eu fazia o possível para me controlar e não abrir a porta do carro para escapulir de vez.

— Isso não é vida! Aliás, eu vou ter algum resquício de vida? Vou poder fazer algo por mim mesma ou serei apenas uma marionete na mão de todos, recebendo ordens de como eu devo me comportar, o que devo falar, quais serão as minhas roupas, minha agenda, a data do meu casamento e tudo o mais? Isso é tudo, Edwin? É o futuro que me espera?

Edwin não disse nada, continuava ouvindo calado meu desabafo. O olhar estava distante e esfregava os dedos da mão esquerda. Sua inércia apenas confirmava minhas constatações. Era, sim, aquele futuro que me esperava. Senti um aperto em meu peito que me tirou o ar por um instante. As coisas não seriam tão fáceis como todo mundo afirmava. Talvez eu tivesse subestimado minhas capacidades e me encontrava apaixonada demais para conseguir compreender que estava, de alguma maneira, entregando minha vida de bandeja.

Por Edwin, não se desespere. — Uma voz lá no fundo tentou me trazer a razão. — Isso é o que se faz quando se renuncia a servir. Todas as coisas cooperam para o bem.

Ignorei aquela voz e balancei a cabeça, optando por enxergar apenas o meu eu e as inconveniências da minha abrupta mudança de vida. Será que algum dia eu me acostumaria com aquilo? Ou melhor, eu conseguiria encontrar alguma felicidade em meio a tanto controle?

— O que eu fiz com minha vida? — lamentei em voz alta e escondi meu rosto entre as mãos.

Mesmo com a visão obstruída, notei a movimentação de Edwin ao meu lado.

— Você se arrependeu?

Fui pega de surpresa com a pergunta. Senti-me indefesa. Não poderia responder. Ao menos, não estando tão envolvida com o descontentamento. Não quando eu havia, de fato, entendido o peso do fardo sendo colocado em minhas costas.

Ah, eu daria tudo para que fosse diferente, para que não houvesse coroa, imposições, títulos e luxo. Seria apenas eu e Edwin, vivendo uma vida comum, ainda que cheia de apertos e dificuldades financeiras. Sim, eu viveria o meu sonho de infância, um lar aconchegante e uma família grande e unida. Apenas isso.

Gostaria de poder dizer “não, não me arrependo de nada” porque talvez essa fosse a verdade. No entanto, ainda que minhas palavras fossem ditas, minha feição, minha postura e meu olhar falaram por si só diante do meu ressentimento.

— Era o que eu temia — ele lamentou, frustrado, enquanto esfregava as têmporas. — Anne...

— Eu estou muito cansada. Temos uma longa viagem pela frente, se não se importa, vou tentar dormir um pouco. Foram dias difíceis e longos.

Tentando a todo custo escapar de seu olhar de decepção, eu me virei a tempo de impedi-lo de ver a primeira lágrima escorrer em minha face. Encolhi-me como pude, baixei minha cabeça e me rendi ao dissabor das minhas mágoas, indisposta a ponderar se eu estava sendo razoável em minhas atitudes.

Contudo, lá no fundo, minha alma gritava apontando meu erro, inundando-me de culpa e vergonha, tornando-me ainda mais infeliz na minha luta pessoal. E, antes de adormecer, apenas um versículo vinha constantemente à minha memória:

Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros.^[15]



Capítulo 32

Capítulo 32

— Anne? Anne?

Remexi-me no assento, despertando aos poucos ao ouvir a voz de Edwin bem perto. Abri os olhos e o encontrei agachado, do lado de fora do carro, seus olhos na altura dos meus. Demorei a me localizar e, para minha infelicidade, constatei que tudo não havia sido apenas um sonho.

— Nós chegamos.

Avaliei sua feição e o tom de sua voz e senti certo alívio por ele não parecer furioso nem arrogante, como eu esperava. Assenti com a cabeça e ele se levantou, estendendo a mão para me dar auxílio. O toque de nossas mãos e o contato de nossa pele tornou-se um alento para minha alma ferida. Eu percebi que meu maior desejo era ser confortada e protegida por ele, acolhida em seus braços naquele momento difícil. Mas eu o havia afastado, deixando meu orgulho se sobressair diante da adversidade.

De mãos dadas e em silêncio nós caminhamos até a entrada do Palácio. Fomos recepcionados pela querida Samovier que, com um sorriso no rosto e alheia a nosso desconforto momentâneo, nos parabenizou com alegria pelo noivado.

— Parabéns, meus queridos. Que o Senhor abençoe vocês e a nova família que construirão juntos

Edwin deu um passo ao lado, permitindo que a senhora me abraçasse. Eu precisei me esforçar de verdade para não chorar. O aconchego do abraço afetuoso da Madame apenas testemunhou quanta falta minha mãe fazia em minha vida.

— Samovier, foram dias exaustivos, a Anne está esgotada. Você pode, por favor, preparar um chá calmante e se certificar de que ela possa relaxar tranquilamente por algumas horas? — Edwin pediu, adiantando-se e repousou uma de suas mãos em minhas costas.

— Claro, Alteza. Farei isso agora mesmo. — Ela fez uma reverência rápida e se retirou, não sem antes me avaliar discretamente. Samovier era astuta o suficiente para perceber que não se tratava apenas de fadiga.

— Sei que você está cansada, mas pode me acompanhar até o escritório por um momento?

Concordei e permiti que sua mão me conduzisse. Edwin manteve a porta do escritório aberta, contudo, deixou claro para os guardas de plantão que necessitava de privacidade e não gostaria de ser interrompido.

Calada, passei a refletir no que viria a seguir. Imaginei a bronca merecida pelo meu papel infantil e, inconsciente, eu me armei, tentando me proteger da dor ao ouvir a verdade.

— Nós precisamos conversar — ele falou, sério, apontando para o sofá.

Eu me sentei e ele se acomodou ao meu lado. Evitando a todo custo encará-lo, repousei minhas mãos no colo. Pelo canto dos olhos, percebi Edwin me avaliando. No fundo, eu sabia que deveria me humilhar e pedir perdão, mas ainda estava magoada. O orgulho era meu maior inimigo e o meu coração corrupto me iludia, afirmando que era ele quem deveria se desculpar.

E se ele terminasse tudo entre nós? Eu tinha dado motivos o suficiente para ele recuar. A sensação da solidão me sobreveio e senti um tremor interno. Engoli em seco e fechei os olhos quando a mão dele tocou uma mecha do meu cabelo caí da no meu rosto

Foi só isso. Só esse gesto. Ele rompeu as amarras e quebrou meu ego.

— Ah, Edwin! — Chorando, encostei minha testa no ombro dele. Ele me abraçou. A culpa pairava sobre mim, meu pecado rasgava meu coração. — Me perdoe.

Havia uma quietude nos envolvendo, o silêncio sendo interrompido apenas pelo fungar do meu nariz. Quando me acalmei um pouco, recuei e mantive os olhos fixos nas minhas mãos. Eu as apertava com força. Edwin, notando o quanto eu estava nervosa, tocou minha mão e carinhosamente me fez desuni-las, tomando uma delas entre as suas.

— Você tem todo o direito de estar chateado comigo e eu nem vou me defender.

Aumentando minha angústia, ele demorou a pronunciar algo. Eu só não voltei a chorar porque ele segurava minha mão com ternura, demonstrando não estar tão magoado assim.

— Fiquei chateado, não nego. Mas tive algumas horas durante a viagem para pensar nas coisas que você disse. Eu estou me esforçando muito para ser paciente, Anne. Eu compreendo como é difícil para você toda essa pressão. Eu nasci nesse mundo e cresci sendo preparado para esse momento, para um casamento rápido, talvez até mesmo arranjado. Já você tinha outros planos.

Segurei o meu pingente do colar. Edwin tocou no meu anel de noivado e brincou com ele enquanto um sorriso crescia em seu rosto.

— Antes de você aparecer na minha vida, eu estava tentado a me submeter a uma das sugestões dos meus pais. Não sobre uma mulher específica, mas sobre me abrir às possibilidades disponíveis.

Senti uma pontada de desgosto misturado com ciúmes ao ouvir ele admitir a possibilidade de ter outra mulher em sua vida, ocupando meu lugar de direito.

— Você sabe que minha mãe tentou forçar algo entre mim e a Estela, mas eu deixei claro que tinha motivos determinantes para não me submeter a um relacionamento com a preferida deles por ela não demonstrar um caráter cristão genuíno. Então eles iniciaram

uma intensa busca entre jovens conhecidas que apresentassem um aparente ní vel de religiosidade como pretendente.

Se a intenção dele era me torturar, estava conseguindo. Quando pensei nas altas expectativas de meus sogros em relação a união do filho, fui invadida por um sentimento de autocomiseração, ciente de estar em um ní vel bem inferior diante das opções deles.

— A Madeline, ela é cristã? — questionei com a voz entrecortada, tentando não aparentar ciúme.

Edwin franziu a testa e hesitou um pouco antes de responder. No entanto, ele parecia ainda não ter concluí dosua explicação sem sentido sobre possí veis noivas e como eu arruinei a probabilidade de um casamento bem-feito.

— Sim, ela é muito dedicada ao Senhor.

Meu coração se encheu de pesar. Frustrada, a imagem da jovem bem-vestida de cabelos loiros e sedosos caminhando entre os nobres com um sorriso polido e o olhar cativante era suficiente para me lembrar do quanto eu era despreparada e longe de um dia conseguir manter aquele padrão controlado em público.

— Talvez tenha sido um erro eu ter voltado, Edwin. — Tentei não parecer perturbada e me controlei para não deixar a voz oscilar. — Se eu ficasse quieta em Susan, ou se não tivesse aparecido em sua vida, você encontraria Madeline em breve. Seus pais a aprovariam, e pelo visto ela estava bem-disposta a aceitar uma proposta. Ela é linda, cresceu no seu mundo e é uma jovem cristã, daria uma excelente Princesa.

Me esforcei para soar indiferente enquanto a verdade contida em cada palavra fazia meu peito arder de desgosto. E quando Edwin sorriu até os olhos, sem se abalar com minha postura implacável, fiquei confusa.

— Você não vai mesmo me deixar falar? Anne, não é ela ou qualquer outra mulher que ocupa a posição de minha noiva e está aqui ao meu lado. Não é Madeline quem disse sim a um futuro comigo, nem é ela quem carrega um anel de noivado no dedo, que num futuro muito breve será substituí dopor uma aliança. Não é ela a mulher que eu amo e prometi tentar fazer feliz.

Prendi a respiração por um momento diante da intensidade do olhar dele e invadida pela compreensão do quão perto estava de

me tornar sua esposa

— Deixe-me dizer o que queria dizer. Antes de você aparecer, me preparei para a possibilidade de me casar sem tudo o que temos entre nós. Eu sabia que seria rápido, que seria necessário fazer concessões. Eu passei por um processo e hoje tudo isso se tornou insignificante e vou te dizer o porquê. Anne Davies, você é a mulher mais adorável que eu já conheci, a única capaz de fazer meu coração ansiar desesperado pelo dia em que me unirei a uma mulher, por fazer os dias passarem lentamente quando tudo o que eu mais quero é me casar com você!

Edwin acariciou meu rosto com as costas de sua mão e eu senti mais lágrimas escapulindo de meus olhos. Lágrimas de culpa, arrependimento e não merecimento. Eu me perguntava como seria possí vel, depois de tudo, ainda ter o amor dele daquela maneira. Como ele podia me aceitar com tantos erros?

— Eu não posso olhar para tudo isso com maus olhos, Anne. Vou me casar com a mulher da minha vida em poucos dias. Esqueça Estela, esqueça Madeline, esqueça qualquer outra. Eu só tenho olhos para você. E é por isso que eu não me arrependo de minha decisão, nem por um segundo.

Balancei a cabeça várias vezes, lembrando-me da minha tola atitude.

— Eu não estou arrependida, Edwin. Não estou. Só com medo, muito medo.

— Você não precisa ter medo, pode contar comigo, eu estarei sempre com você.

As palavras reconfortantes eram um alento, mas, ao mesmo tempo, atingiram meu coração como uma faca afiada, fazendo-o sangrar. A promessa de estar comigo não aparentava ser tão simples de ser cumprida. Eu já tinha ouvido promessas parecidas de quem não havia retornado, deixando-me só. Compreender minha dificuldade em confiar e o medo de precisar lidar com todo o sofrimento da perda de novo tomaram uma proporção ainda maior em minhas emoções e eu previ a ansiedade retornando.

— É tão difícil, Edwin. Às vezes é duro confiar diante de tanta luta, tanto sofrimento. Não quero ser uma pessoa temerosa, mas não sei como mudar isso.

— Deus é soberano e está cuidando para que tudo na sua vida siga de acordo com os planos Dele. Mesmo diante das dificuldades, no vale da sombra da morte, Ele ainda está com você, fazendo com que tudo coopere para o seu bem, tornando-a mais parecida com Cristo. Seu sofrimento não é em vão, nunca foi e nunca será. Talvez você possa nunca compreender os propósitos Dele, mas a Palavra nos garante que Ele tem o controle de tudo e nós cremos nisso pela fé. Anne, tire os olhos de você e de seus problemas e foque-os na cruz, apegue-se Àquele que a amou até a morte.

Sim, durante os tempos difíceis e nebulosos fora Ele quem esteve comigo. Não podia deixar minha incredulidade e o medo abafar toda a certeza de um Deus zeloso a quem eu devia todos os meus dias. Um Deus supridor, protetor, consolador, misericordioso e que me amava, apesar de eu ser uma filha tão infiel e não merecedora de seu cuidado e amor.

Edwin orou por mim e sua oração levou refrigério para a minha alma e meu corpo. Ah, como era bom ter ao meu lado alguém que me conduzia a Cristo, me levava para mais perto do meu Senhor! Eu podia entender com tamanha convicção o quanto casar com um homem piedoso era inegociável para qualquer cristã. Não havia nada mais belo que Edwin pudesse fazer por mim. A oração, o consolo oferecido através da Palavra, sobrepunha-se e muito a qualquer joia, qualquer presente, qualquer outra vantagem que eu pudesse ter. Eu tinha ao meu lado um companheiro em peregrinação e ambos poderíamos auxiliar um ao outro no caminho reto e estreito.

O choro cessou, a respiração se acalmou e minha musculatura foi relaxando na medida em que eu depositava todos os meus anseios nas mãos do Senhor. Eu sabia, havia sido presenteada com uma dose da graça necessária. Graça imerecida, diante do meu apego às minhas emoções instáveis.

O Senhor continuava a me amar, não por mim, mas por Ele mesmo. E era isso que Edwin estava me ensinando através do seu perdão e paciência comigo.

— Como você consegue se controlar estando com raiva? Ou chateado? Eu não sei lidar com isso.

— Primeiramente, porque eu sou homem. Segundo, porque temos personalidades diferentes — ele falou, e quando eu demonstrei querer uma resposta melhor ele riu. — Ah, minha Princesa, eu aprendi a duras penas.

Percebi certa amargura contida e ele fez uma careta antes de relatar algo sobre seu passado

— Quando eu fui alcançado pelo Senhor, eu me empenhei muito para tentar ser o mais correto possível, obedecendo todos os estatutos Dele. Foram tempos difíceis para um adolescente de dezesseis anos com dois irmãos inconsequentes. Eu comecei a negar participar de certas conversas, me recusei a mentir e comecei a me posicionar como um cristão, me opondo a muitas coisas. Elliot não gostou do meu novo estilo de vida e passou a me perseguir, zombando e fazendo de tudo para, como dizia ele, eu perder a minha pose de santinho. Talvez, em partes, ele estivesse certo e um pouco do meu desejo em ser irrepreensível estava mais aliado à minha vontade de manter uma imagem íntegra do que realmente por amor ao Senhor. E eu era um chato. — Edwin suspirou e riu comigo. — Elliot se tornou meu atormentador pessoal e um dia ele conseguiu me fazer perder o controle.

— O que você fez? — indaguei, pensando como ele seria sem seu habitual autocontrole. A lembrança dele me defendendo na livraria me fez ter um pequeno tremor interno.

— Eu dei um soco bem dado no meio do nariz do meu irmão.

— Ai, não! — Eu tampei a boca, mas isso não me impediu de rir.

— Mas não parou por aí. — Ele balançou o dedo indicador. — Nós nos atacamos no chão do Palácio e foi preciso três funcionários para separar a briga. Eu estava irado, e ele, com o orgulho ferido, nem um pouco satisfeito por ter apanhado. Foi uma cena lamentável.

— Desculpe, mas eu não consigo não achar graça. Não dá para assimilar sua imagem com a de um homem descontrolado dando socos e rolando no chão em uma briga. Aliás, não tinha sido você quem me disse que nunca tinha batido em ninguém?

— Em ninguém, além de Elliot. Briga entre irmãos não entra para a conta. — Edwin riu, mas ficou sério em seguida. — Mas,

mesmo assim, foi uma atitude terrível e isso resultou em severas consequências por causa dos meus atos. Dois dias depois da situação constrangedora, uma revista de fofoca publicou uma matéria sobre os desentendimentos dentro da família real, citando a briga dos dois príncipes, relatados por uma fonte segura. Isso despertou a ira do meu pai e ele tentou descobrir quem seria o responsável por vazarem a notícia. Como não descobriu, ele despediu todos os funcionários que presenciaram nosso ato ridículo.

As feições dele alertavam que a história ainda não tinha terminado.

— Depois de precisar lidar com o fato de ver pessoas inocentes perdendo seu emprego por causa da minha atitude inconsequente, ainda tive que lidar com um pai aborrecido e mais uma punição a cada nova notícia do jornal. Uma fonte passou a relatar todas as minhas discordâncias com Elliot, sempre criticando o herdeiro por ser infantil e mesquinho e ressaltando sua obsessão em me desmascarar. — Ele me olhou de relance e seus lábios se curvaram levemente. — Iniciou-se um verdadeiro caça às bruxas para descobrir quem era o delator daquelas grandes verdades difundidas para o povo. A revista foi processada, a realeza ganhou a causa e não houve mais nenhuma reportagem.

— E o fofoqueiro?

— Depois de meu pai ter feito um estardalhaço e ameaçado todos os funcionários, descobrimos que era um dos guardas pessoais de Elliot. Ele quebrou a cláusula de sigilo imposta no contrato de admissão de empregados do Palácio e não teve um destino agradável. Mas isso não importa. — Edwin se ajeitou no sofá. — Foi uma época bastante confusa e eu entendi como minhas atitudes são tão sérias, não apenas a nível pessoal, mas também nacional. A realeza é um espelho para as pessoas e elas esperam se inspirar em coisas boas. O resultado de me deixar levar pelas minhas emoções foi bastante desagradável.

— Eu te entendo — respondi, envergonhada, por assimilar o real significado das minhas atitudes.

— Mas, como você pode ver, eu já tive minhas parcelas de erros, mesmo tendo sido criado para não os cometer desde criança.

— Edwin me ofereceu um olhar afetuoso. — Não se martirize tanto, mas não se entregue.

Baixei meus olhos e balancei a cabeça aceitando seu conselho.

— Vou te ensinar um grande segredo, espero que aprenda: deixe para descarregar seus problemas em mim quando estivermos na privacidade de nossos aposentos

Meu rosto corou de imediato devido à referência da minha atitude e de, em breve, compartilhar um quarto com ele.

— Você quer que eu desconte minhas frustrações e emoções em você? — perguntei, divertida, tentando afastar o constrangimento.

— Eu sou um homem forte, acho que suporto a provação. Você ficaria surpresa em saber quantos vasos já foram quebrados dentro dos aposentos reais. Alguns príncipes até já saíram feridos. — Ele fez uma pausa, segurou minha mão e, com um olhar de súplica, pediu: — Por favor, seja boazinha comigo e não chegue a esses extremos.

— Prometo tentar. — Apreciei seu rosto, observando todas as linhas de expressões evidentes. Meu coração foi sendo inundado de gratidão. — Obrigada por ser tão compreensivo.

— Era isso ou eu estaria enfrentando a fúria do Rei por ser abandonado por minha noiva — ele brincou e eu revirei os olhos. — Eu estaria fadado a um futuro terrível na companhia de outra dama que talvez se comporte bem em sociedade, mas seja um terror na segurança da privacidade. — Ele segurou meu rosto entre as mãos e sorriu. — Eu te amo. Não se esqueça disso.

Edwin desfez o nosso contato tão rápido quanto o fez.

— Aliás, eu estou aliviado com o adiantamento do nosso casamento. E minha família nem se fala. Quanto antes resolvermos isso, melhor é.

Eu ri e ele ficou satisfeito por conseguir tal proeza depois de tanto choro. Ele mexeu no terno e inclinou o corpo para frente, mudando a expressão.

— Eu estou muito mal por ter te magoado. Eu sinto muito por não ter dito logo sobre as mudanças de data e por não ter acolhido você e seus sentimentos. Me perdoe.

— Eu te perdoo. Me perdoe também por ser insensata.

— Você está perdoadada. Mas, para nosso relacionamento funcionar, você tem que aprender a se controlar, ao menos em público. Tenta se esforçar mais.

Apertei os lábios, entendendo que aquilo era uma repreensão. Talvez ele quisesse dizer mais, e não estaria errado se dissesse, mas ele terminou por ali.

— Madame Samovier deve estar te esperando com um belo chá e você deve descansar. — Ele se levantou. — À noite eu quero te levar a um lugar especial. Sairemos às dezenove horas.

— Fora do palácio? — indaguei surpresa e me levantei.

— Sim! Por isso, escolha roupas discretas. Prenda seu cabelo e procure vestir-se com simplicidade, de modo que não chame a atenção. — Ele caminhou até a porta e cruzou os braços. — Não adianta me olhar com essa cara, eu não vou revelar nada sobre o lugar aonde vamos.

— Você é mal quando quer. — Caminhei em direção a saí da e ignorei a cara feia dele.



Capítulo 33

Capítulo 33

Já era noite. Eu desci os degraus repassando na mente os meus aprendizados sobre postura e classe, buscando ser uma Lady, principalmente depois do meu péssimo comportamento de mais cedo. Edwin se encontrava ao pé da escada. Ele assinou alguns papéis apoiados em uma prancheta e os entregou para Henri. Quando levantou os olhos para dar uma instrução, me viu. Dispensou o assessor e se virou, esperando-me com um sorriso sincero e apaixonante. A cada degrau a menos, uma emoção nova se manifestava dentro de mim.

— Acabei de ter um momento nostálgico vendo você descer a escada usando esse vestido — ele declarou e com sua postura ereta ergueu a mão firme para segurar a minha.

— E isso é bom ou ruim? — Franzi a testa desconfiada.

— Um feixe de lembranças de uma linda jovem passeando por aqui sem preocupações e me encantando com seu jeito doce e espontâneo. — Ele deu uma rápida analisada em minha roupa. — E você continua a me encantar, como da primeira vez.

— Ainda estou curiosa do porquê ter escolhido um dos meus antigos vestidos de plebeia. — Da mesma forma, analisei as vestes dele. Ele usava uma calça jeans, camisa polo preta e um tênis social

nos pés. — E você também está me lembrando de um certo rapaz passeando em um parque sem preocupações.

— Está muito estranho? — ele perguntou, alisando a camisa.

— De modo nenhum, você está lindo! — Elogiei e ele parou o olhar no meu. — Você fica lindo de qualquer jeito. Eu gosto do Edwin de terno, vestido de Príncipe, mas também gosto assim.

— Eu gosto quando a senhorita elogia deliberadamente a minha beleza, admito.

Com um sorriso tímido, dei mais um passo e arrumei a gola da camisa que estava torta.

— Você é lindo, carinhoso, compreensivo, sábio, inteligente, manso, gentil, atencioso e protetor. Você me ensina quando eu preciso, está sempre disposto a ajudar outras pessoas, é firme em suas convicções e me mostra Cristo. É por isso que eu o amo tanto.

Edwin demonstrou gostar muito dos elogios. Ele segurou minha mão ainda na altura de seu ombro.

— Também amo você, mas sei que aprenderei a amá-la um pouco mais a cada dia.

Dei um passo para trás e o encarei.

— Acho que nenhum dos dois tem muita ideia de onde estamos entrando.

Edwin deu uma risada alta e depois assentiu.

Eu havia acolhido o incentivo de minha mãe no passado e de tantas outras queridas senhoras cristãs, para usar meu tempo de solteira e me preparar antes de adquirir o status de esposa. Eu tinha estudado e aprendido muitas lições nos livros, pregações e conselhos de mulheres mais velhas, contudo, ninguém nunca tinha me alertado para a possibilidade de um dia me casar com o Príncipe e, dentre todas as mulheres que eu conheci nos meus 24 anos de vida, apenas duas sabiam na prática o real significado disso: Cloe e Margareth.

E o grande aprendizado da vez era: a teoria é sempre mais fácil do que a prática.

— Minha oração todos os dias têm sido para o Senhor nos conceder a graça e sabedoria necessária — ele falou com sinceridade.

Eu suspirei e olhei para nossas mãos unidas. Graça e sabedoria, principalmente essa última, era tudo o que eu mais precisava.

— Vamos? — Edwin chamou. — Nossa saí da será discreta, tudo bem?

Mordi os lábios, encarando aquilo como uma nova aventura. Me segurando para não transparecer tanto minha curiosidade, nós caminhamos para a entrada secundária do Palácio. Edwin não disse uma palavra pelo caminho e apenas um gesto de cabeça dele foi suficiente para fazer os guardas abrirem a porta sem questionamentos.

Fiquei me perguntando como, afinal de contas, seríamos discretos. Desde quando pisei no Palácio pela primeira vez, sempre, em todas as ocasiões havia gente por perto. Eu ficava surpreendida em como os Príncipes agiam naturalmente, conversando sem nenhum embaraço, como se não houvesse outra pessoa no cômodo. Era quase impossível estar sozinho em qualquer lugar, sempre sujeito a ser surpreendido por algum funcionário ou estar sobre olhos e ouvidos atentos de algum guarda real, ainda que distante.

A não ser dentro dos aposentos, de porta fechada— pensei e estremeci pensando no único lugar onde eu e meu marido teríamos total privacidade. — *Atal privacidade...*

Balancei a cabeça tentando me livrar daquele pensamento inusitado, mas senti minhas faces arderem ao lembrar no que eu estava pensando. Graças a Deus a suavidade do ar noturno acalmou meus ânimos.

Só paramos quando chegamos até um carro que eu reconheci ser de Zac. Edwin abriu a porta e me orientou a entrar.

— Boa noite, Princesa — Zac, sentado no banco do motorista, sorriu. A última palavra fora dita de forma carinhosa e até provocativa.

— Olá, Zac. Que belo passeio daremos, não é mesmo? — Tentei sanar minha curiosidade pegando meu amigo na conversa.

— Podemos partir — Edwin disse com seriedade quando fechou a porta ao seu lado.

Zac bateu uma continência e ligou o motor de seu automóvel preto. Edwin sustentava uma postura alerta, observando ao redor enquanto o carro trafegava pelas pequenas ruas do Palácio. Antes de chegarmos ao portão, Zac estacionou em frente a um conjunto de dormitórios onde viviam alguns guardas solteiros. Meu noivo deslizou pelo assento, assumindo a posição ao meu lado. Logo depois, duas portas se abriram e mais dois homens se juntaram ao nosso grupo.

Reconheci eles logo quando entraram. O da frente, era Avril, o que se sentou ao lado de Edwin, Luke. Ambos faziam parte da nossa equipe de segurança. Os quatro homens se cumprimentaram com intimidade e todos, apesar de agentes treinados da guarda real, vestiam-se com roupas casuais e agiam como jovens descontraídos.

— Temos um acréscimo hoje — Zac quem disse referindo-se a mim.

— Acredito que não será apenas hoje — Luke disse olhando para Edwin. Depois, ele estendeu a mão por cima do meu noivo e com um sorriso se apresentou. — Muito prazer, senhorita. Luke, a seu dispor.

Surpreendida com a maneira nada formal com que ele me cumprimentou, apertei sua mão em resposta. Até então, nossa interação não havia sido muita, mas eles sempre foram muito profissionais.

— Prazer — respondi recebendo um sorriso ainda mais aberto do rapaz, sob o olhar vigilante de Edwin.

Avril voltou-se para nós e para meu espanto — e um pouco de terror — ele entregou uma pistola na mão do meu noivo que num gesto rápido a acomodou no coldre à cintura.

— Isso é uma arma, Edwin? — indaguei, perturbada, e não me preocupei em falar em um tom baixo. A atmosfera amigável, de alguma forma, me deixou relaxada. — Por que você precisa estar armado?

— Estamos saindo sem cobertura. Segundo o protocolo, para uma saída externa seria necessário, no mínimo, quatro agentes para cada membro da família real. — Edwin segurou minha mão,

tentando me tranquilizar. — Pelas contas, estamos em desvantagem e eu preciso garantir sua segurança.

— Nesse caso, estamos em desvantagem cinco vezes — Zac falou e, após o olhar repreensivo do Príncipe, corrigiu. — Bem, contando com o Edwin, ainda nos faltam quatro homens.

Olhei para os quatro e abri a boca duas vezes antes de perguntar o óbvio.

— Estão todos armados?

As risadinhas eram prova da minha ingenuidade. Para não parecer mais ridícula, me calei.

Zac não parecia muito preocupado. Na verdade, embora ali todos tivessem treinamento militar, eles mantinham a mais completa serenidade, enquanto eu, a única desarmada, continuei insegura, principalmente por estar cega ao que nos esperava aquele passeio misterioso.

— Fique tranquila, querida, é apenas por prevenção. Nunca tivemos problemas nas nossas saídas. Zac planejou cada detalhe para a nossa segurança.

Encarei o Príncipe e mesmo com pouca luz eu vi uma expressão divertida em seu rosto.

— Mas você vai precisar se abaixar agora e só se levantar quando os rapazes permitirem, certo?

O carro começou a se movimentar e eu obedeci às ordens do Príncipe. A mão dele tocou suavemente minhas costas, orientando-me a descer mais, em seguida ele inclinou o corpo dele, apoiando-se sobre o meu. Nós estávamos nos escondendo?

Mas o que está acontecendo aqui ?

Zac, Avril e Luke continuaram conversando sobre assuntos triviais como esportes, enquanto o carro se movia. Senti uma parada momentânea e a voz de Zac e Avril se sobressaíram, trocando palavras com os guardas do portão, tendo a nossa passagem liberada. Depois de um tempo, Luke foi quem deu o aviso de que estávamos livres. Edwin saiu, literalmente, de cima das minhas costas e eu me levantei, ajeitando os cabelos.

— Estamos saindo escondidos? — questionei e recebi em respostas algumas risadas contidas.

— Não necessariamente — Edwin respondeu e uniu nossas mãos. — Mas não queremos ser incomodados.

Como se nada tivesse acontecido e desconsiderando minha presença, os quatro passaram a discutir sobre assuntos bem masculinos, como questões de segurança pública, esporte e o caso de algum ministro das relações pego em atitude suspeita com uma mulher de í ndoleduvidosa. O mais engraçado nisso tudo era que o Prí ncipe estava sendo chamado pelo primeiro nome e nenhum dos três rapazes oferecia nenhum tipo de tratamento diferenciado, me deixando ainda mais intrigada. Nenhum “Alteza”, “senhor” ou qualquer tipo de formalidade.

Sendo deixada de fora da animada conversa, passei a contemplar a paisagem através da janela do carro escuro. Devido ao horário, as ruas de Kent estavam bastante movimentadas. O fato de estarmos no carro pessoal de Zac não despertava nenhum interesse pelos passageiros ali dentro. Sorri pensando como seria a reação das pessoas se descobrissem que o Prí ncipe e a nova Princesa estavam passeando sem nenhuma escolta. Eu passei a apreciar os detalhes das ruas da cidade que eu amava e ficara tanto tempo distante, ainda ouvindo alguma parte da conversa enérgica deles. Pensei em nossa casinha. A livraria já não existia mais, uma loja de doces ocupava o espaço e uma famí liavivia onde nós quatro fomos felizes no passado. Eu quis ir lá desde meu retorno, mas tive medo de não conseguir lidar com as emoções.

De repente, os homens outrora relaxados assumiram posturas mais vigilantes, concentrados na rua ao nosso redor. Zac manobrou seu veí culo com cautela, adentrando em um estacionamento privado e meu coração disparou na expectativa do que nos esperava. Quando o carro parou por completo, fiquei inerte aguardando instruções. Luke saltou do carro primeiro e parecia fazer uma discreta ronda. Então, os outros agentes desceram conversando.

— Aqui — Edwin me entregou um lenço e me instruiu a colocar na cabeça. Eu fiz como ele disse e usei a câmara do celular para ver se tinha ficado bom, gostando do que vi.

A porta ao meu lado foi aberta. Eu desci do automóvel com Edwin logo atrás. Um carro acabava de estacionar ao nosso lado e

ninguém pareceu se inquietar com a presença de outras pessoas. Sem demora, nós caminhamos até um corredor que dava acesso a uma porta no fundo de um pequeno cômodo à direita, ladeado por um bem cuidado jardim. O corredor era estreito, mas Edwin postou-se firme ao meu lado, sorrindo, na expectativa da minha reação. Alguns passos a mais e chegamos à pequena porta de madeira fechada. Zac a abriu e nós adentramos no local. Meu coração se inundou de uma alegria triunfante ao constatar onde estávamos. Uma igreja pequena e aconchegante, com bancos de madeiras distribuídos ordenadamente pelo salão e pequenos vasos de flores ornamentando um espaço mais elevado, onde se encontrava o púlpito.

Atônita, notei como nossa presença não pareceu surpreender as pessoas, embora tenha atraído alguns olhares curiosos, e nos sentamos em um banco localizado bem no meio da sala. A música já ressoava e muitas pessoas estavam em silêncio, orando.

Edwin abaixou a cabeça. Eu não conseguia parar de externar em meus lábios sorridente a alegria proporcionada por estar lá e como me senti em casa, mesmo sendo um lugar ainda desconhecido. Minha felicidade transbordou quando a melodia de um hino conhecido começou a ser dedilhada no piano e todos acompanharam cantando. Zac, o Príncipe e os rapazes também seguiam o coro e estavam bem à vontade. Eu tinha muitas dúvidas sobre aquele lugar e sobre tudo que o envolvia, mas resolvi guardá-las para serem sanadas em um tempo mais oportuno, aproveitando a oportunidade de estar na Igreja e cultuar a Deus em meio aos meus irmãos. Cantei, orei e me sentei ao lado de Edwin para ouvir a exposição das Escrituras.

O pastor discursava com muito amor e firmeza. Ele pregou sobre o capítulo quatro de 2 Coríntios. Após fazer a exposição do texto de uma forma clara e precisa, ele fez uma aplicação relevante ao meu coração contrito diante de todas as minhas dúvidas e incertezas e ao meu apego às coisas dessa vida.

Como era difícil manter meus olhos fixos na cruz de Cristo e no viver para Ele, principalmente quando as lutas eram grandes e as dificuldades teimavam em desviar o foco da minha atenção. Eu falhava com uma recorrente facilidade. Ponderei sobre as inúmeras

vezes em que preferi fazer a vontade do meu eu e saciar minhas necessidades instantâneas e passageiras ao invés de obedecer a Deus e a sua instrução, quando me esquecia da Glória porvir e do fim de todas as coisas terrenas. Quanto tempo eu desperdicei com coisas que me afastavam do meu Senhor! As dificuldades da vida cristã deveriam ser superadas com a recordação de que somos peregrinos nessa terra. Deveríamos ser pacientes na tribulação, esperando o agir de Deus.

Então, o pastor finalizou, emocionado, com um apelo de Jonathan Edwards:

— Oh, Deus! Grave a eternidade em meus olhos!

Sim, era o que eu precisava! Manter meu foco na Glória de Deus e não nos meus problemas e nas minhas limitações. Precisava clamar ao Senhor para me fazer enxergar o mundo apenas como passageiro e as tribulações leves e momentâneas, comparadas com o peso da Glória eterna! E, graças a Sua enorme bondade, eu sabia que podia pedir por auxílio divino.

Eu ainda estava meditando nessas verdades, quando o pastor orientou para orarmos com a pessoa ao nosso lado. Edwin me abraçou lateralmente e eu fechei meus olhos. Ele clamou a Deus para que nosso relacionamento pudesse glorificar ao Senhor acima de tudo, para que Ele nos concedesse a graça de amá-Lo com todo nosso coração, mente e força e vivermos nossas vidas em prol do Reino Dele. E mais ainda, orou para que Deus nos desse sabedoria para assumirmos nosso papel diante da família que estava próxima de se formar.

O pastor finalizou o culto com a bênção:

— O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê paz. A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós para todo o sempre^[16].

Ao final, Edwin se virou para mim e com um sorriso no rosto cochichou.

— Bem-vinda à Igreja.

Eu tinha muitas perguntas para fazer, inclusive como ele conseguia estar no meio de tanta gente sem ser paparicado como

de costume. Contudo, quando o culto terminou e as pessoas se achegaram para nos cumprimentar, eu entendi que estávamos em família e ele era ninguém mais do que um irmão em Cristo. Fui apresentada e fiquei satisfeita por usarem meu primeiro nome no lugar de formalidades excessivas com as quais ainda não havia me acostumado.

Edwin me puxou pela mão, deixando os rapazes conversando com conhecidos e me arrastou até onde o pastor estava recebendo suas ovelhas.

— Pastor, minha noiva, Anne Davies — ele nos apresentou.

O sorriso do homem grisalho foi tão iluminado que eu senti um calor invadindo meu peito.

— Minha querida. — Ele tomou a minha mão entre as suas e olhou dentro dos meus olhos. — Não sabe o quanto esperei para conhecê-la. Precisamos marcar uma pequena reunião para eu poder contar sobre minha amizade com seu pai e com nosso abençoado irmão, Marfim, de quem ambos temos tanta estima.

— O senhor conhecia meu pai? — perguntei, sem me preocupar em esconder a emoção por falar dele.

— Claro, claro! Nossa comunidade tem laços bem estreitos com irmãos na condição de Paul Davies. Aqui — ele apontou para dentro do aposento — a grande maioria passou por coisas semelhantes ou estão se preparando para o campo missionário.

Uma exploração para ela e conhecer papai e Marfim.

— Por favor, Edwin — ele pediu, voltando-se para o Príncipe quando uma família se aproximou esperando a vez para conversar com o amoroso pastor —, sei como seus dias estão corridos, mas vamos tentar ao menos um encontro antes do casamento.

— Eu farei isso, pastor, não se preocupe. É uma questão de honra para mim e tenho certeza de que a Anne tem muito interesse nessa pequena reunião.

— Que assim seja, queridos — ele respondeu e apertou minha mão, antes de nos dispensar.

Olhei para Edwin e nossos olhos conversaram por si só. Ele entendeu o quanto significou para mim aquele momento e eu compreendi o quão feliz ele ficou por me levar a um lugar claramente importante para ele.

E mais uma vez eu agradei ao Senhor por ser tão bom com um ser tão pecador e infiel como eu.

Capítulo 34

Capítulo 34

No dia seguinte a nossa ida à Igreja, eu aprendi uma lição muito importante para minha vida: “tudo o que o homem semear, isso também ceifará”, contudo, “o Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó”.^[17]

— Com licença — o agente de farda vermelha se curvou após dar um passo para dentro da saleta onde eu estava estudando alguns protocolos com Milena. — Sua Alteza convoca a senhorita imediatamente, ele a aguarda no escritório.

Engoli em seco pressupondo qual incidente levaria meu noivo a me convocar formalmente. Edwin não me retiraria de uma aula se o assunto não fosse importante, não com o casamento tão próximo. Agradei o homem que prontamente se retirou do cômodo e me levantei, um pouco insegura.

— Espero não demorar. Voltarei o mais rápido possí vel.

Milena assentiu, compreensiva. Entre ansiosa para descobrir o assunto e preocupada se receberia mais repreensão, acelerei os

passos para encontrar Edwin no escritório. Entretanto, ainda no corredor, uma furiosa Helena me barrou, apontando o dedo indicador em minha direção com um olhar incriminador transparecendo uma fúria contida.

— Foi você, não foi? — ela me abordou sem o mínimo de educação. Eu abri a boca espantada para tentar esclarecer sobre o que ela se referia, mas não foi preciso. Quando ela estava bem próxima, a voz firme, porém usando de um tom baixo e ameaçador continuou suas acusações. — Você armou contra mim reclamando com o Príncipe Edwin, não é?

Ainda surpreendida com o comportamento anormal da governanta, arregalei os olhos, incapaz de reagir.

— Quem você pensa que é? Acha mesmo que pode chegar abruptamente por aqui e ir ditando as regras? — Ela me analisou dos pés até a cabeça e com um sorriso irônico tentou me intimidar. — Não passa de uma juvenzinha desqualificada, insignificante e intrometida.

— Por favor, Helena, eu espero mais respeito por parte da senhora — respondi com calma, recordando-me das tantas outras vezes que havia passado por situações semelhantes em Susan, com hóspedes arrogantes que pensavam portar o título de *soberanos do universo*. Eu mantinha a compostura e não os ofendia, mas também não aceitava ser destrutada.

— Espera? Ou o que? Vai correr imaculada e contar para seu protetor? — Ela empinou ainda mais o nariz e ergueu as costas, exasperada. — Eu estou a serviço da Rainha desde antes do Príncipe nascer e nunca havia sido exposta a tamanha humilhação como a que você me fez passar com Sua Alteza.

— O que ele fez de tão grave? — questionei e tive vontade de rir quando percebi o quanto minha pergunta a desestabilizou.

— Eu vou apenas deixar um alerta, senhorita: esse não é um lugar para alguém como você! Eu trabalho com a nobreza antes de você sair do útero de sua mãe e estou segura de que essa paixão do Príncipe Edwin é meramente efeito de feitiços lançados por uma jovem pobre em busca de uma ascensão na vida. Eu conheço o seu joguinho e posso te assegurar, o fato dele ter me humilhado por sua causa não vai mudar em nada minha posição em relação a você. —

Sua feição se tornou dura e ela disse a próxima frase entredentes.
— Não se meta no meu caminho!

Eu estava abismada com o fato dela me ofender sem nenhum receio. Não precisava ser uma gênio para sacar as armas dela, tentando se manter por cima a todo custo. Fechei os olhos por um instante, sentindo o efeito negativo que as palavras dela surtiram dentro de mim. Todavia, os conselhos de Edwin clarearam minha mente e assumiriam um sentido mais palpável. Eu não era a mulher que ela me acusava ser, e não deveria deixar ela me reduzir daquela forma, afinal, eu era a noiva do Príncipe, não era? Imitando-a, corriji minha postura, ergui o olhar e a encarei com bastante seriedade.

— Isso é uma ameaça? — Usando de todas as minhas artimanhas teatrais, por um momento me imaginei como alguém poderosa. Dei um passo para frente. — Porque se for, eu acho que devo lembrar você quem eu sou. Sua Alteza Real, Princesa Anne, futura esposa do Príncipe Edwin Hawis, o segundo na linha de sucessão do trono e filho amado da Rainha Margareth.

Helena manteve seu olhar altivo e não se moveu.

— Você pode até estar aqui a mais tempo do que eu, porém com essa atitude sua, apenas demonstra como está bem mais abaixo quando se trata de educação. Sinceramente, não gosto de humilhar nenhum funcionário, prezo muito por uma boa relação com todos, porém, não posso falar em nome do meu noivo. — Cruzei os braços e relaxei o corpo, levando a conversa para um tom mais casual. — Sabe-se lá como ele reagiria se eu contasse para ele sobre essa sua pequena crise narcisista. Hum — passei meus dedos sobre o queixo e curvei um pouco os lábios —, você consegue pensar como seria se chegasse ao conhecimento do Rei as ameaças feitas contra a nora dele?

Helena ficou inquieta de repente e eu senti que atingi no ponto certo.

— Sinceramente, eu ouvi dizer que estão precisando de uma governanta na casa de campo em Saviv. Edwin mencionou sobre a dificuldade para encontrar funcionários para trabalhar por lá. — Alisei meus cabelos, despreocupada, e depois forcei um sorriso. — Talvez seja de sua livre e espontânea vontade uma transferência

imediate de cargo para o palácio de Hawis, assim evitamos de nos esbarrar por aqui. Não seria incrível? Acho que seria o melhor para todos.

Endireitei o corpo, de novo assumindo a postura de Princesa e perguntei com firmeza:

— Estamos entendidas?

— Sim — ela respondeu com os dentes e mãos travadas.

— Sim, *Alteza* — corriji e precisei me esforçar para não rir do meu atrevimento e da relutância dela.

— Sim, Alteza — ela por fim se rendeu.

Ofereci meu sorriso mais aberto e passei por ela como se não tivesse acabado de ter a conversa mais estranha de toda a minha vida. Contudo, não pude evitar dar mais um conselho.

— Da próxima vez, seria mais adequado uma reverência ao me cumprimentar, Helena. — Com um aceno de cabeça, me despedi: — Nos esbarramos em Hawis!

Quando fiz a primeira curva no corredor, olhei para trás várias vezes, me certificando que não estava mais dentro do campo de visão dela, respirei fundo e levei a mão ao meu coração, sentindo-o bater em disparada. Parei por um momento, tampei a boca e soltei um murmúrio, pensando em minha ousadia.

Ai! Essa, definitivamente não sou eu! Será que fui muito covarde?

Comecei a rir de nervoso. Helena queria me intimidar, mas o que ela ganharia com isso? Aquela mulher me intrigava e eu ainda descobriria o porquê de tanta raiva com a minha pessoa. Voltei a andar pensando nas minhas palavras resolutas e comecei a temer se elas poderiam, de alguma maneira, me colocar em problemas.

Problemas!

Chegando no escritório, fui instruída a entrar. Edwin deixou alguns papéis na mesa e se levantou quando me viu. A seriedade foi substituída por um pequeno sorriso igualmente retribuído, denunciando a satisfação de ambos com o nosso primeiro encontro do dia. Aquilo foi suficiente para me fazer esquecer até mesmo dos meus recentes desentendimentos com a governanta. Edwin caminhou até ficar frente a mim. É difícil descrever os sentimentos de uma moça perto do homem a quem ela ama. Não era preciso

uma investigação tão profunda para perceber como Edwin me fazia bem e eu a ele.

Ele demorou a desviar o olhar, mas o fez para dar ordem a Henri que estava no canto da sala.

— Por favor, peça para servirem o chá.

— Deixo a porta aberta, senhor? — Henri indagou.

— Sim, por favor. — Edwin esperou o homem se retirar e apontou para a cadeira em frente de sua mesa. — Teve uma boa noite de sono?

— Sim. — Me sentei e fui agraciada com a visão dele ao meu lado, encostado à mesa, de braços cruzados, me encarando com carinho. — Embora tenha perdido várias horas de sono tentando encontrar respostas sobre tudo.

— Não há muito mistério no fato de um cristão se reunir com seus irmãos para adorar ao Senhor, há?

— Há quando esse cristão é o encantador Príncipe de Cibeles e as pessoas ao redor não parecem se importar com isso.

Edwin aproveitou a entrada de um funcionário carregando uma bandeja com chá e biscoitos, para sustentar o mistério. Depois de servidos, ele puxou uma cadeira para o meu lado e se sentou.

— Quando nos conhecemos, você me confessou ter o desejo de congregar em uma Igreja diferente, mas se via impedido, já que como Príncipe deveria estar na Igreja Real. Então, sim, há muito mistério.

— Mérito ao meu sogro, a quem tanto estimo, mesmo tendo a infelicidade de nunca ter o prazer de conhecê-lo e agradecê-lo pessoalmente por me abençoar não só com a mão da filha dele, mas também com o seu testemunho de vida.

Tomei um gole de chá e demorei mais do que o normal para engolir o líquido. Falar da falta dos meus pais, principalmente quando o tema tinha alguma relação com Edwin sempre mexeria comigo.

— Quando li os relatórios sobre Paul Davies, eu descobri a relação dele com o pastor Bonnie. Na época eram apenas algumas reuniões esporádicas com um grupo reduzido de pessoas, além das trocas de experiências sobre missões. Eles tinham sonhos em comum, mas seu pai não chegou a ver o crescimento do projeto,

que se tornou uma igreja voltada aos cristãos perseguidos pela fé e pessoas envolvidas com a realidade de nossos irmãos em situação conflitante em outros países.— Edwin deixou a xícara de café na mesa e apoiou uma das mãos ao lado.

Tentei me lembrar do pastor Bonnie ou algo a respeito dessas reuniões, mas meu pai era sempre tão cheio de projetos na igreja, com missões e tantas outras coisas relacionadas ao Reino, que ficava difícil obter conhecimento de todos eles. Até porque ele não se abria sobretudo com os filhos, talvez pelo mesmo motivo de não falar nada em relação à família dele.

— Há pequenas dessas igrejas espalhadas por Cibeles e não possuem grande visibilidade — Edwin voltou a explicar. — Por se tratar de cristãos ameaçados ou missionários se preparando para o campo, eles mantêm reuniões reservadas, bem intimistas e familiares, embora qualquer um seja bem-vindo. Eu entrei em contato com o pastor de Kent, que não por coincidência era o Rev. Bonnie, e ele me garantiu que eu não teria problemas.

O Príncipe sorriu abertamente.

— De fato, muitos estranharam minha presença no primeiro dia, contudo, eu me senti em casa. Fui recebido como família e todos passaram a me tratar apenas como Edwin, um irmão em Cristo.

— Ah — exclamei, deixando apenas aquela pequena palavra externar minha alegria.

— Há tempos eu não me sentia assim. — Ele segurou minha mão. — Você conseguiu abrir caminho na minha vida, enxergar mais do que muitos e me estimular a não me deixar ser vencido pelas incansáveis dificuldades por causa da minha fé. Me fez entender como eu precisava me posicionar mais em relação ao que eu acredito, mesmo sabendo das consequências e do incômodo do meu pai com minha seriedade em relação às Escrituras. Você me confrontou, me fez constatar que eu estava sendo tolo querendo caminhar sozinho, quando eu tinha uma família da fé pronta para me estender a mão. Depois que partiu, você continuou me abençoando, a sua história me levando a conhecer pessoas que tem tido tanta importância para mim nesses últimos meses.

— Há quanto tempo você vai lá? — questionei, emocionada.

Edwin beijou minha mão com respeito, como fazia quando buscava demonstrar sua gratidão. E aquele gesto tinha um enorme valor para mim.

— Logo depois que você partiu, busquei informações sobre a igreja. Fiquei um tempo pensando se ia dar certo ou não. Mas, enfim, um dia eu fiz uma visita ao pastor Bonnie e uma estranha confiança se estabeleceu entre nós. Foram várias visitas individuais até me sentir seguro para ir a um culto. E essa foi a parte mais difícil...

— Sair sem ser notado! — concluí o óbvio e ele assentiu, relaxando o corpo.

— Zac quem sugeriu a possibilidade de fazer isso em total sigilo. Não é à toa que Luke e Avril fazem parte da nossa segurança pessoal, são irmãos da fé. E eles aceitaram o convite, tanto para adorar ao Senhor quanto para desempenhar sua função na guarda de um membro da realeza um pouco atrevido. Há um ano e três meses nós frequentamos as reuniões, todas às segundas-feiras. Esra costuma nos acompanhar também.

Parei por um momento o olhar na janela no fundo da sala, meditando como o Senhor era especialista em usar situações à nossa volta, sendo elas favoráveis ou não, para cuidar de seus filhos. Nesse caso, tudo se encaixava de uma maneira misteriosa. Lembrei-me de José, e de todas as condições adversas de sua vida, de seu sofrimento e de como ações de outros contra ele acabaram por levá-lo à posição de governador, para um fim maior.

— Então o pastor Bonnie conheceu meu pai — comentei.

— Sim, eles eram bem próximos.

— Por que eu não me lembro dele?

— Isso você precisará perguntar ao pastor. — Edwin sorriu.

— Eu ouvi muitas histórias, não só sobre seu pai, mas também de outros cristãos acolhidos pela lei de refúgio da nossa nação. Foi bom para mim saber dessa realidade.

— E Marfim? — perguntei quando me recordei da menção do nome dele pela boca do reverendo.

— É novidade para mim. Sinceramente, eu não sabia da relação deles — Edwin garantiu e aproveitou meu silêncio

momentâneo para tomar um pouco do seu chá. — Até outro dia nem sabia da existência de Marfim.

— Bem, faz sentindo, uma vez que os negócios de Marfim envolvem a Igreja perseguida. Ele tem muitos contatos espalhados pelo mundo todo. — Apoiei meu queixo em minha mão e o cotovelo na mesa, imaginando a vida do meu querido senhor, sempre correndo riscos para abençoar nossos irmãos em dificuldades.

Voltei a olhar para Edwin e apertei os lábios. Apesar de todos os dissabores, a Palavra do culto na noite anterior surtiu efeito em minha alma, estimulando-me a encarar minhas dificuldades de frente, depositando meus anseios no Senhor e esperando Nele. De repente, uma ideia improvável passou pela minha mente.

— Será que Marfim conhecia meu pai? — Dei um sobressalto ao dizer aquilo em voz alta.

Edwin deu de ombros.

— Eu também não sei.

Movi minha cabeça enquanto minha mente vagava por possibilidades.

Não, el et eri me cont ado. El esabi anossa hi st óri aão me esconder i a um det al he t ão i mport ant e como esse!

Ainda estava divagando por diversas teorias, quando Edwin chamou minha atenção.

— Sei que você está feliz pela noite de ontem, entretanto eu temo precisar estragar um pouco nossa tranquilidade. — Pelo olhar dele, eu imaginei que estávamos em apuros. — Meu pai me ligou agora a pouco.

— Ai, não! — exclamei e joguei minha cabeça para cima, já esperando as piores notícias. Depois, respirei fundo e cruzei as mãos em cima do colo. — Pode falar, estou te ouvindo. Preparada para o que vier.

Edwin suspirou.

— Ele soube do nosso pequeno desentendimento em Hawis ontem.

— Pequeno? — perguntei e até eu me surpreendi com a minha facilidade de zombar das minhas falhas. Edwin riu aliviado com minha reação.

Talvez, e só talvez, ele esperasse outra crise minha. Não sei por que...

— Algum funcionário julgou estar agradando o Rei levando fofoca sobre uma pequena discussão nossa. Contudo, talvez ele tenha recebido a ira de Sua Majestade ao invés de agradecimentos.

— Ele estava muito bravo? — Fiz uma careta, já imaginando a resposta.

— Me senti como uma criança sendo castigado por alguma arte — ele respondeu com divertimento e eu suspirei. No fundo, ambos estávamos aliviados de, apesar das circunstâncias, levarmos com mais leveza nossa bronca.

— Me perdoe — pedi novamente e fiz um bico de arrependimento.

— Isso já foi resolvido entre nós. — Edwin deu algumas batidinhas na minha mão. — E graças a Deus ele despejou tudo em cima de mim. Não quero ver você mais triste ou desanimada com as lutas por estar prestes a se tornar minha esposa.

Inclinei a cabeça para o lado, cruzei os braços e apertei os lábios.

— O posto de sua esposa é algo bem complicado de se conquistar.

— Mas em breve ele será seu — ele declarou com convicção e coçou a cabeça. — O que me leva a recordar que estamos com sérios problemas.

— Devo me preocupar, não é? — perguntei e ele sorriu sem humor, assentindo.

— Meu pai cancelou e fechou toda a nossa agenda. Ele não quer você se expondo ao público, muito menos à imprensa antes do casamento.

— Graças ao bom Deus! — joguei minhas mãos para o alto em agradecimento por ser poupada do que eu mais temia e que estava prestes a acontecer em dois dias. Edwin, porém, segurou minha mão e me trouxe de volta à realidade.

— Minha Princesa, isso não é bom. Você não percebe? Se ficarmos escondidos no Palácio, eu não consigo nem pensar em quanta fofoca surgirá, além de perdemos a possibilidade de fazer alguma coisa por Cibebe. A visibilidade é importante.

— Não tinha pensado por esse lado. — Parei por um momento e dei uma risadinha. — Mas, ainda assim, eu não consigo deixar de agradecer a Deus por me poupar da exposição.

Edwin riu, ciente de como aquela notícia era um verdadeiro presente para uma jovem desesperada — e despreparada.

— Precisamos de uma direção do Senhor! — por fim ele soltou, denotando preocupação.

— Ele nos dará, tenha fé! — declarei, sentindo-me sábia de repente.

Talvez eu estivesse pegando o jeito.



Capítulo 35

Capítulo 35

Para uma jovem acostumada a ter sua privacidade preservada por muitos anos, ser acordada pela segunda vez pela Rainha de Cibeles era no mínimo estranho. Ter meu sono vigiado, pessoas me dizendo o que fazer, entrando e saindo dos meus aposentos quando queriam já estava fazendo parte da minha rotina. Mas ter Sua Majestade parada ao lado da minha cama me chamando pela manhã não deveria ser algo natural.

Com as vistas embaçadas e expondo todo o caos que uma noite de sono provoca em nossa aparência, eu me sentei na cama tentando entender o que Margareth estava fazendo ali. Eu estava exausta. As poucas horas de sono se davam por eu ter passado boa parte da madrugada envolvida em uma leitura complicada sobre políticas internas. E agora o cansaço cobrava o preço pesando as minhas pálpebras.

— Minha querida, levante-se, há muito trabalho a ser feito.

De modo automático obedeci a sua ordem. Minha primeira reação foi colocar meus óculos, para tentar enxergar tudo com mais clareza. A Rainha se afastou dando espaço para Rachel. A minha bem-disposta *personalist* y l i st a zia em suas mãos um robe aberto,

ela me ajudou a vesti-lo e com um sorriso simpático me desejou um bom dia.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei discretamente, já que não havia sido informada sobre a chegada da Rainha tão cedo no meu quarto.

— Creio que ela veio para acrescentar — Rachel respondeu no mesmo tom levantando meu cabelo para ajustar o robe no meu pescoço. — Pediu para arrumar você bem rápido.

A resposta não me poupou da apreensão, principalmente depois dos acontecimentos do dia anterior. Após ser informada sobre a decisão do Rei de nos afastar dos holofotes, consequência da minha má conduta, eu havia contado para Edwin sobre meu encontro nada amistoso com Helena — e ele permaneceu o tempo todo me ouvindo, dissimulando o divertimento causado pelo relato de minha postura até pica. Mais tarde, a desagradável mulher acatou minha sugestão, pedindo transferência imediata para Hawis, alegando motivos pessoais relacionados a parentes próximos, residentes na capital. E eu ainda não sabia como a notícia repercutiu, temendo que a presença de Margareth tivesse alguma ligação com isso.

Em apenas alguns minutos eu estava pronta. Vestida de maneira adequada, com um coque justo na cabeça e uma maquiagem natural para esconder as olheiras e me deixar mais apresentável a vistas de todos no palácio.

— Você se importa se eu te roubar do meu filho no café da manhã? — minha sogra perguntou, muito gentil, revelando que havia planos para nós.

— Não, claro que não!

Acompanhadas de uma equipe de guardas e assistentes, tanto da Rainha quanto minha, nós partimos. Milena me aguardava no corredor e estava igualmente surpresa com a mudança na minha agenda. Rachel se juntou a ela e caminharam a curta distância da assistente pessoal de Margareth.

Fomos direcionadas para a sala particular da Rainha. Eu ainda não tinha tido a oportunidade de ser convidada para acompanhá-la até lá e me encantei com a decoração, demonstrando muito bom gosto e sofisticação, mas, ao mesmo tempo,

simplicidade. Diferente de grande parte do palácio, aquele cômodo era muito acolhedor, parecido com uma sala familiar. Não tive, porém, muito tempo para me deter observando os detalhes, mas me perdi olhando a parede ao lado direito, onde diversas fotografias da família estavam dispostas, dando ainda mais graça e personalidade ao ambiente. Eu sorri ao ver uma foto de Edwin mais novo abraçado a Esra.

— Sempre foram muito unidos, desde pequenos — Margareth disse ao perceber onde meu olhar estava repousado. — A idade tão próxima fez deles companheiros inseparáveis. Onde um estava, o outro lhe fazia companhia. — Ela deu uma risadinha e depois suspirou. — Esra sempre foi bom em fazer surpresas, algumas, entretanto, não muito agradáveis. Lembro-me ainda hoje quando eu vi o resultado do exame de gravidez. Era uma quinta-feira chuvosa. Mal havia acabado o resguardo da gravidez de Edwin e Esra resolveu alvoroçar nossa vida, chegando tão de repente. Desde bebê me deixando maluca.

— Gosto, sinceramente, dos seus dois filhos — eu brinquei e encarei minha sogra —, embora minha preferência seja ní tida pelo mais velho.

A Rainha apreciou meu comentário, pude ver nos lábios dela moldados em um sorriso. Embora meu desejo fosse continuar a explorar as fotos que me ofereceriam um pouco mais de informações sobre a intimidade da família, fui instruí da a sentar em um dos sofás para lhe fazer companhia. Fomos servidas de café e a mesinha redonda à nossa frente foi recheada de delícias para o nosso desjejum.

Tão logo começamos a comer, a Rainha solicitou algumas revistas e jornais à sua assistente. Quando estava de posse delas, colocou no espaço vazio entre nós no sofá. Depois, repousando sua cabeça sobre o pires na mesa, voltou-se a mim.

— Creio que Edwin e Milena já tenham deixado você a par da repercussão positiva do noivado. — Abrindo uma das revistas, ela me mostrou a primeira reportagem. Havia muitas fotos e informações a meu respeito. — Isso é uma maravilha!

Eu ia responder que não estava inteirada das reportagens porque nem Edwin, nem Milena, nem ninguém tinha me mostrado

nada daquilo. Porém, intrigada, acabei viajando em meus pensamentos tentando descobrir se eles tinham se esquecido, ou esperado que o outro fizesse as honras.

— Mas não é só isso. Não posso fingir estar alheia ao que aconteceu, tampouco sobre as providências tomadas pelo Rei. — A Rainha continuou a abrir as revistas, e vez ou outra me lançava um rápido olhar. Era claro que eu já estava nervosa e com vergonha. — O que aconteceu, sinceramente, não é da minha conta, mas antes que fique constrangida, deixe-me explicar por que estou aqui.

Margareth abriu um dos jornais e me apresentou a mais uma notícia. Na chamada da reportagem, havia a seguinte frase: “Seria Anne Davies a tão esperada princesa do povo?”, e uma foto minha dando atenção às crianças estampava a matéria. Eu olhei rapidamente e senti um súbito desconforto causado por aquela recém-adquirida e exorbitante exposição.

— Eu conversei com Edmund e ele está irredutível, não quer vocês em nenhum compromisso oficial. E justamente por causa da repercussão positiva da imprensa, não deseja arriscar expor você às malícias de repórteres que conhecemos bem. — Ela fez uma pausa e resolveu acrescentar. — Ele acha que você não está preparada e pode não dar conta da pressão.

E quem poderi acusar o Rei? Errado, ele não estava, e eu tinha dado provas disso

Apertei as mãos e evitei encarar a Rainha.

— Embora eu pense diferente do meu marido, ele é nossa autoridade e a palavra final é dele. Contudo, estando sensível a sua situação, eu propus auxiliá-la de maneira mais efetiva.

Ela fechou os jornais e entregou tudo para uma funcionária. Depois, tocou no meu ombro e me obrigou a erguer o olhar úmido para ela.

— Você não fez nada que qualquer outra garota na sua situação estivesse sujeita a fazer. Não se cobre tanto. Aprenda com seus erros e use-os para crescer.

— Eu estou tentando — confessei, não conseguindo dizer nada além devido a voz embargada.

— Eu sei que está. E para ser sincera, a cada momento que passamos juntas e quanto mais eu conheço você, vejo que é a

mulher certa para meu filho. Eu errei no passado tentando encontrar um par ideal para Edwin. Hoje percebo que ele precisava de você. Prevejo o quanto você vai virar a vida dele de ponta cabeça.

Eu não resisti e ri junto com ela.

— Acho que eu já estou fazendo isso — respondi com bom humor, enxugando os olhos.

— Ah, sim, está. Mas faça bagunça com os travesseiros, pule na cama e ensine-o a encarar a vida com um pouco mais de leveza.

Margareth segurou minhas mãos entre as suas e com um olhar complacente transmitiu seus mais sinceros votos em relação à minha adaptação e felicidade conjugal com seu filho.

— Mas agora vamos ao que interessa!

Entre mordidas num pãozinho e goles no chá, a Rainha me surpreendeu com sua dinâmica e prática. Em questão de minutos uma nova agenda para o dia estava estabelecida e ela soube ir direto ao ponto. O foco passou a ser a festa do casamento, quando toda Cibele, além de habitantes de outros países, acompanharia de perto cada passo e gesto meu. Uma vez privada de compromissos oficiais e longe da imprensa, assuntos políticos seriam deixados para depois. A prova do vestido também deveria acontecer naquela tarde e eu senti a ansiedade preencher cada canto das minhas emoções. Pela primeira vez eu estava de fato curtindo a ideia do meu casamento e me agradei muito do assunto discutido.

— Então, é assim que pretendem nos privar da companhia das duas mulheres mais encantadoras de Cibele? Já não basta esse Palácio ser grande demais, nos impossibilitam também de acompanhar vocês no café da manhã? — Príncipe Esra interrompeu nossa animada discussão sobre as regras de etiquetas da vestimenta dos convidados, adentrando no recinto.

Virei-me para encará-lo e me delicieei com a presença de meu noivo ao lado do irmão caçula. Me levantei no mesmo instante, sendo acompanhada pela Rainha que estava derretida com os galanteios do filho mais jovem.

— Assunto de mulheres; creio que se sentiriam deslocados em nosso meio — ela informou e já estendeu a mão para que o filho a tomasse e deixasse um beijo.

— Estávamos falando do casamento — confessei ignorando a presença de Esra, minha atenção toda voltada ao meu noivo.

Edwin sorriu discretamente, mas seus olhos brincavam com os meus. Ele estava sério, em sua postura costumeira no meio de tantos funcionários distribuídos pela sala. Depois de beijar minha mão, fez o mesmo com a mãe, fazendo uma pequena reverência antes de vê-la se sentar. Os funcionários se dispensaram de maneira a nos permitir uma maior privacidade.

— Edwin, querido, podemos aproveitar sua presença para discutir um assunto delicado. Por favor, nos faça companhia por um momento.

Edwin obedeceu a ordem. Esra já estava se servindo de pãezinhos recheados sem nenhuma cerimônia, escolhendo um assento mais próximo da mesa enquanto acenava a uma das criadas, pedindo uma xícara de café.

— Estou chateada com a atitude da Helena — a Rainha começou manifestando seu desgosto. — Uma mudança brusca, assim, de repente, quando tanto precisávamos dela.

Olhei discretamente para o Príncipe, que se manteve sério e compenetrado. Fiquei um pouco constrangida em pensar que era eu a razão daquela mudança.

— Agora, além de ter que lidar com todos os assuntos referente ao seu casamento, preciso encontrar alguém para substituí-la. Vocês precisarão de uma boa governanta se vão continuar morando aqui em Kent. — Ela olhou para mim. — A Anne precisará de muita ajuda no início. Precisamos de alguém capacitado e que conheça o Palácio e os funcionários. — Ela moveu a cabeça em negativa. — Helena era a pessoa ideal!

— Como expliquei pelo telefone, ela tinha motivos pessoais para querer ser transferida. — Edwin negou uma xícara de chá oferecida pela dedicada servçal. — E agora posso dizer que, diferente da senhora, não estou chateado. Infelizmente, ela não vinha desempenhando suas funções de maneira apropriada e não estava agindo com uma conduta correta. Eu ia dispensá-la depois do casamento, de qualquer forma.

Respirei aliviada por perceber que ele já havia conversado de antemão com sua mãe e tinha se privado de contar todos os

detalhes. A Rainha olhou para ele desconfiada.

— Helena sempre foi uma funcionária exemplar e de confiança. Há algo mais que eu deva saber?

Segurei o ar e preendi meus lábios. Edwin não se deixou abalar pela pergunta da mãe.

— No momento não — ele respondeu, evasivo.

Margareth bebeu um pouco de seu chá com classe, com um olhar intimidador, mas que não atingiu Edwin. Para minha sorte, ele estava bastante seguro de como agir e não dar mais detalhes sobre Helena.

— Sendo assim, precisarei encontrar uma funcionária — a Rainha disse soltando um suspiro de lamento.

— Hum — Esra murmurou com a boca cheia de biscoitos. Quando terminou de engolir a comida, limpou os lábios com um guardanapo. — Se precisa considerar alguém já qualificado, de confiança e que conhece intimamente a rotina do palácio, temos a pessoa perfeita aqui em Kent.

— E quem seria? — indagou a rainha.

Esra olhou para mim e eu compreendi a ideia dele. Eu assenti no mesmo instante que o nome saiu de sua boca.

— Madame Samovier.

— Samovier! Brilhante ideia, meu querido! — a rainha exclamou, satisfeita. — Oh, ela merece uma promoção depois de tantos anos servindo com tanto amor. Acho que com pouco treino ela poderá assumir a vaga, se assim desejar.

Mal pude conter minha alegria por ouvir a aprovação da Rainha. Madame Samovier era perfeita para aquela função, e seria de grande auxílio para mim. Edwin também ficou satisfeito e Esra se sentindo importante por ter sido ele a dar a ideia.

Margareth disse que conversaria com Samovier ainda naquela manhã e se ela estivesse de acordo, providenciaria um treinamento para o cargo. Depois, a Rainha informou que Georgia estaria em Kent na parte da tarde para ministrar as aulas de etiqueta e comportamento. Agradei ao Senhor em silêncio, porque era exatamente aquilo que eu precisava.

A conversa se dispersou para assuntos sem grandes relevâncias. Enquanto Esra dispunha da atenção da Rainha, eu

encarei Edwin, ansiosa para saber como se deu o diálogo dele com a mãe informando sobre a saída da Helena. Entretanto, seria impossível tratar do assunto sem estarmos sozinhos. Me contentei apenas com as nossas trocas de olhares e nossa interação silenciosa.

— A propósito, Anne — Esra interrompeu minhas divagações apaixonadas —, trouxe alguns dos livros solicitados por Edwin. Já estão na biblioteca.

— Livros? — Margareth franziu a testa. — Quais livros?

— Algumas crônicas de Cibele. Anne se encantou com elas em Hawis. Pedi alguns para serem transportados para cá, para ela ler quando desejar.

Edwin explicou sobre a nossa ida à biblioteca de Hawis para a mãe. Porém, minha mente subitamente se desligou do falatório. As lembranças de nossa discussão sobre a história e tradições de Cibele me trouxeram um gozo sem igual. Então, como se um clique tivesse sido acionado dentro de mim, ideias foram surgindo, uma por cima da outra, me agitando enquanto tentava colocá-las em ordem. Olhei para as revistas em cima de uma mesa. Reproduzi na cabeça as palavras da reportagem que colocava as expectativas de minha origem plebeia como o caminho para um novo olhar na realeza e me senti compelida a falar. Porém, eu precisava de sabedoria e conversar primeiramente com meu noivo.

Quando levantei o olhar, percebi que Edwin me encarava com a testa franzida. Deve ter percebido minha dispersão ao organizar todos os novos pensamentos. Eu sorri com alegria e expectativa, ansiando ter um momento a sós com ele. Fiquei inquieta, movendo os pés e mãos, louca para poder sair dali e conversar com Edwin.

Fomos dispensados pela Rainha que sugeriu ao filho me levar para dar um passeio antes de eu começar o trabalho duro do dia. Mal tínhamos chegado ao jardim e passei a tagarelar sobre todas as minhas ideias, sem interrupção.

— Edwin, e se nós usarmos a semana do nosso casamento para nos dedicarmos a algumas tradições do país? Enquanto Esra falava a respeito dos livros, eu me recordei da conversa que tive com sua mãe sobre como os súditos se identificam com Princesas

sem descendência nobre. Seria uma excelente maneira de colocarmos nosso relacionamento em visibilidade de uma maneira bem mais interessante do que dar tchau para a multidão durante um passeio ao museu nacional. — Sentindo minha empolgação aumentar enquanto as ideias tomavam forma ao declará-las em voz alta, minhas palavras saíram ainda mais intensas. — Imagine só, nós dois cumprindo tradições do povo e da nobreza? Seria incrível, além de resgatar a história do país!

Olhei para meu noivo disposta a analisar suas inclinações em relação ao meu plano e percebi que estava reflexivo, contudo, sorria por me ver em total êxtase.

— Além do mais, nós dois poderemos passar mais tempo juntos e nos conhecermos melhor. — Um pouco sem jeito apertei a mão dele. — Talvez seja uma saída perfeita! Ah, Edwin, diga alguma coisa!

— Você quer mesmo que eu carregue você e mais alguns bonecos de pedra na frente de muitas pessoas para atestar como serei um bom marido?

Dei de ombros, na dúvida se ele estava falando sério ou apenas gracejando da minha ousada proposta.

— Seria engraçado, com certeza. — Olhei dentro dos olhos dele e me aproximei mais, segurando firme em seu braço. — E eu ficaria muito feliz em me divertir com você, sendo eu mesma, estando juntos durante esse período.

— Será preciso um esforço muito grande da minha parte para me expor assim, você sabe, não sabe?

— E darão excelentes notícias — complementei. — Todo mundo se surpreenderá ao ver o Príncipe sério executando tarefas engraçadas. Ah, Edwin, você não vê como é incrível? Além do mais, muitas dessas tradições têm um significado cristão por trás. É uma excelente oportunidade de valorizarmos essas mensagens! E podemos escolher as melhores, que mais se adaptam a nossa vida.

Nós caminhamos mais um pouco em silêncio e eu queria usar mais artifícios para convencer Edwin, porém, eu estava começando a compreender que às vezes ele precisava de tempo para pensar. Sua natureza não era dada a decisões abruptas, tampouco guiadas pelos sentimentos sem antes serem analisadas

por mais de um ponto de vista. Para minha surpresa, cinco minutos depois nós paramos diante de uma fonte, cujas lembranças eram agradáveis para mim e ele segurou minhas duas mãos.

— Tudo bem, você me convenceu, mas antes preciso conversar com meus pais.

— Ah, meu amor!

Diferente dele, não tirei nem um segundo para pensar em meus atos e me joguei nos braços dele, agradecendo-o por considerar minhas maluquices com um abraço empolgado e uma dancinha de comemoração para completar minha felicidade.



Capítulo 36

Capítulo 36

A presença da Rainha em Kent trouxe uma nova perspectiva para os meus dias — além de novas professoras, como Georgia, cuja didática de ensino era mil vezes superior ao que eu tinha recebido até então. Eu considerei a ajuda como uma dose extra da graça de Deus para uma filha desesperada e carente de socorro. Com sabedoria, Margareth usava todas as situações do nosso cotidiano para oferecer alguma orientação específica sobre protocolos, fazer uma observação sobre minha postura ou me prevenir sobre possíveis dificuldades futuras. Enquanto eu estava acordada, ela estava ao meu lado junto com suas assistentes e com a minha equipe pessoal. Não me deixou perder o foco nenhum segundo sequer.

Por ter passado por situação semelhante em sua juventude e parecendo nutrir um afeto especial por mim, sua dedicação evidente gerou frutos instantâneos em sua pupila. Em três dias uma notável mudança no meu comportamento era visível aos olhos de qualquer um. Até minha maneira de andar e falar estavam sendo corrigidas, no instinto, visando me encaixar dentro de todos os padrões exigidos. Eu me transformaria em uma Princesa, ainda que aos trancos e barrancos.

Além de tudo, aquele tempo precioso nos permitiu criar uma ligação amigável e pessoal. Sentindo-me acolhida, consegui me abrir e tive oportunidade de ouvir grandes palavras de sabedoria e casos engraçados e constrangedores que envolviam seus primeiros anos na realeza. Eu estava satisfeita de tê-la como uma segunda mãe, e mesmo tentando não pensar naquilo, ansiava pela presença materna há anos perdida.

Eu não me queixava de quase não ter tempo com Edwin, embora sentisse falta da nossa cumplicidade. Meu coração aumentava a frequência cardíaca toda vez quando o via passar de longe, espiando, curioso, o meu desenvolvimento, mas sem se atrever a interromper as aulas. E durante as refeições nas quais tivemos a oportunidade de estar juntos, a Rainha aproveitava a chance para ajustar minha conduta.

— Quando estiverem em compromissos oficiais, mantenha a discrição e siga o protocolo — ela disse tocando em meu cotovelo, posicionando-o na altura correta após eu segurar no braço de Edwin para ser acompanhada até o café. — Porém, na semana que vem vocês podem se atrever a expressar uma pequena parcela de afeto. Aliás, seria bom serem fotografados trocando ousados olhares de amantes apaixonados.

Nosso plano sobre participar de algumas tradições antes do casamento tinha sido considerado e acolhido pelos pais de Edwin. O secretário pessoal do Rei apresentou a ele pesquisas que indicavam especulações em relação ao casamento, o aumento da popularidade da realeza e o surgimento de um interesse pessoal pela princesa plebeia que não se preocupava muito com determinadas cerimônias. Isso apaziguou os ânimos do meu sogro, mudando radicalmente os modos dele ao mencionar meu nome ao filho.

E assim passaram-se os três dias cruciais e intensivos antes da Rainha regressar a Hawis, deixando-me com mais algumas inúmeras recomendações, mas também elogiando meu progresso e o temperamento diligente de uma exímia estudante desejando absorver todo o ensino.

Contudo, o universo parecia conspirar contra mim. Se porventura o Senhor me dava momentos de tranquilidade, eles

pareciam apenas um oásis no meio das outras lutas e dificuldades. E foi no sábado quando finalmente eu pude enxergar a realeza com uma perspectiva diferente. A pressão sofrida pelos Príncipes, e até mesmo pelo Rei, foi real e palpável para mim. Meus olhos se abriram e a experiência veio como uma advertência para eu não baixar a guarda, porque nada seria como antes dali em diante. E, então, todos aqueles ensinamentos fizeram tanto sentido.

Edwin passou a manhã fora em seu último compromisso oficial como solteiro antes de nosso casamento. Eu havia recebido a visita de Oliver e me encontrava muito feliz quando meu noivo me chamou em seu escritório, naquela mesma tarde, após seu retorno. Meus pés apressaram os passos, minha alma desejosa em compartilhar com ele sobre minha felicidade em ver meu irmão tão satisfeito com seu novo trabalho.

Quando entrei na sala, estranhei o fato de ele sequer levantar o olhar para encontrar o meu. Talvez minha ansiedade em estar com ele tivesse me deixado um pouco carente de sua atenção. Fiquei parada aguardando enquanto ele continuou dando instruções para Henri, em pé ao lado dele com ao menos duas pastas pretas nas mãos. O assistente, por fim, retirou-se para a sala ao lado e Edwin, parecendo um pouco agitado, me encarou com um fraco sorriso.

— Sente-se, Zac está chegando — ele instruiu sem se levantar, apontado para a cadeira à frente.

— Zac? — Eu fiquei tão curiosa com a menção do nome que deixei passar o olhar hesitante de Edwin. — O que você quer tratar com ele?

O Príncipe não respondeu. Com um gesto rápido ele deslizou um envelope branco em minha direção.

— Quero conversar com os dois — ele disse e com um gesto da cabeça, sugeriu que eu abrisse o envelope. — Sobre isso.

Num instante eu fui tomada por um pequeno tremor. Não sei se foi a voz séria, a postura de autoridade ou a expressão dele que me advertiu estar diante de algum problema. Além do acréscimo de estar decepcionada por não ter sido recebida com um entusiasmo cheio de saudade como eu desejava.

Abri com cautela o envelope e minhas mãos retiraram de dentro diversas fotografias. Antes de distinguir do que se tratava,

encarei Edwin mais uma vez e me espantei com sua rigidez. Seus lábios estavam pressionados e suas mãos descansavam, unidas, em cima da mesa. Parecia um juiz diante de um caso complicado a ser sentenciado. Senti um arrepio ao imaginar quais enrascadas eu havia nos colocado dessa vez. Porém, eu me espantei com o conteúdo das fotografias. Minha boca ficou seca e em vão tentei reprimir a angústia latente, causada por aquelas imagens insanas e traiçoeiras.

Um grande mal -entendi do— Minha mente logo acusou, me obrigando a reagir e explicar o motivo de eu ter sido registrada de maneira tão comprometedora ao lado de Zac no jardim do Palácio. Porém, eu não consegui dizer nada e passei as fotografias, uma a uma, com as mãos trêmulas, sentindo o ar ficar mais pesado a cada imagem nossa sorrindo um para o outro, dele segurando minha mão e piorou com a última, que de alguma maneira misteriosa fazia nosso contato parecer mais íntimo, como um beijo.

— Não é nada disso que você está pensando — eu disse escolhendo as piores palavras possíveis. Aquele discurso não poderia parecer mais incriminador.

Levantei os olhos lentamente, temerosa, e umedeci meus lábios diversas vezes tentando encontrar as palavras corretas para explicar o inexplicável. Edwin continuava na mesma posição, agora com as sobrelanceiras erguidas, talvez esperando que eu me manifestasse.

— Eu não te traí, Edwin! Nunca faria isso... Eu posso te explicar!

As palavras travaram em minha garganta, minhas mãos tremeram e senti os olhos arderem. Pisquei muitas vezes e me calei. Se continuasse a falar, cederia ao choro e colocaria tudo a perder. Não conseguiria me explicar se perdesse a calma.

— Não estou buscando explicações, Anne...

— Mas não é o que parece — o interrompi me inclinando sobre a mesa. — Zac só estava...

Como se pressentindo que deveria expor sua defesa, o próprio Zac surgiu na sala. Eu não consegui desviar meu olhar úmido de Edwin, enquanto negava com a cabeça muitas vezes,

implorando pela compreensão dele, ainda que aquelas fotos falassem por si só.

— Mandou me chamar? — Zac questionou sem o habitual tom brincalhão. Ele deveria estar sentindo a atmosfera tensa do ambiente, sem nem ao menos saber que sua reputação também estava em jogo

Edwin o instrui a sentar ao meu lado e eu, involuntariamente, estendi as fotos para ele, num apelo silencioso de ajuda. Zac demonstrou estar igualmente surpreendido com a perspicácia do fotógrafo de enquadrar nossa interação de uma maneira tão acusadora.

— Quem tirou essas fotos? — a pergunta surgiu e a fiz no instinto. Aquilo precisava ser explicado e eu queria uma oportunidade de denunciar a má fé da pessoa em fazer algo parecer mais do que realmente era.

— Eu pedi ao meu fotógrafo pessoal para registrar o passeio de vocês pela manhã — Edwin respondeu, me deixando ainda mais surpresa. — Aliás, ele tem esperado uma oportunidade desde nosso retorno a Kent.

— Zac, por favor, explique para ele — implorei levando a mão à boca numa última tentativa desesperada de fazê-lo entender a verdade. — Aliás, Oliver também estava com a gente.

Ninguém falou nada. Quando o olhar de Edwin se encontrou com o meu, pensei se ele suspeitava da minha conduta, já que pediu a alguém para nos vigiar. Então, ele não confiava em meus sentimentos? Será que tudo pelo que eu estava passando não era prova suficiente da minha decisão de dizer não a todos os outros homens e ter olhos apenas para ele pelo resto da minha vida? Ele não compreendia a importância de Zac para mim, para pensar mal de nossa ligação?

Eu me levantei de uma só vez, sentindo-me indignada e envergonhada ao mesmo tempo. Os dois se assustaram com meu movimento brusco e Edwin se levantou também.

— Anne, por favor — meu noivo pela primeira vez pareceu sensível ao que estava acontecendo e sua voz soou menos fria. — Acalme-se.

Zac segurou meu braço percebendo minha decisão de me afastar deles. Com uma delicada firmeza, me puxou, obrigando-me a sentar novamente. Quando eu assim o fiz, me afastei de seu toque com rapidez, temendo ser mal interpretada.

— Você entende, Anne, o que isso significa? — Edwin questionou, voltando ao seu lugar, a voz mais calma. — Compreende a seriedade desses registros?

— Eu nunca faria isso com você, Edwin, ainda mais com... — Olhei para o lado e suspirei, rendendo-me a uma lágrima solitária. Escondi o rosto nas mãos e abaixei minha cabeça.

— Eu estava acompanhando a Anne e o Oliver em um passeio pelos jardins. Nós estávamos conversando, Oliver brincou lembrando de um dia quando eles se hospedaram aqui, e eu acabei fazendo uma piada sobre o comportamento da Anne. Ela reagiu e me bateu de brincadeira, eu segurei a mão dela nessa hora. — Zac explicou numa calma que não condizia com a situação. Depois ele suspirou. — Me perdoe por minha imprudência, não sei como deixei isso acontecer.

— Imprudência? — questionei, exasperada, encarando Zac, percebendo o descontrole de minhas emoções. — Por ser meu amigo antes de sequer me imaginar noiva do Edwin? E por estar conversando comigo na presença do meu irmão, sem nenhuma maldade, mas caindo nas garras de um sem coração?

— Anne! — Edwin se levantou com a testa franzida, procurando meu olhar. Eu recusei encará-lo. — Zac, por favor, pode nos deixar um minuto a sós?

— Claro! — Zac se levantou, fez uma reverência e estava prestes a sair, quando se voltou a mim, talvez prevendo minha rebeldia. — Ouça-o, ele tem toda razão.

Abaixei a cabeça ainda lutando contra as lágrimas e ouvi tanto os passos de Zac se retirando, quanto de Edwin se aproximando. Tudo o que eu mais queria era acabar com toda aquela angústia e conseguir esclarecer que eu não seria capaz de tamanha afronta contra ele e contra Deus.

— Amor? — ele chamou um pouco desconfiado, um tanto gentil.

A mão quente e amável de Edwin tocou em meu braço e eu não consegui mais suportar; virei meu corpo e me joguei em sua direção em busca de consolo, ainda em dúvida se seria rejeitada ou recebida por ele.

— Eu te amo, Edwin. É verdade o que Zac disse, eu nunca faria nada contra você — declarei exprimindo o máximo de verdade em minha voz, apertando os meus braços em seu pescoço.

— Tudo bem, Anne. Se acalme.

Eu ainda estava confusa, sem saber o que esperar, porém, ele aguardou eu me restabelecer e me afastar um pouco para poder esclarecer tudo.

— Eu não suspeitei de vocês. Você achou que eu pensei na possibilidade de estar me traindo? E com o Zac? Quem mais torceu para ficarmos juntos?

— As fotos... E sua postura.

Edwin riu ao constatar a confusão gerada por não ter sido claro desde o início.

— Eu sou um idiota! — Ele levou a mão na testa, depois esfregou a cabeça. — Estava mais preocupado em como você receberia isso, temendo sua reação e nem pensei em como *eu* estava me comportando. — Ele tocou no meu rosto e fez uma pequena careta. — Embora eu precise assumir que senti um pouco de ciúme e não gostei nada daquelas fotos. O Richard é muito bom no que faz!

Edwin esclareceu como teve a ideia de pedir ao seu fotógrafo de confiança para ficar à espreita, pronto para registrar algum momento comprometedor — mesmo sendo necessário forçar a barra para fazer algo aparentemente inocente se tornar duvidoso — que me fizesse entender com exatidão a extensão da importância de dedicar todo o meu esforço e zelo para cuidar de minha imagem pública. Também revelou estar preocupado com a possibilidade de que minha amizade com Zac se tornasse um atrativo para os Paparazzi, temendo levantar motivos para calúnias e fofocas. Aquelas fotos não puderam ilustrar de melhor maneira seus temores e sua razão diante da minha falta de percepção do mundo real.

Ao me fazer refletir de que no lugar de Richard, eu poderia ter sido flagrada por um repórter mal-intencionado, disposto a ganhar

um alto valor vazando um material malicioso não permitindo nenhuma justificativa da nossa parte, constatei em quão maus lençóis nós estaríamos e seria muito, muito difícil reverter a situação.

E tudo fez sentido para mim. Inclusive a impaciência de meu sogro com meu comportamento se tornou mais séria aos meus olhos. Ele não estava errado. Edwin não estava errado. Eu quem ainda não tinha dado o devido mérito para cada ensinamento e alerta de todos à minha volta. E todas as palavras do meu noivo, ditas em um tom mais calmo, embora firme, me fizeram aprofundar em uma palavra proferida por Zac.

Imprudência.

Eu tinha sido imprudente, embora ingênua, muitas e muitas vezes desde que entrei na vida de Edwin.

Meu coração estava contrito e uma boa dose de humildade foi adicionada à minha atitude conforme eu ouvia os esclarecimentos do Príncipe. Considerei seriamente em meu íntimo ser muito mais exigente quanto a todo o meu agir.

— Eu só queria que você compreendesse, com precisão, o que nos espera na próxima semana. Quero apenas poupá-la de uma exposição perversa.

— Eu entendi. Mas pensei que você tivesse interpretado tudo errado por causa dessas fotos comprometedoras.

— Ah, Anne! Eu sou um homem que precisa aprender muito ainda sobre as mulheres. — Edwin riu e esfregou a lateral da testa. — Por favor, tenha paciência. Vou me esforçar para ser menos...

— Frio, autoritário, rígido, sério — interrompi esclarecendo a imagem que ele me passou durante aquele interrogatório.

— Tudo isso! — Ele fez uma careta. — Tentarei ser menos tudo isso quando precisar lidar com você.

— Obrigada, vai facilitar minha vida. — Eu endireitei minha postura e voltei a olhar o envelope cujas fotos haviam sido recolocadas lá por Zac. — Odeio aquelas fotos!

— Eu também — Edwin riu em concordância. — Vamos queimá-las.

— Por favor!

Depois que tudo foi esclarecido e as fotos devidamente reservadas para acender uma fogueira, nós começamos a discutir nossos passos para a próxima semana.

Mal podia esperar para ver Edwin em ação!



Capítulo 36

Capítulo 37

Era manhã quando desembarcamos no aeroporto de Mayin. Além do Príncipe Esra, que com seu jeito jovial havia declarado não perder a oportunidade de nos ver em ação por nada no mundo, uma eficiente equipe de funcionários nos acompanhava.

Durante a curta viagem, o assessor de imprensa da família real, além de dois consultores de imagem, entre eles, o do próprio Rei, se reuniram comigo e Edwin, oferecendo valiosas instruções. Eu já havia me acostumado com a ideia de encontrar duas personalidades diferentes quando o assunto era o comportamento do meu noivo. Sua conduta e postura rígida quando assumia a posição de Príncipe era um contraste em relação ao nosso tratamento pessoal. Contudo, foi Esra quem me surpreendeu. Participando da reunião, em determinados momentos ainda expressava traços de sua personalidade espirituosa, mas na maior parte do tempo era severo e direto como o irmão, demonstrando muita astúcia em relação, principalmente, aos repórteres maldosos.

Carros oficiais já nos esperavam no pequeno aeroporto da província. A escolha do local não fora uma mera coincidência. Mayin era o lugar certo para nossa aventura. Predominantemente rural, a população ainda se agarrava a antigas e históricas tradições;

tí nhamos também como aliado o fato de estarmos findando uma época de extensas comemorações em Cibeles. Foi fácil encaixar a nossa programação a um dos pitorescos festivais locais.

— Está tudo dentro do esperado, Alteza — Zac se aproximou do automóvel e informou, inclinando-se para encontrar o olhar do Príncipe acomodado dentro do carro do meu lado. Ele mantinha sua postura profissional e percebi sua resistência em me encarar. Nós ainda não tínhamos tido a oportunidade de conversar depois do incidente e eu temia que isso afetasse nossa amizade. — Nenhuma intercorrência. A estrada está liberada e logo estaremos na mansão.

— Obrigada, Zac. Podemos prosseguir

Zac fez uma reverência e fechou a porta do lado de Edwin. Espiei a movimentação ao nosso redor e o carro da frente, onde o nosso amigável chefe de segurança havia entrado acompanhado de Esra, deu partida. Havia um forte esquema de segurança organizando a nossa saída e menos de um minuto depois, nós também estávamos a caminho da Casa Real.

Edwin tinha o olhar gentil quando nós nos encaramos.

— Enfim, está acontecendo — soltei as palavras e o ar em seguida, depois, ri um pouco nervosa. Agarrei o pingente do meu colar de maneira involuntária.

— Você continuou usando mesmo depois que nos afastamos? — Edwin perguntou com calma, apontando para o objeto.

Soltei de imediato a joia e descansei a mão em meu colo, baixando meu olhar até ela.

— Na verdade, eu nunca tirei. Sei que é besteira, mas, embora eu não desejasse admitir, fazia eu me sentir perto de você — respondi baixo, um pouco envergonhada por confessar como eu havia me apegado a algo tão bobo nos momentos mais difíceis daquele tempo afastados.

— Não acho besteira. — Edwin fixou seu olhar em algum ponto na estrada à frente. Ele demorou a voltar a falar. — Algumas vezes eu reli a carta só para poder ter a sensação de me imaginar ouvindo sua voz. — Para meu alívio ele riu. — Acho que eu fiz algo mais besta, no caso.

— Nunca pensei que príncipes pudessem fazer esse tipo de coisa! — Aproveitei o momento para brincar e diminuir minha tensão. — Vocês choram também?

— Infelizmente ainda não temos nenhum protocolo que nos torne imunes às lágrimas, embora eu faça de tudo para não admitir que o Príncipe chorou algumas vezes na vida. — Edwin cruzou os braços e estufou o peito. — E, pelo que eu entendi, minha querida noiva não se dará por satisfeita enquanto não me ver me expondo ao ridículo para provar ser portador de todos os dotes necessários para me tornar seu marido.

— Mas é claro! Como terei certeza de que o senhor estará apto para desempenhar seu papel?

— Ah, sim, Princesa Anne, qual melhor maneira de deixar claro para você minha capacidade de prover, se não, caçando nosso alimento?

Eu e Edwin nos entreolhamos e três segundos depois estávamos gargalhando de nossa situação, atraindo olhadas sutis do motorista e do agente da segurança sentado no banco da frente. Não sabíamos exatamente ao que seríamos expostos, mas tínhamos uma vaga ideia do vexame, muito embora, provavelmente, a prática superaria nosso conceito de humilhação.

— Queria Oliver aqui para assistir ao vivo nossa vergonha. — Enxuguei a área dos olhos, molhada devido às lágrimas provocadas por nossa crise de risos. — Você acredita que ele passou mais de dez minutos no telefone narrando todas as coisas que podem dar errado? Tão querido ele!

— Para isso servem os irmãos, minha querida. Não vê Esra, aguardando para filmar e fotografar nossos deslizes?

Aos poucos o sorriso foi desaparecendo de minha face e o silêncio tomou seu lugar. Encostei a cabeça no apoio do banco e precisei encarar uma verdade que eu estava há tempo tentando esconder de mim mesma. A conhecida dor da saudade apareceu ao me recordar o quanto Oliver fazia falta para mim. Mesmo falando diariamente com ele, graças à tecnologia, não era igual a tê-lo participando de tudo ao meu lado.

— Sinto tanta falta dele. — Aproveitei o momento para desabafar com Edwin o quanto eu estava sofrendo com algumas

mudanças. — Eu sei, sempre soube que quando me casasse não seria mais a mesma coisa. Estou ciente das complicações por ter um filho quase da minha idade. Mas eu não estou preparada para deixá-lo ainda. Há tanto tempo tem sido somente nós dois. E eu tenho tentado me iludir de que está tudo bem, por ele estar em Hawis se dedicando ao sonho dele. Eu sei o quanto estou sendo egoísta, mas... — Olhei para Edwin e senti minhas bochechas corarem, já envergonhada de minha confissão. — Eu estou chateada por ele estar lidando tão bem com nossa separação enquanto eu tento nem pensar nisso para não sofrer.

— Não tenho nenhuma dúvida de que ele sente sua falta também, mas ele se tornou um homem e escolheu o caminho dele, como você o seu. — Edwin tentou me consolar, dizendo o óbvio. — Entretanto, eu te entendo. Oliver foi um dos motivos de você ter tido forças para superar a perda de seus pais, vocês têm um elo forte devido a isso, principalmente por ele ser a única família que você conhece. Anne, olhe para mim!

Edwin gentilmente tocou em meu queixo. Seus olhos castanhos exibiam a profundidade do sentimento que eu compartilhava com ele.

— Eu sempre estarei aqui para você! Sei que não temos laços de sangue, tampouco possuo os mesmos atributos de seu irmão — ele deu um sorrisinho charmoso, me levando a rir, embora compreendesse a seriedade daquela promessa embutida em suas palavras —, mas quando nós dissermos *sim* naquele altar, eu me tornarei sua família e nós seremos um só. Sua dor será a minha, sua alegria será a minha e seu coração será o meu. Enquanto eu viver, você nunca mais estará sozinha.

Querendo ignorar a crescente emoção despertada abruptamente, procurei aplacar um pouco a vontade de desfalecer em lágrimas, sorrindo e levando a conversa para um lado mais divertido.

— Vejo que a conversa de ontem foi bem produtiva — atestei descontraída, mas acabei vencida pela emoção. Meus olhos deram mais brilho para meu rosto sorridente. — O pastor Bonnie é um homem muito sábio.

Edwin compreendeu a intensidade da comoção despertada pelo assunto e preferiu manter a conversa em ambiente seguro, deixando-me conduzir o diálogo até onde eu poderia suportar sem me alterar emocionalmente. Em troca ele me ofereceu um sorriso sincero e se aproximou, enlaçando-me em um abraço lateral carinhoso. Eu apreciei muito o cuidado e carinho dele.

— Ele é um homem incrível, tem me guiado com muita graça e sabedoria. Ele me lembra muito do Sr. Samovier.

— Então ele desperta em nós dois boas lembranças daqueles que amamos e nos conduziram pelo Caminho.

Em silêncio, me recordei do dia anterior. Aproveitando o domingo, Edwin conseguiu encaixar em nossa agenda uma hora para receber no Palácio o pastor Bonnie e sua esposa Ruth na parte da tarde. Eu tinha um grande interesse em conversar com o pastor, querendo mais informações acerca dos laços de amizade dele com meu pai e com Marfim, porém, mesmo ele satisfazendo parte dos meus anseios sobre aquelas relações, pouco revelou, alegando que aquela conversa poderia ficar para depois do casamento. Ele e a esposa utilizaram o tempo precioso para nos instruir sobre os deveres de um cristão diante de um casamento. Os dois nos levaram a meditar sobre a grandeza do passo que daríamos.

A maneira como ele demonstrou, biblicamente, a importância da união de um homem e uma mulher, descrevendo como o Senhor havia escolhido essa união para tipificar, ou seja, ilustrar, o relacionamento de Cristo com a Igreja, me fez refletir sobre tudo. Eu, até então, havia me dedicado a pensar mais na parte prática e na relevância do cargo de Edwin, do que no meu papel de esposa e em como era séria a nossa responsabilidade perante o Senhor. Fomos desafiados a pensar em nossos deveres e mais tarde, numa conversa íntima, ficou visível a preocupação de Ruth por compreender a rapidez do nosso casamento e a ausência de minha mãe para me instruir principalmente em relação a coisas que eu morria de vergonha só de pensar.

— O pastor estava certo, nosso relacionamento tem servido para o Senhor trabalhar em minha vida — fui eu quem voltou a falar quando o constrangedor assunto invadiu meus pensamentos, a pergunta de Ruth no fim, se disponibilizando para me auxiliar sobre

temas femininos caso eu não tivesse ninguém com quem compartilhar minhas dúvidas. — Eu tenho estado mais sensível aos meus erros e pecados. E tudo aumenta pelo fato de você ser um Príncipe. — Me afastei um pouco e crispei os olhos. — Precisava ser um Príncipe tão perfeito e superior a mim? Você me faz sentir uma pobre coitada.

— Perfeito? Anne — Edwin me encarou crítico —, você está falando sério? — Ele viu meu sorriso e negou com a cabeça. — Você vai se assustar quando passar a conviver comigo. Às vezes nem eu me suporto.

— Estou convencida de que está exagerando — brinquei e ele desaprovou meu comentário com um só olhar.

Próximo à entrada da Casa Real de Mayin, havia dezenas de pessoas aguardando ansiosas para assistirem à chegada dos Príncipes da mais nova Princesa de Cibele. Barrados pelo cordão de isolamento formado por dezenas de guardas da segurança, não contiveram a felicidade ao contemplarem a aproximação dos carros oficiais. Eu ainda não havia me acostumado com toda aquela demonstração de carinho de pessoas que eu não conhecia e, verdade seja dita, mal sabiam sobre mim.

— Muita gente! — comentei empolgada olhando através do vidro escuro da janela o grupo de pessoas, em grande maioria composto por mulheres e crianças de todas as idades.

Um pouco depois estávamos atravessando os enormes portões da propriedade à beira mar. Quando o carro estacionou em frente à entrada da mansão, eu não consegui esperar Edwin fazer as honras para me auxiliar a descer. Eu estava impressionada com a propriedade. Diferente dos Palácios de Kent e Hawis, a Casa Real de Mayin se parecia com uma casa de campo com amplas janelas azuis projetadas para compor o desenho da arquitetura do enorme prédio. Um jardim extenso com flores roxas e rosas contornava toda a entrada, e do nosso lado esquerdo eu podia ouvir o barulho das ondas do mar quebrando-se nas rochas.

— O sol hoje está mais quente do que o normal. — Esra aproximou-se, já livre do paletó do terno, sem a gravata e se abanando com a mão. — Essa maresia me irrita às vezes.

— Irrita até você se jogar no mar e não sair de lá enquanto não estiver todo enrugado — Edwin me ofereceu a mão e eu prontamente aceitei.

— Infelizmente hoje não teremos tempo. Além do mais, preciso ser alimentado. Todos sabem que a senhora Kate é a melhor cozinheira da região. — Esra apontou para a entrada e fez uma pequena reverência. — Senhorita, as damas primeiro.

Edwin e eu passamos pela enorme porta de madeira maciça e eu me deparei com um hall de entrada aconchegante. Das propriedades da família, Edwin havia mencionado que essa era a que mais aparentava uma casa “comum”. E, de fato, ela funcionava como uma casa de praia, um recanto de férias. Raramente era utilizada para fins oficiais e constantemente hospedava os tios e primos de Edwin.

— Eu vinha muito aqui na minha infância. Mamãe dizia que era o refúgio dela, onde podia ter momentos de paz, longe de toda a confusão de nossa vida política — Edwin contou quando meus olhos se fixaram no enorme retrato da família enfeitando a lareira. — Mas depois de certa idade, raramente retornamos. Não todos juntos.

— Eu sou o frequentador mais assíduo da Casa — Esra interrompeu nosso diálogo sentando-se na poltrona cor de creme e fez um sinal para algum funcionário o servir. — Porém, prefiro quando não há tanta gente perambulando por aí e eu posso desfrutar do silêncio e da calma do mar.

Olhei ao redor e Esra estava certo. Havia muitos funcionários transitando pela sala. Milena, Rachel e sua equipe subiam as escadas, acompanhadas de três homens que levavam malas com minhas peças de roupa. Embora discretos, a sensação de aconchego que remetia o ambiente estava sendo claramente afetada pela presença de tanta gente.

Fomos servidos de bebidas por um copeiro e eu aproveitei a oportunidade para explorar mais da casa, tentando espiar além das janelas e do corredor.

— Quer conhecer a propriedade? — Edwin conferiu as horas no relógio. — O almoço será servido daqui quinze minutos. Depois, teremos nosso compromisso.

— Ah — murmurei pensando em como seria frustrante precisar correr sem apreciar devidamente a beleza do lugar. — Não, talvez seja melhor eu ir para o quarto e me encontrar com Milena. Rachel quer fazer uma prova de roupa e elas ainda precisam me mostrar algumas coisas sobre a decoração do casamento.

— Você não parece empolgada com essa parte — Edwin constatou deixando o copo vazio na mesa ao lado.

— Bem, para uma jovem que sempre imaginou uma cerimônia intimista, isso tem sido um pouco assustador. — Inclinei a cabeça para o lado e a expressão dele demonstrou preocupação. — Graças a Deus sua mãe tem resolvido todas essas questões e eu apenas preciso aprovar as decisões dela. Aliás, hoje à noite precisamos discutir as pendências do cardápio e confirmar quais as flores serão usadas.

— Nós faremos isso. — Ele enfiou as mãos no bolso e eu identifiquei um traço de insegurança na tão intacta postura. — Espero ainda estar inteiro depois do dia de hoje.

— Edwin, você está com medo? — provoquei cruzando os braços e elevando o nariz.

Os lábios dele lentamente se curvaram, deixando a expressão séria de lado. Em seguida, sem me responder, solicitou que uma das funcionárias me levasse até meus aposentos. Esra também se levantou, mas preferiu se dirigir à cozinha, tentando encontrar algo para beliscar antes do almoço.

— Eu te vejo daqui a pouco na sala de jantar. Também vou aproveitar para resolver algumas questões. — Ele percebeu minha curiosidade estampada, necessitando me dar mais explicações. — Vamos nos afastar por duas semanas, preciso deixar tudo em ordem.

— Sim, senhor, Alteza.

Fiz uma reverência forçada e subi as escadas acompanhada da menina que me conduziu para o cômodo onde eu repousaria naquela noite.



Capítulo 38

Capítulo 38

Definitivamente, eu não estava preparada para a cena a se desdobrar diante dos meus olhos quando desci as escadas da Casa Real para encontrar meu noivo. No hall de entrada, Edwin me esperava paciente ao lado do irmão. Toda a equipe de funcionários que nos acompanhariam estava pronta para partir, apenas esperando uma ordem superior.

— Ai, não! — Detive os meus passos e estagnei, perplexa. Sem conseguir me conter, desatei a rir. — É você mesmo, Edwin?

Com as mãos dentro dos bolsos da bermuda, Edwin não ficou muito confortável com minha inusitada e expressiva reação tendo tanta gente ao redor. Embora não fosse a primeira vez que eu o via com trajes menos pomposos, a bermuda azul-marinho abaixo do joelho, a camisa esporte preta e o cabelo meio desalinhado transformaram a imagem do Príncipe sério e comportado. Tão diferente dele!

Temendo deixá-lo ainda mais constrangido, fiz um grande esforço para conter o riso enquanto caminhava. Milena, que vinha logo atrás de mim, deu ordens para organizarem nossa partida, dispersando as pessoas à nossa volta.

— Você está um belo de um plebeu — brinquei, mas não pude evitar fazer uma reverência. — Você me surpreendeu. Edwin, você está usando uma bermuda! Eu não sabia que o protocolo real permitia você sair assim.

— Me recuso a render sua gracinha — ele respondeu e corrigiu a postura, tentando impor sua autoridade. — Para sua informação, eu sou adepto das bermudas também, só uso terno quando estou a serviço.

— Ou seja, todos os dias — Esra se meteu na nossa conversa apenas com o intuito de provocar ainda mais o irmão. Depois, ele se curvou para mim. — Está linda como sempre, minha cunhada.

A aparência do Príncipe mais novo não me causou tanto espanto. Mesmo quando vestia o usual terno, Esra sempre sustentava uma postura mais jovial e largada. A calça jeans e a blusa azul não destoavam tanto de sua personalidade e o deixavam espetacularmente belo.

— Esra vai ofuscar minha beleza — observei os encantadores atributos do meu cunhado. — Você não deveria tê-lo permitido vir, Edwin.

A risada de Esra foi espontânea e natural, preenchendo toda a sala. Atrás dele, Zac, parado na porta em sua postura militar, também riu. Os nossos olhos se encontraram e eu senti alívio por ver que nossa cumplicidade ainda existia e nada mudaria entre nós — com exceção do nosso tratamento que teria uma boa dose de cautela, principalmente em público.

— Deixe-o ocupar um pouco os paparazzi, assim teremos mais tranquilidade — Edwin se manifestou sem muito entusiasmo. Ele pegou minha mão. — Estamos prontos, podemos ir?

— Ah, deixe-me registrá-los, irmão. Vocês formam um lindo casal, não posso perder esse momento. — Esra retirou o celular do bolso.

Me aproximei de Edwin e ele atendeu meu desejo, me abraçando lateralmente. Eu estava muito feliz naquele dia em particular e aquele instante me fez sentir como uma mulher normal aproveitando momentos simples ao lado do seu futuro marido.

— Você está rindo, Edwin? — questionei e encarei sua fisionomia séria quando Esra deu alguns passos para trás para nos enquadrar. — Ah, por favor, dê um sorriso!

Lentamente Edwin se entregou a minha súplica e abriu o sorriso que eu tanto amava, aquele de covinhas à mostra. Me aconcheguei mais em seu braço e estar perto dele me fez pensar em como seria bom poder desfrutar do carinho um do outro quando estivéssemos livres para manifestar nossa afeição sem medo do pecado. Esra fingiu ser um fotógrafo profissional, virando o celular em vários ângulos diferentes enquanto tirava as fotos.

— Agora chega! — Edwin se afastou e puxou minha mão, já caminhando em direção a saída. — Não podemos nos atrasar

Zac se adiantou à nossa frente e preparou nosso caminho. O esquema de segurança havia sido planejado visando uma exposição menos oficial e mais informal, mas sem colocar em risco nossa proteção. A porta do automóvel já estava aberta e meu noivo me auxiliou a entrar, antes de dar a volta no veículo para tomar o lugar do outro lado. Ele demorou a me encarar e quando fez, a testa estava franzida.

— Devo me preocupar com seu excesso de elogios a Esra?

— Ah, que bonitinho! — Fiz um biquinho apaixonada. — Você está com ciúmes?

— Levando em consideração que de sua parte recebi só risadas e meu irmão parece ter conseguido todo o seu favor...

— Não podemos negar que o Príncipe Esra ofusca os olhares de todas as mulheres por onde ele passa — respondi, enfatizando essa parte e ele semicerrou os olhos, descrente. — Contudo, você é mil vezes mais bonito do que ele, até mesmo usando uma bermuda. — Dei de ombros de maneira provocativa. — Acredite, se isso não fosse verdade, eu teria escolhido o Esra.

— Anne Davies!

— Perdão, é a emoção do momento. — Para me desculpar, deslizei pelo assento e enfiei meu braço dentro do dele e uni nossas mãos. — Eu estou encantada com sua beleza e ainda mais emocionada por constatar a sorte que eu tenho por um homem tão maravilhoso como você, e não falo apenas de aspectos físicos

agora, demonstrar interesse por mim, uma jovem tão simples e comum.

Esra surgiu e aproveitando o lugar vago ao meu lado, fez questão de entrar no carro e se sentar.

— Vou com vocês! — ele declarou com um ar galante e fechou a porta.

Edwin revirou os olhos ante a provocação do irmão. Zac assumiu o assento do passageiro a nossa frente, informando aos Príncipes todas as precauções tomadas para nossa partida e trajeto.

— Zac, providencie para que Milena esteja o tempo inteiro ao lado da Anne, compreendido? — Edwin instruiu com seriedade.

— Isso não será um problema, não se preocupe.

— É você quem vai informá-la dessa decisão, Zac? — provoquei meu amigo, erguendo e abaixando as sobrancelhas várias vezes de modo sugestivo.

Zac virou o corpo de maneira que pudesse me encarar. Ele olhou para Edwin e Esra antes de voltar a fixar seus olhos nos meus.

— Eu não brinco em serviço, senhorita Davies — Zac replicou, mas tinha bastantes insinuações no modo como ele dizia. Estava explícito seu gracejo.

Esra limpou a garganta antes de rir.

— Querida, você está bem? — Edwin indagou gentil e eu o encarei de imediato. Os olhos dele sorriam com os lábios.

— Você consegue acreditar que estou muito tranquila? Deve ser efeito das minhas orações fervorosas durante essa semana. Ou, posso acrescentar, os conselhos de sua mãe? Talvez eu esteja muito feliz, ou isso é apenas o nervosismo me levando a um tipo diferente de reação. — Ponderei por um minuto e voltei-me a Edwin dando bastante ênfase a minha fala. — De fato, eu estou reagindo maravilhosamente bem para alguém que se casará em cinco dias com o Príncipe da nação e por estar pronta para uma superexposição sem ter noção do que me espera. É, talvez eu esteja só anestesiada emocionalmente.

— Deus nos proteja! — Esra suplicou do meu lado.

Edwin beijou o topo da minha cabeça num ato quase paterno. Talvez estivesse tentando me acalmar, embora eu realmente

estivesse num estado de paz de espírito.

Nosso carro estava sendo escoltado por outros repletos de guardas à paisana. A todo instante Zac ouvia e passava informações através do rádio dele. Entramos em uma estrada estreita a caminho de uma comunidade interiorana, não muito longe dali. A localidade havia sido escolhida devido sua localização ser de fácil isolamento, mantendo curiosos ou pessoas mal-intencionadas à distância. A pequena população de Elchai receberia visitantes ilustres para sua festa anual do fechamento das comemorações da Festa da Chegada.

A paisagem a cada momento tornava-se mais rural. Extensas plantações se estendiam da estrada até onde nossos olhos conseguiam ver. Entramos em uma estrada rústica, embora bem cuidada e uma cidadezinha surgiu no fim dela. As ruas eram calçadas com pedra e cada canto demonstrava uma rica simplicidade.

— A festa está acontecendo na propriedade do líder local — Zac informou quando atravessamos as ruas quase desertas da pequena comunidade.

— Estou adorando esse lugar! — declarei observando alguns agentes espalhados pelas ruas fazendo a guarda.

A pacata cidade me levou a visitar sonhos de infância. Sempre havia me imaginado vivendo em um lugar calmo e simples como aquele, esperando meu marido retornar cansado do trabalho para recebê-lo com um jantar quentinho e os nossos filhos correndo pela casa depois de passarem o dia se sujando na terra no quintal do nosso humilde lar. E para onde o Senhor tinha me levado? Meus sonhos estavam longe de serem concretizados. Não existia mais a possibilidade de viver o que eu tinha planejado com cuidado durante vários anos da minha vida antes de encontrar Edwin.

— O que foi? — Edwin interrompeu meus pensamentos e eu me dei conta de como estava transparecendo minhas divagações.

— Ah, nada. — Forcei um sorriso e o encarei. — Só estava pensando em como o Senhor nos surpreende às vezes. Sempre me imaginei no lugar deles — disse e direcionei o olhar de Edwin a um casal de idosos acenando para o carro. — Quem diria que eu estaria do lado de cá!

Edwin ergueu as sobrancelhas e eu vi uma péssima oportunidade de ser mal interpretada. Eu me aproximei a ele apertando o seu braço.

— Mas Deus sabe infinitamente mais o que é melhor para nós. Graças a Deus por Ele ter me dado você.

— Por favor, eu, o Zac e o senhor Manfred estamos no carro. Guardem seu melodrama para quando estiverem a sós — Esra protestou zombeteiro.

À medida que o carro se aproximava da propriedade, ouvi amossom de música e de animadas vozes. O automóvel parou na entrada de uma enorme e aconchegante casa de madeira e fomos recebidos por um casal de idosos assim que desembarcamos.

— Bem-vindos, Altezas. — O senhor que nos saudou tinha os cabelos grisalhos, mas seu porte físico estava longe de revelar sua idade real. Sorridente, fez uma reverência antes de estender a mão e cumprimentar a todos nós.

— Nossa casa é a casa de vocês. Espero que nossa humilde recepção agrade Suas Altezas. — A esposa, exalando simpatia, também apresentava marcas da idade avançada no rosto. — A festa já começou, por favor, por aqui.

Caminhei de mãos dadas com Edwin, acompanhados de dezenas de funcionários, entre eles, Milena e Zac, lado a lado. Minha assistente parecia bastante irritada por receber ordens do nosso chefe de segurança. Descemos uma ladeira íngreme até chegarmos a uma extensa planície gramada. Dezenas de pessoas se espalhavam pelo local adornado com bandeiras de Cibele e outros símbolos nacionais. Havia uma área com barraquinhas, mesas e cadeiras, onde as comidas eram servidas por modestas mulheres de aventais floridos. Uma música tradicional Cibeliana era entoada pelos instrumentistas e algumas pessoas arriscavam alguns passos de dança ao lado da banda. Mais à frente, a área de jogos estava repleta de um público animado, gritando para os competidores de uma brincadeira que envolvia lama e bolas.

— Isso é demais! — declarei eufórica já me entrosando com o ambiente.

— Edwin, talvez você saia daqui num estado pior do que aquele rapaz — Esra falou apontando para uma pessoa coberta de lama dos pés à cabeça.

— Não pense que você ficará de fora, Esra. Se quis participar desse momento, será de corpo e alma.

— Com todo prazer — o Príncipe mais novo adiantou os passos e tomou o caminho para a área de alimentação.

Lá ele foi rodeado de pessoas que o cumprimentavam com alegria, fazendo reverências desastradas antes de agirem com ele sem muitas formalidades.

— Não se preocupem, nossa gente é simples, mas estão cientes do respeito devido — o senhor que nos recebeu explicou ao notar o modo como olhávamos a interação de Esra.

— Bom, então vamos nos divertir! — Edwin, cerimonioso, manifestou.

Assim como Esra, fomos recebidos calorosamente pela população. Eles não se afetaram muito com o fato de estar em frente aos Príncipes de sua nação e faziam de tudo para nos deixar à vontade e nos incluir na programação. Fomos acolhidos e bem recebidos como parte da comunidade. Uma jovem nos levou até a área de comida e nos convenceu a experimentar um prato típico local, uma espécie de pão feito com milho branco. Eu me surpreendi com a explosão de sabores em minha boca e passei a aceitar todas as sugestões para provar as delícias da festa. Edwin, um pouco mais reservado, apenas degustava uma coisa ou outra depois de eu manifestar o meu desejo de ele provar do mesmo que eu estava comendo.

— A cerimônia dos noivos será logo após o festival de tiro — um dos homens ao nosso redor dirigiu-se a Edwin. — Creio que o senhor atira bem.

— Não posso negar minhas habilidades. Eu aprecio muito essa modalidade de esporte — Edwin respondeu com um ar de desafio.

— Eu quero muito ver isso — declarei e provoquei alguns sorrisos ao redor.

— Esse ano teremos quatro casais para a cerimônia. Graças a Deus, o filho do Jordão vai desposar a filha da dona Clementh,

nós já aguardávamos isso há anos — uma das senhoras informou no meio do grupo.

— Eles são apaixonados desde a adolescência, todo mundo sabia. Mas o pai da menina disse que só daria a mão dela quando ele provasse ser um homem digno — outra mulher explicou. — O coitado do rapaz trabalhou duro por essas plantações da região para conseguir dinheiro para comprar uma terrinha para eles.

— Agora o pai autorizou o casamento, mas antes ele precisa demonstrar sua força — outra completou e ouviu-se uma risadinha ao redor. — Um pai que se preza não dá a mão da filha antes do rapaz provar que fará tudo por ela.

— Ah, que lindo! — eu exclamei, comovida com a história de amor do casal. — Está vendo, Edwin? Você também precisará provar que fará tudo por mim!

Um príncipe meio constrangido sorriu em meio às risadas e incentivos das pessoas ao nosso redor. As mulheres sustentavam aquele olhar materno diante da união de um jovem casal, ainda longe de saber o que os espera na vida.

— Tenho certeza de que Sua Alteza provará ser um homem de honra — uma das mulheres disse e deu uma piscadela para mim. — Estamos ansiosos para ver os casais em ação. É tão lindo ver jovens iniciando suas famílias. É a graça do Senhor manifesta entre nós.

A conversa continuou em torno dos noivos do dia. Contaram com riqueza de detalhes como havia sido a história de cada um. Nos fizeram rir quando relataram a insistência de um dos homens para cortejar a filha de um pai ciumento. O rapaz, diziam eles, venceu o sogro na oração e na insistência, ainda que a noiva nada soubesse sobre seu interesse enquanto o pai não autorizou a união.

— Ele é um rapaz de ouro, querido de todos. O pai que era apegado demais à mocinha. É bonito ver como o Senhor trabalha no tempo Dele quando somos pacientes para esperar — outra mulher se manifestou em favor do jovem.

Eu e Edwin nos entreolhamos em cumplicidade. Aquela era uma verdade provada por nós.

As mulheres foram chamadas para a preparação do grande tapete e os homens iniciaram uma conversa animada com Edwin

sobre o campo, ele parecia de fato interessado em conhecer melhor a realidade agrária da região.

Uma jovem de cabelos ruivos se aproximou e com ousadia segurou minha mão.

— Venha, Princesa Anne! Todas as mulheres participam da preparação do tapete!

Edwin que me vigiava o tempo todo, assentiu com a cabeça. Ele apenas certificou que Milena me acompanharia e voltou a dar atenção aos homens enquanto eu caminhava de mão dada com aquela linda menina, tendo minha assistente no meu encalço.



Capítulo 39

Capítulo 39

Eu tinha ao meu redor dezenas de mulheres entusiasmadas. Elas procuravam em cestas de palha pedaços de uma espécie de tira de tecido enrolada e costurada por toda sua extensão, todas muito coloridas e chamativas. Pareciam estar escolhendo algo muito precioso e pessoal, tamanha era a euforia e dedicação com o processo de seleção.

— Princesa, escolha um *rollete* bem bonito para fazer sua amarração — a menina de cabelos vermelhos me instruiu estendendo em minha direção uma cesta cheia deles. — Vou ensiná-la como dar o ponto. Você também, senhorita, todas as mulheres participam — ela orientou Milena a fazer o mesmo.

Envolvida pela presente animação, escolhi uma peça bem cumprida de um roxo intenso. A garota passou a nos dar instruções de como trançar o nosso *rollete* ao tapete. Precisei treinar o movimento diversas vezes para me certificar de que não faria nenhuma bobagem e não estragaria a peça. Milena tentou a todo custo fugir da missão, alegando ser um desastre naquele tipo de tarefa, mas a garota docemente passou a se dedicar a ensinar minha assessora, apontando para Milena, inclusive, uma peça menor e mais gordinha, que segundo a jovem facilitaria o processo.

— Sempre a mulher mais velha dá início ao primeiro ponto — a menina explicou quando uma senhora bastante idosa se sentou em frente a um painel de madeira com um arame grosso anexado e amarrou seu *rollete*. — E as mais novas ficam por último.

Observei a nossa volta e vi dezenas de crianças em seus vestidos rodados com tecidos na mão, tão empolgadas em participar da tradição como as adultas.

A anciã da comunidade passou a trançar seu *rollete* em outro, executando movimentos ágeis de quem já estava acostumada com o processo. Então ela foi substituída por outra senhora que uniu o seu tecido ao tapete já iniciado e se pôs a trabalhar.

— Ao fim, nós leiloamos o tapete para os homens. É sempre um momento muito engraçado — comentou uma das mulheres ao meu lado.

— Ano passado o senhor Muniz brigou arduamente com o Dr. Maciel durante o leilão. Era a primeira vez que as netas deles trançaram e ambos queriam muito o tapete — uma jovem loira, agarrada a seu *rollete* vermelho contou achando graça. — Por isso, esse ano, temos tortas satisfatoriamente recheadas.

— O dinheiro do leilão fica para o caixa da comunidade. Usamos nas nossas comemorações e para ajudar quando alguém tem alguma necessidade — outra complementou, sorrindo.

— Bem, então posso tentar uma boa contribuição em prol de tortas ainda mais deliciosas para o próximo ano — aleguei e voltei meus olhos para Edwin que ainda permanecia no mesmo lugar conversando com os homens, agora acompanhados também do Príncipe Esra.

As meninas entenderam minha referência e deram risadinhas. Milena, por sua vez, estava alheia a nossa conversa, observando atentamente as mulheres darem o ponto no tapete enquanto imitava o movimento delas com as mãos. Havia uma nota de desespero transparecendo em seus olhos.

Eu fui muito bem acolhida e me senti à vontade. Iniciamos uma amistosa conversa sobre as famílias locais antes de compartilharmos receitas, e elas ainda ousaram fazer brincadeiras sobre como uma plebeia havia conseguido conquistar o coração do sério Príncipe Edwin. Nesse momento, embora tenha ficado com as

faces coradas, aceitei o gracejo e acabei contando sobre nossos desastrosos primeiros encontros, provocando risadas altas no grupo.

Mais da metade das mulheres já havia cumprido sua tarefa na confecção do tapete que se tornava cada vez mais gracioso à medida que os tecidos coloridos se emaranhavam uns nos outros, quando fui convidada a dar minha contribuição. Nervosa, sentei no banquinho destinado à costureira da vez e reparei na atmosfera de cuidado e carinho por parte de todas, pacientemente esperando eu obedecer às orientações. O fotógrafo oficial da realeza aproveitou o momento para registrar tudo. Eu estava genuinamente contente por ter a honra de participar de algo tão significativo para aquele povoado e para mim também. Meu *rollete* foi unido à grande peça e todas aplaudiram quando eu terminei satisfeita com o resultado.

Milena tomou o meu lugar para desempenhar suas incumbências. Mesmo alertando a todos de sua incapacidade, ela obteve êxito em amarrar seu *rollete* e nós duas permanecemos contemplando o tapete ser tecido por diversas outras mãos diferentes. Um tempo depois, ela me comunicou que Edwin estava se locomovendo com um grupo de homens para a arena de tiro.

— Senhoras, me perdoem, mas devo deixá-las — declarei de um jeito divertido. — O Príncipe vai participar da prova dos tiros e eu gostaria de estar lá para acompanhar a desenvoltura dele.

— Eu também vou, não é todo dia que podemos presenciar dois Príncipes atirando na companhia de nossos homens — uma das mulheres falou e várias concordaram.

Um pequeno grupo permaneceu próximo ao tapete auxiliando as meninas mais jovens, enquanto o restante seguiu até onde os homens se aglomeravam para assistir aos participantes do tiro. Milena me instruiu a permanecer em um lugar que, segundo ela, era mais seguro, devido ao manuseio das armas. Notei vários agentes da guarda se aproximando e, mais alertas, cobriam o máximo possível do perímetro ao redor dos Príncipes.

— Edwin me garantiu que atirava muito bem. — Apoiei meus braços na cerca da divisa da área onde eles estavam. — Mas algo

me diz que não basta apenas atirar bem para ganhar esse campeonato.

E eu estava correta em minhas suposições. A ideia da prova em si era muito mais divertida do que apenas atirar em um alvo, embora Milena demonstrasse apreensão por ver dois membros da realeza participando de algo que, de acordo com suas alegações, colocava em risco toda a operação de segurança. Zac, por sua vez, não parecia tão preocupado como ela e se divertia assistindo a desenvoltura de Edwin e Esra no meio da arena de tiro, enquanto escolhiam e testavam suas armas.

Os participantes foram divididos em grupos, e mesmo Esra manifestando o desejo de competir contra o irmão, não foi dada a ele a oportunidade, porque segundo a tradição, as famílias — ou clãs — deveriam manter-se unidas em prol de um mesmo objetivo. Dito isso, os dois irmãos se uniram silenciosamente, dispostos a honrar o nome que carregavam, juntando-se a outros homens. Zac foi convidado a fazer parte da equipe, tornando a situação cada vez mais divertida.

— Lógico que Zac não perderia a oportunidade de se exhibir — Milena soltou a frase sem pensar muito nas suas palavras. Era como se ele exercesse nela uma influência que a fazia perder a habitual pose profissional. — E o pior é que ele atira bem ainda por cima.

— Como você sabe? — Deixei claro minha motivação por fazer aquela pergunta. — Me parece que você conhece Zac bem melhor do que eu suponho.

— Talvez. Eu o conheço o suficiente para saber de sua petulância. — Milena cruzou os braços olhando para outro ponto qualquer. — Perdoe-me, sei que a senhorita o considera como um irmão. Não deveria estar manifestando meus sentimentos de maneira tão clara.

— Ah, por favor, Milena. — Toquei em seu braço e esperei ela me olhar, assustada, com meu gesto gentil. — Eu a considero cada vez mais como uma amiga muito especial em quem confio. Ouvir essa sua afirmação apenas me deixa triste porque eu esperava que meu sentimento fosse recíproco. Eu vejo nossa relação muito além do que a de uma Princesa e sua assessora.

Por um momento eu vi um deslumbre de emoção nos olhos brilhantes dela. Agitada, soltou os braços e incapaz de dizer algo, apontou para a arena, indicando o início da prova. Apesar de ficar um pouco desanimada por não ter certeza de que ela compreendia o quão importante ela e Rachel, além dos Samovier, estavam sendo para mim, eu respeitei o espaço dela. Milena era reservada por natureza e aquele olhar tinha sido suficiente para demonstrar o quanto ela havia considerado minhas palavras.

O barulho do primeiro tiro repercutiu alto nos nossos ouvidos. Em seguida, uma sequência de cinco tiros e a correria de vários homens em direção ao alvo atingido: um barril cujo interior estava repleto de alguma coisa semelhante a uma gosma avermelhada, que naquele momento escapava pelos buracos feitos pelas balas das armas. A imagem dos homens enfiando mãos e braços dentro de um buraco na parte superior do barril em busca de algo, enquanto outros gritavam instruções para eles era pura diversão para os espectadores. Passou-se um tempo até que o primeiro encontrasse alguma coisa em meio a gosma e comemorando deu o espaço para que o homem seguinte continuasse na mesma tarefa. O visco vermelho escorria pelos braços dele e o cabelo também havia sido misteriosamente atingido, mas ele não estava nem um pouco preocupado, apenas comemorava com o companheiro o sucesso da sua empreitada.

Pouco depois, todos os seis homens voltavam correndo, desesperados, segurando algum objeto misterioso na mão, sem se preocupar por estarem avermelhados em várias partes do corpo. De imediato, olhei para Edwin e imaginei a sensação de vê-lo daquela mesma maneira.

— Terei histórias para contar por um bom tempo! — exclamei para Milena que estava mais relaxada e se divertia junto comigo.

— Sua hora ainda chegará, Anne — ela replicou, divertida, me fazendo rir com antecipação do que me esperava.

Os dois grupos seguintes realizaram a mesma prova. O primeiro deles precisou dar tiros a mais até acertar o alvo para ser admitido pelo juiz antes de iniciar a correria e se lambrecar em seu barril contendo a mesma gosma nojenta. Já o segundo grupo, mais ágil, encontrou os objetos com mais rapidez.

— A jovem aqui do lado me explicou que a brincadeira simula tempos de caça. Os tiros devem atingir exatamente aqueles círculos

— Milena apontou para as regiões marcadas em um dos barris — simulando áreas de abate da presa. O objeto que procuram são seis moedas, uma para cada participante, que representa o sucesso da caçada e o sustento da família.

— Veremos quem caça melhor!

A vez do grupo de Edwin havia chegado. Ele olhou para mim com um largo sorriso estampado em sua face, antes de fazer uma pequena mesura, dedicando-me, assim, seu desempenho e a possível vitória. Tentei a todo custo evitar que minhas bochechas se tornassem rubras, mas era quase impossível, dado a quantidade de olhos que seguiram o movimento do príncipe e o objeto de sua dedicatória.

— Será que eles vão conseguir? — Me aproximei mais da cerca externando o meu nervosismo. Eu queria comemorar e gritar como as outras esposas e filhas, mas me contive, com medo de passar dos limites.

— É o que veremos. — Milena transparecia a mesma expectativa que a minha.

Os seis se posicionaram e fizeram alguns ajustes em suas armas. Antes de atirarem, eu consegui visualizar uma pequena e conhecida competição silenciosa entre Zac, Edwin e Esra. Apesar de jogarem no mesmo time, pareciam ansiosos para comprovar quem atirava melhor e ficou muito claro o desafio estabelecido pelas trocas de olhares entre eles. O juiz deu a ordem e eles se prepararam. Extremamente concentrados, esperaram o sinal e com exímia habilidade, os três atiraram um após o outro, acertando o alvo com precisão. Os companheiros deles também cumpriram seu dever e a disparada em direção ao barril arrancou muitas gargalhadas de todos nós.

O primeiro a se exhibir — literalmente — foi Esra. Não sei como essas coisas aconteciam com o Príncipecaçula, mas a sorte estava do lado dele e em torno de 10 segundos ele retirou o braço de dentro do barril comemorando com uma moeda na mão. Seu braço estava relativamente sujo, se comparado aos demais homens. Um dos companheiros deles foi o segundo e demorou um pouco

mais, sendo substituído pelo outro rapaz, um jovem loiro, encontrando seu objeto com rapidez. Zac foi o próximo e estava muito concentrado, enquanto Esra não perdia tempo de se divertir à custa da demora do agente. Quando ele encontrou sua moeda, os braços e até o cabelo estavam envoltos pela gosma vermelha e ele deu o espaço para Edwin.

O Príncipe subiu no barril e enfiou o seu braço até o limite permitido e passou a vasculhar o interior. Zac gritou para ele procurar na parte inferior do objeto, obrigando-o a enfiar o outro membro para chegar à zona ainda não explorada por eles. Depois de praticamente se alongar ao máximo, ele sorriu e se levantou segurando firme o pequeno objeto metálico. Contudo, mesmo com o dedicado esforço do último integrante, a vitória não parecia certa. Correram como se houvesse um leão faminto atrás deles até chegarem ao lugar demarcado, rindo e comentando da desenvoltura de cada um, enquanto tentavam se livrar do excesso da gosma.

Enquanto eles se limpavam — ao menos tentavam — de toda aquela sujeira, os juízes distribuíam os pontos para chegarem ao resultado. Eu e Milena, seguindo o exemplo de outras mulheres, nos aproximamos do nosso grupo preferido. Cheguei a tempo de ouvir a zombaria de Esra, o mais rápido da turma, apontando a lentidão dos outros.

— Alteza, você foi o primeiro, as suas chances eram maiores do que a nossa — Zac se defendeu, mas riu junto com todos.

— E quais as chances de vocês vencerem? — entrei no meio da conversa deles, aproximando-me por trás de Edwin.

— Muito pequena, levando em consideração a demora do seu noivo em encontrar uma moeda — Esra respondeu encarando o irmão.

Edwin ignorou as insinuações e deixou a toalha manchada de vermelho na cerca ao nosso lado. Ele estendeu a mão e exibiu a moeda diante dos meus olhos.

— Seu jantar, senhorita!

Fiz uma careta, temerosa em encostar em algo que antes estava envolto por aquela gosma.

— Isso tem cheiro ruim? — Estendi a mão para pegar o pequeno objeto avermelhado.

— Lembra groselha. — Edwin me entregou a moeda. — Satisfeita por me ver todo banhado por falso sangue?

— Foi muito divertido, não posso negar. — Limpei uma mancha na bochecha dele e sorri. — Você se saiu bem, conquistou meu coração com sua desenvoltura e masculinidade.

— Você sabe que ainda não acabou, não é? — Ele observou meu movimento para limpar a sujeira do rosto dele.

— Eu vou superar. — Olhei para a minha mão suja de vermelho e sem hesitar, limpei na blusa do Príncipe. — A propósito, eu alguma vez já te pedi algum presente?

Edwin segurou meu braço, impedindo que eu o sujasse ainda mais. Pegou a toalha e com a parte menos suja, limpou o restante do visco vermelho presente em minha mão. Depois, ele me encarou.

— Eu já te dei alguns presentes, mas não me lembro de você ter pedido algum deles.

— Eu quero *mui t o* muito mesmo o tapete! — declarei com bastante convicção e um pouco de súplica contida na voz.

— Tapete? Qual tapete? — Ele franziu a testa.

— Na hora certa você entenderá!

Ele queria saber mais sobre o tal presente, mas eu neguei dar mais informações. Os juízes chamaram todos os participantes para revelar o resultado. Mesmo a despeito de todo o esforço dos Príncipes, eles conseguiram apenas a segunda posição, abastecendo Esra com diversos motivos para brincar sobre a dificuldade do restante dos membros da sua equipe.



Capítulo 40

Capítulo 40

— São trinta minutos ininterruptos, você tem certeza disso?
— Edwin questionou.

Uma senhorinha simpática dos cabelos grisalhos trançados e arrumados em um coque havia acabado de se retirar da nossa presença, após recolher os nomes dos participantes para a grande e tradicional Dança da Colheita.

— Claro! — Levei minhas duas mãos até a cintura e o encarei séria. — Você acha que eu não sou capaz? Sinto lhe informar, mas a Dança da Colheita é típica da cultura cibeliana e quando o assunto é a desenvoltura com os passos *dessa* dança, os plebeus ganham dos membros da realeza.

— Por que sobrou até para mim que nada tenho a ver com essa história? — Esra, com ares de falsa indignação interrompeu o meu diálogo com Edwin.

— Você vai dançar também? — Edwin ignorou meu desaforo e voltou-se ao irmão.

— Mas é claro! Como poderia perder essa oportunidade? Eu estou me divertindo muito por aqui.

— Estamos em um lugar cheio de jovens bonitas, cristãs e que não se importariam de ocupar o cargo de futura Princesa Esra

Hawis — provoqueei o Príncipepeçula que sorriu sem se constranger com minhas insinuações. — Estou curiosa para saber qual delas você escolherá para ser seu par.

— Com certeza uma mulher muito bonita, modesta e com ares de inocência, porque eu me conheço o suficiente para saber a distância que devo tomar de jovens como as que você descreveu, cunhadinha. — Ele olhou ao redor mantendo a postura e o semblante sério. — Já tenho uma candidata, espero que ela me dê a honra de ser minha companheira.

Abri a boca para questionar quem seria a felizarda, mas antes disso, Esra moveu-se, passou entre mim e o irmão e caminhou na direção contrária de onde nós estávamos. Eu e Edwin acompanhamos com os olhos, curiosos, os passos do Príncipe, na expectativa de desvendar as intenções dele. Eu me desmanchei de amores quando o vi fazer uma reverência para uma linda menina nos seus possí veis dez anos de idade, trajando um vestido xadrez e uma fita vermelha no cabelo trançado. Ele estendeu a mão e o sorriso iluminado da pequena estampado no rosto repleto de sardinhas, deixava claro como o gesto de Esra a pegou de surpresa.

— Eu amo seu irmão — declarei e me achequei apaixonada aos braços de Edwin, me deixando levar pela comoção.

Meu noivo me abraçou lateralmente e fiquei ainda mais deslumbrada com o sorriso sincero dele todinho para mim.

— Zac. — Avistei meu amigo concentrado à direita e minha assessora um pouco mais afastada, mas, ainda assim, estando perto o bastante para me ouvir. — Gostaria muito que você convidasse a Milena para dançar. Faz parte da tradição e eu faço questão da presença de vocês com a gente.

Milena se virou em minha direção subitamente com os olhos arregalados e a face tão pálida que parecia ter esvaído todo o sangue do corpo. Eu reagi com um olhar ingênuo em resposta a expressão nada discreta dela. Zac riu, em seguida fez uma reverência e como se estivesse obedecendo ordens, aproximou-se da jovem e com muita formalidade a convidou para ser o par dele. Estática, ela mal conseguiu reagir e suas palavras, embora enroladas e confusas, foram recebidas pelo agente como uma resposta afirmativa ao convite.

Casais formados, nós fomos atraídos pelo som dos instrumentos tocando os primeiros acordes da popular trova cibeliana, convocando a todos para o centro da improvisada arena de dança. Como manda a tradição, a banda era composta com todos os instrumentos essenciais, sendo eles a viola, o violino, o alaúde, o banjo, o pandeiro e a flauta, todos os sons ditando o ritmo de nossas poéticas canções.

— A minha trova preferida é a Terra de peregrinos — comentei me posicionando em frente a Edwin. Ele sorriu e colocou as duas mãos em minha cintura, preparando-nos para o primeiro passo da conhecida coreografia. — Papai sempre cantarolava pela casa batucando em panelas para emitir o som dos tambores.

— Tenho várias especiais para mim. Você sabia que eu já compus algumas?

— Por que eu não me surpreendo? — Apoiei minha mão em seu ombro e me deleitei com aquele momento tão precioso para nós. — Só mais um de seus conhecidos encantos de Príncipe.

— Mostrarei um dia para você.

Os casais aos poucos se organizaram formando três grandes círculos. A atmosfera de alegria nos rodeava de tal forma que eu me esqueci por um momento da realeza, dos títulos e das responsabilidades, simplesmente rendendo-me à diversão daquela tarde especial. Três batidas dos tambores avisaram do início da coreografia. Edwin me segurou com firmeza pela cintura e com um passo ágil nos deslocou para a direita.

— De onde saiu toda essa animação? — questionei, tentando não perder os passos logo após o nosso primeiro giro. Edwin nunca havia sido tão expressivo em público.

— Meia hora, querida. Vamos nos divertir! — Ele deslizou as mãos pelos meus braços, segurou minha mão com firmeza me forçando a jogar o tronco para trás, como pedia o movimento. — Você sempre me disse que os bailes reais eram carentes de emoção e você tinha razão.

Soltando minhas mãos, ele se uniu ao restante dos homens, batendo palmas enquanto marcava o compasso com os pés, sem tirar os olhos sorridentes dos meus. Edwin estava aproveitando tanto quanto eu e não desperdiçará nenhum segundo daquela

oportunidade. Com a mão na cintura, o rodeei e nesse momento aproveitei para espiar os outros casais bailando. A garotinha com quem Esra dançava vibrava com os estímulos e brincadeiras dele, ignorando a diferença significativa de tamanho entre os dois. Milena, do outro lado da grande roda, exalava sua indiferença, evitando a todo custo olhar para Zac, que não se importava nem um pouco com a má vontade de seu par, batendo palmas empolgado.

Os trinta minutos seguintes foram vigorosos, me diverti como há anos não fazia. Edwin gargalhava após os passos mais difíceis quando nossos pés se enroscaram, quase nos derrubando ao chão. Aos poucos, pude reparar, Milena foi se soltando, embora evitasse ao máximo o contato com Zac. Esra, como sempre, se destacava com seu jeito irreverente, carregando a pequena no ar, arrancando risadas sinceras dela.

Essa nunca esquecerá esse dia! Esra merece uma mulher especial, Senhor!

Ao final de pulos, saltos, rodopios, pés e mãos movendo-se, enfim o ritmo cada vez mais acelerado anunciava o fim da grande Dança da Colheita. Edwin segurou mais uma vez com determinação em minha cintura e após as três últimas batidas, com um movimento hábil ele inclinou meu tronco para trás, me pegando de surpresa com nossa pose final, nossos olhos fixos um no outro, como se todo o restante do mundo fosse insignificante para nós.

— Amo você, futura senhora Hawis.

Palmas romperam a nossa volta e Edwin me ajudou a endireitar o corpo para acompanharmos a manifestação de gratidão dos bailarinos aos dedicados e talentosos músicos que nos conduziram. Eu estava impressionada com a desenvoltura dele, sem medo de rir, aplaudir e comentar com as pessoas ao redor do quão divertido havia sido a dança.

— Preciso me hidratar — informei sentindo a garganta seca, o corpo quente e o coração acelerado devido à intensidade do exercício. — E me sentar também.

Ao exemplo da maioria, fomos até onde copos de refrescos estavam sendo distribuídos para saciar a sede dos casais. Esra auxiliou sua pequena com um copo cheio e devolveu-a radiante para a mãe, muito emocionada com o desempenho da menina ao

lado do charmoso Príncipe. Milena e Zac se aproximaram de nós e ela não negava em sua fisionomia como havia, no fundo, se divertido também.

Tivemos uma hora para nos recuperarmos. Comemos, bebemos e nos sentamos, conversando com as pessoas ao nosso redor. Vendo Edwin ali, relaxado e distraído ao ouvir o divertido caso de uma vaca fantasma contado por um dos jovens da comunidade, lembrei-me de uma ocasião, meses antes, quando o vi da mesma maneira em cima do cume de um bosque. Minha exuberante borboleta dava sinais de sua autêntica vida de lagarta e eu, melhor do que ninguém, reconhecia a fundamental importância dele conseguir se manifestar espontaneamente. Ele tinha mais a reluzir: seu caráter transformado por Cristo e uma vida em busca da obediência ao Senhor.

— Irmãos, agora vamos apreciar nossos casais de noivos dando seu melhor nas provas pré-nupciais — o dono da propriedade, anunciou. — Podemos começar as provas? — perguntou, direcionando-se para nós dois, em busca de nosso consentimento.

— Não vejo a hora! — Me levantei animada, forçando Edwin a fazer o mesmo depressa, para não parecer deselegante.

O som ritmado de dois tambores e de pandeiros começou a tocar alertando que a hora tão esperada havia chegado. Em meio a muita animação, aplausos, e incentivo por parte das famílias locais, nós e mais três casais caminhamos até o local da primeira prova. Edwin segurou minha mão e me conduziu sorridente entre todos, agradecendo, diplomaticamente, às palavras encorajadoras dos espectadores.

Milena e Zac nos acompanhavam de perto e minha assessora parecia um pouco menos carrancuda com a existência do agente depois de compartilharem de certa proximidade durante a dança. Ela até ousou dirigir espontaneamente a palavra a ele, comentando sobre a prova pela qual estávamos prestes a participar.

— As noivas por aqui, por favor! — A dona da residência se aproximou de onde estávamos reunidos, os quatro casais. — Me sigam.

Edwin, todo cortês, apertou minha mão e sorriu me observando afastar na companhia das outras meninas. Fomos separadas dos nossos companheiros e a senhora nos conduziu até um espaço todo cercado com estacas de madeira, que em dias normais era utilizado para treinamento de equinos, entretanto, ela não nos permitiu inspecionar os obstáculos que haviam sido montados na área especificamente para a ocasião.

— Essa prova consiste em trabalhar a comunicação do casal e a confiança que vocês precisam depositar em seus futuros maridos — ela disse sem esconder a empolgação quando, auxiliada por outras duas mulheres mais velhas, se preparavam para vendar nossos olhos. — É de extrema importância que um casal compreenda a seriedade de caminharem unidos, com o mesmo objetivo, conhecendo as limitações do outro e fazendo todo o possível para auxiliar seu cônjuge nas adversidades da vida.

— Seus noivos as guiarão por um caminho repleto de obstáculos, apenas utilizando a voz — uma das mulheres explicou e se preparou para vendar meus olhos depois de nos orientar a prender nossos cabelos e tirar os óculos.

— Porém, a comunicação estará limitada, dificultada e algumas palavras serão proibidas. — Eu ouvi a voz da primeira mulher e ela carregava um leve tom de divertimento. — Eles precisarão usar a destreza para guiá-las impedindo que se machuquem.

— Ou se sujem — a terceira acrescentou.

Nós rimos ansiosas com o que viria. As mulheres conferiram se as vendas estavam bem colocadas e deram algumas instruções e conselhos para evitarmos um acidente, deixando nas entrelinhas algumas informações importantes para colaborar com nosso desempenho, mas sem estragar a brincadeira. Pelas mãos, guiaram as noivas às cegas. Era um fato que estávamos andando aleatoriamente para confundir nosso senso de direção. Giramos algumas vezes e caminhamos muito além do que era necessário para chegar ao local da partida. Eu não podia enxergar nada, mas ouvia o barulho animado das pessoas à nossa volta. Às vezes, um ou outro grito se sobressaía ao cochicho da multidão.

— Alteza, a senhorita está pronta? Há algo que eu possa fazer? — Ouvi a voz carinhosa da mulher que me acompanhava.

— Obrigada, minha querida — agradei e tateei até encontrar as mãos dela. Apertei gentilmente. — Mal posso esperar para saber como o Príncipe me ajudará.

— Ah, ele encontrará uma maneira. — Ela deu uma risadinha. — Meu marido me surpreendeu no dia da nossa prova. Aproveite, é divertido. Estarei no fim da linha observando tudo e pronta para intervir, se necessário.

Eu sorri sem ter certeza se ela ainda me assistia. Cruzei as mãos, nervosa, alheia ao que acontecia ao meu redor. Esperei paciente até ouvir o som alto de um apito. Em seguida, várias vozes masculinas desconhecidas se misturaram. Não havia mais o cochicho de dezenas de pessoas, mas o bramido de vários homens, gritando coisas sem sentido, mandando prosseguir, correr, girar. Eu estava prestes a dar um passo quando me lembrei do conselho de uma das senhoras, prevenindo para agirmos apenas quando tivéssemos certas do que fazer.

Então, no meio da multidão de vozes, eu distingi a do Príncipe. Porém, ele não chamava meu nome, mas gritava outra coisa repetida vezes, me levando a sorrir com sua genialidade.

Peregrina!

Girei em busca do som da voz dele, procurando a direção para onde eu deveria ir.

— Perfeito! Perfeito! — ele gritou e eu parei. — Fuja da ira vindoura! Fuja, peregrina, fuja! — ele gritava bem alto e eu me esforçava para compreender o sentido de suas palavras no meio do clamor dos outros homens.

Fugir? Eu devo correr? Andar? Provavelmente sim.

Dei um passo para frente para atestar minha intuição e ativei minha audição para diferenciar a voz de Edwin no meio da gritaria.

— Você já colocou a mão no arado! — Eu identifiquei a fala dele e soube que era para seguir em frente. Tomando cuidado, dando passos curtos e lentos, tateando com os pés, eu comecei minha peregrinação. — Fuja da ira vindoura!

Havia muita gritaria ao meu redor. Alguns chamavam meu nome e das demais noivas, outros davam direções específicas

tentando nos confundir. Havia também uma voz dando instruções relacionadas à plantação e reconheci ser a de um dos noivos, vinda do mesmo lugar de onde Edwin me chamava. Eu precisava, portanto, tentar focar apenas na voz do Príncipe e desligar de todo o restante para seguir suas orientações.

Continuei caminhando até o ouvir gritar novamente. Parei imediatamente e me esforcei para tentar compreendê-lo.

— Está vendo a montanha? Uma montanha íngreme, peregrina. Veja a montanha!

Tentei captar a referência, me esforçando para assimilar o enredo do livro. *Será a montanha do Legado?* Então, talvez, devesse desviar do caminho, como fez O Peregrino. Estendi a mão e andei bem lentamente até que ela encontrou um empecilho que me impedia de prosseguir. Edwin continuava discursando sobre a montanha e eu fiquei na dúvida se desviada ou tentava passar por sobre ela. Optei pela primeira opção e fui rodeando o que parecia um enorme painel de madeira. Dei a volta completa e me atentei à voz dele me chamando de novo.

— Peregrina, fuja da ira vindoura!

Eu estava começando a apreciar muito aquela brincadeira. Continuando com a minha jornada, caminhei devagar e senti uma instabilidade no terreno onde eu estava pisando.

— O pântano, peregrina. Passe pelo pântano!

Mordi os lábios, perdida com a instrução. Portanto, prossegui bem lentamente até sentir água embaixo dos meus pés. Ele continuava ordenando para eu fugir e passar pelo pântano. Enquanto andava, notei a água subindo, cobrindo os pés e molhando meus sapatos. Parecia ter adentrado em uma poça de água e lama. Se não estivesse vendada, talvez venceria o obstáculo com mais tranquilidade, porém, a falta de visão dificultava o processo, além do temor de encontrar algo no caminho desconhecido. A água chegou aos meus joelhos, encharcando minha calça e eu parei por um minuto, buscando confirmar se estava fazendo a coisa correta.

— Você já pegou no arado! — Edwin declarou com convicção.

Continuei andando e senti alí viao perceber a água sumindo lentamente, até meus pés não estarem mais rodeados por água, mas pisando em terra seca outra vez.

Vi t ó r i ~~a~~assei sem cai r!— comemorei internamente e voltei a me concentrar na voz do meu amado. Dei mais alguns passos.

— Peregrina! — ele advertiu aflito. Eu parei imediatamente. — Seu fardo é pesado, muito pesado.

Fardo pesado? O que si gni f i ca?

Levei as mãos até as costas tentando captar a mensagem e ele continuou gritando sobre o peso do fardo. Mordi os lábios e fiquei parada, tentando entender o que Edwin queria dizer com aquele código estranho.

— Você é uma lagarta, não borboleta. Lagarta, fardo pesado. — Ele estava aflito e eu comecei a me preocupar. Que raios de lagarta eu era com um fardo pesado? — Diante da cruz, fardo pesado, lagarta!

Demorei mais um tempo para imaginar que, talvez, ele estivesse me mandando ir para... o chão? Me abaixei um pouco e ele continuou advertindo, porém, demonstrando alí vio por eu ter interpretado sua mensagem.

— Como uma lagarta, peregrina, com um fardo muito pesado!

Era loucura da minha cabeça ou eu precisaria me arrastar pelo chão? Coloquei os joelhos, depois as mãos na terra e percebi a empolgação dele, continuando a usar as mesmas palavras. Deitei-me completamente no solo e ele se expressou, entusiasmado.

— Fuja da ira vindoura, peregrina, como uma lagarta com um fardo muito pesado!

Respirei fundo algumas vezes e comecei a me arrastar, percebendo a umidade e a lama por baixo do meu corpo. Comecei a imaginar minha situação humilhante e, quando tentei me levantar um pouco para evitar o contato direto com a sujeira, ele gritou, me advertindo do fardo pesado. Foi, sem dúvidas, a parte mais difícil trajeto e me senti aliviada quando ele me instruiu a ser uma borboleta novamente. Apenas ao término da missão, identifiquei o caminho que rastejei por baixo de arames e pedaços de madeira.

Continuei andando e sobre os comandos dele, sempre usando algo relacionado ao Peregrino, venci os outros obstáculos.

Passei por cima de algo parecido com um barril, desviei de um objeto pegajoso, precisei me abaixar para não bater a cabeça em uma estrutura de ferro e continuei, notando a voz dele cada vez mais perto, mais clara e objetiva.

— Você chegou à cidade celestial, peregrina. — Ouvi a voz de Edwin logo à minha frente.

Estendi minha mão e ele a segurou com determinação. Ouvi os aplausos à nossa volta, ele me puxou para mais perto e retirou a venda dos meus olhos. As covinhas de Edwin estavam à mostra e eu não pensei duas vezes antes de me jogar nos braços dele e o abraçar com força, sentindo uma alegria contagiante. Eu não entendia por que, mas aquela prova teve um significado muito especial para mim.

— Você me sujou todo — ele falou em meu ouvido enquanto aplausos anunciavam a chegada de mais uma noiva até o seu amado.

Me afastei um pouco, considerando o fato de estar tão suja de lama — e naquela altura ele também —, e só consegui rir. Descansei minha cabeça no ombro de Edwin e deixei a risada contagiante sair de dentro de mim sem impedimento.

— Você se saiu muito bem, querida — Edwin falou e ajeitou uma mecha do meu cabelo que havia escapado e estava enlameada.

— Você foi incrível com suas instruções.

— Várias palavras eram proibidas. Fiquei pensando como poderia te guiar.

— E você atingiu muito bem o seu objetivo.

Por alguns segundos me perdi nele e me esqueci de que estávamos sendo observados. Era como se aquele momento tivesse nos unido ainda mais. Voltei ao mundo real ao ouvir mais aplausos. Eu me virei e Edwin segurou minha mão suja, deixando claro que ele estava ali comigo e assim ficaria até quando o Senhor nos permitisse.



Capítulo 41

Capítulo 41

Edwin aguardava, pacientemente, com uma toalha limpa em mãos, eu terminar de lavar dos meus braços e rosto os vestígios da lama impregnada para tentar ficar um pouco mais apresentável. Milena ajeitou o meu cabelo e me entregou uma camisa limpa para eu me trocar.

Peguei a toalha com Edwin e enxuguei meu rosto. Coloquei os óculos de volta e notei como eu havia deixado um rastro de lama no corpo dele quando o abracei.

— Você também precisa se limpar.

— Vou retirar apenas o excesso — ele disse e sorriu. — Ainda tenho um desafio pela frente.

Um pouco mais confortáveis e menos lambuzados de lama, fomos convocados, junto com os outros casais, a irmos até o pomar da fazenda. Quando chegamos ao lugar definido, fiquei encantada com a vista. O pomar, uma grande extensão de terra com múltiplos pés de frutas plantados intervalados, terminava em uma vistosa mata fechada onde, já havia sido informada, havia uma nascente linda protegida pelas árvores verdes e frondosas.

Os espectadores se espalharam ao redor do pomar, aproveitando o encosto de terra na lateral para subir em busca de uma melhor visão dos noivos em ação. Esra, Zac, Milena e mais meia dúzia de seguranças estavam à nossa volta. Foi o dono da propriedade quem deu as orientações.

— Senhoritas, é a vez de seus futuros maridos colocarem a mão na enxada. — Ele avaliou os noivos com um olhar que denunciava a diversão de quem sabia o que estava por vir. — Vocês foram instruídas a trazer algo muito valioso e de grande importância para cada uma, e está na hora de encarregar seus interesses àquele a quem estão depositando seu futuro e vida.

Fiquei um pouco confusa, sem saber exatamente do que se tratava o tal objeto precioso, mas Milena fez um gesto com a cabeça me tranquilizando. Aparentemente ela estava a par e havia organizado tudo.

— Por favor, seus pertences valiosos — o senhor pediu.

Alguns homens se achegaram a nós, carregando uma dúzia de aves de penugem cinzenta, com longos pescoços e pernas. Identifiquei na hora o pássaro típicode Cibeles. As *longlegs* também conhecidas como perna-de-vara, eram aves fáceis de amansar e era muito comum encontrá-las em propriedades rurais e agrícolas, sua presença era benquista pelos fazendeiros pelo fato de se alimentarem de alguns animais peçonhentos e seu canto sempre foi muito apreciado por qualquer amante da natureza.

Edwin balançou a cabeça em negativa movendo os lábios lentamente em um sorriso desconfiado e um homem se aproximou de nós.

— Senhorita, por favor, entregue ao seu noivo seu objeto estimado e o senhor, Alteza, nos acompanhe — ele disse movendo a cabeça respeitoso e se afastou.

Milena estava se aproximando carregando uma caixinha, quando eu tive uma ideia repentina. Levei minha mão ao pescoço para desatar o meu colar.

— Anne, não — Edwin protestou segurando meus braços. — Milena trouxe algo...

— Não, precisa ser algo de valor para mim — respondi, olhando em seus olhos, mas ele não se convenceu, mantendo a

mão firme me impedindo de proceder como desejava. — A não ser que ela tenha trazido o meu anelzinho ou a minha pulseira, não há outro item valioso para eu entregar.

— Você sabe o que farão? — ele perguntou e eu neguei com a cabeça, sendo sincera. — Está vendo aquelas aves? Vão colocar seu colar em uma delas e ainda não sei o que precisarei fazer para trazê-lo de volta.

— Tudo bem. — Aproveitando o momento de distração dele, consegui desatar a presilha do cordão. — Seja lá o que vão fazer, eu confio em você.

Edwin soltou meu braço, mas não quis estender a mão para pegar o colar. Milena, percebendo nossa pequena discussão, se afastou, bem como nossos acompanhantes, nos dando espaço para chegarmos a um acordo em privacidade.

— Minha amada — ele se expressou, carinhoso e calmo, tentando me persuadir a desistir da ideia —, essas aves levantam voo quando ameaçadas, eu não posso deixar você colocar em risco seu colar. Milena ficou encarregada de trazer um objeto seu e o usaremos, não posso permitir...

— Edwin, eu compreendi que, para ter valor, o objeto precisa significar algo para mim. — Peguei a mão dele e, mesmo relutante, o fiz aceitar o colar, depositando a joia na palma de sua mão. — Eu confio em você. Não é o que tudo isso representa?

— Anne...

Me aproximei mais e com as minhas mãos envolvi a dele carregando meu inestimável colar.

— Eu vou confiar algo a você que é ainda mais precioso, de valor imensurável. O meu coração será todo seu, Edwin. Seremos um só. Eu quero provar o quanto eu confio em você, a ponto de entregar minha vida a seus cuidados. Estamos entrando nisso para valer.

Havia um brilho diferente e muito intenso no olhar dele quando encontrou o meu. Até então, não tínhamos ideia do quanto aquelas brincadeiras poderiam mexer com nossas vidas. Ele beijou minhas mãos demoradamente antes de me encarar novamente, com seriedade.

— Trarei de volta, eu prometo — declarou com a voz grave.

— Eu sei que sim. Confio em você.

Edwin se afastou. Ainda um pouco relutante entregou o colar para um dos rapazes que o enfiou em uma pequena bolsinha marrom amarrada ao lombo de um dos animais. O Príncipe e os outros noivos ouviram com atenção as explicações de um senhor que, com gestos engraçados, ilustrava algo enquanto apontava para as *Longlegs*. Parecia explicar sobre as características das aves e alertar sobre os cuidados a serem tomados. Em determinado momento ele apontou para um ponto na mata fechada e os noivos assentiram com a expressão séria, demonstrando compreensão.

— Coitado do meu irmão — Esra, ao meu lado, lamentou, balançando a cabeça em negativa. — Ele vai suar muito para trazer seu colar de volta.

— É tão difícil assim? — indaguei sem tirar os olhos de Edwin se preparando ao lado dos outros homens.

— *Longlegs* são muito ágeis, correm muito e levantam voo quando se sentem ameaçadas. Ele ainda precisará focar na ave certa, a que está com seu colar e capturá-la. Fora que elas podem até atacar se forem encurraladas.

— Atacar? — Olhei para Esra com os olhos arregalados, começando a pensar se tinha sido uma boa decisão entregar a Edwin meu colar.

— Nada sério — ele me tranquilizou com um gesto de sua mão —, mas umas bicadas bem doloridas, isso sim. — Esra riu. — Compreendo que será um excelente momento para melhorarmos um pouco a imagem do meu irmão diante do povo.

— Ah, não! Estamos a quatro dias do casamento, Esra. Ele não pode se ferir. — Sentindo-me mal por colocar Edwin naquela condição, esfreguei as mãos pensando como reverter nossa situação. — Eu vou lá...

— Anne! — Esra segurou meu braço e balançou a cabeça tentando me fazer usar a razão. — Seria muito humilhante, além do que, ele precisa mesmo fazer isso.

— Tem razão. — Dei um passo para trás. — Que o Senhor o ajude!

Orei pedindo em favor do meu Príncipe e aguardei, ansiosa, o início da prova.

Os noivos se posicionaram, lado a lado, aparentemente preparados para correr. As aves foram colocadas no chão e, embora um pouco agitadas por estarem anteriormente no colo de seres humanos, elas permaneceram pacificamente estáticas no lugar. Talvez não fosse tão difícil assim, já que pareciam um pouco domesticadas e mansas. Afinal, alguém havia as capturado antes, para conseguir amarrar as bolsas nelas.

Elas não parecem ameaçadoras nem perigosas.

Comecei a pensar positivo, mas não contava com o tiro dado para o alto anunciando o início da prova. As aves, alertadas, começaram a correr desesperadas, juntando-se em bando. Meu coração foi parar na garganta quando me dei conta de não ser mais capaz de identificar qual era a ave que carregava meu precioso colar. Edwin, de repente, assumiu o comando e passou a dar ordens aos outros três rapazes, embora não fosse possível vê-lo de onde eu estava, sua postura e gestos denunciavam sua autoridade. Os rapazes assentiram e correram ao redor, buscando encurralar as aves no centro de uma roda imaginária criada por eles. Os espectadores estavam se divertindo, gritando palavras de incentivo, enquanto as noivas permaneciam todas tensas.

— Olha só, vão trabalhar em equipe — Zac murmurou ao meu lado, impressionado com a astúcia dos noivos.

Suspirei apreciando a perspicácia de Edwin. Os quatro mantinham as aves ao centro, em vigilância, atentos a cada movimento delas.

— Vamos separá-las! — o Príncipe gritou para os rapazes, que compreenderam o plano.

Daí a diversão começou. Os quatro tentavam separar as aves dispensáveis das quatro que importavam, afugentando-as do bando isolado ao centro. Contudo, na medida em que balançavam os braços de uma maneira engraçada, gritando na tentativa de manter as desprezadas bem distantes, as *longlegs* escolhidas se agitavam com a movimentação dos rapazes. O plano estava dando certo e algumas já estavam longe, enquanto seis ainda eram mantidas encurraladas no meio do círculo protegido por eles.

— Quero ver como eles vão pegá-las — Esra falou ao meu lado atento aos movimentos do irmão. — Até agora foi muito fácil e

eles nem entreteram a plateia.

Como se as palavras de Esra fossem o estopim para a esperada diversão, uma das /ongl/egseletas tentou fugir pelo lado direito do rapaz de cabelos escuros e desalinhados, desarticulando o plano deles. O caçador daquela ave específica saiu correndo desesperado atrás, temendo que ela fugisse para a mata fechada, abrindo uma brecha na barreira feita por eles levando as outras aves a fugirem também.

A correria então começou.

Edwin parecia frustrado com o comportamento desordenado dos outros participantes e, percebendo estar por si próprio, começou a perseguir o pássaro que carregava o meu colar. Sem fazer muito alarde, seguiu no seu encalço, tentando mantê-lo longe dos possíveis locais de fuga e esconderijos complicados. A multidão gritou e eu desviei meus olhos dele por um instante, a tempo de ver um dos noivos caí dono chão enquanto lutava bravamente com uma das aves que picava sua mão agarrada na perna do animal.

— Uou! — exclamei e, como todos à minha volta, comecei a rir da engraçada condição em que se encontrava o jovem. Ele tentava se desviar do bico, com dificuldade para se colocar de pé e alcançar a bolsinha presa à ave.

— Vamos lá, Edwin! — Esra gritou alto, chamando a atenção do irmão que lhe retribuiu com um olhar de desdém.

— Não atrapalhe ele, Esra — protestei, dando um tapa no ombro do meu cunhado.

— Se ele ficar parado, só observando o bicho, não conseguirá nunca pegar seu colar. — Esra me encarou e os olhos brilhavam com divertimento. — Além do mais, quero me divertir um pouco.

— Você perdeu pontos comigo, Alteza — declarei, indignada.

— Olha, o Príncipe vai agarrar! — Milena deixou sua exclamação sair um pouco mais alto do que o normal e isso me fez olhar imediatamente para Edwin.

O Príncipe, com cautela, se aproximava cada vez mais da ave acuada. Uma mão estava à frente e ele tinha o tronco levemente inclinado, tentando parecer inofensivo em busca de obter a confiança do animal, enquanto produzia algum som com a boca.

Eu achei que ele conseguiria com facilidade alcançar a bolsinha marrom, uma vez que a *longleg* parecia não oferecer nenhuma resistência à aproximação dele, até, de repente, ela sair correndo, obrigando Edwin a irromper atrás dela com toda a força de suas pernas.

Não posso negar, a situação começou a ficar muito engraçada vendo-o perseguir o bicho e tomar alguns dribles dele. Ele escorregou uma hora e quase conseguiu segurar a ave pelos pés, mas pareceu pensar melhor na ideia e eu senti um enorme alívio ao imaginar as consequências daquela atitude.

Palmas ecoaram indicando que aquele rapaz, o das bicadas, atingiu seu objetivo e comemorava saltitando com a bolsinha marrom nas mãos. Os outros ainda estavam na luta perseguindo cada um seu animal e, sendo sincera, passando bastante aperto diante da destreza do bicho em escapar de suas mãos.

Percebi certa preocupação de Edwin com sua ave sempre buscando seguir no sentido da mata onde se localizava a nascente. Todas às vezes, quando ela prosseguia naquela direção, ele se esforçava ainda mais para orientá-la para outro rumo. Ele já estava suado e cansado quando conseguiu encurralar, por fim, a *longleg* com meu colar. De braços abertos, ele pretendia agarrá-la de uma só vez. O animal deu uma leve inclinada para baixo e abriu sorrateiramente as asas, possivelmente prestes a levantar voo. O Príncipe, tomado por um impulso, se jogou em cima dela, abraçando-a enquanto ela se debatia tentando fugir de seus braços.

— Ele conseguiu! — gritei comemorando.

— Ainda não — Esra declarou, se divertindo com a cena do irmão levando a primeira bicada do bicho em sua coxa direita.

— Ai, coitadinho! — exclamei, juntando as mãos e mordi meu lábio com força até sentir dor.

Parecia uma luta. Edwin segurava a ave nos braços, porém, ela se debatia e tentava encontrar partes do corpo dele desprotegida para bicar. Por fim, ele se agarrou à bolsinha e conseguiu desatar o nó deixando o animal correr para longe dele. Mais palmas e gritos e ele comemorou agitando a bolsinha no ar. Depois, apoiou as mãos no joelho e inclinou o corpo para frente, respirando fundo, descansando por um momento. Ainda afadigado

abriu a bolsa tirando lá de dentro a minha preciosa joia. Respirei aliviada e levei a mão ao coração para controlar as emoções. Edwin observou o colar por um minuto antes de fechar a mão e direcionar seu olhar para mim, sorrindo. Ele estava todo empoeirado, com os cabelos desalinhados e o rosto molhado de suor. Lentamente ele caminhou até onde os homens o aguardavam e, sem nenhuma cerimônia, deram tapas fortes nas costas do Príncipe, elogiando a desenvoltura dele. Edwin agradeceu, devolveu a bolsinha e sob o olhar de todas as pessoas presentes veio ao meu encontro.

— Eu não suspeitava que fosse tão árdua assim sua tarefa — declarei quando ele parou na minha frente.

— Senhorita Anne Davies, nunca pensei que você seria uma mulher tão difícil de conquistar

— Mas o senhor é realmente um Príncipe, Alteza. Conseguiu me deixar caindo de amores por você — repliquei baixinho, para que só ele pudesse ouvir.

— Acho que quem caiu fui eu.

Nós dois nos entreolhamos por um momento antes de cairmos na risada. Ele deu a volta e afastou meu cabelo para o lado, para devolver o colar ao seu devido lugar. Quando fechou a presilha, eu me virei, com o coração cheio de gratidão e amor. Tudo ficou uma bagunça dentro de mim, a tão conhecida sensação da paixão manifesta. O que não fazia o amor! De repente, os cinco dias que faltavam pareceram muitos, diante da necessidade de poder pertencer completamente a ele, sem reservas.

— Quero me casar com você — declarei, ainda arrebatada por toda a beleza do meu afeto.

Edwin franziu a testa, confuso com meu comentário impremeditado, sem contexto nenhum com os acontecimentos.

— Acho que a essa altura, nenhum de nós tem outra escolha — ele replicou segurando minha mão e me convidou a sentar no chão de terra ao seu lado. — Não se preocupe, minha querida, nós nos casaremos.

Sentamos e esperamos o último e perseverante participante recuperar o objeto de sua noiva que, apesar de parecer exausto, não quis demonstrar o quanto havia sofrido para apanhar a ave.

— O Sr. Dante nos advertiu sobre a mata. Uma vez lá dentro, elas dificilmente são apanhadas. Costumam se esconder embaixo das folhagens e ele explicou que seria muito difícil encontrá-las depois — Edwin informou enquanto acompanhávamos o noivo voltar para a amada, deixar um beijo na testa dela devolvendo um laço de fita em suas mãos. — Tive medo da bolsa se soltar e perdermos o colar.

Enfiei meu braço dentro do de Edwin e o apertei com força, grata por meu Príncipe forçado. Esra passou a descrever sobre o desempenho do irmão e nós acabamos rindo muito das imitações do Príncipe caçula.

— Toda essa correria me deu fome — Edwin proferiu endireitando o corpo. — Talvez possamos comer alguma coisa depois de eu me lavar. Ouvi dizer que haverá cantoria e uma fogueira é montada para iluminar a festa durante a noite.

— Um pedaço de torta será bem-vindo, mas acho que eu gostaria muito de me lavar e trocar de roupa — falei e me levantei com o apoio da mão de Edwin, já de pé.

— Altezas, há um quarto preparado para vocês, se desejarem um banho e trajes limpos. Eu já pedi para levarem suas roupas para lá, Anne — Milena informou oferecendo grande alívio para uma Princesa imunda. Seria excelente trocar aquelas roupas sujas e poder curtir o restante do festival confortável.

— Um banho seria maravilhoso, Milena. Por favor, eu quero sim. — Virei-me para Edwin e sorri. — Sobrevivemos às provas, podemos nos casar agora.

— Sim, receberemos a benção daqui a pouco — Edwin completou, referindo-se à tradicional benção dada pelo ancião da comunidade, atestando o cumprimento das provas pelos casais.

— Vou me sentir satisfeita se receber limpa.

Edwin beijou o meu rosto e largou minha mão, incentivando-me a seguir com Milena para me tornar mais apresentável. Me virei e comecei a caminhar, contudo, a voz grave do Príncipe me fez parar.

— Não acredito nisso! — ele exclamou e meus olhos seguiram a mesma direção do lugar que ele estava olhando.

Eu ri ao compreender o motivo de sua descrença. Alguns homens, com comida na mão, facilmente atraíam as */ ongl/ egas*, sem nenhuma dificuldade, a pegavam no colo como se fossem bebezinhos indefesos.

— Bem, se um dia eu me casar e precisar passar por isso, eu já sei como conseguir atrair minha presa — Esra falou gracejando e colocou a mão no ombro de Edwin, ainda sem acreditar na cena diante dos seus olhos.



Capítulo 42

Capítulo 42

— Acorda, Bela Adormecida! — Ouvi a voz compassiva de Milena me despertando e me frustrei ao descobrir que ela não fazia parte do prazeroso cenário de um dia quente, ao pôr do sol, com a calmaria de um vasto mar azul e uma suave brisa que recepcionava meus cabelos soltos em um momento único de tranquilidade e paz. — O dia aguarda e está cheio de emoções na agenda.

Murmurei alguma coisa e rolei na cama, lamentando por ter sido interrompida em um estágio tão agradável do meu sonho. Abri os olhos quando as pesadas cortinas foram movidas por funcionárias, deixando a luz do sol entrar sem empecilhos. Peguei um dos travesseiros na cama e cobri a minha cabeça, tentando reencontrar o sentimento delicioso que me apoderava diante da quietude daquele mar.

— Nem adianta pedir alguns minutos a mais, você precisa mesmo se apressar. A Rainha já está te esperando para o desjejum — Milena discursou com um tom maternal exigente, mostrando-se inflexível diante de qualquer apelo meu.

Joguei o travesseiro para o lado e encarei minha assessora com um suspiro de rendição. Ela puxou as cobertas e eu me sentei

na cama. Rachel colocou um vestido rosado em cima da poltrona, sorrindo para mim.

— Ficaré encantadora com esse! — ela declarou e fez um sinal para que uma das meninas me entregasse um robe.

Coloquei meus óculos, me levantei grata pela eficiência delas. Pela agitação dentro dos meus aposentos pude ter uma prévia de como sucederia o restante do dia.

— Fiz o que me pediu e trouxe os jornais — Milena informou me guiando até a mesinha no aposento adjacente ao quarto e indicou a cadeira. — A reação do público foi surpreendente. Já recebi informações suficientes para legitimar o bom humor do Rei nesse momento.

Voltei-me a ela e nossos olhos conversaram, sorrindo satisfeitos. Milena estava se tornando cada vez mais estimada por mim, a considerava uma amiga querida, e mesmo sendo mais reservada sobre nossa relação, era evidente o esforço dela para me conhecer, compreender e se adiantar para ajudar nas horas necessárias.

— Edwin me disse ontem.

Minha assessora sorriu e começou a abrir as notícias relacionadas ao nosso casamento, lendo em voz alta as chamadas de cada veículo de comunicação. A equipe de relações públicas do Palácio provou ser eficiente. As fotos oficiais da nossa participação nas tradições da comunidade foram cuidadosamente escolhidas e distribuídas intencionalmente para os principais jornais, sites e revistas; elas circularam pelo país, gerando uma verdadeira comoção nacional. A *Excêntrica Princesa* como eu havia sido carinhosamente apelidada, tinha conquistado a rápida aprovação popular, principalmente — como uma das matérias colocou —, por ser capaz de arrancar sorrisos sinceros e verdadeiros do Príncipe mais introspectivo dos três.

Rachel apressou os preparativos para eu descer para o café da manhã. Tomei um banho rápido e, enquanto arrumavam meu cabelo e me maquiavam, permaneci calada, recordando dos dias mais loucos da minha vida.

Ainda em Mayin, após voltar das festividades, deitei-me na cama da Casa Real exausta — depois de uma longa sessão de

limpeza — ciente de que aquele seria o meu último dia “normal”. E eu não poderia estar mais correta acerca do prognóstico. A correria para o casamento alterou toda a rotina do Palácio de Kent após nosso retorno na manhã seguinte. Para meu alívio e alegria, meus sogros preferiram me manter na segurança de Kent, me afastando assim, propositalmente, da grande confusão dos preparativos da cerimônia na capital. Acharam prudente me deixar mais reservada para me focar no que seria de maior proveito para todos. Embora, uma rápida aparição pública minha e de Edwin na abertura de uma exposição no museu, para render ainda mais notícias sobre o enlace tão aguardado pelos súditos de Cibele, fora devidamente planejada e executada sem intercorrências negativas.

O ponto alto dos meus dias eram meus momentos com o Príncipe. Não posso negar, nos divertimos durante as aulas de valsa, dos inúmeros e cansativos ensaios para o casamento, além das últimas e importantes aulas de etiqueta, ressaltando as normas a serem seguidas quando me tornasse uma mulher casada, e os protocolos exigidos após receber o título oficial. Edwin esteve ao meu lado nesses momentos e Margareth, focada no meu aprendizado, fez o possível para tornar tudo o menos estressante dentro das devidas circunstâncias.

Eu e Edwin também estávamos cada vez mais próximos. Foram apenas quatro dias, mas o suficiente para fazer algo muito maior amadurecer entre nós e eu sabia que aquelas provas e tradições tiveram forte impacto no nosso relacionamento. Uma intimidade crescente tornava o mais singelo dos olhares, sorrisos ou toques, ainda que cheios de respeito, motivos de deleite para duas almas apaixonadas.

Vestida adequadamente como uma princesa, desci para acompanhar a Rainha no desjejum. Naquela manhã em especial, ela estava tão apreensiva quanto eu, porém, tentava se convencer de que os planos do Rei obteriam o esperado sucesso, principalmente depois de toda a repercussão positiva relativa ao nosso casamento.

— Alguma notícia? — questionei, assim que me sentei e ela sorriu para esconder sua ansiedade.

— Ainda não. Acredito que a votação ainda esteja em andamento.

Eu assenti e, como ela, procurei deixar o assunto de lado para afastar a preocupação durante nossa refeição. Passamos a discutir os detalhes finais do casamento que aconteceria no dia seguinte. Eu estava apreciando participar de tudo, e aqui devo minha gratidão à sensibilidade de Margareth que, como uma mãe, passou a cuidar de mim e dos meus interesses. Com amor e gentileza, me incentivou a me envolver e me contentar com toda a magnitude de um dos dias mais importantes da minha vida, mesmo estando longe da intimista cerimônia com a qual eu um dia havia sonhado.

— Majestade. — Um laçao adentrou na sala de jantar e fez uma reverência para a Rainha. Ela o autorizou, apenas com um gesto, a falar. O homem se virou para mim. — Vim informar a Sua Alteza que a convidada esperada acaba de chegar.

Puxei o ar de uma vez para evitar comemorar como gostaria e Margareth sorriu, compreendendo a importância daquela notícia para a jovem noiva a sua frente.

—Vá recebê-la, depois terminamos de discutir esses pormenores — ela recomendou e eu me levantei obediente.

Agradei e caminhei a passos rápidos até a porta, contudo, me retive e voltei a ela com um sorriso sincero transbordando minha felicidade.

— Agora podemos fazer a última prova! — declarei, entusiasmada.

— Será esplêndido, minha querida! Estarei aguardando, basta me chamar.

Assenti com um meneio de cabeça e dei meia volta, apressando os passos novamente. Mal atravessei a porta do hall de entrada e vi a figura conhecida da minha amiga de queixo caído contemplando todos os detalhes do Palácio.

— Mel! — gritei, atraindo a atenção dela e não me segurei, correndo até nos abraçamos com cumplicidade. — Ah, como é bom vê-la!

— Senti sua falta. Parece que você partiu há meses.

Nós nos afastamos e ficamos nos olhando, com os braços uma na outra, o rosto irradiando a alegria de duas amigas forçadas a se separar bruscamente.

— Olha para você, está tão linda! — Com os olhos brilhantes, ela sorriu. — Ah, Alteza!

— Nem comece! Por favor, me deixe ter um pouco do gostinho da minha antiga vida ao desfrutar da nossa intimidade.

Ela sorriu divertida e nos abraçamos mais uma vez. Uma sensação de bem-estar se apoderou de mim com a presença dela, me fazia lembrar que eu ainda era a mesma Anne Davies, mesmo a despeito de tantas mudanças radicais ocorridas.

— Alteza, devo acomodar nossa visita em um quarto de hóspedes? — Samovier, agora nossa governanta, aproximou-se com um sorriso receptivo.

— Madame Samovier! Enfim, pude conhecê-la ao vivo. — Melody, sem se importar com protocolos, aproximou-se da querida mulher e as duas se abraçaram.

— Seja bem-vinda, menina — Samovier declarou atenciosa como sempre.

— Samovier, não será necessário providenciar aposentos para Melody. Nós partiremos ainda hoje para Hawis, acomode-a, enquanto isso, no meu quarto.

— Mas é claro! — Samovier saiu para dar ordens a um dos rapazes para carregar a mala de Melody.

Nós ficamos sozinhas e nos entreolhamos de novo. Aos poucos, nossos lábios se curvaram e uma risada deliciosa rompeu entre nós, envolvendo-nos. Mel me avaliou toda e aprovou as pequenas transformações em meu visual.

— Ah, pare com isso, ainda sou eu! — Estendi a mão para ela. — Vem, vamos, vou te levar ao meu quarto. Quero mostrar o Palácio para você, mas Rachel está aguardando para a prova final do vestido.

— Você esperou por mim? — ela perguntou, emocionada.

— Claro! Eu não deixaria você de fora desse momento por nada. Mandaria raptar você do hotel se preciso, mas exigiria sua presença.

Melody não estava alheia quanto ao significado de tê-la presente na prova final do meu vestido de casamento. Era a maneira como as noivas homenageavam as mulheres importantes em sua vida. E, claro, não faltaria o chá de maçã gelado para o brinde especial e eu já tinha escolhido todas aquelas que dariam os últimos pontos em meu vestido e esperava a compreensão da Rainha devido as minhas escolhas, talvez um pouco inusitadas para uma Princesa.

Juntas, rumamos para a escada e quando algum funcionário passava por nós fazendo uma reverência, Melody não escondia seu entusiasmo e diversão.

— Ah, isso é muito incrível! Minha amiga, a princesa de Cibele! Eu ainda não consigo acreditar, sabe?

— Nem eu acredito muito ainda, não se preocupe.

— Me diga uma coisa, e o Príncipe? — ela perguntou com um sorriso malicioso quando começamos a subir os degraus. — Não consigo parar de me lembrar do quanto ele é lindo e charmoso... Com todo respeito, claro. — Ela apertou os lábios. — Anne, você vai se casar com ele!

— Ah, Mel, estava sentindo falta de você — respondi sorrindo e me aproximei abraçando-a lateralmente. Era tão bom ter minha amiga de longa data por perto. — Ele está em Hawis, em uma reunião muito importante, mas deve chegar a qualquer hora.

Olhei para ela e conhecia bem o olhar inquisitivo e um pouco travesso, aguardando a resposta que ela queria de fato ouvir.

— Ele é incrível, se é o que quer saber. Mas não tem nada a ver com o título ou a beleza, tem relação com o caráter, coração, com a essência do que Deus faz na vida dele. É isso que me faz amá-lo. E ele é um homem que ama a Deus de verdade, como eu sempre desejei para ter do meu lado.

— Você está *apai xonadi nha* — Mel falou após um suspiro tipicamente feminino. — Como eu estou feliz por você! Embora esteja fazendo falta no hotel. Já prevejo o dia quando seu querido Marfim se hospedará lá sem você. — Ela fez uma careta e com a voz manhosa, passou a imitá-lo — A Anne sabia exatamente como eu gostava do chá. Esse hotel não é mais a mesma coisa sem minha menina.

Nós rimos juntas. Eu conhecia muito bem a capacidade de Marfim para dramatizar. Declarei minha ansiedade por reencontrá-lo no casamento, apesar de estar ciente de que mal terí amo tempo para conversar. Mel passou a fazer um relatório completo sobre nossos conhecidos de Susan, do hotel, da repercussão quando descobriram sobre a identidade da nova Princesa, sempre acrescentando uma pitada de encenação, como era de costume.

Já no meu quarto, ela explorou todo o aposento, conversou com uma das meninas presente e declarou muitas vezes desacreditar estar ali, prestes a conhecer a Realeza de Cibeles. Quando se deu por satisfeita, nos acomodamos nas poltronas e tí nhamo tantas coisas para falar que eu temi não conseguir dizer tudo no pouco tempo livre disponível. Ela passou a fazer perguntas sobre Oliver, sobre minha rotina, sempre citando Edwin na conversa, me fazendo, por diversas vezes, ficar acanhada com as brincadeiras mais ousadas a respeito do que me esperava ao lado dele. Depois de eu esclarecer com o máximo de detalhes possíveis todas as dúvidas dela, Rachel entrou no quarto com um sorriso esperançoso.

— Está pronto, Anne! — ela declarou com um misto de emoção e expectativas em sua feição.

Mel foi a primeira a ficar de pé, comemorando com pulinhos graciosos. Rachel passou a dar ordens para as suas funcionárias e um rapaz forte entrou carregando o vestido envolvido por uma capa preta, sendo advertido diversas vezes por Rachel que exigia todo o cuidado do mundo com o precioso traje de noiva. Ele o pendurou com cautela na arara destinada para esse fim e uma serviçal entrou empurrando um carrinho com as taças de chá gelado de maçã logo atrás.

Meu coração disparou e minhas mãos suaram frente à expectativa de ver, enfim, o resultado do tão almejado vestido. Eu já tinha feito uma prova inicial, mas Rachel não me permitiu ver muita coisa, incentivando-me a deixar a surpresa final para aquele dia. A Rainha entrou no quarto com um sorriso largo, sendo acompanhada por Milena e Samovier, ainda cegas às motivações de terem sido convocadas aos aposentos da Princesa.

Rachel, enérgica, dispensou todos os outros funcionários, permanecendo junto de si apenas uma das suas costureiras de confiança, caso fosse preciso algum reparo imediato. Eu fechei a porta e passei a tranca, voltando-me àquelas mulheres tão especiais para mim. Apresentei Melody que trocou palavras amigáveis com minha sogra. Mel tinha uma incrível capacidade de se entrosar em instantes e não estava nada constrangida por estar diante da Rainha, pelo contrário, passou a tratá-la com certa intimidade, suas atenções sendo bem recebidas por Margareth.

— Vocês foram chamadas aqui por um motivo especial! Todas vocês são mulheres excepcionais, a quem eu considero muito e queria, de todo o meu coração, presente na última prova do meu vestido de noiva. — Vendo a expressão surpresa de Milena e Samovier, eu sorri. — Vocês são as mulheres mais importantes da minha vida. E você também, Rachel, mesmo se não fosse necessária sua presença aqui, eu a solicitaria. Espero que seja especial para vocês como está sendo para mim.

Meus olhos já estavam marejados, as lágrimas ameaçando romper as barreiras que eu tentava erguer. A Rainha se aproximou e me deu um inesperado, mas amoroso abraço. Quando nos afastamos, notei a comoção em seus olhos e voz.

— Estou muito feliz por tê-la como minha filha agora, querida. Tenho visto todo o seu esforço e o amor demonstrado pelo meu filho. E claro, ele também está perdidamente apaixonado.

Minhas bochechas ruborizaram diante da brincadeira dela e eu sorri em meio às lágrimas. A falta de minha mãe não poderia ser preenchida, mas aquele cuidado da minha sogra ajudava a tornar a ausência dela menos dolorosa. Rachel limpou a garganta pedindo autorização para tirar a peça da capa. Analisei as cinco mulheres, todas com olhos brilhantes e assenti.

Deus sabia como surpreender uma filha miserável pecadora como eu.

O vestido era ainda mais bonito do que eu esperava. O modelo era exatamente como um dia eu havia sonhado, muito embora a ideia tivesse partido de Rachel. Ele era simples, como eu. Mas não simplório. Dava para ver, pelo tecido, pelos detalhes, pela modelagem que se tratava de algo luxuoso.

— Rachel, você se superou! — a Rainha elogiou boquiaberta.
— Consigo imaginar a Anne perfeitamente nele.

— Porque imaginar, Majestade? — Mel, com sua costumeira espontaneidade interferiu, como se não tivesse acabado de interromper a Rainha. — Anne, por favor, nos faça a honra!

Respirei fundo, um pouco palpitada, tomei coragem e caminhei até Rachel e sua auxiliar. Elas me ajudaram a colocar o vestido, os sapatos, e eu me virei, contemplando os olhares de seis mulheres encantadas.

— Está lindíssima! Lindíssima! — Margareth declarou com sinceridade juntando as duas mãos.

— Oh, minha querida! — Samovier levou a mão ao peito e as apertou ali, emocionada, justo ela, que tanto torceu e esperou para me ver vestida daquela maneira.

— Perfeito! — Milena aprovou com as palavras e seus gestos formais.

— Digna de uma Princesa! Anne Davies, você está magnífica! — Mel não escondeu sua empolgação.

Mordi os lábios e caminhei lentamente ao lado de Rachel até o espelho. Senti-me inundada de uma alegria sem fim. O vestido era perfeito, modesto, vestia como uma luva e, apesar de ser algo que eu nunca havia imaginado usar, era também algo que eu me via usando. Eu seria uma Princesa, mas ainda seria a mesma Anne.

— Vamos dar o último ponto. — Rachel se aproximou e me estendeu uma agulha.

— Por favor, mulheres, façam as honras — pedi.

Rachel indicou a pequena abertura na barra, deixada propositalmente para esse fim. Como manda a tradição, uma a uma, costuravam um ponto e proferiam bênçãos para a nova família prestes a se formar. Dessa maneira, elas também estavam se comprometendo comigo de serem presentes em minha vida, compartilhando minhas alegrias e vitórias, mas também auxiliando nos momentos difíceis e nas lutas por vir.

De todas elas, a mais relutante em realizar a tarefa foi Milena. Ela se certificou de que eu desejava a presença dela naquele momento tão significativo, alegando que nossa proximidade se dava pelas circunstâncias de ela ser minha funcionária e eu só a convenci

quando atestei que isso não mudava o fato de eu gostar dela como uma amiga. Trêmula e receosa, ela deu o ponto, mas sorriu quando finalizou, desejando-me felicidade e momentos normais na minha nova vida.

Depois de tanta emoção, ainda com o vestido no corpo, nós brindamos e compartilhamos o chá de maçã gelado.

— A nossa querida Princesa, nora, amiga, filha. — Margareth tomou a frente elevando sua taça. — Que as bênçãos do Senhor estejam sobre ela, meu filho e o seu ventre seja particularmente bendito e fértil.

Ao som de vários “améns” e de uma noiva com o rosto ruborizado, nós bebemos nosso chá. Depois de alguns goles, temendo um acidente irreversível, deixei minha taça ainda cheia e contemplei minha imagem novamente no espelho, apreciando muito o que eu vi refletir. Eu ainda estava me deleitando com a visão, quando toques suaves na porta anunciavam a presença de alguém.

— Anne? — Ouvimos a voz de Edwin, acompanhada de mais uma batida na madeira.

Imediatamente todas se agitaram ao pensar na possibilidade do noivo ver a noiva vestida antes do casamento.

— Não ouse entrar aqui! — gritei desesperada temendo que ele rompesse no quarto e estragasse a surpresa, apesar da porta estar trancada.

Rachel riu quando eu saí apressada para o closet para me esconder, e foi atrás para me ajudar a tirar o vestido.



Capítulo 43

Capítulo 43

— É tão bom ser recebido com tamanho entusiasmo! — Edwin estava parado com uma das mãos dentro do bolso da calça quando abri a porta. Atravessei para o cômodo adjacente e deixei apenas uma fresta aberta atrás de mim. Ainda curioso, ele tentou espiar lá dentro. — Está acontecendo alguma coisa interessante em seus aposentos?

— Prova do vestido — respondi, me colocando à frente, tampando sua visão.

Os olhos de Edwin se acenderam repentinamente. Ele colocou as duas mãos para trás das costas e ergueu a postura, mas não deixou de sorrir afetuosamente.

— E então? — Os olhos dele encontraram os meus e eu soube que ele compreendia o efeito daquela pergunta sobre mim.

— Será amanhã — foi a única resposta que meu cérebro conseguiu processar.

Senti o coração acelerar, ainda presa pelo olhar. Fui incapaz de dizer mais alguma coisa. As palavras não faziam sentido diante da presença dele. A verdade pulsando em minhas veias, evocava a realidade do que estava prestes a acontecer: no dia seguinte, aquele homem seria meu marido! Os olhos de Edwin me atraíam

como um ímã, despertando o voo das centenas de borboletas presas em meu estômago, clamando para que os anseios do meu coração, ainda um tanto confusos, fossem satisfeitos. A única coisa que eu podia compreender com clareza, era o quanto eu desejava estar mais perto dele, nada até pico para uma mulher apaixonada.

Porém, antes de eu pensar se era sensato ou não dar voz aos meus pensamentos, a Rainha surgiu na porta. Eu e Edwin desfizemos o contato visual atraídos pelo rosto aflito de minha sogra. Não foi preciso nenhum questionamento para Edwin entender a busca da mãe por respostas.

— Conseguimos reprovar sem nenhuma intercorrência, como o esperado. Meu pai manifestou o desejo de tratar esse assunto em particular com a senhora — ele respondeu, levando ali o imediato para a mãe e para mim também.

— Eu vou me retirar, querida — a Rainha comunicou e, embora sustentasse um sorriso gentil, revelava em sua feição o anseio por informações mais detalhadas sobre a reunião.

— Obrigada por tudo — respondi e segurei sua mão. — Você tem sido... — Umedeci os lábios buscando controlar as emoções, ciente da importância do que eu ia dizer. — Como uma mãe para mim.

Margarethe beijou minha face e se retirou do quarto. Edwin, antes atento a nossa interação, estendeu a mão para pegar a minha.

— Você está ocupada? Gostaria de te mostrar algo antes da nossa partida.

Abri a boca para justificar a presença de Melody, mas nossa convidada fez questão de aparecer na porta em busca de notícias da amiga desaparecida.

— Ah, Príncipe Edwin! — Mel exclamou, maravilhada, quando o viu parado com a mão presa à minha. Sorrindo, demonstrou estar muito encantada com o meu noivo, uma vez que sua cabeça tombou para o lado em admiração.

— Melody chegou hoje — eu apressei em dizer algo para tentar fazer a atitude dela parecer menos óbvia.

Edwin soltou minha mão e cumprimentou a minha amiga. Mel ficou muda por um instante, principalmente depois de ele sorrir para

ela.

— Seja bem-vinda, Melody, espero que tenha sido bem recebida.

— Ah, a Princesa é uma excelente anfitriã, me deixou ficar aqui no quarto dela até partirmos, não é mesmo, Anne? — Ela desviou o olhar pela primeira vez do Príncipe. Então, fazendo jus a sua personalidade excêntrica, juntou as duas mãos e alternou o olhar entre nós. — Ah! Nem acredito que vocês se resolveram! Esperei tanto tempo para esse dia chegar, odiava vê-la constantemente triste longe do amado misterioso que hoje não é mais misterioso.

— Mel! — protestei e senti a vergonha se estampar nas minhas bochechas.

— Anne, você sempre suspirava quando ouvia algo referente à Cibele. — Mel voltou-se a Edwin. — Ela estava sofrendo com o afastamento, lógico. Mas nunca me revelou que seu amado era o Príncipe Edwin! Eu nem acreditaria se me contasse, na verdade.

— Melody! — Entrei na frente dela fazendo-a compreender pela minha expressão que estava começando a passar dos limites. Olhei para Edwin, se divertindo com as confissões da minha amiga antes de me voltar a ela. — O Príncipe solicitou minha presença, você pode me esperar aqui por um momento?

— Não, Anne, tudo bem. — Edwin interferiu tocando em meu ombro. — Não seria educado abandonar sua visita.

— De maneira nenhuma! — Mel protestou bastante enérgica erguendo as mãos. — Aliás, Milena acabou de prometer que me levaria para conhecer o Palácio e o momento é ideal para isso. Vão, vou ficar bem.

E como se não quisesse ser um peso para o fofo casal, ela se despediu e voltou para dentro do quarto numa pressa surpreendente.

— Essa é a Melody — eu disse dando de ombros. Edwin pegou minha mão e me guiou pelo corredor.

— Não me admira serem tão amigas, vocês se parecem um pouco. — Ele parou quando notou ter alcançado o objetivo com suas palavras. — Anne, você me destratou de todas as maneiras possíveis — levantou uma mão impedindo-me de falar —, antes

que inicie com seu discurso de defesa, foi exatamente por isso que me apaixonei por você.

— Por eu te destratar? — ironizei. — Você é estranho.

Edwin riu. Nós voltamos a caminhar.

— Você sabe muito bem do que eu estou falando.

Fiz que sim com a cabeça.

— Vai me contar sobre a reunião? — perguntei.

— Agora não. Eu prometo contar tudo mais tarde, mas por hora, vamos deixar esse assunto distante.

Em um silêncio misterioso, Edwin continuou me conduzindo e, ao invés de descer as escadas, seguimos no corredor a caminho da ala onde ficavam os quartos da família real.

— Aonde vamos?

— Você é muito curiosa, senhorita Davies. Acalme-se, estamos chegando.

Andamos mais um pouco e ele parou próximo a duas conhecidas portas. Olhei para Edwin, depois para os guardas um pouco mais a frente, depois para a porta.

— Você quer me mostrar algo no seu quarto? — perguntei, tentando desvendar todo o mistério daquela visita.

— No nosso quarto, você quer dizer — ele respondeu, adiantando-se até a porta.

Surpreendida com a correção, senti a vergonha se espalhando pelo meu rosto. Olhei para os meus pés desejando ardentemente esconder minhas emoções, tentando me livrar do pensamento lúcido que me veio à mente, ao constatar que na minha próxima noite em Kent, eu dormiria ali, naquele cômodo, com meu marido. Pensar nisso fez meu rosto corar ainda mais.

— Mas antes, quero... — Edwin se virou e percebeu meu ní tido constrangimento. Ele limpou a garganta e levou os braços para as costas antes de falar com calma. — Claro, você terá os seus aposentos individuais ao lado, para seu uso pessoal.

Levantei os olhos evitando a todo custo encará-lo. Ele tocou nas minhas costas com delicadeza, atraindo meu olhar para ele.

— Você se lembra de quando eu abri meu coração e te pedi para ser minha esposa? — ele perguntou e eu assenti. — Eu

prometi a você que tentaria tornar sua vida o mais normal possível, se recorda?

— Sim — respondi com a voz um tanto falha, sem entender por que tinha sido tomada por tanta emoção.

Edwin tirou a mão das minhas costas e ao invés de me levar ao *nosso* quarto, ele me guiou até a porta ao lado, para a sua sala de leitura. Eu sorri me lembrando de como aquele cômodo e o misterioso armário recheado de literatura cristã já tinham me tirado o sono um dia. E eu sequer havia voltado ali depois do meu retorno. Claro, nossa vida virou de cabeça para baixo e eu mal tinha tido tempo para ler um livro, com exceção da Bíblia, reconheço, muito menos do que deveria.

— Feche os olhos — ele ordenou quando estávamos de frente para a porta. Eu obedeci, me enchendo de expectativas sobre o que me aguardava.

Ouvi a porta sendo aberta e Edwin me conduziu para dentro do aposento. Depois de alguns passos e repleta de ansiedade, ele me permitiu abrir os olhos e contemplar a surpresa. Fiquei sem palavras e em choque diante da cena, posso dizer, até um tanto nostálgica. Aquele quatinho, que tinha tão grande significado para mim, havia se transformado em uma sala aconchegante, muito parecida com a sala de visitas da minha antiga casa, onde um dia eu, Oliver e meus pais hávamos vivido felizes.

— Como? — Foi a pergunta que saiu dos meus lábios.

— Oliver me ajudou com a decoração.

O quadro com a fotografia dos meus pais estava lá, no centro, acima do sofá preto. Havia duas almofadas vermelhas com estampas parecidas com a do nosso antigo lar, uma em cima de cada poltrona, exatamente como mamãe costumava deixar — e eu tinha herdado o mesmo hábito. No canto esquerdo, uma pequena copa, com uma mesinha, um frigobar e uma cristaleira com taças e xícaras de porcelanas outrora pertencentes à minha mãe.

— Marfim me auxiliou com seus objetos pessoais — Edwin explicou quando viu meus olhos fixos na cristaleira.

Eu estava muito emocionada para conseguir me expressar com palavras naquele momento. Continuei a explorar cada cantinho

e meus olhos se detiveram no tapete ao centro. Edwin me pegou de surpresa, abraçando-me de lado.

— Você me fez desembolsar um bom valor por esse tapete — ele disse e riu, aquele sorriso que iluminava todo o rosto e destacava as covinhas lindas. Aproveitei para deitar minha cabeça no ombro dele. — Sei que representava algo para você, mas preciso confessar que eu quis arrematá-lo para guardar como recordação, foi um dia muito especial para nós.

— Concorde. — Voltei a admirar o tapete, o sorriso de satisfação brincando em meu rosto. — E eu tive uma importante participação na confecção. Veja, aquele ponto roxo ali, foi feito pelas habilidosas mãos de sua futura esposa.

— Seu ponto roxo de fato deu um toque espetacular para o tapete — ele expressou divertido.

— Bem, o que posso dizer? No próximo ano, a comunidade terá um banquete ainda mais generoso, com mais tortas do que serão capazes de comer — brinquei. Edwin riu e me soltou, cruzando os braços sem tirar os olhos da peça. — Os homens lutaram bravamente pelo tapete.

— Algo me diz que eles só queriam aumentar o preço final, ficaram muito satisfeitos quando eu dei o maior lance.

Era óbvio que nós tínhamos nos divertido muito com toda a situação e Edwin não estava triste em ajudar financeiramente a comunidade, principalmente depois de eles terem nos recebido tão bem e ele ter presenciado de perto a realidade do campo.

Suspirei e voltei a olhar ao redor. O armário de livros foi substituído por uma estante sem portas, e dispunha todos os livros de Edwin expostos ao lado do sofá maior. Caminhei até lá, me deliciando com as lembranças dos anos anteriores. Estava analisando os títulos, organizados agora de maneira diferente, quando o Príncipe se colocou do meu lado.

— Sabe o que andam dizendo sobre o casamento? Tudo o que é meu será seu. E... — Ele retirou um livro especial de uma das fileiras e colocou em minhas mãos. — Tudo que é seu será meu.

— Onde conseguiu isso? — Analisei o livro em minhas mãos. Era uma das minhas relíquias pessoais e eu tinha certeza de tê-lo

guardado muito bem em uma das gavetas do meu novo e provisório quarto.

— Digamos que tive cúmplices no processo — Edwin respondeu e encostou o ombro na parede, cruzando os braços, satisfeito em me ver apreciando seus delicados gestos de cuidado.

— Meu pai lia todas as noites para mim quando eu era criança. — Passei os dedos pela capa já desgastada de *O Peregrino*. Lembranças felizes surgiram e eu temi me aprofundar nelas.

Devolvi a obra na estante e notei outros livros pessoais meus entre os livros do Príncipe. De repente o nosso casamento se tornou tão real, vendo-os ali, lado a lado, juntos, como deveria ser.

— Não devo pegar todo o mérito, uma vez que minha mãe quem me ajudou a ter essa ideia. Mas, venha, temos mais coisas para ver!

— Mais? — O encarei perplexa.

Edwin segurou minha mão e me levou para uma porta à direita do que era agora nossa sala e a abriu, revelando um lugar conhecido, porém aparentemente mudado. Nós entramos no que seria *nosso* quarto no dia seguinte.

— Está diferente — declarei ao perceber algumas singelas mudanças na decoração e nos móveis.

— Era um ambiente muito masculino e quero que se sinta à vontade aqui. — Edwin se afastou para abrir a porta do quarto que dava para o corredor e eu me aproximei da cama observando a sutil diferença no aposento. — Eu pedi minha mãe para me ajudar com a decoração, mas ela me aconselhou a deixar isso a cargo da minha esposa.

— Eu gosto assim como é — respondi, sendo sincera. Olhei para a cama e mordi o interior da boca, temendo outro ataque de timidez aguda.

— Também estou preocupado de você não gostar do colchão. Sempre apreciei camas muito macias, Esra mesmo me critica por isso. — Ele se posicionou do meu lado transparecendo uma leve apreensão.

— Ah, esses problemas que surgem com o casamento! — brinquei e me aproximei mais da cama. — Teremos que testar. —

Com as mãos confirmei que o colchão era mesmo macio e lembrei de quando estive ali, doente. — Não se preocupe, não vou tirar de você o prazer de dormir na sua cama.

Edwin estava um pouco perdido quanto ao que falar e como agir. Claro, aquela situação era novidade para nós dois, conhecermos o aposento que dividiríamos juntos a partir de então. Era diferente de um casal prestes a se casar, alugando ou mobiliando uma casa e deixando-a habitável para começar a sua nova vida, mas ainda assim era igual, porque ali seria nosso refúgio, como um lar costuma ser. E com aquela atitude ele deixou claro que estava pensando em mim, preocupado com meu conforto e bem-estar.

Ele me levou até o banheiro grande e luxuoso. Depois me mostrou o closet, onde ternos, camisas, sapatos, gravatas e outros objetos pessoais dele estavam muito bem-organizados. Era estranho, eu precisava admitir, saber que eu não cuidaria das roupas do meu marido como mamãe fazia com as de meu pai. Aliás, muitas coisas seriam diferentes.

— Aqui é a porta de ligação para os aposentos da Princesa — Edwin disse e abriu a porta que separava e unia os dois quartos. — Venha, quero mostrar a você.

Eu estava curiosa para conhecer o quarto adjacente. Eu já tinha ciência da existência dele, mas não tinha muita ideia de como eram os aposentos reais femininos. A porta nos levava diretamente ao dormitório, ficando próxima ao meu closet e bem de frente para uma enorme cama de dossel ao centro do cômodo. O quarto era grande, porém, menor que os aposentos do Príncipe. Já lá dentro, a primeira coisa que estranhei foi a decoração minimalista. Diferente do quarto onde eu estava acomodada, não encontrei quadros na parede, nem vasos de flores espalhado sobre as mobílias. Havia, poucos móveis, aliás, apenas duas poltronas creme posicionadas ao lado da cama.

— Eu pedi Samovier para torná-lo habitável, porém, também quero deixar para você a tarefa de decorar a seu gosto. Tudo aqui pode ser substituído, caso algo não seja do seu agrado.

Eu entreguei a ele um sorriso de gratidão.

Se o quarto era menor que o do Príncipe, o meu closet era muito maior. Dentro dele já se encontravam muitas roupas, sapatos e acessórios espalhados pelas prateleiras e araras.

— Rachel tem se mostrado muito eficiente — Edwin informou, vendo meu espanto. — Ela me informou que organizou o básico, até você se acostumar com a ideia das escolhas de suas roupas.

Básico? Ali tinha muito mais do que o básico. Abri uma das gavetas, mas logo a fechei ao me dar conta de que se tratava de roupas íntimas. Dei mais uma volta e achei melhor retornar para o lado de Edwin.

— Não quer experimentar essa cama? — ele sugeriu brincando.

Eu ri com a ideia que passou pela minha cabeça. E sem pensar se deveria ou não seguir adiante, já estava correndo e me jogando em cima do colchão macio, sem nenhuma classe. Ajeitei-me entre os travesseiros e cruzei as pernas e braços.

— Muito confortável. Aprovado, senhor.

O Príncipe adiantou-se e se sentou na beirada da cama. Percebi que ele estava com dificuldades para dizer algo, me surpreendendo. Edwin era sempre tão eloquente. O olhar estava perdido em algum ponto à frente e quando ele suspirou resolvi auxiliá-lo.

— Algum problema? — perguntei e me movi pelo colchão até o lado dele.

— Não, não, problema nenhum. — Ele ergueu as costas, porém, voltou a fixar os olhos num ponto à frente, longe do meu rosto.

Coloquei as pernas para fora da cama e esperei em silêncio até ele resolver falar.

— O quarto da Princesa é útil para manter sua privacidade. É uma tradição antiga e necessária a meu ver. Você tem suas ajudantes e precisa de um espaço para se arrumar...

— Claro, seria estranho ter Milena e Rachel entrando e saindo do seu quarto, estando você lá — eu o cortei, brincando, para tentar aplacar um pouco a tensão presente. E funcionou, porque ele riu e relaxou um pouco as costas.

— Então, você precisa desse espaço. — Edwin fez uma pausa, olhou para mim, depois para os pés e limpou a garganta. — Minha mãe disse que o quarto dela é de grande utilidade, porém, ela nunca dormiu uma noite sequer nele. Nem mesmo após algum desentendimento entre ela e meu pai.

— Você está preocupado de eu querer dormir aqui, Edwin? — perguntei. Ele estava apreensivo, mas eu não consegui me controlar, a risada surgiu espontânea. Eu achei muito fofinho ele estar perturbado com isso. — Olha, meu Príncipe, eu nunca, *nunca* sonhei em ser uma princesa.

Ele virou o rosto em minha direção e me encarou, as sobrancelhas elevadas.

— Nunca sonhei em me casar com o Príncipe, mas uma coisa eu sempre sonhei, que é acordar todos os dias ao lado do homem a quem eu escolhesse me unir para sempre. Na verdade, nem tinha passado na minha cabeça a possibilidade de dormir separado antes de vir morar aqui em Kent e ouvir sobre a existência desse quarto extra. Para mim, sempre lidei com a existência de apenas um quarto, o do casal. Isso é mais uma das coisas estranhas da realeza que eu preciso aceitar como normal.

Edwin coçou a cabeça e sorriu.

— Eu não queria que você achasse... Bem, a ideia do quarto não era afastá-la, foi pensando em suas necessidades.

— Eu sei e não se preocupe. De verdade. Não com isso. Aqui será como um escritório, uma sala pessoal, algo assim. — Movi minhas mãos tentando explicar o que ele representava para mim.

Edwin passou a mão por trás das minhas costas, me abraçou e beijou minha testa.

— Você é preciosa. — Ele se levantou e esfregou uma mão na outra. — Amanhã é o grande dia! Está nervosa?

— Claro que sim!

— Eu também — confessou e riu. — Eu tive problemas para dormir essa noite.

Me aproximei e nós unimos as nossas mãos, ficando frente a frente.

— Já te disseram o quanto você é um homem incrível?

— Algumas vezes — ele respondeu em tom brincalhão.

— Bem, eu não sei se eu já disse isso, mas você é incrível. Obrigada, de verdade, por tudo. Você consegue fazer tudo parecer bem mais simples do que é e eu amo isso em você.

— Hum. Você me ama, é? — ele questionou, fazendo charme.

— Muito.

— Suficiente para me aturar pelo resto da sua vida? Porque agora eu já lhe mostrei os aposentos reais, não posso substituí-la por outra.

— E meus livros já estão com os seus, não podemos separá-los, seria uma maldade sem tamanho. — Levei o dedo indicador até a testa e ponderei um pouco, dando um passo para frente. — Você disse mesmo algo sobre o que é seu ser meu?

— Tudo será seu, mas só amanhã, futura senhora Hawis.

Edwin puxou minha mão e me envolveu em um abraço e eu fiz o mesmo, aceitando a demonstração de afeto.

— Amanhã nós seremos para sempre um do outro, uma só carne, como o Senhor diz em Sua Palavra.

De repente, pareceu que o mundo parou a nossa volta. O quarto grande tornou-se misteriosamente pequeno e aconchegante. Aquele abraço aquecia meu coração de uma maneira impensada. Ele assegurou mais uma vez sua afeição e as palavras invadiram meus ouvidos como uma melodia suave e orquestrada. O tempo estagnou-se e nada mais importava, só estar ali, nos braços do homem a quem eu amava. Ele seria meu mundo, a pessoa certa para mim, um presente do Senhor. Eu não tinha dúvidas de estar diante do homem mais especial que eu conheci.

Nos afastamos um pouco, os olhos castanhos claros dele pareciam mais vivos do que nunca e absorviam a profundidade dos meus. Apenas com aquele gesto, entregamos o quanto nós desejávamos nossa união com a mesma medida.

— Você é a mulher mais linda de todas as mulheres — declarou com a voz muito verdadeira.

Eu sorri apreciando o elogio e descansei minha cabeça em seu peito. Ele me aconchegou novamente nos braços.

— Eu te amo tanto, Edwin. É estranho, mas eu queria ficar assim, para sempre. Não tenho a mínima vontade de sair daqui.

Ele me apertou e eu compreendi que o sentimento era recíproco. Depois de alguns segundos, ele tentou se afastar, mas eu continuei o prendendo com os meus braços ao seu redor.

— Anne, precisamos ir.

— Não quero. Por favor, deixe-me aproveitar um pouco mais. Só quero ficar assim com você, Edwin — respondi sem me mover, ouvindo as batidas do coração dele conversando com o meu.

— Eu sei, mas não é prudente. — Mesmo sob meus protestos, ele segurou meus braços e gentilmente conduziu-os para longe de suas costas. — Acredite, se eu pudesse não largaria você nunca mais. Mas ainda não é a hora.

Fiz um biquinho de descontentamento e olhei mais uma vez para aquele sorriso. Apreciei a beleza de seu rosto e me peguei pensando como seria no dia seguinte, quando enfim nossos lábios...

— Além do mais, sua convidada deve estar esperando por você. — Ele olhou para o relógio depois para mim. — Posso almoçar com vocês, se minha companhia for apreciada por duas amigas que não se veem há muitos dias.

Revirei os olhos propositalmente e me virei, dando de cara com a porta do quarto fechada. Algo parecido com um alerta se acendeu no fundo da minha mente, mas antes que eu pudesse pensar nisso, Edwin se adiantou para abrir a porta e eu olhei mais uma vez para trás, ponderando que da próxima vez que eu entrasse ali provavelmente seria uma mulher casada.



Capítulo 44

Capítulo 44

Eu ainda estava me recuperando, sentada no chão do banheiro do meu novo quarto no Palácio de Hawis, quando Oliver rompeu pela porta, o rosto transparecendo preocupação. Deparar-se com a irmã no dia do próprio casamento, jogada ao chão próxima ao vaso sanitário, pálida, trêmula, com os olhos vermelhos e úmidos, não foi nem um pouco reconfortante para o estado de apreensão em que ele se encontrava.

— Foi só um pesadelo — murmurei tentando tranquilizá-lo. Fechei os olhos, a cabeça encostada na parede. — Um terrível pesadelo.

Oliver se reteve por um minuto estudando meu rosto e então avançou, sentando-se ao meu lado no chão. As mãos quentes dele alcançaram a minha gelada.

— Sonhou com eles de novo? — perguntou. Eu confirmei com a cabeça. Ele suspirou. — Compreendo.

— Mas eu estou bem, estou bem — assegurei erguendo a mão, embora as circunstâncias denunciassem o contrário. Rachel e Milena continuavam à espreita na porta, exteriorizando um misto de preocupação e pena. — Eu só preciso de um tempo e estarei pronta.

Apenas um olhar de Oliver foi suficiente para que as meninas compreendessem o recado, deixando-nos sós. Aproveitei para deitar em seu colo; sentia a falta do meu irmão e não havia outra pessoa melhor no mundo para me ajudar a passar pela obscuridade momentânea. Oliver me compreendia, sim, ele também vivenciara na pele o dissabor da perda.

— Quer me contar? — questionou.

— O mesmo sonho de sempre. O dia do acidente. — Pisquei algumas vezes, me empenhando para afastar os sentimentos ruins que vinham quando as terríveis cenas tornavam à minha mente.

Oliver não me forçou a dizer mais nada e eu era grata por isso. Na verdade, eu não desejava falar sobre minhas aflições. Era doloroso demais constatar que não se passavam apenas de sonhos ruins, mas eram reflexos da pesadosa verdade.

Fechei os olhos e as mãos do meu irmão deslizaram pelos longos fios dos meus cabelos, me confortando. Me esforcei para manter a tristeza distante, afinal, aquele deveria ser um dia de alegria e comemoração. Eu não queria, nem poderia, me entregar ao choro, mas ele era insistente, forçava meus olhos e minha garganta.

Depois de alguns minutos em silêncio, resoluta, pretendia deixar o colo acalentador de Oliver, me levantar, lavar meu rosto e prosseguir com os preparativos para o casamento, mas, ao invés disso, eu senti as palavras abrirem caminho entre meus lábios.

— Ela não estará aqui para me dizer como fiquei linda em meu vestido de noiva e ele não vai... Não vai me conduzir pela igreja e entregar minha mão a Edwin. — Então, eu chorei, copiosamente. — Oh, sinto tanto, Oli.

Senti o estômago revirar e, embora já não existisse mais nada para expelir, a náusea me deixava muito perto de vomitar outra vez.

Oliver me abraçou com força e suas palavras foram dirigidas, não a mim, mas ao Senhor.

— Senhor, oh, Deus Soberano! O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe! Pai para os órfãos, é Deus em sua santa habitação. O Senhor é bom, um refúgio em tempos de angústia, protege os que em Ti confiam. Nós

sabemos que o Senhor está conosco e estará, até à consumação dos séculos. Nós confiamos no nome do Senhor, o nosso Deus e sabemos que é melhor buscar refúgio em Ti. Oramos em busca de auxílio e não desistimos de Ti. Ainda que não compreendamos seus planos, nós cremos, pela fé temos convicção de que sua vontade é boa, agradável e perfeita. Sabemos também, Pai, que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que O amam, daqueles que são chamados segundo o seu propósito^[18].

Aos poucos, a oração verdadeira atravessou as barreiras do meu sofrimento, surtindo efeito em meu coração.

— A Tua Palavra diz que se há alguém que está sofrendo, que ore, que busque a Ti. E nós estamos aqui, Senhor, orando e buscando-O. Volta-te para nós e tem misericórdia de minha irmã, pois ela se sente só e aflita. As angústias do seu coração se multiplicaram; liberta-a dessa aflição! A alma dela se consome de tristeza; fortalece-a conforme a tua promessa. Clamamos pelo nome do Senhor: Livra-a, Senhor! O Senhor é misericordioso e justo; Tu és compassivo. Nós confiamos em Ti, pois tu, Senhor, jamais abandonas os que te buscam. Tu és nosso refúgio e fortaleza, a nossa esperança, ó Soberano Senhor, em ti está a nossa confiança desde a nossa juventude^[19].

O sofrimento, ao invés de submergir, foi se dissipando, pouquinho a pouquinho, dando espaço para a esperança.

— Deus, nossos pais não estarão aqui nesse dia tão importante e especial para nossa família, contudo, sabemos que ainda que nosso pai e nossa mãe tenham nos deixado, o Senhor nos acolhe e temos visto, no cuidado do Senhor, essa verdade sendo cumprida em nossa vida. Sabemos que o Senhor está conosco, nunca nos deixará e nunca nos abandonará. O Senhor é conosco, é nosso Deus, nos fortalece, ajuda e sustenta com Sua destra de justiça. E, mesmo sofrendo, nós daremos graças a Ti e o louvaremos em todas as circunstâncias. Olhe pela Anne, Senhor, conforte-a, ajude-a a confiar em Ti e aquietar-se diante de Sua esplendorosa graça. Nós te louvamos e agradecemos por seu imenso amor e cuidado, por ser presente em nossas vidas. Perdoe nossos pecados e nos ajude a nos alegrarmos em todas as

situações, contentando-nos em Ti. Tu és suficiente, Cristo. Em nome de Jesus, oramos.^[20]

— Amém — concordei, sentindo minhas forças renovadas. Sim, eu precisava confiar em Deus e entregar minhas aflições em Suas mãos. Ele ainda tinha o controle de tudo e faria o melhor, segundo o Seu próprio entendimento, ainda que fosse doloroso para mim. Sentei-me e suspirei. — Obrigada, Oliver. Eu precisava mesmo me lembrar disso.

Meu irmão me encarou com um sorriso confortador e, retirando do bolso um lenço, estendeu para mim. Eu aceitei e limpei meu rosto ainda úmido das muitas lágrimas derramadas.

— A vida em meio à realeza está influenciando você — eu disse tentando deixar a tensão de lado. — Você, carregando um lenço no bolso?

— Nunca sabemos quando encontraremos uma donzela indefesa precisando de auxílio de um lenço. — Oliver me fez rir, a primeira vez naquele dia. — Acho melhor você se recompor ou vai assustar seu noivo quando entrar na igreja. E se demorar mais tempo para se arrumar, vai se atrasar e ele pensará que você desistiu dele.

Mantive a mão que ainda segurava o lenço em meu colo e meus olhos foram parar nelas.

— Apesar de tudo, Edwin tem sido um presente do Senhor para mim, Oliver. Ele é uma amostra do cuidado de Deus e eu não tenho dúvidas de que esse é meu destino. Mesmo sendo tudo tão... difícil — torci o lenço nas mãos —, eu não desistiria dele.

— É muito bom saber disso. — A voz de Edwin preencheu o ambiente. Ele estava encostado no marco da porta, nos observando e sorrindo.

— Há quanto tempo está aí? — perguntei e, com auxílio de Oliver, me levantei do chão, sentindo-me ridículo por me apresentar diante dele naquele estado, justo no dia do nosso casamento. Eu deveria estar deslumbrante como uma Princesa, não?

— O suficiente. — Edwin entrou no banheiro, embora aquele fosse o último lugar adequado para uma reunião familiar e cumprimentou Oliver com um caloroso aperto de mão. — Não foi

possí velencontrá-lo ontem, mas Anne me informou que conseguiu passar a tarde com você e Melody.

— Parece que fomos poupados de enfrentar os muitos convidados do Palácio — Oliver brincou, embora fosse verdade. Quase todos os quartos estavam ocupados pela família real.

— Sim, infelizmente eu não tive essa mesma sorte. Precisei receber a todos e gastar meu tempo entretendo os hóspedes.

Nós rimos antes de um silêncio estranho se instaurar no nosso meio. Oliver se adiantou e, beijando minha testa, anunciou sua retirada.

— Creio que se a noiva não prosseguir com os compromissos de sua agenda, teremos um atraso considerável para o casamento. Então, estou me retirando. Vejo-a daqui algumas horas, minha querida, e terei o prazer de conduzi-la até Edwin, assumindo o dever de nosso pai.

— Obrigada, Oli — agradei. Ele tinha compreendido minha dor e se colocava presente diante da ausência de papai. — Amo você!

— Também te amo. Fica bem, certo?

Ele me esperou garantir que seu conforto havia surtido o efeito esperado e se retirou, deixando-me a sós com meu noivo — ainda no banheiro.

— Fui informado de que você teve um pequeno contratempo pela manhã. — Eu estava prestes a pedir para ele não exigir um relato dos meus atuais sentimentos, mas ele deu alguns passos em minha direção. — Entretanto, pelo que parece, Oliver conseguiu contornar a situação.

Afirmei com um gesto de cabeça, mas não resisti à vontade de ser consolada também pelo abraço dele. Ele me acolheu e aquele gesto foi exatamente o que faltava para me dar a força necessária para conseguir afastar de vez a dor da saudade, olhar para o presente e para o agir do Senhor em minha vida. Eu não tinha meus pais, mas, ainda que isso fosse muito difícil, eu tinha Edwin.

— Obrigada, Edwin, por me deixar fazer parte de sua vida — murmurei com a voz abafada pelo paletó dele.

— Você, Anne Davies, é uma parte *mui t*o importante da minha vida. — Edwin moveu minha cabeça para que pudesse ver seus olhos e beijou minha testa. — Agora, lave seu rosto. Estou sentindo falta de seu sorriso.

Como resposta imediata eu sorri. Nos abraçamos mais uma vez antes de eu acatar sua ordenança. A água gelada refrescou um pouco meus olhos inchados. Ele esperou eu me ajeitar diante do espelho e saí mos do banheiro juntos.

Meu quarto parecia um campo de batalha. Diversas mulheres, aflitas, aguardavam para darem iní cioao ritual de beleza da Princesa atrasada. Rachel mordeu os lábios quando me viu. Imediatamente ela passou a dar ordens para providenciarem uma bolsa gelada para abrandar as marcas do choro em meu rosto.

— Bem, creio que preciso partir, antes que me enxotem daqui. Nos veremos mais tarde. — A voz baixa de Edwin era um misto de expectativa e nervosismo. — Mas, se você precisar de mim, não hesite em me chamar.

— Eu vou ficar bem, tenho certeza. Eu estou feliz, de verdade. — Eu não mentia, apesar de tudo, eu tinha criado expectativas positivas e alegres para a cerimônia.

— Tenta aproveitar e se divertir. Eu vou esperar, ansioso, por você.

— E eu por você.

Edwin fez uma reverência, beijou minha mão e saiu. Assim que ele atravessou a porta do quarto, Rachel se apressou em me entregar uma máscara geladí ssima.

— Coloque no rosto, por favor, Anne, e venha, vamos começar!

Eu peguei a máscara de gel gelada e estava prestes a obedecer às ordens de Rachel, quando me recordei de que não havia questionado Edwin sobre a chegada de Marfim. Eu estava preocupada devido ao atraso do voo do meu padrinho e tinha pedido para o Prí ncipe se inteirar sobre o ocorrido, intervindo se fosse necessário para ele chegar a tempo. Se eu corresse, ainda encontraria Edwin no corredor e poderia ficar em paz sobre isso.

— Um minuto, Rachel, eu já volto!

Sem aguardar os protestos dela por eu atrasar ainda mais o início do meu dia de noiva, deixei a máscara em sua mão e corri para alcançá-lo. Os corredores estavam cheios de funcionários e, quando eu estava prestes a fazer a primeira curva, temi encontrar algum convidado e alarmá-lo com minha correria — além dos olhos vermelhos e inchados. Desacelerei o passo e ergui as costas. Eu ia fazer a convergência quando a voz de Milena me impediu de continuar com meu intento.

— Por favor, Alteza, eu solicito uma transferência imediata após o casamento — ela praticamente suplicava. Um pouco assustada com o pedido inesperado, me aproximei da parede sem alarmar sobre a minha presença.

— Isso está fora de cogitação, Milena — Edwin falou com rigidez.

— Você não entende — ela murmurou, demonstrando certa melancolia. — A Princesa... Eu não posso continuar com isso. Ela confia em mim, tem consideração e estima.

— E é exatamente por isso, por sua lealdade, que eu não permitirei sua transferência. Você continuará a cumprir seu dever como foi acordado — Edwin respondeu um pouco sem paciência. Ouvi um suspiro antes de ele retornar a falar, com mais calma. — Admiro seu compromisso, Milena, de verdade. Isso será levado em conta nas suas referências.

— Eu me sinto uma traidora...

As palavras estavam sendo processadas pelo meu cérebro confuso. Por que Milena estaria se opondo a trabalhar comigo e porque Edwin fazia tanta questão de ela continuar? Sim, Zac mesmo havia me informado que fora o Príncipe quem escolheu com muito cuidado toda a minha equipe. Mas por qual motivo ele fazia tanta questão de manter o cargo de Milena, uma vez que ela demonstrou estar descontente? Deveria ter uma explicação, com certeza. Os dois me eram de inteira confiança, não eram? Eu, provavelmente, entendi errado a última sentença de minha assessora.

Ouvi os passos deles se afastando enquanto Edwin dizia algo inaudível. Pronta para interromper aquela “reunião” e pedir esclarecimentos, eu que acabei sendo interrompida pela chegada

de minha sogra, que acabava de fazer a curva no corredor por onde eu deveria ter seguido. Sobressaltei-me quando a vi e coleí os meus pés no chão.

— Anne, eu estava mesmo indo vê-la. — A testa dela franziu.
— Você está bem?

— Ah, sim. Quero dizer — forcei um sorriso —, ansiosa!

— Eu entendo. Você se importa se eu puder trocar algumas palavras com você antes de todas aquelas garotas se apoderarem de seus cabelos, unhas e tempo?

— Claro que não!

Margareth segurou em meus braços, voltamos para os meus aposentos. Ao adentrar, pude ver os traços de surpresa no rosto das meninas que se curvaram imediatamente. Rachel, após nos reverenciar, estendeu a máscara para mim.

— É para meu rosto — expliquei para a Rainha e me sentei na cama, colocando o objeto gelado nos olhos.

— Meninas, sei que estão aflitas para darem início a seus preciosos trabalhos, mas eu terei que adiar mais um pouco o momento. Por favor, me deem um tempo privado com minha nora.

A voz imperativa de minha sogra não deu espaço para nenhum protesto. Mantive os olhos tampados com a bolsa gelada. Quando a porta se fechou, como uma criança desprendida do castigo da mãe, deixei meus olhos livres novamente, colocando a bolsa ao meu lado na cama. A Rainha aproximou-se e se sentou ao meu lado. Com um sorriso, ela demorou um pouco para explicar as razões de estar ali, e quando o fez, desejei nunca ter retirado a máscara gelada do rosto.

— Minha querida, sua mãe, infelizmente, não está aqui nesse momento. E, bem, eu penso... Na verdade, eu acho... Na ausência dela, eu pensei que talvez... Não sou, provavelmente, a melhor pessoa para fazer isso, mas você precisa mesmo ser orientada sobre... Sobre sua noite de núpcias.

Abri a boca, um pouco chocada quando compreendi qual seria o assunto a ser abordado. Minhas faces arderam e eu não era a única constrangida naquele cômodo. A Rainha me lançava apenas olhares furtivos enquanto remexia suas mãos no colo.

— Você, eu suponho, sabe o que os casais fazem após o casamento. Os tempos, claro, são outros, mas talvez...

E então, sem dar espaço para ser interrompida, ela passou a me orientar, ora confusa e embaraçada, ora muito firme e desenvolta. Todo meu corpo se retraía de vergonha, minhas orelhas queimavam, minha face ardia, minhas mãos suavam. Porém, eu a ouvi. Claro, para ela também não estava sendo fácil, porém, cheia de determinação e amor, ela me disse tudo que, segundo ela, minha mãealaria se estivesse viva.

Quando ela terminou — e eu mal conseguia respirar —, me deu espaço para fazer perguntas. Não me atrevi a abrir a boca, embaraçada demais com as coisas que eu ouvi, mas, ao mesmo tempo, sentindo a afeição dela por ter se colocado naquela condição, me deixando sentir seu cuidado e consideração por mim.

— Não — foi minha resposta direta quando ela questionou se tinha ficado alguma dúvida.

— Excelente — ela disse e se levantou juntando as mãos, numa postura de dever cumprido. Também evitava me olhar, não sei se com medo de me inibir ainda mais, ou por também estar se sentindo da mesma maneira que eu. — Creio que você e Edwin serão muito felizes juntos, está claro pela maneira como vocês se relacionam.

— A graça do Senhor nos sustentará — respondi e me levantei também, sem saber como eu deveria agir depois de toda aquela exposição.

— Então vou chamar sua equipe, ou elas ficarão furiosas comigo. — Ela sorriu e me olhou com ternura. — Eu também preciso começar a me preparar para a cerimônia.

Eu assenti e ela me olhou mais uma vez, com um sorriso aumentando em seus lábios. Ainda um pouco sem graça, ela se despediu e se dirigiu até a porta. Nos segundos em que a vi se afastar, eu reagi. Embora tudo aquilo fosse constrangedor demais, o que Margareth fez por mim, com certeza, era algo digno de reconhecimento.

— Margareth! — eu chamei em voz alta. Ela se deteve e se virou curiosa. Senti o rubor tomar a minha face novamente, mas busquei toda coragem possível para prosseguir com minha

intenção. — Muito obrigada mesmo. Vou me lembrar disso para sempre.

— Eu fiz o que faria por uma filha, Anne. E é como a considero a partir de agora. Teremos ainda bastante tempo para estreitar nosso relacionamento, contudo, de minha parte, você tem a garantia de possuir minha afeição e admiração.

— Obrigada.

Ela fez uma pequena mesura e se retirou. Me joguei na cama, suspirei, coloquei a máscara no rosto e, evitando a todo custo pensar nas coisas que ela havia dito, fiz uma rápida oração de agradecimento. Mesmo sem meus pais, o Senhor zelava por mim. Eu não entendia o porquê e às vezes era difícil, mas eu rendi graças a Ele por cuidar de mim em todos os detalhes.

E quando as meninas demoraram alguns minutos para retornar ao quarto, imaginei que deveria ser obra da Rainha, dando espaço para me recompor, antes de precisar encarar tantos rostos. Entretanto, quando elas retornaram — e Melody estava junto —, eu comecei a curtir o dia tão esperado do meu casamento.

Em poucas horas eu seria uma Hawis.

E, mais uma vez, ao baterem na porta para me entregar um bilhete a pedido do Príncipe, eu agradei ao Senhor por mandar as Palavras necessárias no momento correto, mesmo quando eu não as esperava.

Amada noiva,
"Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou
o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a
minha mão direita vitoriosa." Isaías 41:10
Confie, meu amor, o Senhor é com você. E eu estarei no quarto
ao lado orando por nós. Eu te amo.

*Para sempre seu,
Edwin.*

Amada noiva,
"Por i sso não t ema, poi sest ou com você; não t enha medo,
poi ssou o seu Deus. Eu o fort al ecer e i o aj udar e i eu o segur ar e i
com a mi nha mão di rei t a vi t ori osa." I s 41:10
Conf i e, meu amor, o Senhor é com você. E eu est ar è no
quart o ao l ado or ando por nós. Eu t e amo. Para sempre seu, Ed



Capítulo 45

Capítulo 45

Havia apenas uma porta. Grande, de madeira, trabalhada à mão, com o conhecido símbolo de cordeiro cravado bem ao centro. Aquela porta me separava de um futuro ainda enigmático, mas desejado. Uma pesada porta de madeira que dava acesso para o interior da Catedral de Hawis.

— Alteza, está na hora. A entrada será em menos de um minuto — um assessor informou.

— Obrigada — murmurei no instinto.

Inspirei e expirei o ar profundamente, consciente do ritmo descompensado do meu coração. Eu tremia das pernas à cabeça. Minha boca estava seca, uma mão apertava com força o ramo de lírios, tradicionalmente escolhido para o momento, a outra se prendia firmemente ao braço de meu irmão.

Inspecionei a barra do vestido, conferindo se ela já estava seca. Desastrada como só eu era, tinha conseguido a façanha de derramar o vidro de perfume no chão respingando o líquido na barra, afetando o tecido e obrigando Rachel e as meninas a fazerem uma lavagem improvisada. Mas, no final, tudo havia dado certo e nada mais parecia afetar a beleza do meu traje.

O meu vestido possui aum corpete rendado que adornava o decote em forma de coração e se estendia até as mangas, permitindo que os desenhos da renda dessem a forma da bainha, constituindo um toque elegante e minimalista à peça. Da cintura alta marcada se desdobrava uma saia levemente rodada que fora preparada com um tecido fino e transparente, acompanhado de um forro branco. A cauda se estendia a poucos metros com um bordado de renda costurado a mão por toda sua extensão.

Meus cabelos estavam presos, mas deixando alguns fios ondulados soltos, caindo pelas costas. Na cabeça, a tiara de diamantes que pertenceu à rainha Elizabeth, avó de Edwin, havia sido emprestada para a ocasião. Um curto véu prendia-se à parte inferior da tiara. Os saltos altos eram confortáveis, de cor creme. Minha maquiagem neutra e natural, apenas ajudava a suavizar as linhas de expressão, destacando os meus lábios rosados. Eu usava um par de óculos novo e discreto, escolhido para combinar com o vestido, já que outra tentativa de adaptação com lentes de contato havia falhado. Mas eu não me importei, já que os usava há tantos anos e eles quase faziam parte do meu rosto.

— Anne — Oliver me chamou, sorridente. — Você está linda e encantadora. Mamãe e papai ficariam orgulhosos de vê-la iniciando essa jornada tão importante. Eles a amavam muito e eu também a amo.

— Ah, Oli! — exclamei, apertando meus lábios com força. — Por favor, não me faça chorar, não antes de entrar na Igreja. Eu sinto muito a falta deles, mais do que poderia imaginar. Mas hoje eu escolhi dar graças ao Senhor pelo tempo que tivemos com eles e não me deixar abater pelo que fomos privados de viver juntos. Papai não me guiará por esse caminho, mas ele me guiou no Caminho, e isso interessa muito mais. Mamãe não está aqui, mas sei o quanto ela orou por esse momento e por Edwin, antes mesmo de saber quem seria meu marido. Quero me lembrar disso e entender que eles estão presentes aqui hoje, ao menos nas minhas lembranças e nos ensinamentos deixados em nossa vida.

Oliver se inclinou e deixou um beijo na minha bochecha.

— Você é incrível. Creio que será difícil escolher uma mulher para casar, pois serei exigente demais tendo você como exemplo e

referência.

— Eu disse que não queria chorar, Oliver — reclamei, com os olhos já ameaçando abrir as comportas lacrimais.

Nós fomos avisados da entrada iminente e eu tratei de estampar um sorriso no rosto. Apesar da insegurança e da ansiedade, eu me sentia muito feliz. Estava prestes a me unir para sempre a Edwin. Para sempre, como ele deixara claro, momentos antes de partir para a Igreja.

Eu já estava praticamente pronta, faltando apenas colocar o vestido, quando Edwin entrou no meu quarto, na companhia de seu assessor pessoal. Sobressaltada com sua presença inesperada e pelo fato de ainda estar vestindo um robe por cima da roupa, sem compreender suas motivações, demorei a perceber que havíamos sido deixados a sós, exceto pela presença de Henri que ficou numa das extremidades do cômodo enquanto meu noivo se ajoelhou diante da poltrona onde eu me encontrava.

Edwin segurou minha mão e sorriu. Quando questionei, abalada, o porquê dele estar ali, ele esclareceu que era necessário afirmar seus votos. Com um olhar afetuosos fez promessas pessoais, solidificando a aliança próxima de se estabelecer perpetuamente entre nós.

— Temos um protocolo a seguir diante do reverendo e dos nossos convidados e, embora os votos trocados na cerimônia sejam de extrema importância ante a aliança do matrimônio, eu desejo acrescentar algumas coisas a mais, minha querida.

Então ele expressou com palavras sinceras e apaixonantes vindas diretamente do seu íntimo o quanto se esforçaria para me amar como Cristo amou a igreja. Revelou como orava a Deus para ajudá-lo a estar sempre disposto a sacrificar sua vida por amor a nossa família, e o que buscava, de todo o seu coração, ser um homem como a Bíblia instrui. Adicionou a isso sua promessa de tentar deixar, na medida do possível, tudo mais simples para mim, me auxiliando também no processo da minha adaptação. Àquela altura, minha maquiagem estava sendo ameaçada pela chegada das lágrimas. Mesmo tendo sido privada da oportunidade de me planejar devido à surpresa, eu também fiz meus votos pessoais. Afirmei minha palavra de entregar minha vida aos cuidados dele e

de me dedicar a ser uma eficiente auxiliadora, buscando no Senhor ser uma mulher sábia e virtuosa, mesmo diante de todas as minhas limitações.

Henri, a um sinal de Edwin, retirou-se do quarto e permaneceu escoltando a porta, porém, do lado de fora do cômodo. Segundo meu noivo, a presença dele era necessária para garantir, como testemunha, a legitimidade da troca dos nossos votos pessoais.

Ainda de joelhos e com as mãos unidas, Edwin orou por nós. Eu tinha certeza de que nunca havia ouvido uma oração mais verdadeira, bela e especial que aquela. E não parou por aí, ele tirou do bolso um papel e recitou diversos versículos para auxiliar nossa vida dali para frente, nos levando a refletir sobre a importância do casamento e de nossos deveres diante de Deus. Edwin conseguiu tornar tudo ainda mais especial e me proporcionou um pouco de tranquilidade diante do que estava por vir.

E ele estava ali, do outro lado da pesada porta, aguardando a entrada de sua noiva diante de ao menos seiscentos convidados.

Obrigada, Pai, at é aqui me ajudou o Senhor

O som da música tradicional para a entrada rompeu no interior da igreja segundos antes de afastarem a última barreira que me mantinha longe de meu amado. A porta se abriu e Oliver me conduziu alguns passos para dentro do magnífico e histórico salão. Ali, vários monarcas haviam se unido em matrimônio e agora o local presenciava mais um casamento, mais uma união se solidificando dentro das imensas e decoradas paredes.

Quando eu consegui, enfim, avistar Edwin ao final de um extenso corredor ladeado por bancos de madeira, preendi o ar por um instante. Não podia identificar com clareza os traços de seu rosto devido à distância entre nós e à dificuldade de enxergar graças a miopia, porém, ele estava muito elegante trajando um casaco vermelho de gala, calças pretas, e os cabelos cuidadosamente penteados, tornando-o ainda mais deslumbrante do que eu julguei ser possível.

Como de costume não havia flores ou decoração no interior da Igreja. Um corredor central guiava o caminho da noiva até seu noivo. Os bancos estavam todos ocupados por nossos convidados,

a grande maioria conhecidos e familiares da família real e pessoas importantes do Reino. Além dos seiscentos presentes dentro da Catedral, havia ainda, na parte externa da propriedade, cerca de mil pessoas acompanhando de perto, através dos telões, todos os momentos do casamento. Dentre esses, foram selecionados entre plebeus de várias idades e cidades, alguns membros de associações beneficentes e funcionários dos palácios de Hawis e Kent. Muitos dos meus conhecidos estavam trabalhando diretamente no casamento, como os agentes de segurança, e outros aproveitavam a oportunidade de acompanhar o casamento nos jardins da igreja.

Entretanto, os convidados que mais importavam para mim estavam lá, ocupando seus lugares reservados nas primeiras cadeiras do lado direito. Marfim chegara a tempo e expressava seu contentamento com um sorriso único, contemplando-me durante a entrada; Melody escondia o rosto em um lenço para não expor suas emoções abertamente; Samovier estava muito elegante em um vestido confeccionado por Rachel, que estava emocionada ao seu lado, segurando a mão da senhora; Zac estava a serviço, de guarda do lado esquerdo do salão, porém, não escondia sua satisfação e alegria, acompanhando tudo enquanto cumpria seu dever.

E Milena, bem, eu não tinha tido a oportunidade de conversar a sós com ela desde aquela discussão estranha com Edwin, cuja explicação eu ainda não havia obtido, porém, embora ela estivesse a serviço pronta para me auxiliar com os protocolos, eu a vi de relance junto com outros assessores perto da entrada da sala de reuniões, assistindo o enlace com sua postura profissional.

Oliver continuou a me levar em direção ao meu noivo. Já tínhamos alcançado o início do corredor. Espiei discretamente a nossa volta e vi alguns rostos desconhecidos, outros famosos, pessoas emocionadas e demonstrando admiração por mim e pela minha aparência.

Não demorou muito para que a presença e o olhar do meu amado me atraíssem para si. E uma vez meus olhos postos nele, eu não consegui me interessar por mais nada. Nós sorrimos um para o outro e, a cada passo dado em direção a Edwin, eu conseguia enxergar com mais clareza a emoção refletida em seu semblante.

Os olhos estavam brilhantes e eu diria também úmidos. Ele estava ansioso, havia me confidenciado quando me visitou no quarto, porém, tinha muito mais do que apenas ansiedade evidenciada em seus modos

Edwin realmente me amava

Por um instante, eu me desprendi do universo ao nosso redor; sentia como se existisse apenas eu e ele ali. Edwin me esperando e eu correspondendo ao seu desejo, me aproximando a cada passo. A música me envolvia, ajudando a manter essa sensação só nossa e nem mesmo os flashes de dezenas de câmeras ao redor conseguiram dissipar minha conexão com ele.

Nada mais importava, somente nós, em breve perpetuamente unidos, até a morte

Edwin adiantou alguns passos para me encontrar no lugar demarcado, em frente ao final do corredor. Eu e Oliver fizemos uma reverência ao Príncipe e respirei aliviada por ter — após muito treino — conseguido me reclinar de maneira apropriada e elegante, não estragando meu próprio casamento com minha total falta de modos. Meu irmão, após cumprimentar o Príncipe com um aperto de mão caloroso, entregou minha mão a ele, que deixou um beijo cordial em meus dedos.

— Você está lindíssima — ele murmurou baixinho com um sorriso emocionado. — Sou o homem mais sortudo dessa terra.

— Você também está maravilhoso — repliquei, também baixinho, ainda envolvida em nosso mundo particular.

Edwin apoiou minha mão em seu braço e nós fizemos uma reverência, juntos, para os Rei e o Príncipe herdeiro, antes de subirmos três degraus e nos posicionamos de frente ao Reverendo. A música cessou e, diante de um silêncio crucial, o pastor conduziu todos os presentes a uma oração. Logo após, deram início a três hinos, cantados pelo coral organizado e regido por um primo de Edwin. A iniciativa do rapaz era social e nobre, segundo Edwin havia revelado quando estávamos decidindo quem conduziria o momento, sendo um ponto crucial para tomarmos nossa decisão.

Depois das músicas, mais uma vez me desconectei de tudo. Parecia estar em um mundo paralelo onde minhas emoções reinavam e me mantinham afastada da realidade ao meu redor,

enquanto tudo o que vivi com Edwin até ali preenchiam minha mente com lembranças agradáveis, aquecendo meu coração. A palavra do pastor deu espaço para um borrão em meu cérebro. Apenas cenas e palavras soltas, foi tudo o que restou em minha memória sobre o restante da cerimônia até a ocasião dos votos

Esra, que até então era só sorrisos acompanhando o casamento ao lado dos pais, foi quem resguardou a caixa com as alianças, entregando-a ao pastor, não sem antes nos brindar com seu sorriso malicioso cheio de mensagens subliminares que ameaçaram me fazer corar. Certamente, com aquela atitude ele alcançaria um espaço nos noticiários devido ao seu carisma, roubando a cena por alguns minutos até mesmo no casamento do irmão.

Mas não foi o sorriso de Esra que chamou minha atenção. Edwin em nada aparentava com o Príncipe circunspecto diante do público, tampouco seu sorriso lembrava o costumeiro sorriso diplomático em aparições oficiais. Nem mesmo seus olhos foram capazes de esconder o quanto ele estava emocionado. Sim, suas covinhas apareciam a todo instante, seu olhar buscava o meu e eu me senti amada, querida e quista.

Estava claro o mútuo contentamento e amor dos noivos, e não era um teatro para conquistar a aprovação dos presentes.

O Reverendo, com a voz firme, direcionou-se a nós.

— Edwin Stephan James Clarke de Mooris Hawis, o senhor, diante de Deus e de todas as testemunhas aqui presente aceita, estando de posse de sua livre e espontânea vontade, a senhorita Anne Davies, que passará a adotar seu sobrenome honrando a família na qual está sendo incluída, como sua legítima esposa, recebendo-a e cumprindo os votos a serem proferidos? De mesmo modo, a senhorita, Anne Davies, aceita Edwin Stephan James Clarke de Mooris Hawis, estando de posse de sua livre e espontânea vontade, como seu legítimo esposo, assumindo cumprir os votos aqui proferidos?

Ambos respondemos sim, minha voz um pouco falha.

O pastor entregou, primeiramente, a minha aliança para Edwin, instruindo-nos a ficar de frente um para o outro. Percebi o tremor de minhas mãos quando estendi a esquerda em direção a

ele. O Príncipe a segurou, segurando-a entre seus dedos. Ele sorriu. Nossa conexão já estava estabelecida e os olhos conversavam entre si, trocando juras de amor e companheirismo, ele me dando a segurança necessária e garantindo-me estar para sempre ao meu lado, sem precisar usar uma só palavra para isso.

— Vocês devem repetir os votos agora — o Reverendo nos instruiu, afastado do microfone. Sua voz era gentil e até nisso eu consegui enxergar o cuidado do Senhor.

Eu e Edwin assentimos e, ainda sustentando minha mão, ele posicionou a aliança na ponta do meu dedo anelar. De repente, sua feição se transformou. Ele estava agora sério, pronto para reafirmar os votos de casamento já feitos em meu quarto, agora, diante de toda a nação

— Eu, Edwin Stephan James Clarke de Mooris Hawis, recebo-te, Anne Davies, para ser minha esposa fiel, para ter e manter, deste dia em diante, para melhor, para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, nos dias calmos e nos turbulentos, para amar, cuidar e respeitar, até que a morte nos separe, me comprometendo diante de Deus, do Rei, das nossas famílias e das testemunhas aqui presente.

O anel deslizou em meu dedo e ele beijou minha mão. Recebi a aliança dele e, da mesma maneira, me preparei para fazer meus votos.

— Eu, Anne Davies, recebo-te, Edwin Stephan James Clarke de Mooris Hawis, para ser meu esposo fiel, para ter e manter, deste dia em diante, para melhor, para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, nos dias calmos e nos turbulentos, para amar, cuidar, respeitar e submeter, até que a morte nos separe, me comprometendo diante de Deus, do Rei, das nossas famílias e das testemunhas aqui presentes

Deslizei o anel e beijei a mão do meu noivo, sentindo o momento cada vez mais próximo, intensificando as minhas emoções. Em breve o veredicto final seria dado e eu seria a mulher de Edwin e Princesa de Cibeles.

Oliver, assumindo o lugar de meu pai, caminhou até nós, levando consigo um painel de madeira, cujas cordas que seriam utilizadas para executarmos o costume presente em todos os

casamentos de Cibele tinham as pontas devidamente unidas e presas no objeto. O reverendo ficou ao lado do meu irmão e discursou a aplicação.

— Salomão, em Eclesiastes 4, mostra, através de muitos exemplos, que não é bom que o homem esteja só, ele determina, por isso, recomendar-nos tanto o casamento quanto a amizade. Ele exemplifica a importância de dois andarem juntos. Se o homem, por exemplo, cair em pecado, sua esposa ajudará a recuperá-lo com espírito de mansidão; se ela se envolver em problemas, seu esposo ajudará a confortá-la e a aliviar seu sofrimento. Uma boa sociedade exercita afetos virtuosos e graciosos, e os cristãos se aquecem um ao outro, estimulando uns aos outros à caridade e às boas obras. Ele conclui com este provérbio: O cordão de três dobras não se quebra tão depressa. Ele compara duas pessoas juntas com um cordão de três dobras; pois onde dois estão muito próximos no amor santo e companheirismo, Cristo, por meio do seu Espírito, virá a eles, e será a terceira dobra, da mesma forma que Ele se juntou aos dois discípulos que estavam indo para Emaús, e então haverá um cordão de três dobras que jamais poderá ser quebrado. Aqueles que habitam no amor, habitam em Deus, e Deus neles.^[21]

O pastor tocou a mão de Oliver avisando que estava na hora e nos orientou a começar a fazer a trança com as cordas.

— Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne.^[22]

Lentamente e com firmeza trançamos nosso cordão de três dobras. Era nosso primeiro ato em conjunto, em prol de nosso casamento. Unidos, nossas mãos se entrelaçaram, apertando cada nó, enquanto nos mantínhamos em oração, clamando a Deus por nos dar a graça necessária para nossa vida a dois, sendo presente em nosso casamento e família. Finalizamos com um nó final e Oliver levou o objeto, que encontraria, logo mais, um espaço de destaque na parede de nosso quarto, para sempre nos recordarmos de que o Senhor era conosco, em todo o tempo.

Com um sorriso afetuoso, o Reverendo nos orientou a assinar os papéis do casamento. Tremendo, deixei meu nome completo no espaço destinado à noiva, já com o acréscimo do

sobrenome Hawis. Edwin fez o mesmo e segurando minha mão, retornamos para o lugar anterior, aguardando as testemunhas e os nossos soberanos firmarem o documento.

Estava feito.

O pastor convidou todos os presentes, de pé, a orarem por nós. Fechei os meus olhos e senti minha boca seca. Meu coração parecia pronto a explodir. Eu estava me tornando uma nova mulher, agora a esposa de Edwin.

Quando a oração terminou, o Reverendo, por fim proclamou

— Eu vos declaro, marido e mulher, portanto, o que Deus uniu, não separe o homem. O senhor pode beijar sua esposa.



Capítulo 46

Capítulo 46

O lado direito dos lábios de Edwin se curvou discretamente, de maneira quase imperceptível. Contudo, meu olhar estava detido em seu rosto quando o Reverendo declarou nossa união, por conseguinte eu percebi aquele pequeno movimento de contentamento dedicado somente a mim.

Foram apenas segundos, suficientes para paralisar todo o meu corpo. Senti a musculatura das pernas rígidas, meu coração disparou e as borboletas levantaram voos em minha barriga. Tudo isso me obrigou a fechar os olhos e sorver o ar ofegante enquanto Edwin, *meu marido* inclinava em minha direção.

Foi rápido, muito rápido. Os lábios dele se uniram aos meus, gentilmente, pressionando-os por alguns instantes antes de ele se afastar. Abri os olhos a tempo de visualizar seu sorriso carinhoso, ainda muito próximo.

— Amo você — ele declarou baixinho para em seguida beijar minha mão de maneira respeitosa. Emocionada, afirmei que sentia o mesmo.

Nós havíamos, finalmente, dado nosso primeiro beijo. O primeiro de toda a nossa vida e também o primeiro como casal. Todos os anos aguardando, esperando em Deus e, afinal, eu pude

provar da fidelidade do Senhor que auxilia aqueles que Nele esperam, renovando sua graça dia após dia, sustentando nos dias sombrios, mesmo quando não compreendemos seus propósitos.

Por um breve momento, as dúvidas e anseios sobre minha vida amorosa durante meus vinte e quatro anos de vida invadiram minha memória. O temor de nunca encontrar um homem piedoso que me amasse tanto quanto eu o amasse ou de escolher erroneamente, deixando-me levar apenas pela paixão e meu coração corrupto; a ansiedade pela espera, a dúvida surgindo quando via conhecidas se casando e eu ainda solteira, sem nenhum sinal de compromisso à vista; o medo de viver para sempre só, aumentando quando eu imaginava Oliver constituindo sua família e me abandonando; o tempo longe de Edwin, a dor de enfim ter encontrado um homem cujo caráter correspondia às minhas expectativas e precisar me afastar bruscamente, sabendo ser o certo a se fazer naquele momento

Tudo se dissipou com aquele beijo. O beijo do meu marido.

Sim, o Senhor tinha Seus planos e sua maneira de nos direcionar à Sua vontade

E eu tinha Edwin para sempre a partir de então.

— Prosseguiremos agora com a entrega do presente do Rei — o Reverendo avisou e só então eu me dei conta das centenas de pessoas presenciando aquele nosso momento íntimo.

Senti um calor subindo e se espalhando pelo meu rosto. Passei a respirar fundo para tentar me acalmar.

O Rei se moveu e parou à nossa frente. Discursou brevemente, com sábias palavras, a respeito da história de nossa nação e da monarquia. Ele ressaltou sobre os deveres dos Príncipes e a responsabilidade que suas esposas recebiam ao aceitar serem suas auxiliaadoras, e arrancou vários suspiros mencionando, de maneira carinhosa, o êxito de sua Rainha, revelando-se uma companheira amável, inteligente e competente ao cumprir seu papel.

Após as palavras diplomáticas do rei, ele caminhou até a minha frente.

— Anne Davies Hawis, através da união matrimonial com um legítimo descendente de sangue real, Príncipe Edwin, meu filho, eu

a recebo em nossa família como minha filha, e oficializo que todos devem se referir a você como Sua Alteza Real, Princesa Anne Hawis.

Um assistente do Rei levou uma caixa que acomodava a nova tiara, presente dos pais de Edwin para mim. O monarca fez um gesto que simbolizava a entrega do presente para Edwin, que abriu a caixa, revelando o conteúdo diante de meus olhos. Meu queixo quase caiu, surpreendida com a beleza da joia dourada. Ela foi desenhada em harmonia com a coroa de Edwin, havia uma pedra roxa cravada no meio; ao lado, pequenas pedras de diamante. Com um sorriso afetuoso, Edwin não tirou os olhos do meu rosto, apreciando minha reação. Eu sabia que havia sido ele quem, junto com o joalheiro real, havia projetado a tiara.

Meu marido fechou a caixa e entregou de volta ao assessor, que a levou em segurança. O Rei nos parabenizou e devolveu a palavra para o Reverendo, que orou finalizando a cerimônia.

Aplausos calorosos ressoaram pelo salão e aos sons de “Vida longa ao Príncipe Edwin e a Princesa Anne”, nos preparamos para as fotos oficiais. Depois de muitos cliques com os governantes e nossa família, incluindo meu irmão, meu rosto estava dolorido de tanto sorrir e poderíamos, enfim, deixar a igreja de mãos dadas para iniciar as comemorações do casamento. O Rei, a Rainha, o herdeiro do trono e sua esposa saíram primeiro, e nós dois fomos logo atrás, prosseguidos por Esra e Oliver.

Todo o protocolo foi seguido à risca e, pela graça divina, eu não tinha cometido nenhuma gafe.

— Você está formidável, minha princesa — Edwin sussurrou enquanto andávamos para a saída a passos lentos.

— Ainda estou em choque — eu disse sem ter certeza de estar em dia com minhas faculdades mentais. — Não consigo assimilar.

Ele desviou o olhar para meu rosto e tentou não ser tão expressivo.

— De que é minha esposa ou uma princesa?

— Os dois — respondi e sorri, evitando morder os lábios.

Nós alcançamos a entrada da Igreja. Sem eu esperar, Edwin me puxou pela cintura e, reclinando a cabeça, aproximou-se,

encostando o nariz dele no meu.

— É tradição e os fotógrafos esperam por esse momento — ele explicou e encaixou nossos lábios

Edwin se afastou e, quando nos encaramos, ele pôde ver meu rosto rubro, e eu, o seu sorriso intenso, destacando as lindas e apaixonantes linhas ao redor dos olhos. Ele me beijou mais uma vez antes de se afastar e acenar para a multidão que nos assistia do lado de fora da Capela.

Ainda me sentindo meio nas nuvens, desci os degraus de mãos dadas ao meu marido, dando atenção às pessoas ao redor que acenavam e gritavam palavras carinhosas. Caminhamos até a carruagem que nos esperava, rodeada de guardas e seguranças. Edwin me auxiliou a subir e se juntou a mim, sentando-se ao meu lado. Era tudo emocionante demais, intenso demais. Ver as pessoas vibrando, a alegria contagiante. Eu não conseguia acreditar que fazia parte de tudo aquilo, e uma parte muito importante

O cocheiro atçou os cavalos que iniciaram a marcha, puxando a carruagem aberta pelas ruas da Catedral antes de alcançarem os portões fortemente guardados. De lá seguimos pelas ruas de acesso da Igreja até o Palácio. Edwin alcançou minha mão com destreza e ao invés de dedicar sua atenção às pessoas, ele me encarou. Era a primeira vez que ficávamos sozinhos — ao menos sem ninguém perto suficiente para nos ouvir — desde quando trocamos nossos votos.

— Você está feliz? — ele questionou. — De alguma maneira você apreciou seu suntuoso casamento, senhora Hawis?

Respirei fundo, absorvida pela intensidade do olhar dele.

— Foi melhor do que eu imaginava. A cerimônia, mesmo sendo diferente do que um dia eu sonhei, foi linda. Eu estou feliz, de verdade.

— Quero fazer você feliz todos os nossos dias, minha esposa — Edwin declarou e eu se aproximou, provavelmente esperando ganhar mais um beijo.

Contudo, ele não prosseguiu com seus intentos. Havia anos atravessado os portões e ouvia-se o grito da multidão. O Príncipe beijou minha mão e passou a acenar para os súditos e eu fiz o mesmo, como tinha sido instruída. A atmosfera da rua não estava

nem um pouco diferente da dos jardins da Catedral. Cores e símbolos da nação preencheram cada canto da cidade e, segundo relatos, todo o país exalava o seu patriotismo. Espalhados pelas ruas, os espectadores da procissão dos noivos capricharam nos trajes, como se a festa do casamento se estendesse muito além dos muros do Palácio. Contando com a aprovação de grande parte da nação, nosso matrimônio era comemorado pelos cidadãos cibelianos como se fizéssemos parte da família próxima de cada um. Como não me sentir tocada com tanto carinho vindo de pessoas desconhecidas? Como não me emocionar com toda a união de um povo?

Depois de quase quinze minutos de caloroso acolhimento, atravessamos os muros do Palácio. O salão principal seria o palco de uma recepção para cerca de duzentos convidados numa festa mais íntima. Mas antes, mais uma aparição oficial era aguardada por, principalmente, jornalistas credenciados. Câmeras de TV e máquinas fotográficas estavam posicionadas no jardim do Palácio de Hawis, logo abaixo do Balcão Régio, uma espécie de varanda cuja vista dava para a entrada secundária, a mais próxima do prédio. Do lado de fora, centenas de pessoas se espremiavam pelas grades, na esperança de conseguir assistir à apresentação dos noivos.

Edwin não permitiu que ninguém me auxiliasse a descer da carruagem, fez questão dele mesmo cumprir a tarefa. Instruindo-me a ser cuidadosa com o degrau, segurou em minha cintura e num movimento só me desceu até o chão. Eu não tive tempo nem de pensar e ele já estava me presenteando com mais um beijo rápido nos lábios.

— Você quer me matar de vergonha, Edwin?

Agradei por ele não responder, porque, pelo olhar travesso, já supus que sairia de sua boca algo muito constrangedor. Para me poupar, ele me soltou e ofereceu o braço com toda a elegância de um Príncipe comportado.

Fui levada por Edwin até uma sala onde Milena, Rachel e duas funcionárias me aguardavam para remover a tiara emprestada, substituindo-a pela oficial, recebida na igreja. Assim que adentramos no espaço, fomos separados. Edwin se afastou e eu vi, com o canto

dos olhos, ele colocando a coroa. Rachel, irradiando alegria, me auxiliou a remover a tiara e o véu. Milena quem trouxe a caixa com a nova. O sorriso que ela me ofereceu foi tão caloroso e sincero que qualquer dúvida relacionada àquela conversa misteriosa desapareceu.

A joia antiga foi repousada em uma caixa e levada em segurança por um agente. A nova encontrou o caminho da minha cabeça. Muito dedicada, Rachel ajeitou os fios soltos dos meus cabelos, terminando o trabalho com um abraço. Milena, por sua vez, ainda sorrindo, sussurrou:

— Estamos muito orgulhosas de você, Anne.

Tentei responder, mas com o profissionalismo habitual, ela se afastou para cumprir com suas obrigações. Edwin, já pronto e deslumbrante com seu traje completo de Príncipe, voltou para o meu lado e me ofereceu o braço.

E eu achando que ele não poderia ficar ainda mais bonito

Rodeados de guardas, nós subimos as escadas de acesso ao Balcão. A família real toda já estava lá, apenas aguardando a aparição dos noivos. Quando atravessamos o arco divisório, ouvimos palmas e gritos de comemorações. Margareth adiantou-se e nos cumprimentou, desejando felicidade com um beijo no rosto de cada um.

— Bem-vinda à família, Anne, minha filha. — Ela segurou meus dois braços. — Estamos gratos ao Senhor por sua vida.

— Obrigada — respondi, alegre.

Edwin tocou em minhas costas e meu sogro, Elliot, Esra e Cloe também nos cumprimentaram a vista de todos. Depois, fomos levados até o centro e com uma oração, o Rei pediu a benção para nosso casamento e nossa família, para então dar um passo ao lado, aguardando... outro beijo.

Dessa vez eu já estava preparada, conhecia bem a tradição e me recordava perfeitamente da foto do beijo dos meus sogros no Balcão na época do casamento deles, sempre noticiado na imprensa como símbolo de amor e companheirismo. Tinha, inclusive, analisado como me posicionaria para não fazer besteira e nossa foto sair tão bonita como a deles. Edwin segurou minhas

mãos e selou nossos lábios, demorando tempo suficiente para garantir que todas as câmeras capturassem bem o momento.

Nós ficamos mais um tempo acenando até sermos liberados da função oficial. Enfim, estávamos livres para festejar na privacidade de uma comemoração onde nenhum jornalista estaria presente e apenas as pessoas queridas compartilhariam do momento. Nem mesmo os governantes foram convidados, com exceção dos tios de Edwin.

Quando saí mosdo Balcão, havia um funcionário pronto para receber a coroa do Príncipe. Ele a entregou e deteve o olhar na minha tiara.

— Você gostou?

— Ela é linda, de verdade. Me surpreendeu. Amei o fato dela ser parecida com sua coroa.

— Que bom, essa era minha intenção.

— Vocês dois, sem mais conversa! Vão se trocar para receberem seus convidados — Margareth se aproximou e não negando os sentimentos maternos, com um gesto das mãos nos apressou.

— Sim, Majestade! — Edwin se inclinou e eu, na dúvida se o gesto era sério ou se tratava de uma brincadeira, fiz o mesmo.

Era brincadeira, descobri quando Edwin riu por eu imitá-lo.

O Príncipe tocou em minhas costas e nós partimos rumo aos nossos aposentos. Entramos no elevador de mãos dadas e o ascensorista nos parabenizou, embora estivesse em dúvida se deveria dirigir a palavra aos noivos. Edwin foi muito gentil e para deixá-lo à vontade perguntou se ele tinha assistido a cerimônia e qual era o parecer dele referente ao casamento. O rapaz, sorrindo satisfeito, contou que acompanhou pelo celular e passou a tecer elogios sobre tudo.

Já no andar restrito à realeza, enquanto caminhávamos em silêncio, fui reagindo à realidade. Eu era uma mulher casada. *Uma mul hercasada!* Mal percebi quando paramos em frente à porta do quarto de Edwin — ou nosso quarto — e ele a abriu, apontando para dentro, para que eu entrasse primeiro. Ele fechou a porta atrás de nós e estávamos, pela primeira vez, sozinhos dentro do cômodo.

Não havia mais guardas ali, ou em pose de vigia na porta aberta. Éramos apenas nós dois, isolados de todo o mundo.

— Rachel está com a equipe esperando você no quarto da princesa — ele informou, apontando para a porta de acesso entre os dois aposentos. Assim como em Kent, eu havia ganhado um quarto anexo ao de Edwin, preparado especialmente para mim.

— Ah, sim — eu respondi, mas não consegui tirar o meu pé do chão.

— Você está bem, Anne? — indagou, desconfiado, e quando eu demorei a responder, se preocupou. — Aconteceu algo, meu amor?

Engoli em seco e me obriguei a sorrir.

— Estou nervosa. Eu me casei. Nem acredito que eu me casei! — Passei a andar pelo quarto, gesticulando com a mão enquanto falava sem parar. — E na frente de todo mundo, e todo *mundo* mesmo, literalmente. Vi aquelas bandeiras nos crachás dos jornalistas? Muitos paí ses, inclusive o Reino Integrado, não é? Milena me disse que eles acompanham de perto tudo relacionado à Cibele e Susan. — Sem pensar, me sentei na cama. — E os convidados? Eu vi aquela atriz famosa, a Shirley Bennet. E a duquesa com aquele chapéu estranho? Eu reparei, embora estivesse muito nervosa para rir. Bem, tinha várias pessoas excêntricas presentes, não é mesmo?

Edwin quis concordar comigo, mas eu nem dei chance para sua tentativa de entrar no assunto.

— Graças a Deus Marfim chegou a tempo e a Mel pode vir. Ela estava chorando, Samovier e Rachel também. Como me senti querida por eles! Oliver estava lindo, nunca o vi tão elegante. E nosso passeio de carruagem e todas aquelas pessoas emocionadas? É estranho, Edwin! E agora eu também sou uma princesa, isso é algo difícil de acreditar. E parece que eu não fiz nenhuma besteira, você viu? Nenhum deslize grave é algo muito grande para Anne Davies... Hawis. Uau! Não sei se vou me acostumar com esse nome assim. É o nome dos lí deresda nação! Como eu posso ter o mesmo nome? O mesmo nome de Charles, Cibele e Susan?

— Anne! — Edwin andou até mim, sorrindo. — Está tudo bem, você foi incrível.

— Eu fui, não é? — Dei um longo suspiro de alívio. — Graças a Deus, Ele me ajudou a me manter tranquila. Bem, não tão tranquila, eu estava apavorada. Eu nem queria falar nada, com medo de dizer o que não deveria. Já pensei se eu chamo você de Ed na frente de todas as câmeras do mundo? Ainda bem que eu só precisei dizer sim no juramento. — Olhei para ele, agora sentado do meu lado na cama. — Eu tive medo de errar seu nome, sabia? Imagina se ao invés de Edwin Stephan James Clarke de Mooris Hawis eu dissesse...

Então, fui calada com um beijo. Edwin me envolveu nos seus braços e eu, no instinto, o aceitei, retribuindo meio sem jeito. Aos poucos algo diferente aconteceu e fui surpreendida por um beijo íntimo. Depois de um tempo, ele se afastou, ainda segurando minha cintura. Demorei a abrir os olhos, tentando pensar com clareza nas minhas sensações.

— Então é isso? — Abri os olhos e franzi a testa. — Isso é o tal beijo que as pessoas tanto falam e não vivem sem? — questioneei, um pouco perplexa com a descoberta.

Edwin jogou a cabeça para trás e a gargalhada soou tão espontânea que eu fui obrigada a rir com ele.

— Sério, amor? É isso mesmo? — E, soando como uma divertida advertência, ele apontou o dedo indicador e o balançou no ar. — Assim você joga toda a minha masculinidade no lixo.

Eu abri a boca para responder, mas temendo falar mais besteira, fechei novamente.

— Você não gostou de beijar seu marido? Temos um grande problema por aqui então!

— Não é isso! — respondi, apressada, não querendo magoá-lo. — É só... Estranho. Diferente. Não como eu pensei. É estranho! Muito estranho!

Edwin apertou os lábios se segurando para ficar sério. Relaxei os ombros e me rendi.

— Talvez eu seja muito inexperiente, imaginava outra coisa. De outra maneira, talvez.

— Uma música romântica soando ao fundo e fogos de artifício explodindo no ar?

Revirei os olhos, muito embora talvez ele não estivesse exagerando demais na insinuação. Não fogos, mas aquela ligação explosiva e intensa do primeiro contato, a conexão perfeita, a sensação romântica e misteriosa, como se descobrisse no primeiro beijo que fomos feitos um para o outro e reações sublimes alcançassem o clímax da perfeição colorida e musical. Como eu costumava ler nos livros, não algo... estranho.

Fui enganada por toda uma vida!

— Você já me fez morrer de vergonha na frente de todo mundo, não vamos continuar isso aqui, por favor!

— Tudo bem, eu compreendo você. — Ele beijou minha mão e sorriu. — Embora eu pense bem diferente sobre isso. Foi o beijo mais incrível que eu já dei em toda a minha vida.

Revirei os olhos mais uma vez e cruzei os braços.

— Foi o seu primeiro beijo também. Você não tem outro para comparar.

— Mas isso não muda o fato de como eu me senti. Quase pude ouvir a música e ver os fogos — ele forçou a voz para parecer charmoso, mas acabou me fazendo querer rir.

— Edwin!

Levantei a mão para dar um tapinha em seu ombro, mas ele foi mais rápido, segurando-a e me puxando para perto de si.

— Teremos toda a nossa vida para treinar até você mudar de ideia.

Não preciso descrever quantos beijos mais ele me deu até se afastar e se levantar.

— Você tem que se trocar, estão nos esperando para a festa!

Um pouco atordoada eu concordei, me levantei e caminhei para a saída bem rápido. Quando eu atravessasse a porta, já dentro do meu quarto, apoiei minhas mãos na madeira, inclinei a cabeça e puxei o ar, tentando acalmar meu coração apaixonado. Só então me dei conta de que eu não estava sozinha. Virei-me e, envergonhada, ergui as costas e levantei a cabeça para observar as mulheres aguardando para me auxiliar com a troca de roupa. Todas elas

mantinham os olhares dispersos, como se não tivessem notado minha presença.

— Rachel — chamei, tentando parecer desafetada.

— Sim, Alteza.

— Eu preciso me arrumar para a festa — disse.

Como se el a não est i vesse a par do assunt o!

Ela deu uma risadinha cúmplice.

— A senhora trouxe o colar, Alteza? — ela perguntou, referindo-se ao presente que Margareth havia me dado.

— Ah! Que desatenta! — Bati a mão na testa e esqueci a postura de Princesa. — Vou pegar, está com Edwin. Só um minuto.

Dessa vez todas elas riram baixinho. Voltando ao meu estado normal, dei meia volta e abri a porta, retornando ao quarto de Edwin — ou nosso quarto.

Interrompi meus passos quando o vi de pé, do outro lado do cômodo, sem o casaco e o colete, desabotoando o punho da camisa. Ele parou e me encarou, confuso.

— O colar — revelei, gaguejando um pouco, sentindo todo o constrangimento atingir minhas bochechas e orelhas.

Por que eu não bat i na port a antes? Mas, Anne, el e é seu mari do! Ai , não! Onde eu fui me met er ?

— Amor? Anne? — Edwin me chamou e eu percebi que aquela não era a primeira vez, eu estava divagando e ele tentando me trazer para o mundo real. Ergui a cabeça, mas só consegui encarar seu queixo. — Ele está no cofre, vou pegar para você.

Assenti com a cabeça e, mesmo sem visualizar seu rosto por completo, notei um sorrisinho surgindo. Ele caminhou até o cofre, digitou uma senha, deixou sua digital, pegou a caixa de joia e caminhou até mim.

— Vamos providenciar para registrar suas digitais no cofre também, você terá acesso, pode guardar o que desejar e pegar quando quiser. — Eu ia dizer que não era preciso, claro, mas ele se adiantou. — Você é minha esposa, Anne. Tudo que é meu é seu agora.

Ele estendeu a caixa e, quando eu segurei, ele não soltou, aproximando-se mais.

— Eu te amo!

Capturada por seus olhos afetuosos, não consegui resistir a tanto carinho.

— Eu também te amo, Edwin.

E dessa vez fui eu quem dei um beijo.

Capítulo 47

Capítulo 47

“E disse: Por t ant œdei xar áo homem pai e mãe, e se uni á a sua mul her e ser ãodoi snuma só car ne. Assi mñão são mai sdoi s, mas uma só car ne. Por t ant,œœ que Deus aj unt ouñão o separ e o homem^[23].”

Li certa vez em um livro que quando um homem e uma mulher se unem, de alguma maneira misteriosa, eles se tornam um em sua carne. A união marital não é apenas uma união legal ou social, uma união funcional ou familiar, mas sim uma união de corpos, um compartilhar de vida fí sica. Algo profundo acontece após compartilharem da intimidade preservada para o casamento e, por essa intimidade, os dois são unidos da forma mais profunda e maravilhosa — tanto que se diz que eles se tornam um.^[24]

E, não obstante, o relacionamento í ntimo entre marido e mulher, de uma forma graciosa, representa a unidade espiritual entre Cristo e a Igreja. E por isso, essa é uma verdade de grande importância: os cristãos deveriam devotar a intimidade fí sica com exclusividade para o casamento, e assim desfrutar da maneira correta o que foi estabelecido.

Uma unidade. Espiritualmente em Cristo, intimamente unidos, uma só carne. Um compromisso de entrega, por toda uma vida.

Na manhã seguinte, na medida em que eu despertava, o sentido de minha nova condição de esposa foi alcançando novas proporções em meu íntimo. A realidade acalentava meu coração. Éramos livres para desfrutar do nosso amor da maneira correta, dentro da segurança da aliança do casamento, como o Senhor havia estipulado para seus filhos.

Remexi-me na cama e percebi a ausência do meu marido ao meu lado. Abri os olhos e me virei em busca do responsável por me fazer compreender a simplicidade e a beleza do casamento. Edwin me ensinou o quão recompensador era me dividir para assim poder me tornar inteira. Nós éramos um só, compartilhando tudo, entregando tudo e confiando tudo um ao outro.

— Bom dia, minha princesa — ele expressou, carinhoso, quando me virei. Sentado na poltrona ao lado da nossa cama, calçando seus sapatos, ele sorriu abertamente.

— Bom dia — retruquei e, retribuindo o sorriso, me encolhi embaixo dos lençóis.

Edwin já estava vestido com seu costumeiro terno, tinha os cabelos ainda úmidos e seu perfume exalava pelo aposento. Apenas o paletó preto ainda estava repousado no braço da poltrona.

— Que horas são? — murmurei, ainda sonolenta, querendo saber se eu também deveria estar de pé ou poderia aproveitar um pouco mais aquela sensação de serenidade que pedia minha alma.

— Ainda é cedo. — Edwin suspirou. Depois me encarou por alguns instantes antes de se levantar e se sentar no colchão ao meu lado. Meu coração disparou e minha mão buscou a dele, unindo nossos dedos. — Mas tenho obrigações a cumprir antes de partirmos.

Embora já não existisse mais entre nós nenhuma barreira, quando ele me encarou senti o embaraço próprio de uma jovem recém-casada ao precisar lidar com o assunto. Eu sabia bem do que se tratava aquele compromisso, ele tinha me alertado de sua obrigação. Só de pensar na terrível tradição do noivo precisar certificar a consumação do casamento, senti o calor subindo pelas minhas faces. Edwin também não estava muito à vontade em

relação a isso, estava explícito nos pequenos gestos e na voz grave. Contudo, logo depois ele sorriu, se inclinou sobre mim e me deu um beijo.

— Descanse um pouco mais e volte a dormir. — Ele acariciou meus cabelos, dedicando seu olhar para admirar meu rosto. Aquele singelo gesto me fez sentir estimada aos olhos de meu marido. — Voltarei após cumprir com a minha incumbência e trarei seu café da manhã.

Ousei esticar minha mão e tocar em seu rosto, contemplando a beleza daquele que era meu, não por merecimento, mas por graça. Pura graça de um Deus misericordioso que havia me presenteado com um homem piedoso, amoroso e lindo demais, como eu estava longe de merecer.

— Que o Senhor te dê graça. — E me enfiando um pouco mais debaixo das cobertas, desviei o olhar do rosto dele. — E coragem, porque estou com vergonha por você.

— O que eu não faço por você, Anne Hawis? — ele brincou, apertando meu nariz.

— Você faria por qualquer mulher, já que seria obrigado pela tradição. Então, não é exatamente por mim, mas por sua esposa — argumentei, já esperando uma réplica agradável aos meus ouvidos.

— E você é a minha amada esposa, então, continua sendo por você. — Ele me calou antes de eu retrucar, pousando o dedo indicador em meus lábios. — E eu pensei muito sobre quais seriam minhas responsabilidades ao me casar e você foi considerada digna de todos os sacrifícios.

Esse comentário desencadeou mais um momento de carinho entre nós antes de ele partir para o terrível destino que o aguardava.

Tentei seguir o conselho de Edwin, mas minha mente estava agitada demais para conseguir se desligar. Porém, ainda permaneci na cama por um tempo, com um sorriso bobo brincando em meus lábios quando pensava no meu privilégio de amar e ser amada.

Por fim, me levantei e achei melhor me arrumar antes que ele retornasse. Foi estranho usar um banheiro que até outro dia pertencia a um solteiro príncipe, mas eu me contentei com a ideia de que em breve me acostumaria com a minha nova vida. Quando eu saí do banho usando um roupão, precisei lidar com problemas

relacionados à existência de dois quartos. Embora tivesse levado alguns objetos pessoais para o nosso quarto, eu não tinha separado uma roupa decente e confortável para usar antes de colocar o vestido para a viagem. Contudo, no closet de Edwin encontrei a solução, ali nas coisas do meu marido. Puxei uma camiseta preta dele e fiquei satisfeita por ela servir como um vestido devido ao comprimento.

Vestida, de cabelo penteado e um pouco entediada, voltei para a cama, peguei meu celular e passei a acompanhar as notícias e fotos relacionadas ao nosso casamento.

É incrível como uma boa foto é uma superprodução transformando uma mulher!— Conclui maravilhada ao contemplar uma Anne diferente da imagem que eu mesma tinha de mim. As fotos estavam lindas e não foram capazes de captar o meu nervosismo do dia anterior, apenas minha alegria.

“Princesa Anne encanta com sua simplicidade e espontaneidade, mas príncipe Edwin quem rouba a cena ao se portar com tanta fluidez diante de sua noiva”. Li o artigo e o sorriso foi externando minhas emoções interiores. De fato, as fotos comprovaram o comportamento contrastante de Edwin no nosso casamento. Até mesmo eu havia me surpreendido com sua desenvoltura, se mostrando um verdadeiro beijoqueiro em público.

Quando Edwin retornou, eu ainda estava me divertindo e me apaixonando um pouquinho mais com cada foto daquele dia memorável. Ele colocou a cabeça para dentro e, quando me viu, sorriu. Ao certificar-se de que eu estava acordada e apresentável, abriu a porta e dois funcionários entraram empurrando carrinhos lotados de comida. Nenhum deles se atreveu a levantar o olhar e saíram após cumprirem as ordens do Príncipe.

— Eu espero que você esteja com fome, pois pedi de tudo para não arriscar deixá-la decepcionada com nosso primeiro café da manhã como marido e mulher.

Eu me levantei da cama e caminhei até ele. Edwin franziu as sobrancelhas e sorriu.

— Você está precisando de vestidos, querida? Preciso repreender Rachel por não estar prestando um bom serviço?

Eu ia defender minha querida amiga, mas percebi a tempo de que se tratava apenas de uma brincadeira por parte dele.

— Suas camisas me atendem muito bem, obrigada. — Espiei a comida e aproveitei para puxar uma uva suculenta do cacho e me deliciar com sua doçura. — Eu estou faminta!

Nós colocamos os quitutes em cima da mesa e depois nos sentamos pertinho um do outro para apreciar o nosso desjejum. Ele fez uma oração de agradecimento por nossa família, pelo alimento e pela misericórdia e graça do Senhor derramada sobre nós.

— Ah, ainda bem que estamos sozinhos e eu posso comer sem culpa e preocupação! — Me servi de uma fatia bastante generosa do bolo de chocolate com amêndoas e frutas vermelhas. — Você não sabe como eu senti falta dessas delícias. As comidas de ambos os palácios são divinas! E depois que retornei, era sempre necessário me comportar à mesa, me impedindo de comer exatamente o que e como eu desejava.

Para mostrar minha real felicidade, lambi o recheio de chocolate que havia lambuzado meu dedo sem nenhum pudor. Edwin riu e eu me ajustei muito bem às demonstrações e gestos de carinho trocados entre nós. Ele também se serviu, embora com menos abundância, e comemos com tranquilidade. Eu estava muito curiosa para saber como havia sido a temível reunião, mas, receosa, não quis levantar a questão. Fiquei na expectativa de que ele relatasse o ocorrido, porém, ele passou a contar como o bolinho de morango o levava às lembranças da infância e de uma cozinheira amorosa empregada no palácio quando era criança. Um pouco ansiosa, decidi esperar um pouco mais imaginando se ele estava sem graça de me contar, ou havia sido muito ruim e ele queria me poupar.

Sendo assim, resolvi abordar uma questão que estava me incomodando desde que me atrevera a ler tantos artigos sobre a cerimônia do nosso casamento.

— Edwin, você acha possível que Rachel me abandone? — perguntei e ele franziu a testa. — Eu estava lendo algumas reportagens e o trabalho dela foi muito elogiado, o nome dela está em vários sites como a estilista que desenhou o meu vestido. Ela terá muitas oportunidades e portas abertas, afinal, é tão talentosa.

— Duvido muito — Edwin assegurou e bebeu um pouco do café quente em sua xí cara.— Ela ganha mais permanecendo ao seu lado e fazendo a carreira dela aqui. Talvez, num futuro muito distante. Mas seria arriscado trocar o certo pelo incerto. Além do mais, ela parece estar satisfeita com o salário e o trabalho. Pelo visto você se deu muito bem com sua equipe.

— Ah! — Suspirei de alí vio.— Tenho medo de que ela me abandone depois do sucesso. Eu não desejo isso, gosto muito dela, se tornou uma amiga querida além de respeitar os meus gostos ao criar modelos decentes e modestos.

Eu ia aproveitar a deixa para perguntar sobre Milena, porém, Edwin descansou a xí cara dele no pires, segurou minha mão e sorriu.

— Você sempre me surpreende, Anne. Eu apostava todas as minhas fichas que você me perguntaria sobre a reunião, mas você me questiona sobre a Rachel!

— Bem, e como foi a reunião?

Para me deixar no suspense, ele dedicou sua atenção a um pãozinho recheado, mastigou com toda calma do mundo e só depois de engolir acabou com minha expressa curiosidade.

— Terrivelmente embaraçoso. — Edwin apoiou as costas na cadeira e apesar de serem verdadeiras as palavras dele, havia certo divertimento ao me relatar os detalhes. — Eu parei diante de meu pai e precisei me desviar dos olhares zombadores de Esra e Elliot. Então disse as palavras que precisavam ser ditas, fiz uma reverência e saí da sala antes que meus tios e primos chegassem para a refeição com a família — Ele balançou a cabeça sorrindo. — Minha mãe e a Cloe, coitadinhas, precisaram presenciar tudo e manter a compostura.

— Que constrangedor! Eu precisarei presenciar essa cena se algum dia Esra se casar também?

— É bem provável. — Edwin voltou a saborear o café e o pãozinho com calma. — Se ele não for mais esperto e arrumar uma maneira de fazer isso só estando os homens presentes. E eu não me surpreenderia se ele anunciasse um noivado a qualquer momento, sem ninguém contar com isso. Então, acostume-se com a ideia.

Também tentei voltar a comer, porém, minha mente não me deixava concentrar quando algo começava a martelar em minha cabeça.

— Edwin, essa posição do Esra de não se casar, então não é sério?

— É sério, mas não para sempre. Quando Esra foi alcançado, ele se arrependeu de verdade de sua vida desgarrada. Ele se envergonha demais das suas lutas e sabe o quanto ainda é fraco nesse ponto. A solução encontrada por ele foi decidir permanecer solteiro, desviando-se como pode dos encantos femininos. Só assim ele consegue se concentrar mais em conhecer o Senhor.

— Mas, Edwin, se ele é fraco...

— Sim, exatamente, eu já disse que ele deve se casar. — Edwin repousou a mão dele sobre a minha em cima da mesa. — Sinceramente, eu não entendo muito a cabeça do meu irmão. Porém, eu acredito que ele fez certo em não buscar um relacionamento por enquanto. Esra está crescendo, amadurecendo espiritualmente. Uma mulher poderia se tornar uma distração para ele em relação às coisas do Senhor. Mas chegará a hora certa. Deixe apenas ele encontrar uma mulher que será capaz de fazê-lo ansiar por estar com ela todos os dias da vida dele. Ele se casará.

Entendendo a mensagem dita nas entrelinhas, sorri satisfeita com a demonstração de afeto. Então, passei a brincar com a mão dele, unindo e desunindo nossos dedos.

— E eles zombaram de você? — perguntei com delicadeza, sem ter certeza de que desejava ouvir a resposta.

— Eu saí antes que tivessem oportunidade. — Deixando o assunto de lado, ele me ofereceu um biscoito. — Experimente este, é uma delícia.

Eu me aproveitei da mesa farta a nossa frente e experimentei de tudo o que tinha direito. Edwin estava contente por me ver satisfeita com seus arranjos para a refeição e, apesar de também me acompanhar, experimentando o que eu elogiava e sugerindo qual deveria ser a minha próxima escolha, continuava com a elegância de sempre, mesmo estando em total privacidade, dividindo o momento apenas comigo.

— Até assim você não perde sua fineza ao comer! — exclamei após vê-lo limpar a boca com o guardanapo de pano de maneira muito educada. Um belo contraste com a esposa que lambe os dedos!

Edwin deu um sorriso, deixou o guardanapo na mesa e cruzou os braços em frente ao peito, talvez tentando parecer mais informal.

— Eu cresci com todo tipo de cobrança sobre meu comportamento. — Ele deu de ombros. — Simplesmente tornou-se um hábito, me acostumei.

— Será que algum dia eu também serei assim? — Ponderei se alcançaria o ní velde não precisar pensar atormentada em todos os detalhes de como me comportar antes de fazer qualquer coisa, inclusive comer.

Edwin pensou um pouco e pegou a xí cara de café. Eu vi olhos divertidos me encarando enquanto a levava até a boca.

— Duvido muito — ele disse antes de dar um sorriso escondido atrás de sua xí cara.

— Amor?

Demonstrei minha indignação e em troca recebi muitos elogios dele, assegurando o quanto amava tudo em mim, até meus defeitos. Afirmou não se importar com meus modos e declarou que sentiria falta se eu mudasse bruscamente.

O que não é o primeiro dia de casados, não é mesmo?

Depois do café nos preparamos para partir. Nossa lua de mel não seria muito distante dali. Edwin gostaria muito de fazer uma viagem internacional e me levar para conhecer o Reino Integrado e a Europa, porém, por não podermos nos afastar por muito tempo devido aos compromissos, consequência de nossa alta popularidade, decidimos adiar a viagem para a ocasião de nossas férias entre as festividades natalinas e a festa da colheita. Contudo, para termos privacidade, um plano de “fuga” havia sido elaborado. Esra seria nosso aliado, auxiliando a despistar a imprensa. Zac montou uma estratégia para viajarmos diretamente a Mayin sem sermos seguidos ou incomodados.

Neguei a ajuda de minhas assistentes e me aprontei sozinha. Coloquei um vestido azul marinho discreto, preendi o cabelo em um

rabo alto e acompanhando o Príncipe fomos parar na área dos empregados do Palácio.

— Vocês estão atrasados! — Esra informou, conferindo as horas no relógio quando nos viu atravessando a porta de uma sala de uso exclusivo para os funcionários.

Edwin ignorou o comentário e eu estava envergonhada por ver meu cunhado, então mantive-me em silêncio, sem soltar a mão de meu marido.

Zac também se aproximou e entregou uma chave nas mãos de Edwin.

— Vocês precisam sair alguns minutos depois do carro de Esra. Eu irei à frente, os acompanharei até a estrada principal. Avril ficará responsável pela segurança — Zac explicou.

— Obrigado, Zac. — Edwin apertou calorosamente a mão de nosso amigo.

Oliver surgiu acompanhado de Melody para se despedirem. Ela me abraçou muito emocionada. Como boas amigas, trocamos promessas de visitas, de continuar mantendo contato e agradecimentos mútuos por nossa querida amizade.

— Ah, minha querida amiga. Amo tanto você! É tão bom ver você feliz. — Ela se afastou e encarou Edwin. — Você! Cuide muito bem desse ser precioso!

Edwin acenou com a cabeça antes de ser surpreendido com um abraço de Melody. Oliver se aproximou e beijou meu rosto.

— Amo você, minha irmã. Façam uma boa viagem. Quando retornarem, irei a Kent passar alguns dias com você.

— Oliver, Oliver, todo mundo sabe que não é uma boa ideia atormentar recém-casados — Esra advertiu com uma risadinha.

— Tecnicamente, você estará lá em Kent para nos atormentar, Esra! — Edwin retrucou.

— É onde eu moro, não tenho escolhas. — Ele deu de ombros. — Mas o Palácio é enorme, prometo manter distância.

Eu e Oliver ainda permanecemos unidos, aproveitando o raro momento juntos desde nosso retorno para Cibebe. Ele me garantiu mais uma vez que estava bem instalado no Palácio, me certificou de que Edwin havia conseguido excelentes acomodações para ele e me assegurou estar gostando muito do treinamento, não vendo a

hora de poder entrar em ação. Também se responsabilizou por fazer companhia a Mel antes e durante sua ida até o aeroporto. Depois de ouvir muitos conselhos de minha parte, me beijou mais uma vez antes de abraçar Edwin com bastante vigor.

— Obrigado, irmão — Oliver agradeceu com a voz firme de quem tenta esconder emoções. — Você tem feito muito bem a ela.

— E ela a mim — Edwin completou aceitando os calorosos cumprimentos do cunhado.

— Vamos, já está na hora! — Zac nos apressou.

— Divirtam-se! — Foi o último conselho de Esra, carregado de muitas indiretas no tom de voz e acompanhado de uma piscadela.

Esra, acompanhado de uma de suas primas, saiu pelo portão principal dentro de um carro oficial com os vidros escuros, tendo uma carreta de veículos de segurança na frente e atrás. Eles seguiriam viagem até Kent, para despistar a nossa saída, que se daria pelo portão servicial, em um carro diferente dos oficiais utilizados pela realeza. Outros dois carros de passeio nos acompanhariam com nossas seguranças pessoais até a Casa Real, em Mayin, lugar escolhido para repousarmos na nossa primeira semana de casados.

O carro cinza era blindado e bem confortável, porém, era como um automóvel comum. Edwin abriu a porta do passageiro e estendeu a mão de maneira cavalheiresca para me ajudar a entrar. Depois deu a volta e assumiu o volante.

— Espero que não se importe de eu conduzi-la até nosso destino — ele disse e colocou óculos escuros com um sorriso divertido no rosto.

— Mal posso esperar para ver meu marido em ação.

Edwin se inclinou para me beijar e depois ficou atento nos carros que nos acompanhariam. Nossa saída deu de acordo com os planos de Zac. Em alguns minutos estávamos na estrada sem nenhum sinal de reconhecimento.

Confesso que a ideia de meu marido dirigindo, nós dois sozinhos, pegando uma estrada a caminho de um lugar que eu tanto amei me deixou muito contente. Fazia parecer mais normal e menos pomposo. Poderíamos ser apenas nós dois, como desejávamos.

E assim, após uma agradável viagem, nós adentramos os portões da Casa Real ouvindo o som do mar, as ondas batendo nas pedras.

Eu tinha certeza de que seria um tempo único para nós!



Epílogo

Epílogo

Edwin deu um último mergulho antes de sair do mar e caminhou em minha direção. Suspirei, contemplando a imagem do homem a quem eu devia todos os motivos da minha alegria dos últimos seis dias. Vendo-o ali, a água escorrendo pelos cabelos, trajando vestes de banho, com um sorriso sincero, me fez refletir novamente sobre o quanto aquele tempo se tornou especial para mim.

Não que eu já não tivesse desfrutado de certo nível de intimidade com ele, levando-me a conhecer um pouco mais do homem verdadeiro atrás da fachada de Príncipe, durante nosso noivado. Mas, depois do casamento, parece que, enfim, eu pude ver Edwin com a ótica correta e transpassei todas as barreiras que persistiam em me fazer enxergá-lo como alguém diferente devido ao título e à sua ajustada e distinta postura.

Sim, ele ainda continuava se esforçando para fazer as coisas corretas, para ser um cristão verdadeiro e piedoso, não só de palavras e aparência, mas de atos genuínos, e mantinha muito de sua formalidade mesmo quando estávamos a sós na privacidade de nossos aposentos. Contudo, aos poucos ele foi se abrindo e revelando cada vez mais as profundezas de sua alma, compartilhando comigo muito de suas lutas, de seus valores e pensamentos, e eu me senti parte de tudo.

O casamento era especial. Muito mais do que sequer um dia eu imaginara.

— Pensei que você mudaria de ideia. — Ele se inclinou sobre mim e beijou meus lábios, respingando gotas daquela água fria e salgada em meu rosto e braços. Sem esperar eu protestar, sentou-se ao meu lado e me puxou para seu abraço molhado. — Eu já estou desacostumado a ficar longe de você.

— Não vale ser fofo e romântico para tentar escapar de uma repreensão — repliquei, buscando me afastar dele, mas quando me segurou firmemente, desisti da luta e me acomodei melhor nos seus braços amáveis, me encostando em seu peito. — Isso é golpe baixo, Edwin Stephan James!

— Entretanto, funciona muito bem — ele cochichou em meu ouvido e beijou meu rosto.

Contemplei o mar à nossa frente. Estávamos na praia privativa da Casa Real. Uma pequena faixa de areia cercada por rochas que isolavam uma piscina natural de águas cristalinas. Eu havia descoberto um paraíso e todo o tempo livre que tínhamos manifestava meu desejo de irmos para lá. Graças aos discretos seguranças à espreita e à privacidade dos funcionários que apenas ousavam se aproximar quando a presença deles era solicitada, eu me esquecia, boa parte do tempo, da minha nova posição e do que nos aguardaria após nosso retorno. Embora, seja necessário destacar o quanto apreciei as regalias de ter todos os meus desejos de Princesa — principalmente os alimentares, claro — atendidos prontamente.

— Não acredito que amanhã é o último dia desse sonho encantado, Edwin — murmurei chorosa ao conjecturar a

inimaginável vida adiante, me aguardando para tomar posse dos desafios.

— Acredite se quiser, nem eu. Porém, prometo proporcionar muitos momentos incríveis como esse, ao menos durante nossas férias.

— Mal posso esperar para conhecer o Reino Integrado — declarei me recordando de nossos planos para visitar o país europeu na primeira trégua dos nossos compromissos, prevista para alguns meses.

— E todos os outros lugares maravilhosos que eu faço questão de apresentar a você, minha querida. Principalmente aqueles onde poderemos circular livremente sem sermos reconhecidos.

Fizemos silêncio por um tempo, apenas curtindo o momento. A vista maravilhosa, as promessas de uma vida terna a dois pairando sobre nós, a certeza de viver plenamente o nosso amor durante todos os nossos dias dali em diante.

Fechei os olhos repassando em minha mente cada segundo memorável da nossa lua de mel, desde os atos de carinho manifestados sem nenhuma reserva, até os momentos de oração e devocional compartilhados. Eu mal cabia dentro de mim de tanta felicidade e gratidão a Deus pelo presente Dele em nossas vidas e pela nova família constituída pela graça do Senhor.

— Vamos retornar a Kent amanhã, mas meu pai já requer nossa presença em Hawis para discutir nossa nova agenda de compromissos oficiais. Ele e Elliot não pretendem perder tempo e aproveitar a nossa popularidade diante do povo.

Mordi os lábios ao pensar no que o herdeiro planejava para nós e, decidida, virei-me em direção a Edwin e encarei seus olhos.

— Acredito que seu irmão não aprecia muito minha admissão na família — declarei meus temores recentes, despertados, principalmente, pelo comportamento do meu cunhado durante o nosso casamento.

Edwin acariciou meu rosto com delicadeza, mas não mudou nada sua feição, continuando calmo, como de costume.

— Por que você está supondo isso? Por causa do comportamento da Cloe na cerimônia? — Eu assenti e ele sorriu.

diante das minhas inquietações. — Eu insisto, meu amor, em te aconselhar a não criar hipóteses baseada apenas na conduta deles naquele dia. Eu não estou duvidando de seus sentimentos, mas, embora eu reconheça que Elliot é uma pessoa muito difícil às vezes, provavelmente por estar nervosa e o local público não ser apropriado para uma correta demonstração de afeto, pode ter te levado a interpretações erradas da atitude deles.

— Pode ser...

Aceitei o beijo condescendente de Edwin, mas minha mente voou para o dia do meu casamento. Na determinada ocasião, Cloe aproximou-se para dar os cumprimentos e, envergonhada, passou a pedir perdão por não estar presente como deveria durante minha adaptação, se esforçando para demonstrar o quanto se sentia de fato culpada. Ela estava aflita, falava rápido e se afastou de repente, oferecendo uma desculpa qualquer quando notou os olhos do marido sobre nós.

— Não fique pensando nisso, Anne — Edwin aconselhou, como se tivesse o poder de ler meus pensamentos, enquanto distribuí beijos carinhosos pelo meu rosto e sua mão passeava pelos meus cabelos. — Vamos nos poupar dessas perturbações, ao menos até amanhã. — Ele me encarou e sorriu travesso. — Prefiro gastar nosso tempo dedicando só a nós, não pensando em meu irmão, ou na Cloe, ou em qualquer outra coisa...

Eu estava prestes a responder que me encontrava muito disposta a acatar o conselho dele, quando fomos interrompidos por um funcionário. O semblante inquieto demonstrava o desagrado por precisar nos interromper.

— Alteza? — ele chamou, parou a alguns passos de distância e quando nos viramos, se inclinou em uma reverência. Sem se levantar, meio sem jeito, informou o motivo de estar ali. — Perdoe minha intromissão, mas fui enviado para solicitar sua presença imediatamente na casa.

Edwin se alarmou e eu me afastei de seus braços.

— Quem solicitou? — o Príncipe questionou e se levantou, estendendo a mão para me auxiliar a fazer o mesmo.

— Perdoe-me, Alteza, mas não possuo essa informação — o homem respondeu, ansioso. — Apenas fui enviado para chamá-lo

depressa.

— Obrigado.

O homem se retirou apressado e Edwin me entregou uma toalha limpa. Alheios a quem nos aguardava, nos ajeitamos como foi possí vel. Ele substituiu a camisa molhada e eu coloquei um vestido por cima da roupa de banho, ajustando o cabelo embaixo do chapéu.

Subimos pela escadaria que dava acesso a casa, e, para nossa surpresa, nos deparamos com Zac vestido de preto, rí gido, nos aguardando na varanda.

— Zac? O que faz aqui? — perguntei.

Zac fez uma reverência, mantendo-se muito sério. Eu fiquei confusa, contudo, quando vi a fisionomia apreensiva estampada no rosto de meu marido, percebi que provavelmente algo não estava bem e nosso amigo não estava ali para uma simples visita.

— Alteza, infelizmente, sou portador de más notí cias.— Ele suspirou e revezou o olhar entre nós dois. Meu coração disparou enquanto muitas hipóteses surgiam em minha mente. — Tentamos fazer contato pelo celular, porém, sem sucesso. Por isso, foi melhor vir em pessoa.

A lembrança dos nossos aparelhos celulares esquecidos na mesinha de cabeceira desde a manhã me fez compreender o porquê da falha na comunicação.

— O que aconteceu, Zac? — Edwin perguntou, severo, os braços travados ao lado do corpo, talvez se preparando para alguma notí cia muito ruim.

— Hoje pela manhã houve um incêndio de grandes proporções em uma fábrica em Berit. Infelizmente, já foi contabilizada a morte de ao menos nove homens.

Senti a tristeza invadir meu coração ao ouvir o relato, porém, mal tive tempo de me recuperar da infeliz notí cia, Zac deu dois passos adiante, posicionando-se a frente de Edwin e mudou a postura, mostrando-se como um bom amigo pronto a oferecer sua condolência.

— Seu pai e Elliot estavam a caminho do aeroporto para embarcar rumo a Berit para prestar assistência diante do ocorrido e sofreram um sério acidente de carro. — Zac baixou os olhos por um

momento, depois voltou a encarar meu marido. — O motorista faleceu na hora. O rei e o herdeiro foram socorridos com vida, porém, não tenho notícias do atual estado deles. A rainha me enviou assim que soube das notícias, exigindo o retorno de vocês.

Senti as pernas fraquejarem quando meu cérebro processou todas as informações e me dei conta da seriedade das notícias trazidas por Zac. Porém, eu não tive como pensar se me encontrava em plenas condições de sustentar meu próprio corpo. Edwin inflou o peito e, hesitante, fez a pergunta travada em sua garganta.

— Seja claro, Samovier. É muito grave?

Zac colocou a mão no ombro do amigo e apertou o local enquanto confirmava as suspeitas do príncipe com um meneio de cabeça.

— Sinto muito, Edwin.

Senti meu mundo desabar de uma só vez, mas busquei todas as forças possíveis com uma súplica silenciosa a Deus para ajudar a me manter firme. Quando Edwin se virou, a dor e a preocupação estampavam seu rosto.

— Vamos partir imediatamente, Anne!

- F I M -

Atenção, querido leitor: a história ainda não acabou!

Pensou que ficaria sem respostas? Não!
Amor Real é uma trilogia, isso significa que ainda há um livro por vir.
O terceiro livro dentro do universo de Anne Davies, agora Anne Hawis, se chama *Amor Real 3 - Conf i.ar*

Acompanhe meu Instagram e fique por dentro da data do lançamento.

Agradecimentos

Agradecimentos:

A Deus toda honra e Glória. A Ele são todos os motivos de agradecimentos.

A meu marido Francisco, por me apoiar sempre e ser minha inspiração sobre o que é ser um homem piedoso.

Às amigas escritoras que são um constante suporte: Aline, Dulci, Kell e Wendy.

À Clys, por mais uma vez ser uma das pessoas responsável por este livro estar em nossas estantes, seja ela física ou digital.

Às meninas que fizeram a leitura beta: Viviane, Raquel, Lauren e Kati.

A cada uma das leitoras que apoiou o meu trabalho, que esperou com paciência pelo segundo livro, que cobrou e incentivou e, não menos importante, adquiriu os livros, tornando, assim, o projeto viável. Obrigada!

Um agradecimento especial para as leitoras do *Wattpad* às meninas que acompanham de perto minha jornada, inclusive participando dos meus grupos, mandando mensagem, compartilhando tudo. Vocês fazem parte disso.

Quero fazer uma menção especial aos meus filhos amados, João, Davi, José e Alissa, por se mostrarem tão interessados no trabalho da mamãe e serem um dos motivos que me impulsiona a continuar escrevendo. Vocês me alegram com o entusiasmo que têm diante das minhas obras.

[1] Cargo cujo trabalho é fornecer serviço pessoal e profissional aos hóspedes do hotel.

[2] Bolinhos poloneses recheados, principalmente, com geleia.

[3] Pãezinhos típicos da Grã-Bretanha, geralmente feitos de farinha de trigo e/ou aveia.

[4] Provérbios 17: 28

[5] Profissional da moda que orienta como se vestir adequadamente para diferentes ocasiões.

[6] Impressionada, abalada, comovida.

[7] Salmos 56: 3

[8] Conversa privada entre duas pessoas. Serviço de chá preparado somente para duas pessoas.

[9] Bajulador

[10] Provérbios 31: 10, 12 e 30

[11] Refere-se a pessoas bajuladoras, uma referência a lambar o chão por onde o Rei passa. Também chamados de encostados. O mesmo que puxa-saco.

[12] Naum 1: 7

[13] Salmo 56: 3

[14] Salmos 40: 1

[15] Filipenses 2: 4

[16] Números 6: 22-24; 2 Coríntios 13: 13

[17] Gálatas 6: 7 e Salmos 103: 8-10; 14

[18] Sl 103: 19; 68: 5; Na 1: 7; Mt 28: 20b; ~~18: 8~~; Rm 12: 2; 8: 28.

[19] Tg 5: 13; Sl 25: 16-17; ~~19~~: 28; ~~16~~: 4-5; 9: 10; 71: 5

[20] Sl 27: 10; 91: 2; ~~45~~: 18

[21] O discurso contém citações de Mathew Henri, Comentário Bíblico Volume 2

[22] Marcos 10: 7-8

[23] Mateus 19: 5-6

[24] Trecho extraído — com pequenas modificações — do livro “Sexo, namoro e relacionamento”, pg 27 Gerald Hiestand e Jay S. Thomas. Editora Monergismo.



Amor e Fé

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA COLETÂNEA

Do Deserto ao Jardim – Aline Moretho

Mari ssol Sant i no conheceu a rejei ção desde cedo. Abandonada pel opai e com uma mãe que se i mport a mai scom a carrei ro do que com a fi l ha, não demorou mui t par a se met erem encencas. Como consequênci a de seus atos de rebel di a, foi envi adapara vi verna roça, numa pequena comuni dade chamada Nova Canaã, sob os cui dadosdo homem cuj or essent i mentede l aa i mpedi ade amar. É l á que Sol descobre o quant o está perdi da, vagando por um desert o sol i ár i e sombr i o e sedent ade água e de um novo cami nho. El abusca, por seus pr ópr i os mei os, sai rdo l ugar escur o onde se encont r a sua al ma. Cont udo, apenas o Bom Past or é capaz de l evá-l aàs águas t r anqui l as, um j ar di mde a al madel a poder á descansar t r anqui l a.

“Eu sou o bom past or; o bom past or dá a sua vi da pel as ovel has.”

João 10:11

Orei por você – Kell Carvalho

As expectativas de Jenny Parker sempre foram mais altas. Durante toda a sua vida, ela não aprendeu a esperar ao mesmo tempo de espera como um longo silêncio escuro. O que ela não sabia era que os planos do Senhor para a sua vida eram muito além do que ela poderia imaginar.

Há milhar de quilômetros de distância de Dylan Fox provocados por erros de guerra e de um turbilhão de emoções. Confuso com as palavras de um colega de combate maluco e as constantes lembranças de um par de olhos verdes, Dylan viu sua vida mudar de uma hora para outra de uma forma sobrenatural.

Entre lágrimas, Joelhos dobrados, gravatas colando um diáscrono, Jenny e Dylan descobriram que Deus é o melhor escritor de romances de todos os tempos. Afinal, Ele é o próprio Amor.

O Verdadeiro Propósito – Clys Oliveira

O que te faz acreditar que vale a pena confiar nos planos de Deus?

Marcos, um jovem promissor músico, teve que recomeçar sua vida do zero. Para muitas coisas, ele não tinha a real chance de fazer a coisa certa.

Laura é uma dedicada enfermeira digna de confiança, e ela não mencionou a sua verdadeira história. O que ninguém sabe é o que ela esconde atrás de seu constante sorriso. Mesmo sendo uma mulher forte, seu coração carrega uma pesada carga de sofrimento.

Dois pessoas de mundos diferentes que tem seus caminhos cruzados com um propósito. Um tentará lutar para vencer as adversidades que a vida impõe, e o outro vai muito além de uma simples amizade.

Juntos, vão aprender que nem tudo acaba no fim, e que sempre pode haver um lindo recomeço.

Amor e Graça – Dulci Verissimo

Augustus Foss é um jovem que está em busca de descobrir a verdade sobre a morte de sua mãe, sendo assim parte para a cidade de Vilas Boas. Ana Muniz, é uma jovem que perdeu sua única família. Sem nenhum recurso procurou sobreviver meio ao caos de sua vida. As vidas desses dois jovens se cruzaram fazendo com que eles vivam uma grande história. Nesse caminho, muitas coisas acontecerão. Os dois se amam. Nos finais de semana perguntam se é que eles permanecerão. Essa jornada ensina a nós a significar o amor de Deus, amor ao próximo, perdão, compaixão, resgate e entender que é pela graça que podemos prosseguir até o fim. Nunca esquecerão de tudo o que aprenderam.

“Mas eu me lembro da aliança que fiz com os dias da tua mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna”.

Ezequiel 16: 60.

Maina Mattos



Nascida e vivendo em Minas, Maina Mattos começou a escrever e publicar seus livros na plataforma Wattpad em 2017 e não parou mais.

Entre fraldas, brinquedos e uma casa para administrar, ela aproveita as oportunidades do dia para fazer aquilo que tanto ama: escrever

Escritora de romances cristãos conservadores, ama as autoras Jane Austen e Elizabeth Elliot, é apaixonada pelo marido e se inspira na própria história de amor para criar seus enredos.

Boa parte de seus livros trata do romance de cortejo.

Categoria: Romance cristão/Ficção cristã

Trilogia: É imprescindível que leia os 3 livros em ordem, pois se tratam de uma continuação da história.

Anne Davies viu sua vida se transformar, como um enredo de seus livros de romances. Entre reviravoltas da vida, acompanhamos o amadurecimento da personagem em três livros que compõe a trilogia Amor Real. Uma história contemporânea e cristã de realeza, com tudo que se têm direito: reinos, príncipes, plebéia, bailes, coroas e amor.

Amor Real Despertar

Livro 1 da série "Amor Real".

Livro 1

Categoria: Romance cristão - Ficção cristã.

SINOPSE: “Eu nunca quis ser princesa!” - Anne Davies Anne é uma jovem mulher, que se viu perdida do dia para a noite. A morte dos pais a obrigou a assumir o papel de provedora e protetora de seu irmão Oliver. Sua vida se resumia à livraria herdada de sua mãe e os cuidados com a educação de seu único parente. Mais uma vez a vida lhe proporcionou uma reviravolta, obrigando-a a viver no último lugar da terra que um dia ela pensou que viveria: no palácio real da província de Kent. Os caminhos de Anne serão cruzados com pessoas que assim como ela estão em busca dos propósitos de deus, levando-os a questionar os planos que o senhor tem para cada um. E agora ela será obrigada a tomar decisões muito mais importantes do que um dia pensou, ao mesmo tempo em que precisa se preparar para a nova vida que lhe será proposta. Prepare-se para esse romance cristão clichê, não tão clichê assim!

Amor Real Reluzir

Livro 2

Categoria: Romance cristão - Ficção cristã.

Anne estabeleceu sua vida em Susan. Formada, trabalhando em um hotel e desfrutando da amizade com pessoas que aprendeu a amar, vivia cada dia na esperança de superar as lembranças do passado.

Contudo, uma nova página se desenrola em sua história, e ela é obrigada a reviver memórias antigas, sendo, mais uma vez, forçada a tomar decisões que mudarão sua vida para sempre.

Amor Real Confiar

Livro 3 - Próximo lançamento

Categoria: Romance cristão - Ficção cristã.

Meu querido caipira

Romance cristão

Sinopse:

Lara é uma típica adolescente moderna da cidade grande, cujo rumo da vida foi alterado quando foi obrigada a se mudar para a roça, no interior de Minas Gerais. Na companhia do pai viúvo, morando na casa da avó, ela é inserida num contexto completamente distante de sua realidade até então. Shoppings, cinemas e tecnologia são substituídos por fazendas, fogão a lenha e galinhas.

Sentindo que estava perdendo o controle que acreditava ter de sua própria vida, em meio à conturbada tentativa de adaptação, encontrou na fazenda ao lado - e em certo jeca caipira - um incentivo para buscar sua fé, perdida em meio às dores do passado.

Uma história de amor e do encontro verdadeiro com Aquele que age em nossa história através de sua providência, muitas vezes incompreendida, se não vista com os olhos da fé.

Amor Real Despertar

Categoria: Romance cristão - Ficção cristã.

Livro um da série "Amor Real".

SINOPSE: “Eu nunca quis ser princesa!” - Anne Davies Anne é uma jovem mulher, que se viu perdida do dia para a noite. A morte dos pais a obrigou a assumir o papel de provedora e protetora de seu irmão Oliver. Sua vida se resumia à livraria herdada de sua mãe e os cuidados com a educação de seu único parente. Mais uma vez a vida lhe proporcionou uma reviravolta, obrigando-a a viver no último lugar da terra que um dia ela pensou que viveria: no palácio real da província de Kent. Os caminhos de Anne serão cruzados com pessoas que assim como ela estão em busca dos propósitos de

deus, levando-os a questionar os planos que o senhor tem para cada um. E agora ela será obrigada a tomar decisões muito mais importantes do que um dia pensou, ao mesmo tempo em que precisa se preparar para a nova vida que lhe será proposta. Prepare-se para esse romance cristão clichê, não tão clichê assim!